

SHE IS THE VERY THING HE HAS SPENT HIS
WHOLE LIFE HUNTING.

HE IS THE VERY THING SHE HAS SPENT HER
WHOLE LIFE PRETENDING TO BE.

Powerless

A sword with an ornate silver hilt and a dark blade, standing vertically in a field of green ivy and small purple flowers. The hilt is highly detailed with scrollwork and a pommel. The blade is dark and straight. The background is a dense thicket of green ivy with several small, five-petaled purple flowers scattered throughout.

LAUREN ROBERTS

Conteúdo

[Dedicatória](#)

[Mapa de Ilya](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)
[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Epílogo](#)

Aviso

A seguinte tradução foi feita pelo gt/gd Aurora Books, com o intuito de proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à aquisição física futuramente. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Tenho como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a palco à autores que, possivelmente, não poderiam ser conhecidos a não ser no idioma original. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o Aurora poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar do canal os mesmos, se/assim que forem lançados por editoras brasileiras oficialmente.

Todos aqueles que tiverem acesso à presente tradução ficam cientes de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, não se devendo divulgar nas redes sociais ou tornar público o trabalho de tradução do gt, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o Aurora de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



SINOPSE

Ela é exatamente aquilo que ele passou toda a sua vida caçando.

Ele é exatamente aquilo que ela passou toda a sua vida fingindo ser.

Apenas os extraordinários pertencem ao reino de Ilya - os excepcionais, os capacitados, os Elites.

Os poderes que esses Elites possuem há décadas foram gentilmente concedidos a eles pela Praga, embora nem todos tenham tido a sorte de sobreviver à doença e receber a recompensa. Aqueles nascidos como Ordinários são apenas isso - Ordinários. E quando o rei decretou que todos os Ordinários fossem banidos para preservar sua sociedade Elite, a falta de uma habilidade de repente se tornou um crime, tornando Paedyn Gray uma criminosa por destino e uma ladra por necessidade.

Sobreviver nos bairros pobres como uma Ordinária não é tarefa simples, e Paedyn sabe disso melhor do que a maioria. Treinada por seu pai desde criança para ser excessivamente observadora, Paedyn se faz passar por uma Psíquica na cidade lotada, se misturando com os Elites da melhor forma possível para permanecer viva e longe de problemas. Mais fácil falar do que fazer.

Quando Paedyn salva sem suspeitas um dos príncipes de Ilya, ela se vê lançada nos Testes de Purificação. A competição brutal existe para mostrar os poderes dos Elites - exatamente o que Paedyn não possui. Se os Testes e os oponentes dentro deles não a matarem, o príncipe por quem ela está desenvolvendo sentimentos certamente o fará se descobrir o que ela é - completamente Ordinária.

Powerless

LAUREN ROBERTS

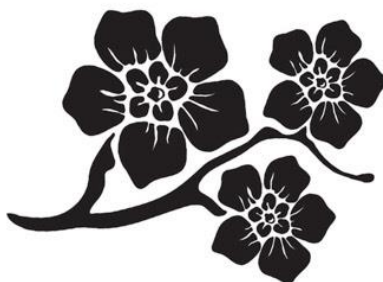


Para cada garota que já se sentiu impotente.





Capítulo Um



Paedyn

ALGO ESPESSE E quente escorre pelo meu braço.

Sangue.

Engraçado, não me lembro do guarda me cortar com a espada antes que meu punho acertasse seu rosto. Apesar de ser um Flash, ele aparentemente não conseguia se mover mais rápido do que meu gancho de direita em sua mandíbula.

O cheiro de fuligem arde em meu nariz, me forçando a tapá-lo com a mão suja para impedir que um espirro escape.

Essa seria uma maneira muito patética de ser pega.

Quando tenho certeza de que meu nariz não alertará os Imperiais que estão escondidos abaixo de onde estou escondida, volto minha mão para a parede imunda contra a qual minhas costas estão pressionadas e meus pés plantados à minha frente. Depois de respirar fundo, o que quase me faz engasgar com a fuligem, começo lentamente a subir novamente. Com as coxas queimando quase tanto quanto meu nariz, forço meu corpo a continuar tremendo enquanto sufoco o espirro.

Subir por uma chaminé não é exatamente como pensei que passaria a noite. O pequeno espaço me faz suar, engolindo o medo antes de subir até o topo do corredor apertado, ansiosa para substituir as paredes cobertas de sujeira por uma noite estrelada. Quando minha cabeça finalmente aparece por cima, engulo avidamente o ar pegajoso, depois subo e subo, imediatamente bombardeado com uma nova mistura de cheiros muito mais desagradáveis do que o fedor de fuligem grudado em meu corpo, minhas roupas, meu cabelo. Suor, peixe, especiarias e tenho certeza de que algum tipo de fluido corporal se mistura para criar o aroma que envolve o Beco Loot.

Me equilibrando no topo da chaminé, esforço os olhos no telhado sombreado para inspecionar meu braço pegajoso. Eu quase esqueci de examiná-lo sem a dor cortante habitual que acompanha um golpe de espada para me lembrar.

Arranco uma tira de pano da camiseta suada que gruda em meu corpo, enxugando o corte com ela.

Adena vai me matar por estragar a costura dela. De novo.

Fico surpresa quando não sinto a pontada familiar de dor enquanto esfrego meu braço com o tecido áspero, absorvendo impaciente a viscosidade.

E é aí que sinto o cheiro.

Mel.

O mesmo mel que pertence aos pães pegajosos que escorrem dos muitos bolsos do meu colete esfarrapado e escorrem pelo meu braço – confundido com sangue. Suspiro, revirando os olhos para mim mesma.

É uma surpresa bem-vinda, no entanto. Até o mel encharcando minhas roupas é melhor do que tentar lavar o sangue.

Respiro fundo e olho para os prédios em ruínas e em pedaços lançados nas sombras pelos postes tremeluzentes que pontilham a rua. Não há muita eletricidade aqui nas favelas, mas o rei generosamente nos poupou alguns postes de iluminação. Graças aos Elétricos e aos Eruditos que usam suas habilidades para criar uma rede elétrica sustentada, tenho que trabalhar excepcionalmente duro para permanecer nas sombras.

Quanto mais longe das favelas, mais as fileiras de lojas e casas melhoram lentamente em condições e tamanho. Barracos se transformam em casas, casas se transformam em mansões, levando ao edifício mais assustador de todos. Apertando os olhos na escuridão, mal consigo distinguir as torres imponentes do castelo real e a cúpula inclinada da Arena Bowl que fica ao lado dele.

Meus olhos voltam para a rua larga que se estende diante de mim, examinando os prédios incompletos ao redor. Beco Loot é o coração das favelas, espalhando o crime e o comércio por toda a cidade. Eu traço as dezenas de outros becos e ruas que se projetam dela, me perdendo no labirinto que é a cidade antes de oferecer um suspiro e um pequeno sorriso para a rua familiar abaixo de mim.

Casa. Quase. Tecnicamente, uma casa implica que se tenha um teto sobre sua cabeça.

Mas é muito mais divertido olhar para as estrelas do que para o teto.

Eu saberia, já que costumava ter um teto para olhar todas as noites, quando não precisava das estrelas para me fazer companhia.

Meu olhar traidor percorre a cidade até onde sei que minha antiga casa fica entre as ruas Merchant e Elm. Onde uma pequena família feliz provavelmente está sentada ao redor da mesa de jantar, rindo e discutindo seu dia uns com os outros...

Ouçoo um baque, seguido pelo murmúrio de vozes que me arrancam dos meus pensamentos amargos. Me esforçando para ouvir, consigo distinguir a voz abafada e profunda que pertence ao guarda que tão gentilmente dispensei de suas funções há pouco tempo.

— ...veio logo atrás de mim, quieto como um rato, e então... então a próxima coisa que sei é que recebo um tapinha no ombro e um soco no rosto.

Uma voz feminina muito irritada e estridente ecoa pela chaminé. — Você é um Flash, pelo amor de Praga, você não deveria ser rápido ou algo assim? — Ela respira fundo. — Você pelo menos deu uma olhada no rosto dele antes de deixá-lo me roubar? De novo?

— Tudo o que vi foram os olhos dele — murmura o guarda. — Azul. Muito azul.

A mulher bufa de irritação. — Que útil. Vamos parar cada pessoa no Loot para ver se seus olhos correspondem à sua vívida descrição de muito azul.

Eu sufoco meu bufo quando algo range do outro lado da sala, seguido por um coro de passos abafados. Pelo gemido da madeira podre sob vários pares de botas novas, deduzo imediatamente que mais três guardas se juntaram à caçada.

E essa é a minha deixa.

Pulo da chaminé e me agarro à saliência do telhado, balançando as pernas para fora, penduradas acima da rua. Soltando um suspiro, eu solto e mordo minha língua contra um grito enquanto a gravidade me puxa para o chão. Com um baque suave, caio desajeitadamente na carroça de um comerciante cheia de feno. A palha dura atravessa minhas roupas como uma das almofadas de alfinetes de Adena, e uma nuvem de fuligem e feno se ergue na brisa noturna quando pulo para a rua.

Passando o tempo arrancando palha do meu cabelo emaranhado, começo minha jornada de volta ao Forte, passando por carroças mercantis surradas, todas abandonadas durante a noite, com os pés dançando sobre lixo e bugigangas quebradas. Saqueadores caídos em becos ou escondidos entre prédios sussurram entre si enquanto eu passo.

Sinto o peso da adaga enfiada em minha bota e relaxo no conforto do aço frio enquanto passo por grupos de moradores de rua reunidos durante a noite. Posso ver o leve brilho dos campos de força roxos protegendo alguns, enquanto outros nem sequer têm uma habilidade forte o suficiente para permitir que durmam em paz, que é a razão exata pela qual chamam as favelas de lar.

Mantenho meus passos rápidos e seguros enquanto meus olhos percorrem os becos de um lado para outro, nunca baixando a guarda. Os pobres não discriminam. Um xelim é um xelim, e eles não se importam em atacarem alguém em situação pior do que eles para consegui-lo.

Vários guardas cruzam meu caminho enquanto ziguezagueio pelas ruas, me forçando a diminuir a velocidade para ficar longe deles. Cada loja, esquina e rua recebeu o presente de policiais maliciosos e uniformizados de branco. Esses imperiais brutais foram colocados em todos os lugares ao longo do Beco Loot por decreto do rei devido ao aumento da criminalidade.

Claramente não tem nada a ver comigo.

Desço por um beco menor, caminhando em direção ao beco sem saída. Ali, enfiada num canto, há uma barricada destrocada de carrinhos de mercadores quebrados, papelão, lençóis velhos e a Praga sabe o que mais. Antes mesmo de chegar à pilha de lixo que chamamos de lar, um rosto obscurecido por cachos selvagens na altura dos ombros surge sobre o forte.

— Você conseguiu!?

Desembaraçando suas longas pernas de onde está sentada, ela se levanta sem esforço e atravessa a parede de um metro de nossa barricada de lixo sem pensar duas vezes, e então ela está saltando em minha direção com tanta esperança em seus olhos que você pensaria que eu ofereci a ela um verdadeiro teto sobre sua cabeça e uma refeição quente. E embora eu não possa dar a ela nenhuma dessas coisas, tenho algo muito melhor na opinião dela.

Eu suspiro. — Estou ofendida por você ter duvidado de mim, Adena. Achei que você teria um pouco mais de fé em minhas habilidades depois de todos esses anos. — Tiro minha mochila das costas e retiro a seda vermelha amassada de dentro, incapaz de reprimir meu sorriso quando uma expressão de admiração se instala em seu rosto.

Ela avidamente arranca a seda das minhas mãos, passando os dedos pelas dobras macias do tecido. Espiando através da franja encaracolada que pende em seus olhos castanhos, ela olha para mim como se eu tivesse irradiado a Praga, em vez de roubar tecido de uma mulher que não está em situação muito melhor do que a nossa.

Como se eu fosse o herói e não o vilão.

O sorriso de Adena poderia rivalizar com o sol no deserto de Solares. — Pae, você e seus dedos pegajosos fazem mágica, sabia disso?

Ela joga os braços em volta do meu pescoço, me puxando para um abraço esmagador que faz com que mais mel escorra pelo meu colete e se acumule nos meus bolsos.

— Falando em dedos pegajosos... — Eu me afasto de seu abraço para procurar em meus bolsos. Recupero seis pãozinhos pegajosos esmagados, apenas um pouco pouco apetitosos com o feno que agora os decora.

Os olhos de Adena se arregalam com a visão antes de arrancar um da minha mão com a mesma avidez com que ela fez o tecido. Ela se vira no meio da mordida e caminha de volta pelo nosso forte sem pensar duas vezes, sentando-se nos tapetes ásperos e incolores que estavam no interior da barricada. Ela dá um tapinha no lugar ao lado dela com expectativa e, ao contrário dela, eu salto desajeitadamente por cima do muro antes de poder me sentar.

— Aposto que Maria não ficou muito feliz com o saque de sua loja. De novo. A coitada deveria realmente aumentar sua segurança — diz Adena entre mordidas, um sorriso torto se juntando às migalhas em seu rosto.

Apesar de eu ter roubado a mulher pelo menos uma vez por mês nos últimos anos, ela ainda só conseguiu concluir que sou um homem. Pelo menos ela acha.

— Na verdade, — eu digo com um encolher de ombros, — ela tinha mais dois Imperiais em sua loja do que o normal. Ela deve estar ficando cansada de todos os pães pegajosos roubados ao longo dos anos.

Adena estreita os olhos castanhos ao ver meu sorriso. — Graças à Praga você não foi pega, Pae. — Assim que a frase familiar passa por seus lábios, meu queixo se contrai

instintivamente enquanto o dela se abre no meio da mordida. Ela se encolhe visivelmente, franzindo a testa e pigarreando. — Desculpe. Mau hábito.

Meus dedos vão até o anel grosso em meu polegar, girando-o sem pensar enquanto forço um sorriso fraco. Este é um tópico que normalmente tentamos evitar, embora seja minha culpa que o assunto tenha se tornado subitamente estranho de falar.

Tudo devido a um momento de fraqueza que eu gostaria de não estar tão aliviada.

— Você sabe que não são as palavras que me incomodam, são...

— É o significado por trás delas — ela interrompe com um sorriso e uma imitação chocantemente precisa da minha voz.

Quase engasgo com a risada e com um pedaço de massa doce. — Você está me citando, A?

Para responder, ela dá uma mordida no pãozinho pegajoso antes de declarar entre garfadas: — E não é a Praga que deixa você doente, é o que veio depois...

Aceno lentamente enquanto traço distraidamente o padrão desgastado do tapete abaixo de nós, a sensação familiar sob meu dedo. A ideia de agradecer à Praga que matou milhares de Ilyanos me faz perder o apetite até mesmo por pãezinhos pegajosos. Agradecendo aquilo que causou tanta dor, morte e discriminação.

Mas tudo o que importa agora é quem a Praga não matou. O reino ficou isolado durante anos para evitar que a doença se espalhasse para as cidades vizinhas, e apenas os mais fortes de Ilya sobreviveram à doença que alterou a própria estrutura dos humanos. O rápido se tornou excepcionalmente mais rápido, o forte se tornou imbatível e aqueles que espreitavam nas sombras poderiam se tornar as sombras. Dezenas de habilidades sobrenaturais foram concedidas somente a Ilyanos, todas variando em força, propósito e poder.

Presentes dados como recompensa pela sobrevivência.

Eles são Elite. Eles são extraordinários. Eles são excepcionais.

— Só... — Adena para, cutucando seu coque pegajoso enquanto luta para formar palavras pela primeira vez. — Apenas tome cuidado, Pae. Se você for pega e não conseguir se convencer do contrário...

— Eu ficarei bem, — afirmo muito casualmente, ignorando a preocupação que toma conta de mim. — Isso é o que eu faço, A. O que sempre fiz.

Ela suspira através do sorriso, acenando com a mão desdenhosa. — Eu sei eu sei. Você pode lidar sozinho com as Elites.

Sinto aquela onda de alívio mais uma vez, me fazendo sentir culpada e grata por ela realmente me conhecer. Porque nem todos aqueles que sobreviveram à Praga tiveram a sorte de serem dotados de habilidades. Não, os Ordinários eram apenas isso: Ordinários. E durante as décadas seguintes à Praga, os Ordinários e as Elites viveram em paz.

Até que o Rei Edric decretou que os Ordinários não estavam mais aptos a viver em seu reino.

Já se passaram mais de três décadas que a doença varreu o país. Devido ao surto do que provavelmente era uma doença comum, os curandeiros do rei aproveitaram a oportunidade para afirmar que os Ordinários eram portadores de uma doença indetectável, dizendo que essa era provavelmente a razão pela qual não desenvolveram habilidades. A exposição prolongada a eles se tornou prejudicial tanto para as Elites quanto para seus poderes e, com o tempo, os Ordinários foram diminuindo as habilidades das quais as Elites são tão protetoras.

Luto contra a vontade de revirar os olhos com o pensamento.

Meu pai acreditava que isso era besteira, e não penso diferente. Mas mesmo que eu tivesse provas de que o rei mentiu descaradamente, não é como se uma garota das favelas estivesse em posição de ser acreditada.

Mas o rei não podia permitir que a sua sociedade de Elite fosse enfraquecida ou pior por meros Ordinários. A extinção não era uma opção para o extraordinário.

E assim começou a Purificação.

Mesmo agora, décadas depois, histórias sobre os corpos que espalharam a areia sob o sol escaldante são passadas casualmente em torno de fogueiras, histórias assustadoras sussurradas entre crianças.

Dedos pegajosos se fecham sobre os meus, o mel cobrindo as mãos de Adena é tão doce quanto o sorriso que ela compartilha comigo. Meu segredo está guardado no brilho de seus olhos, na lealdade que reveste sua expressão. Passei grande parte da minha vida resignada com o fato de que nada jamais seria real. Toda amizade falsa, toda gentileza calculada.

“Esconda seus sentimentos, esconda seu medo e, o mais importante, se esconda atrás de sua fachada. Ninguém pode saber, Paedy. Não confie em ninguém e em nada além dos seus instintos.”

A voz gentil do meu pai é estranhamente chocante enquanto ecoa na minha cabeça, me lembrando que cada parte da minha vida *deveria* ser uma mentira e que a garota sentada diante de mim *deveria* estar tão enganada quanto o resto do reino.

O egoísmo só roubou minha sanidade por uma única noite, mas foi o suficiente para colocar nós dois em perigo.

— Tudo bem, chega de conversa sobre a Praga — Adena diz alegremente, examinando o beco antes de acrescentar, — e sua... situação.

Eu não me incomodo em sufocar meu bufo. — Parece que dois anos não foram tempo suficiente para você praticar sutileza, A.

Duvido que ela tenha me ouvido. Duvido que ela consiga se concentrar em outra coisa que não seja o tecido que agora desliza entre seus dedos. Com olhos castanhos examinando os materiais de costura, Adena abandona nossa conversa anterior para divagar sobre quais peças ela fará com a nova seda. Suas mãos morenas e quentes vasculham pedaços de tecido sob a luz bruxuleante do lampião, começando a dobrar bordas, alfinetar cantos, espetar dedos, praguejar implacavelmente.

Caímos no tipo de conversa fácil que só surge depois de passarmos anos sobrevivendo juntos nas ruas, tornando fácil interpretar as palavras distorcidas de Adena em torno dos alfinetes pressionados entre seus lábios. Eu rolo, finalmente ficando quieta enquanto observo seus dedos firmes e testa franzida, absorta demais com seu trabalho para dormir.

Uma dor aguda na lateral do meu corpo faz com que meus olhos caídos se abram e a sonolência seja esquecida. A pedra irregular que se projeta do chão do beco me faz resmungar, grogue: — Guarde minhas palavras, um dia vou roubar uma cama.

Adena revira os olhos para mim, assim como faz todas as noites em que faço a mesma promessa vazia. — Vou acreditar quando sentir, Pae — ela canta.

Já rolei cerca de uma dúzia de vezes antes de um cobertor áspero e enrolado colidir com minha cabeça. — Se você não parar de se contorcer, juro que vou costurar você na merda do chão — diz Adena com toda a doçura de um pãozinho pegajoso.

— Vou acreditar quando sentir, A.

Capítulo Dois



Kai

UMA BOLA de fogo passa pelo meu rosto, quase queimando meu cabelo. Mal tenho tempo de me abaixar quando sinto uma segunda onda de calor ondulando em minha direção.

Pragas, Kitt está de ótimo humor hoje.

Dançando na ponta dos pés, vejo outra esfera de fogo vindo em minha direção enquanto a sensação familiar de adrenalina me inunda. Eu jogo um escudo de água, ouvindo o fogo assobiar antes de se transformar em nada mais do que uma espessa nuvem de vapor. Kitt aperta os olhos, tentando me ver através da fumaça antes de seus olhos se arregalarem quando de repente colido com ele. Caímos no chão enquanto eu o prendo, levantando um punho flamejante apontado para seu rosto.

— Você se rende? — Não consigo evitar que o sorriso contorça meus lábios. Ele solta uma risada, seu olhar passando entre meu rosto e o punho em chamas erguido ao lado dele.

— Se eu disser não, você realmente vai me dar um soco, irmãozinho? — Apesar do fogo queimar a poucos centímetros dele, os olhos verdes de Kitt brilham divertidos.

— Eu acho que você já saberia a resposta para isso. — Eu sorrio levemente enquanto levanto meu punho ainda mais, posando para atacar.

— Tudo bem, tudo bem, eu me rendo! — Kitt estala. — Mas só porque eu não gostaria que o pobre Eli tivesse que consertar mais um de nossos narizes quebrados.

Rio sombriamente ao pensar em ver a expressão no rosto do médico real se tropeçassemos com mais um osso quebrado. Depois de ficar de pé, ofereço a mão para Kitt, que ainda está esparramado no chão.

O sorriso que ele me dá não alcança seus olhos quando ele finalmente diz: — Pragas, Kai, você é melhor com meus poderes do que eu.

— É por isso que *você* governará o país, — digo simplesmente, — enquanto eu lutarei no campo de batalha, distraindo o inimigo com minha beleza arrojada.

— Você está dizendo que eu não poderia distrair o inimigo com minha própria beleza arrojada? — Kitt pergunta em meio a uma risada profunda, fingindo ofensa.

— Estou dizendo que somos apenas meio-irmãos, então temo que isso signifique que você só tem metade dos meus encantos.

Kitt dá outra risada. — Por essa lógica, suponho que você só tenha metade do meu cérebro.

— Agradeça à Praga por isso. — As palavras mal saem da minha boca antes que ele me empurre com um sorriso.

Percorremos o caminho desgastado entre os círculos de treinamento de terra que residem nos terrenos do castelo. Os Imperiais em treinamento e outras Elites de status mais elevado continuam a lutar à medida que passamos, a maioria usando habilidades, enquanto poucos usam armas.

Cabeças se voltam para nós, seus olhos queimando minha pele refletindo o sol batendo sobre nós lá de cima. Ignorando os olhares, inspiro o cheiro familiar de sangue, suor e lágrimas literais do campo de treinamento antes de pegar uma espada de um suporte de armas e jogá-la para Kitt, cuja expressão só pode ser descrita como exasperada.

— Você sabe que sempre gostei mais de lutar com armas do que com habilidades, — digo em resposta ao seu olhar aguçado enquanto testo sem pensar o equilíbrio da minha lâmina.

Kitt caminha mais para dentro do ringue lamacento, praticamente revirando os olhos. — Sim, estou bem ciente do quanto você adora me bater com uma espada.

Giro meu pulso, balançando minha lâmina enquanto começamos a circular um ao outro. — Acontece que é um dos meus hobbies favoritos, sim. — Avanço de repente, balançando minha espada com força contra a dele e enviando um solavanco pelo meu braço. — Viu, isso não é divertido?

Kitt range os dentes contra o meu golpe. — Fascinante.

Entro em um transe familiar, deixando meus pés dançarem ao redor do ringue enquanto nos separamos, me perdendo no ritmo. Minha mente clareia. Meu corpo vibra com energia. Sempre me senti mais vivo quando luto. Foi para isso que fui feito, o que me manteve são ao longo dos anos de treinamento e aulas particulares.

“Um rei estúpido é um rei morto.”

As palavras de meu pai ressoam em minha mente, tendo sido perfuradas em meu crânio após cada reclamação sobre minhas aulas tediosas quando menino. Porém, não terei que me preocupar em ser um rei morto ou estúpido, visto que não serei rei de forma alguma. E depois de discutir exatamente isso com o Pai, ele gentilmente criou um novo ditado para eu seguir.

“Um Executor estúpido é um império derrotado.”

Encorajador.

Uma dor aguda queima meu antebraço, me tirando dos meus pensamentos com um solavanco.

— É melhor você entrar no jogo, Kai, ou eu posso realmente vencer você. — Kitt tem uma expressão de triunfo no rosto que pretendo apagar. — Eu não gostaria que meu futuro Executor relaxasse no jo...

Antes que ele possa terminar seu comentário, estou empurrando sua espada no chão e prendendo-a sob a minha antes de girar atrás dele. Em um movimento rápido, chuto minha bota para cima, deslizando uma adaga para colocar a ponta afiada em suas costas.

— Sinto muito, o que você estava dizendo, Majestade? — Eu o solto e ele se vira enquanto eu faço uma reverência zombeteira enquanto coloco a adaga de volta na minha bota. Isso me rendeu um empurrão sólido que quase me fez cambalear, e eu retribuo na mesma moeda enquanto Kitt ri.

Seu cabelo loiro sujo está muito mais sujo do que loiro no momento, salpicado com pedaços de lama de rolar no ringue. Nossas camisas foram abandonadas há muito tempo no calor do verão e, como eu, o suor escorre pelo seu peito bronzeado.

É quase cômico o quão óbvio é que somos apenas meio-irmãos. Além de nossas diferenças físicas, me falta o carinho de Kitt, assim como falta a ele a minha insensibilidade. Ele é paciente, bem-apessoado e preparado para o trono como eu estou preparado para o campo de batalha.

Um rei onde eu sou um assassino.

— Kai, você está ao menos me ouvindo? — Kitt parece igualmente preocupado e divertido enquanto estala os dedos na frente do meu rosto. — Pragas, quanto sangue você perdeu?

Sigo seu olhar para ver riachos vermelhos escorrendo do ferimento em meu braço, sangue tecendo entre os nós dos dedos e pingando das pontas dos dedos. — Bem, parece que Eli não vai ter folga, afinal, graças a você. — Olho para Kitt, esperando um comentário, apenas para encontrar seu olhar fixo em algo do outro lado do terreno. — Agora veja quem não está prestando atenção.

Meus olhos se desviam para a figura caminhando em nossa direção, com roupas de couro agarradas a cada curva dela e cabelos lilases balançando ao vento. — Veja. Blair Vadia, — eu respiro baixinho antes que ela nos alcance, fazendo Kitt engasgar com uma risada.

— Olá, meninos. — Sua voz é como gelo, fria e suave. — Como vai o treinamento? — Seu olhar varre preguiçosamente sobre nós dois antes de retornar aos nossos rostos com um leve sorriso torcendo seus lábios. — Se preparando para as Provas, Kai?

— Não que eu precise me preparar.

Um sorriso lento surge em seu rosto com isso. — Eu acho que o futuro Executor gostaria de causar uma boa impressão no reino ao vencer. — De repente ela está muito interessada em suas unhas, fingindo indiferença.

Passo a mão pelo cabelo com um suspiro entediado. — E pretendo fazer exatamente isso.

Ela me dá um sorriso que é tudo menos doce. — Espero que sim, visto que você é o melhor Elite em décadas. Ou é o que dizem.

Pragas, aqui vamos nós.

Kitt dá um passo à frente e coloca a mão no peito como se estivesse ferido. — Ai ai, Blair. Vou me lembrar desse comentário quando for rei.

— Ah, eu feri seu orgulho, Kitt? — Ela faz um beicinho falso antes de voltar sua atenção para mim. — Além disso, pessoalmente acho que vencerei as Provas.

Eu solto uma risada sem humor antes de olhar para sua pequena forma. — E o que faz você ter tanta certeza de que estará competindo? — Digo isso sabendo muito bem que ela estará, de fato, nas Provas.

Com um movimento de seu pulso, uma adaga voa do suporte de armas em resposta ao meu comentário. Antes que eu possa piscar, ela está subitamente suspensa no ar e penetrando na minha jugular.

— Como filha do general — ela se aproxima de mim até que haja apenas alguns centímetros entre nós e sussurra: — Acho que tenho boas chances de entrar nos jogos. Não é? — Ela ri mesmo enquanto pressiona a faca flutuante em minha garganta, provando ainda mais seu ponto de vista.

O zumbido de dezenas de poderes percorre meu sangue, todos pertencentes aos outros indivíduos treinando no pátio. Forço as outras habilidades a ficarem em silêncio, me concentrando no poder de Blair e na sensação dele zumbindo sob minha pele, me incentivando a agarrá-lo. Ela é uma Tele poderosa, e sua demonstração com esta adaga é o mínimo que ela pode fazer com sua mente. Eu alcanço aquela sensação de formigamento que é sua habilidade e a deixo tomar conta de mim, arranhando a superfície.

E então eu me torno isso.

Assim como fiz com o duplo poder de fogo e água de Kitt, e assim como posso fazer com qualquer uma das habilidades que me cercam.

Meu sorriso é frio quando viro a adaga flutuante no ar, empurrando-a contra o couro duro que cobre seu coração com nada além de minha mente. — Bem, então é melhor você treinar, — eu digo calmamente antes de afrouxar o controle sobre sua habilidade, deixando a adaga cair no chão com um baque. Não me preocupo em dizer mais nada antes de me virar e caminhar em direção ao castelo.

Kitt caminha silenciosamente ao meu lado, aparentemente tão perdido em pensamentos quanto eu enquanto voltamos pelos portões do castelo. Faltando apenas duas semanas para as Provas, parece que não sou mais capaz de ignorar alegremente a existência delas e meu papel dentro delas.

O cheiro de frango assado e batatas que vem da cozinha é suficiente para roubar minha atenção. Olho para Kitt anormalmente quieto antes de me virar para passar pelas portas da cozinha.

— Boa tarde, senhoras. — Dou um rápido sorriso para os cozinheiros e empregados que andam pela cozinha enquanto preparam o jantar. — Sentiram minha falta? — Eu canto, me levantando sobre um balcão duro e me apoiando nas palmas das mãos. Percebo o olhar de algumas criadas antes que elas fiquem vermelhas e voltem ao trabalho, trocando sussurros entre risos.

O calor da cozinha me atinge como uma onda, me banhando e cobrindo minha pele já lisa...

Minha pele.

Passo a mão pelo cabelo antes de passá-lo pelo rosto, sem me incomodar ao perceber que tenho andado por aí sem camisa depois de abandoná-la no ringue imundo – um hábito que nem meu pai foi capaz de me fazer abandonar.

A cabeça de Kitt aparece na esquina, um sorriso dividindo seu rosto. — Pensei ter sentido o cheiro do meu prato favorito. Você é tão querida, Gail. — Ele caminha até a cozinheira mexendo uma panela cheia de batatas cremosas sobre o fogão abafado, a pele escura dela brilhando de suor.

Ela não pode deixar de sorrir ao ver o olhar iluminando o rosto de Kitt. — Ah, não pense que fiz isso por você, Kitty. Purê de batata também é meu favorito. — Ela sorri, dando um tapinha na bochecha dele antes de se virar para continuar mexendo. Seus olhos encontram os meus de onde estou sentado em cima do balcão antes de irem para o meu braço e a ferida que eu tinha esquecido ainda estava sangrando lá. Balançando a cabeça, ela diz severamente: — É melhor você não sujar meu balcão de sangue, Kai.

Abro um sorriso com isso. — Esta não seria a primeira vez.

Ela balança a cabeça para mim novamente, lutando contra um sorriso o tempo todo. Gail nos dá comida e guloseimas extras desde que éramos meninos e corríamos pelo castelo com metade das roupas vestidas - o que claramente ainda fazemos. Ela testemunhou muito mais de uma briga nesta mesma cozinha sobre quem fica com o último de seus pães pegajosos.

— Faz algum tempo que vocês dois não me visitam — diz ela, acrescentando tempero às batatas. — Ficando cansados de mim, hmm?

— Você sim. Mas nunca a sua comida. — As palavras mal saem da minha boca quando um pedaço de batatas voa na minha cara. Não tenho tempo nem energia para me abaixar antes que o purê se junte à lama e à sujeira.

— Nunca é um momento de tédio conosco, não é? — Kitt reflete de onde está encostado em uma borda, observando enquanto eu puxo as batatas grudadas em meu cabelo.

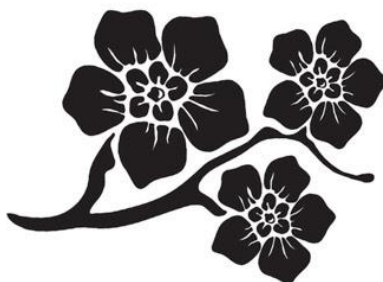
Pulo do balcão e vou até a cozinheira, lhe dando um beijo na bochecha. — Sempre um prazer, Gail. — Estico a mão para pegar uma maçã da cesta e digo: — Estou ansioso pela nossa próxima briga por comida. Depois de jogar uma para Kitt, esfrego minha própria maçã nas calças antes de dar uma mordida.

— Príncipe Kai?

Eu endureço, suspiro e me viro para a voz atrás de mim. Um menino olha para cima nervoso, as mãos mexendo na barra da camisa. Levanto as sobrancelhas, minha impaciência é evidente.

— O rei solicita sua presença na sala do trono.

Capítulo Três



Paedyn

A RODA da carroça de um comerciante rola sobre meus dedos dos pés. Eu reprimo um grito, mas não me incomodo em reprimir minha resposta um tanto rude dirigida ao homem alheio que está inconscientemente aleijando as pessoas com seu carrinho.

Bem, hoje começou muito bem.

Dormi mal ontem à noite, me revirando enquanto entrava e saía dos meus pesadelos recorrentes. Flashes do meu pai morrendo enquanto não posso fazer nada além de segurar sua mão, subindo por uma chaminé apenas para encontrar o topo fechado com tábuas, e Adena, a única pessoa que me resta neste mundo, sendo arrastada para longe de mim gritando.

Em algum momento entre meus numerosos pesadelos, Adena fez uma tentativa débil de me sacudir para me acordar. Rolei gemendo, tentando me agarrar ao pouco de sono feliz que consegui roubar. Posso ser uma ladra, mas meu descanso é regularmente roubado.

Persistente como sempre, Adena mudou de estratégia, decidindo me atirar com pedaços ásperos de tecido até que finalmente levantei um pano branco em sinal de rendição.

O sol, preguiçoso como sempre, está lentamente lutando para espiar os prédios em ruínas, lançando o Beco Loot nas sombras da manhã enquanto desço o caminho de paralelepípedos. À medida que a rua ganha vida com a agitação dos comerciantes pechinchando enquanto os mendigos imploram a qualquer um que lhes dê uma olhada, eu me misturo facilmente ao caos que cerca as favelas.

Minhas mãos coçam para pegar um pouco de comida para acalmar meu estômago roncando e levar para Adena. Meus olhos percorrem a rua em busca da minha próxima infeliz vítima para roubar quando...

Alguma coisa não está certa.

Quatorze. Há apenas quatorze Imperiais alinhados na rua.

Mas deveria haver pelo menos dezesseis hoje.

Eu saberia, visto que memorizei suas rotações.

Vejo Cabeça de Ovo e Nariz de Gancho em seus lugares habituais fora da loja de Maria, junto com vários outros Imperiais com nomes igualmente precisos. Com as máscaras brancas de couro ocultando metade de seus rostos, é bastante difícil encontrar apelidos criativos para os bastardos, então me orgulho dos poucos que inventei.

Normalmente, a perspectiva de menos guardas seria um alívio, e talvez sejam minhas habilidades psíquicas entrando em ação, mas a visão me preocupa.

Meu estômago ronca de raiva, impaciente como sempre.

Comida primeiro, sentimento engraçado depois.

Eu ziguezagueio pela multidão com facilidade, roubando maçãs do carrinho que passou por cima dos meus dedos dos pés, a vingança tão doce quanto a fruta crocante que eu mordo. Encostado na parede em ruínas de uma loja, vejo o que parece ser um jovem aprendiz negociando com um comerciante. Observo enquanto ele encara o comerciante antes de jogar várias moedas e pegar um pacote do que só pode ser couro preto. Meus olhos percorrem os xelins enquanto eles rolam em cima do carrinho, contando-os rapidamente para encontrar moedas demais para couro.

Ele está com pressa. É por isso que ele está disposto a pagar o dobro do que deveria, em vez de perder tempo negociando um preço mais barato. E ele tem dinheiro de sobra.

O alvo perfeito.

Saio para a rua e vou em direção ao garoto que agora se empurra rapidamente no meio da multidão enquanto puxo a tira de couro que segura meu cabelo longe do rosto e do pescoço. Ele cai pelas minhas costas em uma cascata de ondas prateadas e bagunçadas enquanto eu amaldiçoo o calor sufocante que já deixa meu pescoço pegajoso de suor. Deixando uma cortina de cabelo cair sobre meu ombro e em meu rosto, eu me transformo na imagem perfeita da inocência.

“Deixe-os subestimar você. Faça com que eles ignorem você até que você queira ser vista.”

Já faz tanto tempo que não ouço a voz do meu pai que o som suave dela ameaça escapar da minha memória e cair na morte com ele.

O pensamento se despedaça quando colidimos.

Tropeço, lutando para agarrar o aprendiz desavisado enquanto me deixo cair. Reunindo um punhado de sua camisa em uma mão, coloco a outra no bolso do colete, onde o vi pegar suas moedas. Posso sentir seis xelins ali e resistir à vontade de pegar todos eles antes de pegar apenas três.

A ganância não é uma emoção facilmente domesticada, mas me forço a deixar as outras moedas, sabendo que ele provavelmente é inteligente o suficiente para sentir a falta de peso no bolso se eu pegar todas elas. E não preciso adicionar mais cicatrizes nas costas por ter sido pega.

Mas quando estou prestes a puxar a mão e pedir desculpas por quase atropelar o garoto, meus dedos prendem o forro interno de seu colete. Não, não apenas o forro – um bolso secreto. Sinto um pedaço de pergaminho dobrado dentro dele e, num impulso que não consigo explicar ou justificar, decido pegá-lo também antes de deslizar a mão e olhar timidamente para o rosto do aprendiz.

Seus olhos castanhos estão arregalados enquanto eu olho para ele através dos fios de cabelo que voam em meu rosto. Eu transformo minha expressão em total constrangimento e rapidamente desenrolo meu punho de sua camisa.

Soprando uma mecha de cabelo dos meus olhos, dou um passo para trás para colocar algum espaço entre nós. — Sinto muito, senhor! — Eu me forço a parecer sem fôlego, envergonhado, inofensivo. — Tenho certeza de que sou a única pessoa em toda Ilya que é capaz de tropeçar no ar!

Prossiga. Me subestime me. Me ignore.

Ele passa a mão pelos cabelos cacheados e ri. — Sem problemas. Acho que você tem bastante talento então. — Ele sorri, mas seu olhar demora um pouco demais para o meu gosto. Então, ofereço a ele um sorriso e um aceno de cabeça antes de virar e desaparecer na rua movimentada.

O cheiro açucarado de pãozinhos pegajosos flutua pelo beco movimentado enquanto passo pela loja de Maria e entro em uma das muitas vielas pequenas que se ramificam em Loot. O bilhete que roubei fica úmido de suor quando o seguro na palma da mão. O que poderia estar escrito neste pequeno pedaço de papel que justifique que esteja tão escondido?

Pretendo descobrir.

Apertando minhas costas contra a parede de tijolos suja, desdobro as bordas do papel para revelar uma nota rabiscada:

A reunião começa à meia-noite e quinze.

Casa branca entre Merchant e Elm.

Traga os suprimentos.

Eu fico olhando para o bilhete, piscando em confusão enquanto meu coração dispara em antecipação.

Essa é a minha casa.

Bem, essa era a minha casa.

Posso dizer, pela inclinação das letras e pelas manchas da tinta, que quem escreveu isto provavelmente estava com pressa para esconder o bilhete de olhares curiosos.

Olhos curiosos como os meus.

Dezenas de perguntas inundam minha mente, cada uma mais confusa que a anterior. Por que nesta terra abandonada pela Praga estão sendo realizadas reuniões em minha casa?

Sua antiga casa. Você a deixou, lembra?

E se encontrar lá no meio da noite com suprimentos...?

O couro.

Tropeço no paralelepípedo irregular, me trazendo de volta à realidade e à percepção de que estive andando de um lado para o outro esse tempo todo. Enfio o bilhete amassado de volta no colete, a mente ainda em movimento enquanto saio para a rua movimentada agora banhada pela luz do sol. Balanço a cabeça, tentando clareá-la enquanto atravesso a multidão de pessoas negociando, fofocando e xingando.

Começando a percorrer as carroças mercantes mais uma vez, caio no ritmo familiar que é minha ocupação honesta: roubar. Minha mente divaga enquanto trabalho, me deixando pensando se Adena está tendo alguma sorte vendendo suas roupas do outro lado da longa rua.

Eu roubo, ela costura.

E essa tem sido a nossa vida nos últimos cinco anos. Eu tinha apenas treze anos e estava totalmente sozinha no mundo quando Adena literalmente me encontrou. Bem, ela passou direto por mim. Nunca esquecerei a expressão no rosto do Imperial enquanto ele corria atrás dela, gritando sobre doces roubados. E sem pensar duas vezes, não hesitei antes de colocar o pé em seu caminho. Assim que vi o rosto do guarda encostado na calçada, comecei a perseguir a garota desengonçada e de cabelos cacheados que passou direto por mim.

Uma aliança incômoda nasceu naquele dia, uma aliança que deveria continuar assim.

Minha mão congela no ar, pairando sobre uma toranja rechonchuda quando um grito arrepiante corta o caos de Loot. Eu me viro, esquecendo a fruta, procurando no meio da multidão de corpos a origem do barulho. Meus olhos examinam a multidão antes de se depararem com uma figura pequena e caída, amassada contra um poste de madeira manchado de vermelho no centro da rua. Um Imperial paira sobre o menino, com o chicote na mão, parecendo repugnantemente satisfeito consigo mesmo enquanto olha para a criança. Eu conheço esse visual muito bem. Já fui aquela criança sangrando muitas vezes.

Ele foi pego.

Eu me pergunto o que ele roubou, o que poderia justificar tal surra. Algumas frutas? Talvez alguns xelins de um comerciante? Me lembro de ter caído contra o poste de madeira, tremendo com a dor causada por cada estalo do chicote enquanto mordida a língua para não gritar. A dor desaparece, mas as cicatrizes permanecem como um lembrete para fazer melhor.

Os jovens sempre são pegos. Eles estão necessitados. Eles ainda não aprenderam a controlar sua ganância ou a conviver com a fome, o que os torna alvos fáceis para os Imperiais usarem como exemplo.

Não há nada que você possa fazer por ele.

Tenho que enfiar essas palavras na cabeça para garantir que meus pés não encontrem o garoto. Porque eu tentei uma vez. Tentei intervir e ajudar uma garotinha que me lembrava de mim mesma. Tão assustada e, ainda assim, tão determinada a nunca demonstrar isso. Quando ela olhou para mim, o fogo em seu olhar refletiu o meu. No final, minha tentativa de ajudar só terminou com chicotadas extras para nós dois.

Eu faço uma careta e rapidamente me afasto da cena horrível apenas para ficar com a boca cheia de uniforme amassado e engomado quando bato no canalha que o usa.

O Imperial olha para mim, a diversão brilhando em seus olhos cercados por aquela máscara branca. Embora ele pareça ser pelo menos dez anos mais velho que eu, com cabelos loiros espetados em ângulos estranhos, ele passa o olhar preguiçosamente pelo meu corpo. Mordo a língua antes de poder dizer algo que provavelmente me fará arrepender.

Os Imperiais não são conhecidos por serem cavalheiros quando se trata de meninas — ou de qualquer outra pessoa — e não pretendo descobrir se ele é a exceção. — Sinto muito, senhor. Parece que estou loucamente desajeitada hoje — digo, planejando minha fuga no meio da multidão.

Uma mão úmida envolve meu pulso e me gira de volta. Reúno toda a força que tenho para suprimir o instinto de luta que grita para eu dar uma joelhada na virilha dele e bater sua cabeça nas pedras sob nossos pés.

— Por que tanta pressa? — Seu sorriso cheio de dentes e olhos negros provocam um arrepio na minha espinha, e o cheiro desagradável de álcool em seu hálito só aumenta meu desconforto.

Eu sorrio e me forço a ser educada enquanto me livro dele. — Só estou tentando fazer algumas coisas antes que o mercado fique lotado, só isso.

— Hmm, — ele grunhe, me olhando com ceticismo. — Diga, qual é o seu poder, garota? — Luto contra a vontade de enrijecer enquanto ele continua com um sorriso: — Por decreto do rei, devo questionar qualquer pessoa que eu sinta... que deva ser interrogada.

Ele adora estar no controle. Ter poder.

— Eu sou uma Mundana, — eu digo simplesmente, declarando meu nível na cadeia alimentar da Elite para provar que sou de pouca ameaça e importância para ele. — Uma Psíquica. — Eu olho diretamente em seus olhos negros enquanto digo isso, desejando que seu coração negro acredite em mim.

— Isso está certo? Eu nunca conheci uma psíquica antes. — Ele ri sombriamente e dá um passo em minha direção, inclinando a cabeça perto da minha para que eu sinta outro cheiro de álcool grudado nele. — Prove então.

Estou ficando bastante cansado dessa demanda.

Encontro os olhos do Imperial, me recusando a lhe dar a satisfação de pensar que estou preocupada, embora meu pulso acelerado prove o contrário. — Estou sentindo raiva e... arrependimento vindo de você. Você... Você acabou de se separar da sua esposa.

Bem, na verdade, ela deixou você. — A expressão de choque total em seu rosto traz um pequeno sorriso aos meus lábios. — E se você realmente quer que eu seja específico, porque, bem, você me disse para *provar* isso, é porque você... — Paro no meio da frase, fechando os olhos com força enquanto pressiono os dedos na minha têmpora, fazendo uma expressão convincente. mostrar. — ...Você a traiu? Espere, estou pegando outra coisa... — Olho para seu rosto, agora vermelho de raiva, enquanto continuo esfregando minha têmpora. — Você... você a quer de volta. Mas ela não quer você...

Estou preparada para o tapa antes de sentir a dor no meu rosto.

O sangue voa da minha boca e mantenho minha cabeça virada para longe dele enquanto ele rosna perto do meu rosto: — Bruxa maldita é o que você é. Saia da minha frente, Mundana.

Eu giro nos calcanhares e sorrio, o sangue acumulando na minha boca e escorrendo pelo meu queixo. Eu me forço a tropeçar de volta em um carrinho, arrancando um tecido pendurado nas minhas costas. Eu me viro rapidamente, apertando o pacote contra o peito enquanto arranco uma ponta com os dentes para limpar a boca e o queixo sangrentos. Vou usar parte do tecido como guardanapo, e o resto pode ir para Adena. Dois pássaros com uma pedra.

Enfiando o pano restante em minha mochila, agora cheia de comida, moedas e outros bens roubados, volto para o Forte enquanto repasso os últimos cinco minutos em minha cabeça.

Não foi difícil irritar o Imperial, e eu sabia que assim que conseguisse, ele me daria um tapa bobo e me deixaria fugir. Esta não teria sido a primeira vez que deixei isso acontecer. E provar minhas habilidades *psíquicas* não seria difícil, considerando que as evidências estavam escritas nele.

A fina linha bronzeada em seu dedo anelar, agora vazio, foi minha primeira pista de que ele era formalmente casado. Depois, há o fato de que ele mudou sua aliança de casamento para a outra mão, em vez de penhorá-la por dinheiro, me dizendo que ainda se preocupa com sua ex-mulher e provavelmente ainda está sofrendo por ela. O cabelo desgrenhado, o uniforme amarrotado e o cheiro de uísque no hálito provam ainda mais que ele é obviamente um homem solteiro que não tem mais esposa para parecer apresentável.

Os homens provavelmente seriam extintos sem as mulheres para mimá-los.

Quanto à parte em que ele traiu a esposa, bem, isso foi mais um palpite fundamentado na maneira como ele olhou para mim, juntamente com a reputação *estrelar* que os imperiais construíram para si mesmos. Claramente, a suposição atingiu um nervo antes de ele me bater.

O sol do meio-dia bate forte em mim enquanto volto para o Forte para encontrar Adena para almoçar, como sempre. Aproveito o tempo para vagar pelo Loot, mastigando uma maçã enquanto a fome me atormenta.

O cheiro salgado de peixe banhado ao sol em cima de carroças mercantis paira no ar. Crianças correm na minha frente, rindo enquanto perseguem umas às outras pela rua. O som de vozes barganhando e xingando é como um refrão para mim, uma música com a qual estou muito familiarizado.

Uma grande faixa colorida chama minha atenção quando começa a subir acima do beco lotado, pendurada entre duas lojas por um Escalador. Ele sobe correndo pela parede como se houvesse cola nas palmas das mãos e nos pés, o que lhe permite subir pela loja lisa com facilidade. Enquanto ele prende a corda que conecta o estandarte à parede, volto minha atenção para as palavras rabiscadas na tapeçaria verde em letras grandes e pretas:

A sexta Prova de Purificação está prestes a começar

Lembre-se da purificação. Graças à praga.

Honra ao seu reino, à sua família e a você mesmo.

Você poderia ser a próxima elite vitoriosa.

Eu bufo alto, quase engasgando com um pedaço da minha maçã. Embora as Provas de Purificação não sejam motivo de riso, não posso deixar de achar cômico que elas sejam uma *celebração*. Em homenagem à Grande Purificação, há mais de três décadas, as Provações foram criadas para mostrar as habilidades sobrenaturais das pessoas e trazer *honra* ao único reino de Elite.

Eu não diria que assassinar pessoas inocentes traz honra para mim, para meu reino ou para minha família – não que eu tenha sobrado alguma para honrar. E ainda assim, a cada cinco anos, jovens Elites são escolhidos para competir nesses jogos pela glória e por xelins suficientes para construir seu próprio castelo confortável enquanto você tenta escapar do trauma que as Provações lhe causaram.

Mas a parte que me faz tremer de tanto rir quanto de raiva é que as Elites inferiores, aquelas com habilidades defensivas e mundanas, são levadas a acreditar que têm uma chance de vencer essas provações distorcidas. De repente, me sinto entorpecida ao olhar para os rostos entusiasmados que me cercam, todos aglomerados sob a placa, sorrindo e apontando.

Somos os primeiros a morrer.

As Elites que competem não são escolhidas, mas sim, nascidas em seu destino. São sempre aqueles de sangue real ou de status mais elevado no nível de poder da Elite. Examino a multidão, os olhos saltando sobre os rostos sorridentes dos mundanos que só são jogados nas Provas para entretenimento depois que o rei nos permite escolher quem desejamos que nos represente.

Apesar do rei insistir que a morte de colegas Elites na arena é desaprovada, não é segredo que a própria Morte é uma competidora nas Provas. Adolescentes moribundos aparentemente tornam as coisas excepcionalmente mais divertidas, e se as Elites não matarem, o rei puxará os pauzinhos na arena.

Atravesso a multidão reunida sob a placa, todas conversando sobre quem representará Loot e o que fariam com o prêmio em dinheiro.

Houve muito poucas vezes na minha vida em que não invejei as Elites. Mas ao pensar em competir nas Provas de Purificação, nunca estive mais grata por não ser nada nem ninguém importante.

Completamente comum.

Capítulo Quatro



Paedyn

— VOCÊ VAI COMER ISSO? — Adena está olhando para a laranja meio comida em meu colo enquanto eu sento encostada no muro do beco atrás do Forte.

— Pode pegar. — As palavras mal escapam dos meus lábios antes que ela se incline, seu cabelo encaracolado balançando na brisa suave enquanto ela pega a fruta e coloca uma fatia na boca.

O Imperial com o tapa impressionante me deixou o lindo presente de um lábio inferior partido, dificultando a ingestão de comida. — Como você se saiu hoje? — Pergunto enquanto giro sem pensar a grossa aliança prateada em meu polegar.

O aço frio do anel do meu pai morde minha pele, me confortando como sempre fez. Suponho que também teria o da minha mãe se não tivesse sido enterrado com ela quando eu era bebê. Doença, meu pai dissera. Afinal, ela era uma Comum, e todos nós somos aparentemente humanos mais fracos e doentes.

Mas ele se casou com ela de qualquer maneira. Amei ela apesar disso. Protegi ela. Mantive o segredo dela assim como ele fez comigo.

Adena suspira, e sou trazida de volta ao presente quando ela diz entre mordidas de laranja: — Não posso reclamar. Ah, vendi aquele top em que estava trabalhando há muito tempo! Por três xelins inteiros também! Você sabe, aquele verde com decote profundo e bainha recortada? — Dou a ela o mesmo olhar confuso que sempre faço quando ela começa a falar sua linguagem de costureira. — Argh, você não tem jeito quando se trata de roupas, Pae.

Olho para minha regata surrada sob o colete verde-oliva que está por cima dela. Tudo mudou no dia em que Adena me fez o colete com bolso, sabendo que me serviria bem como ladra. Esse foi o dia em que uma aliança difícil começou a florescer em uma amizade fácil.

Adena bate um dedo nos lábios, pensando em algo. — Aposto que se você estivesse com a roupa certa, todos estariam ocupados demais olhando para você para perceber que você os está roubando.

Eu bufo. — Prefiro que as pessoas não fiquem olhando enquanto estou cometendo crimes. Isso parece um pouco contraproducente.

Pego minha adaga e a coloco na bota, passando os dedos pelo cabo prateado giratório. É a única outra lembrança que tenho do meu pai além do anel – dos quais nunca fico sem. Estou admirando a intrincada alça pela centésima vez antes de estremecer quando de repente me lembro de algo. — Tenha cuidado hoje, A. Há menos guardas do que o normal por algum motivo, e eu não gosto disso. Apenas... — Eu me esforço para encontrar as palavras certas. — Apenas fique atenta a qualquer coisa fora do comum, ok?

Ela parece um pouco perturbada com a notícia, mas o estreitamento de seus olhos castanhos é divertido. — Essa é a sua magia psíquica avisando sobre um perigo potencial?

— Sim, definitivamente precisamos trabalhar em sua sutileza, — suspiro, balançando a cabeça para ela com um sorriso.

Eu me levanto para sair, gemendo enquanto estico meu corpo dolorido. Adena reúne suas roupas, todas variando em tamanhos e cores diferentes, e relutantemente se despede antes de voltar ao Loot na esperança de vender mais itens antes do pôr do sol.

Saio para a rua movimentada agora banhada pelo sol do fim da tarde e sigo em direção ao burburinho do mercado. Eu começo fácil. Primeiro, roubar algumas frutas e tecidos antes de ficar entediada e passar para itens maiores e melhores. Carteiras, relógios e xelins são o que realmente procuro esta noite.

Vejo um homem com cabelo azul escuro e um relógio brilhante adornando seu pulso grosso antes de decidir rapidamente torná-lo meu próximo alvo. Olhando pela rua movimentada, vejo alguns outros com cabelos de cores anormais pontilhando a multidão, evidência de que uma praga que altera a genética traz mais vantagens do que apenas habilidades sobrenaturais. Embora, mesmo com o cabelo prateado no topo da minha cabeça, eu ainda não fosse dotado de um poder para acompanhá-lo.

Demoro muito para escapar do homem de cabelo azul depois de roubar seu relógio. Não porque ele me pegou, não, mas porque ele não parava *de falar comigo*. Depois de tropeçar nele e tirar maliciosamente o acessório de seu pulso, ficou claro que o pobre homem estava morrendo de vontade de espalhar fofoca com qualquer um que estivesse disposto a sorrir e acenar para ele.

Estou quase pronta para parar cedo e considerar que foi uma noite decentemente bem-sucedida quando uma figura alta, completamente vestida de preto, entra no Loot. Ele caminha com um ar de confiança, tão em desacordo com os passos que os sem-teto adaptaram na esperança de atrair o mínimo de atenção possível para si mesmos.

Mas este homem... este homem está tornando difícil desviar o olhar.

Ele usa uma camisa preta larga de botões, enfiada em calças pretas justas e separada por um cinto simples. Sua camisa de colarinho está meio desabotoada, aberta pela brisa

para expor parte de seu peito bronzeado. Seus traços faciais ficam confusos àquela distância, mas seu cabelo preto cai sobre a testa em ondas bagunçadas. Com as mãos enterradas nos bolsos, seus passos longos o levam mais fundo no mercado, parecendo tranquilo e controlado.

Ele não é daqui. Posso ver isso na maneira como ele olha ao redor, como se estivesse absorvendo tudo. É provável que ele seja um Ofensivo, uma Elite de status mais elevado ou sangue nobre que raramente põe os pés nas favelas. Posso ver pela maneira como ele anda, pelo brilho dos seus sapatos, que este homem estará carregando muito mais do que alguns míseros xelins. Aperto os olhos, tentando ter uma ideia de onde ele pode ter colocado suas pratas.

Lá.

Balançando em sua perna, presa ao cinto por uma alça, está pendurada uma bolsa que muitos Ilyanos usam para carregar trocos. Especificamente, os confiantes, visto que uma bolsa desprotegida é uma presa fácil para um ladrão. Escolhas fáceis para mim.

Meu último e azarado alvo desta noite.

É uma coisa boa que ele seja tão chamativo, ou eu o teria perdido no meio do enxame de pessoas. Observo mulheres de todas as idades esticando o pescoço quando ele passa, tentando ter uma visão melhor do belo estranho antes que ele se misture à massa de pessoas. Eu empurro a multidão e o sigo até que ele sai do caminho principal entre as carroças dos comerciantes e entra em uma rua menos movimentada. Sacudo meu cabelo, deixando as longas ondas caírem sobre meus ombros enquanto desço uma rua, indo para interrompê-lo. O beco por onde ando em ziguezague me leva ao mesmo beco por onde o estranho passou – e agora estou indo direto para ele.

Mantenho meus olhos grudados no chão quando colidimos.

Seguindo minha rotina habitual, me deixei tropeçar para trás devido ao impacto, lutando contra todos os instintos que gritavam para eu firmar os pés e permanecer firme. Braços fortes envolvem minha cintura para me impedir de cair, deixando sua bolsa de dinheiro aberta e exposta a vilões como eu. Agarro a frente de sua camisa, agindo como se tivesse feito isso como um reflexo para manter o equilíbrio. Sério, eu só precisava de um motivo para ter minhas mãos tão perto do corpo dele sem parecer suspeita.

Os garotos famintos de Loot não se sentem assim.

O pensamento se dissolve quando coloco a mão na bolsa em seu quadril, meus dedos deduzindo que há pelo menos vinte xelins pendurados casualmente no cinto deste homem. Ele deve estar muito confiante em suas habilidades para andar por aí com tanto... bem, saque.

Estou tentado a arrancar a bolsa e correr, sabendo muito bem que ele me alcançaria em três passos longos. Mas, sem saber quando vou literalmente me deparar com uma oportunidade como essa novamente, me recuso a sair sem pelo menos metade do que está em sua bolsa.

Mas ele sentirá a diferença de peso se eu pegar metade.

Minha mente está girando.

Então distraia-o.

Com toda essa conspiração acontecendo em questão de momentos, eu rápida e silenciosamente agarro metade das moedas em meu punho antes de puxar cuidadosamente minha mão para fora da bolsa enquanto me firmo contra ele. Então, lentamente tiro meu olhar de seu peito parcialmente exposto, onde a borda de uma tatuagem escura aparece por trás das dobras de sua camisa.

Meus olhos finalmente encontram os dele.

É como olhar para uma tempestade.

Seus olhos são da cor das nuvens de tempestade caindo sobre Ilya, da fumaça que sai das chaminés acima, das moedas de prata roubadas cerradas em meu punho. Seus cílios longos e pretos contrastam totalmente com seus olhos cinzentos e metálicos, agora varrendo meu rosto. Choque levanta suas sobrancelhas escuras, aperta sua mandíbula afiada, enfatiza suas maçãs do rosto fortes.

Ficamos ali, olhando um para o outro.

De repente, estou consciente de cada lugar em que ele está me tocando. Seus braços fortes ainda estão em volta da minha cintura e meio que me sustentam, embora seu olhar pareça uma carícia por si só. Limpo a garganta enquanto removo meu punho fechado de sua camisa, revelando um tecido fino e amassado por baixo antes de sair de seu aperto.

Seus lábios se contraem, me permitindo vislumbrar uma covinha em sua bochecha direita. Ele lentamente desliza os braços da minha cintura, me soltando enquanto suas mãos seguram a barra áspera do meu colete.

Calos. Ele é um lutador.

Não que eu precise ser psíquica para descobrir isso, visto que seu físico torna esse fato óbvio. Com o pensamento de que ele é um lutador treinado e tem o dobro do meu tamanho em mente, eu despreocupadamente coloco minhas mãos atrás de mim para esconder a evidência do meu crime. As moedas deslizam silenciosamente para meu bolso de trás enquanto respiro fundo, tentando me recompor.

— Você sempre cai nos braços de estranhos bonitos ou isso é uma coisa nova para você? — Sua pergunta mostra aquela covinha novamente quando um sorriso se instala em seu rosto, revelando dentes brancos e retos.

— Não, apenas os arrogantes. — Eu sorrio friamente enquanto ele olha para mim como se eu fosse um quebra-cabeça que ele está tentando decifrar, com diversão estampada em seu rosto.

Distraia-o.

Ele ri e passa a mão pelo cabelo ébano, apenas conseguindo deixar as ondas mais bagunçadas. Olhos cinzentos procuram os meus enquanto ele diz: — Bem, parece que causei uma boa primeira impressão então.

— Sim — digo lentamente, — embora ainda não tenha decidido se foi boa ou ruim.

Mantenha a mente dele longe do dinheiro e do foco em você.

Ele encolhe os ombros, enfiando as mãos nos bolsos – a imagem perfeita de indiferença fria. — Eu peguei você, não foi?

Agora é minha vez de rir. Ele inclina a cabeça ligeiramente para o lado enquanto olha para mim, o canto da boca inclinado para cima. Inclinando-se, ele acrescenta: — Talvez você devesse considerar esse detalhe antes de decidir, querida.

Pragas, um menino bonito com palavras bonitas.

Perigoso.

Seus olhos esfumaçados percorrem meu rosto, mais uma vez olhando para mim como se eu fosse um enigma intrigante. Me recuso a ficar inquieta sob seu olhar enquanto dou um passo para trás em direção à rua movimentada.

— Vou levar isso em consideração, *querido*. — Pronuncio a última palavra, imitando-o com um sorriso. Seu sorriso se alarga, exibindo covinhas em ambas as bochechas. Eu me forço a ignorá-los e acrescento: — E obrigado por me salvar de comer paralelepípedos. Parece que estou amaldiçoada pela falta de jeito.

— Bem, sua falta de jeito me encontrou, então eu dificilmente chamaria isso de maldição — ele diz simplesmente, agora encostado na parede, com as mãos nos bolsos. Eu sorrio, incapaz de suprimir o revirar de olhos que o acompanha. Vislumbro seu sorriso uma última vez antes de girar nos calcanhares e voltar para Beco Loot, desaparecendo na multidão.

Minha mente está girando, repassando as observações que fiz dele enquanto desço o Loot. As cicatrizes em seus braços e os nós dos dedos em carne viva de uma briga recente foram os que mais me intrigaram, e é quase uma pena que não vou descobrir a história que os acompanha. A ideia de uma Elite Ofensiva com cicatrizes quase traz um sorriso aos meus lábios. Prova de fraqueza.

Pego as moedas no bolso de trás, deixando-as tilintar na palma da minha mão com um sorriso triunfante.

Duvido que ele sinta falta disso.

Capítulo Cinco



Kai

A CAMISA DE COLARINHO que uso é áspera e desconfortável, me fazendo de repente sentir falta dos dias em que eu era jovem e era socialmente aceitável correr seminu.

Porém, isso nunca me impediu de fazer isso agora.

Depois de calçar um dos meus únicos pares de sapatos que não estão cobertos de lama, vou até a porta. Passo por prateleiras bagunçadas que ameaçam tombar com o peso de muitos livros, minha mesa que está atualmente coberta de documentos que estou evitando e a cama de dossel que se projeta da parede, a causa de várias topadas nos dedos dos pés e incessantes palavrões. Suspirando, fecho a porta do conforto do meu quarto, desejando desesperadamente poder mergulhar na cama e dormir até o amanhecer. Infelizmente, o dever chama e é melhor não o deixar esperando.

Enfio as mãos nos bolsos enquanto caminho pelos corredores brancos que levam à sala do trono. A luz do sol do fim da tarde entra pelas janelas que revestem o corredor, fazendo com que as pinturas ornamentadas nas paredes brilhem na luz dourada. Muito cedo para o meu gosto, viro a esquina e aceno para os guardas do lado de fora da sala do trono antes de abrir as portas pesadas.

— Ah, Kai. Já estava na hora. — A voz profunda do pai ecoa pela vasta sala do trono. Suas paredes são decoradas com janelas grandes e largas cobertas de seda verde escura – a cor do reino de Ilya – acompanhadas por molduras esculpidas subindo pelas paredes até o teto. Atualmente, uma longa mesa de madeira fica no meio do piso de mármore polido onde o rei ocupa a cadeira da cabeceira.

— Bom, você está vestindo uma camisa. — Ele suspira, mas vejo um leve sorriso em seus olhos. — Pensei em dizer ao servo para acrescentar esse detalhe à mensagem que ele lhe deu.

— Ah, não se preocupe, pai, não cometerei o erro de aparecer na sala do trono sem camisa. De novo. — Eu memorizo a sugestão de um sorriso em seu rosto, sem saber a próxima vez que o verei. Da próxima vez, vou merecê-lo.

Ele é um homem brutal, um musculoso que é forte tanto física quanto mentalmente. Ele é severo, teimoso e obstinado, então vê-lo oferecer até mesmo o mais leve dos sorrisos me faz retribuir involuntariamente um leve sorriso. Nossa dinâmica juntos sempre foi *difícil*, para dizer o mínimo, mas em momentos como esse é mais fácil ignorar nosso passado desagradável.

Ele limpa a garganta junto com qualquer emoção em seu rosto.

E aí está o pai com o qual estou tão acostumado.

— Tenho uma missão para você como futuro Executor.

— Eu vivo para servir — respondo categoricamente.

Eu vivo para matar.

Minha vida significa o fim da vida de outra pessoa.

Os tipos de *missões* para as quais os Executores são enviados são tudo menos heroicas. Tive dezenas ao longo dos anos, tudo parte do meu treinamento para me tornar o futuro carrasco, comandante de exércitos e braço direito do rei. Tudo, desde estratégias de batalha e execuções até interrogatórios e tortura, se enquadra na minha linha de trabalho como o esperado Executor.

Todos os vislumbres do meu futuro brilhante.

— Meus informantes sabem de uma família que abriga um Ordinário perto do Beco Loot — continua meu pai, parecendo um pouco entediado. — Preciso que você investigue e erradique o problema.

Erradicar é igual a executar.

Após a Purificação, quando os Ordinários foram banidos para os Escaldos para proteger Ilya de sua doença, o rei decretou que quaisquer Ordinários restantes encontrados no reino seriam executados. Há três décadas, ele lhes ofereceu uma chance de sobreviver se conseguissem cruzar as Terras Escaldadas e chegar às cidades de Dor e Tando, do outro lado, onde não sofreriam nenhum dano. Mas a misericórdia do rei durou apenas aquele dia da Purificação, e agora eu entrego a morte em seu nome.

— Claro — digo, passando a mão pelo cabelo e pelo queixo tenso. A ação não passa despercebida.

— Kai. — Ele olha para mim, quase *gentilmente*. Não via aquele olhar desde que era menino e, mesmo assim, era uma raridade reservada para as poucas vezes em que o agradei durante meu treinamento. — Ninguém inveja o trabalho do Executor. É brutal. É sangrento. Mas a Praga lhe deu um presente raro. Sua habilidade como Portador é muito poderosa e você servirá bem a este reino um dia. — Ele faz uma pausa antes de acrescentar: — Eu me certifiquei disso.

Ele realmente fez isso.

O treinamento tem sido toda a minha vida, todo o meu propósito. Em vez de ter uma única capacidade de manifestar e dominar, passei anos aprendendo como controlar dezenas. Mas eu aprimorei meu corpo tanto quanto minhas habilidades, me tornando uma arma. Como usar e matar com todas as armas à minha disposição está enraizado em meu cérebro – um reflexo que aperfeiçoei.

Mas não posso levar todo o crédito. Não, foi o rei que me fez o que sou hoje. O rei que assumiu a responsabilidade de ajudar no meu treinamento físico e mental. Depois de conhecer minhas fraquezas, ele garantiu que elas fossem erradicadas. E embora eu tenha aprendido a bloquear a maioria das lembranças do treinamento que sofri quando menino, não posso fazer nada para ignorar a imagem do rosto tranquilo de meu pai, combinada com as mesmas palavras assustadoras que ouvi durante toda a minha vida.

— *Se você não consegue suportar o sofrimento, você não está apto a distribuí-lo, Executor.*

Lutei em batalhas, iniciei interrogatórios e conduzi torturas enquanto Kitt participava de inúmeras reuniões, elaborava tratados e passava seus dias ao lado de um rei mais gentil do que aquele que conheço.

Seus dias consistiam em educação, aulas particulares e momentos muito mais agradáveis passados com o pai que ele tanto ama. Como herdeiro, Kitt sempre foi guardado, protegido, e até levá-lo para o pátio de treinamento comigo quando éramos meninos não foi pouca coisa.

Quando olho para o rei, seus olhos verdes já estão fixos em mim. Os olhos de Kitt. Depois que a primeira esposa de meu pai morreu ao dar à luz seu filho, ele se casou com a filha de um conselheiro de confiança. Não é de surpreender que ele rapidamente se apaixonou pelo carinho e bondade de minha mãe, por sua coragem e beleza. Me pareço com ela, com meus cabelos escuros e olhos claros, assim como Kitt parece com meu pai, ambos de olhos verdes e loiros.

Eu limpo minha cabeça, afastando os pensamentos do passado até a próxima vez me permitir pensar neles novamente. Minha voz está monótona quando finalmente pergunto: — Quando posso sair?

Essas palavras exatas cutucam uma memória, me lembrando de como fui ingênuo quando as perguntei antes da minha primeira missão. Sem saber que me tornaria um assassino naquele dia. Sem saber que veria um homem cair no chão em uma poça de seu próprio sangue.

— Ao amanhecer.



O amanhecer chegou cedo demais para o meu gosto e, antes que eu perceba, estou indo para os estábulos.

O grande celeiro branco projeta uma sombra ainda maior à luz do sol da manhã. Cada parede está repleta de baias onde os cavalos mordiscam feno, olhando para mim com curiosidade.

Meu olhar desliza sobre os dois Imperiais parados à minha esquerda, acompanhados por três cavalos selados para a jornada que temos pela frente. Eu cerro os dentes. O rei retirou dois guardas do rodízio no Beco Loot como medida de segurança, embora eu seja mais do que capaz de lidar com isso sozinho. Mas parece que, em uma única noite, meu pai de repente passou a cuidar do meu bem-estar. Demorou apenas dezenove anos e o fato de que agora sou valioso para ele.

Balanço a cabeça e monto no cavalo mais próximo de mim, engolindo meu orgulho o suficiente para admitir que é sensato que os Imperiais estejam comigo no caso de um banimento.

A viagem até Loot é longa e passamos o tempo em absoluto silêncio. As ruas lentamente se transformam em favelas à medida que avançamos na cidade, e eu podia sentir o cheiro do grande beco do mercado antes de chegar lá.

O cheiro familiar de peixe, fumaça e outros mistérios me dá as boas-vindas enquanto seguimos para o Loot. O eco dos cascos dos nossos cavalos batendo nos paralelepípedos irregulares repercute nas paredes das lojas decadentes que margeiam a rua. Alguns madrugadores saem do caminho, abrindo espaço para nós enquanto apontam e sussurram.

Viramos à esquerda por uma rua menor que se projeta do beco principal e nos dirigimos a um pequeno barraco de madeira. Desço do cavalo sem hesitação e coloco as rédeas na mão enluvada de um Imperial, deixando-o cuidar da segurança do animal.

Se eles precisam estar aqui, podem muito bem ser úteis para mim.

Caminho até a porta, tirando a mão do bolso para bater. Ouço um baque vindo de dentro, seguido pelo som de passos pesados antes que a porta se abra, rangendo nas dobradiças enferrujadas.

Um homem enorme e corpulento, com uma barba espessa e cabelos ainda mais grossos, encara a cena diante dele. Estou surpreso que ele consiga passar pelo batente da porta. Seus olhos azuis se arregalam sob as sobrancelhas espessas enquanto ele olha entre mim e os dois Imperiais que agora me flanqueiam.

— Príncipe Kai...? — O homem parece surpreso e confuso ao mesmo tempo. — Oi, er, que honra! — Sua voz falsamente alegre percorre a rua, provavelmente acordando seus vizinhos enquanto ele estende a mão para apertar a mão.

Seu aperto é firme e calejado, muito parecido com o meu. — Nathan, certo? — Ele acena com a cabeça e eu continuo: — Eu tinha algumas perguntas para fazer a você sobre um Ordinário encontrado aqui em Loot. Tenho certeza de que isso não é um problema. — Observo-o atentamente, procurando qualquer indicação de que ele sabe do que estou

falando. Nada. Seu rosto permanece totalmente inexpressivo. — Se importa se entrarmos? — Não é uma pergunta e ele sabe disso. Já estou com o pé na soleira antes que ele se afaste da porta.

A casa não é maior que meu quarto no palácio. De um lado da sala, pequenas camas estão unidas e alinhadas tortamente contra a parede. A cozinha fica na outra metade da sala, equipada com uma pia em ruínas, um balcão de madeira lascada e uma grande mesa cercada por dois meninos de olhos arregalados e uma mulher. Um grande tapete desbotado une os dois lados da sala, a única decoração e mancha de cor da casa.

Nathan limpa a garganta. — Esta é minha esposa, Layla. — Ela sorri calorosamente, seus dentes brancos contrastando com sua pele escura enquanto ela observa os Imperiais se mexendo atrás de mim.

— E estes são nossos meninos, Marcus e Cal. — Nathan aponta para cada um de seus filhos, nomeando-os. Marcus mantém os olhos fixos na mesa, sem ousar olhar para mim, enquanto seu irmão mais novo, Cal, está curioso demais para evitar que seus olhos se voltem para os meus.

Eu estendo a mão com meu poder, me certificando de que nenhum deles seja o Ordinário escondido à vista de todos. Minha habilidade de Portador é especialmente útil como Executor, tornando meu trabalho muito mais fácil e eficiente.

Nathan é um Músculo, e não estou nem um pouco surpreso, vendo que ele é uma montanha de homem. Posso sentir o poder de Layla como Curandeira borbulhando em meu sangue como champanhe, enquanto Marcus e Cal possuem poderes Mundanos - Marcus com a habilidade de detecção de mentiras de um Blefe, e Cal como um Intensificador com seus sentidos aguçados.

— Você sabe por que estou aqui, — digo friamente. — Você viu ou ouviu alguma coisa sobre um Ordinário escondido por aqui?

— Não, senhor, não temos. — É Layla quem diz isso, sua voz suave e firme.

Meus olhos percorrem a casa novamente, parando na pia. Tigelas ainda pegajosas de mingau estão empilhadas dentro dela, esperando para serem limpas.

Cinco.

Cinco tigelas quando só há quatro bocas para alimentar.

Interessante.

— Bem, então você não se importará se eu der uma olhada?

Mais uma vez, não é uma pergunta. Ando casualmente pela pequena casa, parando de vez em quando para examinar algo mais de perto. Sinto os olhos dos meus Imperiais e da família queimando minhas costas enquanto passo o tempo examinando a casa, com as mãos casualmente nos bolsos.

Nada parece fora do comum.

Estou prestes a considerar isso um beco sem saída e uma perda de tempo quando piso no meio do tapete estampado, agora desbotado por anos de pisoteamento. Um rangido

soa sob meus sapatos. Paro e mudo meu peso, ouvindo o som novamente. Com certeza, a madeira geme mais uma vez debaixo do tapete.

Interessante.

Embora o rosto de Nathan permaneça inexpressivo, o sangue foi drenado dele, deixando-o pálido como um fantasma. — Levantem o tapete — digo secamente aos guardas, sem tirar os olhos da família. E é aí que percebo uma emoção com a qual estou familiarizado, aquela que tende a acompanhar a minha presença.

Medo.

À medida que o tapete rola, vejo o contorno de um alçapão, misturando-se quase perfeitamente com o resto das tábuas de madeira sujas.

O baque. Foi isso que ouvi fechando quando estava lá fora.

Um soluço escapa de Layla quando me ajoelho e abro o alçapão, revelando um espaço escuro e apertado abaixo. Ali, enfiada num canto e abraçando os joelhos, está sentada uma menininha. Quando ela olha para mim, o fogo em seus olhos combina com o vermelho brilhante de seus longos cabelos.

Pragas, ela é tão jovem.

Ela não pode ter mais de oito anos, mas a menina não briga comigo quando me abaixo e a tiro da caixa úmida. Eu a coloquei no chão, onde ela me olha desafiadoramente, sem nenhum traço de medo em seu pequeno rosto salpicado de sardas.

Sinto qualquer tipo de poder vindo dela, só para ter certeza. Nada. Não há nada de extraordinário nessa garota — porque *ela é Ordinária*.

Soluços estrangulados começam a encher a sala.

— Não não não! — Os gritos trêmulos de Layla ecoam nas paredes. — Você não pode levá-la! Você não pode! Ela é minha filha, por favor! — Os Imperiais se interpõem entre mim e a família furiosa, mas eu passo por eles, irritado. Os meninos estão soluçando agora, abraçando as pernas da mãe, enquanto Nathan parece atordoado, lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto e pela barba emaranhada.

— Se acalme e me digam de onde diabos ela veio e há quanto tempo você a abriga. — Minha voz é baixa e severa, atravessando o caos. A garotinha que está diante de mim não se parece em nada com esta família, com suas sardas e cabelos ruivos flamejantes. Sem mencionar que Nathan e Layla são Elites, o que significa que os dois nunca poderiam produzir um Ordinário.

— Ela... ela está aqui há três anos. — A voz de Layla treme, soluços perturbando seu pequeno corpo. — Nós a encontramos nas ruas, então a acolhemos. Queríamos uma filha. Eu não poderia ter mais filhos... — ela para, enxugando o rosto. — Sou uma das poucas curandeiras nas favelas e ela parecia saudável e forte. Então, quando encontramos Abigail, nós... finalmente conseguimos ter uma menina.

Abigail.

Eu gostaria de não saber. Gostaria de não ter que adicionar outro nome à interminável lista daqueles infelizes o suficiente para cruzar meu caminho, infelizes o suficiente para cruzar o caminho do rei.

Eu suspiro.

Aí vem.

— Você conhece a lei. — Mais soluços sufocados enchem a sala, forçando-me a levantar a voz. — Por decreto do rei, todos os Ordinários serão executados. Quanto a qualquer um que abrigue os ditos Ordinários, eles serão banidos para as Terras Escaldadas...

Eu estava recitando as mesmas falas ensaiadas que já disse dezenas de vezes quando um corpo grande e sólido avança em minha direção. O olhar vazio que ele exibia há poucos momentos desapareceu há muito tempo, substituído por um ódio que contorce seu rosto de fúria. Nathan me acerta no meio e me joga contra a parede, tirando o ar dos meus pulmões enquanto bate a parte de trás da minha cabeça contra a madeira dura.

Isso vai matar como a Praga amanhã.

Eu ouço ao longe um grito saindo da garganta de Layla, junto com os passos pesados dos Imperiais enquanto eles correm para intervir. — Não! — Grito para eles, me esquivando de um soco direcionado ao meu nariz enquanto os guardas param, confusos. — Eu mesmo cuidarei dele.

Ele dá outro soco, este com a intenção de quebrar meu queixo. Eu me esquivo bem a tempo de ver seu punho acertar a parede de madeira onde meu rosto estava, fazendo lascas voarem quando suas mãos atravessam.

Meus instintos de luta assumem o controle e nem me preocupo em estender a mão para usar o poder de Nathan. Com o punho ainda enterrado na parede, passo por baixo do braço estendido e puxo seu pulso, torcendo o braço atrás das costas para pressioná-lo sob a omoplata esquerda. Ele grunhe de dor antes de chutar meu joelho com força. A dor queima minha perna quando ele se solta do meu aperto, erguendo seu punho sobrenaturalmente forte.

Ignorando a dor no joelho, deixo cair e movimento minha perna em um amplo arco, conectando-me com seus tornozelos e fazendo-o cair de costas. Então estou em cima dele, prendendo seus braços com os joelhos enquanto finalmente deixo sua força muscular subir à superfície, sabendo que não serei capaz de mantê-lo no chão sem usar seu próprio poder contra ele. Ele se debate, mostrando os dentes para mim.

— Cale a boca e me escute — eu ofego. — Podemos fazer isso da maneira mais fácil ou da maneira mais difícil. E pessoalmente, prefiro o caminho mais fácil.

— Ela é minha filha! — ele grita, com uma expressão de angústia em seus olhos enquanto tenta me arrancar dele.

— Bem, claramente, você não se importa com meus sentimentos, porque quer fazer isso da maneira mais difícil. — Suspiro, levanto meu punho para trás e o conecto com sua mandíbula. Sua cabeça vira para o lado, atordoando-o por tempo suficiente para me

deixar falar. — Se você não cooperar, nem mesmo sua esposa terá a capacidade de curar seu corpo quebrado quando eu terminar com você. Então, sugiro que você me agradeça por não ter matado você aqui mesmo na frente de sua família e faça exatamente o que eu digo.

Nathan fica imóvel embaixo de mim, a luta parecendo sumir de seus olhos. Eu mudo, me agachando ao lado dele para olhar para sua forma derrotada. — Agora, se levante antes que eu mude de ideia, — murmuro antes de ficar de pé. Quando ele não se mexe, acrescento. — A paciência é tão estranha para mim quanto a misericórdia, então não abusaria da sua sorte.

Com isso, ele se levanta e fica na frente de sua família reunida, bloqueando-os de mim. Protegendo-os de um monstro. Eu mantenho meus olhos fixos na visão deles, absorvendo as lágrimas escorrendo por suas bochechas e os soluços escapando de seus lábios enquanto eu grito ordens para os Imperiais.

Eles se apressam em obedecer às minhas ordens, amarrando os prisioneiros enquanto eu acrescento casualmente: — Se mantenha nas ruas laterais. Claramente, estou de bom humor hoje. Sentindo misericordioso, até — eu solto as palavras. — Então prefiro não ter público.

Os imperiais concordam com um grunhido, sorrindo levemente com a minha ideia de *misericórdia*. Em questão de minutos, Nathan, Layla e seus dois meninos estão amarrados e arrastando os pés atrás dos cavalos. Eles giram a cabeça, o ódio queimando em seus olhares enquanto olham Abigail amarrada e firmemente segura em minhas mãos.

Eles sabem o que acontece agora. Minha reputação é bastante conhecida, histórias do monstro assassino murmuradas pelas ruas.

Esta é a parte em que mato o Ordinário enquanto os Imperiais escoltam os criminosos até os Escaldos, onde provavelmente a seguirão até a morte. Com seu calor escaldante durante o dia e temperaturas congelantes à noite, não é tarefa fácil chegar ao outro lado do deserto, onde ficam as cidades de Dor e Tando. Sem mencionar que acabei de condenar esta família a tentar fazer exatamente isso sem suprimentos, sem comida, sem água e sem esperança.

É uma morte muito mais dolorosa do que a filha comum sofrerá.

— Por favor! Estou te implorando, por favor, poupe-a! — Layla está gritando comigo entre soluços enquanto se arrasta pelos paralelepípedos atrás dos cavalos. — Ela é apenas uma criança...

Um Imperial estende a mão para trás de onde está sentado em seu cavalo e bate no rosto dela, interrompendo seu apelo. — Cale a boca, *Favelada*.

Tiro os olhos da cena, afastando a garota e descendo a rua. Suas débeis tentativas de escapar do meu alcance seriam cômicas se não fosse pela situação sem humor em que nos encontramos.

Ela está estranhamente quieta para uma criança sendo arrastada para a morte. A maioria dos Ordinários grita, implora e negocia por suas vidas. Mas sua luta é silenciosa,

seu olhar penetrante. Mantenho meus olhos fixos nos becos vazios pelos quais passamos, me perguntando o quão familiarizado alguém deve estar em esconder tudo o que é para esconder suas emoções mesmo diante da morte.

Eu nos conduzo por um beco sombrio, ainda não tocado pela luz fraca do sol que começa a pintar o reino de dourado. A Ordinária — *Abigail* — se contorce, tentando se livrar do meu aperto pela décima vez. Olho para ela, a diversão cobrindo minha voz enquanto digo: — Você é uma coisinha persistente, não é?

Ela bufa, fazendo com que seu cabelo flamejante brilhe em volta de seu rosto antes de dar um chute forte na minha canela. Eu teria ficado impressionado com a forma dela se não fosse pela minha crescente frustração. Eu me agacho na frente dela para que seus olhos verdes raivosos possam encontrar os meus. Só quando ela levanta a perna para balançá-la para mim mais uma vez é que digo baixinho: — Eu não faria isso se fosse você.

Ela pisca, e bem quando penso que ela atendeu ao meu aviso, ela pisa no meu pé antes de tentar puxar o braço do meu aperto, sem sorte. E então ela está gritando, se debatendo na tentativa de fugir de mim.

— Tudo bem, bem, não podemos permitir isso. — Tiro uma faca da bota e murmuro: — Você não vai facilitar isso para mim.

Ao ver a adaga, ela engole em seco, subitamente imóvel. — Basta colocar isso no meu coração — ela deixa escapar com os olhos fixos na faca, a voz delicada como só uma criança pode ser. — Ouvi mamãe dizer que é mais rápido assim.

— Ela disse isso? — Eu pergunto baixinho. — Existem outras maneiras rápidas também, você sabe.

E eu conheço cada um deles.

Eu a observo estremecer quando trago a lâmina para mais perto dela, vejo seus olhos se arregalarem quando ela finalmente se permite sentir o terror que está tentando desesperadamente esconder. Então ela respira fundo, o que soa como algo semelhante a aceitação, antes de fechar os olhos contra o rosto de um monstro à sua frente.

A adaga corta, cortando facilmente.

A garota...

Abigail.

...respira fundo e trêmulo.

Depois de um longo momento, um olho verde lacrimejante se abre. Ela pisca quando as amarras escorregam de seus pulsos machucados e caem a seus pés. Seu olhar salta de seu coração ileso para meu rosto antes de pousar na adaga em minha mão. — Você não vai colocar isso no meu coração?

Meus lábios se contraem. — Ouça com atenção, *Abigail*. Cortei suas amarras, então agora você tem que me fazer um favor em troca. Preciso que você fique quieta e pare de lutar. — Examino seu rosto antes de acrescentar: — Entendido?

Não espero por uma resposta antes de mais uma vez começar a nos conduzir pelas ruas e becos. Ela deve ter me entendido muito bem porque agora anda rigidamente em silêncio, sem fazer nenhum movimento para se libertar do meu aperto.

Quando os Escaldos aparecem, o mesmo acontece com os dois Imperiais parados na borda dela. Eles não prestam atenção à família que deveriam estar observando, indo para o deserto, agora figuras borradas pontilhando a areia. Espio minha cabeça por trás da parede de um beco, observando enquanto os Imperiais conversam preguiçosamente. Em pouco tempo, eles estão encolhendo os ombros e girando nos calcanhares para voltar à rua.

Típico.

Eu contava com a previsível preguiça e o fracasso dos guardas em terminar as tarefas. E eu não queria que a família banida desfilasse pelas ruas como é costume fazer, porque então eu teria uma multidão para testemunhar minha traição.

Depois que eles passam por nós, saímos para a rua e seguimos para a areia. A família está muito à frente e, como também estou com preguiça, estendo a mão para agarrar uma das habilidades Flash do Imperial. Ele logo estará fora do meu alcance, então corro para pegar a garota e corro para o deserto.

Quase chegamos à família quando a distância fez com que a habilidade do Flash me escapasse. Nathan se assusta com o som de nós atrás dele e gira, com os olhos arregalados quando eles pousam em Abigail em meus braços.

Layla está correndo em nossa direção e tem a menina nos braços em questão de instantes com toda a família cercando os dois. Eles soltam quando me afasto, os pés se mexendo na areia escaldante que começou a escorrer pelos meus sapatos.

E então eles se voltam para mim, os olhos queimando mais do que o sol batendo sobre nós. Nathan só me oferece uma palavra, baixa e cheia de ódio. — Por que?

Tiro minha adaga e corto as amarras em torno de seus pulsos em um movimento rápido, encontrando seu olhar enquanto digo: — Eu não mato crianças.

Hipócrita.

Como se não fosse exatamente isso que estou fazendo. Na verdade, estou apenas prolongando o inevitável. Mas pelo menos todos ficarão juntos no final – uma zombaria de misericórdia que só concedo às crianças.

Desço a fila de prisioneiros atordoados, libertando suas mãos amarradas. Olho nos olhos de cada um deles, a maioria ainda brilhando de lágrimas, antes de me virar para a garotinha. A comum.

Abigail.

Ando em direção a ela lentamente e me ajoelho, afundando profundamente na areia quente para que fiquemos cara a cara. Embora ela não diga nada, seus olhos falam muito. Ela é apenas uma criança, mas vejo uma quantidade devastadora de determinação por trás de seu olhar.

Talvez você não precise de poderes para ser poderoso.

Enfio a mão no bolso e tiro um pequeno canivete de dentro. Seu cabo branco tem gravados redemoinhos dourados, mas sua pequena lâmina é afiada. Eu entrego para ela.

— Toda garota merece algo tão bonito e mortal quanto ela — digo, incentivando-a a pegar a faca. Ela me olha com cansaço antes de esticar a mão pequena para arrancá-lo da minha palma. — Use-o com sabedoria.

Passo a mão pelo cabelo enquanto me levanto com um suspiro. — De acordo com nossas leis e por decreto do Rei Edric, eu, por meio deste, bano você do Reino de Ilya por seus atos de traição.

Com isso, observo Nathan colocar o braço em volta da esposa, que por sua vez estende o braço para os filhos se aconchegarem.

Eles se transformam como um só.

E eu observo enquanto eles caminham para o seu destino.

Capítulo Seis



Kai

APESAR DO MEU JOELHO INCHADO gritar em protesto, me forço a andar uniformemente. Quando voltei para o Beco Loot, o final da tarde havia iluminado a rua com um brilho quente. Sempre gostei daqui. Não há nada de majestoso nas favelas de Ilya e, ainda assim, é revigorante de uma forma que um palácio abafado nunca poderia ser.

Meus olhos varrem de um lado para o outro enquanto eu ando em meio à multidão de pessoas negociando, xingando e fazendo compras. Me permito um momento para apreciar as paisagens e os cheiros de Loot – nenhum dos quais muito agradável. Tudo aqui embaixo é monótono, sem cor. As bandeiras, a comida, as pessoas. Ao meio-dia, a rua sempre cheira a corpos suados e comida questionável.

Mas apesar de tudo, Loot está cheio de *vida*.

A multidão me empurra e puxa em diferentes direções como uma corrente humana, e eu luto para escapar da onda de gente. Finalmente consigo me libertar e seguir por um beco menor e menos movimentado, onde moradores de rua se agacham contra as paredes, alguns implorando por dinheiro, enquanto outros usam seus poderes para se divertir. Embora as favelas sejam principalmente o lar dos mundanos, vejo ocasionalmente a Elite Defensiva espalhada entre eles. O brilho roxo dos campos de força que engolfam alguns chamam minha atenção, bem como um Cintilante manipulando a luz ao seu redor em um feixe rápido, ocupando a si mesmo e a um gato de rua.

Continuo andando enquanto olho em volta, sem prestar atenção ao caminho à minha frente.

E, aparentemente, nem a pessoa que bate no meu peito com um grunhido.

Instintivamente, estendo a mão para firmar o indivíduo antes que ele caia com o impacto, meus braços envolvendo sua cintura. A cintura *dela*. O corpo que estou segurando sem dúvida pertence a uma mulher, embora a massa de longos cabelos prateados roçando meus braços seja prova suficiente.

Ela é pequena, mas forte, mais magra que a maioria das garotas magricelas das favelas. Posso sentir isso na curva de sua cintura, onde minha mão se ajusta confortavelmente, embora seja evidente que a desnutrição tirou dela a maior parte dos músculos que ela evidentemente já teve.

Sua palma está pressionada em meu peito, onde um anel grosso abraça seu polegar, e depois de alguns segundos estudando-a enquanto ela tenta se firmar, ela respira fundo antes de encontrar meu olhar.

É como se afogar no oceano.

Seus olhos são da cor do canto mais profundo do Mar Raso, um céu claro que começa a cair na noite, a sombra sutil de um não-me-esqueças. E como a chama mais quente, seus olhos são azuis e cheios de fogo. Suas maçãs do rosto salientes levam a sobrancelhas escuras igualmente fortes, agora ligeiramente levantadas enquanto ela me observa.

Seus olhos oceânicos se arregalam, e vejo um leve rubor subir às suas bochechas quando ela percebe o quão perto ainda a estou segurando contra mim. Ela tira a mão do meu peito e, como o cavalheiro que sou, deslizo minhas mãos de sua cintura com um sorriso puxando meus lábios.

— Você sempre cai nos braços de estranhos bonitos ou isso é uma coisa nova para você? — Eu digo, observando um sorriso que poderia rivalizar com o meu levantando seus lábios, apesar do inferior estar aberto.

Interessante.

— Não — ela responde, com sarcasmo escorrendo de cada palavra, — apenas os arrogantes. — Ela se mantém com uma certa confiança que me diz que houve um tempo em que ela não o fez. E assim, de repente, fico irritantemente intrigado.

Ela claramente não tem ideia de quem eu sou. Perfeito.

Eu rio de seu comentário e passo a mão pelo meu cabelo, fazendo pouco para domá-lo. Ela me observa de perto, intensamente, parecendo estar tão interessada em mim quanto eu estou nela.

Eu me afogo em seus olhos azuis. Cada vez que nossos olhares se encontram, é como o gelo encontrando o fogo mais quente, como uma névoa cinzenta subindo no oceano azul profundo. Desvio o olhar brevemente antes de dizer: — Bem, parece que causei uma boa primeira impressão.

— Sim, embora ainda não tenha decidido se foi boa ou ruim. — Seus lábios se contraem em um leve sorriso, do tipo que faz a cabeça de um homem virar só para ter outro vislumbre dele, na esperança de que fosse para ele. E esse gesto pequeno e preciso por si só já me diz que não sou o primeiro em que ela pratica isso.

Minhas mãos vão para os bolsos e encolho os ombros com indiferença enquanto me encosto na parede suja do beco. — Eu peguei você, não foi?

Ela ri, o som quente, mas agudo. Brincalhão, mas dolorido, como se a felicidade não fosse habitual para ela. Sua cabeça se inclina ligeiramente para trás, ondas prateadas

caindo quase até sua cintura enquanto ela olha para mim, os olhos enrugados de tanto rir.

Eu me inclino um pouco, ousando diminuir um pouco a distância entre nós. — Talvez você devesse considerar esse detalhe antes de decidir, querida.

E com isso, de repente fico curioso, de repente me perguntando que poder ela possui. Então eu busco a habilidade dela com a minha.

Nada. Eu não sinto nada.

Eu estudo seu rosto enquanto tento sentir seu poder repetidas vezes. Normalmente, esta seria a parte em que eu jogaria a garota por cima do ombro e a levaria para as masmorras para ser examinada mais detalhadamente, ou simplesmente a mataria no local devido à mera suspeita de que ela fosse uma Comum.

E ainda assim, eu não me movo.

Você está cansado. Ferido. Pode ser um erro.

Antes que eu tenha tempo de decidir seu destino, ela dá um passo para trás em direção ao beco lotado. — Vou levar isso em consideração, *querido*. — Ela me dá um pequeno sorriso, sustentando meu olhar enquanto continua se afastando. — E obrigado por me salvar de comer paralelepípedos. Parece que estou amaldiçoado pela falta de jeito.

— Bem, sua falta de jeito me encontrou, então dificilmente chamaria isso de maldição. — Meu sorriso só aumenta quando ela revira os olhos para mim antes de girar nos calcanhares e voltar em direção ao Loot. Eu finalmente me permito passar meus olhos sobre ela, observando as calças pretas justas e o colete verde-oliva atualmente coberto por cabelos prateados. Nada no modo como ela anda me dá a impressão de que ela dorme na rua, embora suas roupas esfarrapadas e seu lábio inferior machucado me digam o contrário.

Passo a mão pelo rosto, percebendo que estou olhando para ela há muito tempo. Então, me viro e começo a seguir por outro pequeno beco, agora silencioso sob a luz do sol poente, meus pensamentos ocupados com o fato de que posso ter acabado de deixar uma Ordinária andar livre.

Mas não estou distraído o suficiente para não perceber as quatro grandes sombras que se erguem na parede do beco ao meu lado. — Escute — diz uma voz rouca pertencente a um dos homens atrás de mim. — Tudo o que queremos é aquela linda bolsa de moedas no seu cinto. Entregue-a e ninguém precisa se machucar.

Solto um suspiro, pressionando as palmas das mãos nos olhos.

Este dia está cada vez melhor.

E é aí que eu sinto isso.

Com minha atenção finalmente voltada para o porta-moedas ao meu lado, de repente percebo como ele parece mais leve do que antes...

Antes dela.

Por que aquela pequena...

Uma sombra se move na parede, cambaleando em minha direção. Eu giro, me esquivando do soco do homem antes de acertar um em seu estômago. Com um grunhido, ele se dobra, tossindo enquanto eu observo os outros.

Dois Músculos, um Ardente e um Escalador.

Apenas as elites defensivas e ofensivas mais desesperadas encontram o caminho para as favelas para derrotar os mendigos pelas poucas moedas que possuem. Com isso em mente, deixei o poder do Ardente penetrar em mim, deixei as chamas passarem pelos meus punhos.

Outro Músculo vem me atacar com um sorriso.

Eles são sempre tão arrogantes. E isso vindo de mim.

Eu me agacho antes que ele colida comigo, seu impulso o faz rolar sobre minhas costas e cair com força no paralelepípedo. Meu punho flamejante atinge sua mandíbula e o fedor nauseante de carne queimada arde em meu nariz.

Olho para cima e vejo o Escalador escalando a parede, com a intenção de cair em cima de mim e prender meu corpo no chão. Conforme ele salta de onde se agarra aos tijolos, eu deixo cair o poder do Ardente e enfrento o do Músculo. Meu punho agora sobrenaturalmente forte encontra o estômago do Escalador no ar, e ele é jogado para trás contra a parede antes de cair no chão com um baque surdo.

O Ardente vem em minha direção, sua boca curvada em um rosnado.

Ele lança uma bola de fogo em minha direção e eu salto para o lado para evitá-la, mas não rápido o suficiente. Amaldiçoo de todas as formas enquanto o fogo queima a parte externa do meu bíceps, queimando minha carne e me retardando com a dor.

Minha mente está correndo quase tão rápido quanto meu coração. Não posso chegar perto dele quando ele está me forçando a jogar na defesa e desviar de seu fogo, mas sei que se começar a atirar de volta, com certeza vamos queimar uma rua.

Não estou com disposição para isso.

Eu deixei o poder do Escalador literalmente rastejar para a superfície antes de agarrá-lo. Desviando das bolas de fogo enquanto ando, corro pela parede do beco e ao longo do prédio até ficar paralela a ele. Em um movimento rápido, eu salto da parede, derrubando-o no chão antes de rapidamente trocar de poder para levantar um punho flamejante em seu rosto.

— V-você é o Príncipe Kai, — ele gagueja. — O... o futuro Executor. — Estando tão perto, ele finalmente reconheceu a mim e minha habilidade, agora claramente arrependido de sua decisão de atacar o príncipe.

— Infelizmente para você, eu sou. — Eu ergo meu punho em chamas e...

Uma dor penetrante corta meu crânio como uma faca cega.

A energia do Ardente desaparece e não consigo fazer nada além de agarrar minha cabeça latejante, ofegante de dor. Eu me familiarizei muito com a tortura ao longo dos anos, mas isso é diferente de tudo que já suportei.

Através da névoa de agonia que nubla minha visão, vejo uma figura alta entrando no beco. Sua mão está levantada em minha direção, o rosto sombrio, os lábios finos puxados para baixo em uma carranca.

Silenciador.

Impossível.

Meus pensamentos se dispersam, não deixando nada além da dor para ponderar.

O Silenciador sufoca meu poder. Me sufoca. Eles podem fazer mais do que apenas tirar suas habilidades, tornando-o nada mais do que um Ordinário. Ele está me incapacitando. Minha mente, minha habilidade, meu corpo.

Minha visão fica embaçada, manchas nadando diante dos meus olhos.

Lute.

Não posso. Eu vou desmaiar. Morrer. Ambos. E não há nada que eu possa fazer para impedir isso.

Lute. Isso.

Caio no chão, minha cabeça batendo nas pedras.

Se o pai pudesse me ver agora...

Estou desaparecendo rapidamente. Mesmo com todo o meu treinamento, nunca me senti tão fraco, tão impotente, tão fora de controle. Dou uma última olhada no homem que está me privando de forças. Eu não tinha percebido que havíamos atraído uma pequena multidão até ver rostos nadando em minha visão.

Eles não têm ideia de quem eu sou.

Um público desavisado para me ver mergulhar na escuridão.

Ou pior, talvez eles saibam quem eu sou. Talvez eles estejam comemorando ao ver o monstro finalmente sendo abatido, acabando com seu sofrimento.

E então algo chama minha atenção.

Pisco para afastar o borrão por tempo suficiente para ver algo brilhar na luz atrás do Silenciador – o sol refletido em uma massa de cabelos prateados.

Capítulo Sete



Paedyn

ADENA VAI desmaiar de choque. Então ela vai gritar e eu taparei os ouvidos. Nunca roubei tantas moedas de uma pessoa. Não que eu tenha tido a oportunidade, visto que a maioria de nós no Loot não temos nem mais do que uma dúzia de moedas de prata em nosso nome, muito menos carregá-las casualmente.

Minha mente está girando enquanto desço lentamente Loot, agora envolto em sombras enquanto o sol se põe atrás dos prédios em ruínas.

Balanço a cabeça, espantada, e aproveito o tempo para passear pelo mercado, me permitindo admirar minha conquista. Vários comerciantes já estão arrumando suas barracas, fechando as lojas durante a noite. Crianças correm pela rua perseguindo umas às outras, recebendo olhares de reprovação e gritos dos compradores que ainda circulam.

Entro em um beco perto de onde roubei o jovem desavisado e começo a voltar para o Forte.

Mal posso esperar para ver a expressão no rosto de A...

Paro de repente, olhando para uma pequena multidão reunida mais adiante na rua.

Deve ser um Ocultador.

Não é nenhuma surpresa que o poder da invisibilidade possa inevitavelmente ajudar alguém com prestidigitação, usando sua habilidade de fazer as cartas desaparecerem à vontade, simplesmente segurando-as. Admiro seus pequenos shows enganosos para ganhar alguns xelins.

Estou prestes a ir para o outro lado quando ouço suspiros vindos da multidão, ecoando nos prédios em ruínas. Não os típicos *oohs* e *ahs* que estão presentes durante os truques de magia, mas suspiros assustados de choque e surpresa. Quando minha curiosidade toma conta de mim, me vejo atrás da multidão, enfiada entre corpos suados e abrindo caminho até a frente da multidão. Quando levanto os olhos para a cena diante de mim, suspiro, colocando a mão na boca.

É ele.

Eu o vi há menos de dez minutos, mas sua camisa agora gruda nele com suor enquanto ele se prepara para atacar o homem preso embaixo dele com um punho em chamas. Três outros corpos estão espalhados pelo paralelepípedo atrás dele, cambaleando lentamente antes de cambalearem.

É claro o que aconteceu aqui, óbvio que esses homens tiveram a mesma ideia que eu tive ao ver a bolsa pendurada na cintura do estranho. Mas eles escolheram uma forma muito mais violenta de obter as moedas – bem, o que sobrou delas.

Vejo o estranho dizer algo ao homem antes de levantar o punho de fogo, pronto para atacar.

E então, algo está repentinamente terrivelmente errado.

Ele está segurando a cabeça, e vejo sua expressão arrogante se transformar em total agonia quando uma figura sai das sombras. Só consigo ver suas costas, mas ele é alto e magro, erguendo a mão fina para o estranho que arfa de dor no chão do beco.

Isso é impossível.

A multidão ao meu redor parece tão confusa e admirada quanto eu. Com a mão ainda estendida, o Silenciador dá pequenos passos em direção à figura de cabelos negros agora caída no chão.

Ele está paralisando seu poder. Ele *o* está mutilando.

Posso ver o estranho ainda tentando lutar, tentando manter a consciência. A visão de repente se tornou tão surpreendentemente familiar, tão repugnante que quase tropecei no homem ao meu lado.

Este estranho e o homem que me criou não se parecem em nada e, ainda assim, a imagem de um aleijado no chão parece se fundir no outro. De repente, me sinto como aquela menininha de novo, parada enquanto meu pai morria embaixo de mim.

Olho em volta, observando a multidão boquiaberta. Ninguém se mexe. Mesmo com seus poderes sofisticados, ninguém faz nada para ajudar. Ou com muito medo de fazer isso ou sem coração para ajudar.

Eu sei como isso termina. Eu vivi isso.

Quando olho para o estranho, é meu pai que vejo.

Respirando fundo, dou um passo à frente.

Não vou ficar parada novamente. Não consegui salvar meu pai, mas vou honrá-lo agora, salvando alguém do mesmo sofrimento que ele suportou.

Provavelmente vou me arrepender disso.

Eu rastejo até o limite da multidão e começo a me esgueirar por trás do Silenciador. Praticamente posso sentir a atenção do público se voltando para mim, a multidão de pessoas assistindo silenciosamente. Me agachando atrás do homem, vejo uma pedra grande e solta no paralelepípedo e a pego.

Aqui vai nada.

Eu fico em toda a minha altura logo atrás dele e levanto silenciosamente a pedra, com a intenção de conectá-la com seu crânio.

Não tive essa sorte.

Ele gira, seus olhos negros perfurando os meus. Com sua atenção em mim, seu domínio esmagador sobre o estranho cai, e eu o ouço ofegante no chão.

O Silenciador levanta sua mão esguia em minha direção, seu cabelo na altura dos ombros balançando com a brisa. Ele está tentando me silenciar.

Quase sorrio.

Não tive essa sorte.

Nada acontece, é claro, considerando que não tenho poder para sufocá-lo. Ele olha para a mão e depois para mim, confuso. A visão é quase cômica, e aquela fração de segundo de hesitação é tudo que preciso.

Agarro seu pulso, torcendo seu braço em um ângulo estranho antes de enfiar meu joelho em seu estômago. Ouço o ar saindo de seus pulmões enquanto ele segura o braço contra o corpo. E com isso, minha adrenalina entra em ação, ansiosa por brigar.

Isso me lembra de todas aquelas madrugadas e madrugadas com meu pai. Horas de treinamento no ringue improvisado atrás de nossa casa. — *Tanto sua mente quanto seu corpo precisam ser treinados. Condicionado* — ele dizia enquanto eu me esquivava de seus socos, ao mesmo tempo em que respondia às dezenas de perguntas que testavam minha observação. Eu empunhei qualquer arma que pudemos encontrar enquanto meu pai treinava cada parte do meu ser – minha mente, meu corpo, minha habilidade *psíquica*.

Até que um dia ele não estava mais lá para me treinar. Não estava mais lá para me proteger. Não estava mais lá para continuar me ensinando como me proteger.

O Silenciador se recupera rapidamente, dando um soco com o braço bom e me tirando dos meus pensamentos. Eu me abaixo e miro um gancho de direita em sua mandíbula. Seu antebraço se ergue para bloquear meu golpe, forçando meu braço para baixo antes de agarrá-lo e me girar de modo que minhas costas fiquem pressionadas contra seu peito. E então a dobra de seu outro braço está me prendendo em um estrangulamento.

Eu suspiro por ar, tentando manter a calma. Luto contra a vontade de arranhar inutilmente o braço que esmaga minha traqueia e, em vez disso, jogo minha cabeça para trás, conectando meu crânio com seu nariz e produzindo um estalo nauseante seguido pelo som de sangue borbulhando.

Sangue.

Havia muito dele cobrindo o chão de nossa pequena casa situada entre a Merchant e a Elm Street. Me cobrindo, meu pai. Não voltei desde aquela noite em que fugi. Naquela noite, o rei enfiou uma espada no peito do meu pai.

O aperto do Silenciador em volta do meu pescoço afrouxa quando ele cambaleia para trás, apertando o nariz. Mas ainda não terminei. Nem mesmo perto.

Deslizo o anel do polegar e deslizo-o para o dedo médio antes de afundar o punho na bochecha do Silenciador, ignorando a dor na minha mão. Tirando as mãos do nariz escorrendo, ele me ataca novamente, mas eu já sabia que isso aconteceria.

Ele sempre dá um passo com o pé esquerdo antes de dar o soco.

Bloqueio o golpe e agarro seus ombros enquanto coloco meu joelho em sua barriga mais uma vez. Antes mesmo que ele recupere o fôlego, coloco sua cabeça em minhas mãos, enfiando seu nariz já quebrado em meu joelho que espera.

Canalizo toda a minha raiva em cada golpe.

Minha raiva pelo rei que entrou no escritório de meu pai, onde ficou sentado em sua poltrona fofa, lendo até altas horas da noite.

Outro gancho de direita na mandíbula do Silenciador.

Minha raiva ao me lembrar vividamente do som do grito de meu pai quando a espada atravessou seu peito, me arrancando do sono.

Eu mando um chute na virilha do Silenciador.

Minha raiva ao ver meu pai escorregar de sua amada poltrona e cair no chão, escorregando em seu sangue.

Eu caio e faço um amplo arco com a perna, derrubando o Silenciador no chão.

Minha raiva enquanto segurava a mão do meu pai, gritando e implorando para que ele acordasse.

Fiquei ali sentado a noite toda, com as calças encharcadas de sangue, tentando decifrar o que poderia justificar matá-lo. Mas o rei não precisa de um motivo para matar, ele precisa de um motivo para deixar as pessoas *viverem*.

Eu bato no Silenciador, mal consciente do que estou fazendo enquanto minha mente gira.

Eu estava entorpecida. Minha mão apertou a mão fria do meu pai, segurando-a enquanto eu balançava para frente e para trás, soluços sacudindo meu corpo. Afastei seu cabelo castanho dos olhos, endireitei suas roupas ensanguentadas, sussurrei sobre todas as memórias que compartilhamos enquanto implorava para que ele voltasse para mim para que pudéssemos fazer mais.

Eu estava completa e totalmente sozinho no mundo.

E quando a luz do sol entrava pelas janelas, iluminando a cena horrível, eu não suportava ficar em minha própria casa – não que eu pudesse me dar ao luxo de mantê-la aos treze anos de idade.

Tentei enterrá-lo. Tentei tanto arrastá-lo para fora e lhe dar um adeus adequado, lhe dar a honra que ele merecia. Mas eu era tão pequeno, e ele era tão grande, tão pesado, tão morto... Escorreguei e dancei na poça de sangue do meu pai, incapaz de mover seu corpo. Então, tirei a aliança de casamento do dedo dele, coloquei-a no polegar e corri.

O mesmo anel que estou usando agora para afundar na bochecha do Silenciador.

Se o pai pudesse me ver agora...

Eu paio sobre ele, minha raiva finalmente começando a desaparecer enquanto seus olhos negros se arregalam. O sangue mancha seu rosto, jorrando da boca, do nariz e de outros cortes espalhados que fiz nele. Deslizo minha adaga da bota enquanto algo brilha em seus olhos.

Medo.

Ele tem medo porque não pode controlar.

E neste exato momento, algo que ele não pode controlar sou *eu*.

Bato o cabo da minha adaga com força contra sua têmpora, nocauteando-o. Ainda agachada sobre ele, meu olhar encontra o garoto me encarando. Emoções passam pelo rosto do estranho enquanto ele me observa, percebe o que eu fiz. Choque, admiração, confusão e diversão de todas as coisas brilham em seu rosto. Tiro os olhos dele, devolvendo a faca à bota enquanto murmúrios de espanto surgem da multidão. Eu me viro, surpresa ao encontrar uma massa de pessoas olhando. Comerciantes, mulheres e crianças ficam boquiabertos com a cena, todos sussurrando e apontando. Três Imperiais de repente abrem caminho pela multidão, tirando as pessoas do caminho às pressas.

Eu endureço, me preparando para algum tipo de punição. Talvez mais alguns cortes para decorar minhas costas.

Mas eles passam direto por mim, passam direto pelo Silenciador inconsciente e caem de joelhos diante do estranho.

Interessante.

E, aparentemente, não sou a única que pensa assim. O zumbido dos sussurros da multidão fica mais alto, permitindo-me captar pedaços de suas conversas silenciosas.

— ...Silenciador aqui em Ilya...

— ...é o Príncipe Kai que lutou contra quatro homens...

— ...lutar contra o Silenciador sem usar um poder!

Eu congelo, o coração batendo forte, mal respirando.

Príncipe Kai.

Eu nunca tinha visto o homem. Nunca pensei que faria isso.

Nunca pensei que iria roubar dele também.

Mas já ouvi o suficiente sobre sua reputação. Como ele é supostamente a Elite mais forte em décadas. Como ele é o futuro Executor, considerado calejado e calculista, mas carismático e charmoso quando deseja - quando escolhe desempenhar o papel.

Ouvi dizer que ele é um Portador raro e poderoso, capaz de sentir o poder de outra pessoa e usá-lo desde que esteja perto o suficiente dele.

O Libertador da Morte, é como o chamam.

O príncipe geralmente fica no conforto de seu confortável palácio, então é provável que ninguém tenha reconhecido o estranho como alguém importante. E quando ele sai do castelo, bem, as pessoas que ele visita normalmente não vivem para contar a história.

Me viro lentamente para os Imperiais que se amontoam em torno do príncipe e observo enquanto ele passa por eles, irritado com o sufocamento. Ele late uma ordem,

lhes dizendo para levarem o Silenciador para as masmorras e também para afastar a multidão da rua. O príncipe exala autoridade e poder a cada passo, cada palavra. Os imperiais correm para obedecê-lo enquanto reúnem a multidão e os empurram de volta para Loot.

Seus olhos encontram os meus.

Mesmo com seus incontáveis ferimentos, ele caminha em minha direção, afastando a mancada de seu andar. Um predador perseguindo sua presa.

E essa é a minha deixa.

Tento passar despercebida no meio da multidão, na esperança de ser arrastada pela corrente de corpos. Esperando que ele esqueça que eu o salvei e me deixe sair em silêncio.

Não tive essa sorte.

Uma mão calejada agarra meu braço antes de me girar e me prender contra a parede do beco. Ele pressiona meus pulsos contra o tijolo com mãos fortes antes de se inclinar em minha direção.

Eu me contorço em seu aperto, mas ele não se mexe. Não tenho certeza do que esperava que ele fizesse, mas certamente não era isso. Talvez ofereça um agradecimento educado – não um interrogatório contra uma parede suja.

Eu nunca o teria salvado se soubesse quem ele era. O que ele é. O que ele faz.

Eu bufo de irritação, enviando cabelos prateados em meus olhos e obscurecendo minha visão de seu olhar penetrante. — É assim que você trata todas as pessoas que salvam sua vida ou isso é uma coisa nova para você? — Eu ranjo as palavras com os dentes cerrados, zombando das primeiras palavras dele para mim.

— Eu não saberia, visto que ninguém nunca me salvou antes. — Há o fantasma de um sorriso malicioso em seu rosto, me oferecendo um vislumbre daquela covinha irritante.

— Bem, me deixe esclarecer. Quando alguém salva sua vida, um educado “obrigado” é o suficiente.

— Talvez — ele suspira e se aproxima, — mas não para aqueles que roubam de mim. Acho que meu coração para de bater. O príncipe sabe que roubei dele.

O príncipe. O futuro Executor. O Libertador da Morte.

Estou morta como a Praga.

Mas meu medo é rapidamente substituído por uma emoção muito mais bem-vinda: a raiva. Estou com raiva de mim mesma por ajudar o príncipe que mata como se não fosse nada e realiza os desejos do pai como se ele fosse tudo. Estou com raiva por *não o considerar* repulsivo, já que o próprio reino ao qual ele é tão leal me deixa doente com seus valores e crenças distorcidos. Ele é o futuro Executor, o carrasco de inocentes, de Ordinários, de *pessoas como eu*.

Me sentindo imprudente e bastante encorajada com a morte a apenas um suspiro de distância, digo: — Então ele é bonito *e* tem cérebro. As mulheres devem amar você. — O sorriso que dou a ele é tudo menos doce. — Sabe, você poderia ser um bom ladrão se não fosse pelo fato de ser facilmente enganado por um.

Ele está sorrindo. Divertido. Arrogante como sempre. — Você percebe com quem está falando, certo?

— Um bastardo arrogante? — Eu digo inocentemente antes de morder a língua.

Eu claramente tenho um desejo de morte.

Mas, para minha surpresa, ele inclina a cabeça para trás e solta uma risada autêntica, o som rico como o chocolate que roubo ocasionalmente e profundo como o Mar Raso.

— Já fui chamado de coisas piores, — ele murmura depois de se recompor, suas mãos ainda segurando meus pulsos. Então a diversão desaparece de seus olhos, rapidamente substituída por uma consideração fria. — Apesar de você me roubar, suponho que devo agradecer por sua ajuda.

Quase rio disso. Aparentemente, salvar a vida dele é comparável a simplesmente *ajudar*.

— Embora eu esteja curioso para saber por que o Silenciador não conseguiu sufocar seu poder. Junto com o motivo pelo qual não consigo sentir nada de você. — Ele está me olhando como fez no beco quando eu o roubei. Como se eu fosse um quebra-cabeça que ele está tentando montar.

Eu pisco para ele quando a compreensão me atinge.

Ele tem a rara habilidade de sentir o poder de outra pessoa e usá-lo ele mesmo...

Ele tentou sentir meu poder no beco.

Apenas para descobrir que não havia nenhum.

Estou morta como a Praga.

Olho para ele, filtrando o medo da minha expressão, apesar dos meus pensamentos frenéticos. Encolho os ombros rígidos, esperando que a ação pareça muito mais casual do que parecia. — Eu sou uma Mundana. Uma psíquica.

— Uma psíquica — ele ecoa, a descrença escorrendo de cada palavra. — Me diga, o que você pode fazer? — Ele faz uma pausa. Encolhe os ombros. — Eu nunca conheci um psíquico antes. Me chame de curioso.

Engulo a risada histérica que ameaça sair de dentro de mim. O futuro Executor não está curioso, ele está calculando. Mas ele deve estar se divertindo bastante comigo, caso contrário, eu provavelmente já estaria morto.

— Meu poder é uma espécie de... *sentido*, — digo facilmente, recitando a frase ensaiada. — Só consigo sentir emoções fortes dos outros, recebendo flashes de informações por causa disso.

Eu olho em seus olhos, desejando que ele acredite em mim. Esperando que ele aceite a resposta e siga em frente com sua vida. Esperando que ele *me* deixe seguir em frente com minha vida.

Ele parece estar lutando contra um sorriso. — É isso mesmo?

— E por que isso seria errado?

Seus olhos passam entre os meus por um longo momento. — Por que não consigo sentir ou usar seu poder então?

Engulo em seco, tentando parecer que não estou lutando para inventar uma mentira verossímil.

— Minha habilidade é imprevisível. Mesmo eu não consigo controlar o que vejo ou quando vejo. Isso, combinado com o fato de que meu poder já tem pouca força, deve ser o motivo pelo qual você e o Silenciador não conseguem captá-lo. É uma habilidade mental. — Eu dou de ombros. — Devo ser capaz de proteger minha cabeça daqueles que tentam entrar nela.

Prendo a respiração, esperando sua resposta.

Exceto que ele não me dá um. Ele simplesmente fica lá, olhando para mim. Eu bufo antes de deixar escapar: — Vá em frente. Pergunte a qualquer pessoa nas favelas sobre mim e meu poder. Melhor ainda, — me inclino ligeiramente para a frente, — você pode perguntar aos seus Imperiais. Tive uma conversa adorável com um deles esta manhã.

Seus olhos se estreitam ligeiramente antes que ele lentamente solte meus pulsos e dê um passo para trás. — Talvez eu vá. — Então o bastardo sorri. — Mas eu ainda gostaria de testemunhar essas suas habilidades psíquicas por mim mesmo. Prove.

Se eu ganhasse um xelim por cada vez que alguém me dissesse essas palavras, eu nem me preocuparia mais em roubar. Ele cruza os braços sobre o peito largo, as sobrelanceiras levantadas em expectativa enquanto ele explica: — Me leia. Ou seja lá o que você diz que faz. Então ele se inclina, o olhar brilhando de diversão. — Me impressione, querida.

— Meu poder não é um truque de festa para seu entretenimento, mas vou brincar, *príncipe*. — Lhe dou um sorriso sarcástico antes que meus olhos passem por seu corpo. — Eu nem tenho certeza se serei capaz de sentir alguma coisa com o quão imprevisível é minha habilidade.

— É mesmo.

Ignoro seu tom de voz zombeteiro e penso nos calos em suas palmas e nas dezenas de cicatrizes em seus braços.

Bem, obviamente ele é um lutador. Você não precisa ser psíquica para descobrir isso.

Sei que preciso contar a ele algo que valha a pena se houver alguma esperança de que ele acredite. Qualquer esperança de sobreviver a esta conversa. Ele vai me matar sem pensar duas vezes, simplesmente pela suspeita de ser um Comum.

— Posso ver sua mão? — As palavras são uma exigência disfarçada de pergunta. Estendo a palma da mão com expectativa, os olhos passando do rosto dele para a mão ao seu lado. Somente o melhor desempenho servirá para o príncipe.

Sua expressão é irritantemente neutra, nunca tirando os olhos dos meus enquanto coloca a mão na minha. — Sabe, nunca conheci um ladrão com boas maneiras. E parece que você definitivamente não é a exceção.

Eu bufo com isso, abaixando a cabeça para voltar minha atenção para a mão grande e calejada na minha.

— Existe uma razão para você insistir em segurar minha mão?

Meu olhar se volta para o dele. — Não se preocupe, tentarei resistir a beijar os nós dos seus dedos, príncipe.

À menção dos nós dos dedos, meus olhos passam por eles enquanto sua risada toma conta de mim. Eles estão vermelhos e crus, não só desta luta, mas também de uma anterior. O sangue escorre por seus dedos das crostas reabertas, embora ele nem pareça incomodado.

— Você esteve brigando — eu digo. — E...

Sua zombaria me interrompe. — Eu disse para você me impressionar, não para dizer o óbvio.

— Eu não estou falando sobre *essa* briga, — eu suspiro, deixando cair sua mão para gesticular ao nosso redor enquanto, ao mesmo tempo, luto contra a vontade de dar um soco naquele sorriso estúpido de seu rosto. — Estou falando da luta *anterior* a esta. — Observo-o atentamente, notando que nada em sua expressão indica se estou certo ou errado.

Pragas, ele não vai facilitar isso para mim.

Meu olhar cai brevemente para seus sapatos. De tão perto, eles não parecem tão brilhantes quanto eu pensava que eram quando o avistei no Loot. Na verdade, eles não parecem nada brilhantes.

Areia.

Seus sapatos pretos, antes engraxados, agora estão cobertos por uma fina camada de areia, quase invisível. Como se ele estivesse andando pelo...

Escaldos.

E há apenas uma razão pela qual um príncipe, especificamente o futuro Executor, pisaria nas Terras Escaldadas.

Ele banuiu alguém. E esse mesmo alguém lutou.

Me lembro dos dois Imperiais ausentes do rodízio hoje, e tudo começa a se encaixar.

O príncipe precisa de guardas para arrastar os prisioneiros para as Terras Escaldadas.

O triunfo começa a florescer em meu peito, mas eu o reprimo.

Alguma coisa não está certa.

Normalmente, a cidade ficaria fofocando durante dias sobre quem foi banido e por quê. Os *criminosos* teriam desfilado pela cidade, atraindo uma multidão para vê-los caminhar até a morte. Mas não ouvi uma única palavra sobre isso. Estranho, considerando que eles costumam exibir os banimentos, usá-los como exemplos, exibi-los para alertar o reino sobre o que acontece quando você contraria o rei.

Ele não queria que ninguém soubesse disso.

Em questão de segundos, tenho todas as informações que preciso.

— Você estava em algum lugar... quente. Areia. — Fecho os olhos com força antes de acrescentar: — Os Escaldos. — Eu olho para ele e encontro seus olhos procurando meu rosto. — Você banuiu alguém. Ou... um grupo de pessoas. — Com isso, ele enrijece, um

pouco. Sua fachada legal racha. E só com essa pequena ação, ele acabou de confirmar que estou certo.

E que eu não deveria saber de nada disso.

— Mas... —Faço uma pausa. — Você não quer que ninguém saiba disso, não é? — Não consigo reprimir meu pequeno sorriso enquanto ele olha para mim, parecendo ao mesmo tempo impressionado e confuso.

— E de que emoção você está sentindo tudo isso? — ele pergunta baixinho.

Solto um suspiro antes de adivinhar o que o futuro Executor poderia estar sentindo, se é que o homem tem emoções. — É... culpa que estou sentindo? Preocupação? — Ele parece ainda assim, me dando uma confirmação silenciosa de que devo estar pelo menos parcialmente correta. — Isso foi *prova* suficiente para você, Alteza?

Estou bem ciente do jogo perigoso que estou jogando. E, no entanto, não consigo abrir mão dos meus sentimentos de ódio por ele e por tudo o que ele representa.

Mas o sorriso que levanta seus lábios me diz que ele também gosta do jogo.

— Muita. Bem, — ele exala, enfiando as mãos nos bolsos, — como você tão gentilmente disse antes, eu deveria agradecer, mais uma vez, por me ajudar, querida.

— Paedyn.

Suas sobrançelas escuras levantam-se ligeiramente em questão.

— Meu nome é Paedyn, não querida.

— Paedyn, — ele repete com um pequeno sorriso, testando a palavra. Sua voz profunda faz meu nome soar tão rico, tão majestoso, como se eu fosse o único com sangue real bombeando em minhas veias.

Nós nos encaramos por um momento, seus olhos gelados percorrendo meu rosto corado e não fazendo nada para esfriá-lo. — Sabe, posso esclarecer sobre outra maneira de agradecer a alguém por salvar sua vida. — Faço uma pausa, suprimindo um sorriso. — Pagando sua dívida.

Ele inclina a cabeça para trás e ri sombriamente. — Você não conseguiu prata suficiente quando me roubou pela primeira vez? — Dou de ombros enquanto ele continua friamente: — Preciso lembrá-lo que você disse que um simples “obrigado” seria suficiente?

— Sim, um agradecimento seria *suficiente*. Não satisfazer. E, bem, isso também foi antes de eu saber quem você era.

Ele começa a recuar enquanto enfia a mão na bolsa para tirar uma moeda. Com um movimento, ele está voando em minha direção. Mal tenho tempo de estender a mão e pegá-la quando ele diz: — Algo para lembrar de mim.

Ele está a vários passos de mim agora, embora seus olhos ainda estejam fixos nos meus. — Ah, e querida?

— Paedyn.

— Você estava certa.

Ele dá outro passo para trás.

Eu solto um suspiro. — Não tenho certeza se deveria ouvir o que você está prestes a dizer, já que você não me chamou pelo meu nome, que é...

— Paedyn, — o som do meu nome em seus lábios me interrompe, — as mulheres me amam.

E com uma piscadela, ele se vira e sai do beco.

Capítulo Oito



Paedyn

— O. QUE. PRAGAS. ACONTECEU?! — Adena está me sacudindo vigorosamente pelos ombros, fazendo meus dentes baterem. Assim que voltei ao Forte, confusa com os acontecimentos do dia e muito contente por ir dormir direto, Adena se lançou sobre mim e exigiu cada detalhe.

— O que? Como você...? — Estou tropeçando nas minhas palavras, me perguntando como ela poderia saber que hoje foi diferente das centenas anteriores.

Ela me interrompe, com os olhos arregalados de excitação e perguntas sem resposta. — Todo mundo está falando sobre isso! Todo o mercado está comentando sobre a garota de cabelos prateados que lutou contra um *Silenciador*! — Eu olho para ela, estupefato. Ela continua, suas palavras rápidas e sem fôlego. — E o *príncipe*? — Ela quase grita. — Você salvou o *príncipe*?!

— Bem, ele não parece querer admitir, mas sim, eu salvei a bunda do príncipe. — Desta vez, ela grita. — Mas só depois que eu roubei dele.

Sua boca se abre. É tão dramático que não consigo deixar de rir. — Você *o que*?

— Em minha defesa — digo, com as mãos levantadas em inocência, — eu não sabia que era ele.

— Pae, o príncipe... — A preocupação obscurece seu olhar, e ela pisca uma dúzia de vezes antes de dizer: — Ele é um Portador. Ele poderia... Ele poderia sentir que você não tinha poder...?

Eu interrompo antes que mais cor saia de seu rosto, explicando rapidamente os acontecimentos da última meia hora. Os olhos de Adena estão arregalados, sua franja encaracolada grudada em seus cílios enquanto eu a conto sobre tudo, desde roubar o príncipe até lutar contra o Silenciador. Depois que ela soube da mentira que eu inventei para o futuro Executor, conversamos baixinho até que o beco sombrio foi engolido pela escuridão.

— Tudo bem, mas ele é realmente tão bonito quanto todo mundo diz que é?

Eu dou a ela um olhar inexpressivo que duvido que ela possa ver, mas sei que ela pode sentir. — *Essa* é a pergunta que você está morrendo de vontade de fazer depois de tudo que acabamos de conversar?

— Isso não foi uma resposta — ela canta.

Me deitei nos tapetes Ásperos, abafando meu gemido com um cobertor Áspero. Optar por manter a boca fechada dá a Adena toda a resposta que ela precisa.

Ela grita e desta vez eu a sufoco com um cobertor.



O amanhecer rasteja sobre os telhados, e eu o imito de baixo e ando na ponta dos pés pelas ruas.

Me misturando ao caos total que ocorre todas as manhãs em Loot, normalmente não é difícil para mim passar despercebido enquanto tiro relógios dos pulsos dos clientes ou moedas de bolsos desprotegidos.

Mas não hoje.

Hoje não sou invisível.

O pior pesadelo de um ladrão.

Olhos. Dezenas deles, todos presos em mim enquanto eu passo. Eu os ouço sussurrando um para o outro, apontando e olhando boquiabertos.

Alguns começam a bater palmas enquanto caminham pelo corredor das carroças mercantis, olhando para mim com admiração. Existem dezenas de rostos familiares na multidão, que cresceram cercados e sobreviveram pelas mesmas pessoas. *Amigo* é uma palavra muito forte para quem não é Adena, mas venho construindo minha reputação como psíquica há anos, ganhando respeito e testemunhas de minhas habilidades.

A multidão parece se separar para mim, deixando uma parede de pessoas observando de cada lado.

— A Salvadora Prateada — ouço um homem sussurrar antes que outros ecoem suas palavras.

Paro, quase tropeçando quando meus pés. Ali, outrora bloqueado da minha vista por lojas em ruínas, está pendurado outro banner agora à vista.

O povo de Ilya escolheu

Apresentando seus concorrentes para a sexta prova de Purificação:

Kai Azer
Andrea Vos
Jax Shields
Blair Archer
Ace Elway
Braxton Hale
Hera Colt
Sadie Knox

Meus olhos percorrem rapidamente a lista de nomes.

E então meu coração dá um pulo. Talvez muito mais.

Porque o nome final rolado em letras grandes para que todos possam ver é muito familiar.

Paedyn Gray

Capítulo Nove



Kai

O SANGUE ESCORRE PELA MINHA CAMISA. Parte dele é meu, embora a maior parte pertença ao Silenciador – que é como ainda tenho que chamá-lo, já que o bastardo se recusa a desistir de algo tão insignificante quanto seu nome. Mesmo apesar de quão *persuasivas* minhas ações possam ser.

Resumindo, estou torturando o homem há horas. Não fiz nenhum progresso e minha pouca paciência agora é inexistente. Estou irritantemente surpreso com a quantidade de tortura que esse homem pode tolerar, embora eu suponha que a dor se torne uma coisa familiar quando você a inflige continuamente aos outros. Você fica entorpecido com isso.

O Silenciador e eu estamos começando a soar muito, muito parecidos.

As masmorras abaixo do castelo são escuras, sujas e crivadas de morte – em desacordo com o castelo claro e exuberante acima. As celas revestem as paredes, algumas cheias de prisioneiros, outras cheias de restos de prisioneiros anteriores.

O Desativador que reveste cada uma dessas celas é a única razão pela qual ainda estou diante do prisioneiro, lhe infligindo meu próprio tipo de dor inimaginável. Como o material foi criado com a ajuda dos Silenciadores antes da Purificação, se tornou extremamente raro, forçando o rei a acumulá-lo. Os Eruditos usaram Transferidores com suas habilidades de colocar poder em objetos, colocando a força sufocante dos Silenciadores nos materiais. Ao longo das décadas, esse suprimento limitado de Desativador tem sido usado para fabricar células, algemas e escudos nas arquibancadas da Arena Bowl.

Além da cela Desativadora, também estou acompanhado pelo leal Silenciador do meu pai. Porque, por mais irônico que seja, os Silenciadores podem silenciar uns aos outros, desde que um deles seja mais forte. Então, eu trabalho enquanto o solene Silenciador fica parado e aquele que está aos meus pés grita.

Sem a proteção que o Desativador e o Silenciador oferecem, eu provavelmente estaria rolando no chão em agonia. De novo. Não consigo parar de repassar a cena em minha mente, me lembrando da dor que divide meu crânio. O total desamparo enquanto eu estava ali, completamente à mercê de um mero homem.

Mas então ela apareceu.

Paedyn.

Uma Mundana. Uma psíquica, uma lutadora, uma ladra. E ainda assim, a única disposta a ajudar por qualquer motivo. A única *capaz* de ajudar.

Ou é o que ela diz.

Embora eu seja cético, sua demonstração foi impressionante. Ela não deveria saber sobre os Escaldos, o banimento, a luta – nada disso. E como não sei nada sobre Psíquicos, nem nunca encontrei nenhum, não posso provar exatamente que ela está errada. Existem dezenas de poderes que ainda não testemunhei, considerando que meu treinamento consistia principalmente em habilidades ofensivas. Meu pai garantiu que eu nunca perdesse meu tempo, me rebaixasse tanto a ponto de aprender os poderes das Elites inferiores.

Mas mesmo na minha névoa de dor, os vislumbres que tive dela lutando foram cativantes. *Ela* era cativante. Sim, ela era habilidosa, mas o que mais me intrigou foi quanta emoção ela canalizou em cada golpe. A paixão contida em cada soco; a raiva saindo dela.

Dou uma última olhada no homem ensanguentado e caído no canto da cela antes de me voltar para o Silenciador do meu pai. — Terminei aqui, Damion. Você está livre para ir.

Limpando as mãos ensanguentadas na camisa já ensanguentada, saio da cela e caminho pelo longo corredor da masmorra, passando por prisioneiros furiosos enquanto ando. Subo as escadas de pedra que levam ao andar principal do palácio e aceno para os Imperiais posicionados ao lado da pesada porta de metal no topo.

O rei estará esperando uma atualização do que descobri no interrogatório, que não é absolutamente nada. Eu me preparo para a conversa desagradável que estamos prestes a ter.

Muito cedo, meus pés encontram o tapete gasto que cobre o chão de seu escritório, vítima de ser pisado e pisoteado durante anos. Meus olhos percorrem a grande mesa e as cadeiras almofadadas antes de pousar nos dois indivíduos sentados perto da lareira de pedra.

O alívio toma conta de mim ao ver meu irmão. Seu cabelo loiro está bagunçado, como se ele estivesse passando a mão por ele há horas, refletindo o olhar desganhado do pai.

— Bem, alguém está... brincando com o prisioneiro já há algum tempo. — O tom de Kitt é sombrio, mas seus olhos brilham quando pousam em mim.

Suspiro antes de me acomodar em meu assento almofadado de costume ao lado de meu pai. Cruzando o tornozelo sobre o joelho, confesso casualmente: — E depois de todo esse tempo, você pensaria que eu teria aprendido algo útil.

O barulho dos papéis do meu pai batendo na mesa é um som que passei a associar à decepção. — O que parece ser o problema?

— Ele está sendo... — Faço uma pausa, procurando a palavra certa. — Difícil. — É o melhor que posso fazer, ganhar uma risada de Kitt.

Papai parece menos divertido. Na verdade, ele não parece nem um pouco divertido, e nunca pareceu quando se trata de mim. — Então torne-o *menos* difícil, Kai. — Ele aperta os dedos na ponta do nariz e fecha os olhos, a ação o fazendo parecer mais velho, mais cansado. — Ou faça-o falar ou mate-o. Não tenho nenhum desejo de manter o Silenciador vivo se ele não tiver nada a nos oferecer.

Olho para Kitt, seu rosto sério, desprovido de sua diversão habitual enquanto observa meu pai. Quando o rei fica perturbado, Kitt fica arrasado.

— É aquela maldita Resistência, — meu pai rosna, sua mão caindo do rosto para revelar uma careta.

— Você realmente acredita que este Silenciador está alinhado com a Resistência? — Kitt pergunta, preocupação escrita nas rugas ao redor dos olhos.

— Por que outro motivo ele tentaria tomar um príncipe? Meu filho? — O rei balança a cabeça, olhando fixamente para as chamas bruxuleantes da lareira. — Eles estão tentando me atacar de todas as maneiras que podem. Achei que tinha cuidado deles. Expurguei os Fatais para que eles não pudessem nos prejudicar, nos dominar. — Ele respira fundo antes de continuar. — Aparentemente, pensei errado. Alguns permanecem e se juntaram *a eles*.

— Precisamos acabar com essa pequena *Resistência* — meu pai cospe antes de beber o resto do álcool em seu copo. — Eles podem querer que os Ordinários vivam, mas ao fazê-lo, a raça e o poder da Elite acabarão por *morrer*. Livrar o meu reino dos Ordinários é um sacrifício que deve ser feito para o bem do povo. Mas eles são *egoístas* demais para ver isso. Kai, — seu olhar é penetrante quando pousa no meu, — faça esse Silenciador desejar estar morto antes de conceder essa misericórdia a ele.

— Ah, eu já estava planejando isso, pai.



Estou encharcado de suor.

Não é uma ocorrência incomum durante o treinamento.

Minha camisa ensanguentada já desapareceu há muito tempo, e o sol bate nas minhas costas enquanto Kitt e eu circulamos um ao outro em um dos ringues de treinamento de terra. Seguimos nossa rotina normal de avaliar uns aos outros e vomitar bobagens antes de realmente tomar uma atitude para lutar. O padrão familiar me acalma, alivia minha mente inquieta por enquanto.

Dançamos ao redor do ringue, as espadas brilhando, rindo enquanto eu o corto na bochecha com a ponta afiada da minha lâmina, uma ação que ele retribui na mesma moeda. As espadas são logo descartadas, substituídas pelos nossos poderes. Kitt atinge facilmente os alvos com bolas de fogo antes de molhar a madeira em chamas com água. Eu, por outro lado, me sinto indeciso e impaciente: uma combinação terrível.

Eu filtro as habilidades daqueles que me rodeiam, tentando escolher alguém para treinar. Os ringues estão cheios de dezenas de Elites, todos imundos por causa das lutas e caídos por causa dos treinos. Eu pulo do poder de um Flash para um Ocultador antes de mudar para um Casca, embora nunca tenha gostado especialmente da sensação de minha pele virando pedra.

Não consigo me concentrar e isso só me frustra ainda mais.

Eu ouço o *barulho* vindo de trás antes de sentir a familiar onda de calor que irradia para minhas costas. Eu caio no chão, evitando por pouco uma torrente de fogo que teria queimado meu cabelo.

— Por que você está tão distraído? — me viro e vejo Kitt sorrindo torto para mim. — Ei, quase peguei você aí. Não seria tão bonito com esse cabelo chamuscado na cabeça, não é?

Não consigo decidir se quero rir com ele ou torcer seu pescoço — uma situação comum em que me encontro.

— Acho que derrotar você no ringue hoje foi muito fácil. Agora estou entediado. — Dou de ombros e pego algumas facas de arremesso em um suporte de armas antes de começar a atirá-las em uma árvore a alguns metros de distância.

— Hmm, — Kitt cantarola. Mesmo de costas para ele, posso ouvir o sorriso em sua voz quando ele diz: — Não consegue parar de pensar na garota que salvou sua vida, hein?

Para responder educadamente, giro e jogo uma faca em meu irmão. Ele mal passa pela lateral de sua cabeça, afundando em um alvo bem atrás dele com um baque surdo. Ele pisca para mim. — Assunto delicado, presumo?

Passo por ele e arranco a lâmina da madeira. — Agora, o que lhe daria essa impressão? — Dou de ombros casualmente. — Ela claramente não quer nada comigo.

Eu gosto de um desafio.

— E além disso — acrescento, limpando o pensamento da minha cabeça, — não é como se eu fosse vê-la novamente.

A resposta de Kitt é rapidamente abafada pelo som de nossos nomes sendo gritados no quintal. Nós nos viramos em uníssono, observando um garoto magro vir em nossa direção. Vejo o brilho de um sorriso branco contra a pele escura antes que ele desapareça, simplesmente desaparecendo da existência. Antes que eu tenha tempo de piscar, ele está bem diante de nós com um sorriso bobo dividindo seu rosto.

Amaldiçoo baixinho. — Se você aparecer assim de novo, cumprirei a ameaça de estacá-lo no chão.

— O que nosso irmão *quer* dizer — Kitt me lança um olhar divertido, — é “oi, Jax, como você vai?”

O garoto diante de mim tem apenas quinze anos e está crescendo como uma erva daninha. Ele é desengonçado, claramente ainda tentando descobrir como trabalhar seus longos membros. Não sei quando ele começou a crescer de repente e, francamente, não gosto disso. O menino que perdeu os pais num naufrágio é agora o jovem alto que adotamos como o irmão mais novo que nunca pedimos. Mas depois de todos esses anos, Jax não cresceu apenas em altura — ele cresceu conosco.

— Estou bem, Kitt. Que gentileza sua perguntar! — Esse sorriso torto só aumenta quando ele olha para mim, os olhos castanhos piscando inocentemente. Coloco um braço em volta de seu pescoço e o puxo contra meu peito para esfregar o punho em seu cabelo curto.

Ele gagueja, tentando se afastar de mim enquanto eu pergunto: — Você não vai perguntar como estou, J?

Quando finalmente o solto, ele se vira para mim, esfregando a cabeça com um sorriso. — Meu erro. Como você está hoje, Kai? — Ele diz tudo isso com falsa sinceridade, e não posso deixar de sorrir.

Kitt me interrompe antes que eu possa provocá-lo ainda mais. — Ele está de mau humor — ele suspira antes de baixar a voz para murmurar: — Cuidado, Jax, ele está brincando com facas de novo.

Passo por eles para pegar as facas de arremesso, precisando fazer algo com as mãos. — Eu não estou... — giro e jogo uma lâmina em um alvo, — ...de mau humor.

Jax se inclina no ombro de Kitt, sussurrando: — Isso é o que ele *sempre* diz quando está de mau humor.

— Excelente ponto, J.

— Pragas — murmuro, — vocês dois juntos são insuportáveis.

Eles continuam conversando enquanto eu continuo a atirar facas no alvo. Melhor do que jogá-las em uma pessoa, então claramente não estou de *péssimo* humor. Estou prestes a lançar outra lâmina quando um lampejo colorido chama minha atenção.

Eu nem tinha notado que Blair estava treinando do outro lado do pátio, mas lá está ela, o cabelo lilás, balançando ao vento enquanto ela treina com Sadie. Bem, uma dúzia de Sadies, visto que ela é uma Copiadora.

Elas circulam um ao outro antes que Blair seja subitamente cercada por uma barricada de corpos, todas altas e de cabelos castanhos. É um caos. Blair joga uma cópia de Sadie no ar com a mente, apenas para que outra pule em suas costas, tentando derrubá-la no chão. É quase cômico assistir, exceto que eu sei em primeira mão o quão mortais seus poderes podem ser, sei como é possuí-los.

Olho para Jax e Kitt, seus olhos fixos na luta enquanto me movo para ficar na fila com eles. Em pouco tempo, Blair está andando entre os ringues com Sadie seguindo atrás. A pele pálida de Blair contrasta completamente com a tez escura de Sadie, opostas em todos os sentidos.

Apesar das duas terem crescido juntos, elas não poderiam ser mais diferentes. Como o pai de Sadie é conselheiro do rei, sua família vive com outras nobres que são consideradas importantes o suficiente para residir naquela ala designada do castelo.

Eles param na nossa frente, Blair inclina a cabeça enquanto diz: — Rapazes.

Kitt passa um braço em volta dos ombros de Jax antes de acenar para cada uma das garotas. — Blair. Sadie.

Sadie nos oferece um pequeno sorriso, genuíno, mas reservado como sempre foi. — Queria parabenizar vocês dois por estarem participando das Provas.

Certo. Eles anunciaram os concorrentes hoje.

Não é surpresa que eu esteja nas Provas. O reino e eu sabemos do meu destino desde que eu era um menino. O futuro Executor deve provar seu valor, e as Provas me forçam a fazer exatamente isso. Minha próxima missão é vencer a competição, e se eu não conseguir...

Eu congelo, as palavras de Sadie finalmente sendo compreendidas.

— *Queria parabenizar vocês dois...*

Lanço um olhar confuso para Kitt, certo de que deve ser algum tipo de erro. As Provas sempre foram meu destino, não o dele. O futuro rei raramente saía das muralhas do castelo, muito menos entrava em uma arena sangrenta onde a Morte pudesse reivindicá-lo. Meu pai nunca arriscaria a vida de seu herdeiro dessa maneira, mas ele certamente não tem nenhum problema em arriscar a mim e a minha reputação.

— Sim, pelo menos dois dos irmãos vão ficar juntos, — Blair diz com um sorriso malicioso, seus olhos passando de mim para...

Não, ele não.

— O-o quê?

Sua voz está cheia de admiração, seus olhos castanhos arregalados de admiração.

Jax.

Ele olha entre Kitt e eu, um sorriso se espalhando por seu rosto. — Eu consegui! Estou nas Provas! — Ele está praticamente pulando do chão de empolgação, resistindo à vontade de piscar Teletransportar pelos ringues de empolgação. Encontro o olhar de Kitt, e sua carranca coincide com a minha.

Isso tornará as Provas muito mais difíceis. Agora, não estarei apenas protegendo a mim mesmo, mas também a um irmãozinho que quase desmaia ao ver sangue.

Mas não dizemos nada para desencorajar Jax, colando sorrisos para substituir as carrancas que aparecem em nossos rostos. Competir nas Provas é uma grande honra que poucos recebem, e Jax merece comemorar, apesar do estresse repentino com a situação.

— Bem, parece que somos todos rivais agora — diz Blair com um sorriso malicioso, deixando suas palavras serem absorvidas. Não é uma maneira muito astuta de nos informar que ela e Sadie também estarão competindo.

Todos nós nos encaramos, Sadie em silêncio e Blair sorrindo. Kitt limpa a garganta, interrompendo a conversa. — Você sabe quem mais está competindo?

Sadie assente, tirando um panfleto amassado de um dos bolsos. Kitt lê rapidamente os nomes antes de suspirar. — Sim. Existem apenas três nomes que não reconheço. Devem ser Defensivos ou Mundanos da cidade.

Ele me entrega o folheto e eu rapidamente examino a lista.

Meus olhos se fixam em um determinado arranjo de letras antes que minha respiração fique presa na garganta.

Lá, no final da lista, está um nome em que pensei muito mais do que gostaria de admitir.

É ela.

Capítulo Dez



Paedyn

EU PODERIA TER FICADO ali por horas, olhando para a faixa que exibia meu nome em letras gigantes, se não fosse pela massa de pessoas olhando para mim.

Eles me escolheram.

Ou em outras palavras, eles me escolheram para morrer.

E tudo porque salvei aquele idiota do príncipe.

Um tapinha no meu ombro me tira do meu estupor.

Fico rígida com o cheiro repentino de amido e solto um suspiro antes de me virar lentamente para encarar o Imperial. Ele é jovem. Meus olhos passam entre seu cabelo ruivo bagunçado e seus olhos castanhos fixos nos meus, completamente despreocupados com meu óbvio desdém por sua espécie. Ele me oferece um sorriso pequeno e tímido.

Perturbador.

Em todos os meus anos, nunca conheci um Imperial gentil e duvido que ele seja a exceção.

— Você é Paedyn Gray, correto? — Ele aponta para a placa acima de nós com um aceno de mão.

— Quem quer saber? — Eu deixo escapar.

— Er, — ele esfrega a nuca, — o rei? Estou aqui para acompanhá-la até o palácio onde você ficará até o fim das Provas.

As palavras não ditas pairam no ar entre nós. *Ou até você morrer.*

— Agora? Agora mesmo? — Odeio o quão alta e ofegante minha voz soa, mas não consigo evitar o pânico que sobe pela minha garganta. — Mas as Provas só começarão daqui a duas semanas.

Ele quase parece se desculpar, e eu odeio isso. — Os competidores sempre vão ao palácio com duas semanas de antecedência para treinamento, entrevistas e, claro, o primeiro baile.

Como poderia esquecer o quão pomposas são as Provações?

Sua cabeça gira, o cabelo ruivo ondulando como chamas enquanto ele procura para ver se alguém está olhando. Então ele se inclina ligeiramente, suas próximas palavras são um murmúrio. — Só posso lhe dar cerca de... hmm, cinco minutos ou mais antes de sairmos.

Não hesito antes de descer a rua o mais rápido que minhas pernas conseguem.

Adena.

Paro em frente ao nosso pequeno beco e engulo o nó na garganta ao vê-la escondida atrás do Forte, cantarolando enquanto costura. Eu absorvo tudo enquanto caminho em direção a ela. Cada pedaço de lixo que vasculhávamos juntos para nos manter aquecidos à noite. Cada pedaço de roupa empilhado ao lado dela enquanto ela trabalha. Cada mecha de cabelo encaracolado escapando do coque bagunçado na nuca. Suas sobrancelhas escuras franziram-se sobre os olhos castanhos em concentração.

Será que algum dia a verei novamente?

Tento afastar o pensamento da minha cabeça enquanto caio no chão e a puxo para um abraço esmagador. Ela engasga de surpresa antes de rapidamente descartar seu trabalho e me apertar com força. — Feliz em ver você também? — Ela ri no meu cabelo e se afasta, preocupada com minha repentina demonstração de afeto. — Você está bem?

Eu encontro seus olhos, memorizando as manchas douradas salpicadas neles. — Estou indo embora, A.

— O-o quê? — A expressão em seu rosto é igualmente assustada e cética.

— Eles estão me enviando para as Provações. As pessoas me querem lá, aparentemente. — Estou divagando. — Para fins de entretenimento, é claro. — Ofereço um sorriso fraco, mas nada pode impedir que o olhar de horror se espalhe por seu rosto.

Ela leva a mão macia e marrom à boca enquanto respira: — Ah, Pae... — Ela para, sem saber o que dizer, o que fazer. — Mas você... você não tem habilidade...

— Vai ficar tudo bem, — eu digo, tentando convencê-la, assim como a mim mesmo. — Eu ficarei...

— Não se atreva a dizer que você vai ficar *bem* — ela bufa enquanto a raiva engole temporariamente seu medo. — Pae, as Provações são mortais o suficiente, mas se descobrirem o que você *não é*, eles irão...

—Me matar — termino por ela. — Eu sei. — O medo volta aos olhos de Adena, atingindo-a com tanta força que temo que ela possa desmoronar. Um pequeno sorriso triste levanta meus lábios enquanto eu a observo. Estou deixando a única pessoa que me conhece, a única pessoa em quem posso realmente confiar. Ela tem sido uma constante em minha vida, uma âncora sem a qual estarei à deriva.

Mas isso é o melhor. É mais seguro para ela sem mim aqui.

— Eu posso fazer isso, — eu digo suavemente. — Fui *feita* para fazer isso.

Adena acena com a cabeça entorpecida, já sabendo disso. Saber como meu pai começou a me treinar quando ficou claro para ele que sua filhinha era uma Ordinária condenada à morte.

Ela sabe como, aos cinco anos, minha vida mudou antes mesmo de começar. Meu pai me sentou em seu colo e sussurrou que eu era diferente, que precisava fingir ser algo que não era se quisesse crescer com ele ao meu lado. Era o nosso joguinho, disse ele. Um jogo de faz de conta. Um jogo em que ele já havia escolhido o papel perfeito para eu desempenhar pelo resto da vida.

— O que é um Pxiquico papai? — Essa pergunta ainda está muito vívida em minha mente, embora já tenha sido há mais de treze anos quando a fiz.

Papai apenas riu baixinho, um som aparentemente simples que eu gostaria de ter memorizado. — *Psíquico*, Paedy, é uma palavra chique para alguém que é observador. Um poder que pode ser falsificado com anos de prática. Algo com o qual você não precisa ser dotado, mas uma habilidade que você pode aprender. — Com isso, ele bateu na ponta do meu nariz com o dedo. — E eu vou te ensinar. Dessa forma, poderemos estar sempre juntos.

Se ao menos a morte tivesse alguma consideração pelas promessas.

De repente sou puxado para outro abraço sufocante. — Volte para casa, Pae. Por favor? — A voz de Adena está abafada em meu cabelo. — Você é tudo que me resta, você sabe.

Eu gostaria mais do que tudo que essas palavras não fossem tão terrivelmente verdadeiras.

Quando a mãe de Adena adoeceu, provavelmente foi meu pai quem tentou tratá-la. Curandeiros são incomuns nas favelas, e as pessoas precisavam dele tanto quanto o amavam. Mas mesmo as Elites têm os seus limites, embora pareça que a Morte não conhece limites. E como Adena nunca conheceu seu pai, ele poderia ter sido o comerciante de olhos castanhos que roubei esta manhã, pelo que sabemos.

Uma risada dolorida passa pelos meus lábios. — E você é tudo *que me resta*, A.

— Bom. — Ela funga e se afasta para olhar para mim. — Então é melhor você encontrar uma maneira de voltar para mim. Se alguém por aqui consegue sair dessas malditas Provações, é você. — O olhar que ela me dá é desafiadoramente determinado. — Na pior das hipóteses, você perde e volta para casa. Na melhor das hipóteses, você ganha a maldita coisa.

Eu solto uma risada com o pensamento absurdo. — Vou tentar o meu melhor por você, A. — Depois de engolir o nó na garganta, acrescento: — Vou visitá-la. Eu prometo. Eu vou encontrar uma maneira. Caminhar se for preciso.

Ela sorri, me dando um último abraço antes de acenar enquanto desço o beco. Ficando de pé atrás do Forte, ela grita: — Isso não é um adeus, apenas uma boa maneira de dizer tchau até a próxima vez!

É a mesma frase cafona que ela diz há anos e, ainda assim, é a primeira vez que parece um adeus. — Você é a minha favorita, A! — Eu chamo de volta para ela, a voz falhando sem minha permissão.

— E você é a minha, Pae! —

Sorrindo, eu finalmente tiro os olhos dela e começo a correr pelo Loot, pensando em fugir do Imperial, das Provações, *de tudo*.

Mas o pensamento imprudente desaparece tão rapidamente quanto meus pés batem no paralelepípedo. Serei caçada e morta se fugir. Pelo menos indo para as Provas, tenho uma chance de sobrevivência. Pouca.

Ofegante, volto para o Imperial, que agora está acompanhado por uma garotinha que me avalia timidamente. — Pronto para ir? — ele diz, olhando entre nós duas. Eu o agrado balançando a cabeça, apesar de não ter escolha no assunto.

Descemos o Loot em silêncio, passando por multidões enquanto caminhamos, todos aplaudindo e gritando seus parabéns para nós. Ao nos aproximarmos do final da longa rua, vejo uma carruagem escura esperando, acompanhada de um Imperial sentado no banco do motorista, com seu uniforme branco quase cegando ao sol.

Nosso Imperial ruivo abre a porta para nós antes de também se juntar ao guarda no banco. A garota entra e eu a sigo, espiando pela porta para dar uma última olhada no Beco Loot antes que a carruagem me feche lá dentro, me separando da minha vida anterior.

Assentos pretos almofadados nos aguardam, e estou quase ocupado demais admirando a coisa mais chique que já vi para notar o garoto sentado à nossa frente. Seu cabelo castanho está bem penteado na cabeça, logo acima dos olhos verdes escuros que estão fixados em mim. Pela condição de suas roupas, posso dizer que ele vem de uma área mais agradável das favelas e provavelmente se enquadra no nível Defensivo das Elites.

A carruagem avança e eu me agarro à parede. Já não gosto de espaços pequenos e muito menos de lugares pequenos que *se movimentam*. Estabilizo minha respiração, me forçando a me acalmar antes de olhar para o garoto entediado.

— Oi, — eu digo, tentando aliviar a tensão. — Eu sou Pae...

— Eu sei quem você é — ele me interrompe, decidindo imediatamente que olhar pela janela é muito mais interessante do que nossa conversa. — Você é a garota que *salvou* o Príncipe Kai. — Seu tom sugere que não foi exatamente isso que aconteceu. Como se dezenas de pessoas não tivessem *visto* isso acontecer.

Abro a boca, permitindo que as palavras saiam antes que eu possa pensar melhor nelas. — Correto. E claramente você não tem reputação, ou eu já teria ouvido falar de você.

Seus olhos se voltam para os meus, suas narinas dilatadas. — Eu sou Ace. Ace Elway. — Ele diz isso com orgulho, ajeitando a gola da camisa enquanto continua: — Sou um Ilusionista. Raro. É por isso que estou aqui. — Seu sorriso é tão frio quanto seus olhos. —

E vou precisar desses vinte mil xelins para finalmente me tirar dessas *favelas*, então tenho certeza de que em breve estarei construindo uma grande reputação.

Nunca encontrei um Ilusionista, mas já ouvi o suficiente sobre eles para saber que ele é perigoso, mesmo como Defensivo.

— E quem é você? — ele pergunta para a garota ao meu lado. — O que você pode fazer?

Ela olha entre nós dois, parecendo querer desaparecer.

E quase rio quando ela faz isso.

Ela está lá em um segundo e desaparece no seguinte. Olho para o assento vazio ao meu lado antes que sua forma reapareça, se materializando em questão de momentos.

Ocultadora.

— Eu sou Hera — ela diz timidamente. Seus profundos olhos castanhos encontram os meus enquanto ela coloca uma mecha de cabelo preto e sedoso atrás da orelha. Algo sobre a ação parece vagamente familiar, me fazendo pensar se ela é um dos Ocultadores populares que realizam magia de rua.

— Meu nome é Paedyn — digo acima do barulho da carruagem rolando sobre os paralelepípedos irregulares.

— Qual é o seu poder? — ela pergunta curiosamente.

— Psíquico. — Dou de ombros casualmente. — Sinto principalmente emoções fortes que me dão flashes de informação. Não é muito, mas é tudo que tenho.

Mentiroso. Você não tem nada.

— Sério? — Seus olhos se arregalam, provavelmente chocada que alguém com uma habilidade Mundana tão fraca pudesse chegar às Provas, quanto mais derrotar um Silenciador.

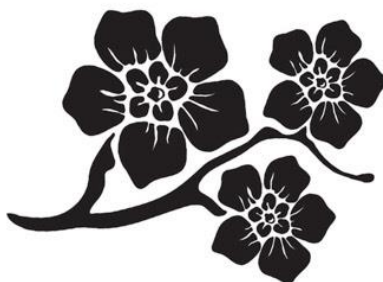
— É uma habilidade mental incontrolável e a única razão pela qual o Silenciador não conseguiu entrar na minha cabeça quando salvei o Príncipe Kai. — Lanço um olhar aguçado para Ace. — Acho que é por isso que as pessoas me querem nessas Provas.

Ace, o Burro, bufa. — Eles só querem você nas Provas de Purificação para ver você morrer, Mundana.

Eu olho para ele e, depois de um longo momento, um pequeno sorriso surge em meus lábios.

— Ah, definitivamente. Mas pelo menos eles estarão me observando.

Capítulo Onze



Paedyn

O SILÊNCIO É o único som durante o resto do passeio, deixando a janela ao meu lado como minha única fonte de entretenimento.

Passamos por dezenas de ruas lotadas de estranhos sorridentes, todos acenando e olhando boquiabertos. Alguns comemoram e correm ao lado da carruagem quando passamos, tentando nos ver antes de rolarmos para o nosso destino.

À medida que nos aproximamos do palácio, as casas ficam maiores e mais bonitas, e as ruas não estão mais cheias de moradores de rua. Vejo as pontas das torres assustadoras antes que todo o palácio assustador apareça abaixo delas. É enorme. Mesmo com a sua pedra cinzenta e o seu exterior frio, é de tirar o fôlego. Colinas gramadas e jardins vibrantes cheios de flores coloridas que eu nem sabia que existiam cercam as muralhas do castelo, suavizando a estrutura intimidante.

Ouçó o barulho de cascos batendo contra a pedra lisa enquanto entramos em um pátio, passando por uma grande fonte no centro, enquanto estátuas brancas se espalham por seu perímetro. Quando a carruagem finalmente para, espio pela janela e vejo uma grande escadaria de pedra que leva ao palácio e é cercada por canteiros de flores.

Os Imperiais saltam de seu poleiro almofadado e abrem as portas da carruagem, permitindo que a luz quente do sol penetre em nosso pequeno compartimento. Praticamente saio correndo na pressa de escapar da carruagem apertada e da companhia lá dentro. Assim que meus pés estão novamente em terra firme e engolidos pelo ar livre, respiro fundo, inalando o doce perfume das flores e do sol.

Os outros dois tropeçam e ficam ao meu lado, ambos com os olhos arregalados e olhando fixamente. Uma voz nos assusta quando o Imperial ruivo pigarreja e diz: — Siga-me.

Subimos os degraus de pedra atrás dele, passando por dezenas de Imperiais alinhados na escadaria. Quando chegamos ao topo, mais dois guardas saem e se juntam o ruivo que nos conduz antes de passarmos pelas portas gigantes.

Se o lado de fora era bonito, não era nada em comparação com *isto*. Cada parede é ricamente decorada com pinturas brilhantes e molduras complexas que sobem pelas paredes e se prendem ao teto. Tudo é deslumbrantemente branco com um toque ocasional de esmeralda que pontilha os corredores pelos quais caminhamos, mostrando a cor do reino de Ilya.

Estou muito hipnotizada pelo tamanho e pela beleza deste lugar para sequer perceber que o ruivo está falando com nós três. — ...os quartos ficam por aqui, na ala leste do palácio. — Ele aponta para os muitos corredores que presumo estarem repletos de salas igualmente decoradas.

De repente, ele gira nos calcanhares para nos encarar, me forçando a parar antes de quase bater em seu peito. — As próximas duas semanas serão compostas de treinamento, encontro com os demais competidores, entrevistas e primeiro baile. E todas as semanas entre cada Prova seguirão a mesma rotina. Um Imperial será designado para você durante o resto de sua estadia aqui, e eles irão acompanhá-lo também e de qualquer lugar que você precise estar até que você se familiarize com o castelo.

Um dos Imperiais que está atrás de nós se move ao lado de Hera, enquanto o outro toma seu lugar ao lado de Ace. — Bem — o jovem Imperial bate palmas na frente dele com um suspiro, — vamos mostrar seus quartos e deixar você se instalar.

Quando Hera e Ace dobram a esquina no final do corredor, volto-me para o meu Imperial pessoal. — Então, você vai ficar de olho em mim?

— Sorte minha. — Ele ri e se vira, fazendo sinal para que eu o siga. — A propósito, meu nome é Lenny.

— Nunca pensei que diria isso a um Imperial, mas é um prazer conhecer você, Lenny. — Fechando a boca antes de qualquer coisa que eu não deveria estar dizendo, acelero o passo e tento acompanhar seus longos passos.

— Sim, bem, eu não culpo você. A maioria dos Imperiais pode ser... — Ele esfrega a nuca, procurando a palavra certa.

— Porcos? — Murmuro antes que eu possa pensar melhor.

Ele interrompe a risada com um rápido pigarro. — Sim, eles me fazem falar muito por aqui. Acho que não sou tão intimidante. — Eu rapidamente o olho de cima a baixo, incapaz de deixar de concordar. Seu cabelo ruivo bagunçado combinado com a explosão de sardas saindo de sua máscara diminuem qualquer esperança de parecer ameaçador. Ele para em frente a uma porta perto do final de um longo corredor antes de abri-la e gesticular para dentro.

Mordo a língua para não engasgar ao ver o quarto mais lindo que já vi, cheio de estantes de livros, uma penteadeira delicada, uma escrivaninha e...

Uma cama.

Uma cama *enorme*. Depois de dormir em paralelepípedos irregulares por cinco anos, a ideia de dormir ali é *avassaladora*. Pisco de espanto quando finalmente dou um passo para dentro. O carpete é macio sob meus pés, e me viro para ver um banheiro aparecendo atrás de uma porta à esquerda. Ando em direção a ela, lutando contra o sorriso quando vejo uma banheira de porcelana imaculada, apoiada sobre pernas douradas.

Água quente e corrente.

Um vaso sanitário e uma pia igualmente brilhantes ficam no chão de mármore branco para completar o conjunto. Saio lentamente do banheiro, ainda olhando para o quarto diante de mim. Pelo canto do olho, posso ver Lenny me observando, divertido com minha admiração. — Espero que você ache seu quarto... satisfatório?

— Ah, vai ter que servir, suponho. — Eu me jogo na cama enquanto digo isso, o sarcasmo escorrendo das palavras.

— Bem, vou deixar você ficar confortável, já que vai passar muito tempo aqui — diz ele, se virando para sair pela porta.

— O que você quer dizer com isso?

Ele esfrega a mão na nuca com um suspiro. — Você descobrirá em breve.



Lenny estava certo em me dizer para ficar confortável.

Estou presa neste quarto há dois dias.

Se tornou minha gaiola dourada pessoal, me trancando com luxos. Os guardas estacionados do lado de fora da minha porta não me consideram importante o suficiente para resmungar mais do que algumas palavras sobre seguir ordens e me manter confinada em meu quarto. Então vasculhei cada centímetro da câmara, me ocupando folheando livros, mergulhando em banhos quentes, devorando refeições deliciosas.

E, no entanto, nunca me senti mais ansiosa.

O interior da minha bochecha está dolorido, resultado de mordidas incessantes na tentativa de acalmar meus nervos. E apesar de dormir numa cama macia pela primeira vez em anos, estou inquieta. Não falei com ninguém desde o meu primeiro dia aqui, nem me disseram o que diabos está acontecendo. Fiquei andando pelo piso acolchoado, me preocupando com quem são meus oponentes e o que eles podem fazer.

Jogos mentais, é isso que é.

O rei provavelmente achará isso cômico. Adora a ideia de estarmos ansiosos, inquietos e presos em nossos quartos até que ele diga o contrário. O objetivo disso é nos deixar nervosos, impacientes.

Uma batida na porta me faz parar de andar.

A cabeça de Lenny espia pelo batente da porta, um sorriso tímido no rosto. — Então... como você está, Paedyn?

Eu pisco para ele. — Como eu estou? *Como eu estou?*

Ele se arrasta mais para dentro da sala, suas próximas palavras são lentas. — Ok, então, estou com a sensação de que você não está... ótima.

Minha risada é amarga. — Você poderia dizer isso. Já se passaram *dois dias*. Onde diabos você estava?

— O rei gosta de manter os competidores completamente isolados durante os primeiros dias — diz ele rigidamente. — Mas, boas notícias, você jantará esta noite com os outros competidores, junto com o rei e a rainha.

Eu engulo. Depois de quarenta e oito horas agitadas, de repente vou conhecer os competidores que atormentam meus pensamentos e o rei que atormenta meus pesadelos.

— Voltarei em breve para acompanhá-la ao jantar — diz Lenny, se virando para a porta. — Se precisar de alguma coisa, é só gritar. Eu não estarei longe. Ah, — ele olha para mim por cima do ombro, — e você pode querer se trocar antes do jantar.

Quando ele sai, entro no banheiro e mexo nos vários botões da banheira até que água quente e fumegante comece a escorrer. Em poucos minutos, estou despida e mergulhada na água agora espumosa, graças à quantidade desnecessária de sabonetes e sais que joguei nela. Esfrego o cabelo e o corpo vigorosamente, deixando a pele vermelha e renovada.

Faz anos que não me sinto tão limpa.

Minha mente vagueia pelas minhas muitas preocupações, a água morna fazendo pouco para me acalmar. As Provações consomem meus pensamentos, me lembrando do poder que me falta e da pouca proteção que possuo. Sem mencionar que, se as Provações não me matarem, ser descoberta como Ordinária com certeza o fará.

Mergulho na água borbulhante até esfriar como nos banhos aos quais estou acostumada. Quando finalmente reuni forças para me forçar a sair da banheira, estou tremendo enquanto visto um roupão de seda verde.

Volto para o meu quarto, abrindo as portas brancas do guarda-roupa gigante em frente à minha cama para olhar as dezenas de cores e padrões, todos cuidadosamente pendurados em um cabide. Trajes para cada tipo de ocasião estão pendurados casualmente ali, todos à minha disposição.

Adena morreria se visse isso.

Olho fixamente para as roupas, depois para as minhas roupas esfarrapadas, esquecidas no chão. Não tenho a menor ideia do que é apropriado vestir neste jantar e prefiro não fazer papel de boba antes mesmo das Provações começarem.

Lembrando que Lenny disse para *gritar* se eu precisasse de alguma coisa, pretendo fazer exatamente isso. Tenho certeza de que o Imperial presenciou várias dessas refeições e terá uma ideia de qual é o traje esperado.

Vou até a porta e a abro, olhando para baixo enquanto aperto o nó do meu roupão. Na verdade, eu grito: — Lenny, que diabos devo vestir...

E então eu olho para cima.

Meus olhos encontram olhos grandes e verdes brilhantes. Nunca vi o homem diante de mim; eu teria me lembrado. Seu cabelo loiro sujo e bagunçado parece um pouco úmido, como se ele também tivesse acabado de sair do banho. Ele tem traços simultaneamente fortes, mas delicados, com nariz reto e lábios macios. Sua mão está levantada, ainda disposta a bater na minha porta.

Ele se recupera mais rápido do que eu. — Problemas com guarda-roupa? — Sua boca se contorce em um sorriso brincalhão, e algo sobre isso parece tão familiar, e ainda assim, nem um pouco.

— Claramente, — eu digo com um pequeno sorriso. Seus olhos passam rapidamente por mim, e só então me lembro que estou vestindo um roupão. Eu o puxo com mais força em torno de mim, lutando contra o rubor.

Ele limpa a garganta. — Bem, não precisa se preocupar. Sua empregada, Ellie, chegará em breve para ajudá-la a se vestir e se preparar para o jantar.

Ele fala com ar de autoridade, como se estivesse acostumado a dar ordens. Apesar de suas roupas simples — calças pretas justas e uma camisa verde mais justa que mostra sua figura magra — eu sei imediatamente que este homem não é um servo.

Um concorrente?

Ao pensar em ter uma empregada me servindo, digo rapidamente: — Isso não será necessário. Eu posso cuidar de mim mesma, obrigado.

Seu olhar viaja do meu cabelo ainda pingando e emaranhado até o roupão de seda que fecho com força. — Claramente, — ele diz, imitando minha resposta a ele momentos atrás com aquele sorriso estranhamente familiar no rosto.

Olho para mim mesmo e quase rio. — Ok, talvez uma empregada seja necessária, afinal.

Ele ri suavemente antes de apontar para a sala atrás de mim. — Só passei para ver se tudo estava adequado?

Eu me pego quase rindo mais uma vez. — Se *isso* for adequado, não consigo nem imaginar o que é considerado requintado por aqui.

Seus olhos procuram os meus. — Então me lembre de lhe mostrar os jardins algum dia. — Ele me oferece um aceno de cabeça. — Estou ansioso para ver você no jantar, Paedyn.

Eu pisco para ele.

— Estranho, — eu digo lentamente. — Não me lembro de ter dito meu nome.

— Ah, você não precisava. — Aquele sorriso torto está provocando seus lábios mais uma vez. — Eu faço questão de conhecer todas as garotas bonitas que salvaram meu irmão mais novo.

Pragas, ele é...

— A propósito, meu nome é Kitt. — Ele me dá um sorriso antes de se virar para caminhar pelo corredor, me deixando chocada e olhando fixamente.

Príncipe Kitt. Como em “futuro rei de Ilya” Kitt.

O que há comigo me deparando a realeza?

Eu nunca tinha visto o futuro rei antes e definitivamente nunca pensei que o encontraria de manto. Ele é o herdeiro do trono, o próximo governante que está pronto para seguir os passos de seu vil pai. Entre ele e seu irmão...

Seu irmão.

É por isso que seu sorriso parecia tão familiar.

Já vi uma variação disso no rosto do outro príncipe, embora o de Kitt fosse brilhante e juvenil, enquanto o de Kai era mais arrogante e frio.

Observo enquanto uma garotinha de cabelos escuros caminha timidamente até meu quarto com um sorriso tímido nos lábios. — Boa noite, senhorita. Serei sua empregada enquanto você estiver aqui no palácio e ajudarei você em tudo que precisar. — Sua voz é suave e delicada, mas suas palavras ensaiadas são firmes.

— Por favor, me chame de Paedyn. — Ela me olha cansada, mas eu continuo. — Pragas, algumas horas atrás eu estava dormindo em algum lixo, então confie em mim quando digo que você não deveria me chamar *de senhorita*.

Ela luta contra a risada, balançando a cabeça lentamente em concordância. — Ótimo, — suspiro, — agora que isso está resolvido, você pode me ajudar a descobrir o que devo vestir esta noite?

Ela sorri timidamente para mim, parecendo aliviada. — Acho que posso ajudar com isso.

Passamos a meia hora seguinte filtrando as roupas antes de escolher algo relativamente simples para os padrões do palácio, embora ainda seja a coisa mais bonita que já usei.

Com metade do guarda-roupa vazio no chão, decidimos por uma legging preta brilhante combinada com uma blusa de seda verde escura. É relativamente baixa com mangas caídas que já sei que será acidentalmente mergulhado na comida. Coloco uma pequena adaga na parte de trás da minha calça, e a lâmina plana contra minhas costas é fresca e reconfortante.

Depois de amarrar as botas de cano alto, Ellie me leva até a penteadeira, onde começa a brincar com meu cabelo, tentando deixar o esfregão úmido com uma aparência apresentável. — Então, senh... — Ela limpa a garganta e tenta novamente. — Então, *Paedyn* — ela enfatiza meu nome com um pequeno sorriso, — você tem alguma ideia de como serão as Provas?

— Nenhum palpite. — Dou um sorriso suplicante através do espelho. — Eu esperava que você fizesse isso, já que tenho certeza que você ouve muita coisa no palácio?

Suas próximas palavras são pouco mais que um murmúrio. — Tudo o que sei é que este ano deveria ser... diferente.

— Diferente? — Eu ecoo. — De que maneira?

Ela dá de ombros, com punhados do meu cabelo em suas mãos. — Eu não sei. Apenas diferente de alguma forma.

Eu me esforço para ver como a Provação poderia ser *diferente*, visto que cada uma é tão sangrenta e brutal quanto o anterior. Mas a pouca informação me faz sentir ainda mais despreparada para o que está por vir, e tento não me preocupar com o desconforto que toma conta de minhas entranhas.

Ellie logo desiste do meu cabelo bufando, decidindo deixá-lo solto nas minhas costas. Ela então adiciona pó no meu rosto antes de espalhar um pouco de preto nos meus cílios. — Pronto, — ela diz, me estudando. — Chega de parecer que você dormiu no lixo esta manhã.

Eu bufo. — Pragas, você está saindo da sua concha?

Ela fica vermelha antes que uma batida na porta a faça correr para atender. Lenny olha para ela e sorri, apenas fazendo com que seu rubor se aprofunde.

— Pronto para ir, Paedyn? — Ele arrasta os olhos de Ellie para encontrar os meus.

Quando o encontro no corredor, começamos nossa caminhada pelos corredores primorosamente decorados. À medida que zigzagueamos pelo labirinto que é o castelo, tento o meu melhor para fazer um mapa mental do layout.

Uma esquerda, duas direitas, outra esquerda. . .

Logo estamos de volta ao grande corredor de entrada que se estende até as portas ainda maiores pelas quais entramos há dois dias. Lenny me leva até outro par de portas do teto ao chão, um pouco mais adiante no amplo corredor, enquanto ele murmura: — A sala do trono. É aqui que você fará suas refeições com os outros competidores.

Antes que eu tenha a chance de fazer perguntas, ele acena para os guardas que estão por perto, ordenando silenciosamente que empurrem a porta iminente.

E a princípio, ninguém parece me notar.

Eles estão todos sentados ao redor de uma longa mesa de madeira no centro do piso de mármore, em desacordo com a beleza delicada da sala do trono. Quanto às Elites que o cercam, eles conversam confortavelmente uns com os outros, visto que muitos deles provavelmente cresceram juntos.

Respiro fundo e começo a caminhar lentamente em direção à mesa. Oito pares de olhos se movem em minha direção, me olhando de cima a baixo enquanto caminho até eles.

Claro que sou a última a aparecer.

Puxo uma cadeira na ponta da mesa ao lado de Ace, relutante em sentar ao lado dele, mas aliviada por estar sentada para que todos possam parar de olhar.

Exceto que eles não o fazem.

Sinto seus olhares e olho para cima, incapaz de evitar que as palavras saiam da minha boca. — Então, o que há para o jantar?

Deixo escapar um suspiro de alívio quando a garota sentada do outro lado de Ace bufa e se inclina sobre a mesa para olhar para mim. Seu cabelo ruivo brilha sob a luz do sol do fim da tarde que entra pela janela, competindo com a argola prateada brilhante em seu nariz. — Eu continuo fazendo a mesma pergunta! — Seus olhos cor de mel parecem brilhar com malícia. — Eu sou Andy.

— Paedyn — eu digo, oferecendo um pequeno sorriso.

— Bem, se estamos fazendo apresentações, — uma voz profunda vem do outro lado da mesa, — Eu sou Braxton. — Olho para cima e vejo um garoto enorme e de pele escura inclinando a cabeça em minha direção.

Forte.

Aceno para ele enquanto uma voz masculina mais alta chama: — Eu sou Jax! — Olho para ele, observando seu sorriso tímido. Nomes agora estão sendo gritados do outro lado da mesa. Além de Hera e Ace, que vieram das favelas, é óbvio que todos os outros se conhecem bem.

— Eu sou Sadie. — Me viro para a voz e vejo uma garota de pele quente me estudando. Seu olhar é avaliador, curioso. A garota ao lado dela levanta o queixo e limpa a garganta, chamando minha atenção para ela.

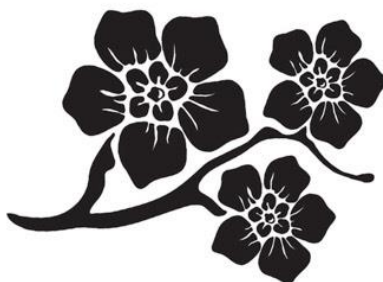
— Blair. Prazer em conhecê-la, Paedyn. — Ela cospe as palavras como se elas deixassem um gosto horrível em sua boca, enquanto olha para mim como se eu fosse algo pegajoso na sola de sua bota. Tenho a impressão imediata de que essa garota não quer nada com os mundanos, muito menos com quem chama as favelas de lar. Seu cabelo lilás cai sobre os ombros, contrastando com os olhos castanhos que me encaram. Ela é deslumbrante, mas surpreendentemente fria.

— O prazer é todo meu, Blair — digo friamente. O olhar faminto em seus olhos me faz sentir como se *fosse* sua próxima refeição.

E então uma voz profunda e irritantemente divertida vem da ponta da mesa, bem na minha frente.

— E eu sou Kai. Mas você já sabia disso.

Capítulo Doze



Kai

ELA ESTÁ AQUI.

Kitt estava rindo muito quando descobriu exatamente quem era Paedyn Gray, porém, um golpe de uma das minhas facas o calou bem rápido. Mas mesmo levantando as mãos em sinal de rendição, ele não conseguia parar de tagarelar sobre como toda a situação era engraçada.

E ele está certo. É *ridículo*. A garota psíquica que involuntariamente salvou um príncipe com o qual ela claramente não se importava, agora é recompensada por isso ao ser forçada a prova que poderiam matá-la.

E agora ela está sentada bem na minha frente.

Depois de lavar meu corpo do suor e do sangue que acompanha um longo dia de treinamento e tortura, fui até a sala do trono. Logo depois, Braxton entrou, seguido por Jax, que ainda estava pulando de excitação.

O resto do grupo familiar veio logo depois, junto com um menino e uma menina que eu não reconheci – os das favelas. Os assentos ao redor da mesa foram preenchidos, deixando os dois na cabeceira para o rei e a rainha e um ao meu lado para Kitt.

Mas assim que todos nos sentimos confortáveis e iniciamos conversas inúteis sobre as mesmas conversas regurgitadas das quais falamos há anos, algo acontece.

Ela acontece.

Ela entra.

Se sentando à minha frente, sem sequer olhar na minha direção, ela diz: — Então, o que tem para o jantar?

Ela fala com confiança, mesmo com os dedos inquietos, girando o anel no polegar.

Interessante.

As apresentações são trocadas rapidamente entre Andy, Braxton, Jax, Sadie, Blair e os recém-chegados Ace e Hera. E mesmo assim ela ainda nem se preocupou em olhar para mim.

Isso simplesmente não vai funcionar.

— E eu sou Kai. Mas você já sabia disso.

Isso finalmente chama a atenção dela. O canto da minha boca se contorce com o fantasma de um sorriso quando seus olhos encontram os meus. Seus cílios estão escurecidos pela maquiagem, contrastando com o azul brilhante de seu olhar. Ondas suaves e prateadas caem sobre seus ombros e seu rosto, e sinto uma vontade repentina e irritante de tirar os fios de seus olhos, pelo menos para poder vê-los melhor.

— Sim, infelizmente, eu já sabia disso. — Seu sorriso suave contrasta totalmente com a nitidez de seu olhar.

Nossos olhos se voltam para as grandes portas quando elas se abrem com um gemido, minha atenção agora fixada em meu pai e minha mãe passando por elas. Não, o *rei* e a *rainha* passando por eles, parecendo exatamente iguais. Eles brilham sob a luz do sol que entra pelas enormes janelas que cercam a sala do trono, a luz refletida em suas coroas e joias enquanto eles se dirigem para a mesa. Estou habituado a esta formalidade, o rei num terno elegante enquanto a rainha brilha num vestido elegante. O pai parece severo e severo, enquanto a mãe parece serena com seu sorriso brilhante.

Kitt segue atrás deles, parecendo casual e ainda assim o futuro rei. Seu olhar encontra o meu antes de passar para Paedyn com um sorriso conhecedor nos lábios. Ele se senta ao meu lado enquanto o rei puxa uma das pesadas cadeiras de madeira para sua rainha.

— Bem-vindo a sexta Provas de Purificação — ele grita na mesa.

A mãe tira uma mecha de cabelo preto dos olhos e diz: — E parabéns a todos vocês por terem chegado aqui.

— É uma honra ser escolhido — diz o pai. — Uma honra para o seu reino, sua família e você mesmo. — Ele repete as palavras que foram gravadas em minha cabeça antes que eu pudesse entendê-las. — Sugiro que você gaste seu tempo com sabedoria para se preparar para as Provas. Você nunca sabe o que pode ser jogado em você. — Seus olhos pousam em mim, silenciosamente e com menos sutileza, lembrando-me da minha missão de vencer. — Eu recomendo que vocês usem o tempo restante antes da primeira Prova, bem como todas as semanas entre as próximas, para treinar.

E para ver seus oponentes treinarem.

Quase posso ver as palavras não ditas em seus olhos. Saber como luta o seu adversário, aprender a ler os seus movimentos e manobras, pode ser a diferença entre a vida e a morte.

— Além de praticar seus passos de dança! — Mãe diz calorosamente, já que ela sempre gostou muito mais dos bailes do que do derramamento de sangue das Provas.

O pai sorri para a esposa. É um gesto genuíno, do tipo que ele só dá para ela. — Chega de conversa sobre as Provas. Vamos comer.

E com isso começa a procissão de criados, todos carregando bandejas fumegantes para a mesa. Dezenas de pratos cheios de comida estão diante de nós. Peru temperado e montes de feijão estão sendo colocados em pratos. A própria Gail traz uma bandeja com pãozinhos pegajosos e os coloca diante de Kitt e de mim para provocar nós dois. Dou uma piscadela rápida enquanto ela se afasta, revirando os olhos para mim antes de sair da sala.

Kitt e eu conversamos à toa enquanto distribuimos bandejas de comida, espantando os criados quando eles se oferecem para nos servir. Estou empilhando peru no prato quando meus olhos se fixam em Paedyn, sentada rigidamente à minha frente. Sua mandíbula está travada, como se ela estivesse tentando ao máximo não a deixar cair. Curioso, olho para Hera, que está com uma expressão semelhante de admiração no rosto. Até mesmo Ace, que parecia ser o mais rico dos três, não pode deixar de olhar silenciosamente para a quantidade de comida colocada diante de nós.

Meu olhar volta para Paedyn, que está ocupado demais piscando para se preocupar em comer. Só posso imaginar o que se passa na cabeça dela. Provavelmente algo como o quão enojada ela está com a quantidade de comida que desperdiçamos enquanto ela mal tinha o suficiente para sobreviver. Ao olhar para a raiva mascarada crescendo em seu rosto, algo me diz que ela prefere passar fome esta noite.

E isso não vai acontecer.

Só porque estamos competindo um contra o outro não significa que eu queira vencê-la por padrão, devido ao fato de ela morrer de fome. Então, esfaqueio um pedaço de peru com o garfo, estendo o braço sobre a mesa e coloco-o no prato dela.

Seus olhos se voltam para os meus, seu rosto é uma mistura de aborrecimento e choque. — Você gosta de feijão? — pergunto casualmente e, quando ela não responde, coloco-os no prato dela de qualquer maneira. — Bem, acho que vou descobrir.

Eu me inclino sobre a mesa, acrescentando batatas à crescente pilha de comida em seu prato enquanto murmuro: — Você vai me fazer dar comida para você também, ou você consegue se alimentar sozinha? — Com isso, sorrio para ela de um jeito que sem dúvida a fará querer jogar o feijão e um soco na minha cara.

Seus olhos queimam como chamas azuis, praticamente me repreendendo com um olhar furioso. Mas, assim como eu suspeitava, ela relutantemente pega o garfo e enfia alguns feijões na boca com o olhar fixo em mim. Eu me recosto na cadeira, sorrindo. Ela podia ver em meus olhos que eu iria, de fato, alimentá-la com uma colher se ela não começasse a comer, e não havia nenhuma maneira de ela deixar isso acontecer.

Os próximos minutos são preenchidos com sons de talheres tilintando e conversas dispersas. Blair se vira para Kitt e para mim, falando sobre Pragas sabe-se o quê. Em geral, Kitt é um homem muito melhor do que eu, especialmente quando se trata dela. Ele fala casualmente enquanto eu ofereço minha atenção à comida na minha frente.

A voz do pai de repente interrompe o barulho da conversa. — Então, — eu olho para cima e vejo que ele está olhando para Paedyn, intrigado, — *esta* é a garota que salvou você no beco?

Só depois de me roubar.

Posso sentir os olhos de todos se voltando para nós, todos ouvindo a conversa. Paedyn deixa cair suavemente o garfo e encara o rei com tanta intensidade no olhar que por um breve momento me lembra Blair. Há uma certa emoção nublando seus olhos quando ela olha para ele — uma emoção que ela está tentando esconder. Não tenho tempo para tentar decifrá-lo antes que ela mude suas feições para a neutralidade com um piscar de olhos.

— Sim, eu salvei a vida dele. Não é verdade, Alteza? — Ela volta sua atenção para mim, seu sorriso se transformando em um desafio.

— Então você sabe meu título, afinal. — O sarcasmo cobre minhas palavras enquanto um sorriso brinca nos cantos dos meus lábios. — Sabe, eu não tinha certeza. Porque lá no beco você estava me chamando de algo muito, muito diferente.

Seu sorriso é todo dentes. — Tenho certeza de que o que quer que eu tenha chamado você era justificado. — Uma pausa. — E preciso. — Um sorriso. — E merecido.

Bastardo arrogante.

Seus olhos, seu sorriso, seu tom — tudo ela grita as duas palavras. Grita o título que ela me concedeu.

— E qual era o seu título, de novo? A Salvadora Prateada? — Eu solto uma risada silenciosa. — Apropriado. Eu sei o quanto você ama *prata*.

O sorriso frio de Paedyn vacila diante do significado por trás das minhas palavras.

Ela está irritada. Estou me divertindo.

Os sentimentos da mãe refletem claramente os de Paedyn, porque ela me lança um olhar antes de dizer: — Obrigada, Paedyn, por ajudar Kai. Isso não passou despercebido por nós, ou pelo povo, visto que eles queriam você nas Provas. — Paedyn abaixa a cabeça e sorri suavemente para ela, embora o sorriso não alcance seus olhos.

Ao som da voz do meu pai, seu sorriso vacila. — Devo dizer que nunca conheci uma psíquica antes. — Ele olha para ela com curiosidade. — Seus poderes são... intrigantes.

Paedyn relaxa e ri levemente. — Sim, bem, meu pai disse que é um presente raro, mas pequeno, que poucos mundanos possuem. Suponho que a parte mais útil da minha habilidade é que não sou afetado pelos Silenciadores, assim como seu filho, ao que parece. — Uma mecha de cabelo prateado cai em seus olhos, e ela a coloca atrás da orelha distraidamente enquanto o resto da mesa retorna às suas conversas anteriores, aparentemente entediados em ouvir esta.

— Ah, sim, seu pai. Adam Gray foi um grande curador. Um homem muito educado — diz o pai, pensativo.

Paedyn fica rígida em sua cadeira. — Você, — ela limpa a garganta, — você conhecia meu pai?

— Sim eu conhecia. Ele vinha ao palácio durante a estação das febres para ajudar os médicos da nossa corte quando havia muitos pacientes para atender.

Paedyn assente. — Sim, me lembro dele fazendo isso todo inverno.

A conversa é interrompida quando os criados voltam à sala para tirar a louça. Eles contornam a mesa, pegando pratos e talheres antes de desaparecerem no corredor, deixando uma mesa impecável em seu caminho.

Pai e Mãe permanecem como um só. — Descanse um pouco, Elites. Seu treinamento começa amanhã. — Com as palavras finais do rei, eles se viram e saem pelas grandes portas.

Um momento de silêncio se passa antes que as cadeiras sejam arrastadas no chão de mármore e todos fiquem de pé. Três Imperiais estão indo em direção às novas Elites, prontos para escoltá-los de volta aos seus quartos.

Vejo um guarda jovem e ruivo caminhar até Paedyn com um sorriso. E de repente, estou me colocando entre eles antes que possa me conter. — Eu assumo daqui.

Ele olha para mim, confuso. — Senhor, devo escoltar...

— Estou ciente. E sou perfeitamente capaz de garantir que ela chegue ao quarto, não concorda?

— Sim sua Majestade. — E com isso, ele inclina a cabeça na direção de Paedyn antes de sair da sala.

Eu mesmo olho para ela, a expressão de confusão em seu rosto espelhando a do garoto. E então me viro e saio pela porta, sem esperar que ela me alcance. Ela bufa antes do clique rápido de suas botas de salto alto começar a ecoar atrás de mim.

— Por que a súbita vontade de ser um cavalheiro? — ela chama secamente por trás. Paro e giro nos calcanhares, observando-a enquanto ela caminha em minha direção, meu olhar passando rapidamente por ela.

— Não se acostume com isso, — eu digo com um sorriso rápido. — Acontece que meu quarto fica em frente ao seu, então posso muito bem ser um cavalheiro só desta vez.

Enfio as mãos nos bolsos enquanto começamos a andar novamente, desta vez com ela ao meu lado. — E por que um príncipe ficaria na ala do palácio do competidor?

— Bem, caso você não tenha notado, eu também sou um competidor nas Provas.

Ela solta uma risada sem humor. — Sim, eu percebi. Mas eu pensei que o príncipe deveria ter uma grande sala repleta de criados que o servissem de pés e mãos? — Sua pergunta é acusadora, palavras adoráveis misturadas com veneno.

— Ah, não se preocupe, eu também tenho um desses — respondo friamente, ouvindo-a zombar ao meu lado. Ela está apenas parcialmente certa. Eu tenho um quarto grande, mas me recuso a permitir que criados me sirvam. — Todos os competidores deverão ter as mesmas condições de vida antes e durante as Provas. Dessa forma, ninguém pode acusar outra pessoa de ser favorecida ou estar em vantagem.

Paramos do lado de fora do quarto dela, onde ela se vira para mim. Ela parece que vai rir de novo, mas quando fala, suas palavras são amargas. — Só porque estamos todos hospedados em quartos semelhantes não significa que os outros não tenham vantagem.

Fico quieto enquanto a considero por um momento. Se eu fosse um Mundano jogado nas Provas, enfrentando algumas das habilidades mais fortes que os Elites podem ter, não duvido que me sentiria diferente. Seu poder não é algo que ela possa usar como arma como todos nós. Ela é forçada a confiar em sua própria força e não na força de uma habilidade.

De repente penso em como ela lutou contra o Silenciador, tão habilidosa e tão segura de si. Talvez ela tenha mais chances de sobreviver a esses jogos do que acredita.

Observo seu olhar passar por cima do meu ombro até a porta que estou bloqueando. Ela abre a boca para dizer alguma coisa, chamando minha atenção para o corte cicatrizado em seu lábio inferior.

Num impulso que não consigo ignorar, meus dedos seguram seu queixo e levantam seu rosto em direção ao meu. Ela está atordoada demais para se mover, e eu aproveito isso. — Eu teria pensado que você poderia evitar um ataque direto como este. Acho que você não é uma lutadora tão habilidosa quanto eu pensava. — Dou de ombros e inclino a cabeça dela em direção à luz, examinando casualmente o corte raivoso em seu lábio.

Ah, mas ela não está mais parada ali, atordoada, imóvel e silenciosa.

Em um movimento rápido, ela agarra meu pulso por baixo do queixo e o torce para fora com um puxão, causando uma dor aguda no meu braço. Então ela agarra minha camisa e me empurra contra a parede. Sua mão livre encontra a adaga amarrada em meu quadril e a tira, colocando a lâmina afiada contra minha garganta.

— Você gostaria de descobrir o quão habilidosa eu sou como lutadora? — Ela olha para mim friamente, diversão dançando em seus olhos com a situação em que estou atualmente. Ela adora ver o príncipe preso contra uma parede. E não qualquer príncipe: o futuro Executor.

Eu me inclino contra a pedra fria, rindo sombriamente enquanto enfio as mãos casualmente nos bolsos. Isso só faz com que ela pressione a lâmina com mais força contra minha garganta, ameaçando tirar sangue.

Coisinha cruel, não é?

— Cuidado, Alteza. Eu não gostaria de derramar sangue real. — Ela está zombando de mim e é uma tentativa adorável.

Eu me inclino em direção a ela, deixando o aço afiado da minha própria lâmina atingir minha garganta, desenhando uma linha fina de sangue quente. — Cuidado, querida. Você esquece que derramar sangue é o que eu faço de melhor.

Nós nos encaramos.

Ela está me olhando com uma expressão que não consigo entender, mas se recupera rapidamente, desviando a conversa com facilidade. — Um de seus Imperiais fez isso

comigo. — Ela desenrola o punho da minha camisa e aponta para o lábio. — Falando nisso, você já perguntou a ele sobre mim? Tenho certeza de que ele tinha muito a dizer.

Eu tive, e ele fez. Depois de falar com cada Imperial designado para o rodízio matinal, um deles mencionou seu recente encontro com a Psíquica. O desdém do homem por Paedyn era mais do que óbvio quando ele recapitulou o que ela sentiu nele.

E, no entanto, ele não mencionou como havia batido nela.

Talvez eu alivie uma das mãos dele, para que ele nunca mais tenha a oportunidade de colocá-la em uma mulher.

— Falei com ele, sim — digo baixinho. — Embora pareça que teremos outra conversa em um futuro próximo. — Seus olhos percorrem meu rosto, fazendo-me sentir uma ansiedade anormal e irritante sob seu olhar. Limpo a garganta e olho para a faca que ela ainda segura firmemente contra meu pescoço. — Achei que tivéssemos estabelecido que você *sabe* quem eu sou, correto? — O canto dos meus lábios se curva para cima enquanto digo isso, lembrando do nosso encontro no beco. Quando eu *a* prendi contra uma parede.

— Sim — diz ela, tão perto de mim agora que posso estudar todos os diferentes tons de azul em seus olhos. — Eu já disse isso antes e direi novamente. Um bastardo arrogante?

Eu rio, apenas fazendo a adaga afundar ainda mais na minha carne.

— Além disso, não importa quem você é. — Seu olhar cai para o chão brevemente antes de fixá-lo novamente em mim. — Estamos competindo um contra o outro agora. Sem *favoritismo*, lembra? Você mesmo disse isso.

Tudo bem. Eu vou jogar junto.

Tiro a mão do bolso e alcanço suas costas, lentamente, mantendo seu olhar o tempo todo. Ela olha para mim, a confusão estampada em seu rosto, embora ela segure a faca com firmeza. Ela e eu sabemos que ela não vai realmente cortar minha garganta, então não estou nem um pouco preocupado enquanto continuo envolvendo meu braço atrás dela até que meus dedos roçam o cabo frio de uma adaga enfiada na faixa de suas calças.

Eu sabia que estava lá, vi o sol brilhar no punho prateado quando ela se levantou da mesa de jantar, me virando de costas.

Sorrindo para ela, deslizo a adaga lentamente, meus dedos roçando brevemente a parte inferior de suas costas. Acho que ouço um leve suspiro escapar de seus lábios enquanto pressiono sua própria faca em sua garganta, refletindo o que ela está fazendo comigo.

— Você tem razão. Estamos competindo uns contra os outros agora. — Eu rio suavemente. — Acho que é melhor começar a tentar então.

Nós nos observamos por um longo momento. Seu olhar é inabalável, lembrando-me do oceano parado, da calma antes da tempestade. — Guarde minhas palavras, príncipe, eu serei sua ruína.

Eu me inclino, ignorando a faca em minha garganta enquanto murmuro: — Ah, querida, estou ansioso por isso.

Muito tempo passa.

E então...

Lentamente, surpreendentemente, ela tira a faca da minha garganta.

Eu também abaixo minha adaga e a coloco em sua mão estendida e expectante. Ela se move para se afastar, para me abandonar e deixar esta conversa, mas eu pego seu pulso. Ela fica imóvel ao meu toque, e meus olhos se fixam nos dela enquanto guio sua mão, e a faca presa dentro dela, em meu peito. A lâmina revestida com meu próprio sangue encontra o tecido da minha camisa, e os nós dos dedos dela roçam meu peito enquanto eu limpo sua adaga.

— Já chega de não derramar sangue real — suspiro.

Ela expira lentamente. — Isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde.

— Então, eu deveria me acostumar com isso?

— Você deveria esperar isso.

Eu sorrio. — Então estou ansioso pelo nosso próximo encontro.

Eu pisco e ela revira os olhos antes de colocar minha adaga de volta na bainha e colocar a sua na cintura. E então ela passa pelo meu braço e se dirige para a porta.

— Sempre um prazer — digo, caminhando para o meu quarto do outro lado do corredor.

— Infelizmente, não posso dizer o mesmo. — Vejo um sorriso antes de ela entrar em seu quarto, fechando a porta atrás dela.

Assim que estou do outro lado da minha porta, estou andando pelo quarto que fica bem em frente ao dela. Meus dedos vão até meu pescoço, sentindo o calor pegajoso do meu sangue ali.

Essa garota pode ser a minha morte. Literalmente.

Capítulo Treze



Paedyn

O SUOR ESCORRE pela minha testa e gruda nos meus cílios.

Estou tão fora de forma.

Depois de três longos dias de treino, meu corpo está dolorido e gritando para eu parar. Meus anos vivendo nas ruas cobraram seu preço, me deixando mais fraco do que eu imaginava, apesar de fugir regularmente dos Imperiais e escalar chaminés.

Abaixo a cabeça e levo a barra da minha regata manchada de sujeira até os olhos, bufando enquanto enxugo as gotas de suor do rosto. Estou imunda. E, infelizmente, é o mais normal que sinto desde que cheguei ao palácio.

Uma árvore alta e acolchoada surge diante de mim, as marcas dos meus punhos ainda visíveis nas almofadas ásperas que envolvem o tronco. Já estou no pátio de treinamento há horas, junto com os outros competidores, todos fazendo vários exercícios ou lutando uns contra os outros.

O quintal não se parece em nada com o ringue tosco e lamacento onde cresci treinando. Viro e me inclino contra a árvore acolchoada, varrendo meu olhar através da dúzia de grandes ringues que pontilham o quintal gramado onde a maioria dos meus competidores reside atualmente.

Amplas prateleiras de madeira repletas de armas e escudos, todos novos e esperando para serem usados, acompanham cada um dos anéis. Nunca vi nada parecido. Tantas armas à minha disposição. Tantas armas sendo desperdiçadas.

Meus olhos percorrem o pátio de treinamento. Para onde quer que eu olhe, meus colegas competidores estão se exercitando, alongando, poupando e tão sujos e encharcados de suor quanto eu. Todos parecem evitar treinar suas habilidades por enquanto, provavelmente esperando para exibir seus poderes até as entrevistas.

Só o simples pensamento me faz girar ansiosamente o anel no polegar. Amanhã a esta hora, estaremos nos exibindo para o reino de Ilya enquanto tentamos ganhar seu favor.

Pelo pouco que aprendi com Ellie, as entrevistas são a forma como as pessoas escolhem quem querem apoiar nas Provas. É um momento para as elites mostrarem a sua força, falarem e tentarem ganhar os votos do povo.

E é exatamente isso que preciso fazer: conquistar o povo. Eles desempenham um papel vital nesses jogos distorcidos, e quanto mais votos um competidor obtém, mais aumenta sua pontuação.

Suspiro e respiro o ar úmido, com cheiro de grama fresca, sujeira e mais do que uma pitada de suor. Estou aliviado por estar treinando, por estar fazendo algo com as mãos para evitar que minha mente divague em pensamentos perigosamente prejudiciais. Como as Provas e a possibilidade — a probabilidade — da minha morte iminente.

Sou arrancada dos meus pensamentos quando meus olhos pousam na pele bronzeada. Com o sol da tarde nos castigando, os meninos abandonaram há muito tempo as camisas suadas. E é irritantemente... perturbador, para dizer o mínimo.

Kitt e Kai circulam um ao outro em um círculo, sorrindo enquanto trocam palavras, parecendo estar brigando verbalmente antes de começarem a fazê-lo fisicamente. Os irmãos parecem confortáveis, contentes neste momento juntos.

Embora o futuro rei não seja um competidor nas Provas, isso não parece impedi-lo de treinar e comer conosco como se fosse um. Mantive distância dos irmãos e dos outros concorrentes, embora a tensão entre todos nós só cresça a cada dia que passa.

Meu olhar volta para os meninos, traçando a tatuagem escura idêntica girando logo acima de seus corações. Mesmo desta distância, posso distinguir o símbolo de força de Ilya gravado em sua pele.

A crista em si é simples, consistindo em redemoinhos grossos, todos conectados em um diamante lateral. Supostamente representa os diferentes poderes e como todos eles trabalham juntos, ao mesmo tempo que representa os quatro marcos que cercam Ilya. Há o Monte Plummet ao norte, o Oceano Raso ao oeste, o Deserto Escaldante ao leste e a Floresta Sussurrante ao sul – todos se unindo para criar um diamante ao redor da cidade.

Pisco e tiro os olhos dos irmãos antes de voltar para a árvore, sentindo de repente a vontade de bater em alguma coisa novamente. Eu giro e acerto um chute sólido nas almofadas grossas, ressoando em um *baque satisfatório*. O suor escorre pelo meu corpo em riachos, mesmo depois de ficar apenas com minha regata fina, agora úmida e grudada em mim desconfortavelmente. Minhas calças pretas e justas estão quentes ao toque sob o sol escaldante, e eu as enrolo quase até os joelhos, tentada a arrancar as malditas coisas.

Dou golpes na árvore emaranhada até que os nós dos dedos fiquem vermelhos e em carne viva antes de encostar a testa suada na almofada, ofegando um pouco. A almofada abafa meu gemido antes de me forçar a ir até o armário de armas mais próximo.

Meus dedos dançam ao longo das lindas facas inocentemente pousadas na prateleira. A suavidade e a nitidez dessas facas me deixam ansiosa para jogá-las. Volto minha atenção para o alvo a dez metros à minha frente e começo a enterrar várias facas

profundamente na madeira Áspera. Entro no ritmo, deixando meu corpo relaxar com cada faca que solto. Eu me sinto focada. Me sinto atordoada.

Eu senti falta disso.

Deixei minha mente vagar, observando enquanto as facas alcançavam seu alvo. De repente, estou de novo no meu quintal, jogando pequenas lâminas na casca Áspera de uma árvore. Meu pai anda atrás de mim, me enchendo de perguntas. Perguntas sobre o que me rodeia, sobre coisas que eu deveria observar em segundos, mesmo enquanto minha mente se concentra nas lâminas afundando em seu alvo.

Quase consigo ouvir os passos do meu pai na terra atrás de mim.

O barulho familiar de uma faca cortando o ar me fez abaixar instintivamente, sentindo o sussurro de uma lâmina acima da minha cabeça antes de olhar para cima bem a tempo de vê-la afundar no alvo.

Um lindo lance.

Mas estou muito chateado para admirá-lo. Eu fico em pé e giro nos calcanhares, os olhos fixos nos cinza a alguns metros de distância.

Ele é a imagem perfeita da inocência: mãos já nos bolsos, cabelos despenteados ao vento e um sorriso preguiçoso nos lábios. — Bons reflexos, Gray.

Aquele filho da puta arrogante...

— Que *diabos* está errado com você? — Vou em direção a Kai, diminuindo a distância entre nós em questão de segundos. — E se eu não me abaixasse, hein?

Ele dá de ombros. *Encolhe os ombros.* — Então, eu teria menos concorrência com que me preocupar.

— Então, você está admitindo que sou uma ameaça para você?

— Eu nunca disse isso.

— Mas você deu a entender.

— Não se iluda.

Meu peito se agita enquanto mantenho seu olhar. Uma única covinha aparece quando ele olha para mim, o canto da boca inclinado em diversão. E com isso a vontade de bater nele só aumenta.

— Eu sabia que você iria se abaixar, Gray, — ele murmura, seus lábios se contraindo com o uso do meu sobrenome. Um arrepio percorre minha espinha, apesar do sol bater nas minhas costas, quando ele se inclina ainda mais para sussurrar algo em meu ouvido.

Mas nunca descubro o que ele queria dizer.

Uma pontada de dor perfura minha orelha e eu estremeço em estado de choque. Ouço o baque de uma faca atingindo o alvo atrás de nós e olho por cima do ombro de Kai para ver Blair com a mão estendida. Um sorriso torce seus lábios vermelhos, mas seus olhos escuros passam entre Kai e eu.

Estendo a mão até a orelha, onde meus dedos ficam rapidamente cobertos de sangue pegajoso. Ela enviou a faca voando em direção ao alvo, mas não antes de deixar sua marca em mim.

Ela me cortou. De propósito.

Um músculo se espalha pela mandíbula de Kai, a única indicação de seu temperamento. Ele permanece pairando sobre mim, recusando a se virar para Blair enquanto meio que me bloqueia dela com seu corpo.

— Territorial, não é, Blair? — Eu digo, olhando de Kai para seu olhar ardente. Ela claramente não gostou do fato do príncipe estar dando atenção a outra pessoa, mesmo que essa atenção fosse ele jogando uma faca na minha cabeça. Talvez ela goste disso.

Ela ignora minha pergunta, com voz presunçosa. — S ó pensei em marcar meu alvo antes do início das Provas.

E então ela gira nos calcanhares e se afasta, me deixando olhando para ela. Engulo, me sentindo menor e mais fraca do que nunca. A exibição de Blair foi um lembrete de como seria fácil para qualquer uma dessas Elites acabar com minha vida de Ordinária.

Ela me marcou.

— Você está sujando o cabelo de sangue, querida.

Meus olhos se voltam para Kai ainda pairando sobre mim, agora avaliando meu ferimento com seu olhar penetrante. Estico a mão, com a intenção de colocar o cabelo atrás da orelha ensanguentada, quando a mão dele pega meu pulso.

— Não— ele suspira, seus calos roçando minha pele enquanto ele puxa minha mão na frente do meu rosto e acena para meus dedos ensanguentados. — A menos que você queira adicionar mais sangue ao seu cabelo?

Tento não ficar boquiaberta para ele, e isso só faz seu sorriso crescer. — Por que você é...?

— Ser um cavalheiro? — ele termina para mim, suspirando como se ele mesmo não soubesse a resposta. — Digamos apenas que eu sei como é difícil lavar o sangue do cabelo, então não invejo sua situação atual. — Seus olhos vagam pela minha ferida dolorida e pelo sangue que posso sentir escorrendo dela. Então ele solta meu pulso antes de cuidadosamente colocar o cabelo atrás da minha orelha, murmurando: — Você está fazendo uma bagunça, Gray.

Pisco para ele, me perguntando vagamente se um ferimento tão superficial me fez perder sangue suficiente para me deixar alucinado. Algo deve estar terrivelmente errado, porque o futuro Executor apenas colocou *delicadamente* o cabelo atrás da minha orelha para que não ficasse mais sangrento do que já está.

— Se vire.

O comando me traz de volta à realidade.

Aí está aquele adorável futuro Executor.

Suas sobrancelhas se erguem em expectativa, esperando que eu obedeça à ordem. Em vez disso, as palavras que saem da minha boca são: — E por que eu faria isso?

Sua voz é monótona. — Porque eu disse para você.

— E isso deveria significar algo para mim?

Estou jogando um jogo muito, muito perigoso.

Ele abre um sorriso. — Tudo bem. — E então ele de repente está atrás de mim, murmurando: — Coisinha teimosa.

Dedos Ásperos roçam minha nuca.

Minha respiração fica presa quando ele casualmente puxa meu cabelo em suas mãos, penteando os fios do meu rosto e da minha orelha ensanguentada. — O que você está...? — Paro, sentindo o padrão que ele está tecendo suavemente. — Você está... *trançando* meu cabelo?

— Por que você parece tão surpresa? — Ele pergunta simplesmente, sem perceber que minha boca está aberta em estado de choque. Sua voz está cheia daquele desafio arrogante quando ele diz: — O que, você precisa que eu te ensine como fazer?

— Não, eu não preciso que você ensine... — Faço uma pausa, respirando fundo. — Como você sabe fazer tranças?

Ele solta uma risada que agita os cabelos da minha nuca. — Você diz isso como se fosse difícil.

Ficamos em silêncio por um momento, e o toque de seus dedos percorrendo minhas costas me acalma. Eu limpo minha garganta. — Achei que você me disse para não me acostumar com o fato de você ser um cavalheiro?

Praticamente posso ouvir o sorriso em sua voz quando ele diz: — E ainda mantenho essa afirmação.

— Então por que você está fazendo isso?

Ele solta um suspiro. Os dedos caem em meu braço e quase pulo ao ver seus calos súbitos. Eles param na alça enrolada em meu pulso antes de tirá-la para começar a prender meu cabelo.

— Pronto, — ele diz, dando um passo para ficar na minha frente enquanto passa a longa trança por cima do meu ombro. Então ele dá um puxão, admirando seu trabalho com um sorriso que mostra suas covinhas.

Olho para a trança e reprimo um suspiro ao ver vários fios saindo. — Achei que isso *não fosse* difícil para você? — Eu rio e digo: — Você sabe que *todo* o cabelo deve ficar na trança, correto?

— Maneira estranha de dizer obrigado, mas suponho que é o melhor que receberei de você. — Ele se inclina mais perto, os lábios erguidos em um sorriso zombeteiro. — Talvez se você não me deixar te ensinar como fazer tranças, você considere me deixar lhe ensinar algumas boas maneiras.

Quase engasgo com a zombaria ao pensar no futuro Executor me ensinando *boas maneiras*. Seus olhos passam pela minha orelha antes que ele se afaste, enfiando as mãos nos bolsos. — Você deveria curar isso antes das entrevistas de amanhã, — ele diz casualmente, acenando para minha ferida. — Não gostaríamos que a marca de Blair deixasse uma cicatriz em você.

A súbita mordida nessas palavras me deixou atordoada por um momento enquanto o estudava no silêncio crescente. — Não — finalmente consigo dizer, — não iríamos querer isso.

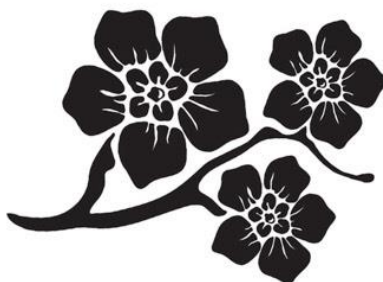
Seu olhar passa por mim novamente antes de ele se virar, lançando um sorriso malicioso por cima do ombro. — Boa sorte amanhã, Gray.

Eu não me incomodo em lutar contra meu sorriso. — Se eu tivesse boas maneiras, também lhe desejaria sorte, príncipe. Mas você já me informou que não.

Ele ri, e o som serpenteia pela minha espinha enquanto ele continua se afastando. Sem ele para me distrair, minha orelha dói furiosamente quando começo minha jornada de volta ao castelo com um pensamento me ocupando.

Ele nunca respondeu à minha pergunta.

Capítulo Quatorze



Paedyn

O AÇO FRIO do anel do meu pai pouco me conforta enquanto o giro no polegar.

Dedos gentis deslizam pelo meu cabelo, prendendo e puxando os fios bagunçados. Entre os toques calmantes de Ellie e o banco felpudo em que estou sentada, minhas pálpebras caídas ameaçam me puxar de volta para um sono agitado, apesar da minha mente cambalear. Ellie deve ver a preocupação e o cansaço estampados em meu rosto porque ela me oferece um sorriso simpático no espelho. — Como você está se sentindo? Você sabe, sobre as entrevistas?

A rotação constante do meu anel nunca diminui, embora meus nervos nunca se acalmem. — Bem, não tenho ideia do que esperar. E se tudo correr mal... — Paro quando Ellie acena para mim no espelho, não precisando que eu termine esse pensamento.

— Não pense demais. Você vai ficar bem, — ela garante enquanto continua prendendo meu cabelo. — Além disso, as pessoas não param de falar sobre a *Salvadora Prateada*.

A Salvadora Prateada.

Quase rio do apelido que recebi. Se eles realmente soubessem por que consegui parar o Silenciador, não me chamariam mais de salvadora. Na verdade, não estariam me chamando de nada, porque eu apenas me tornaria mais um Ordinário morto que não merece nome, título, memória.

Um elegante coque baixo fica na minha nuca quando Ellie termina, alfinetes brilhantes prendendo-o no lugar enquanto cachos prateados cercam meu rosto empoadado e cílios escurecidos.

Depois de muita deliberação, optamos por um vestido azul claro sem mangas. Elegante, mas não muito chamativo. — Você vai querer causar uma boa impressão e acho que este vai resolver o problema — diz Ellie com um sorriso. Assim que coloco nele, sou arrastada até o espelho para que Ellie possa admirar seu trabalho. Entre o cabelo, a

maquiagem e o vestido azul abraçando meu corpo, quase pareço pertencer *a* este lugar. Como se eu não tivesse dormido nas ruas nos últimos cinco anos da minha vida.

Uma batida na porta me assusta o suficiente para parar de olhar para o meu reflexo.
— Você está pronta aí?

Lenny está esperando do lado de fora da porta quando Ellie me empurra para o corredor, lançando um olhar tímido para ele antes de entrar no meu quarto. Ele me dá um sorriso fácil antes de nos levar de volta às enormes portas principais do castelo e ao pátio ensolarado além.

Não estamos sozinhos. A maioria dos outros competidores está tensa enquanto o resto sai lentamente do castelo. Logo, os Imperiais estão se aproximando, se juntando ao nosso grupo que está parado de braços cruzados.

— O que está acontecendo? — Respiro para Lenny, ainda parado ao meu lado.

— Nós — ele gesticula para seus colegas imperiais, — estamos acompanhando todos vocês até o Bowl.

Meus olhos se voltam para a estrutura iminente inocentemente próxima. Eu nunca tinha estado em nenhuma entrevista do competidor antes, então nunca tive o prazer de entrar na arena ao lado de milhares de outros Ilyanos. Recebeu seu nome pouco original devido ao formato inclinado e em forma de tigela do grande estádio onde nunca pensei que pisaria.

O grupo estabelece um ritmo tranquilo enquanto caminhamos para o Bowl, com os Imperiais nos flanqueando por todos os lados. Fica a menos de dois quilômetros do palácio, e estou completamente contente em estudar o que me rodeia enquanto caminhamos pelo caminho de cascalho. Árvores retorcidas e caídas pairam sobre nós, estranhamente encantadoras com a forma como o sol flui através de suas folhas para projetar o chão abaixo delas com luz salpicada. Flores vibrantes de branco e rosa claro pontilham os galhos enquanto várias delas caem, espalhando pétalas pelo caminho.

Me deixei ficar para trás do grupo, observando meus concorrentes enquanto eles caminhavam na minha frente. Todos os meninos usam alguma variação de calças justas e botões coloridos, enquanto as meninas usam vestidos elegantes, mas simples.

Braxton e Sadie falam em voz baixa com sorrisos hesitantes, enquanto Andy continua esticando o pé para pegar o tornozelo de Jax, fazendo-o tropeçar enquanto ela ri. Meus olhos se voltam para Hera, quieta enquanto ela olha ao redor com admiração para o túnel de árvores que cerca o caminho. Ace, por outro lado, tem o nariz tão empinado que duvido que ele consiga ver o que está à sua frente.

Finalmente, meu olhar segue para as duas figuras altas caminhando na frente do grupo. Kitt e Kai riem baixinho, uma ocorrência aparentemente comum quando os dois estão juntos. Mais uma vez, o futuro rei se mistura com os competidores, me fazendo pensar brevemente se ele *gostaria* de fazer parte dessas provas distorcidas.

Blair se coloca entre os dois irmãos, rindo de algo que um deles disse. Tanto o cabelo lilás quanto o vestido azul marinho cintilante brilham ao sol, dando a ilusão de um

holofote constante seguindo-a. Ela usa qualquer desculpa para tocar nos meninos, o que a torna tudo menos sutil. Ela sabe o que quer e está claro que é um deles. Quase admiro sua resiliência.

Ando em silêncio enquanto observo as pétalas cor de rosa caindo das árvores, caindo no chão com uma brisa suave.

— Vejo que você encontrou algo para vestir.

A voz profunda ao meu lado me faz pular, e amaldiçoo baixinho ao ver repentinamente o futuro rei ao meu lado. Ele está rindo do olhar atordoado no meu rosto, e eu luto contra a vontade de empurrá-lo por me assustar daquele jeito. Respiro fundo antes de encontrar seu olhar verde, a cor combinando com as folhas penduradas acima de nós – combinando com a cor dos olhos de seu pai.

Os olhos do rei.

A percepção repentina me deixou vacilante. Eu me forço a engolir meu desgosto por este homem e pelo reino corrupto que ele governará à semelhança de seu pai. Respirando fundo, lembro-me de ser civilizado e educado.

Desempenhar o papel.

— Sim, mas não posso receber todo o crédito. — Olho para meu vestido azul claro, balançando na brisa suave. — Tenho que agradecer a Ellie por isso.

— Ah sim. — O sorriso do futuro rei está me provocando e me assustando. — Ellie, a empregada que você insistiu que não precisava?

— É essa mesma — respondo secamente. — Sabe, pensei que ela gostasse de mim, mas parece que ela quer me torturar com esses sapatos. — Já posso sentir meus pés começando a formar bolhas nas selas de tiras muito apertadas que Ellie insistiu que eu usasse.

Ele ri de novo, um som brilhante e contagiante que consegue me deixar desconfortável. — Eu não invejo você ou as bolhas que você provavelmente terá. — Um pequeno sorriso curva seus lábios enquanto ele gesticula para mim. — Mas combina com você mesmo assim.

— Obrigada... — As palavras saem soando mais como uma pergunta do que eu pretendia.

Sempre achei que o futuro rei seria frio e calculista — pelo menos mais parecido com seu irmão. Mas Kitt parece ser exatamente o oposto, o que me confunde, considerando quem é seu pai e o que seu futuro reserva.

Perdido em pensamentos, olho para cima e vejo a silhueta gigante do Bowl se aproximando, nos esperando no final do túnel da árvore. É enorme. Além do castelo, nunca vi uma estrutura tão grande.

Sinto algo pousar no topo da minha cabeça e praticamente saltar da minha pele. Kitt solta uma risada quando estende a mão e arranca a coisa do meu cabelo, me fazendo estremecer. A ação não passa despercebida e suas sobrancelhas franzem de preocupação.

Não estou desempenhando muito bem o papel.

Limpando meu rosto da ansiedade que tenho certeza que está escrita nele, tento dar um sorriso fraco enquanto olho para a flor rosa que ele agora gira entre os dedos. Olho para cima, avistando várias pétalas agarradas ao cabelo bagunçado de Kitt.

— Sabe — ele diz suavemente, colocando a flor de volta no topo da minha cabeça, — isso também combina com você.

Respiro fundo e forço um sorriso mais forte. — Eu poderia dizer o mesmo sobre você — digo, apontando para seu cabelo loiro cheio de pétalas. Ele retribui meu sorriso enquanto passa a mão por ele, fazendo pouco para livrar seu cabelo das flores que criam uma coroa no topo de sua cabeça.

— Bem, agora estamos combinando — ele diz simplesmente, com os olhos atentos. Desvio o olhar, ainda sentindo seu olhar percorrendo meu rosto enquanto tento ao máximo parecer calma e controlada.

— Você parece... — Ele faz uma pausa, tentando encontrar a palavra certa. — Ansioso. *Tanta coisa para calma e serenidade.*

Ofereço um sorriso rápido que não alcança meus olhos. — Bem, esperemos que a ansiedade também me sirva.

— São as entrevistas que te deixam nervosa ou é outra coisa? — Suas palavras são suaves, curiosas.

Relativo.

Meu olhar desliza para o dele antes de desviar rapidamente ao ver os olhos do rei olhando para mim. — Apenas as entrevistas e a possibilidade de eu fazer papel de boba.

— Você vai ficar bem. Especialmente depois do seu... incidente com meu irmão no Loot. — Ele me dá aquele sorriso encantador dele. — Você sabe que as pessoas ainda estão falando sobre você.

Estou prestes a responder quando meu rosto é subitamente banhado pela luz do sol. Eu não tinha percebido que o túnel de árvores havia terminado, me deixando piscando rapidamente sob a luz ofuscante.

Mas o sol se foi tão rapidamente quanto apareceu. O grupo se acalma quando entramos na sombra projetada pelo Bowl. Entramos em um dos muitos grandes túneis de cimento que levam à arena, nossos passos ecoando nas frias paredes de pedra até sermos cuspidos no nível mais baixo do estádio.

Minha cabeça gira para frente e para trás, olhos arregalados enquanto observo tudo. Ao redor de toda a arena oval há dezenas de fileiras largas cobertas por bancos de concreto que sobem pela lateral do Bowl. Meus olhos percorrem o vidro grosso que envolve cada seção das arquibancadas.

Não, não é vidro.

Desativadores.

Tinha conhecimento apenas brevemente do material raro inventado pelos Eruditos, e muito menos o vi pessoalmente. Por meios complicados demais para eu entender, esse

sósia de vidro impede que as Elites dentro das arquibancadas usem seus poderes, para não interferir nas Provas.

Desvio os olhos do estranho fenômeno e continuo examinando o Bowl com meu olhar arregalado. Embora estejamos no nível do solo, ao lado da última fileira de bancos, a arena cheia de areia fica abaixo de nós. Ando até o corrimão grosso de metal na beira do caminho e olho para baixo. É facilmente uma queda de quatro metros e meio até o chão da arena abaixo de nós, cheio de areia.

O poço.

E é lá que as Provas acontecerão enquanto centenas de Ilyanos assistem das arquibancadas que nos cercam.

Os Imperiais começam a nos conduzir ao longo do caminho até pararmos ao lado de uma ampla sala que se projeta para o caminho, cercada por vidro grosso. Olhando para dentro, posso ver três cadeiras grandes e luxuosas, todas assentadas sobre um piso de madeira polida e parecendo tão diferentes do concreto cinza e frio que cobre o resto do Bowl.

O camarote do rei.

Então é aqui que ele se senta confortavelmente e nos observa morrer.

Para minha surpresa, os Imperiais começaram a nos empurrar para a sala de vidro, um por um. Todos nós formamos uma fila e observamos enquanto Kai caminha até o canto mais distante. Estico o pescoço para vê-lo levantar uma trava escondida do chão, abrindo um alçapão antes de pular facilmente.

Uma mão em meu ombro me impulsiona para frente.

Onde estamos indo?

Ando pela sala abafada e vou até o buraco no chão que me espera. A sala abaixo está envolta em sombras, tornando impossível ver a que distância está o chão.

Suspiro antes de sair da borda e entrar na escuridão.

Meus pés atingiram o chão com um baque suave. Depois de estimar que a queda foi de quase dois metros, fico grata porque o chão sob minhas sandálias é macio. Mas com o tapete móvel embaixo de mim e os joelhos dobrados para diminuir o impacto da queda, não posso deixar de tropeçar em algo sólido.

Não. Não é alguma coisa. *Alguém.*

Braços fortes me envolvem antes que eu sinta o estrondo de uma risada profunda vindo do peito largo em que bati. Mãos grandes estão colocadas firmemente em meus quadris e enquanto meus olhos se ajustam à escuridão, posso distinguir a curva familiar de um sorriso malicioso nos lábios de Kai enquanto ele olha para mim.

— Trabalho de pés desleixado, Gray. Eu odiaria ser seu parceiro na pista de dança.

Empurro seu peito com as palmas das mãos e ele me solta relutantemente, rindo sombriamente. — Bem, então o sentimento é mútuo. — Estou confuso e odeio isso. — E eu tenho um trabalho de pés fabuloso, muito obrigado... — Limpo a garganta, desviando o olhar antes de acrescentar baixinho: — ...quando estou lutando.

Ele está certo, mais uma vez. E mais uma vez, eu odeio isso. Eu *sou* uma dançarina desastrosa. Posso ser capaz de dançar em uma briga, mas essa habilidade não se estende ao salão de baile.

Ele ri de novo, mas antes que tenha a chance de fazer algum comentário malicioso do qual eu definitivamente o faria se arrepender, Kitt se senta ao meu lado.

— Brincando com sua concorrência, irmão? — Posso ouvir a diversão em sua voz enquanto ele caminha até uma grande alavanca na parede e a puxa para cima. As luzes acima de nós piscam e ganham vida, me lembrando dolorosamente de casa e das poucas lâmpadas vibrantes que se espalham no Beco Loot.

— Não posso deixar de brincar com a competição que é divertida de se jogar — Kai responde com um encolher de ombros desleixado.

Estou prestes a dizer algo que provavelmente não deveria quando nossa conversa é interrompida enquanto o resto dos Elites literalmente cai na sala. Olhando em volta, encontro o espaço repleto de cadeiras e sofás macios, além de uma variedade de lanches espalhados sobre uma mesa comprida, deixando claro que estamos esperando aqui até o início das entrevistas.

Todos andam pela sala, se sentando nas cadeiras e pegando comida. Sinto uma mão roçar em meu ombro e me assusto, girando para encontrar um par de olhos divertidos e cor de mel escondidos atrás de mechas de cabelo ruivo.

— Assustadinha, não é? — Andy levanta uma sobrancelha.

— Sim, bem, pensei que você fosse Kai e estava se preparando para quebrar o nariz.

Ele bufa alto. — Compreensível. Meu primo é um idiota. Mais ou menos. — Ela aponta a cabeça na direção de Kai, mas o sorriso não desaparece de seu rosto.

— Seu... — Eu pisco. — Prima?

— Sim. Ele tem a sorte de ser meu parente. — Ele sorri, seu piercing no nariz piscando na penumbra. — Ambos são, embora eu seja apenas meio-prima de Kitt, suponho.

— Então, você cresceu no palácio também? Com eles? — Aceno com a cabeça em direção aos meninos que parecem estar provocando Jax impiedosamente.

— Sim, infelizmente. — Ela balança a cabeça e ri. — A quantidade de brigas que esses dois tiveram por causa da comida... — ela para, sorrindo para si mesma. — De qualquer forma, sou o que eles chamam de *ajudante* no palácio. Meu pai e eu consertamos tudo que precisa ser consertado no castelo e, acredite, esses dois quebraram muito ao longo dos anos.

Eventualmente, encontramos o caminho para um dos sofás e nos sentamos, conversando hesitantemente. Somos educados uns com os outros, satisfeitos em ter uma conversa civilizada e ao mesmo tempo conscientes do fato de que somos concorrentes.

O som trovejante de centenas de pés silencia a todos. O estrondo enche a arena acima, fazendo meu estômago revirar. Eles estão aqui. Centenas de Ilyanos – milhares, até. Todos aqui para assistir às entrevistas, ao show. Aqui para escolher quem querem apoiar, com quem querem viver.

Não tenho certeza de quanto tempo leva para o desfile de passos subindo pelas fileiras se acalmar. Mas as vozes não. Eles cantam e comemoram, esperando que os competidores se mostrem. Os Imperiais nos chamam de volta ao alçapão, onde de repente me encontro em outra fila, esperando minha vez de sair da sala e voltar para a caixa de vidro acima de nós.

Eu nem tinha notado o futuro rei ao meu lado até que ele estendeu a mão para puxar algo do meu cabelo. Eu nem tenho tempo de recuar antes que ele segure uma flor na frente do meu rosto – aquela que eu tinha esquecido estava emaranhada nos fios prateados.

— Embora eu ache que combina com você, talvez você não devesse fazer sua entrevista com isso na cabeça. — Ele aponta para a flor com um sorriso. — Você pode atrair muita atenção. Especialmente das abelhas.

Desempenhar o papel.

Isso é o que devo continuar dizendo a mim mesma. Porque toda vez que olho para ele, tudo que consigo ver é seu pai e um homem que um dia governará um reino corrupto. E ainda assim, apesar do meu desgosto, forço um sorriso no rosto. — Obrigada. Por me salvar do constrangimento e das abelhas.

Braxton passa por baixo da saída e estou grato pela desculpa para desviar o olhar do futuro rei. O Músculo nem precisa pular para agarrar a borda antes de se levantar facilmente do chão e passar pelo alçapão. Um por um, os meninos sobem para a sala de cima até que restem apenas os dois príncipes.

Eles ajudam as meninas a se levantarem com facilidade, praticamente erguendo Hera pela abertura. Blair se aproveita da situação, usando-a como desculpa para colocar as mãos dos meninos em cima dela. Depois que Sadie educadamente pede uma ajuda, fico sozinha com os irmãos.

Eu olho através do alçapão, avaliando meu salto quando Kai dá um passo atrás de mim, abaixando a cabeça para que seu queixo quase repouse no meu ombro. — Muito teimosa para pedir minha ajuda, Gray?

— Não, — eu digo friamente. — Forte demais para precisar disso.

Suas próximas palavras são murmuradas perto do meu ouvido. — Isto é o que eu gosto de ouvir.

O calor dele desaparece quando ele dá um passo para o lado, apontando para o alçapão acima com um sorriso torcendo seus lábios.

Eu pulo, meus dedos curvando-se ao redor da borda da abertura enquanto fico pendurado no ar por um momento. Nunca estive mais grato pelos muitos anos que tive praticando escalar edifícios. Eu me levanto, pronto para balançar as pernas...

— Esse maldito vestido, — eu bufo. É rígido, o tecido abraça meus quadris tornando impossível me mover livremente.

— Prossiga. — É a voz provocadora de Kai que ouço atrás de mim. — Peça minha ajuda, Gray.

Reviro os olhos para a parede à minha frente. — Teimosa, lembra?

Ouçõ Kitt rir antes de sentir mãos roçando minhas pernas. Assustada, olho para baixo, os olhos pousando em uma cabeça curvada de ondas negras bagunçadas. Kai está segurando a costura inferior do meu vestido, seus olhos olhando para os meus.

— Posso? — Sua voz é suave, o tom divertido.

Eu engulo, reviro os olhos mais uma vez e aceno com a cabeça contra o meu melhor Prova.

E então ele está rasgando meu vestido.

Ele rasga o tecido facilmente, criando uma fenda na lateral da minha coxa, me libertando dos limites apertados do tecido. Seus dedos Ásperos roçam brevemente minha pele enquanto ele diz: — Estou mais do que disposto a rasgar seus vestidos por você, Gray. Para ajudar, é claro. — Kitt bufa enquanto Kai sorri. — Você só precisa perguntar.

— Por que perguntar quando você está tão ansioso para oferecer?

A risada de Kai me segue quando finalmente me levanto, os braços queimando com o esforço. Quando fico de pé dentro da caixa de vidro, fico aliviada ao descobrir que as cadeiras ainda estão vazias. A ideia de ver o rei depois da maneira como ele falou tão levemente sobre meu pai, como se ele não fosse seu assassino, faz meu sangue ferver. Antes daquele jantar, eu nunca tive que lutar contra a vontade de enfiar um garfo na jugular de alguém.

Respiro fundo antes de sair para o caminho.

A multidão ruge.

Lá vamos nós.

Os Imperiais nos conduzem a uma pequena abertura na grade oposta à caixa, onde foram colocadas escadas para entrarmos no Poço abaixo. Meus pés batem na areia dura da arena enquanto a multidão aplaude, soando como se as Provas já tivessem começado.

Atravessamos o grande piso do Poço, parando no meio, onde um palco improvisado se eleva a alguns metros do chão. Dez cadeiras macias se alinham na parte de trás, enquanto mais duas estão centralizadas na frente. Os Imperiais nos conduzem ao palco onde nos sentamos. Meu olhar encontra o de Lenny, e ele me dá um aceno tranquilizador antes de entrar na fila com os outros Imperiais.

— Bem-vindos, companheiros Ilyanos, a sexta Provas de Purificação!

A multidão ruge enquanto eu viro minha cabeça em direção à voz alta e feminina. Ela se vira para nós, olhos castanhos brilhantes de excitação e lábios carnudos e vermelhos curvados em um sorriso enquanto nos observa.

Tealah.

Irônico que seu cabelo azul-petróleo brilhante corresponda ao seu nome. Eu nunca tinha visto as jovens que conduziram as entrevistas nas Provas anteriores, mas ouvi o suficiente sobre sua aparência única para identificá-la.

— Ah, mas estes não são provas comuns! — Ela sorri para a multidão, mostrando seus dentes brancos. — Pela primeira vez na história das Provas de Purificação, temos um

futuro Executor competindo. — Quase posso sentir os milhares de olhos se voltando na direção de Kai. Ele está claramente acostumado a essa atenção, parecendo completamente relaxado enquanto se reclina na cadeira.

Tealah continua: — E por causa disso, as Provas deste ano serão um pouco...diferentes.

A multidão enlouquece.

As palavras de Ellie ecoam na minha cabeça, espelhando as que Tealah acabou de falar.

Diferente.

Tudo porque há sangue real competindo? Tudo para tornar as coisas mais difíceis para o futuro Executor?

Não tenho tempo para refletir mais sobre isso antes que Tealah diga: — Vocês estão prontos para conhecer seus Elites? — Ela coloca a mão no peito enquanto fala, fazendo com que suas palavras se espalhem pela arena. Sua habilidade como Amplificadora permite que ela projete sua voz, assim como as vozes de outras pessoas, desde que ela as toque. Um poder Mundano, mas útil nesta linha de trabalho.

A multidão aplaude e bate os pés, imitando o estrondo de um trovão. — Por que não conhecemos Jax primeiro? Jax, querido, você poderia sentar aqui comigo?

Jax se senta na cadeira voltada para Tealah na frente do palco com um sorriso tímido no rosto. Ele se mexe, uma de suas longas pernas balançando no chão enquanto ela lhe lança perguntas inúteis sobre sua vida e as Provas.

— Er, eu gosto de treinar com Kitt. Principalmente porque ele me deixa ganhar às vezes. Kai... nem tanto. — A multidão explode em gargalhadas com a resposta de Jax sobre o que ele mais gosta no treinamento para as Provas. Ele sorri timidamente para Tealah, seu sorriso se alargando quando ele se mexe na cadeira para perceber o rápido encolher de ombros de Kai.

— Ele não é simplesmente adorável? — Tealah abre um sorriso para a multidão antes de perguntar: — Me diga, Jax, quantos anos você tem mesmo?

A mão de Tealah repousa em seu ombro, amplificando sua resposta. — Quinze.

Pragas, ele é tão jovem.

— Quinze e já tem a honra de competir nas Provas! — Tealah exclama, olhando para a multidão em busca de aprovação que eles oferecem na forma de pisadas e gritos. — E nos lembrar novamente do seu poder?

Ele limpa a garganta. — Eu sou um Teletransportador.

— Que fascinante! Nos conte mais para aqueles que ainda não testemunharam essa habilidade.

— Bem — ele se endireita na cadeira, — eu posso me teletransportar para qualquer lugar que eu possa ver, em um... bem, em um piscar de olhos. — Ele sorri enquanto o público ri.

— Tudo bem, Jax, mais uma pergunta antes de nos mostrar o que você pode fazer. — Tealah parece subitamente séria ao dizer: — O que você espera das Provas?

A cabeça de Jax se inclina para o lado, pensativo. — Bem, não tenho certeza em que consistirão as Provas, mas não importa o que aconteça, espero honrar meu reino, minha família... — Ele faz uma pausa e lança um olhar para Kai.

O estádio explode em aplausos ao ouvir o lema das Provas de Purificação. Tealah se levanta e guia Jax pelos degraus do palco até a areia compacta do Poço à nossa frente.

— O palco é todo seu, Jax!

Num segundo, Jax está sorrindo para o público e no próximo ele vai embora. Eu giro no meu assento para ver onde ele foi, apenas para encontrá-lo bem atrás de Kai, com um sorriso travesso no rosto. Ele bagunça o cabelo antes de desaparecer, deixando o príncipe engasgado.

Jax continua sua pequena rotina, pulando de um lugar para o outro, fazendo com que a multidão engasgue de surpresa a cada novo lugar em que ele aparece. Depois de alguns minutos, ele pisca de volta para seu assento original, bem entre Kai e Braxton, onde o primeiro não hesita em prendê-lo com uma chave de braço e bagunçar impiedosamente seu cabelo.

Tealah continua sua própria rotina de questionar os competidores antes de liberá-los para mostrar suas habilidades, seguindo o mesmo padrão.

Não passa de um show de talentos. Uma vitrine de quem é o mais forte.

Braxton quebra e arremessa estátuas de pedra que foram espalhadas pelo estádio para ele. Após a entrevista de Ace, onde ele falou como se já tivesse vencido as Provas, ele desceu para o Poço, pomposo como sempre. As ilusões que ele lança parecem tão reais, tão fáceis de confundir com a realidade. Ele acendeu o fogo, queimando a areia em um rastro de chamas, conseguindo até mesmo sentir cheiro de fumaça. E então desaparece num piscar de olhos tão rapidamente quanto apareceu, sem deixar nada para trás.

Sadie, sendo uma Copiadora, demonstrou seu poder criando dez cópias de si mesma e caminhando com elas pelas arquibancadas. Cada duplicata ofereceu acenos rápidos para a multidão antes de voltar para seu lugar.

Blair seguiu a mesma linha de entrevista de Sadie, sendo irritantemente gentil com Tealah e a multidão, embora eu não perca o retorno da nitidez em sua voz ao falar sobre vencer as Provas. Ela pisou na areia compacta e gentilmente levantou Tealah do chão usando seu poder de telecinesia, me informando que sua força reside mentalmente e não fisicamente. Na verdade, a lâmina que cortou minha orelha ontem provavelmente foi lançada pelo poder dela, não pela mão.

Hera era tímida, se contorcendo na cadeira e só falando quando necessário. Eu praticamente pude vê-la suspirar de alívio quando finalmente ficou livre para mostrar sua habilidade e evitar falar com o público. Ela desaparece e, depois de um momento, Tealah também desaparece. A multidão aplaude, olhando para o ar vazio onde antes estavam.

Andy era de longe a mais divertida, contando descaradamente histórias embaraçosas sobre sua infância com Kitt e Kai. A multidão a amava, ria de cada palavra dela. Mas quando ela pisou no Poço para mostrar seu poder, meu suspiro foi engolido pela multidão. Bem diante dos meus olhos, ela se transformou em um tigre. Depois um falcão. Um lobo. Todos eles da mesma cor vinho do cabelo dela. E então, depois de alternar casualmente entre vários animais, ela se transformou novamente em seu eu humano, com seu vestido lilás de alguma forma ainda perfeitamente intacto.

Tealah escolhe Kai em seguida, me deixando por último.

Ótimo.

Com Kai sorrindo para ela, Tealah parece corada e nervosa. É claro que ele colocou sua máscara encantadora enquanto brinca e interage com a multidão. Quando Tealah pergunta a ele o que ele espera das Provas, sua resposta é a mesma de todos os outros competidores antes dele: Honra ao meu reino, à minha família e a mim mesmo.

Quando o príncipe finalmente termina, ele abre um sorriso para a corada Tealah antes de sair do palco para mostrar seu poder. Bem, os poderes de todos os outros. Ele segue a linha dos competidores, usando cada uma de suas habilidades e cortejando o público com elas. Seus poderes lhe parecem fáceis, familiares, resultado de muitos anos de treinamento.

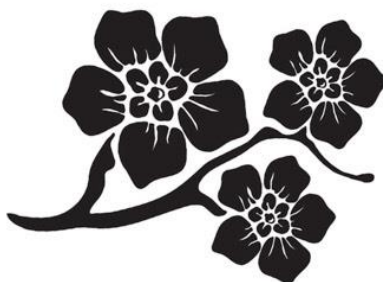
Quando ele chega ao fim da fila, seus olhos encontram os meus. Sua cabeça inclina ligeiramente para o lado enquanto ele me observa, o olhar cinza vagando pelo meu rosto. Não consigo imaginar o quanto ele deve ficar abalado por não ser capaz de usar minha *habilidade*, e esse pensamento traz um pequeno sorriso aos meus lábios enquanto olho para ele.

Então Kai está de volta em sua cadeira e eu estou caminhando em direção ao meu destino.

— E por último, temos Paedyn Gray! — A voz de Tealah ecoa pela arena enquanto ela dá um tapinha no assento ao seu lado com expectativa.

Desempenhar o papel.

Capítulo Quinze



Paedyn

MINHAS PALMAS ESTÃO escorregadias de suor. Me sento no assento ao lado de Tealah e aliso a saia do meu vestido, mesmo que seja apenas uma desculpa para enxugar as mãos suadas na seda macia. Olho para a plateia e minha respiração fica presa. Estou envergonhada por não os ter observado antes, mas agora não consigo desviar os olhos.

O rei e a rainha e...

Kitt.

Eles olham para mim de sua confortável caixa de vidro. O rei e seu herdeiro sentam-se próximos um do outro, e suas semelhanças me atingem como um golpe no peito. Seus cabelos cor de areia e olhos esmeralda se espelham, parecendo tão parecidos que meu ódio por um começa a se espalhar pelo outro.

— Então, Paedyn, nos conte sobre seu incidente com o Príncipe Kai! — Meus olhos voltam para Tealah, quase cegados por seus dentes brancos e brilhantes e seus cabelos vibrantes. Ela se inclina em minha direção e coloca a mão suave em meu ombro, projetando minha voz para que todos possam ouvir.

— Bem, de acordo com o Príncipe Kai, não há muito o que contar. Mas se você me perguntar, acho que ele está um pouco envergonhado por uma garota da favela ter vindo em seu socorro. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa impedi-las.

Pragas, preciso que as pessoas gostem de mim e zombar de seu príncipe provavelmente não é a melhor maneira de...

Risada.

Para minha surpresa e graça salvadora, o público me acha divertido. Espio por cima do ombro para Kai e vejo o fantasma de um sorriso enfeitar suas feições.

Então, talvez eu possa acabar com o príncipe deles, afinal. Posso trabalhar com isso.

— Não tem medo de dizer como as coisas são! — Tealah ri baixinho antes de passar para a próxima pergunta – aquela que tenho certeza que muitos estão se perguntando. —

Então, nos conte novamente como você conseguiu lutar contra o Silenciador? Quero dizer, está claro que você consegue se defender em uma luta física, mas como é que o Silenciador não afetou você?

Respiro fundo, sabendo que esse detalhe é muito importante para que todos entendam, *acreditem*. — Bem, Tealah, sou psíquica. É uma habilidade mental que me permite sentir emoções fortes dos outros e obter flashes de informação. E por causa disso, tenho o poder de proteger minha cabeça, mantê-la protegida de pessoas como os Silenciadores. — Sorrio um pouco antes de acrescentar: — E, aparentemente, pessoas como o Príncipe Kai, já que ele não consegue usar ou sentir minha pequena habilidade.

— Que fascinante! Devo dizer que nunca conheci uma psíquica antes! — Seus olhos estão arregalados, parecendo muito intrigados comigo, assim como tenho certeza que o resto da multidão está.

— Sim, bem, apesar de ser uma habilidade Mundana, parece ser bastante rara. — Eu sorrio brilhantemente, como se não estivesse mentindo descaradamente, estou mostrando para ela.

— Tudo bem, Paedyn, nos conte sobre sua vida em... — ela gagueja, quase dizendo *favelas* antes de decidir dizer, — ...em Ilya?

Penso em mentir mais um pouco, dizendo que não foi tão ruim assim, como foi fácil viver na favela. Mas parece que de repente sinto vontade de ser honesto.

— Você quer dizer, a vida nas *favelas*? — Ela pisca para mim, surpresa com minha correção brusca. — Não há muito o que contar. A vida nas ruas não é exatamente uma vida. — Eu olho bem nos olhos dela antes de me virar para encarar a multidão silenciosa. — Nos últimos anos, a fome e o frio têm sido as únicas constantes na minha vida. Mas não sou só eu. Há dezenas de outras pessoas que dormem nas mesmas pedras duras que eu. Dezenas de outros que farão qualquer coisa por um único xelim. — Faço uma pausa e respiro. — Viver nas favelas é a sobrevivência do mais forte. Então, de certa forma, estou mais preparado para essas Provações do que qualquer um.

Tealah me olha em estado de choque, claramente sem esperar essa resposta. Então algo parecido com pena brilha em seus olhos castanhos. Eu odeio isso. Não quero a piedade dela ou da multidão. Eu quero *mudança*.

Ela rapidamente passa para perguntas mais alegres sobre o treinamento e meus colegas competidores. — Quem você acha que será seu maior concorrente?

— Hum. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha, pensando na minha resposta.

— Talvez o Príncipe Kai? Vendo que ele tem a habilidade de usar qualquer poder? — Tealah oferece.

— Não o meu, lembra? — Eu rio levemente e ela também. — Ele não será um problema. Na verdade, veremos até onde ele chegará nessas Provações sem que eu esteja lá para salvá-lo. — Eu sorrio docemente enquanto a multidão cai na gargalhada,

praticamente sentindo os olhos de Kai queimando um buraco na parte de trás da minha cabeça.

— Tudo bem, Paedyn, última pergunta. O que você espera obter com as Provas?

Minha boca se abre, com a intenção de vomitar o lema praticado das Provações de Purificação como todo mundo fez. Como eu *deveria* fazer. Mas quando meus olhos se fixam na caixa de vidro acima de mim, se fixam no atual e esperado rei, as palavras saem da minha boca antes que eu possa morder a língua.

As palavras *erradas*.

— Sobreviver. Espero sobreviver a isso.

Posso sentir milhares de olhos fixos em mim.

Tealah consegue piscar lentamente enquanto mechas de cabelo azul-petróleo sopram em seu rosto com a brisa suave. Finalmente, ela limpa a garganta e fica rígida para me guiar pelo palco.

— Tudo bem então — ela tenta agir com naturalidade ao dizer, — nos mostre o que você pode fazer!

Agora estou piscando para ela.

Como diabos eu deveria fazer isso?

— Hum, — olho ao redor do estádio enquanto digo, — por que você não escolhe uma pessoa aleatória na multidão, e eu... eu vou lê-la.

De que pragas estou falando?

Tealah sorri e acena com a cabeça, claramente feliz por fazer alguma coisa. Observo enquanto ela sobe os degraus para fora do Poço e começa a andar pelas fileiras de pessoas, sorrindo e acenando enquanto caminha. Depois de alguns minutos de contemplação, ela finalmente aponta para uma jovem sentada algumas fileiras acima. A pobre garota parece preocupantemente confusa, mas se levanta com cautela antes de descer para o Poço, guiada por Tealah.

Quando ela se aproxima de mim, cansada, percebo que ela não pode ser muito mais velha do que eu. Seu cabelo castanho curto combinado com as sardas espalhadas por seu rosto lhe conferem uma aparência constante de inocência. Eu sorrio e estendo a mão para pegar suas mãos, querendo fazer disso um show.

— Não se preocupe. Eu não vou morder, — eu digo suavemente quando ela dá um pequeno passo para trás. Ofereço a ela o que espero ser um sorriso caloroso e, com isso, ela lentamente estende as mãos bronzeadas para mim. Agarrando suavemente, eu rapidamente a observo antes de fechar os olhos com força.

Eu tenho tudo que preciso.

Penso na corrente manchada em volta do pescoço, combinada com o grande anel desbotado pendurado nela, que mal era visível atrás das dobras da camisa. Eu também guardei o anel do meu pai depois que ele morreu, só que uso o meu no polegar. — Estou sentindo... tristeza. Você — aperto suas mãos quentes, respirando fundo, — você perdeu um homem que era muito próximo de você. Um tempo atrás. Seu pai?

Abro os olhos e vejo sua boca aberta. — Sim — ela diz baixinho, mesmo com a mão de Tealah em seu ombro para amplificar sua voz. — Sim, ele morreu há quatro anos.

— Sinto muito pela sua perda. Eu sei o que é perder um pai. — Mantenho meus olhos fixos nos dela, embora queira desesperadamente olhar para o rei em seu camarote brilhante.

Um suspiro coletivo ecoa pela multidão, surpresa por eu poder conhecer um detalhe tão pessoal.

E eles querem mais.

Tealah seleciona pessoa após pessoa para descer ao Poço, cada uma mais animada para ser *lida* do que a anterior. Eu falo coisas aleatórias e pessoais sobre eles, coisas que um estranho não deveria saber.

— Você acabou de descobrir que está grávida...

— Seu pai é ferreiro...

— Você roubou os sapatos que está usando...

Toda vez, tanto a pessoa que leio quanto a multidão acima de nós ficam maravilhadas. Eles suspiram, batem palmas e comemoram – um público completamente cativado.

Pragas, se eu soubesse que as pessoas gostavam tanto disso, teria cobrado pelas leituras na rua.

Um jovem magro agora está diante de mim, um sorriso iluminando seu rosto enquanto ele olha para baixo com expectativa. Fechando os olhos, me lembro do leve anel de sujeira grudado no joelho direito de sua calça enquanto ele caminhava em minha direção. Isso, combinado com o contorno sutil de uma pequena caixa no bolso do casaco e o brilho feliz em seu rosto, chego à minha conclusão em questão de segundos.

— Estou sentindo alegria. Porque... — Solto uma de suas mãos para pressionar meus dedos em minha têmpora. — Você acabou de ficar noivo. Hoje." Abro os olhos bem a tempo de ver sua boca se abrir.

— Sim! Ela está certa! Acabei de propor há menos de duas horas! — Ele gira para encarar a multidão, com um largo sorriso no rosto enquanto o público vai à loucura.

— Parabéns! — Meu grito é engolido pela torcida enquanto ele praticamente sobe as escadas para voltar ao seu lugar. Com isso, giro sobre os calcanhares e volto para minha cadeira, sem esperar que outra pessoa desça para eu ler.

— Aqui — Tealah passa um braço atrás dela, gesticulando para nós, — estão seus competidores para a sexta Prova de Purificação! — Sua voz ecoa pelo estádio apenas para ser rapidamente abafada pela multidão.

Os competidores ao meu redor se levantam e eu faço o mesmo. Acenamos e sorrimos para a multidão, observando enquanto eles cantam, batem os pés e levantam os punhos no ar.

Me sinto doente.

Eu me sinto usada.

Isso tudo é um jogo para eles.

Mas se quiser continuar vivo, tenho que fazer a minha parte. Eu tenho que jogá-*los*. Ser um peão no jogo deles é o preço que tenho que pagar para sobreviver. Fazê-los acreditar que gosto disso e, por sua vez, eles gostarão de mim.

Então eu me endireito, mantendo minha cabeça um pouco mais alta enquanto sorrio um pouco mais brilhante.

Eu não sou peão de ninguém.

Capítulo Dezesseis



Kai

O SANGUE GRUDA EM MINHAS MÃOS, em minhas roupas, manchando tudo de um vermelho doentio. Torturar tende a ser uma ocupação complicada e, apesar de quantos anos de prática eu tive, nunca parece ficar mais fácil. Ou mais limpo.

Ao contrário de Kitt, que foi treinado desde a infância para ser equilibrado, justo e majestoso, meu treinamento consistiu em um trabalho mais *prático*. Estratégias de batalha, assassinatos e a arte da tortura constituíram grande parte da minha educação. E devido a esta formação única e extensa que recebi, sou muito bom no que faço.

Exceto, ao que parece, quando se trata do Silenciador encolhido no chão da masmorra diante de mim. Já se passaram dias. Eu bati neste homem até virar uma polpa sangrenta, e o que aprendi em troca?

Nada.

Dizer que estou chateado seria um eufemismo. A única palavra útil que consegui fazer com que ele escapasse de seus lábios, além dos gritos e súplicas estridentes, foi o que presumo ser o nome dele.

Micah.

Suspiro, me agachando para pairar sobre seu corpo quebrado e ensanguentado. Seu longo cabelo, emaranhado de sangue, cai sobre seus profundos olhos castanhos. Eles se alargam quando encontram os meus, fazendo-o parecer tão jovem. Ele não pode ser mais do que alguns anos mais velho que eu.

— Agora, corrija-me se eu estiver errado — digo, enganosamente suave, — mas não acredito que você seja mudo. — Agarro sua mandíbula e abro para revelar o sangue acumulado em sua boca, sobre sua língua, manchando seus dentes de vermelho. — Mas eu poderia facilmente fazer isso acontecer. Eu poderia arrancar sua língua.

Deixo sua cabeça cair no chão de pedra e me levanto para sair, ciente de que já estou atrasado para o jantar. Batendo a porta da cela atrás de mim, ofereço a Damion um breve

aceno de cabeça. Ele me dá uma lenta inclinação de cabeça em resposta antes de me seguir pelo longo corredor de celas.

Nossos passos ecoam nas paredes de pedra enquanto subimos as escadas e entramos no corredor iluminado e ensolarado acima das masmorras. Vou habilmente para a sala do trono, mesmo enquanto minha mente divaga.

As Provas estão se aproximando rapidamente, com apenas quatro dias nos separando do primeiro jogo mortal. Esses últimos dias seguiram a mesma rotina de treinar, comer, conversar e torturar. E bem, brincando com Paedyn. Ela tem sido minha principal fonte de entretenimento ultimamente. *Ela é* divertida. Com sua inteligência, teimosia e óbvio aborrecimento comigo...

Pare.

Afasto os pensamentos de Paedyn da minha mente enquanto atravesso as grandes portas da sala do trono. Minhas mãos vão até os bolsos, casualmente, apesar de estar ciente de que minha camisa azul-marinho manchada de sangue não se encaixa no código de vestimenta para o jantar.

Os criados já trouxeram comida para a mesa, que todos os que estão sentados ao redor dela desfrutam avidamente. As cabeças se viram quando ouvem meus sapatos no chão polido, vários pares de olhos passando do meu rosto para o sangue grudado em minhas roupas. Ignoro seus olhares, vendo que estava cansada demais para me trocar e com muita fome para me importar.

— Ah, Kai. Que bom que você conseguiu vir. — Papai parece irritado, como sempre, quando me sento.

— Querido, — mamãe diz baixinho, inclinando-se para mim, — você parece um pouco... bem, ensanguentado. — Ela se encolhe enquanto seus olhos vagam por mim, avaliando seu filho.

— Risco ocupacional, mãe. — Dou um pequeno sorriso, aquele doce que reservo apenas para ela. Ela balança a cabeça hesitantemente antes de tentar relaxar na cadeira.

Eu mal ouço a conversa silenciosa ao meu redor. Estou terminando o último feijão quando uma batida incessante me faz olhar para cima.

Mechas do cabelo prateado de Paedyn caem ao redor de seu rosto em cachos soltos, o resto preso em um nó bagunçado na nuca. Seus olhos estão fixos no prato, o polegar e o anel de prata batendo continuamente na mesa de madeira.

E então aqueles olhos do oceano deslizam até os meus.

Eu inclino minha cabeça em direção ao seu polegar tamborilando. — Há algo em sua mente, Gray?

Ela me olha como se percebesse minha presença pela primeira vez. — Tem alguma coisa na sua camisa, Azer? — Seus olhos passam pelas minhas roupas antes de se arregalarem ligeiramente. — Isso é... sangue?

Tenho certeza de que imagino o lampejo de preocupação em seu rosto, o olhar de preocupação quando ela pensa que pode ser meu próprio sangue manchando a camisa.

— Cuidado, querida. Você quase parece que se importa. — Eu dou a ela um sorriso preguiçoso, e ela me dá uma revirada de olhos preguiçosa.

Meu olhar se volta para mamãe quando sua voz gentil corta meus pensamentos. — Espero que todos vocês tenham começado a formar duplas para o primeiro baile!

Olho ao redor da mesa. Apenas os três que nunca moraram no castelo parecem um pouco confusos. Hera, Ace e Paedyn não cresceram assistindo a esses bailes, nem *foram* a um baile. Eu os invejo.

— Como é tradição — continua a Mãe, — os competidores formarão parcerias para os bailes que serão realizados antes de cada Prova. E como vocês são em número ímpar, quem não tiver companheiro vai fazer par com alguém, não se preocupe. — Seu sorriso de alguma forma se alarga quando ela diz: — Então escolha seu par e pratique seus passos de dança.

Kitt se move ao meu lado e eu o vejo olhar rapidamente na direção de Paedyn. Passo a mão pelo cabelo antes de voltar minha atenção para a comida, precisando me concentrar em alguma coisa.

Como o número de meninas é maior que o de meninos, é provável que Kitt faça par com quem não tiver parceiro. Mas isso não o impedirá de perguntar a uma delas se deseja.

É claro que Paedyn o intriga. Mas mesmo que Kitt não fosse pedir a Paedyn para acompanhá-lo ao baile, o que não duvido que ele faça, ela não me quer.

Eu gosto de um desafio.

Mas ela deixou bem claro o que deseja que sejamos: competição.

Inimigos.

E o mais importante, por que não é isso que eu quero também?



Acordo na manhã seguinte, encharcado de suor.

Isso não é incomum, não com os pesadelos que tendem a assombrar meu sono. Mas hoje é diferente. Hoje está fervendo lá fora. Ainda amanheceu e meu quarto já está pegajoso de umidade.

Saio da cama e vou até o banheiro, onde jogo água fria no rosto já úmido. Não demoro muito para me arrumar, vestindo a contragosto uma camisa branca de algodão antes de sair pela porta e...

E lá está ela.

Ela sai do quarto com a cabeça baixa, fechando a porta silenciosamente antes de olhar para cima e praticamente pular ao me ver.

— Pragas, Kai, não me assuste assim!

Eu pisco.

É a primeira vez que ela me chama pelo meu nome, e então percebo que poderia me acostumar com o som saindo de sua língua. Ela parece perceber o que disse e limpa a garganta antes de começar a andar pelo corredor.

— Você não está acordando cedo para um príncipe? — ela chama por cima do ombro.

— O que, sem café da manhã na cama? — Alcanço-a facilmente, dando cerca de três passos antes de caminhar ao lado dela.

— Se você não está tomando café da manhã na cama, eu também não. Sou apenas um competidor regular, lembra? Não é mais um príncipe encantador por enquanto.

— Para começar, você nunca foi isso.

Eu rio quando viramos a esquina, avistando a cozinha logo à frente. O cheiro de biscoitos e ovos vindo de dentro é suficiente para me fazer mudar de rumo.

— Então... — começa Paedyn, provavelmente o início de algum comentário sarcástico que nunca terei o prazer de ouvir, porque agarro seu pulso e a puxo em direção às portas da cozinha. Tenho certeza de que ela está com tanta fome quanto eu, e o café da manhã só será servido dentro de uma hora.

Estou fazendo um favor a nós dois.

Aparentemente, Paedyn não compartilha do meu sentimento. Seus pés cravam no chão na soleira das portas da cozinha, olhos disparando entre os meus. — O que você está... — ela começa, me dando aquele olhar assassino com o qual já estou tão familiarizado.

— Shh. — Pressiono meu dedo levemente em seus lábios e as palavras morrem em sua garganta. — Suponho que meu trabalho será para sempre alimentar você agora, hmm, Gray?

Sua expressão confusa me faz rir baixinho antes de ouvir o barulho de sapatos, relutantemente desviando meu olhar do de olhos arregalados. Atraímos bastante público. Vários servos ficam olhando para nós, observando a cena diante deles. Mas eles fogem rapidamente, rindo enquanto tentam parecer ocupados.

— Olá, senhoras, — eu chamo, olhando ao redor da sala para os servos corados. — Trouxe hoje uma convidada muito mais interessante do que Kitt. — Coloco uma mão gentil nas costas de Paedyn, empurrando-a para frente.

É uma pergunta, um teste provisório, uma investigação inocente.

Isso é ok?

Eu me pergunto brevemente se ela está pensando em quebrar meu pulso, talvez pensando em colocar uma adaga em minha garganta...

E então ela relaxa, facilitando meu toque.

Uma resposta à minha pergunta sem pronunciar uma palavra.

Sim.

Eu a guio até o centro da cozinha, onde avistei Gail, atualmente curvada sobre o fogão. — Bom dia, Gail. — Ela se vira, seu rosto se iluminando quando ela me vê. — Você está linda como sempre. — Minha boca se contorce quando subo no balcão e me sento ao lado de onde ela vira pedaços crocantes de bacon no fogão.

— Você é um puxa-saco, Kai, — ela brinca, jogando levemente uma toalha em minha direção. Seus olhos pousam em Paedyn e ela se endireita, balançando a cabeça brevemente. — Ah, senhorita Paedyn. Um prazer.

— Por favor — Paedyn suspira com um pequeno sorriso, — Sem, *senhorita*. Apenas Paedyn.

Praticamente consigo ver Gail relaxar, provavelmente agradecendo à Praga por não serem necessárias formalidades. — Agora, o que uma garota doce como você está fazendo andando com uma ralé como ele? — Gail aponta o polegar em minha direção enquanto eu pego uma tira de bacon da frigideira atrás dela.

Deixei escapar uma risada baixa. — Ah, *doce* não é a palavra que eu usaria para descrevê-la, Gail. Ela encostou uma faca na minha garganta há apenas alguns dias.

— Ele mereceu — diz Paedyn simplesmente, encolhendo ligeiramente os ombros.

— Ah, tenho certeza que sim — responde Gail, sorrindo para ela. — Eu provavelmente teria feito o mesmo. — Ela olha para mim e acena com a cabeça na direção de Paedyn. — Eu gosto dela.

Paedyn inclina a cabeça para trás e ri. Meu corpo fica imóvel enquanto ouço o som dele enchendo a cozinha. Tão quente, tão brilhante. Então, muito rapidamente, ela se recompõe, limpa a garganta e se vira para mim. — Então, você e Kitt são próximos de Gail?

Minha cabeça se inclina para o lado enquanto olho para ela, meus olhos nunca se desviando dos dela enquanto digo: — Inseparáveis, não somos Gail?

Um bufo alto escapa da cozinheira. — Inseparável, de fato. Os príncipes não me deixam em paz. — Seus olhos brilham de orgulho quando encontram os meus. — Eu sou a única razão pela qual os dois não são magros.

— Ah, sim — suspiro, — temos que agradecer aos pães pegajosos da Gail por nos engordarem.

Depois que Gail contou alegremente a Paedyn algumas histórias bastante embaraçosas da minha infância, conversamos casualmente, uma rotina regular para a cozinheira e para mim. Pergunto sobre o filho dela, posicionado como guarda perto das Terras Escaldadas, enquanto ela rouba pedaços de comida enquanto ela bate em minhas mãos. Meu olhar se fixa em Paedyn, de onde ela me observa com curiosidade, como se estivesse tentando me decifrar.

Engraçado, normalmente sou eu quem dá aquele olhar para ela.

Pulo do balcão e dou um beijo na bochecha de Gail. — Não sinta muita falta de mim.

Então me viro para Paedyn, que está encostada casualmente no balcão, com um pequeno sorriso aparecendo em seus lábios. Dou um passo lento em direção a ela. Sua

cabeça se inclina para me olhar nos olhos enquanto diminuo a distância entre nós, tão perto que posso sentir o cheiro persistente de lavanda em sua pele. Eu alcanço suas costas, os dedos roçando sua regata.

Sua respiração falha e sinto meus lábios puxarem para cima. Quando ela abre a boca para me repreender, puxo minha mão lentamente, segurando uma maçã na frente de seu rosto. — Sempre alimentando você, lembra?

Ela olha para a fruta antes de arrancá-la da minha mão, bufando de aborrecimento. E então ela sorri, a ação deslumbrante iluminando seu rosto enquanto ela esfrega a maçã na minha camisa, bem acima do meu coração.

Ela dá uma mordida, seus olhos presos nos meus. — E você disse que não era um cavalheiro.



Quando chegamos ao campo de treinamento, estou suado novamente.

Quase em uníssono, vários de nós tiramos as camisas, incapazes de suportar o calor por mais tempo. Kitt e eu saímos correndo pelo terreno em um ritmo tranquilo. Observo enquanto os competidores formam duplas para treinar ou seguem caminhos separados para treinar. Andy está atualmente na forma de um leopardo vermelho, circulando várias Sadies em um dos ringues de treinamento de terra. Sem surpresa, Braxton está no chão fazendo flexões enquanto Jax se ocupa jogando pedras o mais longe que pode, apenas para se transportar e pegá-las antes que caiam no chão.

Finalmente, meus olhos traidores deslizam em direção a um flash de cabelo prateado. Ela está batendo naquela árvore acolchoada, como sempre. Ela sempre faz isso. Seus movimentos são rápidos, controlados, canalizando uma emoção que não consigo identificar. Ela gira de repente, levantando o braço antes que eu veja seu pulso balançar. Pisco e uma faca afunda profundamente em uma árvore a dez metros de distância.

Praticado. Com propósito. Precisa.

Mas não sou o único assistindo. O olhar de Kitt está fixo nela, quase com curiosidade. Limpo a garganta e acelero o ritmo. — Então, como você está se sentindo?

A cabeça de Kitt se vira em minha direção. — No momento? Cansado.

Eu rio disso, batendo levemente no estômago. — Sim, você está ficando fora de forma, Kitty.

Ele me empurra ao mencionar seu apelido de infância. — Bem, eu não tenho exatamente um motivo para estar em forma, tenho?

Embora ele diga isso em tom de brincadeira, não sinto falta do tom amargo em sua voz. Suspiro, já sabendo do que se trata. — Você sabe por que não pode.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Como diabos você não sabe, — murmuro. — Kitt, você é o próximo rei de Ilya. Precisamos de você vivo. As Provações não são lugar para você.

Merda.

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu sabia que elas o atingiram como um golpe físico.

— Meu próprio reino também não é lugar para mim? — Sua risada não tem humor.

— Inferno, algum lugar fora do castelo não é seguro o suficiente para o herdeiro?

— Kitt...

— Eu sei — ele me interrompe, respirando fundo. — Sei que nossos deveres são diferentes. Eles sempre serão. Eu só queria que o meu não fosse tão chato. — Com isso, ele me lança um sorriso fraco em um esforço para aliviar o clima.

Eu o observo, esperando para ver se ele dirá o que nós dois sabemos que ele quer. Esperando para ver se ele vai me dizer que se sente preso, que sente que está constantemente tentando provar seu valor, que gostaria de estar nas Provas para poder fazer exatamente isso.

Mas ele não diz nada disso, seu sorriso é um apelo silencioso para voltarmos a ser apenas irmãos e não o futuro rei e seu Executor.

Então, para ele, forço um sorriso no rosto. — Bem, pelo menos posso contar com o seu voto nas Provações.

A tensão parece derreter do corpo de Kitt, seu sorriso exibindo suas emoções como sempre fez. Ele suspira de alívio com a mudança de assunto antes de dizer: — Ah, não sei se você pode contar com meu voto depois de me chamar de gordo há alguns minutos, *Kai Pie*.

Eu odeio esse apelido, e o idiota sabe disso. Então, eu estico meu pé, fazendo o próximo rei de Ilya cair no chão antes que ele me arraste com ele.

Terminamos nossas voltas, pingando de suor enquanto o sol nos atinge. Eu me espreguiço rapidamente antes de entrar no ringue com Kitt. Dançamos um ao redor do outro, usando nossos poderes e corpos para lutar. Entrando em um ritmo familiar, me deixei refletir sobre o que Kitt havia dito, me perdendo em pensamentos.

O mundo vira.

Não. Eu viro.

E então estou esparramado de costas, tentando sugar o ar para meus pulmões gritantes.

Droga. Perdi meu foco.

— Te coloquei no chão, Kai. — Kitt sorri para mim. — Já faz alguns anos desde a última vez que isso aconteceu, hein? — Posso dizer que ele está prestes a continuar se vangloriando, então não lhe dou a chance.

Minha perna se estende, pegando seus tornozelos e fazendo-o cair no chão ao meu lado.

— Não se acostume com isso — digo, apoiando a cabeça no chão e sorrindo para o céu.

Assim que ele recupera o fôlego, ele está rindo. — Eu deveria ter previsto isso... — ele para enquanto eu relutantemente fico de pé e preguiçosamente limpo a sujeira das minhas roupas antes de oferecer a mão para ele.

Seguimos caminhos separados, Kitt para lutar com uma insistente Blair, enquanto eu vou para os alvos. Pego as facas finas do suporte ao meu lado e coloco uma na mão antes de lançá-la no ar.

Armas. Brigar. *Matar*.

Foi para isso que fui criado. É por isso que serei o Executor e aquele que lutará nas Provas, e não Kitt.

Ouç o bater de punhos e a respiração ofegante a alguns metros à minha esquerda, onde as árvores acolchoadas margeiam os campos de treinamento.

Ela está de volta.

Mais uma vez, ela está dando golpes na árvore. Ou talvez ela simplesmente nunca tenha parado. Ela parece frustrada, irritada e desleixada. Seus socos são mais fracos e sua forma muito menos controlada. Ela está cansada e sua postura está sofrendo por causa disso.

Eu inconscientemente viro uma faca na mão, balançando a cabeça para o céu pensando no que estou prestes a fazer. Eu envio minha lâmina cortando o ar em direção ao alvo antes de caminhar até ela, vindo por trás enquanto ela continua golpeando as almofadas. Estou atrás dela agora e...

Ela gira em um movimento rápido, enviando um cotovelo voando em direção ao meu rosto. Mal tenho tempo de me esquivar antes de agarrar seu braço, parando-o no ar. Sua cabeça gira, mechas de cabelo prateado grudadas em seu rosto, agora escorregadio de suor.

Meus lábios se contorcem em um sorriso. — Você deveria continuar praticando antes de tentar me bater.

Ela bufa. — Caso você tenha esquecido como eu te *salvei*, eu sei como lutar. Não preciso *tentar* bater em você, príncipe. — Ela puxa o braço do meu aperto e se vira em direção à árvore, me ignorando atentamente.

Bem, isso simplesmente não vai funcionar.

— Com essa forma, você *precisará* tentar, Gray.

— Ah sério? — Não sei dizer se ela está se divertindo ou pensando em tentar me bater neste exato momento. Talvez ambos.

— Sim com certeza. Você está desleixada. Não é típico de você, — afirmo, fazendo-a zombar. Mais uma vez, ela se vira para a árvore e começa a dar mais socos, decididamente

encerrando nossa conversa. Os nós dos dedos estão vermelhos, em carne viva e quase sangrando.

Por que ela faz isso consigo mesma?

Balanço a cabeça, já sabendo a resposta. Porque eu já fiz isso antes. Bati em almofadas, paredes, *qualquer coisa* até o sangue escorrer dos meus punhos. Tudo para encontrar uma liberação para a raiva, a frustração que estava reprimida dentro de mim.

E é exatamente isso que Paedyn está fazendo.

Ela ainda está balançando muito com os braços, em vez de usar todo o corpo como impulso. Ela normalmente é muito técnica quando se trata de luta, o que torna isso especialmente diferente dela. Mas ela está cansada e frustrada.

E apesar de saber de tudo isso, não consigo lutar contra a vontade de brincar com ela.

Me aproximo ainda mais de suas costas e coloco minhas mãos em seus quadris, torcendo seu corpo enquanto ela dá outro soco. Ela pula e tropeça em mim, a cabeça inclinada para trás contra meu peito nu. — Pare de balançar com os braços e balance com todo o corpo, — eu digo, inclinando a cabeça para ficar perto de seu ouvido. Ela respira fundo quando minha mão passa por seu abdômen, o sussurro dos meus dedos dançando ao longo de sua regata fina. — Fixe seu centro, Gray.

Seu peito arfa. Então ela dá um passo à frente, o calor do seu corpo deixando o meu. Minhas mãos ainda estão plantadas em seus quadris quando ela vira a cabeça para me lançar um olhar irritado.

Ela sabe que estou certo. E ela odeia isso.

Ela ficou com preguiça e não percebeu até agora, muito focada e frustrada para perceber. O pensamento me faz sorrir para ela enquanto ela bufa, soprando uma mecha de cabelo dos olhos antes de voltar para a árvore.

— Agora, dê um soco — murmuro, inclinando-me para acrescentar: — *Corretamente.*

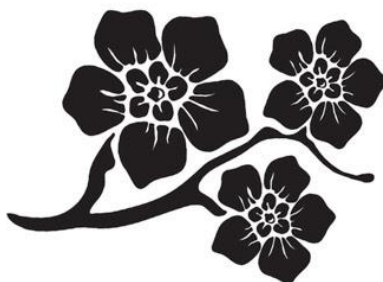
Surpreendentemente, ela não discute, provavelmente percebendo que isso não lhe fará nenhum bem. Ela ajeita os ombros e salta na ponta dos pés. Então ela dá um soco, seu punho voando em direção ao tatame enquanto eu torço seus quadris no ritmo do soco. Há muito mais impulso por trás disso, e posso ver o quanto ela ficou mais forte em seu curto período aqui com refeições e treinamento consistentes. Quando os nós dos dedos afundam na almofada, os músculos magros das costas e dos braços ficam evidentes.

— Muito melhor — digo estupidamente, apesar de estar impressionado. Depois de um momento que foi definitivamente muito longo, finalmente tiro minhas mãos de seus quadris. — Agora, faça isso sozinha. Só para ter certeza de que você estava prestando atenção.

Ela fica imóvel, de frente para a árvore.

E então há um brilho de cabelo prateado quando ela se vira, dando um lindo golpe no meu rosto.

Capítulo Dezessete



Kai

QUASE NÃO ME ESQUIVO a tempo. Somente anos de luta permitem que meus reflexos reajam tão rapidamente.

— Como foi esse? — ela diz docemente, lançando aquele sorriso surpreendente para mim.

Eu solto uma risada. — E se eu não me abaixasse, Gray?

— Eu sabia que você iria se esquivar, Azer. — Ela está perto do meu rosto agora, um sorriso malicioso curvando seus lábios quando ela repete a frase exata que eu disse a ela depois de jogar uma faca em sua direção.

— Parece que alguém está ansioso por brigar. — Meus olhos percorrem seu corpo, demorando. Assumindo sua postura na ponta dos pés, as mãos levemente levantadas e cada peça de roupa grudada em seu corpo no meio.

— Eu só estava esperando por uma desculpa para tirar esse sorriso do seu rosto. — Ela se volta para mim novamente, sabendo que vou passar por baixo dela. Ela está brincando *comigo*.

— Não seria a primeira vez que alguém me disse isso — digo enquanto circulamos um ao outro. Recuamos até uma pequena abertura entre os alvos e o suporte de armas oposto a eles. Mostro a ela minhas palmas, me rendendo antes mesmo de a luta começar. — Você realmente não quer fazer isso e eu também não. Especialmente porque eu não gostaria de estragar esse seu lindo rosto, querida.

Ela quase revira os olhos para mim. — Isso é engraçado porque não hesitarei em bagunçar *seu* lindo rosto.

Eu sorrio. — Eu sabia que você me achava bonito.

Com isso, ela dá outro soco no meu rosto, do qual eu evito facilmente. Continuamos circulando um ao outro, lentamente. O cabelo úmido gruda na minha testa e eu passo os dedos por ele, tirando-o da minha pele pegajosa.

— Você sabe que tenho oito poderes à minha disposição agora, e qualquer um deles pode derrubar você. — Eu sorrio enquanto digo isso, observando seus olhos se estreitarem.

— Eu não quero lutar contra o seu poder, eu quero lutar com *você*. Só você. — Seu olhar penetrante nunca deixa o meu enquanto ela diz isso, mesmo quando os outros Elites voltam sua atenção para nós, achando essa luta muito mais interessante do que o treinamento deles.

— Então, você só quer a mim? Sem poderes?

— Sim. Eu só quero você — ela respira, irritada comigo.

Minha boca se contorce em um sorriso torto. — Eu sabia que você me queria, Gray.

E com esse pequeno comentário, um chute alto voa em direção ao meu rosto.

Bloqueio com as mãos e empurro sua perna para baixo, mais uma vez surpreso com sua força. Antes que eu possa respirar novamente, um lindo golpe atinge meu rosto, este com a intenção de atingir seu alvo, com força.

Eu me abaixo antes de agarrar seu pulso estendido e puxá-la contra meu peito enquanto torço seu braço sob sua omoplata. — Você vai ter que fazer melhor do que isso, Gray, — eu sussurro em seu ouvido, sorrindo.

Ela grunhe e enfia o cotovelo do braço livre na minha barriga. O ar sai dos meus pulmões e ela tira vantagem disso. Girando, ela balança o cotovelo em direção ao meu rosto, fazendo minha cabeça virar para o lado quando ela atinge meu queixo. Meu aperto em seu braço afrouxa, e ela gira para fora do meu aperto antes de lançar uma cruz de direita exatamente no mesmo lugar do meu queixo.

Droga.

Mantenho minha cabeça virada para o lado, minha língua percorrendo o interior da minha bochecha enquanto minha boca começa a se encher de sangue. E então meu olhar desliza lentamente para ela. Ela está na ponta dos pés, as mãos ainda levantadas em uma posição de luta enquanto ela olha para mim. E então ela sorri, me distraindo momentaneamente.

Eu rio, profunda e silenciosamente antes de cuspir sangue no chão. — Muito melhor, Gray. — Sorrio enquanto a círculo, levantando os punhos instintivamente. — Talvez eu realmente precise revidar.

Seu sorriso desaparece antes que ela de repente caia no chão e faça um amplo arco com a perna, com a intenção de me derrubar no chão. Eu pulo rapidamente, mas ela se levanta em uma fração de segundo, lançando uma combinação de socos. Ela me ataca com uma série de socos, socos e ganchos, mas eu fico na defesa, bloqueando seus punhos. Com seus movimentos rápidos, ela finalmente dá um golpe forte em meu estômago, roubando meu fôlego.

Tudo bem. Se ela quiser que eu lute, eu lutarei.

Eu não vou machucá-la. Não seriamente. Na verdade, ela é bastante habilidosa e, apesar da minha zombaria, é uma ótima lutadora. Mas com minha mandíbula e estômago machucados, cansei de brincar.

Ela se abaixa antes que meu punho encontre o ar onde sua cabeça estava. Então ela chuta uma perna, balançando-a em direção às minhas costelas. Agarro seu tornozelo logo antes que ele se conecte ao meu lado e a puxo para frente. Ela tropeça em minha direção e eu seguro sua coxa contra meu lado com uma mão, enquanto a outra dá um golpe em sua bochecha. Foi um golpe mais suave, mas ainda forte o suficiente para fazer sua cabeça tombar para o lado.

Soltei sua perna no mesmo momento em que envolvi meu pé atrás de seu tornozelo ainda plantado no chão, dando um bom puxão. Ela cai, com força. Tosses violentas sacodem seu corpo assim que suas costas batem no chão enquanto ela tenta sugar o ar de volta para os pulmões.

Eu paio sobre ela com um sorriso, presumindo que a luta acabou.

Errado.

Ela me chuta na virilha. Fortemente.

Eu me dobro, soltando uma risada dolorida. — Jogada suja, querida.

— Sim, mas eficaz. — Ela fica de pé, ofegante mesmo com um sorriso malicioso. Suas mãos estão levantadas, cobrindo o rosto, enquanto o resto do corpo está coberto de terra. E então estamos trocando golpes e bloqueios enquanto brincamos um com o outro. É como uma dança e ela é uma parceira feroz.

Mas por alguma razão, eu me recuso a colocar todo o meu peso nos socos. Eu me controlo. Não o suficiente para me impedir de revidar, mas o suficiente para mantê-la *intacta*. Embora ela claramente não esteja fazendo o mesmo. Ela está batendo forte, incansavelmente, *querendo* me machucar.

Num minuto estamos flertando e no outro estamos brigando - possivelmente até os dois ao mesmo tempo. Não consigo entender essa garota cruel.

Depois de minutos bloqueando e acertando golpes, estamos ambos ofegantes devido ao calor insuportável. O suor escorre pela minha testa e arde em meus olhos enquanto o grupo que nos rodeia aplaude e grunhe cada vez que um de nós leva um golpe. Eu a golpeio com uma combinação de socos, meu gancho encontrando o alvo sob sua mandíbula e levantando sua cabeça. Eu sigo com um golpe preguiçoso do qual ela se esquivava, agarrando meu braço estendido com uma mão e meu ombro oposto com a outra. Então ela se aproxima de mim, dando uma joelhada na minha barriga.

Mas ela deixou o braço que segura meu ombro aberto e exposto, então eu aproveito isso. Eu uso as duas mãos para agarrar seu antebraço e pulso antes de girar para que minhas costas fiquem contra seu peito. Então uso meu impulso para levantá-la do chão, jogando-a por cima do ombro e no chão com um baque surdo.

Ela está deitada de costas, ofegando com o impacto do chão duro enquanto eu olho para ela, esperando que ela finalmente tenha desistido. Errado de novo. Com uma

velocidade surpreendente, ela agarra a parte de trás dos meus tornozelos com as mãos e puxa com aquela força dela. Pega de surpresa, ela consegue tirar meus pés de debaixo de mim, fazendo o chão voar em minha direção.

Ela está de pé em cima de mim em um segundo, praticamente pulando em cima do meu peito, colocando os joelhos em cada lado de mim. E então ela ergue o punho sangrento para trás, com um sorriso triunfante.

Eu a pego, ensanguentada e montada em mim. — Se não fosse pela minha situação atual — olho para o punho dela ainda posicionado para atacar, — isso poderia ser muito mais divertido — digo baixinho, olhando-a de cima a baixo antes de olhar para aqueles olhos azuis enquanto eles se arregalam.

Seu foco desaparece por um momento.

Perfeito.

Eu agarro sua cintura e nos viro. Agora estou em cima dela, prendendo seus pulsos na terra ao lado de sua cabeça. Ela ofega embaixo de mim, olhando para meu rosto. Ela está coberta de sujeira e tenho certeza de que não pareço diferente. Um hematoma escuro já está começando a aparecer em sua bochecha e sangue escorre de seu nariz e boca.

— Muito bem, Gray, — eu digo, perto do rosto dela. Ela se contorce em meu aperto, mas isso não faz nada para afrouxá-lo. — Tenho algumas críticas.

Ela se acalma e vejo um sorriso lento se espalhar por seus lábios. — Vendo que você é o futuro Executor, eu não tinha certeza se você era capaz de mostrar misericórdia. Claramente, você é. — Eu olho para ela, meu rosto se transformando em uma máscara fria com suas palavras. Então ela levanta a cabeça do chão, apenas alguns centímetros nos separam enquanto ela respira: — Eu sei que você pegou leve comigo.

Era tão óbvio ou suas habilidades psíquicas lhe diziam isso?

Meu olhar percorre seu rosto, se prendendo na sujeira e no sangue respingando em sua pele, escondendo a leve camada de sardas que sei que cobre seu nariz. — E o que faz você pensar isso?

Seu rosto está incrivelmente mais próximo, os cílios tremulando, os lábios curvados em um sorriso e perigosamente próximos dos meus. Sua voz é ofegante, quase inaudível enquanto ela sussurra: — Porque se você não fosse fácil comigo, eu não seria capaz de fazer isso.

Mal tenho tempo para ficar confuso antes que ela me dê uma cabeçada.

Quando o topo de sua cabeça encontra meu nariz, vejo estrelas. Ela quebra a retenção dos meus pulsos e usa as duas pernas para me empurrar para longe dela. Uma nuvem de poeira me envolve enquanto estou deitada na terra, piscando para afastar a dor latejante. O golpe foi forte, mas não o suficiente para me impedir de ficar de pé e ficar de frente para ela, com sangue escorrendo do meu nariz quebrado.

Ela não perde um momento.

Seus braços estão em volta do meu pescoço, seu joelho batendo na minha barriga repetidas vezes. Antes que eu tenha tempo de reagir, ela usa minha perna dobrada como

escadote, jogando as próprias pernas sobre meus ombros em um movimento rápido. Usando seu impulso e os membros em volta de mim, ela nos joga no chão. Eu me esparramo na terra enquanto ela rola, sem perder tempo antes de me atacar. E então meus braços estão presos sob seus joelhos mais uma vez.

— Como estava minha forma, príncipe? — ela ofega, os lábios sangrando. — Alguma crítica agora?

Seu peso me pressiona e eu solto uma risada. — Tenho algumas anotações.

— Da mesma maneira. — Sua mão vai até a bota, deslizando uma lâmina fina do couro desgastado. — Para começar, não gosto que meus oponentes sejam fáceis comigo. — Ela gentilmente arrasta a ponta da faca pela minha bochecha, fazendo cócegas na minha pele.

Eu sorrio apesar da lâmina que ela passa em meu rosto, meu olhar queimando o dela. E então meus olhos se voltam para o sangue escorrendo pelo seu rosto, vazando dos vários cortes e cortes que eu tinha feito nela. — Parece que eu estraguei seu lindo rosto, apesar de meus melhores esforços.

— Ah, isso não é nada. — Ela ri sem fôlego. — Você deveria ver o dano que causei ao *seu* lindo rosto.

Meus lábios se curvam em um sorriso quando levanto minha cabeça em direção à dela. — Ah, querida, enquanto você ainda me achar bonito, não me importo com a minha aparência.

Aqueles olhos azuis piscam para mim em estado de choque antes de rolarem para mim em aborrecimento. Bufando, ela se mexe e fica de pé. Eu a sigo, tirando a poeira do meu corpo enquanto ela faz o mesmo.

Antes que ela possa se virar e sair, eu digo: — É muito mais divertido treinar com você do que com Kitt. Deveríamos fazer isso de novo algum dia.

Sua cabeça se inclina ligeiramente para o lado, seu sorriso é malicioso. — Eu nunca vou perder a chance de chutar sua bunda, príncipe.

E com isso, ela está se afastando enquanto eu observo sua forma recuando.

— Ah, e Kai? — ela chama, sua voz casual.

E então estou me esquivando.

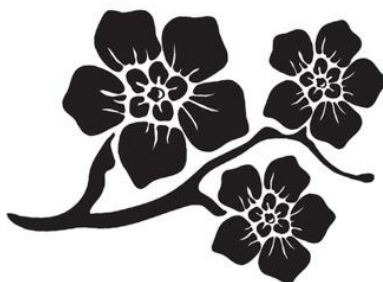
Ela girou, jogando a faca tão de repente que mal tive tempo de me esquivar antes que ela afundasse no alvo de madeira alguns metros atrás de mim.

— Eu não quero sua misericórdia. Da próxima vez que lutarmos — posso ver seus olhos azuis ardendo de onde estou, — *me impressione*.

Um assobio baixo soa na multidão — Kitt, é claro. Ignorando-o, balanço a cabeça, sorrindo para ela enquanto ela se afasta de mim.

Coisinha cruel, de fato.

Capítulo Dezoito



Paedyn

TENHO QUASE certeza de que não sou uma Ordinária. Meu poder pode na verdade ser a habilidade de mentir sem esforço. Mentir sobre o que sou, em quem confio e como estou feliz por estar aqui.

Sim, as Provas são uma série de jogos físicos, mas são igualmente mortais quando se trata dos jogos mentais. Preciso conquistar as pessoas, convencê-las de que amo essas Provas tanto quanto elas. Quero que os escolhidos deles continuem vivos, mas preciso dos votos deles se quiser vencer esta maldita coisa.

Olho ao redor da mesa de jantar, observando os ombros rígidos e a conversa entrecortada. A tensão na sala é quase sufocante, nos sufocando em um silêncio constrangedor, repleto principalmente de mastigação. É seguro dizer que ultimamente ficamos impacientes. Tanto que estourou uma briga entre Ace e Braxton no pátio de treinamento, que o primeiro sem surpresa iniciou. Não consigo imaginar o que Ace deve ter feito para quebrar a compostura paciente de Braxton, mas a briga precisou de quase quatro Imperiais para terminar, quase se empilhando em cima dos dois competidores.

Meus olhos deslizam lentamente sobre meus oponentes, parando no olhar verde que já me encarava. Respiro fundo, me preparando contra a onda de raiva que sinto toda vez que olho para o rei...

Não, não o rei.

Kitt me encara com olhos tão parecidos com os de seu pai que tenho que piscar para afastar a imagem do rei, me forçando a focar no garoto na minha frente. Seu sorriso é caloroso, seus olhos vagando pelo meu rosto. Retribuo a ação antes de desviar o olhar rapidamente, desesperada para evitar seu olhar enquanto meus olhos se encontram em um par familiar.

De repente sou engolida pela tempestade que é seu olhar cinza aço emoldurado por cílios escuros. Kai inclina a cabeça levemente, sorrindo para mim de um jeito que me faz girar o anel no polegar nervosamente.

Espero que ele esteja enlouquecendo tentando me decifrar como se eu fosse ele.

O olhar de Kai vai para meu polegar e para o anel que estou girando nele. Há um brilho em seus olhos quando ele se inclina sobre a mesa em minha direção. — Alguma coisa está deixando você nervosa, Gray?

Pragas, como pode uma pessoa ser tão igualmente irritante e apaixonante?

— E o que lhe dá a impressão de que estou nervosa?

— Hmm — ele cantarola, passando a mão pelo queixo Áspero. — Devo começar com o fato de que você está girando aquele anel ou o mais óbvio é que você está segurando uma faca?

Pisco para ele antes de olhar para baixo. Na verdade, há uma faca de carne em minha mão, embora eu não tenha certeza de quando a encontrei. Eu fico olhando para ele, soltando uma risada antes de tirar os dedos da alça. Quando meu olhar finalmente encontra o dele, é penetrante, mais suave do que antes.

E, irritantemente, estou refletindo o mesmo olhar que ele está me dando, embora estejamos vendo coisas muito diferentes.

Vejo um menino confuso e cativante, arrogante e calculista. Mas a cada novo detalhe que descubro sobre ele, menos penso que sei. Ele tem uma queda apenas por aqueles que ama profundamente, isso é claro. Mas ele construiu paredes, se protegeu, colocou máscaras, tornando-o irritantemente difícil de decifrar.

Minha mente vagueia pela nossa luta, pela sensação de suas mãos em mim, firmes e fortes. Observá-lo lutar é como observar um dançarino, alguém que sente a música na alma, nos ossos. Ele nasceu para a batalha. Criado para matar.

E preciso me lembrar disso.

Sou arrancada dos meus pensamentos quando um servo se aproxima para pegar meu prato. Por puro instinto, meus dedos coçam para pegar um ou dois rolos antes de serem levados embora. Ainda não estou acostumada a fazer refeições regulares, muito menos nutritivas, todos os dias, e me vejo constantemente lutando contra meus instintos de ladra quando eles gritam comigo para pegar qualquer comida que eu possa encontrar.

Cadeiras raspam no chão de mármore enquanto as pessoas ao meu redor se levantam para sair. Uma voz delicada e arejada chama a atenção em meio à comoção, e todos paramos para nos virar em direção ao som. A rainha está com as mãos cuidadosamente cruzadas à sua frente, cruzadas sobre seu vestido azul-marinho imaculado, brilhando sob a luz do sol poente.

Ela sorri para nós e o brilho em seus olhos me lembra vagamente de Kai. — Só mais alguns dias até o primeiro baile! Senhoritas, confio que todas vocês escolheram um vestido ou falaram com suas criadas sobre prepará-lo.

Definitivamente, não fiz nenhuma dessas coisas ainda.

— Ah, e não se esqueça de praticar sua dança — acrescenta a rainha com um sorriso.
— Acredito que você desejará causar uma boa impressão nas pessoas.

Ah, com certeza vou causar uma boa impressão.

Ela nos dispensa com um aceno de cabeça e eu vou rapidamente para a porta, com a intenção de voltar para o meu quarto e pedir o conselho de Ellie sobre o meu vestido.

— Paedyn.

Meus pés vacilam, me retardando até parar. O calor naquela voz e o uso do meu nome me dizem que não é Kai que está atrás de mim.

Não, é o irmão dele.

Me viro e agora estou observando Kitt caminhar em minha direção, com seu cabelo loiro bagunçado e seu sorriso encantador. Engulo em seco quando ele se aproxima de mim, quando me olha com aqueles olhos esmeralda que compartilha com um assassino.

— Ei, — ele diz calorosamente. — Se importa se eu te acompanhar até o seu quarto?

Sim.

— De jeito nenhum — me ouço dizer através dos dentes que estou mostrando para ele.

Começamos a caminhar pelo corredor, em direção à ala do castelo dos competidores.
— Ainda não parabeneizei você pela entrevista — diz ele com uma pitada de orgulho na voz. — Eu não disse que você se sairia bem?

Me lembro das entrevistas, quando consegui errar a única coisa que esperavam que eu dissesse.

"Sobrevivência. Espero sobreviver a isso."

Quase rio com o pensamento. — Bem, é bom saber que o futuro rei não vai pedir a minha cabeça por estragar o lema de seu reino.

Mordo a língua, mas é tarde demais para parar as palavras que já saíram da minha boca.

Ele ri.

O som é rico, me inundando de alívio. Ele esfrega a mão atrás do pescoço, ainda rindo enquanto diz: — Na verdade, essa foi a minha parte favorita.

Lhe lanço um olhar confuso. — Foi?

— Sim. — A risada abandona sua voz quando ele para para olhar para mim, nos parando no meio do corredor. — Foi a coisa mais real que alguém já disse nessas entrevistas.

Procuro seu rosto, tentando ignorar o flash de seu pai que vejo. — Você quer dizer que foi a coisa mais estúpida que alguém já disse naquelas entrevistas.

Sua risada calorosa está ecoando nas paredes mais uma vez. — Talvez. — Ele faz uma pausa, olhando para mim. — Mas, se isso faz você se sentir melhor, não acho que você estava errado quando disse que esperava sobreviver a isso, e eu admiro você por expressar como você realmente se sente.

Estou tão chocada com a sinceridade em suas palavras que solto uma risada. — Então você deve me admirar com frequência porque tenho tendência a falar o que penso muito mais do que deveria.

Eu admiro você frequentemente.

Seus olhos parecem falar essas cinco palavras enquanto procuram os meus, expressando algo que ele nunca pretendeu fazer. E é a primeira vez que encontro seu olhar e não vejo o rei olhando para mim.

Limpando a garganta, me viro e continuo andando pelo corredor novamente. Kitt está ao meu lado quando paramos em frente ao meu quarto, e já estou abrindo a porta enquanto digo: — Obrigada por caminhar comigo. — Faço uma pausa para lhe dar um pequeno sorriso por cima do ombro. — Agora posso dizer que fui escoltada pelo futuro rei.

Estou passando pelo batente da porta quando as palavras o deixam apressado. — Sim, e se você me permitir, farei isso de novo.

Eu me viro, encontrando-o de repente bem atrás de mim. — O que?

Seu rosto se divide em um sorriso que parece quase tímido demais para ser usado por uma realeza. — Senhorita Gray, você será minha parceira nos bailes?

Quase engasgo com a próxima respiração que inspiro. E ainda assim, em vez de responder a sua pergunta, uma pergunta inútil minha cai dos meus lábios com uma risada ofegante. — Desde quando sou senhorita Gray?

Um sorriso malicioso substitui o tímido, lembrando-me brevemente de seu irmão. — Desde que você começou a se referir a mim como “o futuro rei”.

— E você não gosta disso? Eu chamar você de futuro rei, é claro. — Minha curiosidade tira a pergunta da minha boca, já que presumi que ele estava bastante apegado ao título e ao poder que o acompanha.

— Prefiro não ser chamado por um título que ainda não conquistei ou que ainda não cumpri — diz ele simplesmente.

— É por isso que chamei você de *futuro* rei.

Ele sorri, contente em deixar o silêncio se estender entre nós antes de finalmente dizer: — Você nunca respondeu à minha pergunta, Srta. Gray.

Ouçõ a oferta em sua voz, vejo a pergunta silenciosa naqueles olhos que continuo evitando. — Diga sim para eu ser seu parceiro e seremos simplesmente Kitt e Paedyn. Diga não e os títulos permanecem.

Diga sim e eu faço o papel.

Diga não e desperdiço a oportunidade de agradar as pessoas.

A ideia de me pendurar no braço do futuro rei e olhar para o rosto semelhante do assassino do meu pai não é pessoalmente agradável, mas seria para o povo de Ilya. Eu inevitavelmente teria a atenção deles – um pensamento aterrorizante, mas tentador.

Um sorriso levanta meus lábios ao ver a imagem de uma antiga favelada e futuro governante de mãos dadas, a imagem perfeita de polos opostos.

O homem mais poderoso emparelhado com a mulher mais impotente.

— Seria uma honra ser sua parceira, Kitt, — digo suavemente, sorrindo levemente.

Desempenhar o papel.

Kitt ri, parecendo aliviado. — Eu esperava que você dissesse isso, Paedyn.



— Ellie. Ajuda. Por favor.

Estou olhando para o meu guarda-roupa, enlouquecendo olhando para todas as cores e estilos de vestidos pendurados lá dentro. — Qual devo usar para o baile? Preciso causar uma boa impressão...

— Sim, você quer, e não vai fazer isso com um desses vestidos, — Ellie me interrompe, rindo baixinho.

Inclino a cabeça para trás e gemo. — O que há de errado com um desses? — Aponto para os vários vestidos deslumbrantes à minha disposição.

— Esses — ela aponta para o guarda-roupa, — não são vestidos de baile. Porém, você certamente causaria uma boa impressão se usasse um deles. Só que não boa.

— E agora? — Não consigo evitar que a irritação saia de dentro de mim.

Claramente, Ellie percebeu porque ela disse suavemente: — Precisamos mandar fazer um vestido para você. Imediatamente. Conheço várias costureiras excelentes que poderiam arrumar um lindo vestido para você num piscar de olhos, você só precisa escolher o estilo e o tom de verde.

Aparentemente, é de conhecimento comum que as mulheres tendem a usar vestidos verdes nesses bailes, visto que esmeralda é a cor do reino de Ilya. Não é uma regra definida, mas algo que todas simplesmente *fazem*. Típico. Tradição.

Cansativa.

Ellie fala das costureiras que conhece, de como o trabalho delas é maravilhoso.

E então isso me atinge. Conheço uma costureira, *morei* com uma.

De repente, sou esmagada pelo peso do que fiz. Não, o que eu *não* fiz.

Adena.

A promessa que fiz a ela soa na minha cabeça, um lembrete de como eu tinha *esquecido* dela. Jurei visitá-la, mas só me lembrei de fazê-lo assim que fosse conveniente para mim.

Estou tomada pela culpa, quase engasgando com o aperto apertado em minha garganta. Engulo em seco, me amaldiçoando silenciosamente por meu egoísmo.

Mas esta não seria a primeira vez que sou egoísta quando se trata de Adena.

Fui egoísta na noite em que ela me encontrou no telhado de uma loja, há dois anos, magoada e histérica e esperando que alguém simplesmente *entendesse*. A chuva escorria pelo meu rosto enquanto eu estudava as estrelas, se misturando às minhas lágrimas e ardendo nos cortes recentes que recebi de um Imperial naquela manhã. Adena subiu até a beirada do telhado antes de me contar, sem fôlego, que tinha certeza de que me encontraria lá em cima, assim como tinha certeza de que nunca mais escalaria uma loja.

Mas seu sorriso desapareceu quando seus olhos deslizaram para mim, tremendo sob a chuva torrencial, abraçando meus joelhos. Eu estava cansada. Cansada de tentar ser algo que não era enquanto ninguém sabia o que eu era.

Então decidi estudar o céu naquela noite, identificando semelhanças entre nós. Eu estava sozinha da maneira que imagino que as estrelas eram, observadas por todos, mas ainda muito longe para serem realmente *vistas*.

E pela primeira vez, eu queria ser vista por alguém.

Foi egoísta da minha parte contar a Adena sobre meu passado, presente e tudo mais. Só de saber o que eu sou a coloca em perigo e, ainda assim, só ficamos mais próximas, apesar disso.

Ela acreditou em mim. Ela ouviu a verdade vazar de mim em um soluço e ficou comigo mesmo depois de saber o que eu sou.

E nunca fiquei tão aliviado com um momento de fraqueza.

— Ellie, — eu digo lentamente, deliberadamente. — E se eu souber de uma costureira?

Ela pensa por um momento antes de responder com um encolher de ombros. — Isso seria bom. Você conheceu alguém aqui? No palácio?

— Não, ela é do Loot. — Ellie me lança um olhar cético, mas continuo. — Ela é incrível. Posso garantir que ela me faria o melhor vestido que Ilya já viu.

— Bem, suponho que poderia conversar com Lenny sobre acompanhá-la até lá para buscá-la. — Ela rapidamente acrescenta: — Contanto que ele também tenha permissão.

Minhas sobranceiras se unem. — Buscá-la?

— Ah sim. Se você conseguir autorização para ir, ela voltará com você e será contratada aqui como sua costureira pessoal até o fim das Provas. Ou até... — ela para.

O resto de suas palavras é abafado pelo sangue pulsando em meus ouvidos, e meu coração dispara tão rápido que sinto como se estivesse no meio de uma briga.

Adena vai morar aqui. Comigo.

Ela será alimentada e *paga*. Eu irei vê-la. Ela estará segura. O alívio toma conta de mim, tentando debilmente substituir a culpa que ainda sinto.

Ellie promete que falará com Lenny sobre me levar ao Loot antes de dizer boa noite e sair pela porta.

Me deixo cair na cama, olhando para a moldura intrincada no teto. Não tenho certeza de quanto tempo fiquei ali, deixando a esperança e a felicidade tomar conta de mim com a ideia de ver Adena *sã e salva*.

E então uma leve batida na porta faz meus pensamentos se despedaçarem.

Capítulo Dezenove



Paedyn

DEVE SER QUASE MEIA-NOITE, então quem Pragas é?

Agarro o cabo da minha adaga e a deslizo de debaixo do travesseiro, segurando-a frouxamente ao meu lado enquanto ando pelo chão. Quando abro a porta, meus olhos encontram o par de olhos cinzentos do outro lado.

O olhar de Kai cai para a adaga na minha mão antes de retornar ao meu rosto, se demorando na minha bochecha machucada e no lábio cortado que ele tão generosamente me deu em nossa briga esta manhã. Meu orgulho não permitiria que os curandeiros cuidassem dos meus ferimentos e, sem surpresa, o príncipe parecia ter o mesmo problema. Contusões leves surgiram em sua mandíbula, uma lembrança de cada golpe que desferi.

— Você planeja pressionar isso na minha garganta de novo? — Os lábios de Kai se contraem para cima enquanto ele inclina a cabeça em direção à adaga em minha mão.

— Não me tente — digo, passando os dedos pela borda lisa e plana da lâmina. — Aqui para uma revanche?

Ele enfia as mãos nos bolsos da calça justa e escura antes de cruzar os tornozelos e se apoiar no batente da porta. — Não me tente.

O cabelo ébano cai sobre sua testa, fazendo seus olhos cinzentos se destacarem contra as ondas escuras. É claro que ele não se barbeou, deixando uma sombra de barba por fazer cobrindo sua mandíbula afiada, apenas enfatizada pelos hematomas escuros que deixei lá.

— O que você quer, Azer?

— Também senti sua falta, Gray, — Kai diz, casualmente pegando algo de sua camisa distraidamente fina. Então seu olhar se fixa no meu, seus longos cílios em total contraste com seus olhos claros. — Estou aqui para sua lição.

Eu zombei. — Sinto muito, meu *o quê?*

— Sua lição. — Ele inclina a cabeça para o lado, divertidamente confuso. — Você é psíquica. Você não sentiu que isso estava por vir?

— Não é assim que funciona, e você sabe disso — digo, meu tom é uma combinação de irritação e confusão. — Do que você está falando...

— Então, você realmente iria ao baile e pisaria no pé do meu irmão? — Ele solta uma risada. — Você é cheia de surpresas, não é?

— Não, eu não pisaria em seus calos. Talvez tropeçar no meu, mas... — Eu tento, observando seu sorriso crescer. Sua covinha zomba de mim, me tentando a usar a adaga que espera pacientemente na palma da minha mão.

E então suas palavras finalmente foram absorvidas.

— Lições *de dança*? É por isso que você está aqui? — Soltei uma risada ofegante, pensando que ele devia estar brincando.

— Demorou bastante para entender. — Ele empurra o batente da porta, dando um passo mais perto. — Vamos, não temos a noite toda. — Então ele sorri. — A menos que você queira que fiquemos fora a noite toda.

Eu não me mexo. — Não. Sem chance. Não quero nem preciso da sua ajuda. — Eu dou a ele um sorriso zombeteiro. — Mas é bom saber que você está sempre tão ansioso para oferecer isso.

Agarro a borda da porta e começo a fechá-la na cara dele quando ele enfia um sapato brilhante no meu quarto. Ele facilmente abre a porta, seus braços fortes empurrando-a para trás, apesar dos meus melhores esforços. Com a mão ainda apoiada na madeira, ele se inclina perto o suficiente para murmurar: — Como sempre, você é teimosa demais para admitir que precisa da minha ajuda.

— O que eu *preciso* é que você saia do meu quarto. — Estou sorrindo para ele, mas é só dentes.

E ainda assim, com cada palavra que diz o contrário, sei que ele está certo. Eu sei que deveria aceitar sua oferta e praticar para evitar fazer papel de bobo ao lado do futuro rei. Mas não gosto que ele possa segurar isso na minha cabeça, não gosto que ele esteja me ajudando. De novo.

— O que você precisa e o que você quer são duas coisas muito diferentes. — O cheiro de pinho toma conta de mim quando ele abaixa a cabeça perto da minha, forçando-me a encontrar seu olhar. — Vamos, Gray, você é mais esperta que isso. Você sabe que precisa causar uma boa impressão neste baile. E ao lado do meu irmão, haverá muito mais olhos em você do que normalmente já existem.

É como se ele tivesse lido meus pensamentos, resumido e cuspidos de volta para mim. Eu olho para ele. Eu sei que ele está certo, e ele também sabe disso.

Ele deve ver a luta deixar meus olhos porque um sorriso torce seus lábios. — É bom ver que você recuperou o juízo. Vamos então.

Passo por seu ombro com a cabeça erguida. *Eu* escolhi fazer isso, não ele, e ele precisa se lembrar disso. — Onde estamos indo? — Pergunto quando ele começa a me levar pelo

corredor. No final, subimos uma ampla escada em espiral forrada com tapete de veludo esmeralda.

A sombra de um sorriso se instala em seu rosto. — Em algum lugar com espaço suficiente para você cair em qualquer lugar.

Quando chegamos ao topo da escada, sou conduzida por um amplo corredor repleto de pinturas e molduras peroladas presas às paredes e ao teto. Meus olhos percorrem a fina camada de poeira que cobre as molduras espalhadas pela parede.

Já faz um tempo que ninguém vem aqui.

Este andar é um dos poucos que ainda não explorei, visto que saí do meu quarto várias vezes na calada da noite para aprender o layout do castelo e suas possíveis saídas. Chamei isso de minha personalidade ou paranoia, mas não ter consciência do que me rodeia me assusta quase tanto quanto as Provações.

Como Lenny não guarda minha porta, não consigo resistir à vontade de bisbilhotar. Na verdade, não vejo muito meu Imperial e, surpreendentemente, esse pensamento provoca uma súbita onda de tristeza em mim. Estou chocada com o quanto gosto genuinamente de sua companhia e ainda mais chocada com o fato de pensar essas coisas sobre um *Imperial*.

Um tapete irregular prende meu pé, fazendo o chão voar em direção ao meu rosto. Estou prestes a me esparramar no tapete em espiral quando um braço desliza pela minha cintura, firme e irritantemente familiar.

— Aí estão os pés desajeitados do qual estamos tentando livrar você — diz Kai, com um sorriso evidente em sua voz. Ele me coloca de pé, me firmando com uma mão que afasto, nervosa e sentindo a necessidade de colocar algum espaço entre nós.

Ele levanta as mãos e dá um passo zombeteiro para trás antes de se virar para seguir pelo corredor mais uma vez. À medida que continuamos andando, a pergunta que eu estava esperando para fazer finalmente passa pelos meus lábios. — Por que você está fazendo isso?

Kai para na minha frente. Ele se vira lentamente, parecendo quase divertido com a pergunta. — É simples, na verdade. Você vai a esse baile com meu irmão e ele precisa estar com a melhor aparência possível.

Eu estudo seu rosto, observo enquanto uma lasca de sua máscara se quebra, demonstrando todo o amor e devoção por seu irmão, todo o esforço que ele está disposto a ir por ele. É como se ele tivesse um dever a cumprir, como se já fosse o Executor e isso fosse muito maior do que apenas me impedir de pisar no calo de seu irmão.

E então sua máscara de repente é levantada, e eu estou olhando para aquele rosto frio mais uma vez, sem qualquer emoção ali. Quando não consigo pensar em uma resposta, começo a andar. Viramos à direita por um corredor menor e seguimos até a última porta à esquerda. Ele segura a maçaneta e a abre, revelando um quarto além, iluminado apenas pela luz da lua que entra pela janela.

Se eu achava que meu quarto era magnífico, ele não era nada comparado a *isso*. É facilmente duas vezes maior que o meu, fazendo com que pareça mais uma casa do que um quarto de solteiro. Embora tenha uma cama de dossel, uma cômoda e uma escrivaninha — assim como a minha — este quarto parece habitado. A estante está transbordando, os livros empilhados em ângulos estranhos para que caibam. Várias de suas capas gastas me dizem que consistem em estratégia, combate e... *poesia*.

Interessante.

Tudo o que preenche a sala é mais bonito do que o meu, mas usado e desgastado.

Este é o quarto dele – o seu verdadeiro quarto.

A mesa está coberta de manchas de tinta escura e armaduras estão empilhadas no canto. Meus olhos examinam as grandes fatias que cobrem os pilares da cama, onde faltam pedaços de madeira escura.

Cortes de espada.

Ele acertou uma espada cega na cabeceira da cama. Várias vezes.

Suponho que isso seja melhor do que atacar um humano com uma espada, mas tenho certeza de que ele também faz isso. Meus olhos finalmente voltam para Kai. Ele está encostado no batente da porta, me observando com curiosidade enquanto estou parada no meio do quarto dele, embora eu não me lembre de ter entrado tanto nele.

Aceno com a cabeça em direção aos postes de madeira lascada de sua enorme cama, sem saber o que dizer sob seu olhar. — Maneira interessante de aliviar o estresse.

— Assim como socar uma almofada até sangrar os punhos. — Ele me dá um leve sorriso enquanto atravessa a sala até sua mesa, com as mãos nos bolsos, antes de começar a mexer na engenhoca que está em cima dela — uma que eu reconheço.

Papai tinha um toca-discos, com uma grande tromba dourada, no qual eu enfiava a cabeça quando criança. Ele ganhava um dinheiro decente como o curandeiro respeitado nas favelas, mas o toca-discos ainda era a coisa mais bonita que tínhamos. Anos atrás, ele colocava meus pés em cima dos dele para que pudéssemos dançar pela cozinha. Bem, *ele* dançava. Eu apenas acompanhava. Mas ele nunca teve a chance de realmente me ensinar a dançar sem literalmente pisar nos pés de ninguém.

O estalar da agulha batendo num disco é familiar, embora o som da valsa suave que se segue não o seja. Kai se vira, desabotoando casualmente metade de sua camisa e fazendo meus olhos procurarem por qualquer coisa para olhar além de seu peito bronzeado e sua tatuagem rodopiante.

E então ele está de repente diante de mim, me examinando da cabeça aos pés com um leve sorriso que mostra a covinha mais profunda em sua bochecha direita. Seu olhar é como uma carícia e ele não tem pressa. Me recuso a me contorcer sob aquele olhar penetrante, sabendo que ele adoraria me ver inquieta.

Não querendo ficar atrás, eu arrasto meus olhos sobre suas fortes características faciais e seu corpo ainda mais forte por baixo. Tudo nele é letal. Aquele sorriso. Aqueles olhos. Aquele mente astuta dele.

— Tem certeza de que conseguirá se concentrar na dança ou serei uma distração demais, querida?

Suas palavras me assustam e meus olhos voltam para os dele. Eu bufo. — Acho que vou conseguir, obrigada.

Ele me lança um olhar duvidoso. — Acho que vamos descobrir, não é? — Espero que ele estenda a mão e me puxe para uma dança, e esse pensamento faz meu coração bater forte, me preparando para sentir suas mãos em meu corpo.

Mas ele não se move, não tenta diminuir a distância entre nós.

Bom.

— Por enquanto, você começará apenas aprendendo os passos de uma valsa básica — diz ele. — Principalmente porque não quero que você pise nos meus dedos.

Com as mãos ainda nos bolsos, Kai entra e sai, de um lado para o outro, me mostrando o básico. Ele é tão gracioso, tão elegante, tão *natural*.

Lutar. Lutar também é uma dança para ele.

Me sinto rígida e de repente tão insegura de mim mesma. Mesmo com as mãos ainda nos bolsos, Kai facilmente caminha comigo, embora ele não ouse chegar perto o suficiente para ser pisoteado pelos meus pés desajeitados.

Suspiro, irritada comigo mesma e com o príncipe sorridente na minha frente.

— Relaxe, — Kai murmura do outro lado de mim com mais do que uma pitada de humor em sua voz. — Você está pensando demais. Não calcule, apenas se mova com a música. — Eu olho para cima e o vejo já olhando para mim com um sorriso. — Além disso, você sabe que isso é uma dança, certo? Portanto, nenhuma postura de combate é necessária.

Só então percebo como meu corpo está tenso e equilibrado, com as mãos levemente levantadas como se estivesse pronto para atacar. Eu me endireito e passo a mão pelos fios de cabelo que caem da minha trança solta. Estou estranhamente... *nervosa*. E é irritantemente irritante.

Isso seria muito mais fácil se ele não estivesse olhando para mim.

Outra valsa termina, substituída por uma melodia lenta e suave. Minha cabeça está abaixada, mechas de cabelo caindo em meu rosto enquanto observo meus pés pisarem no ritmo da música.

Uma pressão na minha cintura me faz pular.

Como um reflexo, minha mão se move em direção à faca agora embainhada sob as dobras do meu vestido, mas uma mão calejada segura meu pulso. — Facas também não são necessárias para dançar — diz Kai com uma risada baixa. Segurando meu olhar, seus dedos Ásperos deslizam lentamente do meu pulso para a palma da mão antes de ele cruzar a mão na minha, levantando-a no ar.

Mas é a outra mão que prende minha atenção, aquela que se acomodou confortavelmente nas minhas costas. Aquela que está me puxando para ele. Através do

tecido fino do vestido que usei para jantar, posso sentir o calor da palma da mão dele penetrando na parte inferior das minhas costas.

Eu olho para ele enquanto ele me puxa para perto. Não é como se eu não soubesse que isso iria acontecer, só não esperava que acontecesse tão de repente. Ele olha para mim com uma expressão de expectativa antes de rir baixinho e deslizar a mão das minhas costas, me fazendo sentir frio de repente na sua ausência. Ele agarra minha outra mão e a leva até o ombro, deixando cair minha palma sobre sua camisa fina. Posso sentir cada músculo se mexendo abaixo dele quando ele volta a mão para minhas costas, apertando-a firmemente contra meu vestido.

— Vamos ver o que você aprendeu — ele diz suavemente enquanto seus pés começam a se mover no ritmo da música. Eu me atrapalho para segui-lo, conseguindo espelhar meus passos com os dele. Ele lidera com facilidade, me guiando com confiança durante a dança.

Meus olhos percorrem a sala e descem até meus pés, contando cada passo. A pressão nas minhas costas desaparece de repente quando dedos seguram meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — Você nunca aprenderá se continuar olhando seus pés, Gray. Olhos em mim. — Ele sorri, voltando a mão para minhas costas. — Isso não deve ser muito difícil.

Reviro os olhos para ele, abrindo a boca para fazer um comentário, mas em vez disso faço uma pergunta. — Como você sabia que Kitt me convidou para o baile?

A risada de Kai é sem humor, vazia. — Não sou psíquico, mas não foi difícil juntar as peças. — Quando eu apenas olho para ele, ele suspira e continua. — Eu conheço meu irmão e, por causa disso, sabia que ele iria perguntar a você.

— Essa foi uma resposta terrível — digo simplesmente.

— E você ainda é uma péssima dançarina, então meu trabalho está longe de terminar. Eu bufo.

— Ah — Kai acrescenta casualmente, — ele também pode ter mencionado que perguntou a você.

Outra risada me escapa antes que eu possa impedi-la, e pressiono os lábios para abafar o som. Meus olhos caem em seu peito que está perto demais, me lembrando que *estamos* perto demais para concorrentes, para inimigos nessas Provas.

E ainda assim, aqui estou eu, dançando com ele em seu quarto. Sozinha. No escuro.

Se for possível, de repente estou mais rígido do que antes.

Kai me sente enrijecer em seu abraço e se inclina impossivelmente mais perto. — Você está dura como uma tábua, Gray. Relaxe.

Não. Está. Ajudando.

Tento e não consigo me derreter em seu abraço como uma parceira de dança deveria fazer. Estou sem esperança. Desesperadamente demais para mim.

Mas o príncipe não desiste tão facilmente. Não, ele passa o braço totalmente em volta da minha cintura e me puxa para ele. Arrasto os pés, não querendo diminuir a pouca distância que resta entre nós.

Uma covinha enlouquecedora aparece em mim, quase invisível na penumbra. — Então o que nós aprendemos hoje? — ele pergunta, irritantemente divertido como sempre. — Primeiro, punhais não são necessários para dançar, e segundo, você realmente precisa estar perto de seu parceiro durante a dança. E, surpreendentemente, você parece estar lutando mais com o último.

— Você prefere que eu lute com o primeiro e coloque uma adaga em sua garganta? — Eu faço uma pausa. — De novo.

— Tão muito previsível. — Ele ri, o som tomando conta de mim antes de murmurar: — Sempre tão cruel e ansiosa para me esfaquear.

Ele está muito perto de mim. Muito perto.

E é porque estou tão distraída com esse fato que meu pé pousa em cima do dele e tropeço para a frente para colidir com seu corpo sólido. Suas duas mãos envolvem minha cintura, me firmando antes que eu recupere os sentidos e me afaste dele. Uma risada profunda ressoa em seu peito, combinada com um sorriso genuíno, que eu só o vi usar perto de seu irmão.

Letal.

— Como pode uma lutadora ter pés tão ruins? — Seus olhos dançam entre os meus. — Você é cheia de surpresas.

— Bem, *surpresa*, já tive o suficiente dessa lição, — eu digo categoricamente, saindo de seu alcance. Estou de costas para ele quando ele agarra meu pulso e me vira, me puxando para trás.

— Mas você ainda me deve mais uma dança. — Seu cabelo ondulado cai sobre a testa, o olhar em seus olhos praticamente me implorando para brincar com ele.

— Tudo bem — eu digo, brincando. — Outra dança para responder a uma pergunta. Suas sobrançelas se levantam. — Isso é um suborno, Gray?

— Esses são meus termos. É pegar ou largar, príncipe. — Sua única resposta é uma risada baixa. Ele vira a cabeça para longe de mim, pensando antes de finalmente encontrar meu olhar.

Lentamente, ele levanta minha mão de volta no ar e descansa a outra mão confortavelmente na parte inferior das minhas costas mais uma vez. — Fechado.

Começa outra valsa lenta, que me ocupa com a música e os passos, me afogando na dança. Quando não consigo ignorar a sensação de seus olhos me observando tão atentamente, finalmente encontro seu olhar.

— Tudo bem, o que você está morrendo de vontade de saber? — Kai pergunta, me guiando pela dança.

Eu não faço ideia.

Ele olha para mim, através de mim, esperando por uma resposta. Seus olhos cinzentos são como lascas de gelo, cacos de vidro. Como ambos, seu olhar é aguçado e penetrante. Frio, mas cativante. Linda do jeito que só as coisas mortais podem ser.

E assim, de repente, não consigo pensar em nada que queira perguntar a ele. Eu procuro uma pergunta apenas para deixar escapar a primeira coisa que me vem à mente.

— Você gostaria que fosse você? — Ele pisca, os cílios escuros tremulando. — Você gostaria de ser o futuro rei de Ilya? O herdeiro?

Não é a pergunta que pensei que faria, mas aqui estamos.

— Não — ele diz simplesmente, sustentando meu olhar.

Eu levanto minhas sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. Quando ele não continua, eu digo: — É isso? “Não”?

— Você recebeu sua resposta e eu consegui minha dança. Esse foi o acordo, querida.



Mal consigo respirar.

Os braços finos de Adena estão tão apertados em volta do meu pescoço que começo a ver manchas. Ela gritou e guinchou quando me viu esperando no Forte.

Minha melhor amiga. Minha parceira literal no crime. Sã e salva. Linda e alegre como sempre.

Lenny chegou ao meu quarto esta manhã, pronto para me levar até o Loot e resgatar minha nova costureira. Aparentemente, ele obteve aprovação para fazê-lo, embora eu estivesse muito animada para me preocupar em pedir detalhes. Posso até ter gritado.

— Eu vou ser seu *o quê*?! — Adena guincha.

Eu suspiro, embora soe mais como uma risada. — Minha costureira pessoal. — Já contei a ela os detalhes umas três vezes. — Quero dizer, a menos que você não queira o emprego...

— Você está louca?! É claro que quero o emprego, Pae! — Ela está praticamente pulando enquanto nos dirigimos para a carruagem que espera no final do Loot.

Examino o mercado e o amplo beco diante de mim. Minha casa parece tão monótona e sombria quanto quando a deixei. Deixei o som de xingamentos e barganhas, o cheiro de peixe e temperos tomar conta de mim. Tudo familiar. Tudo do mesmo.

Lenny abre a porta da carruagem e Adena e eu nos acomodamos antes de subirmos a rua irregular de paralelepípedos em direção ao palácio.

— Não acredito que isso está acontecendo — diz Adena, maravilhada enquanto olha pela pequena janela. Ela se vira para mim, observando o vestido casual que Ellie me forçou a vestir com os olhos arregalados. — Eu não posso acreditar *nisso*. — Ela olha do meu rosto para o vestido antes de pegar a bainha da saia e inspecioná-la.

— Não se acostume com... *isso*. — Aponto para o vestido. — Normalmente uso calças durante o dia, mas Ellie insistiu que eu usasse um vestido para causar uma boa impressão nas pessoas que me viram no Loot.

E certamente havia muitas pessoas. Apesar de ser cedo, o mercado estava repleto de homens, mulheres e crianças, todos olhando para mim enquanto eu passava.

Não tenho certeza da impressão que causei neles, mas certamente causei uma, mesmo assim.

— Parece que Ellie e eu nos daremos perfeitamente bem — diz Adena, com um sorriso brilhante.

— Ah, tenho certeza que vocês vão. — Eu rio antes de continuar: — E você será paga, alimentada e terá uma cama de verdade para dormir à noite. Me disseram que há uma sala de costura onde você passará a maior parte do tempo, cheia de todos os tipos de tecido que você possa imaginar.

Os olhos de Adena ficam brilhantes com o pensamento. — Paraíso. Estarei no céu.

Eu a informo sobre tudo: o treinamento, as entrevistas, os concorrentes. Ela faz o mesmo, me contando sobre seu tempo no Loot enquanto eu estive fora.

— Eu estava começando a pensar que você se esqueceu de mim! — Adena diz rindo, descartando a ideia. — E agora, aqui está você, me levando de volta com você!

Uma onda de culpa me atinge, ameaçando me afogar.

Engulo em seco antes de abrir a boca para pedir perdão, para pedir desculpas a ela, para...

— Eu nunca poderia esquecer de você, A.

Nunca mais.

Ela sorri enquanto meu coração bate descontroladamente contra meu peito. Ela é tão boa e eu tão culpada. Sou fraca por esconder a verdade dela, mas a cada batida do meu coração, prometo nunca mais fazer isso.

— Ah espere! Com quem você vai ao baile? — A pergunta estridente de Adena corta meus pensamentos confusos.

É claro que Adena conheceria esse detalhe das Provas, como todos nós temos que formar duplas para os bailes. Ela adora esse tipo de coisa. Passo a mão pelo cabelo, tirando-o do rosto. — Bem... eu vou com Kitt.

Adena pisca. E então ela grita.

— Kitt? Você quer dizer, o *herdeiro*? — Ela está praticamente hiperventilando, se abanando com as mãos.

— Não é grande coisa, A. Exceto que eu preciso parecer bem, — eu digo, tentando acalmá-la.

— Bem, então você veio para a garota certa — ela diz com confiança. — Uau, ok, você tem que estar *muito* bem então. — Ela passa a mão na franja encaracolada que cai em seus olhos. — Bem, existem vários lindos tons de verde que podemos escolher. Poderíamos colocar você em uma esmeralda ou em uma sálvia...

Eu levanto a mão, um sorriso curvando meus lábios. — Na verdade, tenho uma cor diferente em mente.

Capítulo Vinte



Kai

ESTOU PARADO em um mar negro. Paletós pretos, gravatas pretas, sapatos pretos. Como tinta, os homens que enchem o salão de baile giram no chão de mármore branco, com palavras rabiscadas às pressas em um pedaço de pergaminho brilhante.

Os criados dançam pela sala, embora não tenham música para acompanhá-los enquanto atravessam a multidão. Eles dão voltas, trazendo vinho, champanhe e petiscos extravagantes em pratos ainda mais extravagantes.

Vendo que as Provações serão *diferentes* este ano – graças a mim e aos testes do futuro Executor – não é surpresa que os bailes também sejam fora do comum. Normalmente, os bailes das Provas são apenas isso: bailes. Eles consistem em muitas horas de dança e conversas tediosas, ambas as quais exigem quantidades excessivas de álcool para serem concluídas.

Mas o primeiro baile desta Provações começa com um banquete.

Corpos vestidos de preto pontilham a sala, homens de todas as idades perambulando. Ou seja, homens de todas as idades que são da nobreza, de sangue real ou que de alguma forma conseguiram um convite para o primeiro baile das Provações de Purificação.

Depois de uma hora pulando entre multidões de homens, mantendo conversas fúteis com jovens e velhos, amigos e inimigos, estou inquieto e entediado, na melhor das hipóteses. Kitt e eu nos retiramos para ficar em uma das muitas mesas lindas que margeiam o salão de baile, repletas de bebidas.

Passei o tempo admirando meu cômodo favorito do castelo, observando-o pela centésima vez. Suas colunas de mármore e grandes janelas do teto ao chão revestem o ambiente, lhe conferindo uma aparência etérea. Lustres pendem do teto, pingando diamantes e elegância. Dois conjuntos de escadas revestidas de esmeralda se espelham enquanto descem da varanda acima para o piso de mármore. Portas douradas e

detalhadas se abrem para a plataforma em semicírculo com vista para o chão do salão de baile, que é tão brilhante que posso ver meu próprio reflexo entediado nele.

Bebo minha segunda taça de vinho, desejando ter algo mais forte.

A qualquer minuto.

A pequena orquestra sentada no canto mais distante do elegante salão de baile ganha vida no momento em que as portas brilhantes no topo da varanda se abrem. Uma linda mulher envolta em uma sedosa seda esmeralda sobe até a grade e olha para o chão abaixo dela.

Mãe.

Ela sorri, praticamente brilhando. Então ela começa a descer graciosamente a escada à sua direita com passos leves e medidos. Às vezes esqueço que até ela é uma lutadora com sua habilidade Elétrica de manipular eletricidade que pode facilmente ser usada de maneiras mortais, se ela desejar.

O clique de seus saltos soa no chão de mármore enquanto ela atravessa o salão de baile. Os homens se separam, criando um caminho para ela enquanto ela se dirige para meu pai, sentado no outro extremo da sala.

Ele sorri – sorri *de verdade* para ela. É uma expressão rara para ele, que ele só parece usar quando ela está por perto. Ele se levanta, encontrando-a no meio do salão antes de pegar seu braço.

O rei olha em volta, observando os homens que o observam. — Que comece o primeiro baile das Provações de Purificação! — Os homens comemoram enquanto o rei e a rainha caminham juntos, conversando e cumprimentando aqueles por quem passam.

E então começa.

Mulheres, jovens e velhas, começam a passar por aquelas portas douradas, uma de cada vez. Como é tradição, os homens sempre entram primeiro no salão de baile e esperam a chegada das mulheres, em homenagem à rainha que apareceu elegantemente atrasada no baile onde conheceu meu pai, todos os olhos voltados para ela quando ela fez sua entrada. Desde então, toda mulher teve a oportunidade de fazer sua chegada para que todos pudessem assistir e admirar.

Dezenas delas descem as escadas, todos variando em diferentes tons de verde. Assim que chegam ao salão, seus acompanhantes as levam embora e se sentam em uma das muitas mesas espalhadas pelo outro lado do salão de baile.

Kitt e eu assistimos ao desfile de mulheres enquanto bebemos nosso vinho, admirando à distância. Elas não vêm em nenhuma ordem específica, nenhuma classificação ou status envolvido em quem passa pela porta em seguida. Observo minha prima entrar, usando um vestido verde menta que contrasta com seu cabelo ruivo. Andy sorri para Jax de onde ele espera por ela no pé da escada, com um sorriso bobo no rosto. Ela o puxa em direção à grande mesa destinada aos competidores, centralizada entre as outras para permitir que os convidados tenham uma visão perfeita de nós. Um jantar e show.

Observo-os se sentarem antes de voltar minha atenção para a entrada, descobrindo que o fluxo constante de mulheres começa a diminuir. Vejo Hera e Ace abrindo caminho no meio da multidão, nenhum deles parecendo particularmente feliz por estarem juntos. Meus olhos se voltam para as portas quando Sadie entra, sua pele morena brilhando contra seu vestido verde claro enquanto ela desce os degraus em direção a Braxton que a espera.

Um tom de lilás chama minha atenção, revelando Blair parada no topo da escada, espiando do corrimão. O tecido verde floresta envolve sua cintura, sua figura, antes de se espalhar a seus pés. Seu cabelo está preso e torcido para fora do rosto, um sorriso malicioso já se espalhando por ele quando ela me vê.

— Boa sorte, irmão, — Kitt murmura, e não perco a diversão em seu tom.

Depois de ser encurralado antes do jantar, algumas noites atrás, Blair insistiu que fôssemos ao baile juntos. E vendo que eu não tinha escolha, um relutante sim foi a única resposta que pude dar.

Enfio minha taça de vinho na mão de Kitt com um suspiro irritado. — Cuide disso — aceno para o copo que ele agora segura. — Definitivamente vou precisar disso.

A risada profunda de Kitt me segue enquanto caminho até o final da escada, encontrando Blair bem a tempo. Estendo um braço para ela, que ela agarra avidamente. — Você está deslumbrante, Blair — digo baixinho, porque ela está, de um jeito frio e cortante.

— Ora, obrigada, Kai, — ela reflete, seus cílios escuros abaixando enquanto ela observa meu traje, meu cabelo, meu rosto. — Assim como você.

Eu nos conduzo até a mesa, agora quase cheia de competidores sentados rigidamente ao redor dela. Quando me sento ao lado de Jax, ele me lança aquele sorriso brilhante que nunca deixa de me fazer retribuí-lo.

— Olhe para você, J. Você se limpou bem, — eu digo, examinando seu terno impecável e calças escuras que são longas o suficiente para cobrir seus tornozelos pela primeira vez. — Você nem percebe que eu dei uma surra em você no ringue esta manhã.

Ouçõ Andy bufar do outro lado de Jax antes de ela se inclinar para acrescentar: — Você não é o único.

Jax revira os olhos com a nossa provocação, mas o sorriso nunca sai de seu rosto. — Onde está Kitt? Ele é o único de vocês que é legal comigo.

Andy pressiona a mão no peito, fingindo estar ofendida, enquanto eu nem me preocupo em negar que ele está certo. Em vez disso, simplesmente digo: — É verdade, mas você sabe que sou muito mais divertido.

Jax abre a boca para responder, mas em vez disso ouço uma voz feminina fria. — Você é? Porque estou entediado.

Eu lentamente me viro para encarar Blair, tendo esquecido que ela estava lá. Sou um péssimo acompanhante, mas suponho que ela se inscreveu nisso quando me pediu para ser seu parceiro, então não perco meu tempo me sentindo mal por isso. — Sinto muito

por não estar entretendo você, Blair. — Ouço Andy bufar antes de acrescentar: — Como você está esta noite?

Ela sorri, aparentemente satisfeita por eu estar prestando a ela toda a minha atenção. E isso é tudo que ela precisa para começar a reclamar dos grampos desconfortáveis em seu cabelo antes de discutir o material de seu vestido, insistindo que eu deveria sentir como ele é macio.

Jax ri ao meu lado durante tudo isso, incapaz de reprimir a risada cada vez que cantarolo em concordância ou aceno com a cabeça para palavras que não estou ouvindo inteiramente. Mas saio do meu torpor entediado quando uma taça é colocada diante de mim.

— Achei que você poderia querer isso de volta, irmão.

Viro a cabeça e encontro Kitt parada atrás da minha cadeira antes que meus olhos deslizem para *ela* brilhando ao lado dele.

Ela é exatamente a Salvadora Prateada.

Tecido prateado e brilhante gruda em seu corpo. Alças finas envolvem seus ombros, sustentando o vestido com decote profundo, revelando sua pele bronzeada e clavículas pontiagudas. Ele se funde com sua cintura e quadris como moedas derretidas, me lembrando daquelas que ela roubou quando nos conhecemos.

Os cílios revestidos de carvão de Paedyn passam por mim enquanto eu a observo. Seu cabelo é como uma cortina cobrindo seu vestido, tornando difícil dizer onde terminam os fios prateados e começa o vestido brilhante. O tecido se espalha ao redor de seus tornozelos, exibindo uma grande fenda que desliza ao longo de sua perna, espelhando a que rasguei em seu vestido naquele dia das entrevistas. E ali, amarrada à sua coxa, está uma adaga de prata para todos verem. Luto contra meu sorriso ao ver sua arma mortal combinada com seu traje deslumbrante – tão adorável, mas tão letal.

Cada pedaço dela está envolto em prata.

Não é verde. Inesperado.

Linda, ousada, não combinando com as outras.

Uma afirmação. Um lembrete de quem ela é e o que ela fez.

As mulheres não são necessariamente obrigadas a usar verde nesses bailes, e parece que Paedyn aproveitou esse pequeno detalhe.

Seus olhos encontram os meus brevemente antes de Kitt levá-la para o outro lado da mesa. E isso é tudo o que preciso para que eu tome minha própria bebida e deseje desesperadamente que esta noite acabe. Meus olhos se levantam, encontrando os de Paedyn do outro lado da mesa onde ela está sentada agora. Ela sustenta meu olhar, só o interrompendo quando Kitt diz algo suavemente ao seu lado, desviando sua atenção de mim e fixando aqueles olhos oceânicos nele.

Eu descaradamente os observo interagir, sem me importar com quem me vê olhando. Paedyn parece tensa enquanto eles conversam baixinho, seus olhos continuamente se desviando para a gola da camisa dele, em vez de encontrar seu olhar. Observo enquanto

ela gira lentamente o anel no polegar, quase sorrindo ao vê-lo combinado com seu vestido. Mas ela balança a cabeça enquanto Kitt faz o mesmo, sem dúvida muito consciente das dezenas de olhos que os observam das mesas ao redor.

Os criados começam a entrar no salão de baile, carregando bandejas cheias de pratos fumegantes de comida. Não demora muito para que estejamos comendo salmão temperado e aspargos com manteiga em silêncio, o único som sendo o raspar dos garfos e a conversa dos convidados que nos cercam.

E eu teria adorado continuar assim, poderia até ter desfrutado de um baile pela primeira vez se pudéssemos ficar ali sentados e deixar o silêncio nos engolir. Mas em vez disso, minha *acompanhante* decide abrir a boca.

— É um lindo vestido que você está usando, Paedyn. — O tom de Blair é zombeteiro, sua boca se curvando em um sorriso malicioso.

Suspiro, levantando os olhos do prato e vendo Paedyn sorrindo levemente. — Ora, obrigada. — Seus olhos passam por Blair e seu traje verde. — E seu vestido é tão... *único* — ela diz com um olhar aguçado para o resto do salão de baile e para as mulheres usando óculos escuros semelhantes.

Os olhos de Blair se estreitam. — Não sei se você aprendeu isso nas *favelas*, então me deixe esclarecer. A cor do reino de Ilya é verde. Não é prata.

Eu fico rígido com a maneira como ela cuspiu a palavra *favelas*, tirando até mesmo Sadie e Braxton de sua conversa tranquila para lançar olhares cautelosos ao redor da mesa. Todos parecemos estar prendendo a respiração, aguardando a resposta de Paedyn.

E ela nunca parece decepcionar.

Depois de tomar um gole lento de seu copo, ela encontra o olhar ardente de Blair. — Hum. E morar no *palácio* te ensinou a ser uma vadia?

Blair responde.

Antes que eu possa piscar, a faca colocada ao lado do prato de Paedyn está agora levantada na frente de seu peito, com a ponta apontada para seu coração.

A visão envia um choque de raiva através de mim, mas minha voz é muito mais fria do que minha raiva repentina quando digo: — Calma, senhoritas. — Tomando emprestada a habilidade Tele, empurro a faca de volta para a mesa com um barulho enquanto ignoro o olhar que Blair me lança. — Normalmente não sou eu quem interrompe as brigas, mas não vamos tentar nos matar antes mesmo de as Provas começarem.

Os convidados murmuram ao nosso redor, observando seus competidores com expressões ansiosas. Não consigo nem imaginar como isso deve ser divertido para eles, observar nossas débeis tentativas de sermos civilizados um com o outro, quando seremos tudo menos amanhã.

Ace ri, com um som arrogante e sem humor. — É isso que você pretende fazer, Kai? Nos matar? — Quando finalmente me digno a olhar para ele, não perco o brilho em seus olhos acompanhando o desafio em sua voz.

Eu o nívelo com um olhar. — Eu pretendo vencer.

— Assim como o resto de nós, — Ace responde antes de passar a mão pelo cabelo oleado, rindo. — Bem, todos nós, exceto Paedyn, que simplesmente pretende *sobreviver*.

Ele está zombando da resposta dela nas entrevistas.

Hera se contorce em sua cadeira ao lado de Ace, claramente tão desconfortável quanto o resto da mesa. E o que estou prestes a dizer vai tornar as coisas muito piores.

— Basta.

A voz de Kitt corta a tensão, voltando todos os olhares para ele. Mas ele só tem olhos para uma pessoa, uma garota usando um vestido brilhante ao lado dele enquanto ele diz:

— Dance comigo, sim? Por favor?

Paedyn hesita apenas por um momento antes de concordar. E então estou olhando para eles enquanto eles caminham para a pista de dança, onde vários outros casais começaram a girar no ritmo da música.

Blair de repente está dizendo algo para mim, me levantando antes de me arrastar para a pista de dança. Não me lembro quando começamos a dançar. De repente, ela está em meus braços e estamos girando no chão de mármore. A sensação dela é estranha para mim depois das noites que passei com Paedyn em meus braços. Noites das quais ainda não contei ao Kitt.

Eu estava fazendo um favor a ele.

Meus olhos vagam pela pista de dança, pousando em meu irmão e na garota em seus braços. Não estou vestindo verde, mas sinto isso mesmo assim. A inveja toma conta de mim enquanto os vejo caminhar no ritmo da mesma valsa que conduzi Paedyn ontem à noite. Ela parece elegante, atraente, fascinante.

O que diabos está errado comigo?

Eu me afasto de suas formas giratórias, com raiva de mim mesmo por sentir. Sentir ciúme e possessividade pela única garota que deixou claro que eu não deveria.

Então, eu me distraio. Eu danço com Blair e outras mulheres lindas que me levam para a pista de dança. Eu flerto e brinco com elas, focando nas garotas na minha frente, em vez de naquela que dança perto com meu irmão.

Eu a pego me observando e nossos olhos se cruzam, faíscas dançando entre nós.

Ela é a personificação de uma má decisão. O gêmeo do perigo e do desejo. A linha tênue entre mortal e divino.

E posso me sentir me afogando.

Capítulo Vinte e Um



Paedyn

O MUNDO GIRA AO MEU REDOR, verde e preto se misturando. Eu suspiro, pega de surpresa pelo giro antes de ser subitamente puxada de volta para braços fortes, o leve cheiro de especiarias e risadas profundas tomando conta de mim.

— Desculpe, pensei que você estava pronta para isso, — Kitt ri, olhos verdes me desafiando a olhar para eles.

— Uma dançarina melhor estaria — digo com um pequeno sorriso, meus olhos vagando pela sala em vez de encontrar os dele. O salão de baile é diferente de tudo que eu já vi antes, com suas janelas, pilares e lindas molduras. Estou impressionada com o tamanho e a elegância que me cercam.

As pessoas que ocupam o espaço combinam perfeitamente com o ambiente, todas bem cuidadas e graciosas. Os homens estão vestidos de preto profundo, enquanto as mulheres estão vestidas com todos os tons de verde.

Bem, todas as mulheres, menos eu.

Adena ficou chocada com o silêncio pela primeira vez quando eu disse a ela que queria um vestido prateado. Eu precisava me destacar. Necessário para lembrar ao povo sua *Salvadora Prateada*. E como não existe uma regra que declare que as mulheres *devem* usar verde, o único risco de aparecer de prata é chamar mais atenção para mim se tropeçar na pista de dança.

Tantos olhos, tantas pessoas observando enquanto eu descia as escadas. Tantos olhares percorrendo meu corpo, deslizando sobre o vestido com fenda e a adaga por baixo. Mesmo agora, estou sendo vigiada. Todos olham para mim com variados níveis de intriga, alguns com curiosidade e outros com escrutínio. Não tenho certeza se vou ganhar os votos dessas pessoas esta noite, mas certamente estou me tornando difícil de esquecer.

Olho para Kitt, seu cabelo loiro parecendo ainda mais claro em contraste com o terno escuro cortado rente ao seu corpo. Ele parece... bonito. Encantador.

Como o pai dele. Ele se parece com o pai dele.

— Você está pronta para amanhã? — ele pergunta suavemente, ainda me girando lentamente.

Meus olhos se voltam para os dele por vontade própria. — Eu deveria estar?

Ele quase ri, mas em vez disso diz: — Não. Você não está.

— E isso parece justo para você? — Eu deixo escapar antes que eu possa me conter. — Essas provas?

A música chega ao fim, nossa dança faz o mesmo. Sinto seu olhar vagando pelo meu rosto mesmo depois de desviar o olhar, como se ele estivesse procurando a resposta ali. Então ele suspira. — Por que não pego algo para bebermos?

Eu pisco. Apesar de ele ter evitado minha pergunta, aceno em resposta à sua. Ele olha em volta para os homens que lotam a pista de dança, vários de repente olhando em nossa direção. — E suponho que compartilharei você com todos os outros, mesmo que apenas por algumas danças. — Ele sorri antes de me dar uma leve inclinação de cabeça e se afastar.

Assim que o futuro rei vira as costas, um jovem alto me encontra na pista de dança e faz uma reverência. Aceito educadamente sua oferta para dançar e não tenho tempo para ficar nervosa antes que seus braços me envolvam. Não posso deixar de sentir uma pitada de orgulho pela forma como acompanho seus longos passos, e conversamos à toa enquanto giramos pelo chão.

Quando uma nova valsa ganha vida, um novo parceiro me rouba. De repente, estou entre os braços de um jovem, aparentemente da minha idade, com cabelo azul claro meticulosamente penteado no topo da cabeça.

— Eu nunca teria imaginado que você era uma Mundana das favelas pela sua aparência, — ele diz, seu olhar vagando avidamente para cima e para baixo em meu corpo. Eu me movo desconfortavelmente em seu aperto apertado em volta da minha cintura, sentindo o peso reconfortante da minha adaga amarrada na minha coxa. Se não fosse pelo favor das pessoas que estou tentando conquistar, esse pequeno comentário o teria rendido um soco na cara. Sua voz está mais baixa do que antes quando ele diz: — Você é uma visão.

— Ela é, não é?

Meu coração pula uma batida. A voz que vem por cima do meu ombro é tão fria que quase estremeço. Kai roça meu braço enquanto passa ao meu redor, encarando o garoto atordoado que ainda me aperta contra ele.

— Eu vou roubá-la agora, — Kai diz simplesmente, completamente consciente de quão inapropriado é interromper no meio de uma dança. Mas, novamente, ele é o príncipe, o próximo Executor, *um bastardo arrogante*.

A mão do homem cai lentamente da minha cintura, seus olhos passando por mim uma última vez antes de ele fazer uma rápida reverência a Kai e se afastar. O príncipe não perde o ritmo. Estou em seus braços antes que os músicos terminem de extrair suas notas.

Ele parece muito familiar.

Nós nos encaixamos perfeitamente, peças de um quebra-cabeça se encaixando. Eu não deveria me permitir relaxar com seu toque. Não deveria deixar a tensão diminuir do meu corpo quando ele me segura. Mas não posso fazer nada para impedir isso. Totalmente e completamente impotente.

Sua palma está plana e firme contra minhas costas expostas, calos roçando minha pele corada. — Parecia que você precisava ser salva — diz Kai, e vejo seu sorriso malicioso antes que ele me gire.

— Pela primeira vez — suspiro, — vou ter que concordar com você.

— Tenho certeza de que poderia pensar em outras coisas em que concordamos.

— Ah sério? E o que seriam essas coisas?

— Que ele estava certo, — Kai diz suavemente. — Você é uma visão. Tenho certeza de que ambos podemos concordar com isso.

Engulo em seco, meu coração começa a bater em uma batida rápida que escolho ignorar. Sem saber o que dizer a ele, pergunto: — E em que outras coisas concordamos?

— Hmm, — ele cantarola distraidamente enquanto seus olhos percorrem meu rosto.

— Você está se divertindo esta noite?

Eu pisco para ele. — Bem...

— Diga, Gray.

— Tudo bem, — eu bufo. — Não particularmente, não.

Ele abre um sorriso. — Então nós dois concordamos que esses bailes são incrivelmente chatos.

Eu não posso deixar de rir. — E se *você for* a razão pela qual eu não estou me divertindo?

— Se fosse esse o caso — diz ele com um sorriso, — você provavelmente já teria pisoteado meus pés ou apontado uma adaga para fugir.

— Não me dê ideias, príncipe.

Ele ri baixinho. — Você tem razão. Eu odiaria sujar meu terno de sangue.

Continuamos girando pela pista de dança enquanto eu ignoro o quão perto seu corpo está do meu e olho ao redor da sala lotada de conversas, risadas e música. Vejo Andy rindo com Jax enquanto eles tropeçam pela pista de dança, e não demora muito para encontrar os outros competidores na multidão.

Quando meu olhar pousa em Kitt, fico surpresa ao encontrá-lo já me observando. Ele está cercado por um grupo de garotas bajuladoras, mas seus olhos estão voltados para mim e Kai enquanto dançamos, sem fazer nada para interromper seu irmão e roubar de volta seu par. E ali, em suas mãos estão duas bebidas, uma cheia e a outra quase vazia.

Estou prestes a olhar para meu parceiro quando meus olhos se prendem a um servo. O cabelo escuro e encaracolado do menino balança no alto de sua cabeça a cada passo enquanto ele carrega uma bandeja de bebidas borbulhantes no meio da multidão. Seus olhos castanhos percorrem a sala como se procurassem por algo ou alguém.

O garoto do Loot. O menino com o couro. O garoto de quem roubei. O menino com o bilhete endereçado à minha casa.

Uma onda de perguntas inunda minha mente. Por que ele está aqui? Achei que ele era um aprendiz, não um servo. Ele está me procurando, procurando o papel que roubei dele?

Sou varrida dos meus pensamentos quando Kai me gira e meus olhos se voltam para os dele sem minha permissão.

Um erro.

Seu cabelo escuro cai sobre sua testa em ondas sedosas e bagunçadas. Olhos cinza esfumados encontram os meus, cativantes e arrepiantes. Sua mandíbula se afrouxa, puxando seus lábios em um sorriso arrogante enquanto ele me observa apreciá-lo.

Covinhas. Ambas zombando de mim.

— Gosta do que você vê, Gray? — ele canta, sabendo que isso vai me irritar. Eu bufo, desviando o olhar dele para lutar contra o rubor que está chegando às minhas bochechas. Dedos Ásperos deslizam das minhas costas para pegar meu queixo, gentilmente guiando meu rosto de volta para o dele enquanto ele murmura: — Por favor, continue. Eu nunca vou me negar a chance de ver você me observando.

— E por que isto? — Pergunto com uma indiferença que não sinto.

Seu sorriso é perverso. — Porque é muito mais divertido admirar você quando a ação é mútua.

Quase engasgo com a risada. — Não se iluda, príncipe. Não estou admirando você ou suas covinhas estúpidas — gaguejo, tentando agir como se não estivesse, de fato, fazendo exatamente isso. Seu sorriso só aumenta, fazendo com que as covinhas em suas bochechas se aprofundem distraidamente.

— *Mentirosa.*

Um som frustrado me escapa enquanto olho para ele, me recusando a dar a satisfação de evitar seu olhar penetrante. Continuamos dançando ao som da música lenta, nossos movimentos ficando cada vez mais lentos enquanto Kai pergunta: — Então, qual é a placar agora?

— O que? — Minhas sobrancelhas franzem em dúvida com a mudança repentina de assunto, embora eu esteja aliviada, no entanto.

— Eu ajudei você, o que, três vezes? Possivelmente quatro, agora? — Seus olhos estudam meu rosto atentamente. — Então isso dá quatro para um.

Eu solto uma risada. — Em primeiro lugar, eu não *ajudei* você. Eu *salvei* você, lembra? — Eu levanto minhas sobrancelhas para ele. — Certamente isso deve contar mais do que apenas um ponto. Além disso, não percebi que estávamos contando.

— Justo. — Ele encolhe os ombros ligeiramente. — Que tal dizermos que o placar é dois a quatro então? Isso é generoso.

Meus olhos se iluminam. — Olhe para isso. O príncipe finalmente admitiu que eu o salvei.

Ele ri, o som retumbando em seu peito, enrugando os cantos dos olhos. — Eu nunca disse...

Gritos cortantes abafam suas palavras.

Fico momentaneamente atordoada, só saio do meu torpor quando a dor atravessa meu antebraço esquerdo. O choque faz meus olhos caírem sobre a carne rasgada e sangrenta ali.

Faca de arremesso.

De repente, estou caindo no chão com um corpo forte e sólido pousando em cima de mim. Não, um corpo forte e sólido me *cobrindo*. Explosivos irrompem pela sala e meus ouvidos zumbiam com o impacto. Sinto uma onda de calor acompanhada de fumaça e pedaços de pedra navegando em nossa direção.

O corpo grande de Kai paira sobre mim, sua mão segurando minha nuca para que meu crânio não quebrasse no mármore duro quando ele nos jogasse no chão. Ele está protegendo meu corpo dos escombros e das facas voando pela sala. Eu recupero minha audição lentamente, cada grito se amplificando enquanto meus ouvidos estalam e voltam à vida. Ouço o terror e o barulho de pés ao nosso redor, homens e mulheres correndo em direção às saídas, tentando escapar da loucura.

Kai me levanta, se abaixando enquanto me arrasta em direção à parede, tentando nos tirar do espaço aberto. — O que está acontecendo?! — Grito acima do som de explosões e ecos de gritos. Mas Kai está ocupado gritando ordens aos guardas e às pessoas ao nosso redor, dizendo o que fazer e como fazer. Completamente o futuro Executor.

O salão de baile está um caos total. Detritos das explosões cobrem os pisos outrora imaculados. Facas de arremesso brilham enquanto voam pelo ar, atiradas pelas poucas figuras em fuga usando tiras pretas de couro que cobrem apenas a metade superior de seus rostos.

Imitando as máscaras dos Imperiais.

Quem são essas pessoas?

Alguns corpos espalhados pelo chão, alguns encharcados de sangue, outros esmagados pelos grandes pedaços de pedra atirados pelas explosões e lutando para se libertar. Mas o elemento surpresa passou, e as Elites que dançavam alegremente há poucos minutos agora lutam contra as figuras mascaradas. Guardas entram na sala, alguns Flashes, outros Ardentes ou Músculos.

Alguns escudos espalham campos de força roxos pela sala, protegendo aqueles ao seu redor do ataque enquanto as armas ricocheteiam inofensivamente nas cúpulas brilhantes. Sem pensar duas vezes, Kai adapta a habilidade dos Escudos de lançar seu próprio campo de força ao nosso redor.

— Não há tempo para explicar. — Seus olhos estão arregalados, o único sinal de sua preocupação. — Quão gravemente você está ferida? — Ele estende a mão para mim, mas eu me afasto, minhas costas colidindo com a parede dura atrás de mim. A dor atinge meu braço, mas cerro os dentes e ignoro.

— Estou bem, mas o que é...

— Eu preciso que você vá para uma das salas seguras. Os guardas vão levar você...

— Kai, eu não vou embora.

Ele me achata totalmente contra a parede, me prendendo com os braços em cada lado da minha cabeça. Seus olhos são selvagens, como fumaça saindo de um fogo ardente. — Então não pense que não vou jogar você por cima do meu maldito ombro e te tirar daqui sozinha. É isso que você quer?

Eu sei que ele também fará isso. Kai não gosta de ameaças vazias. Olho por cima do ombro para as poucas figuras mascaradas tentando fugir e lutar para sair. Eles parecem despreparados, usando armas em vez de poderes, causando pouco dano às habilidades usadas contra eles.

Observo o caos acontecer, a confusão nublando meus pensamentos. Onde estão os Explosões que causaram as explosões? Meus olhos examinam a sala, encontrando um objeto redondo de vidro cheio de um líquido escuro, preso na mão de uma figura mascarada.

Bombas caseiras.

Isso me atinge então.

Eles não estão usando poderes porque não têm nenhum.

Porque eles são Ordinários.

— Me deixe ajudar, — eu respiro, meus olhos implorando para Kai. Eu preciso me aproximar. Precisamos ver quem são essas pessoas e de onde vieram.

— Não.

— Eu posso cuidar de mim mesma.

Sua risada é seca. — Então prove isso. Vá silenciosamente para a sala segura. Agora.

— Me faça. — Praticamente rosno as palavras em seu rosto com os dentes cerrados.

Coisa errada a dizer.

Ele desvia o olhar e exala, balançando a cabeça. — Você é muito teimosa para o seu próprio bem, Gray.

E então o mundo vira de cabeça para baixo.

Sua mão está na parte de trás dos meus joelhos, e a parte superior do meu corpo está pendurada em seu ombro, caindo em suas costas. Eu me debato em seu aperto, mas seu aperto é firme. Me sinto como uma criança fazendo birra e não me importo nem um pouco.

— Me. Coloque. No. *Chão*. — Meu tom promete uma morte lenta e dolorosa, mas ele me ignora mesmo assim.

— Se você soubesse seguir ordens, eu não teria que jogar você por aí como uma boneca de pano — Kai diz friamente.

Luto para pegar minha adaga, perigosamente furioso. — Kai, vou *literalmente* apunhalar você pelas costas se você não...

— Se você acha que uma facada vai me impedir, então você subestima seriamente minhas habilidades, querida.

Através da cortina prateada de cabelo caindo frouxamente sobre minha cabeça, paro de lutar por tempo suficiente para observar as figuras mascaradas restantes passando por nós do lado de fora do nosso campo de força de bolha. E então meus olhos se fixam em um com cachos escuros e soltos.

Ele.

Sua máscara gruda em seu rosto como uma segunda pele, e quando seu olhar encontra o meu, respiro lentamente. Ele para, me observando enquanto eu o observo.

Ele é um deles. E ele me reconhece.

A nota. O local de encontro.

O couro.

Com certeza, cada um deles está envolto em coletes e máscaras de couro.

Armaduras. Ele estava fazendo armaduras para eles.

De repente, estamos perto de um círculo de Imperiais cercando algo, tentando contê-lo. Kai abre caminho pela multidão, e eu pego Kitt pelo canto do olho, lutando e se debatendo contra os guardas que o prendem.

— Pensei ter dito para você tirá-lo daqui. — A voz de Kai é profunda e mortal.

— Senhor, ele não iria... — Um Imperial começa antes que Kitt o interrompa, mais agressivo do que eu já o vi.

— Eu não vou fugir disso, Kai. Este é o meu reino também. — Sua voz é severa, prestes a gritar na cara do irmão.

— Bem, não haverá um reino para você governar se você *morrer*, Kitt, — Kai dispara de volta, seu tom frio. — Você precisa ficar quieto até que isso seja limpo. Isso pode ser um atentado contra sua vida.

— Eu não vou sair dessa luta! — Kitt ruge.

— Então você corre o risco de condenar todos nós! — A fachada fria de Kai finalmente se rompe, enviando fragmentos de raiva incandescente ondulando pelo ar. Ele suspira e estabiliza a respiração. — Precisamos de você vivo, Kitt. *Eu* preciso de você vivo. Apenas... — Ele faz uma pausa, se recompondo enquanto recompõe a máscara. — Fique de fora. Pelo reino. Por mim.

Eles se olham, se comunicando silenciosamente de uma forma que só irmãos tão próximos quanto eles conseguem. Tenho a súbita sensação de que esta é uma briga frequente entre eles, uma batalha de vontades recorrente.

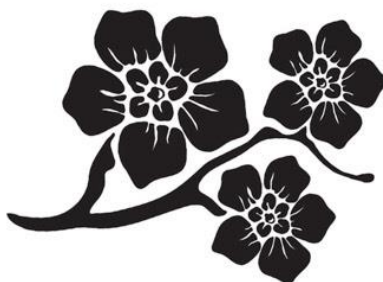
Observo o rosto de Kitt desmoronar e suas paredes desmoronarem. Eu o vejo ceder. — Tudo bem. Parece que é meu destino sempre ficar de fora dessas brigas, certo?

Kai não responde e em vez disso me coloca suavemente no chão diante dele. Sem olhar em minha direção, ele diz: — Leve-os para uma sala segura com os outros.

E então ele está voltando para o meio da luta, dezenas de poderes passando por sua pele antes que ele escolha um.

Fogo.

Capítulo Vinte e Dois



Paedyn

KITT NÃO PAROU de andar desde o momento em que fomos empurrados para esta sala abafada e segura. Luto contra a vontade de derrubá-lo no chão, fazê-lo me explicar o que está acontecendo. Em vez disso, observei-o murmurar e circular pela sala durante a última hora. Observei seus dedos acenderem como velas bruxuleantes quando sua fúria ardente vazou dele, exibindo sua habilidade Dúplice.

Uma fina camada de suor escorreu pelo meu corpo, provavelmente me dando a aparência de um coque pegajoso e glaceado. Estou caída no chão da sala segura revestida de pedra, a parede fria contra minhas costas expostas é o único leve alívio do calor da sala causado pelas dezenas de corpos amontoados, todos usando vestidos pesados e ternos engomados.

A sala segura é fechada por uma porta de metal robusta, guardada em ambos os lados, e prende a umidade sufocante aqui conosco. Kitt e eu fomos colocados no mesmo quarto que o rei e a rainha ocupam, assim como a maioria dos outros competidores e quaisquer outros convidados que estivessem aqui. É bastante grande, simples e cheio de gente.

Da grande multidão, apenas dois curandeiros estão na sala lotada. Eles zumbem, cuidando dos feridos e machucados depois de garantir que o rei, a rainha e Kitt fossem cuidados. Depois de um tempo, uma senhora corpulenta com um vestido verde profundo finalmente se aproxima de mim, sem dizer nada enquanto cura o ferimento de faca em meu braço. Suas sobrancelhas se unem em concentração enquanto sinto uma onda de calor penetrando no corte e olho para baixo para ver que o ferimento quase desapareceu, deixando apenas uma cicatriz fina e rosa restante.

Mas é meu coração que dói mais do que a ferida, me sentindo mais cortado e fatiado do que meu corpo jamais foi. Eu vi meu pai fazer a mesma coisa com tantas pessoas. Vi-o salvar vidas. Consertar feridas. Consertar *minhas* feridas. Eu gostaria que ele estivesse

aqui para consertar o objeto quebrado e mutilado que agora é meu coração. O coração que se partiu quando ele me deixou.

Quando ele foi assassinado pelo homem sentado nesta mesma sala.

Meus olhos se voltam para o rei e a rainha, conversando em voz baixa e urgente um com o outro e com os poucos conselheiros de confiança ao seu redor. Sem dúvida discutindo o que Pragas aconteceu lá fora e o que fazer a respeito. Kitt foi convocado inúmeras vezes para ficar ao lado de seu pai para falar silenciosamente com os conselheiros, mas depois ele sempre encontra o caminho de volta a andar pela sala.

Eu me solto de Jax e Andy, que estão pegajosos de suor de cada lado de mim, e entro no caminho de Kitt.

— Oi, — eu digo estupidamente, incapaz de pensar em uma introdução melhor.

Ele quase sorri antes de suspirar: — Oi.

Se eu quiser que ele fale comigo, preciso desempenhar o papel.

Respiro fundo antes de colocar a mão em seu braço exposto, o paletó há muito esquecido e as mangas brancas da camisa agora enroladas até os cotovelos. Sua pele está queimando, e eu retiro minha mão com um pequeno silvo enquanto meus olhos caem para as chamas fracas lambendo os nós dos dedos.

Pisco e o fogo desaparece, deixando apenas a pele Áspera para trás.

— Eu queimei você? — Kitt deixa escapar, parecendo alarmado. Ele estende a mão para mim, mas pensa melhor, passando as mãos pelo cabelo bagunçado. — Eu não consigo nem manter meu maldito poder sob controle, — ele murmura, se virando para longe de mim.

— Não... não, estou bem. — Ele não vai olhar para mim. Suas mãos estão passando pelos cabelos, descendo pelo rosto. — Ei, — eu digo, mas minhas palavras caem em ouvidos surdos. Ele está prestes a começar a andar novamente.

Preciso que ele se concentre.

Num impulso, estendo a mão e seguro seu rosto, sentindo apenas o calor natural de sua pele sob minhas palmas. Eu me preparo para encontrar aqueles olhos, sabendo que preciso fazer isso em troca de uma resposta. Seu olhar se volta para o meu, verde e nítido como orvalho agarrado à grama recém-cortada. Como um trevo de quatro folhas da sorte, uma esmeralda brilhando à luz do sol.

Como os olhos de um assassino. Os olhos do rei.

— Fale comigo. — As palavras saem da minha boca, soando mais como uma ordem do que eu pretendia. Então acrescento rapidamente: — Por favor.

Ele suspira e abaixa a cabeça antes de gentilmente agarrar meus pulsos e afastá-los de seu rosto. Então, ele me guia até o canto menos movimentado da sala, suas mãos quentes me puxando para o chão ao lado dele antes de apoiar os braços sobre os joelhos levantados. — Sinto muito por estar tão... perturbado — diz Kitt finalmente. Nunca o vi tão sério, tão severo, tão *majestoso*. — Não gosto de pessoas travando minhas batalhas. — Ele morde as palavras como se odiasse o gosto delas em sua boca.

— Acho que isso é algo com o qual você terá que se acostumar quando for rei — digo suavemente.

Ele zomba. — Você quer dizer, se acostumar com meu irmão constantemente arriscando a vida enquanto eu sento e assisto? — O calor parece se espalhar por ele, e de repente me pergunto se ele é parcialmente culpado por esta sala sufocante.

Vejo então, o verde dos olhos dele que combina com o ciúme, com a inveja. Posso ver a parte dele que deseja poder correr para a batalha e salvar o dia como seu irmão. Deseja poder ganhar o favor de seu pai através de músculos e não de cérebro. Deseja poder ser o herói, em vez de aquele que o herói está protegendo.

Mesmo assim, não sinto pena do garoto diante de mim. Invejar Kai é invejar um assassino.

Desempenhar o papel. Jogue com ele.

— O que quero dizer — digo lentamente, — é que você tem seus deveres e Kai tem os dele. Vocês dois estão lutando pelo seu reino, só que de maneiras diferentes.

Percebo que ele não está convencido, mas mesmo assim ele me oferece um sorriso, um sorriso que quase alcança seus olhos. — Você seria uma ótima conselheira, sabia disso?

— Bem, talvez se eu sobreviver a essas Provações, você possa me contratar. — Ele ri baixinho com isso, e eu dou um pequeno sorriso em troca. — Embora — digo com um suspiro, — os conselheiros devam saber o que está acontecendo, e eu com certeza não sei.

Vamos. Me diga. Confie em mim.

— Astuta — Kitt suspira. — Tudo bem, você merece saber o que está acontecendo, vendo que um deles quase arrancou seu braço. — Ele passa o polegar sobre a cicatriz fina em meu braço exposto, seus olhos traçando-a. Eu me afasto do toque e a ação não passa despercebida.

Kitt limpa a garganta e se afasta de mim. — Eles se autodenominam Resistência. — Sua voz é baixa e firme, destinada apenas para eu ouvir. — Eles são um grupo de Ordinários que se unem há anos. Lutando contra o rei e o reino por causa do que foi feito à sua espécie.

Sua espécie. Meu tipo.

Eu me forço a engolir meu desgosto e ouço enquanto ele continua. — No início, eles eram apenas uma ameaça, uma piada de revolução. Mantivemos este pequeno grupo em segredo, escondendo-o das pessoas já há alguns anos. Não foi difícil de fazer até recentemente. Mas claramente, eles são maiores e mais fortes do que antes.

Acho que parei de respirar. Tudo o que ouço é o sangue pulsando em meus ouvidos enquanto absorvo o peso de suas palavras.

Um grupo de Ordinários lutando contra o rei e o reino.

— Como? — A palavra é rouca, quase abafada pela conversa da sala. — Como existe um grupo tão grande de Ordinários? Como eles são uma ameaça agora?

— Aparentemente, havia muito mais Ordinários escondidos em Ilya do que se suspeitava depois que foram banidos, e enquanto eles repovoarem aqui no reino, seu número continuará a crescer. — Ele solta um suspiro pesado. — Mas a Resistência parece ser mais uma causa do que um grupo. Eles estão espalhados por toda a cidade, escondidos à vista de todos. O que torna as coisas muito mais difíceis, já que nem todos estão reunidos em um só lugar. E o que é pior, não achamos que eles estejam trabalhando sozinhos.

Eu levanto minhas sobranceiras em questão, e ele continua. — Eles têm Elites trabalhando com eles. Poderosos. Aqueles que também estão chateados com meu pai, com o reino.

Minha testa se enrugou em confusão, tentando entender o que ele quer dizer. E então acontece um clique, exatamente quando Kitt expressa o que acabei de juntar.

— Os Fatais. Os Silenciadores, os leitores de mentes e os controladores. O Pai os baniu junto com os Ordinários durante a Purificação por causa de quão perigosos eles eram, até mesmo para outras Elites, e ele mantém apenas um de cada em sua corte que é leal a ele. Mas ainda existem alguns por aí, e atualmente temos um nas masmorras abaixo de nós. — Ele acena para mim com um pequeno sorriso. — Temos que agradecer a você por isso.

O Silenciador.

— Espere — digo lentamente, tentando decifrar tudo, — se os Fatais estão realmente trabalhando com a Resistência, então por que eles não lutariam no ataque? Eles teriam causado muito mais danos se tivessem feito isso.

Kitt passa a mão pelo cabelo. — Não temos certeza. Talvez eles não pretendessem atacar. Eles estavam despreparados e em número incrivelmente inferior, o que me faz pensar por que vieram aqui.

Palavras saem da minha boca e não posso fazer nada para impedi-las. — E o que você acha dessa Resistência?

— O que eu penso sobre esses criminosos? — Ele suspira pelo nariz, balançando a cabeça. — Eu... eu entendo. Acho que está errado, mas entendo por que estão fazendo isso. — Ele me olha nos olhos. — Mas se eles puderem viver, então a raça Elite morrerá lentamente. Quem sabe quantas Elites já foram infectadas pelos Ordinários escondidos entre elas? Tenho certeza de que as pessoas já começaram a sentir os efeitos, o enfraquecimento do seu poder. — Ele faz uma pausa, suspirando. — O sacrifício dos Ordinários é necessário para o bem maior do reino.

Certo. Esqueci que sou uma doença.

Eu o estudo, observando os traços fortes de seu rosto agora marcados pela tensão e pelo estresse. — E é nisso que você acredita?

Eu sei que deveria calar a boca, deveria concordar com a cabeça em vez de arriscar falar em traição. Mas algo nesse garoto desperta em mim uma imprudência, uma necessidade de mostrar a ele o quão errado ele está, o quão distorcido é o seu reino.

— Isso é o que eu sei — diz ele suavemente, me olhando nos olhos até que eu afasto os meus, incapaz de deixar de ver neles o assassino do meu pai.

— E ainda assim, você pode saber algo e não acreditar. — Minha voz parece trêmula e espero que ele acredite que seja por medo e não por raiva. — Você tem uma escolha, Kitt. Você sempre tem uma escolha.

Ele ri, mas é sem humor. — Se eu sempre tivesse escolha, não estaria nesta sala segura. Eu estaria lá, lutando ao lado do meu irmão.

Meus olhos caem nas chamas tremeluzindo sobre seus dedos, traindo sua frustração. Levanto a cabeça e respiro fundo antes de olhá-lo nos olhos. — Você não quer ser rei?

Ele não hesita. — Eu não quero ser um covarde. — Eu me forço a manter seu olhar, vendo toda a confusão e consideração refletidas nele. — Ninguém nunca me perguntou isso antes.

— Sim, bem, você vai descobrir que muitas vezes faço perguntas que não deveria — digo, desviando o olhar dele.

— Não pare, — ele diz rapidamente, calmamente. Meu olhar desliza de volta para ele para pousar no botão superior de sua camisa. — Suas perguntas, seus pensamentos, suas contradições — quero ouvir todas elas.

Abro a boca para responder quando uma rajada de ar fresco sopra sobre meu rosto e a grossa porta de metal se abre com um estrondo. Minha cabeça se volta para o punhado de Imperiais entrando na sala, indo em direção ao rei e à rainha.

— O salão de baile está seguro, Majestade. — A voz do guarda é rouca, sua cabeça inclinada em direção ao rei, que acena brevemente.

Se eu quisesse olhar nos olhos dele, tenho certeza de que veria todas as perguntas nadando neles. Perguntas sobre quantos mortos, quantos Ordinários capturados, quantos danos. Mas ele não ousa expressar seus pensamentos, não na frente de uma plateia e especialmente quando ainda está tentando esconder o que realmente está acontecendo.

O rei se levanta de sua grande cadeira de madeira e pigarreia, acalmando ainda mais a sala já silenciosa. — O que aconteceu hoje foi lamentável e posso garantir que não acontecerá novamente. — Quase bufo com a promessa vazia. — Mas não vamos deixar que este incidente nos assuste, nos paralise, nos controle. E por esse motivo, as Provas continuarão conforme programado.

Com isso, murmúrios chocados percorrem a multidão, embora eu não possa dizer que estou surpreso. Ele precisa manter sua fachada forte e não demonstrar medo. — Somos Elites. Nós somos poder. — O rei faz uma pausa, examinando a sala lotada com aquele olhar verde que evito. — Honra ao seu reino. Honra à sua família. Honra a si mesmo.

O grupo de pessoas ao meu redor ecoa suas palavras, recitando o lema de Ilya. Meus lábios se movem com eles, fazendo o papel do competidor, daquele que tem a honra de estar aqui. Aquele que é uma Elite como eles.

Os guardas começam a conduzir os convidados e a nobreza para fora da sala pegajosa, e quase sou pisoteada por saltos pontudos e sapatos engraxados de onde ainda estou sentada no chão antes de me levantar.

— Eu gostaria de poder acompanhá-la até o seu quarto, mas, infelizmente, vou trocar este quarto abafado por outro. Meu pai provavelmente fará Kai e eu atender reuniões até o início da primeira Prova, discutindo os *eventos* que ocorreram esta noite. — A voz de Kitt está tensa, cansada.

— Mas os guardas garantirão que você chegue em segurança ao seu quarto, não que haja qualquer ameaça real agora. — Seus olhos deslizam para a adaga que abraça minha coxa, exposta para todos verem. — E se houvesse uma ameaça, tenho certeza que você poderia se cuidar muito bem. — Ele me oferece um sorriso que mal consigo retribuir.

Seus olhos se desviam de mim para pousar em outra coisa perto do fundo da sala. Sigo seu olhar apenas para descobrir que o rei e a rainha estão olhando de volta para mim. O rei está observando com os olhos semicerrados, e preciso de toda a minha força e treinamento para não lançar o mesmo olhar em sua direção.

— Vejo você depois da Prova. — A voz de Kitt corta meus pensamentos. — *Vou ver* você depois da Prova. Você espera sobreviver a isso, lembra?

Abaixo a cabeça e sorrio apesar de tudo.

Se eu conseguir sair viva desta primeira Prova, sei exatamente o que vou fazer.

Vou encontrar a Resistência.

E graças ao garoto de cabelos cacheados e ao bilhete que cortei dele, sei exatamente onde eles estarão.

— Vejo você em breve então, — eu digo para o botão superior de sua camisa antes de encontrar seus olhos brevemente. Eles mantêm um certo calor e preocupação, parecendo cada vez menos com o pai dele a cada piscada.

Sou empurrada em direção à porta em uma corrente de corpos humanos e levada para o corredor. Os corredores estão repletos de guardas e convidados, todos correndo de um lugar para outro. Sou conduzida pelo corredor, engolida pelo mar de pessoas ao meu redor. Passamos pelas portas quebradas do salão de baile e, através delas, posso ver escombros e o vermelho pintando no chão.

Minha curiosidade se recusa a me libertar de suas garras.

Não é difícil escapar dos Imperiais, do grupo. Dominei a arte de passar despercebida e esquecida. Logo estou abrindo as portas do salão de baile, os guardas completamente alheios à confusão.

Sou recebida com sangue. Bem, os restos dele. Sangue escuro ainda mancha partes do chão, a maior parte já limpa com jatos de água pelos Hidros circulando, deixando apenas pedras peroladas em seu rastro.

Teles está limpando o salão de baile dos pesados pedaços de entulho, e Rajadas usam o ar ao redor deles para soprar todos os detritos e poeira do chão. Em pouco tempo, a sala será consertada e restaurada ao seu estado original. Como se nada tivesse acontecido.

Estou prestes a sair pela porta quando uma massa de cabelo preto bagunçado chama minha atenção. Ele está sentado, não, *caído* sobre uma grande laje de pedra perto do outro lado do salão de baile, sujo e encharcado de sangue.

Meu coração martela contra minha caixa torácica.

Ele está ferido. E o mais importante, por que me importo?

Desço os degraus aos tropeções, subindo dois degraus de cada vez. Quase torço o tornozelo na engenhoca mortal que são meus calcanhares antes de jogá-los do chão de maneira desleigante, deixando-os cair escada abaixo antes de quase fazer o mesmo.

De repente estou na frente dele, tendo saído do salão de baile em questão de segundos. Caio de joelhos, olhando para seu rosto ensanguentado e sujo. Seus olhos cinzentos só parecem surpresos por um momento antes de começarem a vagar por mim, procurando por ferimentos em meu corpo enquanto faço o mesmo com ele.

Palavras vomitam da minha boca. — O que aconteceu? Onde você está ferido? — Olho em volta, examinando a sala. — E onde estão esses malditos curandeiros?

— Ah, Gray. Exatamente a pessoa que eu queria ver. — Ele mói as palavras com os dentes cerrados, embora ainda esteja agindo com calma e serenidade.

— O que aconteceu? — exijo, observando suas roupas rasgadas e o peito exposto por baixo, agora coberto de cortes. Suas mãos e a maior parte de seu corpo estão cobertas de sangue, embora eu tenha certeza de que a maior parte nem pertence a ele.

— Antes de chegarmos a isso, — ele luta para evitar que a careta enfeite suas feições, — um Curandeiro veio até você? — De repente ele fica sério, a dor esquecida enquanto seus olhos me examinam mais uma vez.

Estou confusa e irritada com ele — uma ocorrência comum, ao que parece. — O que? Sim. Estou bem. — Ignoro sua pergunta e me aproximo, com as mãos ligeiramente estendidas. — Mas claramente, você não está.

— E aqui estava eu pensando que você me odiava e às minhas covinhas estúpidas. Estou emocionado por você se importar tanto com meu bem-estar, Gray. — Mesmo com uma dor óbvia, ele ainda encontra uma maneira de sorrir. Além de ser um idiota total.

— Ah, não confunda meus motivos, príncipe. Eu só quero mantê-lo vivo por tempo suficiente para poder tirar esse sorriso do seu rosto. De novo. — Há um pouco de veneno nas palavras, e ele solta uma risada enquanto se move na pedra, expondo mais suas costas para mim.

Eu suspiro. — Que *diabos* está errado com você?!

— Querida, essa é uma pergunta com muitas respostas.

Ignoro seu comentário, incapaz de desviar os olhos da faca enterrada profundamente na carne de seu ombro direito. — Você estava com uma faca nas costas esse tempo todo e simplesmente me deixou falar? — Estou cuspiando.

Uma covinha acompanha seu sorriso torto. — Ah, mas o som da sua voz foi uma distração tão bem-vinda da dor.

Mais uma vez, eu o ignoro antes de ficar de pé para inspecionar a faca cortando profundamente suas costas. Suspirando, murmuro: — Sim, bem, agora você vai me ouvir dizendo que você é um completo idiota.

— Essa ainda é uma das coisas mais legais que você me disse, então, eu aceito, — ele diz suavemente, aparentemente imperturbável pelo pedaço de metal empalando seu corpo.

Não consigo nem imaginar a dor que ele passou para fazer esse ferimento parecer tão suportável.

— Tudo bem — digo lentamente, — me diga o que fazer.

Sua risada é tensa. — Você diz isso como se realmente fosse me ouvir pela primeira vez.

— Kai, estou prestes a colocar outra faca nas suas costas se você não...

— Eu só preciso que você retire isso.

Eu pisco. Ele diz isso tão casualmente que quase penso que ele está brincando. — Então precisamos ter um Curandeiro aqui, pronto para consertar isso assim que a faca for retirada.

Ele solta uma risada tensa, os músculos sob a camisa rasgada se mexendo. — Estou ofendido por você duvidar tanto das minhas habilidades. Há um Curandeiro não muito longe de mim. Posso sentir o poder deles. Eu vou me curar.

— Certo. OK. — Respiro fundo e seguro o cabo da faca. — Isto vai doer.

— Sabe, é uma pena que nunca tenhamos terminado nossa dança — diz ele. — Foi a primeira vez que pude realmente me concentrar em você, em vez de me esquivar de seus passos fortes...

Puxo a faca com um movimento fluido. Ele grunhe e se dobra na pedra. Sorrio levemente, tendo me vingado dele pelo que disse sobre minha dança, por mais verdade que seja.

Contorno os escombros e me agacho na frente dele, meu rosto próximo ao dele enquanto observo a dor tomar conta de suas belas feições. Viro a faca na mão, ainda escorregadia com o sangue dele. — Me diga, isso doeu tanto quanto meus pés pisando em você?

Sua risada é rouca, dolorida. Eu fico de pé e vejo quando ele coloca a mão em volta do ombro, pressionando-a sobre a ferida que agora jorra sangue continuamente. Observo enquanto a pele desfiada se costura novamente. Observe como a carne e os músculos se reformam diante dos meus olhos, deixando nada além de uma cicatriz irregular que se junta às outras em suas costas.

A tensão diminui em seus ombros rígidos e ele suspira de alívio. — Muito melhor. Obrigado. — Estou me perguntando o quão raramente essas duas últimas palavras saem de sua boca quando o canto dela se levanta e ele se levanta. — Quem diria que seria você quem puxaria uma faca das minhas costas e não quem a enterraria lá.

— Ainda há muito tempo para isso, não se preocupe.

Ele sorri, dentes brancos brilhando em suas feições imundas. Então ele gira o pescoço e se espreguiça, agindo como se não tivesse sido empalado alguns momentos atrás.

Sua palma de repente se estende para mim com expectativa, e eu olho fixamente para os calos. Quando não faço nenhum movimento, ele lentamente deixa cair a mão para a que está ao meu lado, seus dedos Ásperos fechando em volta do meu pulso.

Meu batimento cardíaco acelera e amaldiçoo o órgão estúpido. Ele puxa meu braço, minha mão, em sua direção – aquela que ainda segura a faca de arremesso. Então a outra mão dele roça minha palma, tirando delicadamente o cabo dos meus dedos.

— Você já tem o suficiente para enterrar nas minhas costas, não acha? — ele diz suavemente, sua mão ainda em volta do meu pulso, onde ele provavelmente pode sentir minha pulsação estúpida e gaguejante sob seus dedos. — Então, acho que vou ficar com esta.

Eu saio de seu alcance, precisando colocar algum espaço entre nós. — Você não tem uma reunião importante na qual deveria estar agora? — Pergunto porque simplesmente não consigo pensar em mais nada para dizer.

— Provavelmente. — Ele suspira, passando a mão pelos cabelos. — Presumo que Kitt lhe contou tudo. — Concordo com a cabeça antes que ele diga: — Pai vai continuar com as Provações. Um movimento de poder, é claro. E ele precisará finalmente informar as pessoas sobre o que está acontecendo. Ele não pode esconder quem e o que a Resistência busca esta noite.

— O que aconteceu? — Respiro antes de ficar repentinamente irritada com ele, lembrando o que ele fez. — O que aconteceu depois que você me tirou desta sala como uma idiota, mesmo que eu pudesse ter ajudado?

Agora ele está rindo de mim. — Você parece sempre esquecer quem eu sou, Gray.

— Minhas desculpas, Alteza. O que aconteceu depois que você me removeu desta sala como um idiota *real*?

— Bem, isso é um progresso, suponho. — Ele sorri, me olhando novamente com aquele olhar penetrante dele. — E para responder a sua pergunta, essa não era sua luta. Sem mencionar que eu não poderia arriscar que um competidor morresse antes mesmo de a primeira prova começar.

Minha risada é amarga. — Você sabe muito bem que posso cuidar de mim mesma...

— E você sabe muito bem que eu mesmo poderia cuidar disso.

— Você foi esfaqueado, lembra?

— Risco ocupacional.

Nós nos encaramos, rostos próximos. Posso sentir o cheiro de suor, sangue e sujeira nele, junto com o cheiro subjacente de pinho que ainda permanece em sua pele. Estou respirando pesadamente e, depois de um momento a mais, finalmente dou um passo para longe dele.

— Quantas vítimas? — Eu pergunto lentamente.

Ele desvia o olhar de mim, respirando fundo antes de dizer: — Apenas dois Elites mortos, vários feridos. Quatro Ordinários mortos e apenas dois prisioneiros. — Seus olhos se voltam para os meus quando ele diz: — Para começar, havia menos de uma dúzia de Ordinários, o que me faz pensar qual era a verdadeira missão deles, já que não acredito que fosse atacar um salão de baile cheio de Elites.

Concordo distraidamente, absorvendo a informação. — Então, alguns escaparam?

Um músculo se espalha em sua mandíbula. — Infelizmente. — Com isso, ele começa a se afastar de mim, seus olhos nunca deixando os meus. — Vejo você amanhã, Gray.

— Vejo você amanhã, Azer.

Ele finalmente se vira, atravessando o salão de baile enquanto observo sua forma em retirada.

Então ele chama por cima do ombro. — Me faça um favor, querida?

— E o que seria isso?

— Promete que vai ficar viva o tempo suficiente para me apunhalar pelas costas? —

Eu rio alto. — Esse sempre foi meu objetivo, príncipe.

Capítulo Vinte e Três



Kai

QUASE ENGULO um bocado de terra úmida. Meus olhos se abrem e eu tusso no solo úmido abaixo de mim, encharcando minhas roupas e fazendo com que elas grudem desconfortavelmente em meu corpo. Eu rolo de costas, esmagando musgo, galhos e pedras enquanto pisco contra a luz do sol que flui através de árvores altas e imponentes.

Pragas, onde estou?

A melodia do chilrear dos pássaros me acordou do meu sono pesado e profundo.

Sono induzido.

Árvores se aglomeram no céu azul vibrante acima, a maioria delas pinheiros altos e sinistros que estendem dedos de folhagem até o alto das nuvens – e eu as reconheceria em qualquer lugar. A pessoa se familiariza com as árvores que é forçada a escalar inúmeras vezes para superar o medo de altura.

Os Sussurros¹.

Estou na maldita floresta.

Fico de pé, me sentindo tonto, esgotado e drogado. Uma pressão estranha em meu antebraço direito me faz olhar para baixo e ver uma fina faixa de couro enrolada em torno dele, com as pontas firmemente fundidas. Estaria cortando completamente a circulação sanguínea se fosse mais apertado, deixando meu braço totalmente inútil.

O sol bate em mim enquanto giro lentamente no lugar, examinando o que está ao meu redor. Não há nada nem ninguém além de árvores, pedras e terreno florestal irregular abaixo de mim, me prendendo com folhagens.

Por que diabos estou nos Sussurros?

¹ Floresta Sussurrante

Obviamente, eu sabia que as Provas ainda estavam acontecendo. Discutimos isso e a Resistência durante horas na noite passada. A sala do trono foi onde passei a noite e a madrugada, junto com Kitt, o rei e seus conselheiros.

Minha garganta está rouca e Áspera devido às longas horas de discussão e debate sobre o melhor curso de ação com esta Resistência, esta ameaça. E agora, mais do que nunca, os meus homens e eu temos a tarefa de encontrar estes membros da Resistência e acabar com eles.

Tento limpar os pedaços de sujeira que ainda estão grudados em minhas roupas enquanto observo esse lugar familiar, mas assustador. Os Sussurros não é uma floresta extravagante. Bestas mortais espreitam em seu enorme terreno, e plantas ainda mais mortais brotam dela. Eu saberia, visto que passei muitas noites treinando aqui com meu pai gritando ordens como se eu fosse seu soldado e não seu filho.

Mas por que estou aqui agora?

Eu esperava pelo menos poder acordar na minha própria cama, talvez *interrogar* alguns prisioneiros antes de ir até o Bowl para a primeira prova. Mas eu com certeza não esperava ser drogado e arrastado para a floresta.

Diferente.

Foi isso que Tealah disse. Nunca houve uma prova fora do Bowl onde o público não pudesse estar presente para zombar e torcer por nós.

Um galho se quebra e eu giro, afundando em posição de luta. Olho para o homem magro a alguns metros de distância, vestido com roupas brancas simples que contrastam com sua pele escura. Ele olha de volta, com os olhos vidrados e imóveis.

Um Observador.

Eu sinto isso então. O formigamento de seu poder sob minha pele. Eu estava muito ocupado com meus pensamentos para sentir sua habilidade, o poder de registrar e também de projetar o que ele vê com nada além de seus próprios olhos. E é exatamente isso que ele está fazendo agora.

Sempre os achei inquietantes pela maneira como olham, sem piscar, ao registrar o que estão vendo, mas me acostumei com eles, pois dezenas estão sempre presentes nas Provas. Eles correm pelo Bowl, documentando os eventos e os competidores enquanto usam suas habilidades para projetar o que estão vendo em grandes telas bem acima do chão do Poço.

E parece que eles estão fazendo o mesmo com esta versão das Provas. Exceto que ele não está projetando o que está vendo e, em vez disso, armazena as imagens para mais tarde. Deve haver dezenas deles, todos correndo pela floresta, seguindo os competidores e documentando a primeira Prova para ser reproduzida para o público quando tudo isso acabar.

Não dou um único passo em direção a ele. É proibido interagir com os Observadores, tocá-los de qualquer forma durante as Provas. Eles são simplesmente os olhos e os ouvidos do público que não pode estar aqui para testemunhar.

O homem finalmente pisca, seus olhos clareando um pouco depois de aparentemente conseguir todas as imagens que queria de mim. Ele se afasta, sem dúvida para coletar outras imagens ou perseguir outros concorrentes. Mas ele faz uma pausa no meio do passo e lentamente bate com os dedos longos e escuros no bolso da calça, sustentando meu olhar antes de voltar correndo para a floresta.

Eu fico olhando para ele antes de desviar o olhar e olhar para o meu próprio bolso. Eles me jogaram aqui apenas com o que eu estava usando quando cambaleei para a cama, além dos sapatos que eles generosamente colocaram em meus pés. Fora isso, apenas um acessório foi adicionado ao meu corpo – a estranha faixa de couro em volta do meu braço. Agradeço silenciosamente à Praga por ter mantido minha camisa fina ontem à noite, exausto demais para tirá-la.

Enfio a mão no bolso da calça fina, os dedos se fechando em torno de um pedaço áspero de papel. Desdobro-o cuidadosamente, revelando uma caligrafia precisa e circular:

*Bem-vindo a primeiro Prova,
Nos Sussurros, você esta.
Esperamos que fique por um momento,
Neste jogo de honra e dignidade a brilhar.*

*O objetivo deste jogo é bastante claro,
E para o vencedor, torceremos com ardor.
Torne-se vitorioso ao coletar as faixas,
Aqueles que repousam acima das mãos dos oponentes em suas laças.*

*Recolha daqueles que foram atados,
E cuidado se voltar de mãos vazias, esteja avisado.
Se deseja vencer, deve ter a maioria,
Então de sua glória, vamos nos orgulhar com euforia.*

*Mas o fim se aproxima sem trégua,
Com apenas seis luas para jogar com astúcia.
Bem-vindo ao sexto ano das Provações,
E reze para a Praga que você permaneça, nos seus destinos entrelaçados.*

A tarefa de roubar o maior número possível de faixas parece bastante simples; isto é, se você conseguir sobreviver na floresta por uma semana. Mas li nas entrelinhas do poema.

Eles estão nos forçando a lutar uns contra os outros.

Ninguém desistirá de sua faixa facilmente. Sangue foi derramado muito menos do que por uma faixa de couro nestas Provações. Amassei o papel em meu punho, enfiando-o bem fundo no bolso antes de olhar para minha própria tira de couro envolvendo meu bíceps. Apertada. Tão apertado que a única maneira de tirar essas coisas idiotas é cortando-as da pele, o que inevitavelmente tirará sangue, apesar da delicadeza.

É intencional, inteligente.

Papai se superou este ano.

O suor escorre pela minha testa, ardendo em meus olhos. O calor pode rivalizar com o dos Escaldos, e tiro a camisa para limpar o rosto escorregadio. Minha garganta já está seca, ressecada de tanto assar no sol da manhã.

Encontre água primeiro. Oponentes em segundo lugar.

Paro, meus pés esmagando a vegetação e a terra Áspera abaixo de mim. Suspirando, olho para um dos pinheiros ameaçadores que estão no meu caminho. Balanço a cabeça e os ombros, tentando afastar o nervosismo. Então, agarro o galho mais baixo e balanço as pernas para cima.

Sim, já escalei essas árvores várias vezes e sim, venci meu medo de altura. Mas só porque um medo foi vencido não significa que seja agradável enfrentá-lo continuamente. E, no entanto, aqui estou eu, subindo na árvore, pegando cada galho de cada vez.

O vento sopra e o sol cega enquanto continuo subindo o pinheiro em busca de água. Minutos, talvez horas depois, com os membros doloridos e o coração acelerado, finalmente chego ao topo. Bem, o último galho que aguentará meu peso. Estou a uns duzentos metros de altura agora, suspenso por nada além de um grande galho sob meus pés. Eu olho para baixo apenas para me arrepender instantaneamente.

Se mantenha firme, Kai.

Cair para a morte durante uma Prova seria uma forma patética de morrer e arruinaria completamente minha reputação, mesmo na morte. Com isso em mente, agarro o tronco agora fino da árvore ao meu lado enquanto espio através das folhas e por cima da copa das árvores.

Sinto como se estivesse de volta ao salão de baile, olhando para um mar de vários tons de verde. Galhos cheios de folhas balançando ao vento como as mulheres elegantemente vestidas balançando na pista de dança ontem.

Lá.

Meus olhos percorrem uma lacuna entre a linha de árvores, uma pausa na dança de suas folhas. Uma lasca para um rio, um riacho, uma fonte de água. No momento, não me importo se é uma maldita poça.

Eu meticulosamente faço meu caminho de volta para terra firme, minha respiração ficando ofegante. No momento em que meus pés encontram o solo, o sol já percorreu o céu, me informando que já é fim de tarde.

E então eu vou. Indo na direção da água que todo competidor deseja depois de ser drogado e ter que caminhar pela floresta por horas. O Pai teceu uma armadilha para nós, na qual todos estamos voluntariamente entrando.

Horas. Longas e cansativas horas de caminhada pela folhagem foi aonde minha vida chegou. Encontrei várias cobras e plantas venenosas, ambas me desafiando a me aproximar.

Estou tão entediado.

Meus olhos e corpo estão alertas enquanto avanço, embora minha mente divague tanto quanto eu. Nas Provas, os competidores...

E então meus pensamentos estão sobre *ela*.

Pare.

Se Paedyn está tão determinada a me odiar, eu poderia tornar isso muito, muito fácil para ela. Não demoraria muito. Mas sou egoísta, fraco e não estou disposto a tornar nada difícil para ela me afastar.

Ela é tão desconcertante quanto sedutora. Aquela linda boca dela diz uma coisa, mas aqueles olhos de oceano dizem outra. Ela puxa uma faca das minhas costas apenas para dizer que enterrará outra ali. Ela é confusa, cativante e somos completamente errados para o outro em todos os sentidos. Ela é uma chama e eu vou me queimar. Um oceano e eu vou me afogar.

Passo a mão pelo rosto, querendo culpar minha desidratação pelo que quer que esteja de errado comigo.

Nunca fui tão afetado por uma única garota, e isso é um absurdo, absolutamente irritante. Mas então eu sorrio, lembrando dos batimentos cardíacos dela martelando sob meus dedos, sua respiração ficando presa toda vez que eu a toco, seus olhos absorvendo cada sorriso e covinha que ela supostamente odeia.

O sentimento de absoluto aborrecimento por ser tão afetado por alguém é definitivamente mútuo, embora eu tenha certeza de que ela negaria isso com uma adaga na minha garganta.

Tão cruel, aquela.

Algo brilha à luz do sol poente, chamando minha atenção.

Lá, pendurada em um galho à minha direita está uma espada embainhada, seu cabo prateado brilhando na luz enquanto eu caminho em direção a ela. Levo apenas um momento para subir e desamarrar o cinto do galho antes de descer da árvore.

Provavelmente há armas e outros itens escondidos por todos os Sussurros para usarmos.

É mais fácil tirar sangue dessa forma. É mais fácil tornar as coisas interessantes.

Coloco o cinto e a bainha na cintura antes de sacar a espada para cortar a folhagem espessa.

Quase lá.

O chão está coberto de sombras e agora tenho um coelho que precisa ser cozido junto com um estômago que precisa ser alimentado. Eu encontrei uma única estrela ninja alojada profundamente na casca de uma árvore e a usei no coelho desavisado agora amarrado ao meu cinto.

Faço uma pausa, ouvindo antes de ver.

Água borbulhante e gloriosa. Então um riacho pequeno e raso emergiu das árvores, água corrente saltando sobre as rochas que o ocupam. Hesito, os olhos examinando o lugar aparentemente pacífico.

Tudo estava limpo – por enquanto.

Eu rastejo até a beira do riacho, caindo de joelhos diante dele e lançando um olhar por cima do ombro a cada poucos segundos, não querendo deixar minhas costas expostas. Jogo a água fria no rosto, deixando-a escorrer pela pele e pelo peito nu.

O riacho borbulhante flui de uma pequena piscina a alguns metros de distância, a água limpa, fresca e fresca.

Feito pelo homem.

E fresco. Trabalho de Hidros, sem dúvida, nos permitiu esse pequeno pedaço de água doce. Agradeço à Praga porque a água é tão limpa, tão purificada, que me poupa o trabalho de ter que fervê-la de alguma forma.

Estou vasculhando a área em busca de gravetos e lenha quando quase bato a cabeça em algo pendurado na árvore acima, escondido nas sombras. Cantis. Dois deles, balançando na brisa da noite.

Me pego agradecendo à Praga mais uma vez.

Talhar dois gravetos juntos é tão divertido quanto parece, mas com anos de prática e paciência, logo tenho um fogo crepitando diante de mim. E embora esfolar um coelho com uma espada longa seja tão difícil quanto chato, ele logo está assando nas chamas.

E então...

Um fio de poder percorre meu corpo, acendendo meus nervos e enviando um arrepio familiar pela minha espinha. Os cabelos da minha nuca se arrepiam, sentindo aquele poder, aquela força, inundar meu corpo.

Alguém está vindo. E eu sei quem.

Um galho se quebra à minha esquerda. Então outro.

Não me lembro quando me levantei, mas agora estou dançando na ponta dos pés, incapaz de evitar aquela coceira familiar por uma briga e ansioso por aquela dança de domínio e destruição. Lutar é minha valsa favorita e sei os passos de cor.

Braxton atravessa a linha de árvores, os olhos selvagens quando pousam nos meus. Ele viu a fumaça da minha fogueira e imaginou que iria emboscar quem a acendeu. Mas, para azar dele, eu o senti chegando antes mesmo de ouvi-lo correndo pela floresta.

Eu o vejo hesitar, como se estivesse pensando em voltar atrás, em vez de arriscar uma briga comigo. Mas a incerteza desaparece de seu rosto quando ele começa a caminhar

lentamente para mais perto. Ele entra no círculo de luz do fogo, sua silhueta grande e pesada.

— Olá, Brax. Que bom que você passou por aqui.

Ele inclina a cabeça em minha direção do mesmo jeito que sempre faz. — Boa noite, Kai.

O Músculo nunca gostou de conversar, em vez disso optou por observar pacientemente antes de pronunciar uma palavra, tornando ele e Sadie estranhamente semelhantes. Lentamente começamos a circular um ao outro em silêncio, avaliando um ao outro.

— Então, presumo que você esteja aqui pela minha faixa e não por uma conversa amigável, — suspiro, dando um passo em direção a ele.

— Sua suposição estaria correta. — Ele lança um olhar para meu coelho culinário. — Se você me oferecer, eu vou embora e deixo você voltar para sua refeição. Não há necessidade de que isso fique confuso.

Não vejo nenhuma arma nele, então evito pegar a minha. Nós nos conhecemos desde que éramos meninos e gostaria de continuar conhecendo-o se puder evitar. — Você e eu sabemos que não posso deixar você ficar com minha faixa, Brax.

Porque é minha missão vencer essas Provas.

Acho que o vejo acenar com a cabeça na escuridão crescente antes dele de repente me atacar. Eu me abaixo e uso seu impulso para jogá-lo por cima do ombro, ouvindo-o cair no chão com um baque forte.

Treinei com Braxton durante anos. Ele é previsível, mas isso não o torna menos poderoso. Ele está de pé num piscar de olhos, com os punhos levantados e pronto para arrancar meus dentes.

E então surge o caos calculado.

Os punhos voam, as cabeças balançam, os pés se agitam. Uma dança. Uma dança brutal, sangrenta e linda. Atualmente somos iguais em habilidade, visto que deixei seu poder escapar de minhas veias e inundar a superfície. Meus golpes são brutais e rápidos à luz bruxuleante do fogo.

Seu punho atinge minha mandíbula, quase quebrando-a, fazendo com que o sangue quente se acumule em minha boca. Eu cambaleio para trás quando ele dá um passo atrás de mim e envolve seu braço enorme em volta da minha garganta em um estrangulamento. Posso sentir sua hesitação antes que minha cabeça caia para trás, o crânio encontrando seu nariz com um ruído nauseante. Agora ele está cambaleando, com sangue escorrendo do nariz para a boca.

Eu uso a fração de segundo para acertá-lo com golpes rápidos que ele mal consegue bloquear. Ele se recupera rapidamente, golpeando minhas costelas com um punho poderoso. Eu me abaixo de seu próximo golpe e dou um golpe em seu queixo.

É um ciclo vicioso. Eu bati nele. Ele me bate de volta. Para seu crédito, estou impressionado. Nunca o vi tão focado, tão determinado. Esta é a melhor briga que tive com ele até agora. É uma pena que terei que acabar com isso.

Uma mão escura vem voando direto para meu rosto. Dou um passo para trás facilmente, meus calcanhares se conectando com alguma coisa, enquanto o calor aquece tudo, desde a parte de trás das minhas pernas até a nuca.

O fogo.

Ele me encurralou contra o fogo.

Esperto.

Eu passo por baixo de um punho destinado ao meu nariz e enterro o meu profundamente em seu estômago. Ele grunhe, se dobrando, mas agarra meu braço em um movimento rápido. Então ele se vira, puxando meu braço para trás e meu peito em direção ao fogo. A dor atinge meu ombro enquanto as chamas brilham na minha frente.

Talvez eu devesse ter tentado mais.

Ele chuta a parte de trás dos meus joelhos com força, antes que o chão ainda mais duro faça minhas pernas tremerem quando eu colido com ele. As chamas estão perto de mim agora, quase lambendo meu peito nu.

— Apenas me deixe cortar a faixa, Kai, — Braxton diz acima de mim, soando como um apelo. É bom saber que ele não gosta exatamente da ideia de me queimar vivo. — Isso tudo pode acabar. — Sua voz é profunda, mas percebo um leve tremor nela. Ele é pego de surpresa, chocado por me ter pairando sobre as chamas como o coelho agora queimado ao meu lado.

Eu estava desleixado e cansado, um tolo que o subestimou, mas agora ele tem o futuro Executor à sua mercê. — Esta é a melhor luta que já tivemos, Brax. Estou impressionado, de verdade — ofego, o calor do fogo escorrendo gotas de suor pelo meu rosto. — Mas você vai ter que me queimar antes que eu deixe você ficar com minha faixa.

Ele solta um suspiro. — Tive a sensação de que você diria isso. — Uma pausa. — E eu gostaria que não tivesse que ser assim.

A carne encontra o fogo.

A pele encontra uma chama abrasadora e quente.

Espero que um grito saia da minha garganta, mas nada além de um grito estrangulado passa pelos meus lábios. O joelho de Braxton atinge minhas costas, inclinando meu corpo e forçando o lado esquerdo do meu peito nas chamas.

Estou queimando, fervendo, formando bolhas enquanto ele me segura ali antes de finalmente me puxar para trás, permitindo que o ar frio me inunde. Estou ofegante quando ele estende a outra mão para a espada ao meu lado, pronto para retirá-la da bainha e cortar a faixa do meu braço, agora que estou atordoada de dor.

Ah, mas já conheci dores muito piores.

Seu braço chega ao meu lado e eu o agarro, ficando de pé no mesmo movimento, a adrenalina abafando a dor da minha carne queimada. Puxo seu braço sobre meu ombro

e inclino meu corpo para frente, usando meu impulso e minha força musculosa para levantá-lo do chão e mandá-lo virando sobre minhas costas e direto para as chamas.

Ele solta um grito, mas não demora muito antes de rolar para fora das chamas, gritando enquanto se contorce na terra para abafar o fogo que corrói suas roupas, sua pele. A fumaça sai de suas roupas queimadas quando me agacho sobre ele.

— Eu também gostaria que não tivesse que ser assim, — eu digo suavemente enquanto ele ofega pesadamente embaixo de mim. — Mas você tem algo que eu preciso.

Cortei a faixa de seu antebraço, incapaz de evitar cortá-lo e tirar mais sangue. Sua respiração é rouca enquanto procuro em seus bolsos quaisquer outras faixas que ele possa ter roubado no caminho, e não encontro nenhuma. Eu fico olhando para ele e pronunciando uma palavra. — Vá.

Ele olha para mim por um momento antes de grunhir de dor enquanto se levanta, mancando para a floresta o mais rápido que seu corpo carbonizado é capaz. Eu o vejo sair, ouvindo-o lutar para navegar pela floresta escura, sabendo que ele não ousará voltar. Então me viro, olhando diretamente para a Observadora que eu sabia que estava documentando toda a luta.

— Espero que você tenha gostado do show, — eu digo com uma falsa inclinação de cabeça. Assim que as palavras saíram da minha boca, as mulheres de branco piscaram e desapareceram na floresta.

Coloco a faixa de Braxton no bolso enquanto a dor atormenta meu corpo. Dor cegante e com bolhas. Olho para a mancha vermelha e inflamada de pele logo acima da minha tatuagem.

A adrenalina se foi e só me resta dor percorrendo meu corpo. Vou cambaleando até meus cantos, desenroscando um deles e despejando o conteúdo frio sobre a queimadura. Eu assobio entre os dentes quando a água encontra a carne queimada, mas é um alívio, por menor que seja.

Pego minha camisa amassada do bolso e rasgo uma grande tira de pano com os dentes antes de começar a enrolar cuidadosamente o tecido debaixo do braço e sobre a queimadura. O resultado é um curativo improvisado para tentar diminuir a chance de infecção. Mas isso não durará muito. Preciso encontrar algumas ervas, alguma coisa, *qualquer coisa*, para limpar a ferida.

Porque morrer não é uma opção.

E perder essas Provas certamente também não.

Capítulo Vinte e Quatro



Paedyn

— VOU torcer seu pescoço se você não calar a boca.

O pássaro ignora completamente minha ameaça real de morte e continua a brigar no galho acima da minha cabeça. Ele está gritando há quase meia hora, o que me fez atirar pelo menos uma dúzia de pedras em sua direção.

Estou irritada, ansiosa e, acima de tudo, absolutamente faminta. Claro, todos esses são efeitos colaterais de acordar no meio do deserto com nada além das roupas com as quais dormi. Olho para minhas calças justas de pano e minha regata ainda mais reveladora. Uma coisa minúscula e sedosa que me arrependo de ter usado, considerando que agora será minha única camisa na próxima semana.

Uma semana.

É quanto tempo devo sobreviver nesta floresta. Nos Sussurros. Neste lugar cheio de inimigos de todas as formas e tamanhos, embora já seja meio-dia e o único oponente que enfrentei até agora foi a cobra que quase arrancou meu pé com uma mordida. Tenho caminhado pela folhagem espessa desde o momento em que acordei, de bruços na terra, depois de piscar para uma mulher que me olhava, vestida com um branco ofuscante.

Uma Observadora. Aqui para espionar os oponentes. Está aqui para registrar esta maldita Prova. Aqui para documentar o que o público não é capaz de testemunhar por si mesmo.

Tenho certeza de que o resto de Ilya está tão confuso quanto eu sobre as Provas deste ano. Porém, não posso dizer que não fomos avisados.

Diferente. Esse é todo o aviso que recebemos.

Exceto que *diferente* nem sequer começa a descrever o quão drasticamente essas Provações mudaram. Nas últimas três décadas, nunca houve um Prova fora dos muros do Bowl, fora dos olhares indiscretos do público. Mas apenas os melhores, os mais brutais

e sangrentas Provas estão aptas a testar o futuro Executor, suponho. Eu só queria não fazer parte disso.

Todos nós fomos involuntariamente jogados nos Sussurros mortais, deixados para morrer pelos elementos ou pelas mãos de nossos inimigos. É brilhante. É uma bastardia. E não sei se bato palmas ou choro.

Eu não deveria esperar menos do rei.

Meus olhos se dirigem para meu antebraço direito, onde a faixa de couro está bem enrolada.

“Recolha daqueles que foram atados, E cuidado se voltar de mãos vazias, esteja avisado.”

Eu rio amargamente do vazio que me cerca. Eles querem que lutemos, realmente lutemos uns contra os outros por essas tiras de couro. Então, num esforço para permanecer viva o tempo suficiente para encontrar outro oponente, saí em busca de água. As árvores aqui são enormes e assustadoras, se elevando no ar e arranhando as nuvens baixas. Levei séculos para escalar um para encontrar a fonte de água mais próxima, e as últimas horas seriamente chatas consistiram em caminhar em direção ao que espero ser um riacho.

Só que agora estou sentado debaixo de uma árvore discutindo com um pássaro. Eu jogo outra pedra nele antes de voltar minha atenção para o feixe de gravetos ao meu lado. Pego outra ponta de flecha que coletei ao longo do caminho, um dos presentes generosos que deixaram para nos ajudar, e prendo-a em uma das varas. Já faz muito tempo que faço flechas para acompanhar o arco e a aljava que encontrei convenientemente encostados no tronco de uma árvore.

Como se as Elites precisassem de armas.

As penas fornecidas pelo pássaro irritante, mas útil acima, completam a flecha. Olho para minha obra com um pequeno sorriso, estudando todas as sete flechas bambas que agora preenchem a aljava. Graças ao meu pai, esta não foi a primeira vez que tive que criar e flechar do zero, e meu sorriso cresce com a memória distante.

Jogo a aljava por cima do ombro e cruzo a corda do arco no peito, me despedindo do pássaro ainda empoleirado na árvore. Suspiro e começo, mais uma vez, a me dirigir à água que tanto preciso. Meus pés são leves e silenciosos enquanto caminho pelo terreno, com os olhos abertos em busca de qualquer animal que possa devorar.

Lá.

Um coelho gordo salta dos arbustos a alguns metros de distância, completamente inconsciente das minhas más intenções em relação a ele. Puxo o arco sobre a cabeça e tiro uma flecha da aljava. Eu a coloco, miro e respiro profundamente, exatamente como meu pai me ensinou. E então eu mando a flecha voando em direção ao seu alvo.

Direto pelo olho do coelho.

Está morto antes mesmo de cair no chão. Pego o animal, limpo a ponta da flecha em uma planta próxima, espero que não seja venenosa, e devolvo a flecha à minha aljava.

Encontre água. Comece um fogo. Coma.

E então volto a andar, tropeçando em raízes de árvores e tropeçando em pedras.

Emocionante.

Deixo meus pensamentos correrem soltos enquanto mantenho um ritmo constante através da folhagem, pensando nos meus adversários, no baile, nas mãos calejadas nas minhas costas e nos olhos cinzentos estudando meu rosto.

Eu bufo de aborrecimento e chuto uma pedra com mais força do que deveria. Uma série de palavrões sai da minha boca – dirigidos à pedra, a mim mesmo e ao bastardo arrogante que odeio por não odiar completamente.

O sol está descendo pelo céu enquanto continuo a pisar na vegetação, xingando as múltiplas teias de aranha pelas quais ando e as aranhas gigantes que as acompanham.

Um Observador me alcança e eu tento ao máximo ignorar sua presença. Quando ele está satisfeito com a filmagem que coletou de mim pisando forte e bufando pela floresta, ele se vira e desaparece.

A luz quente do sol do fim da tarde atravessa as árvores, lançando sombras douradas na floresta. Por um momento, me permito absorver a beleza sinistra deste lugar sinistro.

E então algo me atinge na cara.

Bem, eu bati em alguma coisa. Quase tropeço para trás, cuspidando, apenas para descobrir que tropecei em uma grande camisa de algodão pendurada em um galho baixo. Agarro, resmungando sobre como não preciso da *gentileza do rei*, mesmo enquanto coloco a roupa.

Eu caminho e caminho.

Estou entediada. Estou entediada durante uma maldita *Prova*.

E então algo capta a luz, brilhando pelo canto do meu olho. Eu giro em direção a ele, folhas esmagando sob meus pés. Minha boca quase cai diante do que está a menos de trinta metros de mim.

Uma piscina profunda de água cristalina brilha à luz do sol, ondulando levemente com a brisa quente. Acolhedora e maravilhoso. Eu pisco. Não vi esta piscina quando estava no alto da árvore, explorando. Então, novamente, a água cintilante está cercada por árvores, quase engolida pela folhagem ao seu redor.

Praticamente tropeço na pressa de alcançá-lo.

Água. Água. Água.

Estou com tanta sede, com tanta ganância para engolir o máximo que puder. Então acenda uma fogueira, cozinhe meu coelho e...

Há algo *na* água, balançando em cima dela.

Estou muito mais perto agora, o sol não é tão ofuscante, pois brilha na superfície transparente, e posso distinguir um contorno no topo. Um contorno *humano*. Eu rastejo para frente, puxando meu arco do peito, apertando-o em meu punho.

A figura não está se movendo.

A figura com cabelo loiro sujo grudado na testa bronzeada.

A figura com os mesmos olhos verdes e vidrados do rei, olhando fixamente para o céu azul.

Um grito estrangulado sai da minha garganta, fazendo com que os pássaros se espalhem das árvores ao meu redor.

Kitt.

Ele está *morto*.

Estou ofegante, tropeçando até a beira da piscina. Posso odiar o pai dele e o reino que um dia ele governará, mas isso não significa que desejo vê-lo morto. O pensamento me assusta, considerando o quanto anseio por esse destino para o rei que se parece tanto com ele. Mas e se suas características familiares forem onde terminam as semelhanças entre eles? E se houver esperança de que o príncipe saia da sombra de seu pai, de seus passos, e crie mudanças em seu reino?

Eu me forço a encarar seu olhar brilhante, onde agora só vejo o potencial do príncipe, e não a presença de seu pai. Aqueles olhos verdes antes divertidos nunca mais se enrugarão de tanto rir. Em vez disso, eles olham para o nada, amplos, monótonos e sem vida. Aquele sorriso torto nunca mais enfeitará seus lábios. Em vez disso, sua boca está pressionada em uma linha fina — azul, beijada pelo frio da morte.

Eu pulo na piscina, querendo tirá-lo desta morte aquosa.

Em vez disso, meus pés encontram chão sólido.

Meus ossos cantam com o impacto, parecendo que vão quebrar com a força.

Pisco para afastar a dor, embora isso não ajude em nada a esclarecer minha confusão. De repente não há mais piscina sob meus pés, nem Kitt flutuando morto em sua superfície. Olho para a terra abaixo de mim, incrédula, tentando decifrar o que está acontecendo.

— Me ajude.

Eu bato uma flecha e tiro meu arco antes mesmo de me virar para encarar o dono daquela vozinha quebrada.

Eu engasgo com meu suspiro.

Sou eu.

Olhos azuis profundos fixaram-se nos meus — olhos tristes e famintos. Longos cabelos prateados, emaranhados, pendem da cabeça da menina. Ela é... eu sou... pequena, tão pequena. Fraca, cansada e com os olhos arregalados enquanto ela olha para mim.

Ela estica um dedo ossudo em minha direção. — Por favor, — ela sussurra, choraminga. Tropeço para trás ao ouvir aquela... *minha*... voz quebrada, quase perdendo o equilíbrio quando ela dá um passo trêmulo para mais perto.

Isso não é real.

Eu me viro, pronta para fugir desse pesadelo, apenas para quase esbarrar em outra pequena Paedyn, com as bochechas encovadas e os olhos vazios.

Estou delirando. Desidratada.

Mordo a língua para não gritar enquanto viro para a direita, encontrando outra versão faminta de mim mesma olhando para mim.

Estou cercada. Completamente cercada por pedintes. Eles dão um passo à frente, me implorando para ajudá-los enquanto estendem a mão, tentando me agarrar.

Desta vez, não me preocupo em reprimir meu grito.

Elas estão se aproximando, me aglomerando. Estou chorando, confuso e...

Não, não é um delírio.

Eles cambaleiam em minha direção, buscando ajuda que não posso lhes dar.

Este é o Ace.

Mesmo sabendo disso, ainda não suporto olhar para elas, olhar para mim mesma. Não suporto ouvi-las implorando por ajuda, pois não faço nada. Esta era eu. Eu já fui uma garota faminta e triste. Porque quando meu pai morreu, um pedaço de mim também morreu.

Isso não é real. Isso não é real. Isso não é real.

Eu grito, caindo de joelhos e segurando a cabeça em frustração.

— Eu sei que é você, Ace, — eu grito com os dentes cerrados. Ouço uma risada arrogante ficar mais alta enquanto ele vem em minha direção. Respirando fundo, fico de pé, tremendo de nojo e raiva enquanto me preparo para ser cercado por Paedyns doentias.

Mas a súplica cessa e as Paedyns desaparecem, deixando apenas Ace parado diante de mim. Seu olhar cai para a flecha apontada para seu peito antes de voltar para o meu. Ele tem a audácia de sorrir.

— Olá, Paedyn. — Sua voz é presunçosa enquanto ele levanta uma sobrancelha. — Você gostou de conversar com seu eu mais jovem?

— Você é doente, — eu cuspo, esticando a corda do meu arco.

Ele suspira, já entediado com a nossa conversa. Erguendo o nariz, ele diz: — Me deixe levar sua faixa e irei embora. — Uma pausa. — Na verdade, vou até deixar você mesma tirar, para não te cortar.

— Que generoso. — Estou praticamente rosnando para ele. — Mas vou rejeitar a oferta. — Meus dentes estão à mostra, e estou a um passo de enviar uma flecha voando em direção ao seu coração negro.

Ele pisca para mim, afastando o cabelo castanho do rosto com uma bufada irritada. — Tudo bem. — Seus olhos escurecem. — Faça do seu jeito. Não me importo de ter que ficar bagunçado.

E então ele está caminhando em minha direção, pegando meu braço. Não hesito antes de disparar minha flecha em sua coxa, com o objetivo de ferir e não matar. Me recuso a dar ao rei e ao povo o que eles desejam: morte.

Exceto que a flecha nunca atinge a pele, nunca penetra na carne. Ele voa através dele. A ilusão se dissipa como fumaça ao vento, me tentando a gritar de frustração.

Outro Ace sai de trás de uma árvore a poucos metros de distância, com folhas estalando sob seus pés enquanto ele bate palmas lentamente. — Uau. Boa tentativa. — Ele segura uma lança afiada na mão, sorrindo como um gato.

— Pare de se esconder atrás de suas ilusões, seu covarde! — Estou furiosa, a adrenalina correndo em minhas veias.

Este é o verdadeiro Ace, tenho certeza disso. As folhas o denunciaram, quebrando quando ele pisou nelas, ao contrário da primeira vez que ele se aproximou de mim. Ele parece sentir que eu descobri, e quando estou prestes a enterrar uma flecha nele, ele se cerca de uma dúzia de duplicatas, escondendo-se dentro delas.

Todos falam em uníssono quando começam a me cercar, mascarando o som de qualquer folha sendo esmagada. — Se você me der a faixa agora, não vou te machucar. Não seriamente. — Eles riem e é um som nauseante, parecendo ressoar em meu crânio.

Eu giro em círculos, sem saber em quem mirar. Só tenho seis flechas agora e não posso desperdiçar nenhuma. Eles estão se aproximando de mim, se aproximando para matar.

Encontre o verdadeiro Ace.

Mais fácil falar do que fazer. Todos parecem e se movem exatamente da mesma forma, todos segurando lanças e prontos para me esfaquear, embora apenas o verdadeiro possa causar algum dano.

— Vou gostar disso, Paedyn — dizem, sorrindo.

Meus olhos percorrem cada um de seus corpos. Eu percebo suas posturas idênticas, suas expressões faciais idênticas, *tudo idêntico*.

Eu não vou morrer. Eu não vou morrer. Eu não vou morrer.

E então meus olhos se prendem a um Ace em particular, idêntico aos outros.

Encontrei você.

A pequena gota de suor escorrendo pela lateral de sua têmpora é o suficiente para denunciá-lo, o único sinal de sua luta para fazer as ilusões.

Eu levanto meu arco em direção a ele no exato momento em que ele se lança em minha direção. Eu pulo para o lado, mas não antes que a dor irrite meu estômago. Dor lancinante e pungente que ignoro enquanto solto minha flecha, deixando-a voar direto para a carne de sua perna.

Ele grita, caindo de joelhos no chão, as mãos tremendo enquanto envolvem a flecha que sai de sua coxa. Mas não dou a ele, nem ao Observador que agora está observando, uma segunda olhada antes de girar e correr.

Não sei até onde cheguei. Não sei quanta distância coloquei entre nós antes que a adrenalina saia do meu corpo, me lembrando que *estou* sangrando. A dor lancinante está de volta, me dando um soco tão forte no estômago que estou ofegante.

Levanto minha camisa larga para revelar a regata de seda por baixo dela, agora encharcada de sangue. Respiro fundo e puxo a camada de pano que me separa da ferida antes de estremecer ao vê-la. Um corte longo e sangrento abre a pele logo abaixo da minha costela.

Um ferimento de lança.

Minha respiração fica instável e superficial.

Pelo menos estou viva.

Mas com certeza não *me sinto* viva. É insuportável. A dor é latente e ardente, deixando meus nervos em chamas. Eu cuidadosamente tiro a camisa grande, estremecendo e sufocando gritos de dor a cada movimento do meu braço direito. O movimento puxa a pele, o corte, fazendo com que jorre ainda mais sangue.

Rasgo a barra inferior da camisa, criando uma larga faixa de tecido branco. Trabalho o mais rápido que o ferimento permite, enrolando cuidadosamente o pano em volta da cintura e sobre o ferimento. Eu suspiro por ar com a dor latejante que isso causa, piscando para afastar as lágrimas enquanto visto o que resta da camisa, tão grande que ainda cobre meu estômago.

Preciso encontrar água.

Solto um suspiro trêmulo, essa ação por si só provoca uma dor aguda em mim quando começo a caminhar novamente pela floresta.

Não, *tropeçar* é mais parecido.

Capítulo Vinte e Cinco



Paedyn

FIQUE ACORDADA. Fique acordada. Fique acordada. Minhas pálpebras traidoras parecem chumbo. A cada piscada, temo que não abram novamente. Tenho cambaleado lentamente pela floresta sombria em direção ao riacho pelo que parecem horas, esperando cegamente que ainda esteja indo na direção certa.

Estou cansada. Muito cansada. Não quero nada mais do que cair contra uma árvore e fechar os olhos por um minuto. Apenas um feliz momento de paz...

Não.

Belisco meu braço com força, fazendo com que minhas pálpebras caídas se abram.

Se eu adormecer, provavelmente não acordarei de novo.

Estou mal e não preciso ser filha de um curandeiro para perceber isso. Perdi muito sangue, fazendo minha cabeça girar enquanto tento manter o equilíbrio. Balanço a cabeça, tentando ignorar minha pele febril e meu corpo trêmulo. Assim como ignoro que a tira de pano que usei como curativo já está encharcada de sangue, manchando o algodão de escarlate.

Preciso limpar a ferida e logo. Se não o fizer, estou praticamente morta.

O que eu preciso é de água.

Cada parte de mim queima. Queima de dor, sede e fome. Se eu conseguir um pouco de água, posso pelo menos lavar o ferimento, curar minha desidratação e recuperar o juízo por tempo suficiente para criar uma mistura de ervas para limpar o ferimento.

Espero.

Então eu me preocuparia em comer, visto que mal consigo puxar a corda do arco, e o coelho que atirei está há muito esquecido no local onde Ace me emboscou.

Me deixando indefesa e faminta.

Vá para o riacho. Vá para o riacho. Vá para o riacho.

Um leve brilho laranja aparece por entre as árvores à minha frente, embaçado por causa dos meus olhos caídos. Eu semicerro os olhos, sem saber se estou tendo alucinações ou não. Aperto ainda mais o arco, suado, já atingido por uma flecha, embora seja praticamente inútil se eu não conseguir puxar a maldita corda para dispará-lo. Continuo me aproximando do fogo tremeluzindo a algumas dezenas de metros de distância, completamente desacompanhado.

A luz que ele emite reflete algo brilhante ao lado dele.

O riacho.

Uma risada aliviada e ofegante me escapa enquanto continuo em frente com cautela. Estou sendo imprudente, é claro, mas não me importo particularmente neste estado. Alguém iniciou esse fogo e posso estar caminhando direto na direção deles. Mas morrerei se não chegar àquela água, embora possa morrer se o fizer.

Ambas as opções provavelmente levarão à minha morte iminente. Ótimo.

Estou a apenas alguns metros de distância do fogo agora, meus olhos procurando nas sombras qualquer sinal do humano que o acendeu.

Vá para a água. Vá para a...

— Você simplesmente não consegue ficar longe de mim, não é, Gray?

Paro, com o coração martelando.

Posso ouvir a diversão em sua voz, praticamente imagino as covinhas aparecendo em cada lado de seu sorriso. Respiro fundo, me preparando mentalmente para a dor insuportável que estou prestes a suportar.

Me virando, levanto meu arco e estico a corda. Engulo meu grito de dor ao sentir minha ferida rasgando, esticando com o movimento.

Não posso deixá-lo ver que estou ferida. Faça um show. Vá para a água.

A ponta da minha flecha está apontada para seu coração, e eu apenas vejo seu peito exposto na luz bruxuleante. Parece que não sou o primeiro oponente que ele encontrou, nem o primeiro a mirar algo em seu coração. Ele está enrolado uma tira de pano debaixo do braço e ao redor de uma ferida logo acima de sua tatuagem.

Meus olhos voltam para os dele, desejando a agonia em minhas feições. Desejando que ele me visse como uma ameaça. Seu olhar me percorre com uma expressão que não consigo decifrar, mas não estou com disposição ou espaço para decifrá-lo.

— Saia ou eu atiro. — Meu braço está começando a tremer com o esforço e a dor de manter o arco apontado para ele.

Ele apenas ri e dá um passo em minha direção. — É bom ver você também, Gray.

— Você acha que estou brincando. Que fofo. — Eu mastigo as palavras, meu peito arfando.

— O que, é isso? Você vai atirar em mim? — Seus lábios se contraem. — Onde está a diversão nisso?

— Ah, vai ser divertido para mim, garanto. — Minha voz está trêmula. Estou trêmula.

Kai dá mais um passo em minha direção, inclinando a cabeça para o lado. Suas mãos estão casualmente nos bolsos enquanto ele me olha novamente. — Estou confuso. Você percebe que o objetivo deste Prova é levar minha faixa, certo? — Seu sorriso cresce. — Ou pelo menos *tentar*.

— Bem, estou deixando você escapar facilmente, permitindo que você vá *embora*. — As palavras não soam nem um pouco ameaçadoras. Estou balançando em pé agora, com a cabeça girando.

Não posso fazer isso por muito mais tempo.

Posso sentir o sangue quente escorrendo pelo meu estômago vindo do ferimento rasgado, e pontos pretos nadam diante dos meus olhos, ameaçando me engolir inteiro.

Eu vou desmaiar. E se eu não acordar? E se morrer porque não fui forte o suficiente? Porque sou uma Ordinária fraca...

— Gray...?

Entre minhas pálpebras caídas, posso ver Kai dar um passo hesitante em minha direção, toda a diversão desaparecendo de seu rosto. E devo realmente estar alucinando porque acho que vejo preocupação brilhando em seu olhar.

— Gray, o que aconteceu? — Ele está caminhando lentamente em minha direção, mas não consigo mais segurar a proa. Por uma razão que não consigo explicar, miro no chão em vez dele, soltando a corda e deixando a flecha voar para a terra a seus pés antes que o arco escorregue da minha mão suada.

Mal consigo ouvir o grito de Kai através do zumbido em meus ouvidos. — Gray!

Não me lembro de bater no chão.

Meu rosto se conecta com a terra compactada, mas mal sinto. Todo o meu corpo está em chamas, mal respiro enquanto queimo de dentro para fora.

— Paedyn! Ei, Pae, olhe para mim.

Mãos ásperas estão segurando os lados do meu rosto, forçando meus olhos a se abrirem. Sinto suas mãos frias contra minha pele febril, agora escorregadia de suor, e a preocupação está estampada em todo o lindo rosto que paira sobre mim. Nunca o vi tão preocupado, tão cheio de emoção. Sua máscara fria rachou, quebrou, se estilhaçou em um milhão de pedaços enquanto ele levanta minha cabeça do chão, me puxando em sua direção para examinar meu rosto com olhos arregalados e cinzentos.

E então ele se foi. Escuridão completa.

— Ei, ei, ei. — Mãos calejadas afastam o cabelo úmido da minha testa enquanto palavras são murmuradas perto do meu rosto. — Pae, fique comigo. — Sua voz é severa, apesar do pânico que envolve cada palavra.

Lentamente, forço meus olhos a se abrirem enquanto pronuncio palavras baixas através dos lábios rachados, palavras que de repente parecem tão importantes. — Você nunca me chamou assim antes.

Eu só o ouvi dizer meu nome verdadeiro uma vez, quando ele me prendeu contra a parede de um beco enquanto testava a palavra pela primeira vez. Mas não ouvi meu

nome escapar de seus lábios desde então. Não ouvi a maneira como as duas sílabas soam rolando em sua língua.

E certamente nunca o ouvi me chamar *de Pae*.

Estou sorrindo para ele agora, sorrindo como uma idiota. Eu não consigo parar. Delirante. Estou completa e inegavelmente delirando.

Mas, neste momento, não quero morrer, pelo menos para poder ouvi-lo dizer meu nome mais uma vez.

Delirante. Estou muito delirante.

De repente ele fica imóvel. Seus olhos percorrem meu rosto, os lábios ligeiramente entreabertos enquanto ele me observa. Então ele pisca. Uma vez. Duas vezes. Seus cílios escuros tremulam, olhos cinzentos passando entre os meus enquanto ele diz: — Me lembre de fazer você sorrir assim de novo, quando não estiver morrendo, e eu tenho todo o tempo do mundo para memorizar isso.

Agora é minha vez de piscar para ele. Uma vez. Duas vezes.

Esse comentário foi o suficiente para me acordar, porque agora meus olhos não parecem querer se desviar dos dele. Devo ter ouvido errado. Estou tão delirante que minha mente está me pregando peças, brincando com minhas emoções, meus sentimentos.

Não estou imaginando as mãos que percorrem meu corpo. Quase engasgo com a respiração irregular quando seus dedos roçam meus tornozelos, subindo lentamente por cada uma das minhas pernas.

Ele está tentando encontrar a ferida. Abro a boca para dizer onde está, mas minha cabeça está girando e estou prestes a desmaiar de dor. Respiro pesadamente, tentando acalmar minha cabeça e meu coração latejantes.

Seus dedos passam pelas minhas pernas, cutucando e cutucando suavemente enquanto ele procura o ferimento. Uma vez que ele está satisfeito que minhas pernas estão funcionando bem, suas mãos deslizam até meus quadris, me levantando ligeiramente do chão para passar a mão pela parte inferior das minhas costas. Suas sobrançelas estão unidas em concentração enquanto seus dedos tocam minha parte inferior do estômago, seus movimentos são rápidos, firmes e seguros. Esta não é a primeira vez que ele faz isso.

Suas mãos deslizam pelo meu abdômen, ao redor da minha cintura...

Uma dor como nunca experimentei antes irrompe da ferida quando seus dedos dançam sobre ela, seguida por um soluço estrangulado saindo da minha garganta. A dor é tão cegante que acho que estou prestes a desmaiar. E eu também me pego querendo, só para não precisar mais me sentir assim.

Observo através da visão embaçada enquanto ele levanta a bainha da camisa esfarrapada para revelar a de seda por baixo encharcada de sangue. Ele suspira pelo nariz antes de levantar a bainha da regata, expondo minha pele febril à noite fria. Há um

lampejo de algo pequeno e afiado em suas mãos quando ele começa a cortar cuidadosamente o pano ensanguentado da minha cintura.

Sua mandíbula aperta ao ver a ferida irregular que se estende abaixo da minha caixa torácica, um músculo pulsando em sua bochecha. Seus olhos, cheios de uma emoção que nunca vi nele antes, traçam a bagunça sangrenta em meu estômago.

E então meus próprios olhos se fecham, isolando a imagem dele. Deixando-o no mundo que está começando a desaparecer.

— Paedyn. — A voz de Kai está tão distante, tão distante de onde estou caindo no esquecimento. — Paedyn, abra os olhos. — É uma ordem, forte e severa. E eu ignoro isso. Isso é muito típico de mim. Mesmo na morte, meu corpo se recusa a ouvir os comandos do futuro Executor. — Abra os olhos, caramba!

Cansada. Estou muito cansada.

Muito, muito longe, ouço uma voz masculina murmurando palavras de pânico.

— Se você morrer, eu vou te matar.

Capítulo Vinte e Seis



Kai

ELA É TEIMOSA DEMAIS para morrer, e eu sou teimoso demais para deixá-la. Passo a mão em sua testa, sua pele febril fica quente ao toque, sua respiração fica ofegante. Ela está desidratada, delirando, morrendo de fome...

Apenas morrendo.

Meus olhos voltam para o corte sangrento sob sua costela, inflamado e sem dúvida infectado. Tiro os restos da minha camisa amassada e começo a limpar o ferimento, tentando enxugar um pouco do sangue para poder ver exatamente com o que estou lidando. A pele fica rasgada, irregular e provavelmente fica muito pior quando não está escondida pelas sombras.

Mas o que é ainda mais preocupante é que não tenho ideia de como ajudá-la. Não tenho suprimentos nem capacidade de cura ao meu redor, o que me torna totalmente inútil.

Estou segurando a vida dela em minhas mãos inúteis e desequipadas.

Fico de pé, procurando meus cantis na penumbra.

Ela precisa de água.

Afinal, foi para isso que ela veio aqui, foi por isso que ela arriscou entrar direto no acampamento de alguém. Ela *precisava* de água. Precisava beber, para lavar a ferida. Mas isso não a salvará.

Eu não posso salvá-la.

Suspiro de frustração, ameaçando perder a paciência enquanto passo as mãos pelos cabelos, ainda procurando por aqueles malditos cantis. Mas minha mente não para de repassar a cena, não para de pensar no que acabou de acontecer.

Eu sabia que algo estava errado quando vi o braço dela tremendo. Vi-o tremer com o esforço de manter o arco apontado para mim, pronto para cumprir sua ameaça de atirar. Então vi seus joelhos tremerem, vi o fogo se extinguir em seus ardentes olhos azuis. Mas

acima de tudo, ela não estava brincando comigo, não estava me provocando ou torcendo a boca naquele sorriso malicioso dela que eu tanto gosto. E foi isso que mais me preocupou.

E agora estou subitamente furioso com ela.

Ela queria que eu fosse embora. Ela iria tentar lidar com isso sozinha. Ela teria *morrido* sozinha. Ela é tão teimosa que escolheria lutar comigo até desmaiar, em vez de me deixar vê-la ferida.

A imagem dela caindo no chão me dá um arrepio, congelando minha raiva ardente. Você poderia pensar que eu já estaria entorpecido por testemunhar a dor, vendo a Morte fazer outra vítima. Mas quando ela desabou, algo dentro de mim quebrou. A visão dela tão fraca, tão vulnerável, tão diferente dela mesma, foi suficiente para quebrar um pedaço da alma que eu tinha esquecido que tinha.

Meus pés tropeçam em algo na escuridão.

Finalmente.

Eu me abaixo para pegar o cantil, mas meus dedos se dobram em torno de uma pequena caixa de lata. Me aproximo da luz do fogo, lançando um olhar por cima do ombro para o ofegante Paedyn.

Eu não tenho tempo para isso.

Estou prestes a jogar a caixa o mais longe que posso, de fúria e frustração, quando o símbolo pintado na tampa brilha na luz, chamando minha atenção. Um diamante verde desbotado mancha a parte superior, e não hesito antes de abrir a tampa para revelar uma pequena quantidade de líquido escuro.

Eu fico olhando para ele. Contemple o milagre na forma de uma pomada curativa feita pelos próprios Curandeiros, forte o suficiente para curar até as feridas mais ameaçadoras.

E então estou rindo secamente, incapaz de parar. O absurdo, a pura impossibilidade de tudo isso me deixa histérico. Braxton deve ter apanhado em algum lugar da floresta e deixado cair durante a nossa luta.

A salvação de Paedyn esteve escondida nas sombras esse tempo todo.

— Graças à Praga — murmuro, balançando a cabeça em descrença quando meu pé finalmente encontra um dos meus cantis no chão.

Estou de joelhos ao lado dela em questão de momentos, seu peito mal subindo com respirações superficiais. Arranco a pomada da caixa, revelando uma agulha e linha grossa para costurar feridas que estão embaixo. Eu me pego rindo novamente.

Inacreditável. Inacreditável.

Despejo cuidadosamente um pouco do líquido escuro em uma ponta limpa da minha camisa restante. Isso vai doer, então é conveniente que ela esteja inconsciente quando pressiono o pano contra sua ferida, deixando a pomada penetrar no corte. Lentamente, atravesso o corte, observando enquanto o fluxo constante de sangue já começa a diminuir.

Passo o tecido contra uma parte particularmente profunda do corte e seus olhos se abrem antes que sua mão voe em direção ao meu rosto.

Droga.

Seu tapa é chocantemente forte para alguém que estava perigosamente perto de conhecer a Morte. Minha cabeça ainda está virada para o lado por causa do choque e do impacto de seu golpe, mas um sorriso lento surge em meus lábios.

— *Aí.* — Eu finalmente olho para ela, encontrando olhos azuis selvagens olhando para mim. Ela está ofegante, claramente confusa. — É assim que você me agradece por salvar sua vida? — Examino seu rosto, aliviado por já ver alguma cor florescendo em suas bochechas, vejo seus olhos brilhando novamente com aquele fogo familiar.

— *Sou eu* quem deveria dizer *aí*. Que diabo é isso? Dói. — Ela está sem fôlego e tremendo. Seus olhos vão do ferimento limpo para a pomada que ainda está em minha mão. E então ela está tentando se sentar. É um bom esforço, apesar de ela gemer de dor.

— Calma, querida. — Coloco a mão em seu lado ileso, se encaixando na curva de sua cintura enquanto lentamente a pressiono de volta no chão da floresta. — Você pode me dar um tapa o quanto quiser quando estiver curada, mas até então, tente manter as mãos para si mesmo.

— Como estou viva? — Sua voz é tão baixa que sua pergunta é quase abafada pelo chilrear dos grilos que nos cercam. Seus olhos estão voltados para o céu, sem ousar olhar para mim.

— Temos que agradecer a Braxton por isso. — Pego o cantil de água e empurro-o até seus lábios. — Beba. Você está desidratada. Embora você seja muito divertida quando está delirando. — Ela me encara enquanto eu inclino o cantil para trás, deixando-a engolir a água com avidez. Ela me olha com expectativa, e eu suspiro, elaborando: — Braxton me fez uma pequena visita mais cedo, e ele deve ter deixado cair a pomada que encontrou durante a nossa luta. — Eu suspiro. — E duvido que ele esteja muito feliz com isso, visto que poderia ter usado isso para si mesmo.

Ela afasta minha mão, se recusando a beber mais até obter algumas respostas.

Coisinha teimosa.

— Então você não... — Seus olhos olham entre meu ferimento enfaixado e meu rosto, tentando me ler.

— Não, eu não o matei, — eu digo estupidamente, respondendo à pergunta em seu olhar. Ela me lança um olhar estranho, que só a vi me oferecer algumas vezes antes. Limpo a garganta e desvio o olhar, apoiando-me nas palmas das mãos enquanto ela continua a me estudar. — Matar não é um hobby meu, para que você saiba.

Eu senti que precisava dizer isso. Senti que precisava admitir isso para ela, para mim mesmo. O que faço — o que fiz — tem um propósito, uma razão. Ainda sou um monstro, mas não do tipo que ama as coisas odiosas que faz.

Aí está aquele olhar de novo. É como se ela estivesse vendo através das minhas muitas máscaras, derrubando minhas paredes, me despindo com nada além de seu olhar. Eu

odeio isso – eu adoro isso. Me sinto livre – me sinto preso. A ideia de que um único par de olhos azuis possa me deixar tão vulnerável, tão exposto, é alarmante.

Então, eu faço o que faço de melhor: desviar.

Limpo a garganta antes de me inclinar para frente e pegar minha camisa esfarrapada. Depois de despejar o resto da pomada no tecido, pressiono suavemente sobre o ferimento. Ela sibila e seus olhos voam para os meus, cheios de um fogo que me faz rir. — Ah, esta nem é a pior parte, querida. Eu ainda tenho que costurar você.

Ela estabiliza a respiração trêmula, os cílios longos se fechando enquanto ela diz: — Por que você está fazendo isso?

Uma pergunta muito válida, embora não pretenda respondê-la até obter minhas próprias respostas. Pego a agulha brutalmente cega e começo o meticuloso processo de enfiá-la com a grossa linha médico. — Por que não faço as perguntas? — Meu olhar está voltado para ela, inflexível e insensível. Mas é simplesmente outra máscara, já que estou fervendo de raiva.

— Qual deles fez isso com você? — Seus olhos se abrem, parecendo mais confusa e insegura do que eu já vi antes. Mas ela se recupera rapidamente, soltando uma risada trêmula.

Ela vira a cabeça para o lado para olhar para mim de onde está deitada em uma cama de musgo, terra e folhas. — Não importa. — E essa é a única resposta que ela pensa me dar antes de virar a cabeça para trás em direção ao céu estrelado que paira acima de nós, evitando meu olhar.

Meus dedos encontram seu queixo e então puxo seu rosto em minha direção para poder olhá-la nos olhos enquanto digo: — Vou perguntar de novo. Quem fez isto para você?

Minha mão ainda está segurando seu queixo, sua mandíbula forte, enquanto ela segura meu olhar e diz: — Por que você se importa? — Então ela está rindo amargamente, o som vibrando sob meus dedos.

— Porque eu não tolero que brinquem com meus brinquedos.

Ela vai odiar isso.

— Seus o quê...? — Ela para, seus olhos ardendo, sua raiva aumentando. — É isso que você pensa que eu sou? Algum brinquedo com o qual você possa *brincar*?

— Sim. E claramente bastante frágil.

Pragas, se eu já não estivesse indo para o inferno, estou agora.

Ela gagueja. Na verdade congela. Nunca a vi tão sem palavras antes e devo dizer que é muito divertido. — Que diabos está errado com você? Ah, então você acha que sou frágil? Vou te mostrar o quão frágil eu...

— Pronto, — eu digo calmamente, interrompendo-a no meio da ameaça. — O primeiro ponto é sempre o pior, especialmente considerando o quão cega é a agulha.

Ela pisca, fechando a boca quando olha para baixo e vê a agulha que enfiei no corte sem ela perceber, com raiva demais para sentir a dor. O que era exatamente o que eu esperava.

— Você... você é...

Ela está gaguejando de novo, então gentilmente termino para ela. — Inteligente? Irresistível?

— Calculista, arrogante e um bastardo completamente arrogante — ela ofega. — Isso é o que eu ia dizer.

Um sorriso puxa meus lábios. — É bom ver que você está se sentindo bem o suficiente para me insultar. — Pego a agulha novamente e aperto a pele ao redor do ferimento, me preparando para fazer outro ponto à luz do fogo.

— Você me distraiu — ela murmura, como se ainda estivesse absorvendo a informação. Então ela solta uma risada e acrescenta: — Você me distraiu sendo um idiota, mas funcionou mesmo assim.

Olho para ela brevemente antes de dizer: — Sim, eu fui um idiota. E preciso que você saiba que não quis dizer o que disse. — Enfio a agulha em sua pele enquanto falo, usando minhas palavras como outra distração, embora ela ainda solte um pequeno silvo de dor. — Você não é um brinquedo, muito menos frágil.

Ela me observa trabalhar, e eu me esforço para não derreter sob seu olhar ardente. — Me conte sobre casa. Sobre o Loot — digo, tentando tirar sua mente da agulha perfurando sua pele.

— Loot não era exatamente um lar para mim. — Ela está quieta e eu a pego mastigando o interior da bochecha antes de continuar. — Eu já tive uma casa. Éramos só eu e meu pai, mas... mas estávamos felizes. — Ela estremece quando faço outro ponto, mas suas próximas palavras são tão contundentes quanto a agulha. — E então ele morreu, e minha casa se tornou Adena. Ganhamos a vida juntas no Loot. Ela fez com que valesse a pena viver em Loot.

— Há quanto tempo você mora nas ruas?

— Cinco anos. Eu tinha treze anos quando meu pai morreu e, desde então, moro em uma pilha de lixo que Adena generosamente chama de Forte. — Ela ri amargamente disso. — Dos treze aos quinze anos, nós duas mal sobrevivíamos. Mas então crescemos. Descobrimos as coisas e caímos em uma rotina que nos mantinha alimentadas e vestidas. Cada um de nós tinha suas próprias habilidades que nos mantinham vivas.

Deixei que suas palavras, sua história, fossem absorvidas. Me pergunto silenciosamente o que aconteceu com seu pai, ou com sua mãe, aliás. — Então, seu pai te ensinou a lutar? — Eu pergunto curiosamente.

— Desde criança. Ele sabia que minha habilidade não era algo que eu pudesse usar fisicamente, então ele garantiu que eu nunca ficasse realmente indefesa. — Sua voz está trêmula enquanto enfio a agulha na parte mais profunda da ferida. Sua mão se levanta e

agarra meu antebraço, cravando as unhas em minha pele enquanto ela morde a língua para não gritar de dor.

— E a adaga que você gosta tanto de usar na coxa, — limpo a garganta, — eram de seu pai?

— Sim, é... era. — Sua risada é tensa. — Suponho que você deve agradecer a ele por minhas tendências violentas.

Eu olho para cima e sorrio antes de dizer com cautela: — E sua mãe...? Devo agradecer a ela por alguma de suas qualidades maravilhosas?

— Morta. — Seu tom é neutro. — Ela morreu de doença logo depois que eu nasci. Eu nunca a conheci. — Me lembro de Kitt e de como sua mãe morreu de maneira semelhante, uma tragédia que os dois compartilham.

Seu aperto em meu braço só aumenta enquanto eu continuo empurrando a agulha através de sua pele, lentamente indo até o fim do corte. Seus olhos estão fechados contra a dor, se recusando a chorar ou mesmo a gritar.

Tão teimosa. Tão forte.

— Só mais um pouquinho, Pae, — eu respiro. Ela estremece e não perco o movimento. Seja por causa da dor ou porque finalmente disse o nome dela, não tenho certeza. Me lembro de quando ela caiu no chão. Quando eu estava selvagem, frenético, e de repente percebi que não tinha dito o nome dela desde que nos conhecemos.

E naquele momento, percebi que queria dizer isso — queria que ela ouvisse dos meus lábios. Percebi que se ela morresse, eu nunca mais conseguiria olhar naqueles olhos azuis e pronunciar aquelas duas sílabas que sempre foram uma constante em minha mente.

Então eu disse o nome dela, repetidas vezes. Finalmente me permiti fazer isso. Deixe o último pedaço de obsessão se encaixar. Apenas dizer o nome dela parecia íntimo, pessoal, de alguma forma.

E agora eu quero para sempre o nome dela em meus lábios e rolando na minha língua até que eu esteja bêbado com o sabor e o som dele.

O que diabos está errado comigo.

Seus olhos encontram os meus, brilhando como um corpo de água à luz do fogo. — Por que você está fazendo isso?

Seu olhar me diz que desta vez não há como escapar da pergunta, embora eu nem tenha certeza se tenho uma resposta para ela ou para mim. Tudo que sei é que tenho esse desejo de protegê-la, estar com ela, provocá-la, tocá-la.

É assustador.

— Qual é a graça de vencer facilmente? — Eu digo em vez disso. — Que tipo de cavalheiro eu seria se pegasse seu couro e deixasse você morrer?

Ela levanta a cabeça do chão, os olhos procurando os meus enquanto ela zomba: — Então você está me dizendo que fez tudo isso para ser um *cavalheiro*?

— Por que isso é uma surpresa para você?

— Talvez porque você tenha que ser um *cavalheiro* para ser *cavalheiro*.

- E quem disse que não sou?
- Eu gostaria de encontrar alguém que diga que você *é*.

Eu sorrio para ela, observando cada detalhe de seu rosto sob o meu. Abro a boca para dizer algo espirituoso e totalmente inapropriado quando um galho se quebra à minha esquerda. O Observador nos observa com olhos vidrados, documentando a cena diante dele. E estou envergonhado por não ter ideia de há quanto tempo ele está parado ali, e não por quão distraído eu estava com a garota diante de mim.

Só posso imaginar o que o Pai fará com isso – conosco. De eu ajudar, salvar, *gostar de* estar com a menina da favela.

Não seria a primeira vez que o decepcionaria e certamente não será a última.

O Observador pisca, limpando seus olhos embaçados antes de desaparecer na noite. Me volto para Paedyn, sua atenção ainda fixa no local onde o homem esteve. Então olho para sua barriga exposta e para o ferimento agora completamente costurado ali.

Começo a enrolar os restos de sua camisa grande sobre o ferimento e em volta da cintura. Os olhos de Paedyn seguem meus movimentos, rastreando minhas mãos e meu rosto.

— Você nunca respondeu à minha pergunta, — digo de forma muito mais casual do que sinto atualmente.

— Você terá que ser mais específico do que isso, Azer.

— Eu perguntei quem diabos fez isso com você.

Ela ri com desdém, virando a cabeça da minha. — Ah, essa pergunta. Não importa.

— Se isso não importa, então me diga.

Ela me lança um olhar irritado antes de suspirar, cedendo. — Ace. Feliz agora? Ele usou suas ilusões para me atrair. — De repente ela está pálida novamente. — Ele me fez ver... *coisas*.

Nunca a vi tão assombrada e estou chocado com o quanto odeio isso. — Você o matou?

— Não — ela diz suavemente. — Não, eu não o matei.

Ficamos em silêncio e passo a mão pela bandagem grosseira, me certificando de que está segura enquanto ela me encara. Então entrego a ela o cantil de água antes de forçá-la a engolir um coelho queimado.

Eu me ocupo no pequeno acampamento e, quando olho para Paedyn, de onde atijo as chamas da fogueira que se apaga, suas pálpebras estão caídas, seus cílios tremulando com a promessa de sono. Então percebo que ela treme levemente com a brisa forte da noite.

Bem, isso simplesmente não vai funcionar.

Me ajoelho ao lado dela, pegando-a em meus braços antes de tirá-la do chão e carregá-la para mais perto do fogo. Ela grunhe grogue contra meu peito antes de eu deitá-la na terra compactada, observando seu peito subir e descer com respirações constantes, tão diferentes das respirações irregulares e superficiais com as quais ela engasgou antes.

E então eu sento lá. Não consigo desviar os olhos enquanto ela adormece ao lado do fogo, viva e respirando profundamente. Ela treme de novo, me fazendo desejar ter um cobertor para oferecer a ela, ter *algo* para oferecer a ela. A verdade desse pensamento me atinge como um golpe no estômago.

Não tenho nada para oferecer a ela.

Eu sou errado, muito errado para ela. Ela é muito corajosa, muito ousada, muito *boa* para mim. Talvez eu pudesse ser um homem melhor. Talvez eu pudesse ser mais como Kitt, com o coração na manga e a felicidade à mostra. Talvez o futuro Executor pudesse derrubar algumas paredes, se tornar um homem que é mais do que as máscaras que usa perto de seu povo.

Mas desde que ela descobriu que eu era o príncipe e nos declarou *inimigos*, tenho jogado desse modo também, não querendo ficar para trás. E é divertido. É uma distração para nós dois, brincar e provocar um com o outro.

Mas agora?

Se devo ser seu inimigo, quero que seja porque ela se detesta por me querer.

Capítulo Vinte e Sete



Paedyn

ACORDO com o som infelizmente familiar de pássaros cantando acima de mim.

Eu acordei.

Apertando os olhos sob o sol ofuscante, passo suavemente as mãos sobre onde minha ferida cicatrizante que se esconde sob as dobras do pano surrado.

Eu estou viva. Estou respirando. Estou me curando.

Então meus dedos encontram o caminho até a tira de couro apertada em meu braço. Estou chocada ao descobrir que ainda está lá. Chocada que Kai não o cortou do meu corpo moribundo em primeiro lugar. Chocada por ele ter salvado minha vida, cuidado de minha saúde e me deixado manter minha estúpida faixa de couro durante tudo isso.

Aparentemente, ele passou por todo esse trabalho por ser um bom esportista, um cavaleiro.

Até parece.

— Bom dia. Bem, na verdade já é quase tarde.

Minha cabeça se volta em direção à voz profunda que vem de trás. E lá está ele, com as mãos nos bolsos, os tornozelos cruzados e encostado em um galho baixo. Agora que não estou nem um pouco longe da morte, sua aparência e a falta de camisa de repente me distraem extremamente. Desvio o olhar rapidamente, embora não perca o sorriso que surge em seus lábios quando ele me pega olhando.

Idiota irritante e arrogante.

— Estou surpresa que você ainda esteja aqui. Junto com minha faixa, — eu digo, tirando casualmente a sujeira das minhas roupas.

Ele solta uma risada suave atrás de mim. — Ansiosa para se livrar de mim, querida?

Limpo a garganta e me viro para encará-lo, me apoiando nas palmas das mãos enquanto o olho com curiosidade. Seu cabelo está bagunçado, mechas grudadas na testa com suor, logo acima de onde seus olhos brilham como pedaços de prata. Há uma sombra

de barba por fazer grudada em sua mandíbula afiada, e posso apenas distinguir a leve marca de sua covinha direita, igualmente perturbadora e devastadora.

Eu não aguento.

— Então qual é o plano? — Eu pergunto, gesticulando entre nós dois.

— O plano para...? — Ele inclina a cabeça ligeiramente para o lado, olhando para mim, brincando comigo. Ele sabe exatamente o que quero dizer.

— Para nós.

— Nós. Gosto do som disso, e você?

Reviro os olhos, ignorando-o. — O que fazemos agora?

— Essa é uma pergunta com muitas respostas, Gray.

Eu pisco. Ele não disse meu primeiro nome. E por alguma razão enlouquecedora, eu gostaria que ele tivesse feito isso.

Estou irritada comigo mesma e com ele, então, naturalmente, desconto no último. — Por que você não levou minha faixa? E por que não tentar pegá-la agora que estou curado?

Diversão levanta o canto de sua boca enquanto ele empurra o galho da árvore e caminha em minha direção. — Essa é outra pergunta cheia de respostas. — A covinha direita se aprofunda. — Em primeiro lugar, você não está completamente curada. Em segundo lugar, por que eu deixaria passar a oportunidade de trabalhar juntos? Você sabe que formamos uma ótima equipe. E terceiro, — ele se agacha na minha frente para que fiquemos cara a cara enquanto ele continua, — é fofo que você disse que eu poderia *tentar* tirar sua faixa de você.

Agora as duas covinhas estão me provocando.

— Bem, se você está tão confiante, vá em frente e *tente*. — Meu rosto está próximo ao dele, minha voz cheia de desafio. — Tenho certeza que você se lembra de como nossa última luta terminou.

— Você ainda está ferida, lembra?

— E você não parece muito melhor, — eu digo, franzindo a testa para seu ombro enfaixado, embora não haja sangue pontilhando o tecido branco.

— Preocupada com seu novo parceiro? — Um sorriso malicioso se espalha por seu rosto enquanto seus olhos passam entre os meus. Ele está perto. Muito perto. Ele cheira a pinho, chuva e suor e, Pragas, preciso me distrair.

Eu desvio meu olhar do dele e puxo meu arco e tremo enquanto fico de pé. *Lutar* para ficar de pé é o que mais parece. Kai está comigo, apoiando uma mão no meu ombro e a outra no meu lado ileso. Me afasto um passo, irritada por ele pensar que preciso de sua ajuda. Mas minhas pernas parecem gelatina e como pedra, de uma só vez, provando que preciso da ajuda dele quando tropeço em seu corpo sólido. Seu peito treme com uma risada áspera que só me irrita ainda mais.

— Sim, não acho que teria muita dificuldade *em tentar* tirar essa faixa de você. — Ele passa um dedo pela pulseira de couro, roçando minha pele enquanto faz isso.

Eu pego seu pulso e olho para ele. — Bem, se vamos ser parceiros, você não precisará se machucar tentando *levar* minha faixa.

Ele me olha de cima a baixo, com as sobrancelhas ligeiramente levantadas. — Então você concorda? Parceiros?

Eu contemplo isso, considerando que preferiria lutar ao lado do futuro Executor do que contra ele.

Eu estreito meus olhos para ele. — Como posso saber que posso confiar em você?

Ele zomba. — Salvar sua vida não significou nada para você?

— E eu salvei a sua. Isso não significa que você confia em mim.

— E como você sabe que não?

Nós nos encaramos.

Pragas, no que estou me metendo?

Talvez seja porque estou fraco demais para lutar com ele, ou pior, talvez seja a parte de mim que não quer que ele vá embora que me faz dizer: — Tudo bem. Parceiros.

Eu lanço um olhar do ombro machucado dele para o toco alto atrás dele antes de colocar minhas palmas em seu peito, sua pele quente sob a minha. Eu o empurro para trás até que as pernas dele colidam com o toco, antes de empurrar seus ombros para baixo até que ele esteja sentado diante de mim.

Malícia dança em seus olhos esfumaçados enquanto ele olha para mim. — O que você está fazendo, Gray?

— Consertando meu parceiro — digo simplesmente, começando a desembrolhar sua bandagem improvisada. Sorrio antes de acrescentar: — Você não será útil para mim se estiver ferido.

— Sua preocupação com meu bem-estar é verdadeiramente reconfortante — diz ele secamente.

Eu o ignoro e puxo o pano que está grudado na pele por baixo. Xingo baixinho quando finalmente vejo o pedaço de pele queimada e com bolhas sob sua clavícula. Está inflamado e pegajoso e não precisei observar a posição tensa de sua mandíbula para saber que é extremamente doloroso.

Eu olho para ele, descobrindo que seus olhos já estão fixos em mim tão intensamente que engulo antes de perguntar: — Onde está a pomada curativa?

Sua expressão está vazia. — Acabou.

Tento piscar para afastar minha confusão, sem sucesso. — Você usou tudo isso em mim?

— Sem hesitação. — Legal, calmo, controlado. Esse é o Kai.

— Bem, isso foi... — eu gaguejo, tentando encontrar a palavra certa.

— Altruísta?

— Estúpido — termino em vez disso.

Suspiro antes de murmurar: — Você está sempre tornando as coisas mais difíceis para mim, não é?

Giro sobre os calcanhares e caminho até a beira do riacho. Posso sentir os olhos de Kai em mim enquanto me ajoelho, procurando plantas específicas para fazer minha própria pomada improvisada. Não o curará milagrosamente como o bálsamo de Curandeiro faria, mas ajudará significativamente com a dor e a inflamação.

Felizmente, a maioria das plantas de que preciso tendem a crescer perto da água, por isso consigo encontrá-las facilmente. Pego mais coelho cozido para mordiscar enquanto procuro meus ingredientes. Depois de um bom tempo andando para cima e para baixo no riacho enquanto era devorada por mosquitos, finalmente trituro as folhas e caules que encontrei com uma pedra. Adicionando água às plantas esmagadas, fico com uma pasta verde e grossa.

Me viro e encontro Kai ainda me observando quando volto para ele quase meia hora depois. Fico de pé sobre ele, ignorando a sensação de seus olhos em mim enquanto seguro a pedra com a pomada em cima e observo seu ferimento mais uma vez.

— Você é cheia de todos os tipos de surpresas. — Ele acena para a gosma verde que agora está em meus dedos. — Coisinha talentosa, não é?

Passo a pomada em seu ferimento e ele sibila quando dói. — Filha de um curandeiro, lembra?

— Está ficando difícil acompanhar suas muitas habilidades. — Outro grunhido de dor antes de acrescentar, irritado: — Pragas, Paedyn, que diabos é essa coisa?

Um bufo me escapa. — Quem diria que o futuro Executor era um bebê?

Passo mais pomada em sua pele e ele range os dentes. — E quem diria que a garota da favela era capaz de *torturar*.

— Ah, por favor. Não seja tão dramático.

— Sabe, não estou totalmente convencido de que você não esteja tentando me matar.

Levanto uma sobrançelha para ele. — Então, você não confia em mim, afinal?

— Não confio *nisso* — diz ele, lançando um olhar cético para a pasta verde que estou esfregando em seu ferimento.

Eu rio alto, balançando a cabeça para ele.

De repente, ele fica imóvel ao meu toque, seus olhos dançando entre os meus com um pequeno sorriso aparecendo em seus lábios.

Eu limpo minha garganta. — Então. — Estou esperando algo para dizer antes de finalmente decidir deixá-lo falar. — Você ouviu falar da minha casa, então me conte sobre a sua. Como foi crescer no palácio?

Ele me observa, sua expressão vazia. — Morar em um castelo não é tão atraente quanto pode parecer. Pode ser frio, lotado. Sem mencionar que você é constantemente observado por olhares indiscretos. — Seus lábios se contraem na sugestão de um sorriso. — Mas Kitt e eu fizemos dele um lar. Pragas, nós governamos o lugar. Nós fizemos... — Ele sibila entre dentes, interrompendo suas palavras. — *Merda*, Paedyn, agora estou convencido de que você está tentando me matar.

— Ah, vamos lá, — eu rio, adicionando mais pomada ao seu ferimento. — Isso só dói um pouquinho.

Ele me cutuca no estômago, evitando cuidadosamente o corte ali. — Você teve que me dar um tapa quando seu ferimento doeu, então acho que posso reclamar um pouco.

Eu dou uma olhada nele. — Isso é um *pouco* de reclamação? — Ele estreita os olhos para mim, mas posso ver a diversão neles. — Sinto muito — suspiro. — Continue com sua história e suas *reclamações*.

— Como eu estava dizendo — ele continua bufando, — Kitt e eu fizemos do palácio um lar. Fizemos amizade com os criados, corremos pelos corredores, largamos bolas para entrar furtivamente no porão e nos embebedar para esquecer tudo e simplesmente rir até o sol nascer. Provavelmente já lutamos em quase todos os cômodos do palácio. Duas vezes.

Ele range os dentes quando coloco mais pomada no ferimento e me lança um olhar irritado antes de continuar. — Mas precisávamos disso. As constantes brigas ou pegadinhas estúpidas que fazíamos com a pobre Gail e o resto dos servos desavisados. Porque quando não estávamos rindo e nos distraindo, estávamos treinando e estudando. Embora isso parecesse muito diferente para nós dois.

Ele olha além de mim para o céu azul pintado acima, seus olhos cinzentos examinando as nuvens enquanto diz categoricamente: — Não me lembro da minha vida antes de me tornar o futuro Executor. Não me lembro de um dia em que todos os testes, provas e treinamentos começaram. Parece que sempre foi assim. — Ele solta uma risada sem humor, suspirando ao dizer: — O destino é uma coisa engraçada e inconstante, que não oferece escolha sobre como você vive.

Parei de esfregar a pomada e, em vez disso, estou olhando atentamente para ele. — E seu treinamento? Como era?

Ele dá um suspiro pesado, que me faz pensar exatamente o que ele suportou em sua curta vida. — A educação de Kitt e eu parecia muito diferente. Enquanto o treinamento do futuro rei consistia em aulas particulares e educação sobre como liderar seu reino um dia, o meu era mais... prático. Como futuro Executor, eu não apenas criei estratégias para as batalhas, eu as lutei. Eu não apenas aprendi a arte da tortura, eu a suportei.

Minhas mãos pairam acima de seu peito. — Você... suportou?

Ele me estuda por um momento, parecendo decidir o que quer dizer antes de responder com um simples: — Sim. Muitas vezes.

— Quem — engulo em seco, — quem fez isso com você?

— Não importa, — ele diz com um leve sorriso, cuspidando para mim as próprias palavras da noite passada.

Então eu faço o mesmo com ele. — Se isso não importa, então me diga.

Seu sorriso se alarga. — É bom saber que você me escuta quando falo, Gray.

— Isso não foi uma resposta, — eu digo suavemente.

Ele solta um suspiro, seu sorriso desaparecendo. — Meu... o rei assumiu a responsabilidade de me treinar regularmente. Tive outros tutores e generais, claro, mas quando não estava com eles, estava com meu pai. Digamos apenas que seus métodos eram... severos.

Eu não queria saber. Eu não queria saber o que o rei fez com seu filho, que horrores ele o fez passar. Me deixa enjoada. E ainda assim, eu não deveria estar surpresa. Afinal, ele matou meu pai, e é meu ódio pelo rei que me faz precisar saber que outros crimes distorcidos ele cometeu. Então, pergunto lentamente: — O que ele fez?

Ele fica quieto por um longo momento. — Gray, eu não acho...

— Por favor, — eu interrompi calmamente. — Você não precisa me dizer se não quiser, mas estou pedindo se você estiver disposto.

Há algo na tranquilidade da floresta, na cobertura das árvores, que faz você se sentir segura o suficiente para revelar segredos. Algo sobre saber que você pode não ver o amanhã que o leva a fazer coisas das quais só se arrependerá se sobreviver. As Provações não foram feitas para construir confiança e, ainda assim, aqui estamos nós, divulgando o que há de mais profundo em nós mesmos uns para os outros. Oferecendo aos nossos oponentes maneiras de nos cortar mais profundamente do que qualquer arma jamais poderia.

Ele encontra meu olhar então, segurando-o enquanto diz: — Vou poupar você dos detalhes, mas ele me mostrou o que era torturar. O que era ser *torturado*. Ele me ensinou tudo o que sei. Me treinou tanto mental quanto fisicamente até ficar satisfeito com o que criou. — Ele respira fundo. — O relacionamento de Kitt com nosso pai é muito diferente do meu. Eles passam o tempo lidando com a papelada e reforçando suas posições enquanto meu pai instrui meu irmão sobre como seguir seus passos. E Kitt fará exatamente isso. Ele fará qualquer coisa para deixar o rei orgulhoso, e sempre fez. Eu, por outro lado... — Kai ri, mas não tem humor. — Eu não sou o herdeiro. Eu sou o filho dispensável. O futuro Executor que meu pai moldou e enviou em missões durante anos.

Ele suspira, quase sorrindo. — Meu irmão e eu temos papéis muito diferentes, relacionamentos muito diferentes com nosso pai. Mas por causa disso, Kitt será um grande rei. E eu serei o assassino dele.

Faço uma pausa, observando-o atentamente enquanto ele diz essas últimas palavras.
E eu serei o assassino dele.

Nada. Nenhuma emoção, nenhuma expressão cruza seu rosto. Eu o observo por um momento, me perguntando se talvez as máscaras que ele criou para si mesmo sejam o resultado de ter que suprimir as emoções do próprio pai. E talvez fosse exatamente isso que o rei queria, que seu futuro Executor fosse aparentemente insensível.

— Você me perguntou uma vez se eu queria que fosse eu o rei — diz Kai. — E mantenho o que disse. Não quero o papel de Kitt na vida porque me recuso a dar o meu. Meu irmão não é um assassino e sou melhor do que ele.

Deixei suas palavras serem absorvidas antes de limpar a garganta para perguntar: — E essas Provações que são diferentes este ano? Isso tudo é apenas mais uma missão para você completar?

— Não apenas completar. Ganhar — ele diz simplesmente. — As Provas são apenas mais uma maneira de provar meu valor ao meu povo, provar que sou valioso para o rei.

Eu o observo, querendo saber o que ele está pensando. Ele nunca me contou tanto sobre sua vida, sobre o que passou quando criança — o que ainda passa hoje. Ele é a razão pela qual os Provas de Purificação deste ano parecem tão diferentes, e o resto de nós somos simplesmente peões em um jogo que nem foi feito para nós.

Passo mais pomada em seu ferimento e espero até que ele termine de resmungar sobre como tem certeza de que estou planejando matá-lo antes de fazer a pergunta que está me incomodando. — Seu papel na vida como o futuro Executor. O que você acha disso?

— Acho que é meu dever.

Eu franzir a testa. — E eu acho que você tem mais pensamentos sobre sua própria vida do que isso. Estou perguntando *a você*, Kai. Nem o príncipe e nem o futuro Executor. Só você. — Faço uma pausa e ele me estuda enquanto repito: — O que *você* acha disso? Seu papel? Sua vida?

Ele fica quieto por um momento antes que um sorriso cruze seu rosto. — Se eu responder como Kai, você vai parar? — Ele lança um olhar aguçado para a pasta em minha mão.

Abro um sorriso. — Sim, vou parar com a gosma.

Seu leve sorriso desaparece, deixando uma mandíbula rígida em seu lugar. — A verdade então?

— A verdade sempre, — eu respiro.

Quando ele finalmente responde, seu tom é seco. — Eu nunca quis isso. Nunca quis ser o que sou hoje. Mas os monstros são feitos, não nascem. E eu não tive escolha no assunto. *Não tenho* escolha no assunto. Mas não negarei o que sou e farei o que for preciso pelo meu reino. Pelo o meu rei.

Suas palavras me atingiram com força, seus significados me atingiram com mais força. Ele sabe exatamente o que é, o que faz. Ele é um peão a ser jogado em um jogo no qual está preso para sempre, e cada ato horrível que ele comete é em nome do dever, o nome de Ilya.

Mas esse garoto diante de mim olhou nos meus olhos e admitiu que era um monstro, reconheceu em que foi criado sem ao menos um pinga de horror. Em vez disso, a aceitação está escrita em suas características, reconhecendo o que ele é e sempre será.

Distraída com meus pensamentos, estendo a mão para esfregar mais pomada em seu ferimento, apenas para ele pegar meu pulso. — Tínhamos um acordo, Gray. Posso estar acostumado à tortura, mas esta sua pomada é insuportável.

Ele me oferece um pequeno sorriso, claramente querendo aliviar o clima agora. Querer fazer o que fazemos de melhor: brincar um com o outro. Então eu faço exatamente

isso. — Você tem razão. Um acordo é um acordo. — Limpo rapidamente as mãos na grama antes de acrescentar: — Obrigada por me contar sobre... você. — Com isso, ele solta uma risada que eu rapidamente interrompo. — E me lembre de tirar uma página do seu livro e abandonar o próximo baile para ficar bêbado com Kitt.

Eu poderia jurar que ele enrijeceu um pouco com minhas palavras. — E por que você faria isso se eu sou muito mais divertido?

Eu rio levemente. — Se por *diversão* você quer dizer sedutor? Porque você certamente é mais disso.

Ele me lança um sorriso largo e perverso e meu coração tropeça estupidamente. — Parece que não consigo evitar quando estou com determinada empresa.

Eu zombei. — Sim, se *certa companhia* se estender a todo o reino porque você parece estar flertando com todas as mulheres de Ilya. — Penso nas muitas mulheres com quem ele dançou no baile, na maneira como o vi abrir aquele sorriso encantador.

Seus olhos procuram os meus. — O que, me querendo só para você...

Minha palma se conecta com seu rosto, deixando-o em silêncio. Ele pisca. Confusão e um leve toque de diversão passam pelo rosto que acabei de dar um tapa. Quando ele finalmente vira a cabeça para mim, levanto a mão na frente dele para revelar o inseto esmagado no centro dela.

Eu sorrio para ele inocentemente. — Mosquito. De nada.

— Que gentileza da sua parte — ele diz secamente.

Meu sorriso está cheio de doçura fingida enquanto enrolo o tecido em volta de seu ferimento e ombro, cobrindo a pomada com o curativo surrado. — Só estou cuidando do meu novo parceiro.

— É assim mesmo?

— Mhmm, — eu murmuro distraidamente, mordendo o interior da minha bochecha enquanto examino meu trabalho.

— Bem, nesse caso... — Kai se levanta, se aproxima e me bate levemente no rosto.

Soltei uma risada sem humor, tocando meus dedos na minha bochecha. Então meu olhar se encontra com o dele, divertido. Ele dá de ombros casualmente. — Mosquito.

— Prove — eu desafio.

O canto de sua boca se curva para cima quando ele levanta a mão para segurar meu rosto. — Acontece que minha prova ainda está espalhada em sua bochecha. — Prendo a respiração enquanto ele passa o polegar suavemente sobre minha pele antes de segurá-lo para exibir o inseto manchado. — Só estou cuidando da minha parceira.

Seu tom é zombeteiro e, ainda assim, o riso começa a brotar de mim.

Não consigo parar, não consigo controlar minha gargalhada. A ideia de nos batermos uns nos outros como crianças no meio de um Prova mortal é extremamente cômica. E pela primeira vez, espero que haja um Observador observando isso acontecer.

O vislumbre de confusão e preocupação no rosto de Kai só me faz rir mais, e coloco a mão sobre minha ferida agora latejante enquanto tremo de tanto rir.

Talvez eu ainda esteja delirando, afinal.

Eu bufo alto, e isso foi o suficiente para fazer Kai rir comigo – bem, de mim. O som é rico e profundo e, o que é bastante irritante, me acalmo para poder ouvi-lo melhor. E então, muito rapidamente, o som para.

Ele está olhando para mim e eu estou olhando para ele. Não sei o que dizer, pensar ou fazer enquanto seus olhos percorrem meu rosto, observando minha aparência suja e desgrenhada.

Ele, por outro lado, parece tão irritantemente atraente como sempre.

Tiro esse pensamento da cabeça, passando a mão pelo cabelo emaranhado enquanto luto para formar palavras. Enquanto isso, Kai se contenta em me ver me contorcer enquanto tento pensar em algo para quebrar o pesado silêncio que caiu entre nós.

Meus olhos caem para seu ferimento enfaixado e palavras saem da minha boca. — Então, presumo que Braxton fez isso com você?

Kai ri enquanto passa a mão pelo próprio cabelo, apenas fazendo com que as ondas pretas e bagunçadas caiam sobre sua testa novamente. — Você deveria ver o que eu fiz com ele. — Ele diz as palavras tão casualmente que eu pensaria que ele estava brincando se não soubesse do que ele era capaz.

— Sim, bem. — Desvio o olhar, prestes a dizer algo que provavelmente irritará o príncipe, quando ele levanta a mão, me acalmando.

— Não. Se. Mover.

Eu zombei. — O que, há outro mosquito no meu...

Sua mão cobre minha boca antes que ele me gire pela cintura, me prendendo contra seu corpo sólido. Fico atordoada com os batimentos cardíacos antes de pensar em morder os dedos que cobrem meus lábios. Mas algo na maneira como sua respiração acelera me faz interromper minha conspiração para escapar de seu domínio. E com seu peito pressionado contra minhas costas, posso sentir seu coração martelando rapidamente. Muito rápido.

Vejo movimento na minha visão periférica, meus olhos se voltando para a forma grande e iminente que agora se aproxima de nós através da parede de árvores. O pelo prateado brilha à luz do sol, mudando a cada movimento do poderoso corpo abaixo. Olhos amarelos brilhantes se prendem aos meus enquanto a fera para, nos observando de longe.

Lobo.

Não. Lobos.

Meus olhos examinam as árvores, encontrando mais quatro corpos enormes cobertos de pelos, todos com cores variadas. Os cinco nos observam, meio cobertos pelos pinheiros ao redor, enquanto avaliam a próxima refeição com olhos famintos.

Meu coração está batendo forte contra minha caixa torácica, minha respiração é superficial e rápida. É uma coisa boa que a mão de Kai ainda esteja cobrindo minha boca,

porque quase grito com a sensação repentina de seus lábios roçando minha orelha. — Você parece nunca ouvir, não é?

Estico a mão lentamente, mantendo meus olhos fixos nos lobos enquanto agarro seu pulso e puxo sua mão para longe da minha boca. — Tecnicamente, eu ouvi. Eu falei, não me movi, — eu sussurro de volta, minha voz afiada.

Posso sentir sua boca sorrindo em minha orelha. — Espertinha.

— Então qual é o plano? O que nós vamos fazer? — Minha voz é urgente enquanto olho para os lobos.

— Não existe *nós* — ele diz suavemente, soltando o braço para dar um passo lento até ficar na minha frente. — Você ainda está ferida — ele murmura, — e não vou arriscar que você rasgue seus pontos.

Absolutamente não.

Dou um passo para o lado dele, irritado. — O que aconteceu com nós sermos *parceiros*?

— Bem, não seremos parceiros por muito mais tempo se você insistir em ser morta — ele murmura, retirando silenciosamente a espada da bainha ao seu lado.

— E você vai enfrentar cinco lobos sozinho? Acho que não — sussurro asperamente. Não há nenhuma maneira de deixá-lo lutar sozinho. Meu orgulho e paranoia não permitirão isso.

— Então você claramente me subestima, Gray.

Lentamente, muito lentamente, puxo o arco das costas, observando os lobos enquanto o faço. Eles não fazem nenhum movimento, embora tenham afundado mais perto do chão, prontos para atacar e saltar em nossa direção.

Eu preparo uma flecha.

— Sua ferida vai se abrir novamente e eu terei salvado sua vida por nada, — Kai sibila, sua voz urgente e agitada.

Puxo a corda do arco, esticando-a enquanto meus pontos fazem o mesmo, ameaçando rasgar. A dor queima meu abdômen e minhas costelas, mas mordo a língua, ignorando-a.

Sorrio levemente enquanto digo: — Desculpe estragar seu trabalho, *parceiro*.

— Pae, não se atreva...

Eu disparo.

A flecha atinge seu alvo no peito do lobo mais próximo, se enterrando profundamente naquele pelo prateado e brilhante. Os outros lobos estão avançando em nossa direção antes mesmo de seu amigo atingir o chão. Já tenho outra flecha pronta, posicionada e apontada para um borão marrom que se aproxima. Uma dor aguda percorre meu abdômen enquanto disparo a flecha, atingindo o lobo na pata traseira.

Duas das feras se separaram das outras para circular ao nosso redor, e sinto as costas de Kai pressionadas contra as minhas enquanto ele as encara. Ignoro o lobo manco que atirei e volto minha atenção para aquele que agora está saltando em minha direção. Tento

diminuir minha respiração em pânico antes de disparar uma flecha na criatura. Amaldiçoo quando erro, passando pela orelha da fera e afundando no chão atrás dela.

As costas de Kai não estão mais pressionadas contra as minhas, me deixando sem noção do que está acontecendo atrás de mim. Tudo o que ouço são rosnados e o golpe de uma espada contra pele e ossos. Mas não tenho tempo de me virar para a cena às minhas costas porque agora tenho uma fera rosnando diante de mim. Seu pelo vermelho brilha quase tanto quanto seus dentes brancos e à mostra. Ele para a menos de dois metros de mim e se agacha, se aproximando sorrateiramente. É enorme e ameaçador e olha para mim como se fosse a próxima refeição.

Posso sentir minha ferida sangrando e a dor é brutal. Se eu puxar a corda do arco mais uma vez, provavelmente rasgarei os pontos, caso ainda não o tenham feito. Mas não tenho outra arma, nem poder, nem força para lutar.

O lobo avança furtivamente, rosnando enquanto brinca com a comida.

O que eu faço. O que eu faço. O que eu faço.

Eu puxo minha corda do arco...

O lobo ataca.

É um salto grande e forte que o faz voar em minha direção com a mandíbula aberta e os dentes afiados à mostra, pronto para me despedaçar.

Impulsivamente, instintivamente, arranco a flecha do meu arco e seguro a haste em meu punho antes de empurrar a ponta de metal para cima para encontrar o lobo no ar. A flecha afunda profundamente em seu coração, me borrifando com sangue quente antes de cair no chão com um baque surdo.

Estou ofegante, ainda tentando processar o que aconteceu quando ouço um grunhido vindo de trás de mim. Eu giro bem a tempo de ver Kai arrastar a lâmina de sua espada pela lateral de um lobo, abrindo-o com um movimento fácil. Ele se vira rapidamente para a outra fera rastejando em sua direção, já sofrendo uma facada brutal, embora ainda avance com um rosnado.

Quando o lobo se lança em sua direção em uma tentativa final de cravar os dentes em sua carne, Kai move sua lâmina para cima em um arco alto. A espada corta o peito da criatura com facilidade e, quando atinge o chão, Kai agarra o cabo com as duas mãos e enfia a ponta da lâmina na lateral do lobo.

Ele fica ali por um momento, parecendo exatamente o assassino que foi criado para ser. Então ele puxa a espada, limpando a lâmina ensanguentada no pelo do animal morto abaixo dele. Ele começa a se virar e diz: — Você ainda está viva aí?

Inspiro profundamente quando ele se vira, exibindo a mordida profunda em seu ombro. O sangue escorre da marca dos dentes irregulares, escorrendo pelo braço e pelos dedos em riachos. Seus olhos encontram os meus antes de se arregalarem quando encontram algo por cima do meu ombro.

— Se abaixe, — ele ordena, e eu não hesito antes de me agachar. Num piscar de olhos, ele tira uma estrela ninja do bolso e a envia voando pelo ar onde minha cabeça estava

apenas um momento antes. Ouço algo pesado atingir o chão com um baque e me viro para ver o lobo em quem atirei na perna, apenas alguns metros atrás de mim, rastejando para matar. Só que agora ele está morto no chão com uma estrela ninja se projetando de seu olho.

Eu me levanto lentamente enquanto respiro: — Você está certo. Formamos uma grande equipe.

Ele desvia o olhar de mim, balançando a cabeça com uma risada seca. — Sim, exceto pelo fato de você não ouvir ordens.

— Ordens? — Eu zombei: — Não sou um dos seus soldados, Kai.

— Você está certa, você não é. — Ele caminha em minha direção, e vê-lo tão ensanguentado é subitamente intimidante. Mas me forço a permanecer firme quando ele para diante de mim, perto o suficiente para que eu veja seus olhos esfumaçados se transformarem em gelo. — Meus soldados não significam nada para mim. Eles são descartáveis e fáceis de substituir. — Seu peito arfa, seus olhos presos nos meus. — Então, sim, Gray. Você *não é* um dos meus soldados.

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai dela. Ele fecha os olhos e suspira profundamente, só os abrindo novamente quando volta ao seu estado calmo e controlado. Todos os vestígios do homem frenético e agitado desapareceram. Posso senti-lo voltando ao seu jeito arrogante e casual enquanto tenta aliviar o clima.

Girando lentamente, ele percebe a carnificina ao nosso redor e simplesmente diz: — Bem, parece que não vamos passar fome esta noite.

Eu toco junto, mas minha voz está fraca. — É bom saber que não sobrevivemos a um ataque de lobo apenas para morrer de fome.

Seus olhos escurecem quando eles se dirigem para onde meu ferimento está sangrando sob minhas roupas. — Seus pontos. Eles abriram...

Levanto minha regata e espio por baixo das dobras da bandagem ensanguentada. O alívio me inunda quando vejo o fio ainda unindo minha pele. A excursão da luta apenas esticou os pontos, fazendo com que a ferida sangrasse, mas felizmente não rasgasse. Suponho que eu estaria em um estado muito pior se eles tivessem feito isso.

— Não, — eu respiro, — eles não abriram.

Ele passa a mão pelo cabelo antes de embainhar a espada, mas não sinto falta do leve estremecimento que a ação causa devido ao seu ombro rasgado. Aponto para o toco atrás dele e digo: — Sente-se.

Agora sou eu quem dá as ordens.

Ele me agrada, sorrindo enquanto se senta antes de eu ficar de pé sobre ele novamente. — Você está coberta de sangue — ele comenta casualmente demais.

— E você está pingando sangue. Mas, para sua sorte — sorrio docemente, — posso fazer a pomada certa para isso.

Ele solta um suspiro, balançando a cabeça para o céu. — Claro que você pode. Você e suas *pomadas* serão a minha morte.

— Sabe, — murmuro, examinando a mordida de perto, — estou começando a pensar que você gosta de se machucar, pelo menos para poder ter minhas mãos em você.

Ele solta uma risada baixa. Praticamente posso sentir seu olhar deslizando sobre mim enquanto ele diz: — Ah, não estou obrigando você a fazer nada, querida. Você pode me deixar sangrar, se for preciso. Porque eu só quero suas mãos em cima de mim se você *quiser*.

Meus olhos se fixam nos olhos cinzentos dele já fixados em mim.

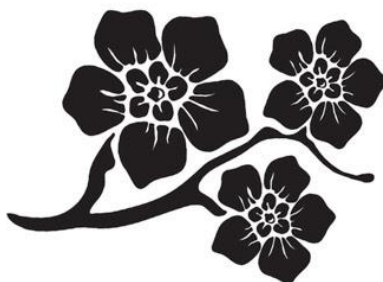
Estou jogando um jogo muito perigoso.

Andando sobre uma lâmina afiada e torcendo para não me cortar. Brincando com fogo e torcendo para não me queimar. Nadando em uma corrente perigosa e torcendo para não me afogar.

Ele é perigoso.

E mesmo com esse pensamento ecoando em minha mente, mantenho seu olhar e coloco minhas mãos nele.

Capítulo Vinte e Oito



Kai

JÁ SE PASSARAM três dias desde que um lobo me deu uma mordida. Três dias desde que Paedyn colocou as mãos em mim depois que eu disse a ela para fazer isso apenas se *quisesse*. E acho que não consegui recuperar o fôlego desde então. Cada vez que ela olha para mim, sinto como se estivesse com falta de ar. Eu odeio isso.

Mentiroso.

Foram três dias longos e chatos. A coisa mais lucrativa que conseguimos fazer foi encontrar uma camisa para eu usar – outro presente deixado para os competidores. O riacho e o pequeno círculo de clareira ao redor dele se tornaram nossa base, embora não passemos muito tempo lá durante o dia. Nossa rotina fascinante consiste em nos dividirmos na floresta e procurar outros oponentes. E ainda assim, nossos esforços para reunir mais faixas não foram apenas inúteis, mas também insuportavelmente chatos. Prefiro não me separar, simplesmente porque me divirto muito mais quando Paedyn está comigo, mas ela insistiu que cobriríamos mais chão separadamente.

Muito bem nos fez até agora.

O sol está se pondo rapidamente e as estrelas respingam no céu quando ele começa a desaparecer durante a noite. Caminho de volta ao acampamento, descontando minha frustração nas plantas espalhadas pelo meu caminho, cortando-as com minha espada enquanto ando.

Nada. Nenhum de nós encontrou outro oponente ainda. As únicas coisas que conseguimos encontrar foram cobras e muitas delas. Esses, junto com os coiotes, foram os únicos visitantes contra os quais tivemos que lutar ultimamente.

Ouçó o riacho borbulhante antes mesmo de vê-lo. A pequena clareira aparece e Paedyn também. Ela se senta em um toco, torcendo aquele anel grosso e prateado no polegar enquanto olha fixamente para o fogo, o cabelo balançando na brisa suave.

Pego alguns gravetos e vou até lá, jogando-os no fogo antes de me sentar em um toco em frente a ela. — Bem, não vejo nenhuma ferida recente, então não teve sorte, presumo?

— Estou ofendida por você pensar que eu não conseguiria sair ilesa de uma luta. — Depois de lançar um olhar cético, ela finalmente resmunga: — Não. Sem sorte hoje.

Observo-a atentamente, avaliando como ela morde a parte interna da bochecha, gira o aço no polegar e balança a perna.

Ela está uma bagunça de energia reprimida, a ansiedade a corroendo. Mas eu a deixei pensar, dando tempo antes de procurar respostas sobre o que a deixa tão tensa. Então ficamos sentados em silêncio, eu mordendo um coelho pegajoso enquanto Paedyn morde a parte interna da bochecha.

O sol mergulhou no horizonte, pintando o céu com laranjas profundos e rosas suaves quando finalmente quebro o silêncio com um suspiro. — Tudo bem, o que há de errado? Fora isso tudo.

— Hum? — Ela levanta os olhos do fogo, encontrando meu olhar antes de decidir que as chamas são mais interessantes de se olhar. — Nada. Estou bem.

Quase rio. Aprendi da maneira mais difícil que essas são palavras que você nunca quer ouvir uma mulher dizer para você, e é óbvio que ela está tudo menos bem. Eu acendo o fogo enquanto suspiro: — Você é uma mentirosa horrível, Gray.

Ela finalmente se atreve a olhar em minha direção. E então ela está rindo alto. Prendo a respiração, observando a maneira como sua cabeça se inclina em direção ao céu, seus cabelos prateados caem em cascata pelas costas, seus olhos se enrugam de diversão. Ela olha para mim muito rapidamente, e espero ter apagado o olhar de desejo do meu rosto rápido o suficiente.

Ela é tão deslumbrante, mas tão teimosamente alheia à forma como o pôr do sol atrás dela embota em comparação com a vibração que é *ela*.

O que diabos está errado comigo.

— Para que você saiba que sou uma *grande* mentirosa. — Ela mal consegue dizer as palavras sem bufar, como se tivesse contado uma piada, e eu perdi a piada.

— Hum. — Coloco um pedaço de carne na boca. — Vou ter que discordar.

— Ah sério?

— Sério.

Ela se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Esclareça, príncipe.

Bom. Me deixe distrair você.

Meus lábios se contorcem em um sorriso. — Você tem um tique, querida.

— Não. — Ela não está mais rindo e quase me arrependo de ter dito alguma coisa.

— Você bate o pé esquerdo quando mente, mesmo que levemente. — Ela fica boquiaberta e eu sorrio. — Comecei a notar quando você disse que odiava minhas covinhas. E, obviamente, nós dois sabemos que isso é mentira.

Eu me abaixo antes que a pedra que ela joga em mim atinja meu crânio. Agora sou eu quem está rindo. Ela volta sua atenção para o fogo, lutando contra o sorriso. — Eu não sabia que você tinha me observado tão de perto.

— Observado? Querida, eu nunca parei. — Ela encontra meu olhar com uma emoção que não consigo identificar naqueles olhos oceânicos dela.

E lá vai ela de novo, girando aquele anel de prata no polegar.

Interessante.

— Por que você está realmente fazendo isso? — Suas palavras cortam meus pensamentos, e eu olho para ela, embora seu próprio olhar esteja agora fixo nas chamas à nossa frente. — Por que você simplesmente não pegou minha faixa e me deixou?

Ouçõ suas palavras não ditas ecoando em minha cabeça.

Me deixe morrer.

Ela olha para mim então, seus olhos inundados de emoções. Ela quer uma resposta, *precisa* de uma resposta sobre por que não agi como o monstro em que fui moldado.

Abro a boca, esperando que uma boa resposta saia. Pensamento positivo, suponho, porque suspiro e digo: — Sabe, nunca conseguimos terminar nossa dança.

Ela pisca para mim. — Isso não foi uma resposta.

— Isso é porque ainda não dançamos. Você já deve saber como isso funciona, Gray. Nós dançamos, você recebe sua resposta. Ou não o fazemos e, bem, você ficará pensando em todas as suas questões candentes sobre mim.

Ela solta uma risada. — Você está brincando. Isso de novo não.

— Sim, isso de novo. — Eu fico de pé e caminho até onde ela está sentada em seu toco. — Então, — estendo minha mão para ela com uma reverência preguiçosa, — vamos dançar ou não, Gray?

Ela revira os olhos, tentando lutar contra o sorriso que aparece em seus lábios. — Tudo bem. — Ela coloca a palma da mão na minha e o mero contato faz meu pulso acelerar.

O que essa garota fez comigo?

Damos alguns passos para longe do fogo, o pálido luar brilhando e as estrelas brilhando. Guio a mão dela para meu ombro e seguro a outra, tomando cuidado para não forçar os pontos. Minha outra mão encontra sua cintura, passando meu braço em volta de suas costas para puxá-la para perto. Ela parece tão familiar em meus braços, e eu absorvo cada detalhe, memorizo cada movimento.

Começamos a caminhar no ritmo do som de nossos próprios batimentos cardíacos e dos grilos cantando ao nosso redor. Somos engolidos pela escuridão, meras sombras na luz bruxuleante do fogo.

— Não há música, — ela diz categoricamente, sua voz misturada com diversão.

— Bem, então acho que não saberemos quando parar de dançar. Que pena. — Meu queixo roça o topo de sua cabeça antes de mergulhá-la no chão, fazendo-a ofegar de surpresa.

— Não me tente a pisar em seus pés — ela ameaça sem fôlego.

Eu a levanto lentamente e digo: — Ah, não podemos permitir isso. Ainda estou me recuperando da última vez que dançamos.

Ficamos em silêncio por um momento, ouvindo o barulho dos galhos sob nossos pés e o crepitar do fogo. Através de sua regata fina e surrada, posso sentir o calor de seu corpo, sentir sua pele sob minha mão.

Distração.

Sua voz é baixa quando ela quebra o silêncio, como se estivesse quase relutante em interromper o momento. — Então, a resposta para minha pergunta?

Certo. Isso.

— É realmente tão chocante que eu não queira que você morra? — Eu me inclino um pouco para trás para poder encontrar seus olhos. — Tão chocante que eu ajudaria alguém?

Ela não hesita. — Sim.

Quase rio. — Não posso dizer que estou surpreso.

— É só isso, — ela faz uma pausa, seus olhos passando entre os meus como se procurasse a resposta neles, — eu pensei que você fosse mais parecido com seu pai.

Suas palavras batem em mim. Papai é... bem, ele é um rei. Ele é frio e rígido e raramente se impressiona, mesmo com os próprios filhos. Suponho que, de certa forma, ele me fez ser como ele, me ensinou como agir, o que sentir e, mais importante, o que não sentir. Graças a ele, criei uma mistura de máscaras diferentes que posso colocar e tirar à vontade.

eu sou uma bagunça. Uma confusão de emoções abafadas e paredes bem construídas.

Mas como eu mesmo não sei bem a resposta à sua pergunta, pergunto-lhe uma das minhas. — É por isso que você me odeia tanto? Porque você pensou que eu era como meu pai, de quem você claramente não se importa?

— Eu não te odeio — ela responde muito rapidamente, parando para se perguntar se ela disse a coisa certa, enquanto eu me pergunto por que ela não disse isso antes.

Meu sorriso é torto. — Ah, você não me odeia? Então, cada ameaça à minha vida é uma declaração de amor?

— Eu disse que não *odeio* você, príncipe. Isso não significa que eu não te despreze.

Eu abaixo minha cabeça, os olhos procurando os dela. — Eu acho que você despreza o fato de *não* me desprezar. — Sua boca se abre antes que ela a feche e me encare com um olhar furioso. Parece que a deixei sem palavras.

Bem, isso é a primeira vez.

— Use suas palavras, Gray. — Eu sorrio, girando-a antes de puxá-la de volta para mim. — Me diga, estou errado?

— Eu pensei que era eu quem estava fazendo *as* perguntas? — ela diz, distraindo e desviando minha atenção com aquele sorriso devastador e palavras deliberadas.

E ela acha que eu sou o calculista.

Ela desvia o olhar de mim, mordendo o interior da bochecha antes de encontrar meu olhar novamente. — Você teria ajudado um dos outros? — Uma pausa. — Alguém além de Jax ou Andy?

Alguém além das poucas pessoas com quem eu realmente me importo.

Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto. — Querida, duvido que a visão de alguém morrendo me afete tanto quanto você, vivo e bem.

Ela engole. — Você é um flertador descarado, Azer.

— Apenas para você.

— Hum. Agora parece que você também é um mentiroso descarado.

Solto uma risada silenciosa antes de dizer: — Minha vez de fazer uma pergunta. — Ela abre a boca, provavelmente para discutir, mas eu a interrompo. — Então, de todas as pessoas vagando pelo Loot naquele dia, por que tive a sorte de ser assaltado às cegas?

Sua boca se fecha antes de se abrir em um sorriso. — Você se encaixa em uma descrição.

— Uma descrição?

Seu sorriso é tudo menos doce. — Sim. Você parecia arrogante e cheio de moedas. Esses são meus alvos favoritos.

Eu me inclino mais perto dela. — Bem, *esse* alvo sabia que você roubou dele.

— Você sabia que eu roubei de você *tarde demais*.

— Engraçado, parece que me lembro que peguei você pouco depois.

Seu sorriso é presunçoso. — Só porque voltei e *salvei* você. — Então ela ri. — Então, você não acha que eu poderia roubar de você de novo sem que você percebesse?

— Acho que noto tudo que você faz. Então não.

Ela faz uma pausa, seu rosto próximo ao meu, momentaneamente atordoada com minhas palavras. Eu sorrio, apreciando a visão dela nervosa. Suas próximas palavras são suaves e lentas. — Isso é um desafio, Azer?

— É um fato, Gray.

— É mesmo? — ela diz, de repente balançando algo entre nossos rostos. — Isso é interessante, porque eu roubei isso de você quase imediatamente depois que começamos a dançar.

Aperto os olhos na penumbra, xingando baixinho quando percebo o que ela está segurando. A pulseira de couro de Braxton, antes segura no meu bolso, agora está presa entre os dedos e balançando na frente do meu rosto.

— Estou impressionado, Gray. — Encolho os ombros casualmente antes de acrescentar: — Estou mais chocado por não ter notado o quanto presto atenção em você.

Ela revira os olhos para mim. — Distração.

Meu olhar passa por ela rapidamente antes de retornar àquele sorriso. — Você é muito boa nisso, não é?

Ela fica quieta enquanto me observa atentamente antes de desviar o olhar. Eu desvio meu olhar também, me preparando para outra de suas perguntas curiosas.

— Qual é a sua cor favorita?

Meus olhos se voltam para os dela. — O que? — Quase engasgo com a risada.

— Sua cor favorita. Qual é?

Pela primeira vez, quase *pisei* em seus pés por causa do choque e da pura admiração.

— De todas as coisas que você poderia me perguntar, você pergunta qual é a minha cor favorita? — Não consigo evitar que o sorriso se espalhe pelo meu rosto.

Ela sopra uma mecha de cabelo dos olhos, irritada. — Sinto que não sei muitas *coisas* sobre você, então decidi começar com o básico. — Um suspiro divertido. — Estou deixando você fora de perigo com uma pergunta fácil, então não decepcione. Qual a sua cor preferida?

Eu a giro apenas para me dar algum tempo para pensar. Eu nunca tinha pensado sobre qual era minha cor favorita antes. Nunca pareceu importante.

Não até que olhei para um par de olhos azuis como o oceano e percebi que talvez o afogamento fosse uma coisa linda.

Não até que olhei para um par de olhos azuis ardentes e percebi que talvez queimar fosse uma coisa indolor.

Não até que olhei para um par de olhos azul-celeste e percebi que talvez cair fosse uma coisa pacífica.

Eu nunca tinha pensado sobre qual era minha cor favorita antes porque não tinha visto uma que fosse digna desse título. Até agora, isso é.

— Azul, — eu digo, minha voz baixa.

— Hum. — Ela está me olhando pensativamente, me estudando sinceramente. — Eu nunca teria imaginado.

Nem eu.

— E a sua? — Eu pergunto, observando-a enquanto ela pensa.

Ela abre a boca e depois a fecha, pensando em algo. Sua mandíbula se contrai. — Eu não tenho uma. — Com um pequeno encolher de ombros, ela pergunta: — Comida ou sobremesa favorita?

— Estamos no meio de um Prova e você está me perguntando sobre minha comida favorita?

Ela me ignora. — Bem, eu sei que não é coelho. Vejo como sua boca se contorce quando você come...

— Eu não contorço... — Faço uma pausa, sorrindo. — Você está olhando para minha boca, Gray?

Ela abre a boca para discutir, mas em vez disso bufa. — Apenas responda a maldita pergunta, Azer.

Eu rio e giro ela lentamente. — Fácil. Torta de limão.

Ela bufa. — Você está brincando. Torta de limão? Você é um príncipe rico que poderia comer a comida que quisesse e escolheria *torta de limão*?

— Sim, *torta de limão* — eu imito. — E agora estou fazendo você comer um pouco comigo quando finalmente sairmos daqui.

— Sobre o meu cadáver.

Meu sorriso é perverso. — Isso pode ser arranjado.

E lá vai ela, cumprindo sua ameaça de pisar em meus pés, vendo que seus pés são sua única arma no momento. — Opa.

— Coisinha cruel, — murmuro baixinho.

— Você não sabe nem metade, príncipe.

— Ah, mas espero que um dia eu consiga.

Ficamos em silêncio por um momento, estudando um ao outro antes que eu finalmente diga: — Me diga, qual é a sua comida favorita, já que você parece achá-la muito melhor do que tortas de limão?

— Ah, acredite em mim quando digo que é *muito* melhor do que tortas de limão.

— Bem, não me deixe adivinhando, Gray.

Ela inclina a cabeça em direção à minha enquanto diz com confiança: — Caramelo amanteigado.

— Caramelo — repito, guardando a informação na memória.

— Sim. — Ela sorri, mas vejo tristeza nisso. — Meu pai distribuía doces para seus pacientes. E toda vez que ele curava um dos meus ferimentos, ou eu ajudava a curar o de outra pessoa, comíamos caramelo como uma espécie de recompensa.

Ficamos quietos por um momento. — Vocês dois eram muito próximos.

— Éramos — ela afirma. — Mas você e seu pai não são, não é? Não depois do que ele fez você passar.

Estou grato pela falta de piedade em sua voz, embora seu desgosto seja claro. Uma risada calma e amarga me escapa. — Não. Sou mais soldado que filho, e ele é mais rei que pai. É difícil estar perto quando o único tempo que passamos juntos foi treinando, e eu não estava exatamente ansioso por esses encontros.

— E a sua mãe? — ela pergunta baixinho.

— Ela é tudo que eu poderia ter pedido — afirmo simplesmente. — Tudo que eu precisava quando menino. Ela tem sido uma das únicas constantes na minha vida, uma fonte de bondade e carinho.

— E ainda assim — diz Paedyn hesitante, — ela deixou seu pai fazer o que fez?

Faço uma pausa, falando com ela enquanto me lembro. — Ela não teve exatamente escolha no assunto. E me tornar o futuro Executor é meu dever, não importa os métodos necessários para chegar lá.

Ela me olha com aquela expressão que nunca consigo identificar. Admiração? Confusão? Num momento ela é um livro aberto e, no seguinte, mal consigo quebrar a lombada.

E então ela está me enchendo de perguntas. A maioria delas aleatórios, embora todas sejam considerados igualmente importantes para ela. Ela me conta histórias de quando criança, e eu faço o mesmo, ouvindo-a rir da estupidez de Kitt e de mim.

— Então, me conte sobre o lábio cortado que você tinha quando nos conhecemos? — Eu pergunto, com as sobrancelhas levantadas.

Ela ri e o som serpenteia pela minha espinha. — Eu não estava mentindo quando disse que foi um presente de um de seus Imperiais.

— Certo. Você me informou disso quando colocou sua adaga em minha garganta, eu acredito?

— Parece correto.

— Bem, ainda não tenho conhecimento dos detalhes de como você ganhou isso. — Meus olhos escurecem com o pensamento. — Eu não reajo gentilmente quando meus Imperiais batem em mulheres.

— Ah? Então você provavelmente deveria saber que esta não foi a primeira vez. — Suas palavras são casuais, contundentes. — Para encurtar a história, ele não acreditava que eu fosse Psíquica, então provei isso a ele. E claramente, ele não gostou do que eu tinha a dizer.

Eu olho para ela sem acreditar. — E, o quê, você só aceitou o golpe?

— Sim, mas não antes de eu tirar um pouco do seu orgulho.

— Por que não estou surpreso com isso?

Ela me dá um sorriso malicioso. — Provavelmente porque você se acostumou com o fato de eu te humilhar, príncipe.

— Isso eu tenho que concordar. — Faço uma pausa, observando-a. — Você nunca deixa de me surpreender, Gray. — Eu sorrio enquanto solto sua mão para acariciar levemente a ponta de seu nariz.

Ela afasta meus dedos com um bufo. — E você nunca para de me irritar.

Pego a mão dela novamente e a guio pelo meu braço até que ambas as palmas descansam em meus ombros. Então deslizo minhas mãos em volta de sua cintura e atrás de suas costas, tomando cuidado com seu lado machucado enquanto a puxo para mais perto.

E então nós apenas balançamos.

Nenhuma coisa extravagante, nenhuma valsa para pisar no ritmo. Só nós, no meio de uma floresta, rodeados por milhares de estrelas piscantes. Seus cílios tremulam e então seus dedos estão entrelaçados atrás do meu pescoço.

A tensão entre nós fica tensa, como uma corda invisível conectando nós dois. Meu pulso acelera e sua respiração também, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Eu nunca deixo de irritar você, hein? — Observo seu rosto enquanto a puxo para mais perto. — Queria saber então. Esta é uma exceção?

Ela engole em seco e abaixa a cabeça, sem me oferecer uma resposta. Sorrio levemente enquanto tento fazê-la falar, um problema com o qual nunca tive que lidar antes. — Pae?

Ainda sem resposta.

Meus dedos seguram seu queixo, guiando suavemente seu olhar para encontrar o meu. Há confusão estampada em seu rosto enquanto ela solta uma risada trêmula. — Estou chateado por *não* achar isso chato.

Minha mão aperta sua cintura como se pudesse pegar fogo ao senti-la. Estou envergonhado com o quanto essa garota me envolve, com medo de como estou afetado. Isso me faz sentir igualmente fraco e maravilhoso. Alarmado, mas *vivo*.

— Por que você não atirou em mim, Paedyn?

A pergunta sai da minha boca, curiosa e quieta. Ela inclina a cabeça, me estudando.

— Você vai ter que ser mais específico do que isso, Azer.

Defletindo.

Abro um sorriso, sabendo que ela está ciente do que estou me referindo. — Você poderia ter atirado em mim há alguns dias, mas atirou no chão. Eu quero saber por quê.

Ela faz uma pausa, ponderando sua resposta. Então seus olhos estão presos nos meus. — Só porque eu estava condenado à morte não significa que eu queria amaldiçoar você também. — Seus olhos vagam por mim e eu aprecio a sensação de seu olhar.

E então ela se afasta.

Suas mãos estão de volta em meus ombros, rígidas e teimosamente imóveis. Então seus olhos estão voltados para o céu, optando por olhar para as estrelas em vez de para mim. Ela suspira pelo nariz, recompondo-se silenciosamente.

E estou fazendo o mesmo, tentando me recompor depois que ela se afastou.

Sim, somos adversários. Sim, eu sou o futuro Executor. Sim, sou um assassino que não tem o direito de querer ficar com ela. Mas há algo mais, algo que a faz se recusar a admitir esta ligação confusa que partilhamos.

Pragas, estou chateado por ter admitido isso para mim mesmo.

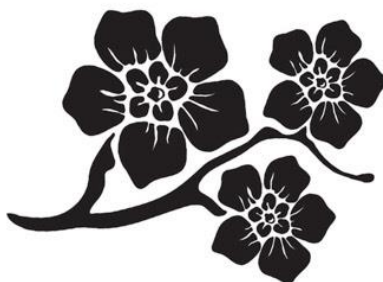
Minhas máscaras ainda estão de prontidão, minhas paredes ainda no lugar, mas ela está lentamente destruindo minhas fachadas e fortalezas. E de repente estou com raiva de mim mesmo por permitir isso. Por me permitir *me importar*. Por me permitir pensar nela de uma forma diferente da minha concorrência.

Porque ela deixou claro que isso é tudo que sou para ela.

— Kai, — ela diz baixinho, o som do meu nome em seus lábios me arrancando dos meus pensamentos. — Eu...

Uma voz suave e feminina corta suas palavras. — Desculpe interromper, mas vocês dois têm algo que eu preciso.

Capítulo Vinte e Nove



Paedyn

A VOZ ECOA ao nosso redor. Kai e eu nos separamos, instintivamente girando para pressionar as costas um contra o outro. Aperto os olhos na penumbra onde os contornos de figuras altas e escuras começam a tomar forma. Um suspiro relutante ressoa na escuridão, amplificado pelos numerosos corpos que nos rodeiam.

Estamos encurralados.

Todos eles dão um passo medido à frente, nos prendendo numa jaula humana de corpos. Dezenas de olhos castanhos brilham à luz do fogo, cabelos escuros e pele brilhando.

Sadie.

— Tudo que eu quero são suas faixas e irei embora. — E então ela quase sorri ao olhar para suas cópias. — Bem, *nós iremos* embora.

Kai suspira, aparentemente irritado com tudo isso. — Você sabia que não lhe daríamos nossas faixas e ainda assim nos interrompeu de qualquer maneira.

— Tudo bem, — Sadie diz secamente. — Então me dê uma faixa e ninguém terá que se machucar.

Meus olhos se dirigem para meu arco, a poucos metros de mim – a poucos metros de distância e atrás da parede de Sadies. Não tenho uma única arma para me defender e nunca me senti tão exposta. É como se eu tivesse sido despida. Quase posso sentir o fantasma da adaga do meu pai contra minha coxa, me fazendo desejar mais do que qualquer coisa tê-la aqui comigo.

Vários pares de olhos castanhos passam entre nós dois, ainda costas com costas, antes de travarem nos meus. — Não quero machucar você, mas farei isso se for necessário. — Ela faz uma pausa e sua voz é uniforme e insensível quando ela diz: — Eu farei isso se isso significar que vou vencer.

Estou prestes a abrir a boca e responder quando calos roçam os meus, segurando minha mão atrás das costas. Quase estremeço com o contato, mas Kai abre meu punho, pressionando algo frio e duro em minha palma antes de enrolar meus dedos em torno dele. Então, com a mesma rapidez, sua mão desaparece.

A coisa morde minha pele, perfurando as bordas pontiagudas. Luto para manter o sorriso longe do meu rosto quando percebo o que ele me deu.

Uma arma. Ele me deu uma chance de lutar.

É pequena, mas mesmo assim é uma arma. Agarro a estrela ninja em meu punho, sem me importar se as pontas afiadas perfuram minha pele. Este pequeno objeto pode ser a diferença entre a vida e a morte.

A única arma que Kai tem é a espada amarrada ao seu lado, mas, novamente, ele próprio é uma arma. Estou chocada que ele não tenha sentido o poder de Sadie se aproximando de nós, mas suponho que não posso culpá-lo, considerando o quão distraída *eu* estava com suas mãos em mim, suas palavras com significados subjacentes, meu batimento cardíaco acelerado quando ele também se aproximava de mim.

Respiro fundo.

Vamos lidar com um problema de cada vez.

— Então eu acho que você vai ter que me machucar se tiver alguma esperança de conseguir minha faixa, — eu respiro, olhando para os Sadies enquanto eles dão um passo lento à frente.

Ela balança a cabeça para mim, como se estivesse desapontada com minha decisão. — Tudo bem. Mas não diga que não avisei.

E então ela está de repente na minha frente, segurando a ponta de uma adaga curta na minha garganta. Antes da próxima batida do meu coração, ela puxou meu braço e puxou minhas costas contra seu peito. A lâmina que ela ainda segura contra minha garganta afunda mais profundamente em minha carne a cada respiração superficial.

— Só vou pedir mais uma vez. — A voz de Sadie é afiada, muito diferente do tom suave que estou acostumada a ouvir dela. — Me dê sua faixa, Kai, ou cortarei a garganta dela.

O príncipe pisca para a cena diante dele, parecendo completamente imperturbável.

Ele sabe que posso cuidar de mim mesma e, embora me sinta lisonjeada com esse fato, sua ajuda poderia ser útil neste momento. Sangue quente começa a escorrer pelo meu pescoço e me esforço para manter a calma.

Kai simplesmente dá de ombros diante da ameaça. — Vá em frente Então. — Ele acena em direção à lâmina pressionada em minha garganta. — Veja se me importo. Afinal, somos apenas oponentes. Menos competição.

Praticamente posso ouvir Sadie piscar atrás de mim. Ela está claramente chocada com a falta de preocupação dele, especialmente depois de ver nós dois dançando juntos apenas alguns minutos atrás. Eu também ficaria surpresa se não estivesse tão acostumado a ver suas máscaras — se não reconhecesse a máscara fria que ele acabou de usar.

Ela endurece atrás de mim. — Estou vendo seu blefe, príncipe.

Sinto a mão dela começar a tremer, começar a cortar mais fundo na minha pele.

E então eu ataquei.

Eu bato a estrela ninja afiada no tecido macio de sua barriga, empurrando-a profundamente enquanto empurro sua mão ainda segurando a faca para longe do meu pescoço. Ela grita e se afasta, me fazendo tropeçar em Kai. Bem, um deles. Existem agora várias formas musculosas, todas refletindo suas ondas negras bagunçadas e olhos tempestuosos. Ele assumiu a habilidade dela.

Eu bato em seu peito antes que mãos fortes agarrem os lados dos meus braços. Quando olho para seu rosto, ele tem a coragem de *piscar* antes de dizer: — Bom trabalho, Gray. Sempre posso contar com você e suas tendências violentas. — Com isso, ele gira e enfia sua espada em uma das duplicatas de Sadie.

Uma multidão de Sadies cerca Kai e suas próprias cópias, mantendo-o ocupado e incapaz de chegar ao verdadeiro e acabar com essa luta rapidamente. Me lembro de um dia que passei treinando no castelo, quando vi Sadie lutando com Braxton. Eles lutaram e dançaram um ao outro até que Braxton chegasse até a verdadeira Sadie, finalmente derrubando-a e encerrando a luta.

E é exatamente isso que vou fazer. Exceto que, ao contrário das ilusões de Ace que já tive o prazer de enfrentar, Sadie e suas cópias podem me tocar e me machucar. Com esse pensamento perturbador em mente, danço na ponta dos pés, preparada para atacar. Eu me afasto das cópias que enxameiam Kai, sabendo que ele pode cuidar de si mesmo enquanto confia que eu posso fazer o mesmo.

Restam apenas três Sadies, e duas das quais guardam a verdadeiro, que atualmente segura a ferida em seu estômago com a mão ensanguentada. Suas cabeças se voltam em minha direção, e mal tenho tempo de assumir minha posição de luta antes que uma delas me ataque.

Infelizmente para mim, Sadie sabe lutar. Como seu poder é simplesmente duplicar seu próprio corpo, ela automaticamente tem força numérica. Mas ela está treinada para que esses números tenham força própria.

Um gancho de direita voa em meu rosto e eu me abaixo, acertando um golpe rápido em seu estômago. Sadie cambaleia para trás com um grunhido, e eu aproveito a oportunidade para enviar um chute acertando seu lado. Ela pega minha perna e me puxa para frente. Exatamente o que eu esperava. Agarro seus ombros e pulo, enfiando meu outro joelho profundamente em seu estômago. Ela deixa cair minha perna com um grito de dor, e eu deslizo meu anel em meu dedo médio antes de socar sua têmpora. Murmuro uma maldição enquanto sacudo minha mão dolorida, mas ela desmaia antes mesmo de atingir o chão.

Uma mão puxa meu cabelo com força e minha cabeça é puxada para trás. Deixei escapar um suspiro estrangulado quando um cotovelo se prendeu em minha garganta, esmagando minha traqueia. Não consigo respirar, tonto de dor enquanto pontos nadam

diante da minha visão. Mas eu piso em seu pé antes de dar uma cotovelada forte em seu estômago. Ela afrouxa o aperto e eu me viro, agarrando sua nuca e batendo seu nariz no joelho que levanto para cima. Ela gagueja e ergue o punho, conseguindo acertá-lo no meu queixo. Ignoro a dor e caio, estendendo minha perna antes que ela caia no chão. Ela bate no chão com um baque, mas eu já desviei minha atenção de sua forma esparramada.

Meus olhos encontram os olhos castanhos fumegantes pertencentes à verdadeira Sadie. Ela dá um passo em minha direção, com sangue escorrendo por entre os dedos enquanto cobre o ferimento. — Só saiba que não quero fazer isso — diz ela, com a voz tensa. — Mas eu tenho que.

E então seus punhos estão voando em minha direção em uma combinação de ganchos, socos e punhos. Estou impressionado com quanta velocidade e força ela ainda tem depois de ser esfaqueada, me forçando na defesa. Eu me esquivo de seus golpes até acertar um em sua mandíbula.

Ela grunhe de dor antes de dar um chute na minha têmpora. Eu mal o bloqueio, o calcanhar dela ainda batendo na lateral da minha cabeça. Dançamos um ao redor do outro, lançando diversas combinações de socos e chutes.

Seu punho bate em meu lábio e minha cabeça vira para o lado antes de eu cuspir sangue. Dou um chute forte em seu lado já ferido e ela grita de dor. Então dou um golpe em sua mandíbula, outro em seu ferimento, um chute em sua têmpora.

Ela grita, tentando me acertar com um soco preguiçoso, mas eu pego seu pulso facilmente, torcendo-o em um ângulo estranho antes de dar uma joelhada em seu estômago. Eu agarro sua camisa com uma mão enquanto a outra está fechada em um punho, atualmente inclinada para trás e pronta para atacar. Eu o mando voando em direção ao rosto dela, pronto para encerrar essa luta com um golpe final.

Exceto que meu punho não se move.

Mãos frias seguram meus pulsos, puxando meus braços até que eles fiquem bem presos atrás das minhas costas. Estou tão chocada, tão tensa e cansada que não consigo lutar contra o forte aperto, não consigo fazer nada para libertar minhas mãos.

Minha cabeça gira e fico cara a cara com uma Sadie com o nariz sangrando, aquela com quem lutei antes.

— Olhe para mim, Paedyn. — Minha cabeça vira a Sadie original agora segurando uma faca nas mãos ensanguentadas diante de mim. Eu chuto as pernas da Sadie atrás de mim, apenas fazendo com que ela chute a parte de trás dos meus joelhos, me fazendo cair no chão.

Desamparada. Impotente.

Sadie está de pé ao meu lado, parecendo contemplar algo enquanto me ajoelho diante dela. — Você nunca vai parar de lutar comigo, não é? — Em resposta, me contorço nas mãos de Sadie, tentando desesperadamente me libertar. Ela balança a cabeça para mim, oferecendo um olhar de desculpas. — Talvez Kai estivesse certo. Quanto menos concorrência, melhor.

Ela agarra o cabo da adaga com as duas mãos, levantando-a acima da cabeça.

Então é assim que eu morro.

Sobrevivi toda a minha vida como uma Ordinária e, no entanto, é assim que tudo termina. Por uma mísera adaga. Não sei dizer se quero rir ou chorar.

Sadie segura a faca acima da cabeça, pronta para enfiá-la em meu coração que bate rapidamente enquanto sussurra: — Eu disse a você que não queria fazer isso. Mas eu tenho.

Kai ficará furioso por ter salvado minha vida por nada.

— Sinto muito, — Sadie engasga quando a ponta da lâmina vem correndo em direção ao meu coração. E impossivelmente, inacreditavelmente, de repente estou pronto para isso.

Vejo você em breve, pai.

Nada.

A lâmina para a poucos centímetros do meu coração.

Estou tremendo, meus olhos indo da faca parada até minha quase assassina. Sangue escorre da boca de Sadie, seguido por um suspiro gorgolejante deslizando entre seus lábios. Ela olha para baixo, com os olhos arregalados, e eu sigo seu olhar até a espada que agora se projeta de seu peito.

A adaga escorrega de seus dedos enquanto lágrimas escorrem por seu rosto. Ela tropeça para trás, ofegante, em um peito largo. Kai envolve seus braços em volta dela e gentilmente a guia para o chão, um som enjoativo de gargarejo escapando de seus lábios.

E então ela de repente fica em silêncio, seus olhos castanhos olhando para o céu negro — amplos, cegos e brilhantes.

As Sadies ao nosso redor desaparecem, deixando minhas mãos livres para cobrir minha boca enquanto engasgo. Estou tentando absorver o que acabou de acontecer, tentando respirar enquanto ofego fracamente.

Kai cai de joelhos ao meu lado, com preocupação franzindo a testa. — Você está machucada? — Seus olhos vagam por mim como os dedos agora percorrem levemente meu corpo, verificando se há ferimentos, assim como fizeram algumas noites antes. — Paedyn, olhe para mim. — Mãos ásperas estão segurando meu rosto agora, guiando meu olhar para ele. — Me diga se ela machucou você?"

— E-eu estou bem.

Eu não estou bem.

Eu odeio esses Provas porque eles matam pessoas, e agora acabei de testemunhar isso em primeira mão. Eu fiz parte disso. Eu não pedi nada disso, não queria que ninguém morresse. E agora, outra vítima das Provas está imóvel a poucos metros de distância.

"Eu disse a você que não quero fazer isso. Mas eu tenho."

Sadie não queria me matar e, ainda assim, quase desejei que ela tivesse feito isso. Quase gostaria de ter um motivo para odiá-la, um motivo para desejar esse destino para

ela. Mas foram essas provações distorcidas que forçaram sua mão trêmula a levantar aquela adaga acima de sua cabeça, forçando-a a quase tirar uma vida.

Olho para seu corpo ensanguentado, flácido e tão próximo. Uma imagem do meu pai passa diante dos meus olhos, substituindo a garota que tentou me matar pelo pai que teria matado por mim. Eu o testemunhei morrer de forma semelhante e tento afastar a imagem. Mas seu corpo ensanguentado não se mexe...

— Ei, olhe para mim, ok? Não olhe para ela, olhe diretamente para mim. — As mãos de Kai ainda seguram gentilmente meu rosto quando deslizo meu olhar de volta para o dele, tentando focar em algo diferente da morte na minha frente. Exceto que o próprio príncipe parece ser a morte encarnada, uma arma empunhada.

— Se concentre nos meus olhos. Eu sei o quanto você gosta de olhar para eles. — Seu olhar cinza brilha com diversão, e o canto de seus lábios se levanta enquanto minha boca se abre. Ele me conhece bem o suficiente para saber que estou prestes a começar a repreendê-lo em resposta a esse pequeno comentário, então ele pressiona um dedo nos meus lábios antes que eu tenha a chance.

— Se concentre nas covinhas que você tenta se convencer de que odeia, mesmo sabendo que você as procura toda vez que sorrio. — Com certeza, seu sorriso se espalha e meus olhos traidores se voltam para as covinhas que o emolduram.

O polegar que ele passa sobre meu lábio inferior faz meus olhos se arrastarem de suas covinhas para encontrar seu olhar. — Se concentre em meus lábios. — Sua voz é um murmúrio, uma carícia como os dedos roçando meu rosto e minha boca. — Não seja tímida, sei que não seria a primeira vez.

Meus olhos vão para seus lábios, percorrendo a curva sensual deles. Ele é tão fácil de olhar, de admirar. Tudo nele é irritantemente sedutor, distraindo tão facilmente...

Distração.

Quando meus olhos se iluminam com a percepção do que ele está fazendo, seu leve sorriso me diz que estou certa. Esse garoto calculista acabou de me distrair de um cadáver usando nada além de si mesmo para fazer isso.

— Tem certeza de que isso foi para me distrair e não para aumentar o seu ego? — Eu pergunto, minha voz enganosamente calma.

— Por que não podem ser os dois?

— Idiota, — eu murmuro.

Ele não para de sorrir para mim. — Posso ser um idiota, mas acabei de salvar você. — E então, sem aviso, seu sorriso desaparece e é substituído por um exame sério enquanto ele me examina. — Como você está? Você se acalmou?

Respiro e fecho os olhos por um momento. Uma imagem do corpo ensanguentado de Sadie passa pela minha mente antes de mudar para o do meu pai.

— Estou bem agora — minto, odiando o quão tensa minha voz soa.

Ele balança a cabeça para mim, murmurando: — Eu te disse. Você é uma péssima mentirosa, Gray.

Uma risada trêmula me escapa. O som é tão errado com um corpo sem vida tão perto, mas não consigo me controlar. Neste ponto, minhas únicas opções são rir ou chorar, e me recuso a fazer a última opção.

Kai estuda meu rosto, parecendo ver a batalha travada dentro de mim. Sem dizer uma palavra, ele passa um braço em volta da minha cintura e me ajuda a ficar de pé. Eu sei que deveria afastá-lo, deveria dizer que não preciso da ajuda dele. Mas sou fraca em muitos aspectos, e a proximidade dele é meu único conforto neste momento.

Ele me guia até um toco e me faz sentar, agachando-se para olhar meu rosto. — Pae — ele fala a sílaba tão suavemente, — fique aqui e se acalme. Apenas respire, certo? Você ainda está em choque.

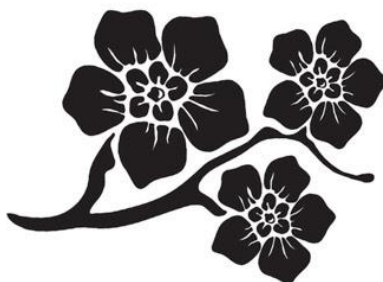
Concordo com a cabeça entorpecida enquanto ele me avalia novamente. Seu olhar nunca se desvia do meu enquanto ele levanta lentamente a mão para deslizar os dedos sobre os meus, parecendo procurar por algo. Eles param no aço frio ao redor do meu dedo antes de girar o anel preguiçosamente, refletindo um movimento com o qual estou familiarizada. — Se distraia. Gire isso como sempre faz para se manter ocupada, para manter sua mente longe das coisas.

Pisco para ele, chocada por ele conhecer meus hábitos, saber como me ajudar. Estou surpresa com o quão calmo e controlado ele fica depois de matar alguém, embora eu não devesse ficar. Ele foi criado para isso, moldado como um assassino insensível à morte que ele distribui. Reprimos um arrepio ao pensar nos horrores que esse garoto assombrado cometeu. Os horrores que ele *suportou*.

Kai se levanta para sair. — Eu vou... limpar isso. Eu volto em breve. E pela primeira vez — ele suspira, — me ouça e fique onde está.

E então ele se foi, me deixando girando meu anel sem descanso.

Capítulo Trinta



Paedyn

SEM SURPRESA, eu não o ouvi. Assim que minha bunda ficou dormente por estar sentada naquela porcaria de toco, me levantei e andei em círculos ao redor do acampamento antes de jogar água fria do riacho em meu rosto e corpo. Então minha bunda ficou gelada e me aproximei do fogo para me deitar no chão duro que conheço tão bem.

Me recusei a ver Kai levantar o corpo de Sadie por cima do ombro e sair com ela. Onde ele a largou, não faço ideia. E não quero saber, percebi. Mas deixo meus pensamentos vagarem enquanto ele vagueia pela floresta com um cadáver pendurado no ombro.

Observo o fogo apagado de onde estou deitada de lado, a dobra do meu braço debaixo da cabeça formando um travesseiro desconfortável. Minha respiração agora está sob controle, o tremor dos restos de adrenalina e choque desapareceu. Eu poderia estar deitada aqui há horas se quisesse tentar acompanhar a hora.

Uma sombra de repente passa sobre mim, pertencente a alguém que agora está agachado atrás de mim.

Agarro o cabo da faca de Sadie e me viro com um movimento rápido, levando a ponta da lâmina até a garganta de quem decidiu que era uma ideia inteligente se aproximar de mim. Meus olhos se chocam com os cinzas tempestuosos, parecendo mais divertidos do que com medo.

— Calma, — Kai murmura, gentilmente envolvendo sua mão áspera em volta do meu pulso e puxando a adaga para longe dele. — Sou só eu. — O canto de sua boca se torce quando ele diz: — Embora eu duvide que esse conhecimento o impeça de manter esta lâmina em minha garganta.

Consigo dar um leve sorriso ao pensar nisso, passando a mão pelo meu cabelo emaranhado enquanto olho para ele agachado ao meu lado. — Já que somos parceiros agora, você não precisa se preocupar com a possibilidade de eu te esfaquear por enquanto.

Ele solta uma risada profunda, e espero que a luz fraca esconda a maior parte do meu sorriso ao ouvir o som. — E quando não formos mais parceiros? Devo temer pela minha vida?

— Isso seria sensato, sim.

Eu mal o ouço murmurar: — Coisinha cruel.

Ficamos em silêncio por um momento e meu sorriso começa a desaparecer lentamente. Estou cansado e surpreendentemente confortável na terra batida, então não me preocupo em me mover enquanto digo: — Você...

— Sim, — ele me interrompe, me poupando de ter que falar sobre o corpo de Sadie.

Meu olhar se fixa em suas mãos e na fina camada de sujeira que as cobre. Está debaixo das unhas, espalhado pelos braços. Uma mancha amarela nas pontas dos dedos chama minha atenção, um pó fino manchando sua pele.

Sujeira. Pólen.

Minha voz é pouco mais que um sussurro. — Você a enterrou.

Kai fica parado ao meu lado.

— Não só isso, — meus olhos deslizam lentamente para encontrar os dele, — você colocou flores no túmulo dela.

Seu sorriso é quase triste, cheio de cansaço. — Nada passa despercebido por você, pequena Psíquica. — Ele estende a mão, cutucando a ponta do meu nariz como fez quando dançamos. De alguma forma, a simples ação parece muito mais íntima do que gostaria de admitir, como se ele estivesse compartilhando algo precioso comigo, dizendo algo sem pronunciar uma única palavra.

Seguro sua mão antes que ele se afaste, tentando ignorar a sensação de seus calos contra os meus. — Obrigada, Kai. Foi bom você fazer isso por ela.

Seus lábios se contraem e seus olhos caem para nossas mãos unidas antes de voltarem para os meus. — Ah, eu não fiz isso por ela.

A intensidade em seu olhar me faz engolir em seco, mas não desvio o olhar. Eu não *quero* desviar o olhar. Ele passa o polegar sobre os nós dos meus dedos, a ação é tão calmante, tão gentil.

Ele inclina a cabeça para o lado, me inspecionando. — Como você está se sentindo? — Abro a boca, mas Kai me vence na resposta ensaiada. — E não se preocupe em dizer que você está bem, porque nós dois sabemos que isso é mentira.

Outro golpe de seu polegar nos nós dos meus dedos.

— Eu... — Meus olhos se fecham e respiro fundo. — Estou me sentindo como se quase tivesse morrido hoje. Estou me sentindo sobrecarregada e perdida. Estou furiosa e frustrada porque não sei *como* me sentir em relação a tudo isso. — Faço uma pausa enquanto Kai espera pacientemente que eu continue. — E sinto que devo um agradecimento a você. Eu teria morrido hoje se não fosse por você ter me salvado.

Ele se inclina mais perto, os olhos cheios de emoções mal reprimidas. — E vou salvar sua vida de novo e de novo, esperando sem rumo que você me permita permanecer nela.

Nós nos encaramos.

Essas lindas palavras dele fazem meu coração bater forte e meu cérebro ficar confuso sobre possíveis significados. A tensão entre nós é tangível, tirando meu fôlego quando ele me observa. Estou buscando algo, *qualquer coisa*, para dizer, mas estou ocupada demais olhando para pensar direito.

E então uma pergunta silenciosa passa pelos meus lábios, quebrando a tensão entre nós. — Como você está tão calmo depois de tudo isso?

Eu sei a resposta e, ainda assim, quero ouvi-la dos próprios lábios dele. — Eu nem sempre fui assim — ele diz suavemente. — Mas a prática leva à perfeição, e eu já tive muita.

Nós nos encaramos em silêncio e, mais uma vez, estou lutando para encontrar algo a dizer. Então me lembro da faixa de couro que roubei dele e tiro minha mão da dele para tirá-la do bolso. — Bem, suponho que esta seja a única maneira de retribuir. Porém, para começar, é sua.

Ele me dá um encolher de ombros preguiçoso. — Fique.

Eu bufo. — Eu não quero sua pena.

— Não é pena, Paedyn. — Ele suspira as palavras, meu *nome*. — Além disso, agora tenho outra, e acabar com Sadie foi um esforço conjunto. — Eu o encaro, preparada para discutir, já que nós dois sabemos que ele não *precisava necessariamente* da minha ajuda com Sadie. Ele sente a luta em meus olhos. — Apenas pegue a maldita faixa, Gray.

Se ele quisesse me oferecer a única coisa que preciso para me ajudar a vencer essas Provas, tudo bem.

Eu fico com a maldita faixa. Mas não antes de me divertir um pouco.

Um sorriso torce meus lábios. — Diga por favor.

Ele desvia o olhar de mim, balançando a cabeça para o céu estrelado. — Você estava apenas esperando para me fazer dizer isso, não é?

— Morrendo de vontade, na verdade.

Seus antebraços descansam sobre os joelhos dobrados enquanto ele se inclina ainda mais perto, o rosto pairando bem acima do meu. O sorriso que ele me dá é tão preguiçoso quanto seu olhar percorrendo meu rosto. — Por favor, Pae.

Um arrepio percorre minha espinha com a carícia que é sua voz. — Essa parece ser uma palavra estranha para você, príncipe.

— Graças a você, tenho a sensação de que vou me familiarizar muito com isso. Poucos têm o poder de me fazer implorar.

Engulo em seco, optando por ignorar suas palavras enquanto enfio a faixa no bolso e rolo para encarar o fogo mais uma vez, de repente com frio e contente por ficar quieta. A temperatura caiu significativamente esta noite, e minha regata fina faz pouco para me manter aquecida.

— Mas eu tenho uma condição.

Reviro os olhos.

Claro que sim.

— E o que seria ela? — pergunto entre dentes, sem me preocupar em olhar para ele.

Um braço envolve minha cintura, evitando cuidadosamente meu ferimento enquanto me puxa contra um peito largo. Eu me assusto com o contato repentino e uma risada suave soa perto do meu ouvido. — Eu posso usar você para me manter aquecido.

Há uma certa hesitação nele, o tipo de timidez que ele só me deixa ver em momentos como este. Ele me segura frouxa e delicadamente, como se quaisquer sentimentos frágeis compartilhados entre nós pudessem se despedaçar se fossem tratados com falta de cuidado.

Uma pergunta envolve cada toque persistente, cada olhar muito longo, cada camada de nós mesmos que escolhemos contar um ao outro. O braço ao meu redor não é diferente, falando muito na forma de dedos flutuantes e aperto hesitante.

Está tudo bem?

Eu engulo em seco. Minha garganta ficou seca.

Minha resposta é agonizantemente lenta enquanto deslizo para mais perto dele.

Está mais do que bem.

A ansiedade é uma emoção que sempre fui capaz de atribuir às circunstâncias e gostaria desesperadamente que não fosse o desejo guiando minhas decisões.

Eu o ouço respirar fundo, só então percebendo que ele estava prendendo a respiração.

E então todo o resquício de hesitação desaparece.

Sua mão pousa no outro lado da minha cintura, onde minha regata está lentamente começando a deslizar para cima. Ele não perdeu tempo me puxando contra ele, me permitindo sentir a subida e descida do seu peito, sentir a batida constante do seu coração batendo contra as minhas costas.

— Me diga, *isso* te incomoda? — ele pergunta baixinho, sussurrando a pergunta perto do meu ouvido. Ele está jogando minhas palavras de volta para mim, e quase posso senti-lo sorrindo. Ele *quer que* isso me irrite. Quer que isso me irrite e me deixe nervosa com cada dedo que ele tem no meu corpo.

Desgraçado.

Eu simplesmente não posso permitir isso. Então, digo com uma confiança que não sinto atualmente: — De jeito nenhum. Não posso ser incomodado, Azer.

— Bom, — ele diz friamente. Então ele deita a cabeça em meu braço e ombro, seu cabelo macio e escuro fazendo cócegas em minha pele. — Quem precisa de um travesseiro quando eu tenho você?

Eu bufo com o que espero que pareça aborrecimento. Graças a ele, agora estou de repente bem acordada e incapaz de me concentrar em qualquer outra coisa além do calor do seu corpo contra o meu. Ele finalmente tira a cabeça do meu ombro e a coloca perto da minha, praticamente enterrada no meu cabelo.

— Bons sonhos, Pae.

— Bons sonhos, Kai.

Sua mão aperta levemente minha cintura em resposta ao som de seu nome saindo da minha língua. E então seu polegar está roçando movimentos leves e preguiçosos sobre o tecido da minha regata fina. Reprimo um arrepio, engulo e fecho os olhos.

Apenas vá dormir.

Mais fácil falar do que fazer.

Estou muito focada em seu polegar, seu braço firmemente em volta de mim, seu peito subindo e descendo contra minhas costas.

Eu odeio *não* odiar isso.

E é aí que me ocorre.

Distração.

Ele está fazendo isso de novo. Ele está tirando minha mente da morte que acabei de testemunhar, do fato de que o vi matar alguém porque ia me matar. Ele é a única coisa que mantém meus pensamentos longe do cadáver de Sadie, a única coisa que vai afugentar os pesadelos desta noite, porque estou muito ocupada pensando *nele*.

E esta é uma distração que beneficia a nós dois.

Eu me pego sorrindo ao pensar no garoto calculista atrás de mim.

O garoto calculista, que por algum motivo *se importa*.

Capítulo Trinta e Um



Kai

PASSAMOS nosso último dia nos Sussurros tentando sair. Já era fim de tarde quando uma Observadora interrompeu nossa rotina de comer coelhos borrachudos juntos. A garota era jovem e tímida, apenas conseguindo deixar cair um pedaço de pergaminho dobrado em um toco próximo antes de desaparecer na floresta.

O bilhete, sem surpresa, era incrivelmente enigmático. Não ofereceu detalhes, apenas nos informou que nos encontraríamos na orla dos Sussurros ao nascer do sol.

Então, depois de escalar outro pinheiro abandonado pela Praga para ver em que direção seguir, partimos caminhando pela floresta. E depois de muitas horas assim, ficamos inquietos, para dizer o mínimo.

Ouço Paedyn xingar, tropeçando atrás de mim. — Essas malditas cobras! — Eu me viro a tempo de vê-la virar a adaga em sua mão, segurando-a pela lâmina antes de enviá-la voando sem esforço contra a cabeça de uma cobra que rasteja por seus pés. O sibilo morre junto com o resto da criatura antes que Paedyn puxe casualmente a lâmina de seu crânio.

Me viro para o caminho de folhagem espessa à minha frente, com um sorriso aparecendo em meus lábios graças à garota atrás de mim. Então ouço uma frase murmurada seguida por uma série de palavrões que só conseguem fazer meu sorriso crescer. — Sinto muito, o que foi isso, Gray? — pergunto, sem me preocupar em olhar por cima do ombro.

— Estamos todos sendo forçados a entrar em uma área apenas para um banho de sangue — ela bufa, passando por mim.

— Isso parece certo, — eu digo com um suspiro.

O céu acima de nós está escurecendo rapidamente e, sob a cobertura das árvores, a luz fica ainda mais fraca. Ela se vira, e eu a vejo abrir a boca para provavelmente fazer

algum comentário espertinho antes de fechá-la quando o som de um galho quebrando ecoa ao nosso redor.

Paramos, os olhos examinando as infinitas árvores e plantas que nos cercam. Seja o que for, parecia pesado e vindo em nossa direção. Então, ouço uma voz abafada ficar mais alta à medida que o dono dela se aproxima.

— Por favor, não há como você se teletransportar daqui até a borda dos Sussurros.

— Eu certamente poderia. Está escuro agora, então não posso. Ah, e há muitas árvores bloqueando minha visão. Mas se não fosse por isso, eu totalmente poderia.

— Claro. Use isso como sua desculpa.

— Acho que você está com ciúmes.

— Continue dizendo isso a si mesma.

Ouço o eco de risadas e o som de pés arrastando, sem dúvida o resultado de empurrões brincalhões. O poder dos dois oponentes próximos penetra em meus ossos, mas não preciso conhecer suas habilidades para saber quem eles são.

Paedyn segue hesitantemente atrás quando vou na direção deles. Atravesso as árvores e plantas, meu pulso acelerando em antecipação. Afastando um galho, vejo as duas figuras caminhando em nossa direção.

Andy estica o pé e acerta o tornozelo de Jax, quase o jogando no chão. Sua risada silenciosa é abruptamente interrompida quando eles me veem e param no meio do caminho.

— Bem, não pareça muito animado para me ver, — eu digo secamente, dando um passo em direção a eles.

— Kai? — Jax está semicerrando os olhos em meio à escuridão crescente, mas seus olhos se iluminam com o reconhecimento. Ele está diante de mim em alguns de seus longos passos, e eu pego sua cabeça na dobra do meu braço para despentear seu cabelo curto, apesar de seus protestos.

Andy se aproxima com um sorriso. — É bom ver que você está vivo.

— Sim, isso é ótimo, — Jax concorda, esfregando a cabeça. — Mas eu poderia ficar sem sua saudação habitual.

— Então, como foi sua estadia nos Sussurros... — Andy para, seus olhos deslizando para algo por cima do meu ombro.

Paedyn fica ao meu lado, oferecendo um sorriso hesitante. Ela não confia neles e eu não a culpo. Mas está claro que ela confia em mim, caso contrário ela teria corrido em vez de me seguir até aqui. Suprimo um sorriso ao pensar nisso e digo: — *Tivemos* uma estadia bastante agitada nos Sussurros.

Andy oferece a Paedyn um sorriso e um aceno de cabeça enquanto Jax sorri timidamente. Meu olhar se volta para o céu escuro e suspiro. — É melhor continuarmos andando se quisermos chegar à beira ao amanhecer. — Viramos e começamos a caminhar pela folhagem espessa, remexendo um pouco no escuro. — Então, nos conte o que aconteceu com vocês dois.

Andy ri amargamente. — Uma pergunta melhor seria o que *não* aconteceu conosco.

— Nós nos encontramos no terceiro dia, — Jax interrompe, — mas antes disso, eu estava bem escondido, já que minha habilidade não funciona tão bem em terrenos lotados como este. Eu vi Blair uma vez, mas me teletransportei para o alto de uma árvore antes que ela pudesse me ver e arrancar meu braço para pegar minha faixa.

— E Pragas sabe que ela também faria isso — Andy murmura baixinho enquanto Paedyn cantarola em concordância.

Jax continua encolhendo os ombros. — Mas além dela, eu não vi mais ninguém quando estava sozinho. Minha maior competição era sobreviver sozinho na floresta.

— E você, Andy? — Paedyn pergunta curiosamente.

— Bem, ao contrário de Jax aqui, tive a sorte de encontrar dois oponentes sozinho. — Ela quase revira os olhos de aborrecimento. — Encontrei Blair e a luta foi... intensa. Mas infelizmente, a vadia quase ficou com a minha faixa. E então — ela prossegue as palavras, — um dia antes de encontrar Jax, Hera me fez uma visita. Acordei no meio da noite com uma faca invisível tentando serrar a faixa do meu braço. Acabei conseguindo a faixa dela, mas não foi fácil, considerando que eu não conseguia vê-la na metade do tempo.

— Então Andy me encontrou e estamos juntos desde então. — Eu ouço o sorriso fácil na voz de Jax. — Braxton nos encontrou, mas depois que nós - bem, principalmente Andy - o derrubamos, descobrimos que ele não tinha a faixa dele. — Os olhos de Jax se arregalam e ele deixa escapar: — Ah, e ele estava coberto de todas essas queimaduras desagradáveis. Foi nojento.

Eu limpo minha garganta. — Sim, isso é graças a mim.

Andy ri. — Isso não é nada surpreendente.

— Ah! Também caímos em um poço de cobras — Jax interrompe com um estremecimento. — Essas coisas foram piores que a própria Prova.

Um bufo escapa de Andy. — Sim, estou surpreso que todos os competidores nos Sussurros não tenham ouvido Jax gritando como uma garotinha.

Com isso, Jax simplesmente encolhe os ombros, sem se preocupar em negar. — E então encontramos Ace. Com nós dois, não foi muito difícil derrubá-lo e roubar sua faixa. — Jax coça a cabeça, pensando em algo. — Especialmente porque ele estava mancando muito.

Posso ver o brilho do sorriso de Paedyn, mesmo na escuridão, começando a nos engolir. — E *isso* é graças a mim.

Paedyn e eu rapidamente contamos aos dois o que enfrentamos na semana passada, embora ela evite cuidadosamente os detalhes mais íntimos do nosso tempo juntos.

— Então, Sadie está morta? — Andy pergunta, a pergunta soando mais como uma afirmação.

— Sim, — eu digo simplesmente. — Ela está.

Conversamos por um longo tempo enquanto continuamos caminhando em direção à orla da floresta. Inevitavelmente, acabamos por ficar em silêncio, o único som vindo dos pássaros acima de nós e do estalar de folhas e galhos abaixo de nós.

Vejo a abertura no momento em que o céu começa a clarear. A liberdade boceja a centenas de metros de distância enquanto as árvores começam a diminuir e a borda dos Sussurros se aproxima. Nosso ritmo acelera, todos nós ansiosos para nos livrarmos deste lugar enquanto o sol nos apressa, rumo ao horizonte enquanto caminhamos em direção à liberdade.

Uma massa de corpos aparece entre as árvores. A menos de um quilômetro e meio da orla da floresta, centenas de pessoas estão reunidas no amplo campo, esperando pacientemente para assistir ao espetáculo.

Um público.

Ficamos todos em silêncio quando finalmente chegamos ao limite da linha das árvores. O sol diminuiu seu ritmo, com preguiça de nascer. Portanto, a Prova ainda não acabou. Olho para o mar de gente, todas apontando em nossa direção. Embora seus poderes estejam fora do meu alcance, sinto o peso dos Observadores ao nosso redor, se preparando para documentar o final.

Um movimento pisca na minha periferia. Todos nós giramos em direção a ele, o arco de Paedyn já puxado e apontado para a figura saindo das árvores e entrando no campo aberto do outro lado.

O cabelo lilás emaranhado voa pelo rosto de Blair enquanto seus lábios se torcem em um sorriso de escárnio, nos observando. Seu olhar frio está fixo em Paedyn enquanto ela diz: — Você não sabe que alianças estragam toda a diversão?

Paedyn suspira. — Eu diria que estou feliz em ver que você ainda está viva, mas aparentemente sou uma péssima mentirosa, então por que tentar?

Minha boca se contorce em um sorriso com suas palavras quando Braxton sai por entre as árvores. Seus olhos passam entre nós, parecendo determinados e desesperados para conseguir uma faixa antes do fim do Prova.

Portanto, a solução dele é começar a atacar Blair.

Afasto meus olhos dele quando ouço um galho quebrando atrás de nós. Eu me viro, olhando para nada além do ar fresco. E então Jax se dobra com o impacto de um soco inesperado e invisível. — *Aí* — ele chia.

Hera chegou.

Andy se transforma em sua forma de lobo, farejando o ar para encontrar Hera antes de atacar de repente no que só pode ser sua direção.

Viro minha cabeça, procurando.

Resta apenas uma Elite.

E então eu o vejo. Ele é o mais distante de nós, parado com os braços cruzados sobre o peito, observando o caos que se desenrola diante dele com um sorriso presunçoso. Os olhos de Ace se fixam nos meus. Seu sorriso cresce.

Encontrei meu alvo.

A cena ao meu redor é um borrão de sangue e corpos. Paedyn e Andy estão lutando contra Braxton e Blair enquanto Jax e Hera desaparecem e dançam um ao outro, desferindo golpes sólidos antes de desaparecerem.

Isso deixa Ace inteiramente para mim.

Mal olho para a violência que me cerca enquanto assumo o poder de Hera e desapareço no caos. Eu só abandono a habilidade da Manto quando estou bem diante dele, para que ele possa ver meu rosto quando eu dou um soco em seu nariz com um estalo nauseante. Ele cambaleia para trás, agarrando o osso quebrado enquanto seus olhos voam para os meus.

E então de repente não vejo nada. Uma parede grossa de pedra me envolve e, ainda assim, algo perfura meu lado. A dor aguda apenas aguça meus sentidos, me lembrando que isso é apenas uma ilusão, embora a dor na minha lateral seja tudo menos isso. Atravesso a parede e ela desaparece em uma nuvem de fumaça, revelando Ace segurando uma lança na mão ensanguentada.

A mesma lança que quase matou Paedyn.

Teletransporto para atrás dele, tendo assumido a habilidade de Jax, e enfio meu joelho em suas costas. Então estou me transporto ao redor dele, batendo nele com força, sem hesitação. Estou brincando com ele. Eu poderia facilmente terminar essa luta rapidamente, mas não vou negar que sou um monstro que quer se divertir um pouco com ele primeiro.

Depois de enviar um golpe em sua mandíbula, ele de repente se multiplica diante dos meus olhos. Dezenas de Aces me cercam, todos se movendo e se misturando, me deixando adivinhar para onde o verdadeiro fugiu.

Eu filtro os poderes à minha disposição, aqueles que dançam sob minha pele daqueles que me cercam. O poder da Tele de Blair surge em minhas veias, implorando para ser usado.

Isso poderia ser divertido.

Agora só preciso encontrar o verdadeiro...

A dor atinge minha perna quando a ponta de sua lança mergulha nela. Cerro os dentes e me viro para ele. — *Aí está você.* — Eu sorrio enquanto o levanto do chão com nada mais do que minha mente.

Ele engasga, engasgando quando eu esmago sua traqueia, seus pés balançando a uns bons sessenta centímetros do chão. Sua boca está se movendo, fazendo ruídos estranhos enquanto ele tenta colocar ar em seus pulmões gritantes.

Eu ainda estou sorrindo. — O que é que foi isso? Não consigo ouvir você. — Suas duplicatas desaparecem na fumaça ao meu lado, e os gritos de luta ao nosso redor desaparecem quando me concentro nele. Me concentro na vida dele que tenho em minhas mãos, minha mente.

Mas o grito de dor que ouço a seguir não pertence a ele.

Eu conheço essa voz. Eu ouvi aquele som e silenciosamente esperei nunca mais ouvir. Minha cabeça se volta para o corpo amassado deitado tão perto de mim, cabelos prateados grudados em seu rosto febril e lágrimas rolando sobre suas sardas fracas. O sangue jorra de um rasgo irregular sob suas costelas, e um soluço estrangulado lhe escapa.

— Kai... me ajude. — O sussurro de Paedyn é tão baixo, a um suspiro da morte. O sangue cobre suas mãos, seus cabelos, seu corpo — manchando-a de um vermelho revoltante. — Kai, isso dói! — Ela grita as palavras em agonia, seu corpo se debatendo em soluços e espasmos de dor.

Eu não tinha percebido que meu controle sobre Ace tinha escorregado, não tinha percebido que o deixei cair no chão até que ele estava em cima de mim, tirando o ar dos meus pulmões. A ponta de sua lança está cravando em minha garganta, suas pernas prendendo meus braços. E então aquele sorriso presunçoso está de volta, como se ele não estivesse apenas com falta de ar um momento atrás.

— E aqui estava eu, pensando que você era o forte. O príncipe que não deixava suas emoções atrapalharem. — Ele sorri quando a ponta pontiaguda da lança perfura minha pele, tirando sangue quente. — Mas olhe para você, — uma risada condescendente, — cuidar dela deixou você *fraco*.

Ele está prestes a passar a lâmina pela minha garganta...

— Kai!

A voz de Jax assusta nós dois, e viro a cabeça para o lado bem a tempo de vê-lo lançar uma única flecha em minha direção. É tudo que preciso. Eu a pego pela haste e, com um movimento rápido, mergulho-a profundamente no ponto mais próximo e aberto da carne de Ace, enquanto empurro a haste da lança para longe de mim.

Ele grita quando a flecha afunda na carne macia de seu ombro. Seu domínio sobre mim afrouxa e eu o empurro antes de ficar de pé cambaleando, o corte em meu pescoço vazando sangue. Viro e encontro Ace de repente atrás de mim, à minha direita, à minha esquerda. Estou cercado mais uma vez.

— Aqui, — um dos Ace chama, e eu giro, pegando minha estrela esquecida do bolso. As duplicatas de Ace estão desaparecendo e reaparecendo enquanto procuro sem rumo pela verdadeira. — Atrás de você — ele zomba, e eu me viro, a raiva fervendo meu sangue. — Você sabe o que vou fazer depois de matar você? — um deles pergunta enquanto outro sussurra em voz alta: — Vou fazer o mesmo com Paedyn. — Então outro Ace interrompe: — Que pena também. Vou sentir falta de olhar para ela.

Eu vou matá-lo. Agora. Não há mais jogos. Chega de brincar. Vou terminar isso.

De repente, os vários Ases desaparecem, deixando apenas um restante.

E não hesito antes de erguer minha estrela ninja para enviá-la pelos ares em direção ao seu coração.

Vejo seus olhos se arregalarem quando a lâmina afunda no centro de seu peito, se cravando profundamente em sua carne. Ele cambaleia para trás, ofegante enquanto olha para o ferimento fatal. Um sorriso torcido chega aos meus lábios.

Vou gostar de vê-lo morrer.

Ando sem pressa, observando enquanto ele cai de joelhos. Estou de pé sobre ele agora, olhando em seus olhos brilhantes, brilhando com lágrimas.

Meu sorriso vacila.

Esses não são os olhos dele.

Não, os olhos que olham para mim são quentes e grandes, do marrom profundo do chocolate derretido. Doce, como o garoto a quem esses olhos pertencem.

Eu caio de joelhos.

Pela primeira vez em anos, sinto um terror verdadeiro e terrível.

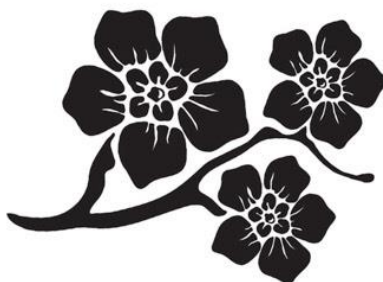
A ilusão se dissipa com a brisa suave, enviando fios de fumaça para o céu da manhã.

Deixando para trás um maldito garoto.

Meu maldito irmão.

Jax.

Capítulo Trinta e Dois



Kai

— NÃO! — A palavra sai da minha garganta enquanto a descrença e a repulsa me atingem, ameaçando me despedaçar.

Jax não faz nenhum som, seus olhos arregalados e fixos nos meus. Lágrimas silenciosas escorrem por seu rosto, se agarrando aos cílios grossos que circundam aqueles grandes olhos castanhos. Ele olha para mim, horrorizado, quando começa a tombar para trás, de joelhos, incapaz de evitar cair nos momentos finais.

Ele não. Não era para ser ele. Não ele.

Agarro seu ombro e parte de trás de sua cabeça, abaixando-o cuidadosamente no chão através da minha visão embaçada. Eu limpo meus olhos, tentando me recompor enquanto inspeciono o ferimento. A estrela ninja está cravada profundamente em seu peito, com sangue escorrendo ao redor dela. Sangue escuro e pesado que não para, não diminui. O tipo de sangue que acompanha um adeus.

Eu fiz isso com ele. Ele vai morrer por minha causa. Porque eu sou um monstro.

Balanço fisicamente a cabeça, tentando livrá-la do pensamento horrível e, em vez disso, focar na cena horrível diante de mim. — Ei, olhe para mim, Jax, ok, amigo? — Minha voz é suave e trêmula, mas mesmo assim seus olhos encontram os meus. Posso ver a ferida já sugando a vida dele, seus olhos desfocados, sua respiração superficial.

— Você vai ficar bem, certo?

Seus olhos se fecham e eu dou um tapinha em sua bochecha, forçando-o a olhar para mim, a ficar comigo.

— Você me ouviu? Você vai ficar bem.

Meus olhos se enchem de lágrimas, a sensação estranha enquanto pisco furiosamente.

— Vou consertar isso.

Minha voz falha exatamente como estou prestes a fazer.

Meu irmão mais novo.

O som dos Elites lutando ao nosso redor de repente entra em foco novamente, e posso ouvir o tilintar das armas e os gritos de dor. Tudo inunda de volta. Lembro por que estou aqui, o que está acontecendo ao meu redor e quem *realmente* fez isso com Jax.

Uma risada fria e arrepiante ecoa por perto. *Sua* risada. Viro a cabeça, examinando o campo em busca de qualquer sinal do bastardo que farei sangrar e morrer brutalmente por isso. Mas ele não está em lugar nenhum. Ouço sua risada novamente, vinda de apenas alguns passos de distância.

Nada. Ninguém está lá.

E então isso me atinge.

Ele lançou uma ilusão sobre si mesmo.

O bastardo se moldou ao nosso entorno, envolvendo seu corpo em uma ilusão que me faz ver nada enquanto deixava Jax desempenhar seu papel. Se não fosse pelo meu irmão moribundo abaixo de mim, eu vasculharia cada centímetro deste campo até encontrar Ace. E então eu o faria em pedaços. Devagar.

Jax grunhe fracamente, seus olhos se fechando. Meu olhar se dirige para seu ferimento. Se ele não chegar a um curandeiro, ele *morrerá*. E será tudo culpa minha. Meu coração martela contra meu peito, minha cabeça gira. Não há Curadores entre nós de quem eu possa extrair poder.

A cabeça de Jax rola para o lado com um gemido suave.

Meu irmão mais novo. Meu irmão mais novo. Meu irmão mais novo.

Olho para o céu e encontro o sol me espiando. Ele já se elevou quase totalmente acima do horizonte e, quando isso acontecer, estaremos livres desta Prova. Meus olhos pousam na multidão a menos de um quilômetro do caos ao meu redor.

Haverá um Curador naquela multidão.

Enxugo as lágrimas que não me lembro de ter derramado e puxo Jax em meus braços. E no próximo batimento cardíaco, estou de pé e correndo em direção à multidão. Jax mal está respirando agora. Ele pode estar inconsciente, não tenho certeza, mas corro o mais rápido que posso em direção à sua salvação.

Eu pego a habilidade Músculo de Braxton em meus músculos, deixando Jax significativamente mais leve em meus braços e me permitindo correr mais rápido. Não preciso chegar até a multidão, apenas perto o suficiente para poder me agarrar ao poder de um Curandeiro e usá-lo para salvá-lo.

— Jax! — Eu grito com ele. Ele mal se mexe. — Jax, espere um pouco mais! — Estou ofegante, petrificado por ter chegado tarde demais. Mas a multidão está se aproximando, e posso vê-los apontando e gritando enquanto me observam correndo direto para eles.

E então começo a sentir um arrepio se espalhando por mim, pelos meus ossos, pelas minhas veias. Se torna um zumbido antes de se tornar um rugido e uma onda de poder. Há tantas habilidades à minha disposição fornecidas pela multidão ainda a dezenas de metros de mim. Me sinto sobrecarregado enquanto procuro a habilidade do Curandeiro dentro da onda de poder que se choca contra mim.

Aí está.

Eu me concentro nisso, aprimoro e excluo todas as outras habilidades que lutam para vir à tona. Deitando Jax no chão, caio de joelhos ao seu lado. Ignoro o fato de não ver seu peito subindo e agarro a parte da estrela ninja que ainda aparece em seu peito, precisando retirá-la antes que eu possa curá-lo.

— Se você pode me ouvir, Jax, isso vai doer como o inferno. Desculpe.

E então eu puxo. Ele rasga sua pele com um som nauseante.

Ele nem sequer se mexe.

Ignoro o pavor que se acumula em minhas entranhas e coloco as mãos sobre a ferida aberta e agora exposta. Deixei o poder do Curandeiro penetrar em seu corpo, no corte, e comecei a consertar e moldar a pele novamente. Me lembro de ter aprendido a curar cada ferimento que meu pai me infligiu quando menino e a transferir esse poder para o menino abaixo de mim.

O sangue para. A pele se une novamente. Deixando nada além de uma grande cicatriz rosa decorando o centro do peito.

Mas ele não está se movendo. — Jax?

Dou um tapinha em sua bochecha levemente. Nada. Em seguida, sacuda-o vigorosamente. Nada. Agora estou gritando trêmulo. — Jax! — Minha voz falha enquanto ele fica ali, sem vida. Meus dedos procuram freneticamente por pulso. — Não não não não...

Meu irmão mais novo. Meu irmão mais novo. Meu pequeno...

Seus olhos se abrem e então ele está engolindo ar.

Eu meio que rio, meio soluço enquanto o vejo piscar, sua mão voando para sentir a pele macia onde minha estrela ninja estava. Ele olha em volta, seus olhos castanhos pousando em mim. Seu sorriso é fraco, sua voz rouca, mas cheia de humor. — Você vai tentar me matar de novo?

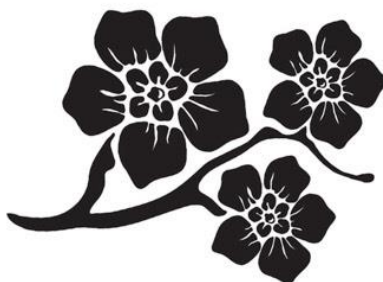
Dou uma risada e passo a mão pelo rosto, enxugando as lágrimas. — Não estou planejando isso, amigo. — E então eu o puxo contra meu peito e o aperto em um abraço, minha mão bagunçando seu cabelo.

O som de tambores nos assusta e nos voltamos para a multidão não muito longe de nós. Eles estão torcendo, aplaudindo, batendo os pés em comemoração.

O sol nasceu logo acima do horizonte.

A primeira prova foi concluída.

Capítulo Trinta e Três



Paedyn

MILHARES DE OLHOS me fixam no assento desconfortável em que fui forçada. O Bowl está lotado de Ilyanos agitados, todos borbulhando de excitação. Os últimos espectadores se sentaram em seus assentos no alto dos bancos do estádio que nos rodeia, agora olhando para o poço abaixo deles com expectativa.

Já se passaram três dias.

Três dias desde a luta final na orla dos Sussurros.

E só restam sete de nós.

Ouç o bater de pés impacientes vindo da multidão ao nosso redor, e meu coração dispara com o som. De repente, estou de volta àquela clareira, o som de pés trovejantes se transformando em batidas de tambores, sinalizando o fim do Prova.

Mas ninguém parou.

A bateção não significava nada para nós. Estávamos todos ainda brigando um com o outro. Se não fosse pela ajuda de Andy, Blair teria me despedaçado membro por membro e espalhado o que restava de mim pelo campo para os pássaros se banquetearem. Mas só porque ela não me matou não significa que ela não deixou a sua marca em mim. Várias, na verdade. Marcas e carne mutilada que os Curandeiros tiveram muito trabalho para consertar.

Era como se nenhum de nós visse o sol nascente ou ouvisse o som dos tambores. Estávamos famintos, nos recusando a simplesmente depor as armas e nos render um ao outro. Os Flashes chegaram até nós primeiro, ziguezagueando entre nós. Então os Músculos chegaram, usando a força para nos afastar uns dos outros. Fui rudemente arrancada de Blair depois de finalmente conseguir prendê-la e fui jogada por cima do ombro de um homem corpulento antes de ser carregada pela multidão boquiaberta. Mas eu não fui a única. Os oponentes ao meu redor foram todos arrastados e empurrados em carruagens separadas para *se acalmarem*.

Não foi difícil descobrir por que o rei queria interromper a luta e nos isolar antes que pudéssemos causar mais danos. Como é proibido lutar contra outro competidor fora de uma Prova, manter nossa raiva reprimida apenas garantirá que o restante das Provas será ainda mais interessante. Ainda mais sangrentas.

De repente, sou sugada de volta à realidade, me lembrando da cadeira rígida em que estou sentada, do vestido rígido colado ao meu corpo e dos competidores igualmente rígidos ao meu lado. Eu me mexo na cadeira, meu braço roçando o braço duro que pertence ao príncipe com quem não falo há dias.

Passo a mão sob minha costela, onde quase posso sentir a cicatriz irregular que me foi dada pelo mesmo garoto que quase foi a causa da morte de Jax. Dou uma olhada rápida em Kai ao meu lado, calmo e controlado como sempre, apesar do que aconteceu. Ou assim ele parece. Fiquei muito boa em identificar as rachaduras em suas máscaras, desmontando sua fachada.

De repente percebo que Tealah está falando para a multidão, gesticulando para nós com movimentos entusiasmados. Não me importo o suficiente para ouvir o que ela está dizendo, mas a multidão está engolindo tudo. Eles adoram isso, essas Provas. Me deixa doente.

— ...agora o que todos vocês estavam esperando! — Finalmente decido prestar atenção às palavras de Tealah enquanto ela as amplifica pela arena. — Como todos sabem, as Provas de Purificação deste ano serão... únicas. — Ela gesticula para Kai, indicando claramente que ele é o motivo disso. Outro teste para seu futuro Executor.

Ela continua com um lampejo de seus dentes incrivelmente brancos. — E por causa disso, a primeira Prova foi fora do Bowl, sem público para testemunhar. — A multidão murmura com isso, claramente infeliz por não poder testemunhar a violência. — Mas não se preocupem, cidadãos de Ilya! — Tealah exclama com entusiasmo: — Você ainda poderá assistir aos destaques, mas sem todas as partes chatas. — Ela ri e a multidão se junta a ela, agitando o estádio.

— Então, aqui está a primeira prova da sexta provas de purificação! — O público ruge de excitação antes de ficar em silêncio enquanto todos nós nos movemos em nossos assentos para ver a enorme tela na extremidade da arena oval. As gravações ganham vida, fragmentos de cada um de nós fornecidos pela linha de imagens abaixo delas.

Eu vejo a mim mesmo e a todos os outros oponentes acordando na floresta, confusão e preocupação escritas em cada um de nossos rostos enquanto lemos o bilhete deixado para nós. Eu testemunho a luta de Blair com Andy antes da cena cortar para Hera, afundando na areia movediça que ela tropeçou nas profundezas da floresta. Ela está gritando, os olhos nos implorando – não, implorando a Visão parada de braços cruzados.

Ela desaparece da tela e de repente estou olhando para Kai. Mas ele não está sozinho. Ele está brigando com Braxton perto de uma fogueira, trocando socos na penumbra antes de queimarem um ao outro com as chamas.

A multidão aplaude e se silencia, bate palmas e bate os pés enquanto assiste a Prova como se estivessem lá. Estou em silêncio, imóvel, com as costas rígidas como meus oponentes ao meu lado. Estamos nos observando lutar para sobreviver.

De repente, meu próprio rosto passa diante dos meus olhos. E então estou assistindo novamente aos horrores dessas ilusões. O cadáver de Kitt flutuando sem vida na piscina. As garotinhas famintas implorando por ajuda – *eu* implorando por ajuda. Vejo o terror em meu rosto, me vejo cair no chão.

O corpo sentado ao meu lado se move e meus olhos vagam lentamente em direção a ele. Meu olhar encontra o de Kai, ignorando sua mandíbula cerrada e sobrancelhas tensas. É em seus olhos frios que me concentro. Nunca vi um olhar tão gelado, mas tão cheio de fogo. A expressão em seus olhos é assustadora e eu estremeço. É como pingentes de gelo, seu olhar. Bonito, mas afiado. Frio, mas mortal. Cativante, mas cortante.

Ele não desvia meu olhar e eu engulo. Então ele está dizendo alguma coisa, embora sua boca não abra. Minha cabeça gira em direção à tela, e estou me vendo me esforçar para segurar meu arco com a dor do meu ferimento. Observo Kai correr até mim enquanto eu caio no chão. Observo algo parecido com *preocupação* em seu rosto enquanto ele tenta me manter acordada. Tenta me manter *viva*.

Olho para ele novamente, mas ele está focado na tela, sem se preocupar em devolver meu olhar. Eu não tinha percebido que ele poderia me olhar daquele jeito. Olhe para mim como se ele *se importasse*. Isso me frustra e me perturba ao mesmo tempo, mas não consigo desviar os olhos da cena que se desenrola diante de mim, que se desenrola diante de toda a multidão.

Eu não tinha percebido quantas vezes os Observadores estavam nos assistindo, e meu rosto está quente, já que a maior parte da minha conversa com Kai enquanto ele me costurava é escandalosa para todos ouvirem. E a galera está adorando. Juro que ouço um suspiro coletivo cada vez que Kai me toca ou diz meu nome, acompanhado de murmúrios de ciúmes por esse mesmo motivo.

Observo Jax se transportar de árvore em árvore, e então Andy e ele juntos, gritando enquanto dezenas de cobras os cercam. Eu vejo Hera tropeçar em Blair antes que uma luta desleixada comece, onde esta última grita de frustração porque não consegue encontrar seu oponente invisível.

Kai e eu estamos de volta e, desta vez, estou cuidando de seus ferimentos. A multidão vibra enquanto se inclina para ouvir nossas provocações. Lanço uma olhada para Kai ao meu lado, que não se preocupa em olhar em minha direção, embora o canto de seus lábios se contraia, me dizendo que ele acha isso *divertido*.

Flashes de cada oponente ao longo dos dias passam pela tela, lutando entre si enquanto lutam contra os perigos que habitam os Sussurros. Kai e eu voltamos muito cedo e...

Ah, Pragas, não.

Felizmente, a Observadora só captou o final da nossa dança antes de Sadie interromper, mas foi o suficiente para fazer a multidão gritar de alegria. Não posso dizer que os culpo. Muito derramamento de sangue pode ser entediante, e essa é uma reviravolta inesperada. Seu futuro Executor está dando a eles um show e tanto.

Eu olho para Kai, que está, para meu aborrecimento, sorrindo agora. Minha voz está baixa e muito agitada quando digo: — Por que você não me disse que havia Observadores por lá?

Seus olhos finalmente se voltam para os meus, fazendo meu coração bater forte contra minha caixa torácica.

Estúpido, órgão estúpido.

Ele se inclina tão perto que seus lábios roçam minha orelha. — Eu estava um pouco distraído.

Faço com que meu pulso acelerado diminua e forço meus olhos a se desviarem dos dele, voltando minha atenção de volta para a tela onde me vejo lutando com Sadie.

E então eu a vejo morrer novamente.

Parece que a Observadora não conseguiu pegar Kai enterrando-a, embora parte de mim se pergunte se isso foi intencional. O rei provavelmente teria considerado uma decência como essa uma fraqueza, uma falha no Executor que ele criou. Portanto, o reino nunca verá aquele pingo de bondade que Kai demonstrou. Parece que esse segredo pertence apenas a nós dois.

Há um movimento oscilando na multidão enquanto o público ao nosso redor pressiona o indicador e o dedo médio juntos, o símbolo pairando sobre seus corações. Um diamante. A imagem de força, poder e honra de Ilya.

Eles estão prestando homenagem aos caídos.

Os competidores ao meu lado fazem o mesmo, e a multidão fica em silêncio, completamente imóvel até que a luta final na beira dos Sussurros ilumine a tela.

Sangue. Tanto sangue. A cena é um caos total e não tenho ideia para onde olhar ou em quem focar. O ângulo alterna entre diferentes pontos de vista documentando a luta, focando em diferentes Elites. Observo cada um de nós batalhando uns contra os outros, em busca de sangue e daquelas malditas faixas.

Então finalmente consigo ver como Hera morreu.

Eu sabia que ela não saiu viva do Prova, só não sabia por quê. A Observadora se concentra em Braxton, sangue vazando de uma facada enquanto uma faca invisível perfura sua pele repetidamente enquanto ele ruge de raiva e angústia.

Hera o esfaqueia na lateral do corpo e ele grita, estendendo a mão cegamente para agarrar a faca invisível. Seus dedos envolvem o punho e ele o puxa, virando-o antes de esfaquear violentamente na sua frente.

Ouço o som nauseante do aço afundando na pele e nos ossos antes que Hera apareça na frente dele, a lâmina enterrada em seu pequeno peito. Ela pisca para ele com lágrimas escorrendo pelo rosto antes de cair no chão.

Triângulos estão sendo pressionados contra os corações da garota morta enquanto o resto da luta final passa pela tela. Mal vejo Kai correndo em direção à multidão com Jax morrendo em seus braços antes da cena cortar para uma última cena dos Elites, cobertos de sangue e sedentos de sangue. E então a tela escurece e a multidão fica em silêncio apenas por um instante antes de explodir em aplausos.

Mal ouço Tealah quando ela começa a falar para o público animado, agradecendo por se juntarem a nós para assistir a primeira Prova. — Ah, e não se esqueça! — ela praticamente grita. — Seu voto é mais importante do que você imagina. Honra ao seu reino, honra à sua família e honra a si mesmo.

A multidão recita o lema com ela e então eles estão livres para partir. Observo centenas de pessoas se arrastando entre as fileiras de bancos e pelos amplos túneis que saem do Bowl. Eles jogam seus votos em gigantescas tigelas de vidro ao lado das saídas enquanto passam, sem perceber o poder que detêm com o nome que rabiscam.

Odeio a falta de controle que tenho ou o medo que me segue constantemente. Eu odeio me sentir tão impotente. Tão impotente. Tão comum. Estou competindo em jogos destinados a exibir os poderes e a força das Elites – os poderes que não possuo.

No entanto, aqui estou. Viva.

E pretendo continuar assim.



Alguém está me seguindo.

Eu estava voltando para o meu quarto depois do jantar quando de repente senti alguém logo atrás. Eu giro, minha mão voando para o punho da minha adaga por instinto. Meus olhos se encontram com olhos verdes arregalados e assustados antes de eu rapidamente desviar o olhar. — Calma, Paedyn! — Kitt ri, levantando as duas mãos em sinal de rendição. — Você está nervosa hoje.

Me viro e começo a andar pelo corredor novamente. — Bem, não se aproxime de mim e você não precisa se preocupar em ser esfaqueado.

— Tenho a sensação de que você esfaqueará alguém por menos do que apenas se aproximar de você. — Posso ouvir a diversão em sua voz, cobrindo suas palavras.

A sugestão de um sorriso me faz abaixar a cabeça para escondê-lo quando ele caminha ao meu lado. Estamos indo pelo corredor em direção ao meu quarto quando uma mão firme agarra meu pulso e sou puxada para um dos muitos corredores que se ramificam à minha esquerda.

Abro a boca para protestar, mas mesmo de costas, Kitt sente isso. — Não me esfaqueie ainda. Eu quero te mostrar algo. — Ele lança um sorriso por cima do ombro enquanto me conduz pelo labirinto de corredores.

Finalmente aprendi a percorrer os corredores principais, mas quando se trata das dezenas de pequenos corredores espalhados pelo castelo, estou completamente perdida. Kitt os navega facilmente, entrando e saindo de diferentes corredores, passando por outras seções e salas do enorme castelo que eu nunca vi. Tenho certeza de que ele conseguiria andar pelas cegas do palácio, uma habilidade que só vem com o crescimento neste labirinto que ele chama de lar.

A luz dourada do sol aquece meu rosto quando Kitt abre uma grande porta de madeira no final de um corredor, acenando para os Imperiais que a guardam antes de sairmos para a noite amena. Minha respiração fica presa. Estou rodeado de cor, de *vida*. Diante de nós está um largo caminho pedregoso onde se ramificam vários outros, todos rodeados de centenas de flores.

Os jardins.

É lindo, de tirar o fôlego. Vivendo nas favelas, cercada por becos sombrios e cores opacas, quase esqueci como o mundo pode ser brilhante. Cada lugar que a calçada não toca está repleto de flores e plantas de todos os tipos e cores. Estouros de fúcsia e azul royal se destacam entre os amarelos claros e lilás. Estátuas espalhadas pelo jardim, vinhas escuras agarradas a várias delas.

É o tipo de caos mais puro que já vi, com fileiras de flores se aglomerando ao redor dos caminhos, criando uma grade de flores e folhagens. Cada uma das passarelas de pedra forma um grande círculo, criando vários anéis ao redor da enorme fonte no coração do jardim.

Nunca vi nada tão brilhante, tão vibrante, e tenho que piscar rapidamente, quase cego pelas cores que me bombardeiam. Entre minhas piscadas, posso ver Kitt me observando com curiosidade e contentamento.

Ele limpa a garganta e dá um passo na direção do caminho, me guiando ao lado dele. — Prometi que um dia lhe mostraria os jardins.

Meus olhos percorrem as flores enquanto caminhamos lentamente por um caminho. Kitt se contenta em preencher o silêncio me contando sobre Kai e suas aventuras neste mesmo jardim, apontando para as estátuas que eles derrubaram ou para a fonte onde eles não resistiram em dar um mergulho. esforço e coloco a mão sobre a boca para abafar o som.

Paro abruptamente, jogando a cautela ao vento quando minha curiosidade leva a melhor sobre mim. — Por que? Por que fazer isso?

— Por que fazer o quê, exatamente? — Ele está tentando não rir de mim enquanto eu tento não bater nele exatamente por esse motivo.

— Me trazer aqui. Me contar coisas pessoais e... — Tropeço nas palavras, frustrada.

Me atrevo a olhar para aqueles olhos verdes que combinam com a folhagem ao nosso redor quando ele lentamente diz: — Com o... futuro que tenho, é difícil conhecer pessoas. *Realmente* conhecer pessoas. A maioria das pessoas lá dentro... — ele aponta para o muro de pedra do castelo, — eles querem alguma coisa. E eles dirão o que acharem que eu quero ouvir para conseguir. Mas você...

Minha risada seca o interrompe. — Mas tenho tendência a dizer coisas que provavelmente não deveria.

— E tendo a gostar de ouvir essas coisas — ele diz suavemente.

Meus olhos vagam pelas flores em vez de encontrar o olhar dele. — Então vou manter isso em mente na próxima vez que quiser repreendê-lo.

Mordo a língua assim que as palavras saem da minha boca. Posso dizer o que quiser a Kai, mas este é o futuro rei. Se eu quiser manter a calma, terei que aprender a segurar a língua.

Mas o garoto ao meu lado apenas ri, parecendo menos majestoso a cada segundo. — Bom — ele ri, — porque tenho algo a perguntar e não espero nada além de brutal honestidade de você.

Eu engulo.

Não há nada de honesto em mim.

— A Prova... — ele diz lentamente. — O que você achou?

Eu engasgo com minha zombaria. Essa certamente não era a pergunta que eu esperava. "Meus pensamentos? Você quer dizer, além do óbvio?"

Ele para de andar para se aproximar de mim, diminuindo a pequena distância entre nós. — E qual seria o óbvio?

Meus olhos estão presos no primeiro botão de sua camisa, então não preciso olhar nos olhos de seu pai. — Que essas Provas são uma forma distorcida de celebrar uma tragédia.

E lá vou eu de novo, mordendo a língua tarde demais. Mas há algo neste príncipe que me deixa imprudente, me faz querer dizer-lhe exatamente o que há de errado com tudo o que ele pensa que acredita.

— Tragédia — ele ecoa, com a voz uniforme. — Você quer dizer a Purificação.

— Sim, a Purificação, — eu respiro. — O banimento de milhares de pessoas e a matança contínua delas que se segue. — Estou praticamente vomitando traição, mas não consigo parar agora que comecei. — Esse é *o seu* povo, Kitt. Pessoas inocentes que ainda hoje são mortas por algo sobre o qual não têm controle.

Ele olha para mim enquanto eu olho para seu colarinho, evitando seu olhar. — A Purificação precisava ser feita, Paedyn. Você sabe disso.

Sua voz é gentil, enquanto a minha é tudo menos isso. — Por que, porque os Ordinários estão *doentes*? Supostamente enfraquecendo os poderes das Elites? Mesmo tendo vivido ao lado das Elites por décadas?

Ele pisca. — Você acha que eles não estão doentes?

Estou jogando um jogo muito perigoso.

Fecho a boca, sabendo que falei demais. Responder a essa pergunta com sinceridade é um risco que nem eu estou disposto a correr, então respiro fundo antes de me apressar em mudar de assunto. — Eu só acho que, como futuro rei, há muitas coisas em que você precisa pensar.

Não olho para ele, mas posso sentir seus olhos em mim. — E você vai me esclarecer sobre essas coisas? Me esclarecer sobre meu próprio reino?

Desempenhar o papel. Desempenhar o papel. Desempenhar o...

Dou uma risada amarga. — Não seja um idiota e não finja que conhece o seu reino! Você já viu as favelas? Viu a segregação, os cidadãos famintos? *Seus* cidadãos famintos.

Lá se vai desempenhar o papel.

Eu jogo minhas mãos para cima, balançando a cabeça para os canteiros de flores. — Você me ouviria se eu tentasse esclarecê-lo, tentasse lhe dizer para fazer uma mudança? — Ele fica lá, silencioso e imóvel. Então pergunto novamente, com voz urgente. — Bem. Você vai me ouvir?

Suas mãos de repente seguram meu rosto e o guiam em sua direção enquanto eu luto contra a vontade de recuar. — Se eu ouvir você, você vai *olhar* para mim?

Minha respiração fica presa na garganta.

— Olhe para mim, Paedyn. Por favor.

E é a suavidade, a súplica em sua voz que me faz respirar fundo e fechar os olhos por um momento. Quando finalmente os abro novamente, vejo muita compaixão e preocupação preenchendo seu olhar verde. E pela primeira vez me permito estudar aqueles olhos. Porque eles nunca se pareceram menos com os reis. O calor neles me envolve, me oprime.

— Todo esse tempo — ele diz calmamente, — estive procurando por um olhar que você não me daria, esperando que você quisesse me olhar nos olhos. — Ele faz uma pausa para respirar. — Por que você evita meu olhar, *me evita*?

Então, claramente, fiz um péssimo trabalho interpretando o papel.

— Você... — eu engulo. — Você me lembra alguém do meu... passado. Mas quanto mais eu conheço vocês, mais diferentes vocês dois parecem.

Eu o estudo por um momento, surpresa com minha honestidade. O rei e seu herdeiro podem ser parecidos, mas neste momento nunca pareceram menos parecidos.

Ele sorri suavemente para mim. — Isso significa que você vai começar a me olhar nos olhos?

— Só se você começar a me ouvir — respondo com um pequeno sorriso.

— Feito — ele diz simplesmente antes de começarmos lentamente a seguir o caminho mais uma vez. — Eu tenho outra pergunta para você.

Quase rio. — E provavelmente tenho uma resposta para você.

Ele sorri antes que seu rosto fique sério de repente, e ele coloca as mãos atrás das costas enquanto caminhamos. — Na Prova, Ace fez você... me ver. E ao me ver morto, você pareceu... — Ele balança a cabeça, procurando a palavra certa. Me lembro de como

ele assistiu aquela cena na tela do Bowl, viu a expressão em meu rosto ao vê-lo, ouviu o grito que saiu da minha garganta.

— Chateada? — Eu digo fracamente. — Aterrorizada, até? — Pela primeira vez, olho para ele até que ele encontre meu olhar. — Quando te vi morto, acho que de repente vi todo o potencial que você tem morrer com você. Todo o potencial para ser um rei melhor para Ilya, para fazer mudanças, para governar como você *deveria* e não como lhe *mandam*.

Finalmente chegamos ao centro do jardim onde paramos junto à fonte. Agora que finalmente estou disposta a olhar para ele, os olhos de Kitt parecem não querer sair dos meus. — Obrigado — ele diz com um sorriso. — Sei que sempre posso contar com essa sua honestidade brutal. Você é a primeira pessoa *real* que tive o prazer de conhecer em algum tempo.

Quase rio disso.

Se ao menos ele soubesse. Sou uma mentirosa e enganadora que o usou como parceiro para chamar a atenção das pessoas. Estou diante dele como uma Ordinária alguém que ele teria matado se soubesse a verdade, e eu morreria pelas mãos de seu futuro Executor, por quem sou teimosa demais para admitir minha atração. E no final, não importaria o quão *real* ele pensasse que eu era.

Mas ofereço o que espero seja um sorriso doce antes de me virar para a bela fonte que é tão grande, agora entendo porque os príncipes não conseguiram lutar contra a vontade de nadar nela. Eu me inclino sobre a borda, olhando para a água cristalina refletindo meu rosto de volta para mim.

Xelins.

Devia haver centenas deles, casualmente deitados no fundo da piscina. Me lembro de como me senti na minha primeira noite aqui depois de ver toda aquela comida desperdiçada. Me sinto doente. Tanto dinheiro à toa. E para quê? Para que os ricos pudessem realizar seus desejos mesquinhos?

Engulo meu desgosto.

Desempenhar o papel.

— Tudo bem, o que foi? — Kitt pergunta com mais do que uma pitada de humor.

— Hum? Nada. — Faço uma pausa e olho para ele. — O que você quer dizer?

Ele ri profundamente. — Você está lutando contra a vontade de me repreender, não é?

Pisco para ele antes de balbuciar: — Como você...?

— Você faz essa coisa de torcer o nariz antes de começar a discutir. É uma mania que te entrega.

Abro a boca e, pela primeira vez, nenhuma palavra parece disposta a sair. Ele sorri enquanto me observa lutar antes de finalmente limpar a garganta e dizer: — Tudo bem. A razão pela qual torci o nariz — lanço um olhar irritado que provavelmente não deveria, — é por causa de todos os xelins.

Quando não digo mais nada, Kitt insiste: — Continue.

— Bem, um dinheiro como este poderia alimentar dezenas de Ilyanos nas favelas durante semanas, até meses — digo calmamente. — E, no entanto, aqui está, definhando pelos *desejos das pessoas*.

Os olhos de Kitt se voltam para a fonte e ele franze a testa. — Você tem razão. Vou providenciar para removê-lo e distribuí-lo.

Meu coração salta contra meu peito. — Sêrio?

Sua carranca se transforma em um largo sorriso. — Fizemos um acordo, lembra? Você continua olhando para mim e eu continuarei ouvindo você.

Quase bufo antes de voltar para a fonte. Me lembro que esta pequena vitória com os xelins não poderia significar nada. Na verdade, removê-los e distribuí-los nas favelas pode nunca acontecer. Mas ele está ouvindo, e isso é um progresso. É potencial.

Aproximo meu rosto da superfície, tentando ver através das ondulações os xelins abaixo.

— Quanto dinheiro você acha que está...

Minhas palavras são interrompidas pela água fria que sobe da piscina e atinge meu rosto, espirrando levemente em mim. Eu me endireito e giro para encontrar Kitt rindo, com a mão ligeiramente levantada ao lado do corpo.

Aquela maldita habilidade Dúplice dele.

— Você estava certo, — eu digo com um sorriso enganosamente doce. — Vou esfaquear alguém por menos do que apenas se aproximar de mim. Talvez até por me espirrar água na cara.

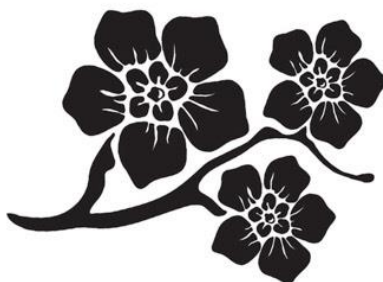
Ele levanta as mãos inocentemente e ri, um sorriso largo iluminando seu rosto bronzeado. "Ei, foi você quem me chamou de idiota antes."

Minha boca se abre ao perceber que eu tinha, de fato, dito exatamente isso ao futuro rei de Ilya. A expressão no meu rosto o faz rir ainda mais, e não penso antes de mergulhar a mão na água e espirrá-lo completamente.

Isso foi um erro. Eu deveria saber que não devo começar uma briga na água com um duelo que poderia me afogar se quisesse. Depois que Kitt termina de me molhar completamente, a água está pingando do meu cabelo e grudando nos meus cílios. E então estou rindo ao nos ver, encharcados no meio do jardim do castelo.

Ainda estou tirando mechas de cabelo pegajosas do rosto quando digo: — Esta não foi uma luta muito justa.

Capítulo Trinta e Quatro



Paedyn

O CHEIRO FAMILIAR de saque enche meu nariz e reprimo a vontade de vomitar.

Lar Doce Lar.

A rua longa e larga está envolta em sombras, livre de carroças mercantes e mendigos durante a noite. Passo por grupos de sem-teto amontoados nas vielas adjacentes que se projetam do Loot, jogando ou usando seus poderes para se divertir.

Já são quase meia-noite e um quarto e, bufando, acelero o passo. Porque esta noite tenho um lugar para estar e perguntas a serem respondidas.

Esta noite vou encontrar a Resistência.

Não foi difícil sair do palácio, especialmente porque Lenny não guarda minha porta à noite. Os Imperiais que ocupam o palácio também não foram um problema, já que estou acostumado a me esgueirar sem ser vista. Saí pelo jardim e segui a estrada perto do Bowl até o Loot, já que não tenho a menor ideia de como andar a cavalo e achei que esta noite não seria o melhor momento para descobrir.

Passo pelo beco onde conheci Kai e sorrio com a doce lembrança de roubá-lo às cegas.

Bons tempos.

Afasto os pensamentos sobre ele, não me permitindo distrair enquanto viro em uma rua familiar. Minha rua. Aquele onde reside o pequeno barraco branco de uma casa. Engulo o nó na garganta ao vê-lo. Não voltei aqui desde que fugi daqui há cinco anos. Quando estava coberta com o sangue do meu pai e eu estava sufocado pela dor.

Mas foi até aqui que o bilhete daquele rapaz me levou, aquele que agora sei que faz parte da Resistência. De repente estou parada na porta, respirando com dificuldade enquanto olho para as rachaduras e amassados familiares na madeira.

Aqui vai nada.

Respiro fundo e puxo a porta.

Trancada.

Mas portas trancadas são brincadeira de criança para um ladrão. Puxo a adaga do meu pai e arrombo a fechadura com facilidade, visto que ele me ensinou essa habilidade com essa mesma porta e essa mesma lâmina há tantos anos.

A porta se abre, rangendo nas dobradiças enferrujadas quando eu passo por ela. Agarro minha adaga com força enquanto observo cautelosamente minha antiga casa. Parece completamente comum, completamente igual. A mobília antiga está exatamente no mesmo lugar onde a deixei, as rachaduras nas paredes ainda subindo até o teto. Teias de aranha grudam em quase todas as superfícies da casa, parecendo que alguém não vem aqui há anos.

Talvez eu estivesse errado.

— Bem, bem, bem. Veja quem a Praga nos trouxe.

Estou com minha faca levantada, apontada e pronta para atirar na figura parada nas sombras atrás de mim.

Na escuridão, vejo o contorno sombrio de mãos erguidas em sinal de rendição. Meus olhos se ajustam à luz fraca, captando um brilho de cabelo ruivo e desganhado caindo sobre uma testa sardenta.

— Lenny? — Eu sussurro, minha boca se abrindo. Ele dá um passo lento à frente e seus familiares olhos castanhos e sorriso entram em foco.

— O primeiro e único. — Sua voz soa tão leve e gentil como sempre é no palácio. Mas isso não significa que deixo cair a lâmina ainda levantada em minha mão. Estou confusa, desorientada e preciso de respostas *agora*.

— O que está acontecendo? — exijo, olhando para ele com desconfiança. — Por que você está aqui?

Ele faz parte da Resistência? Ele deve fazer, mas...

— Sim, — ele esfrega a nuca timidamente, — nós temos muito para te contar.

Eu pisco. — Nós?

— Sim. — Ele aponta o dedo para as tábuas rangentes do piso sob nossos pés. — Nós.

Eu apenas fico olhando para ele, esperando por uma explicação sobre o que diabos está acontecendo, por que diabos ele está aqui e com quem diabos ele está.

Seu olhar passa entre meu rosto e a faca ainda pronta para atingir seu coração. — E assim que você abaixar a faca, vou lhe mostrar do que estou falando. — Ele fala devagar, como se estivesse tentando acalmar um animal enlouquecido, e tenho certeza de que estou exatamente assim.

Abaixo a faca lentamente e aceno com a cabeça uma vez. Ele solta um suspiro de alívio, seus ombros perdendo um pouco da tensão. — Pragas, vocês são realmente assustadores às vezes, sabiam disso? Quero dizer, claro, eu sou o Imperial aqui, mas, cara, você provavelmente poderia gritar comigo...

— Ah, e eu poderia fazer isso se você não me contar o que está acontecendo — eu digo, com os dentes cerrados.

— Tão exigente, — Lenny suspira, gesticulando para que eu o siga. — Pensando bem, você pode ser mais adequado como membro da realeza do que como imperial, sim, princesa?

Ele lança um sorriso por cima do ombro enquanto se vira para o escritório. O escritório do meu pai. A sala onde ele foi assassinado. Sinto como se meus pulmões estivessem sendo esmagados, meu coração apertado, quando entramos na sala.

Ordinária. Completamente ordinária, assim como eu. Não há sangue encharcando o chão ou a cadeira...

A cadeira onde ele foi assassinado.

Morto. Uma pontada de tristeza me atinge enquanto meus olhos percorrem a sala, tentando encontrar a cadeira onde ele tanto gostava de ler. Eu sentava a seus pés ou em seu colo enquanto ele me contava histórias sobre mundos melhores, com magia, heróis e garotas que não precisavam esconder quem realmente eram.

Lenny caminha até a estante inclinada no canto da sala, repleta de livros cobertos de poeira e teias de aranha. Estou prestes a perguntar o que exatamente ele está fazendo quando de repente ele agarra a borda da estante e puxa. Observo, impressionado, enquanto a prateleira de madeira desliza facilmente para a esquerda em algum tipo de trilho abaixo dela. E atrás estão degraus de pedra que descem.

Eu nunca vi isso antes.

Lenny me dá outro sorriso, apontando para a escuridão que fica atrás da estante. — Damas primeiro.

O que eu deveria ter feito era rir na cara dele antes de fazê-lo descer a escada primeiro, mas joguei a cautela ao vento e rapidamente a substituí pela curiosidade. O som dos meus passos contra a pedra ecoa enquanto apoio a mão na parede suja e continuo descendo na escuridão. Quando estou de pé sobre uma pedra lisa e sólida ao pé da escada, paro.

Lenny corre direto para mim, quase me atropelando.

— *Aí, merda ...* quero dizer, desculpe... uh, eu não vi você parar.

— Sim, bem, isso é porque não podemos ver *nada* — respondo, presumindo que estou olhando para seu rosto na escuridão.

— Agora isso eu posso ajudar. — Uma voz feminina vinda da escuridão me faz pular e colidir com Lenny novamente. Ouço o toque de um interruptor e o zumbido de luzes fracas sendo acesas. Então fico piscando, tentando entender o que estou vendo.

Estou em uma sala grande e úmida, cheia de mesas lotadas de gráficos, mapas e suprimentos. Anotações e papéis estão colados nas paredes, criando um tipo estranho de papel de parede. Do outro lado da sala, há cadeiras incompatíveis espalhadas em círculo com papéis jogados em cima delas, e camas bagunçadas alinhadas na parede oposta.

E, provavelmente o detalhe mais importante, há pessoas nesta sala. Um dos quais reconheço imediatamente como o garoto de quem roubei, o mesmo do baile. O homem à sua direita é mais velho, mais ou menos da idade que meu pai teria, com cabelos cor de

palha e olhos azuis claros que me observam de perto. A garota ao lado dele parece apenas alguns anos mais velha do que eu, uma mera cópia do homem ao lado dela.

Sua filha.

Então meus olhos pousam na garota sorridente ao lado do interruptor de luz. Sua pele morena parece brilhar contra o preto intenso de seu cabelo que vai até a cintura, e seus profundos olhos castanhos me observam com curiosidade.

— Desculpe por mantê-la no escuro — ela suspira, — literalmente. — A garota cruza os braços sobre a túnica laranja, me observando. — As orelhas de morcego de Lenny ouviram a porta se abrir, então mergulhamos na escuridão, só para garantir.

Lenny dá a ela um sorriso sarcástico antes de responder casualmente à minha pergunta tácita. — Eu sou um Hiper. Tenho sentidos apurados, dos quais *algumas pessoas* gostam de zombar. Mesmo que isso tenha salvado a vida deles algumas vezes.

Eu dou a ele um olhar confuso. — Você é um Mundano? Mas os Imperiais...

— Normalmente são elites ofensivas ou defensivas — ele interrompe com um suspiro. — Confie em mim, eu sei. Demorei uma eternidade para subir na hierarquia e chegar à posição que tenho.

Bem, isso esclareceu apenas um pouco uma das dezenas de perguntas que giravam em meu cérebro. — Ok, alguém pode me dizer o que *diabos* está acontecendo?

Lenny balança a cabeça ao meu lado, murmurando: — Tão exigente...

— Eu me perguntei quando você encontraria o caminho até aqui. — É o garoto do baile que interrompe antes que eu possa chutar a bunda de Lenny como prometi. — Quero dizer, depois que você roubou metade das minhas moedas de prata e o bilhete no meu bolso, imaginei que você apareceria eventualmente. — Ele está divertido. — Você demorou bastante.

Abro a boca apenas para descobrir que estou sem palavras.

Pragas, o que está acontecendo?

O homem loiro pigarreia antes de dizer: — Finn, você poderia pegar uma cadeira para Paedyn, por favor? Temos muito o que conversar com ela.

Finn assente e faz exatamente isso, acrescentando outra cadeira ao círculo de assentos que nos espera. Os quatro estranhos se aproximam e se sentam sem dizer mais nada.

Há uma mão no meu ombro em um momento, e no próximo, eu a torço em um ângulo estranho por puro instinto. — *Merda*, Paedyn! Calma! — Lenny engasga. Pisco, vejo o que fiz e solto sua mão.

— Desculpe, — murmuro. — Estou um pouco nervosa.

Ele está esfregando o braço dolorido, olhando para mim com cautela. — Então, se lembrem, a princesa não gosta de ser tocada...

— Não me chame de princesa, Lenny.

— Ok, então, a princesa também não gosta de ser chamada de princesa. — Eu o encaro com um olhar furioso, mas ele segue em frente. — Tudo bem, olhe. Você ouvirá muitas

informações esta noite. Informações que vão chocar você. Então, apenas... — Seus olhos procuram os meus. — Escute, ok?

— Claro. Sou uma ótima ouvinte.

Ele bufa. — Veremos sobre isso.

— Por que você está aqui? — Pergunto abruptamente, minha voz mais calma do que sinto atualmente.

— Paciência, princesa. Eu vou te contar isso em breve. — Ele lentamente coloca a mão levemente no meu ombro, olhando para mim para ter certeza de que não quebrarei seu pulso. Quando se considera seguro, ele gentilmente nos guia até o círculo de cadeiras e se senta ao meu lado.

O homem loiro está sentado à minha frente, suspirando enquanto me olha. — Você deve ter parecido com sua mãe porque você não se parece muito com seu pai. — Meu coração para, meus olhos se arregalam com suas palavras. — Mas você tem o espírito dele, a vontade dele. Isso fica evidente em como você apareceu esta noite. — Abro a boca para soltar as perguntas, mas ele me interrompe. — E vejo que você ainda tem a adaga do seu pai. Bom. — Ele acena para a faca ainda apertada em meu punho, o cabo agora escorregadio de suor.

— Minha querida, você tem... — Seus olhos perfuram os meus tão intensamente que eu luto contra a vontade de desviar o olhar. — Tantas perguntas. Para começar, sou Calum. Bem-vinda à Resistência. Bem, uma pequena parte disso. Estamos aguardando pacientemente sua chegada.

— Você estava esperando...? — Eu começo.

— Boa ouvinte, minha bunda, — Lenny murmura ao meu lado. Lanço um olhar que faz Calum rir e Lenny se contorcer, vendo a adaga ainda apertada em meu punho.

— Prometo que responderei todas as suas perguntas, Paedyn. Mas primeiro, vamos fazer nossas apresentações. Esta é minha filha Mira, — ele aponta para a garota loira ao lado dele, que mal me oferece um sorriso, — e esta é Leena. — Ele acena para a garota com cabelos negros caindo elegantemente em suas costas.

— Você é menor do que eu pensei que seria — diz Leena com a cabeça inclinada para o lado. — Agora estou ainda mais impressionado por você ter sobrevivido ao primeiro Prova. — Seu tom não é zombeteiro, mas sim curioso.

— Sou mais durona do que pareço, garanto. A arma mais forte que uma mulher tem à sua disposição é que muitas vezes ela é subestimada — respondo com um pequeno sorriso. — E eu uso isso o tempo todo.

O rosto de Leena se abre em um lindo sorriso que ilumina suas feições enquanto ela diz para ninguém em particular: — Eu gosto deste. Estamos mantendo ela certo?

— Ela não é um cachorro —, Mira murmura revirando os olhos.

— E você já conheceu Finn, — Calum interrompe. Finn me dá uma piscadela rápida e eu quase zombei. — Agora, tenho muito a explicar em pouco tempo, então vou direto ao assunto. — Ele respira fundo. — Seu pai e eu éramos muito próximos.

E ainda assim nunca vi esse homem em minha vida.

— E eu sei que você não sabe quem eu sou. — Suas palavras cortaram meus pensamentos. — E isso é porque seu pai me manteve um... bem, em segredo. Assim como ele manteve a Resistência em segredo de você.

Minha cabeça está girando e de repente estou grato por estar sentado.

— Mas seu pai não *sabia apenas* sobre a Resistência. Veja, a Resistência já existe há quase uma década e Adam foi um de seus líderes originais. Essa é a razão pela qual ainda estamos nesta casa, usando-a como quartel-general, como fazíamos quando ele estava vivo.

— Por que ele manteve tudo isso em segredo de mim então? — Ignoro o olhar que Lenny me lança com a minha interrupção.

Calum solta um suspiro. — Não foi só de você que ele escondeu a Resistência em segredo. Naqueles primeiros anos, nos escondemos e espalhamos silenciosamente a nossa causa por meio daqueles em quem podíamos confiar. Era perigoso para você fazer parte da Resistência, então ele queria esperar até você ficar mais velha para ingressar. — Ele faz uma pausa antes de acrescentar calmamente: — Mas ele nunca teve a chance de te contar. E quando encontramos seu pai... você tinha sumido.

Consigo acenar levemente com a cabeça, engolindo o nó na garganta antes de perguntar: — Foi por isso que o rei o matou? Porque ele soube do seu papel na Resistência?

Uma expressão de confusão cruza o rosto de Calum enquanto ele continua a me encarar. A intensidade em seu olhar é quase perturbadora antes que ele desvie o olhar e assente lentamente. — Isso é o que presumo, sim.

Engulo em seco, esperando me sentir mais leve depois de finalmente descobrir o motivo da morte do meu pai, depois de anos de culpa e adivinhações. E ainda assim, eu não.

— Você e a maior parte de Ilya só agora estão começando a ouvir falar de nós porque crescemos — continua Calum. — Cresceu em tamanho e força. Mantivemos a Resistência calada durante muitos anos, enquanto ganhávamos mais membros e encontrávamos mais Ordinários. Mas o rei está tendo dificuldade em nos conter agora. Dificuldade em nos manter em segredo e sob controle.

— Então, onde está o resto de vocês? — Acrescento rapidamente: — *Quem* são vocês?

— Estamos *em toda parte* — diz Mira, mas seu olhar penetrante diz muito. Está claro que ela não confia em mim além do que vê.

Calum continua calmamente: — Durante a Purificação, há três décadas, mais Ordinários permaneceram em Ilya após o banimento do que se acreditava originalmente. Eles se esconderam em segredo, bem debaixo do nariz do rei. Há membros da Resistência espalhados por toda Ilya, já que é obviamente inseguro e pouco prático residirmos todos na mesma área. Mesmo eu não sei onde ou quem são todos eles. Temos líderes designados para diferentes áreas do reino, o que nos permite espalhar informações aos

membros da Resistência de forma suave e sem suspeitas. A notícia corre rápido quando os líderes conversam e passam informações aos membros de sua seção.

— E é por isso que nos encontramos aqui esta noite — diz Leena alegremente. — Para discutir planos e depois conscientizar nossas seções sobre eles.

Pisco para todos eles. — Vocês são todos líderes? Quero dizer, você é tão... jovem.

— E bonito, — Finn suspira. — Mas sim, somos alguns dos líderes que conseguiram sobreviver esta noite. Honestamente, somos apenas pombos-correio glorificados que transmitem informações secretamente para que a Resistência possa permanecer unida, apesar de não ser capaz de reunir todos.

— Não sou um pombo-correio — Mira bufa.

— Não sei por que estamos falando de *pássaros* — suspira Lenny, — mas, sim, eles supervisionam a informação dos membros da Resistência em certas partes do reino. E não é uma tarefa simples. Pessoas Ordinárias ainda são mortas constantemente, e se a informação sobre quem faz parte da Resistência for divulgada, ainda mais pessoas morrerão.

— Então — olho entre eles, — vocês são Ordinários?

Finn sorri. — Claro que sou.

— O mesmo aqui — diz Leena com orgulho.

Eu fico olhando para os dois, essas pessoas que são iguais a mim, tão Ordinários quanto eu.

Meus olhos se voltam para Mira quando ela diz: — E eu sou uma Silenciadora.

Calum interrompe antes que eu possa fazer mais perguntas. — Os Ordinários em Ilya tendem a simular a habilidade dos Hipers, já que é um poder bastante fácil de posar. — Com isso, Leena lança um olhar presunçoso para Lenny. — Quando os Ordinários nos encontram e se juntam à Resistência, nós os ajudamos a construir uma vida, ensinamos como sobreviver. — Ele me oferece um sorriso triste. — Nem todo mundo teve um pai como o seu, que os ensinou a *se tornarem realmente* poderosos. Sua habilidade psíquica foi treinada em você desde que você era criança, e é o disfarce mais convincente que já vi.

Ele faz uma pausa por um momento, organizando seus pensamentos. — Quanto a *quem* somos, bem, obviamente a maioria de nós são Ordinários. Mas também temos Elites do nosso lado.

— Os Fatais, — eu respiro.

— Sim. — Ele parece endurecer com o título. — E parece que você já encontrou um.

O Silenciador com quem lutei no beco vem à mente quando digo lentamente: — Ele estava...?

— Sim, ele era um membro da Resistência. — Calum levanta a mão, silenciando o pedido de desculpas que eu estava prestes a fazer por derrubar um de seus membros. — Não há necessidade de se desculpar, Paedyn. Foi a própria tolice de Marcus que o fez ser pego.

— Ele sempre foi um cabeça quente — Lenny murmura. — E um idiota. Um idiota imprudente. Em pensar que ele poderia derrubar o príncipe, o futuro *Executor*, sem consequências...

Meus olhos dançam entre os cinco. — Será que posso saber exatamente por que esse Micah é um idiota imprudente?

— Porque ele viu o príncipe já enfraquecido e sua raiva tomou conta dele — diz Mira, com uma expressão desprovida de simpatia. — Resumindo a história, o Príncipe Kai matou alguém muito próximo de Micah, consumindo o Silenciador com raiva e necessidade de vingança. Ao ver o príncipe naquele beco, exausto e preocupado, aproveitou para tentar matá-lo. — Ela me fixa com um olhar. — Mas você o derrubou em vez disso.

— Na época, não sabíamos quem você era — acrescenta Lenny. — Juntamos as peças quando vimos seu nome no banner no Loot e vimos você nas entrevistas.

— Achei que você estivesse morta, Paedyn. — Calum diz gravemente. — E então você apareceu de repente nas Provações e encontramos a filha de Adam. Bem, você nos encontrou.

— Quem poderia imaginar que a filha de Adam Gray, filha de um líder da Resistência, seria quem me roubaria e encontraria aquele bilhete? — Finn diz com um suspiro. — O bilhete que o levou direto até nós e de volta para sua casa. — Ele olha para o teto e sorri para si mesmo. — Quando te vi no baile, vi que você reconhecia quem eu era, sabia que não demoraria muito para que você viesse e nos encontrasse.

Engulo em seco, incapaz de seguir em frente com o tópico anterior. — Sinto muito pelo Silenciador... por Micah. — Não posso deixar de me sentir culpada, vendo que sou a razão pela qual ele foi pego. — Você sabe se ele ainda está vivo?

A expressão de Calum fica sombria. — Não temos certeza. Mas se estiver, provavelmente não durará muito mais tempo. — Ele continua antes que eu possa tentar me desculpar novamente. — E não há necessidade de se sentir culpada, Paedyn. Micah foi sua própria ruína.

Ele respira fundo antes de continuar a conversa casualmente. — Agora, como eu estava dizendo, a Resistência é composta tanto por Ordinários quanto por Elites, incluindo Silenciadores, Leitores de Mentes e Controladores. Como o rei também tentou matar os Fatais e continuou a fazê-lo, eles também querem justiça. Outras Elites aderiram à causa pelas suas próprias razões. Aqueles que se importam o suficiente para pensar sobre isso não aceitam a ideia de que os Ordinários foram subitamente banidos por causa de uma doença.

— Então, os membros da Resistência não acreditam que os Ordinários estejam enfraquecendo as Elites — digo, observando enquanto Calum assente. — Alguém tem provas para usar contra o rei e seus curandeiros?

Os olhos de Calum procuram os meus antes de suspirar. — Não, não temos provas.

Lenny acrescenta: — Somos apenas os Ilyanos que se importam o suficiente para perceber que não faz sentido. Os Ordinários viveram com as Elites por décadas antes da Purificação e, mesmo agora, eles se escondem debaixo do nariz do rei e vivem ao lado das Elites, sem reclamar de qualquer habilidade diminuindo. — Ele suspira. — Mas só porque o rei e seus Curandeiros disseram que os Ordinários estavam doentes, a maioria das Elites não pensará duas vezes se isso significar que seus poderes e vidas estão em jogo.

Concordo com a cabeça lentamente enquanto meu cérebro é subitamente inundado com perguntas mais uma vez.

Qual é exatamente o objetivo da Resistência e o que é que eu poderia oferecer?

Abro a boca para perguntar isso, mas Calum chega antes de mim. — A Resistência está finalmente pronta para agir. E, ao contrário do que o rei disse sobre nós, não somos radicais que matam por pura diversão. Queremos justiça. Queremos que a verdade seja dita. Queremos que os Ordinários e os Fatais vivam em paz com o resto das Elites mais uma vez. Não serem caçados e mortos por coisas que não podem controlar simplesmente porque o rei quer uma sociedade de Elite e está disposto a mentir sobre os Ordinários para consegui-la. Então esse é o nosso objetivo. Essa é a nossa causa.

E é exatamente isso que eu quero, exatamente o que esperei durante toda a minha vida. Para ser aceita e *livre*.

Percebo então o quanto quero fazer parte disso. O quanto quero ajudar e fazer a diferença. Acho que esperei toda a minha vida para encontrar esse propósito.

— E o baile? — Eu deixo escapar. — Por que atacar no baile?

Lenny e Calum trocam um olhar antes que este suspire e diga: — Nosso ataque foi uma surpresa tanto para nós quanto para os convidados. — Me lembro de como os poucos membros da Resistência pareciam despreparados, de como tentavam lutar para *sair* do salão de baile.

— Isso nunca fez parte do plano — Lenny interpreta enquanto levanto uma sobrancelha, pedindo-lhe que explique melhor. — Então, basicamente, o baile foi o disfarce perfeito para um pequeno grupo vasculhar o castelo, usando a festividade como uma distração. E, bem, digamos que eles foram pegos.

Meu olhar desliza para Finn. — Você estava lá e escapou. O que aconteceu?

Finn limpa a garganta. — Não vou aborrecê-la com os detalhes, mas um guarda me encontrou em um corredor dos fundos durante minha busca e achou bastante suspeito que um criado estivesse tão longe das festividades. Então, quando ele fez perguntas curiosas, naturalmente, eu menti pra caramba. — Ele abaixa a cabeça, balançando-a no chão. — Só depois que ele me arrastou de volta para o salão de baile é que descobri que ele era um Blefe que conseguia sentir cada uma das minhas mentiras.

— Mas Finn não foi o único pego, — Mira interrompe, parecendo sombria. — Acontece que havia muito mais Imperiais rastejando pelo castelo do que o previsto.

Finn solta um suspiro pesado. — Estávamos todos equipados com bombas de baixo dano, facas e cápsulas suicidas, embora não planejássemos usar nada disso. Mas vestimos discretamente nossa armadura de couro e nossas máscaras como precaução, caso precisássemos lutar para escapar. E foi exatamente nisso que aconteceu. Um Imperial foi o primeiro a detonar uma de nossas bombas, sem saber o que era, e foi então que o salão de baile entrou em caos. Tentamos escapar, mas os Elites começaram a lutar contra nós, e tudo o que pudemos fazer foi tentar lutar para sair. — Ele faz uma pausa, engolindo sua tristeza. — No final, todos nós usamos as bombas, enquanto aqueles que foram pegos usaram as cápsulas suicidas.

O lindo rosto de Leena está contraído de tristeza, suas próximas palavras são sagradas. — Nossos segredos são valiosos demais para serem perdidos e eles eram leais demais para divulgá-los. Eles sabiam que perderiam suas vidas de qualquer maneira.

A sala fica em silêncio, como se estivesse reservando um momento para homenagear a vida daqueles que perderam.

— Não pretendíamos que o reino soubesse da Resistência naquela noite, ou daquela forma, mas parece que o destino tomou outras providências — Calum diz suavemente. — Infelizmente, às vezes são necessários mártires para mostrar às pessoas que há algo pelo qual vale a pena lutar.

Deixei a informação penetrar, sentando-me em silêncio antes de expressar a pergunta que surgiu na minha mente. — O que você estava procurando?

É Lenny quem me oferece uma resposta. — Como Imperial, fui informado que o Prova final será realizado no Bowl, e é lá que nos mostraremos a Ilya. Agora, o castelo está repleto de passagens secretas e túneis que levam para dentro e para fora de vários lugares. Precisamos encontrar aquela que leva logo abaixo da caixa na arena. Proteger o rei é a parte mais complicada disso, então precisamos usar o elemento surpresa contra ele enquanto o resto da Resistência pode passar pelos muitos túneis que levam ao Bowl.

Minhas sobrancelhas se unem em confusão. — Como você sabe que existe um túnel que leva à sala de espera abaixo da caixa? — Não me lembro de ter visto uma porta lá embaixo antes das entrevistas, mas, novamente, suponho que estava bastante distraído.

— Porque eu vi, — Lenny diz simplesmente. Abro a boca, mas ele rapidamente me interrompe. — E tudo isso é bom e elegante, exceto que as portas do túnel só abrem por *dentro*, e não tenho ideia de onde fica o outro lado dessa passagem.

— Ah, — eu digo suavemente.

A risada de Lenny é seca. — Sim. Ah.

Eu olho entre todos eles com expectativa. — Então, você precisa que eu encontre o túnel que leva até lá?

A resposta deles é praticamente em uníssono. — Sim.

Eu engasgo com uma risada. — Se Lenny ainda não conseguiu encontrá-lo, não tenho certeza se...

— Sim, bem, seria muito mais fácil se eu tivesse o futuro rei em meus dedos, — Lenny murmura baixinho.

Lanço um olhar enquanto Calum diz lentamente: — Seus relacionamentos com os príncipes são...valiosos. Especificamente, a sua *ligação* com o príncipe Kitt. — Ele se inclina para frente, me incentivando a entender. — Paedyn, acredito que você tenha muito mais influência sobre aquele garoto do que acredita.

Não tenho certeza se ele está certo sobre isso, mas aceno lentamente, absorvendo suas palavras. — Você quer que eu use Kitt para encontrar o túnel.

— Bingo, — Finn diz.

— Ele já começou a confiar em você — insiste Calum. — Então, use-o. O que foi que você disse antes? “A arma mais forte que uma mulher tem à sua disposição é que ela é frequentemente subestimada.” Então deixe ele subestimar você. Ele é um meio para um fim. Faça esse garoto se curvar se for preciso. — Seus olhos estão presos nos meus. — Basta nos levar até o Bowl. Já estamos planejando isso há muito tempo e será a primeira vez que a maior parte da Resistência estará no mesmo lugar. Então, isso precisa dar *certo*.

Eu aceno novamente. — Eu posso fazer isso. Eu *farei*. — Há um momento de silêncio antes de eu perguntar: — Qual *é exatamente* o plano?

— É realmente muito simples — diz Calum. — A maioria de nós finalmente nos reuniremos e mostraremos ao povo de Ilya quem somos e o que temos a dizer. Mostre a eles que não somos uma ameaça e ao mesmo tempo lembrar de quem eles vêm matando há décadas. O rei terá de admitir as suas mentiras sobre os Ordinários ou simplesmente nos dar a nossa liberdade. E você vai nos ajudar a fazer isso.

— Precisamos que você encontre o túnel — insiste Lenny. — Estarei lá para ajudar com qualquer coisa que você precisar, é claro, e entraremos em contato novamente em breve com Calum.

Então, Calum é o líder principal?

— Sim, suponho que você poderia me chamar assim, embora nenhum de nós realmente tenha títulos — diz Calum friamente, passando a mão pelos cabelos castanhos.

Pragas. Ele é um...

— Sim, sou um leitor de mentes, Paedyn.

Minha respiração acelera.

Ele esteve lendo meus pensamentos o tempo todo. Ele provavelmente os está lendo agora—

— Sim, tenho lido seus pensamentos o tempo todo e, sim, acabei de lê-los novamente. — Não tento esconder a expressão de traição em meu rosto, o que apenas suaviza sua expressão. — Sinto muito por invadir seus pensamentos, mas eu tinha que ter certeza de que você estava realmente do nosso lado. Verdadeiramente disposta a nos ajudar.

Fique. Fora. Da. Minha. Cabeça.

Ele quase sorri. — Tão teimosa, assim como seu pai. Mas agora que vejo que você é confiável, vou deixá-la com seus pensamentos.

Lenny limpa a garganta e se levanta, me oferecendo a mão. — Devíamos ir. Nós temos muito trabalho a fazer. E você precisa passar o máximo de tempo possível com o futuro rei, para que possa encontrar nossa passagem para nós.

— Sim, ainda preciso descobrir exatamente como vou arrancar essa informação dele — admito.

— Flerte, — Finn interrompe no mesmo momento em que Lenny diz: — Pisque os cílios ou algo assim.

Eu bufo antes de Lenny me indicar as escadas. — Vamos. Precisamos levar você de volta para o seu quarto.

Aceno para o pequeno grupo diante de mim. — Obrigada. Você me deu algo pelo que lutar. — E com isso, eu me viro, indo em direção aos degraus de pedra atrás de Lenny.

— Paedyn? — Giro nos calcanhares e vejo Calum me observando. — Seu pai ficaria orgulhoso.

Capítulo Trinta e Cinco



Kai

O TREINAMENTO E A TORTURA me mantiveram são nos últimos dias, embora eu saiba que só uma pessoa louca admitiria isso.

Já se passou quase uma semana desde que a primeira prova terminou.

Quase uma semana desde que enterrei uma lâmina no peito de Jax.

Quase uma semana me contendo para não fazer o mesmo com Ace.

Então continuo ocupado, batendo os punhos nas almofadas para que eles não acertem o rosto de alguém, vendo que não tenho mais o Silenciador para bater.

É uma pena que eu o matei.

Tenho certeza de que ele tinha informações, sim, mas não gosto de ameaças vazias. Prometi ao Micah que o mataria se ele não provasse que sua vida era digna de ser salva. E quando ele não me ofereceu a informação que eu queria, cumpri essa promessa.

Ele era um risco, perigoso demais para ser mantido vivo como meu saco de pancadas humano. Eu sabia que ele não tinha intenção de me dizer o que eu queria ouvir e não tinha intenção de perder tempo.

Embora eu sinta falta de tirar dele minha raiva e frustração.

Apesar disso, ainda passo a maior parte dos meus dias com o Silenciador do Pai. Sua habilidade é uma das poucas com as quais nunca treinei, nem mesmo encontrei até um mês atrás. Então treino com Damion por horas, tentando entender e desenvolver esse novo poder da melhor maneira que posso. Nunca quero me sentir impotente como me senti quando Micah me emboscou no Loot. Não, eu *quero* o poder dele. Quero poder usá-lo e desviá-lo para nunca mais ficar aleijado daquele jeito.

Mais fácil falar do que fazer.

O treinamento é tedioso e cansativo. Aprender a usar a habilidade do Silenciador é muito mais fácil do que se defender dela. Sou sufocado diariamente por seu poder

enquanto tento aproveitá-lo, tento usá-lo contra ele. Estou lutando, para dizer o mínimo, apesar de estar determinado e desprezar me sentir tão impotente.

Mas estou inquieto. Eu me mantenho ocupado o dia todo na esperança de que os pesadelos estejam exaustos demais para me tirar do sono à noite.

A lâmina da minha espada afunda profundamente na madeira do boneco de treino que estou invadindo.

Suspiro de aborrecimento e agarro o cabo pesado com as duas mãos, arrancando o aço afiado da madeira lascada. Eu inconscientemente viro a arma ao meu lado antes de desferir golpes no pedaço de madeira mais uma vez, deixando minha mente se concentrar no poder e na precisão de cada golpe – focar em como é exercer a morte, segurá-la na palma da mão, dobrar isso à minha vontade.

E, no entanto, basta uma risada familiar para quebrar esse foco.

Ela está encostada naquela árvore acolchoada que ela tanto gosta de bater, com Kitt próximo. Algo começa a queimar dentro de mim, mas eu ignoro, sem me preocupar em reconhecer o ciúme que me pinta com a cor do reino de Ilya.

Meus olhos estão colados nos dois enquanto eles conversam casualmente. Paedyn parece estar muito mais confortável com Kitt ultimamente, passando tempo com ele fora dos treinos e das refeições. Desejo que o ciúme escoe dos meus ossos, simplesmente evapore, mas ele rói e incomoda cada pensamento dos dois juntos.

Paedyn acena para Kitt com um sorriso antes de se virar e voltar para o castelo enquanto eu me forço a me concentrar mais uma vez no treinamento. Eu corto e corto a madeira com minha espada, a tensão em meus ombros diminuindo a cada golpe.

— Que tal uma revanche?

Bati com força na madeira, cortando profundamente o peito do boneco com a espada. Paedyn espera pacientemente enquanto eu me viro lentamente, balançando a espada em círculos lentos ao meu lado. Não me preocupo em sorrir quando digo casualmente: — Alguém está com vontade de perder.

A sombra de uma carranca sombreia seu rosto enquanto ela cruza os braços. — E alguém está de mau humor.

Eu rio sem humor. — Querida, não estou de mau humor. Haveria muito mais sangue se fosse esse o caso.

Ela me dá um pequeno sorriso. — Bem, não terei que acreditar apenas na sua palavra, porque depois de vencer você, tenho certeza de que testemunharei em primeira mão um de seus maus humores.

Eu suspiro, cedendo. — Tudo bem. Corpo a corpo de novo?

— Não — ela diz lentamente, — eu estava pensando que poderíamos fazer algo diferente.

— E por que isso? — Dou um passo mais perto dela, me inclinando e digo: — O corpo a corpo é muito perturbador, tendo que estar tão perto de mim?

Ela de alguma forma consegue dar um passo ainda mais perto. — De jeito nenhum. Eu não me distraio, Azer.

— Isso parece um desafio.

— Só se você estiver com vontade de perder.

Pragas, essa garota.

Ela sorri para mim. — Então, que tal tiro com arco? A menos, é claro, que seu orgulho não aguente perder para mim. De novo.

— Ah, isso não será um problema. Porque não vou perder. — Afasto meu rosto do dela e roço seu ombro enquanto passo. Eu sei o que ela está fazendo e agradeço a distração. É bem-vindo, *ela* sendo a distração.

Puxo um arco de um dos suportes de armas e jogo um punhado de flechas no chão entre nós. Paedyn já está com a arma em mãos, já de frente para o alvo atingido a mais de quinze metros de distância.

— Três tiros — diz ela, sem tirar os olhos do alvo. — Cada um de nós recebe três tiros por rodada. A pontuação mais alta vence.

— Justo. — Estendo minha mão para ela para concordar com as regras, como é de costume. Ela lentamente agarra minha mão, segurando-a firmemente enquanto seus calos roçam os meus. Então eu a puxo para mim, puxando-a contra meu peito, onde murmuro perto de seu ouvido: — Boa sorte, Gray.

Ela revira os olhos para mim, mas os meus estão fixos nela. — Eu não preciso de sorte quando estou competindo contra você — ela diz friamente, com um sorriso cada vez mais presunçoso. Não posso deixar de soltar uma risada. Depois de um momento a mais, eu a solto e ela se vira para encarar o alvo com um sorriso. Quando não me movo para encaixar uma flecha, ela lança um olhar de expectativa para mim, ao qual respondo com um gesto em direção ao alvo. — Damas primeiro.

— Ah, certo. Esqueci que você é um *cavaleiro*. — Ela bufa antes de encaixar uma flecha. Inclino a cabeça, observando-a segurar o arco como se fosse canhota, embora eu saiba que ela não é.

Interessante.

Pisco e uma flecha voa pelo ar, pousando bem perto do alvo. Ela coloca outra flecha no arco e recua, respirando fundo. Ela fecha os olhos por um momento, só atirando quando os abre. No alvo. Eu a observo seguir a mesma rotina com sua última flecha. Observe o braço dela esticar enquanto ela puxa a corda do arco para trás. Observe seus olhos se fecharem em concentração. Observando-a respirar profundamente antes de enviar outra flecha afundando no alvo.

Droga.

Tiro com arco nunca foi meu favorito e claramente Paedyn não sente o mesmo. Ela é natural. Tão confiante, tão controlada, como se o arco fosse quase uma extensão do seu braço. A flecha a obedece enquanto ela deseja que caia exatamente onde ela deseja.

E de repente estou pensando que ela está certa. Eu posso perder isso.

— Sua vez. — Ela dá um passo para trás ao meu lado e, com um sussurro zombeteiro, diz: — Boa sorte, Azer.

Pragas sabe que vou precisar disso.

Eu me aproximo e coloco uma flecha em meu arco. Posso sentir seus olhos em mim, rastreando cada movimento que faço e isso *irritantemente me distrai*. Puxo a corda do arco para trás, miro e atiro. Então estou xingando baixinho por errar por pouco o alvo antes de acertar outra flecha. Esta segue o mesmo padrão, e agora estou frustrado e sentindo uma necessidade irresistível de dar um soco em alguma coisa. Eu disparo minha última flecha e ela finalmente cai onde eu quero. Por muito pouco. Sua ponta prateada afunda na borda mais distante do alvo, guiada pela pura sorte para chegar lá.

Paedyn não diz uma palavra enquanto se aproxima e dispara as próximas três flechas. E, assim como antes, duas acertaram o alvo, um pouco antes. Ela é fascinante de assistir, de testemunhar seu trabalho com esta arma.

Eu vou perder. Eu não gosto de perder.

E Paedyn também sabe disso. Ela passa, sorrindo para mim como se já tivesse vencido. E ela provavelmente venceu. Demoro para disparar meus próximos três tiros, tentando me concentrar e acalmar minha respiração antes de deixá-los voar em direção ao alvo. Não estou ajudando. Dois nos anéis, um no alvo.

Olho para o alvo enquanto Paedyn sorri. Ela coloca uma flecha e diz: — Agora entendo por que você quis continuar no corpo a corpo. Você sabia que tinha mais chances de ganhar isso.

Ela não está errada. O tiro com arco nunca foi meu favorito ou meu forte. Ela ainda está sorrindo enquanto concentra sua atenção no alvo, acalmando sua respiração antes mesmo de puxar a corda do arco para trás.

Não há nenhuma maneira de eu ganhar isso.

Luto contra um pequeno sorriso diante da minha ideia repentina.

Se vou perder, é melhor me divertir um pouco.

Dou um passo em direção a ela. Então eu lentamente passo atrás dela – logo atrás dela. Meu peito pressiona suas costas no mesmo momento em que deixo minha mão encontrar preguiçosamente sua cintura. Ela dá um pulo com o contato repentino e eu rio baixinho, perto de seu ouvido.

— O que você está fazendo? — Suas palavras são ofegantes, mas ela não se move, congelada contra mim.

Meus lábios estão perto de seu ouvido enquanto murmuro: — Distraindo você.

Ela solta uma risada forçada, fingindo confiança. — Eu disse... — As palavras lhe faltam quando minha mão começa a explorar mais ao longo de sua cintura, seu abdômen, em cima de sua regata fina. Ela engole. — Eu te disse que não me distraio.

— Sim, — meus dedos começam a traçar círculos preguiçosos para cima e para baixo em sua lateral, — e eu poderia jurar que você bateu com o pé esquerdo ao dizer isso. —

Eu me inclino ainda mais perto, sussurrando em seu ouvido: — E nós dois sabemos que isso significa que você está mentindo.

A verdade é que quem está mentindo sou eu. O pé dela é a última coisa em que presto atenção. Mas sei que ela está mentindo mesmo assim e vou provar isso.

— Bem, — ela limpa a garganta, tentando se concentrar em formar palavras e não em meus dedos, — você está errado. — E com esse comentário inseguro, ela levanta o arco e puxa a corda.

Envolvo um braço em volta de sua cintura, lentamente, e deixo minha outra mão passar dos nós dos dedos curvados ao redor da corda do arco até seu ombro tenso. Com seu corpo ainda pressionado contra o meu, sinto um arrepio percorrer sua espinha enquanto meus dedos dançam lentamente para cima e para baixo em seu braço. Sorrio em sua orelha e sei que ela também sente isso, já que bufa de aborrecimento.

Eu a sinto respirar fundo e trêmula enquanto tenta se acalmar, tenta se recompor. E então ela atira. Eu rio em seu ouvido quando a flecha cai o mais longe possível do alvo. Ela vira a cabeça para que nossos rostos fiquem a poucos centímetros de distância e faz uma careta para mim. Estou me divertindo, sorrindo enquanto deixo meus olhos vagarem por seu rosto, captando cada sarda leve e cílios escuros emoldurando seus olhos azuis.

Então aqueles olhos oceânicos se desviam dos meus quando ela se volta para o alvo, pegando outra flecha. Mas ela nunca tenta sair do meu alcance. Ela é muito teimosa. Se ela se mover agora, ela sabe que isso só provará o quanto eu realmente a distraio.

Então, ela coloca a próxima flecha e respira enquanto a brisa sopra uma mecha de cabelo prateado em seu rosto. Estendo a mão e gentilmente, lentamente, coloco-o atrás da orelha dela enquanto sussurro: — Por que você está atirando com a mão esquerda? — É uma pergunta aleatória, usada para distrair e também para satisfazer minha curiosidade.

Ela respira fundo antes de responder: — Você acreditaria em mim se eu dissesse que é porque quero pegar leve com você?

Eu rio, balançando a cabeça antes de apoiar o queixo em seu ombro. — Mentirosa. Você nunca pegaria leve comigo.

— Você está certo sobre isso. — Ela exala uma risada trêmula. — Meu pai me ensinou a atirar com as duas mãos e depois da lesão na Prova, achei que deveria praticar mais com a esquerda.

E com isso, ela não hesita antes de recuar e disparar a flecha, acertando bem longe do alvo com um baque suave. — Não. Diga. Uma. Palavra, — ela murmura com os dentes cerrados, sem se preocupar em olhar para mim enquanto pega outra flecha com raiva.

— Eu não ia dizer nada — digo com falsa inocência.

— Mentiroso. Praticamente posso *sentir* você sorrindo.

Meus lábios estão contra sua orelha e, na verdade, estou sorrindo. — Não posso evitar quando estou certo.

Ela ainda está brincando com a flecha com raiva, sua voz enganosamente doce enquanto diz: — Bem, se você continuar sorrindo assim, vou me virar e apontar esta flecha para o seu coração —.

Eu sorrio com o sentimento dela, meus dedos continuam a desenhar círculos em sua barriga. Ela respira fundo novamente, prestes a recuar e atirar quando murmuro: — Sim, bem, pelo menos você pode acertar meu coração, ao contrário do alvo...

Não fico surpreso quando sinto a forte cotovelada afundar em meu estômago. O ar sai de mim, mas assim que recupero o fôlego, estou rindo. Paedyn bufa e eu a puxo para mais perto de mim, usando esse jogo como desculpa para abraçá-la e tocá-la.

Sua cabeça repousa em meu peito enquanto ela examina o alvo, respirando profundamente. E estou fazendo o mesmo. Meu peito se agita, a sensação dela contra mim é quase demais para respirar adequadamente. Nós nos encaixamos tão perfeitamente, tão *bem*. Mal consigo pensar, respirar ou me mover quando meus dedos deslizam por sua pele, sua cintura, seu corpo.

Então, ela levanta a cabeça, ergue o arco e solta a flecha. No alvo. Mas quase não foi. Eu me inclino e descanso meu queixo em seu ombro mais uma vez, admirando a flecha que finalmente atingiu seu alvo. — Já era hora, Gray.

— Vamos ver você se sair melhor — ela zomba, se afastando quando eu relutantemente deixei. Suspiro e pego uma flecha, colocando-a no meu arco. Eu atiro rapidamente, acertando o anel mais próximo do alvo, xingando baixinho. Então pego outra, determinado a fazer a flecha pousar onde eu quero.

Algo roça meu braço, um sussurro contra minha pele.

Minha cabeça vira para o lado, os olhos se chocando com os azuis abaixo. Ela olha para mim através dos cílios, os olhos queimando nos meus, cheios de fogo. Sua mão paira logo acima da pele exposta do meu braço, provocando sem tocar.

— O que você está fazendo, Gray? — Eu pergunto, voltando minha atenção para o alvo.

— Distração — ela diz lentamente, prolongando as sílabas. Sua mão roça meu braço novamente, levemente. Tão levemente.

Eu sorrio. — Querida, você terá que fazer melhor do que isso.

— Não — ela diz friamente, — acho que não.

As pontas dos dedos dela encontram minha pele. Ela os deixa descer pelo meu braço, parando no meu pulso antes de voltar para cima, dolorosamente lento. Seus dedos encontram o caminho sob a manga da minha camisa de algodão, subindo e subindo e...

E se foi.

Seu toque desaparece, me deixando ansioso para que ela coloque as mãos em mim...

Foi quando me dei conta.

Ela está certa. Ela não precisa fazer mais nada para me distrair.

O simples pensamento dela estar tão perto e mal me tocar faz minha cabeça girar. Estou derretido pela promessa que seus dedos me deram, promessa de mais, promessa

de *alguma coisa*. Nada. Ela não vai colocar as mãos em mim. Em vez disso, ela vai me deixar louco, me provocando com seu toque, apenas para afastá-lo, me deixando querendo mais. Me deixando com frio sem o fogo de seus dedos percorrendo minha pele.

Eu exalo, percebendo o quão instável a ação soa, o quão instável meu corpo se tornou. Puxo a corda do arco enquanto outro dedo passa por baixo do meu antebraço, roçando minha pele.

Minha flecha atinge dois círculos inteiros de distância do centro, mas minha mente está em outro lugar, nos toques fantasmas que sobem e descem pelo meu braço. Não me lembro de ter pegado outra flecha, mas ela está colocada no meu arco quando olho para baixo.

Lentamente, muito lentamente, ela deixa seus dedos deslizarem sobre minha pele, mais pesados do que antes. Um único toque nunca me fez sentir tão em chamas. E ela sabe *exatamente* o que está fazendo. Ela sabe que mal senti-la vai me deixar louco de uma forma que não consigo explicar, de uma forma que nunca senti antes.

— Você é uma coisinha cruel, sabia disso? — Minha voz é profunda, desesperada.

— Mas eu mal coloquei um dedo em você, — ela diz suavemente, enfatizando suas palavras com um único dedo traçando meu antebraço.

— Exatamente.

Talvez eu tenha feito isso de propósito. Talvez eu tenha escolhido *distrá-la* porque sabia que ela era teimosa demais para não fazer o mesmo comigo. Talvez eu tenha feito tudo isso só porque queria as mãos dela em mim também. Porque era uma desculpa para eu abraçá-la, para ela me abraçar. E agora que ela não está, estou desejando seu toque. Desejando ela.

Eu disparo a flecha, sem me preocupar em esperar para ver onde ela cai antes de jogar meu arco no chão, girar e agarrar seus pulsos. Eu a puxo para mim, olhando em seus olhos assustados. Seus lábios se abrem, seja de surpresa ou porque ela está prestes a me repreender, não tenho certeza.

— Não, — faço uma pausa, engulo e expiro lentamente, — brinque comigo desse jeito.

Ela olha para mim. Sua boca abre e fecha novamente, claramente esperando que as palavras saiam. Eu mantenho seu olhar enquanto guio uma de suas mãos para meu braço, deixando cair o outro pulso para puxá-la para mais perto pela cintura. A palma da mão dela encontra minha pele e é quase como se eu tivesse me lembrado de como respirar novamente. Pressiono minha mão sobre a dela, segurando sua pele firmemente contra a minha. Eu sorrio agora que ela finalmente está me tocando completamente, em vez de me provocar com as pontas dos dedos provocantes.

Um único toque dela, ou a falta dele, é suficiente para me deixar louco.

O que ela fez comigo?

Tiro minha mão da dela, os dedos percorrendo seu braço antes de deixá-lo cair ao meu lado. Mas ela não deixa cair a dela, em vez disso deixa a palma da mão no lugar. Ela olha para onde sua pele encontra a minha antes que seu olhar finalmente chegue ao meu rosto.

Ela sorri, mas é tão fraco quanto sua voz. — Eu não sabia que um único toque poderia afetar você tanto.

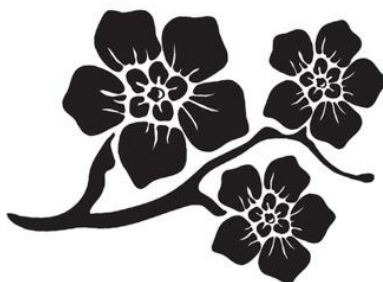
— Nem eu.

Seus olhos se desviam dos meus, quase parecendo tímidos enquanto ela deixa sua mão traçar meu braço antes de soltá-lo completamente. Então ela estica o pescoço, olhando ao meu redor para o alvo atrás.

Ela sorri com o que vê.

— Você perdeu, Azer.

Capítulo Trinta e Seis



Paedyn

— CONCENTRE-SE, Paedyn. Apenas se acalme e se concentre. Você consegue fazer isso.

Concordo com a cabeça em resposta às palavras tranquilizadoras de Kitt, fechando os olhos antes de respirar fundo. Depois de um momento, olho para ele e aceno novamente.

— Ok. Estou pronta.

Kitt solta um suspiro dramático, seus olhos cheios de diversão. Então ele diz, lentamente: — Três... — Eu sorrio de volta para ele com conhecimento de causa. — Dois... — Eu inclino minha cabeça para cima. — Um.

Num piscar de olhos, ele joga algo no ar. Abro a boca com expectativa, pronta para saborear a doçura do chocolate, mas ele cai no meu nariz antes de cair no chão.

A risada de Kitt ecoa nas paredes da cozinha movimentada e vejo os criados sorrindo ao ouvir o som familiar. Ele levanta a mão para mim quando começo a falar, claramente precisando de um momento para se recompor antes de olhar para mim. Mas quando ele finalmente se endireita e encontra meu olhar, ele está rindo de novo.

— Ok, então minha coordenação quando se trata de colocar comida na boca não é... ótima, — murmuro, incapaz de impedir que meu sorriso se espalhe.

— Não é ótima? — Kitt passa a mão pelo cabelo bagunçado, ainda engasgado de tanto rir. — Diga isso para Gail, que desperdiçou metade dos chocolates com você.

Cruzo os braços desafiadoramente. — Bem, você também não pegou todos os chocolates, *Majestade*.

Kitt se aproxima e me dá um sorriso. — Verdade. Mas pelo menos comi as evidências. Você, por outro lado — seu olhar desliza para o chão agora cheio de doces, — não fez isso.

Eu bufo, caio no chão e começo a recolher os pequenos chocolates em minha mão em concha. Kitt de repente está agachado na minha frente, ajudando a colocá-los na palma da minha mão. Eu fico olhando para ele por um momento, ainda atordoada com cada

demonstração de gentileza ou sorriso compartilhado. Mas com todo o tempo que tenho passado com ele ultimamente, as diferenças entre o rei e seu filho parecem me surpreender cada vez menos.

Uma parceria que só aceitei para ser notada pelas pessoas agora se transformou em uma amizade improvável. Não é difícil passar a maior parte dos meus dias conversando e passando tempo com o futuro rei para encontrar o túnel para a Resistência. Nada disso é difícil, embora a culpa que está me corroendo por fazer isso seja. Eu egoisticamente me pego desejando que ele fosse mais parecido com seu pai, porque isso tornaria essa traição muito mais suportável.

Uma criada pequena e bonita passa, ofegante ao nos ver. — Eu sei eu sei. — Kitt suspira: — Ela é horrível em pegar coisas na boca.

— Não, não, Alteza! — A criada corre, com alarme estampado em seu rosto. — Por favor, não se preocupe! Vou limpar isso imediatamente! — Antes que eu possa falar, ela já caiu ao meu lado e começou a tirar os chocolates da minha mão.

— Obrigado, Liza — diz Kitt, se levantando. Ele estende as mãos para mim e eu as seguro, deixando-o me colocar de pé.

Liza sorri para seu príncipe. — É um prazer, Vossa Alteza.

É claro que ele conhece seus servos pelo nome.

Dezenas deles se movimentam ao nosso redor, esbarrando uns nos outros na pressa de chegar onde precisam, enquanto uma voz estrondosa nos chama. — Kitt, eu te amo, querido, mas não acho que minha cozinha possa acomodar mais uma pessoa! — Vejo Gail nos olhando do outro lado da sala, sorrindo com o que vê. Então ela gesticula com as mãos, nos enxotando porta afora. — Mas já que estou expulsando você, você terá que vir me visitar novamente em breve.

Kitt ri e coloca a mão gentilmente nas minhas costas, e eu não me afasto do seu toque. Ele me guia até a porta enquanto grita: — Ah, você não conseguiu me manter longe, Gail.

O corredor está repleto de criados, todos ocupados e agitados em preparação para o próximo baile amanhã à noite – um lembrete do tempo cada vez menor que me resta para encontrar o túnel que leva ao camarote.

Passei dia após dia com Kitt, ganhando sua confiança enquanto elaborava um plano para obter as informações de que preciso.

Quase esbarrei em um criado, ou melhor, eles quase esbarraram em mim. O garoto desengonçado grita suas desculpas antes de sair correndo para onde quer que ele precise ir.

No momento ideal. Aqui vai.

Me viro para Kitt e forço uma risada. — Você nunca precisa apenas de uma pausa do caos do castelo? — Mesmo enquanto digo isso, já sei a resposta. Ele praticamente admitiu que se sentiu preso no palácio, em sua posição, quando estávamos juntos na sala segura. E, no entanto, aqui estou, usando as informações que ele me confiou contra ele.

Ele olha para mim, os olhos parecendo procurar os meus com uma certa tristeza. — Você não tem ideia.

Eu jogo meus braços para fora, exasperado. — Então, por que você não faz isso? Você poderia visitar o Loot por um dia. É verdade que há tanto caos lá quanto no castelo, mas... é um tipo diferente de caos. Você se mistura. Deixe o caos tomar conta de você até que se torne um sentimento familiar. Até você se tornar parte disso, ser engolido por isso.

Vamos. Diga sim.

Kitt está olhando para mim como se não pudesse acreditar no que está vendo. Um sorriso lento está se espalhando por seus lábios, olhos verdes varrendo meu rosto como se ele estivesse preocupado que eu parasse de olhar para ele novamente.

— O que? — Eu pergunto, um pouco preocupado.

Ele pisca e balança a cabeça levemente, tentando clareá-la. — Nada. É só... o jeito que você fala sobre o Loot. — Ele desvia o olhar, murmurando algo que parecia: — Inferno, é só o jeito que você fala.

Não me detenho nisso antes de perguntar lentamente: — Então... isso é um sim?

Seu sorriso desaparece. — Eu gostaria de poder ver o Loot. Sério. Não vou desde que era menino. Desde antes de eu ser...

— Preso aqui? — Eu forneço suavemente.

Eu não percebi que tínhamos parado de andar até que Kitt me puxou do meio do corredor, evitando que fôssemos pisoteados por criados agitados. — Exatamente — ele diz com um pequeno sorriso. — Você é uma das poucas pessoas que entende isso.

Concordo com a cabeça lentamente, sorrindo levemente. — Kitt, estou prestes a repreendê-lo, ok?

Ele ri disso. — Eu não esperaria nada menos de você. Prossiga.

— Como futuro rei — suspiro, — você deveria ver seu povo. Veja como eles vivem nas favelas. Veja como eles *sobrevivem*.

— Eu sei, — ele diz vaziamente.

— Então, o que está impedindo você?

Ele solta uma risada sem humor, esfregando a nuca enquanto simplesmente afirma: — O atual rei. Eu nunca saio do castelo a menos que seja absolutamente necessário e ver meu povo não é, segundo ele. Sou o herdeiro do trono e ele não vai arriscar que eu saia do palácio, muito menos ajudar como tentei fazer quando a Resistência atacou o baile.

Tento não me enrijecer com a ignorância dele, com a ideia de que a Resistência *atacou* o baile. Mas é melhor não repreender o príncipe sobre assuntos dos quais eu não deveria saber nada.

— E você concorda com ele? — Eu pergunto com cuidado.

— Eu o entendo. E eu o respeito...

— E você nunca vai parar de tentar provar seu valor para ele, então você fará o que ele diz. Eu sei. — Há um toque amargo em minha voz que rapidamente tento esconder.

— Então, apenas uma noite, Kitt. Vá ver *seu* povo. Veja como foi para mim nas favelas. Não se prenda aqui.

Kitt encosta a cabeça na parede e ri. — Eu não posso exatamente sair, Paedyn. Há guardas por toda parte e não tenho espaço para simplesmente sair.

E era exatamente isso que eu esperava que ele dissesse.

Ainda assim, dou um olhar inexpressivo. — Mas você é o príncipe.

— Sim, bem, às vezes sou apenas um príncipe pelo título, não pelo privilégio. Não posso simplesmente sair pela porta da frente.

— Então, saia por uma porta diferente. — Dou um passo mais perto, jogando minhas mãos para cima apenas para deixá-las bater nas minhas laterais, fingindo indiferença. — Você não pode me dizer que não há uma maneira de sair daqui que ninguém conheça? Algum tipo de porta que não está vigiada? — Pareço totalmente casual, até curiosa.

Vamos. Confie em mim. Me conte.

Se eu conseguir fazê-lo falar sobre os túneis, fazê-lo me guiar por eles, há uma chance de ele me contar sobre aquele que preciso encontrar. Eu agiria como se estivesse curiosa, faria perguntas sobre os outros túneis para aprender sobre um em particular. Não é meu plano mais sólido, mas é um começo.

Ele me olha de uma forma que me lembra vagamente de Kai. Afasto os pensamentos do outro irmão, optando por me concentrar naquele que está na minha frente. Aquele que é fácil de conviver, fácil de conversar...

Fácil de enganar, trair, usar...

— Ah sim. Há muitas maneiras de sair do castelo sem ser visto — diz Kitt com um sorriso, interrompendo meus pensamentos gritantes.

Meu coração está batendo forte, minha voz baixa quando digo: — Vou levar você. Uma noite. Você verá o Loot e seu povo. Como eles são, como são suas vidas... — Ele está me olhando tão intensamente que paro por um momento, engolida por aqueles olhos esmeralda que não ousei olhar alguns dias atrás. — Um rei que não conhece o seu povo não pode ser um rei *para* o seu povo.

Apesar da verdade das minhas palavras, elas têm um gosto amargo na minha boca pela razão por trás de eu expressá-las.

Basta uma semente de dúvida, um grão de incerteza para apodrecer e crescer.

E eu simplesmente plantei.

Dou um sorriso tranquilizador, como se não estivesse mentindo descaradamente.

Confie em mim.

— Talvez — diz ele, me estudando. Luto contra a vontade de tentar convencê-lo ainda mais, tomando cuidado para não parecer desesperada ou levantar suspeitas. — Vou pensar na sua oferta.

— Kit.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam ao som daquela voz. Aquela voz fria e calejada. Viro lentamente e vejo o rei no final do corredor, vindo em nossa direção. Faço uma pequena reverência, mordendo a língua enquanto ofereço um pequeno sorriso.

— Kitt, preciso de você no escritório para terminar nossa discussão com os conselheiros. — Seus olhos passam por mim, finalmente me considerando digna de ser visto. Eles são do mesmo verde brilhante que os de Kitt e, ainda assim, não poderiam ser mais diferentes, mais... frios. Quase estremeço, lembrando do motivo pelo qual mal consegui olhar nos olhos de seu filho. O olhar do rei volta para Kitt antes de dizer: — Agora.

Embora ele não pareça muito emocionado, Kitt responde com um breve: — Claro, pai. — Ele caminha ao lado do rei, pronto para acompanhá-lo de volta ao escritório.

— Vá em frente, filho. Encontro você lá. — Sua voz severa não deixa espaço para discussão, e Kitt balança a cabeça lentamente em resposta antes de me lançar um pequeno sorriso e se virar.

Mal consigo olhar para ele, mas forço meus olhos a encontrar os do assassino de meu pai. Ele está olhando para mim como se eu fosse a escória que ele arrancou da sola dos seus sapatos brilhantes. Não aguento, mas me forço a ficar quieta, em vez de me contorcer sob seu escrutínio. Então eu ofereço a ele um sorriso brilhante enquanto me pergunto se parece que estou mostrando os dentes. — Sua Majestade. — Digo em despedida antes de passar para contorná-lo, para escapar desse homem e dos meus pensamentos furiosos e vingativos.

Seus sapatos batem no chão de pedra quando ele passa na minha frente.

Paro, olhando para seu corpo grande. Ele está com ótima saúde para sua idade, o que torna fácil ver de onde seus filhos tiram sua constituição forte e traços bonitos. As semelhanças entre Kitt e seu pai são surpreendentes, mas estou focado na habilidade Músculo do rei, lembrando do fato de que ele poderia quebrar meu pescoço com facilidade.

— Senhorita Gray, é bom ver que você saiu ilesa da primeira Prova. — Ele não parece nem um pouco feliz com meu bem-estar. — Bem, graças ao meu filho, claro.

Só posso imaginar a reação do rei ao ver a filmagem de Kai comigo no Prova. Eu sei que ele odiou. Odiava que seu filho me ajudasse – uma ninguém, uma Mundana, uma favelada.

Uma ordinária.

— Sim, sou grata por ter Kai como meu parceiro — digo friamente, sem saber para onde essa conversa está indo.

— Hum. — O rei olha para mim, estreitando os olhos.

Antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, acrescento: — E estou muito ansiosa pela próxima Prova. E aquela depois dessa.

Mentiras.

Eu só queria ver a expressão em seu rosto quando pareci tão confiante em sobreviver por tanto tempo. Continuo minha declaração com um sorriso falso, pronta para deixá-lo e essa conversa para trás quando ele diz: — Me deixe ser franco, Paedyn. Você não vai ganhar.

Eu enrijeço. — Desculpe?

— Eu sei que é isso que você quer. Vencer as Provas de Purificação e ter uma vida melhor para você e sua amiga costureira. — Ele ri, amargo e mordaz. — Isto me lembra. Eu deveria parabenizá-la pela pequena façanha que você fez com seu vestido no baile. Você certamente conseguiu o que queria. Lembrando ao povo sua *Salvadora Prateada*.

Eu desvio o olhar, incapaz de encará-lo por mais tempo enquanto ele continua com um aceno de mão. — Diga, você viu as pesquisas?

Eu vi. Um dia após a exibição da primeira Prova, as pontuações dos competidores e os votos do povo foram combinados e computados. As classificações dos sete adversários restantes estavam por toda parte, exibidas em banners e folhetos por toda a cidade. Kai estava no topo, seguido por Ace com Andy logo atrás em terceiro. Isso deixou Blair e eu empatadas em quarto lugar, com Braxton e Jax empatados em último.

Parece que o reino de Ilya não sabe bem o que fazer comigo. Aqueles das favelas provavelmente estão votando em sua *Salvadora Prateada*, enquanto aqueles de fora provavelmente estão torcendo contra mim, na esperança de ver a Favelada morrer de uma forma divertida. E se estou recebendo votos daqueles que estão fora da favela é sem dúvida porque me acham divertido.

— Sim. Eu vi as pesquisas — digo entre dentes.

— Bom. Duvido que sua classificação suba ainda mais, então o que mais me preocupa é o seu envolvimento com meus filhos. Eles não precisam que você os arraste para baixo, ou pior, os *influencie*. — Olho para o peito do rei, observando enquanto ele ajeita os punhos da jaqueta. — Duvido que precise lembrá-la de sua casa, então fique fora do caminho deles e não teremos problemas. Entendido?

A adaga enfiada em minha bota nunca me tentou tanto, me atormentando com a ideia de enfiar a lâmina em seu peito como fez com meu pai. Mas ele não matou apenas meu único pai naquele dia, ele matou um pedaço de mim no processo.

E nunca odiei alguém tão sinceramente por causa disso.

Meus punhos estão cerrados com força ao lado do corpo, as unhas cravadas nas palmas das mãos. Mas eu coloco meu rosto em uma expressão doce e submissa quando digo: — Entendido, Sua Majestade.

Se eu não queria vencer antes, certamente quero agora.

— Bom, — ele diz secamente. — Então deveríamos agradecer à Praga por você estar viva e bem, não é mesmo?

Há um certo desafio ressoando em seu tom, brilhando em seus olhos. Eu espelho seu sorriso, mesmo enquanto engulo meu orgulho.

Nunca disse essa frase suja e jurei que nunca o faria. E, no entanto, aqui estou, abrindo a boca para deixar as palavras saírem como se não fossem estranhas à minha língua. Como se eles não estivessem deixando um gosto ruim na minha boca.

— Sim, graças à Praga, de fato.



— Fique quieta ou vou arrancar seu olho.

Eu resmungo enquanto Ellie apenas sorri. Ela ainda está passando o bastão em meus cílios, apesar de ter chegado perigosamente perto de me cegar acidentalmente em diversas ocasiões. Ela gosta de culpar minhas contorções, e eu gosto de culpar suas mãos instáveis.

— Tudo bem, hora de encolher a barriga! — Adena está borbulhando de excitação atrás de mim, suas mãos segurando os barbantes do meu vestido. Ela me permite respirar pela última vez antes de apertar os laços, espremendo o ar para fora da minha caixa torácica apertada. Ela trabalha os barbantes, puxando lentamente o corpete com mais força para apertar as costas abertas.

Agarrando a cadeira à minha frente, suspiro: — Mais um puxão, A, e acho que uma costela vai perfurar meu pulmão.

Duvido que Adena consiga me ouvir apesar de seus gritos de alegria. — Pae, é perfeito! Sabe, fiquei um pouco preocupado com a bainha, mas olha só! Serve direitinho e, ah, o corte é incrível... — Ela faz uma pausa, soltando um suspiro. — Argh, esqueça. Basta olhar para você!

Suas mãos seguram meus braços enquanto ela me gira em direção ao espelho, seu rosto brilhante espiando por cima do meu ombro. Pisco e a garota no espelho faz o mesmo.

O vestido prateado que usei no primeiro baile estava deslumbrante, sedutor, onde este é simplesmente lindo, de tirar o fôlego. Um tecido vermelho escuro me envolve, caindo no chão. É brilhante e sem mangas, mas em vez de o corpete ser arredondado na parte superior, as bordas terminam em cantos elegantemente pontiagudos. É justo, apertando minha cintura com os barbantes nas costas, agora amarrado em um laço elegante e expondo a pele entre o tecido que mantém o vestido unido. A saia é cheia, revelando a larga fenda na minha perna direita, onde a adaga do meu pai é exibida para todos verem e ficarem perplexos.

— Adena, eu adorei... — Paro enquanto meus olhos percorrem o tecido que abraça meu corpo. Então meu olhar encontra o animado avelã no espelho, e me viro para encarar minha melhor amiga. — Eu te amo, Adena.

Ela brilha, sorrindo intensamente para mim. — E eu amo você, Pae. — Seu sorriso se torna malicioso. — E *todo mundo* vai adorar você neste vestido. Especialmente um certo príncipe...

Não é difícil perceber que ela está se referindo a Kai. Lanço um olhar para ela, não querendo falar sobre esse assunto. — Adena...

— O que? — ela pergunta muito inocentemente. — Caso você tenha esquecido, eu assisti a recapitulação das Provas. Eu vi o que aconteceu entre vocês dois. — Ela levanta uma sobrancelha. — E eu estava esperando você vir falar comigo sobre isso.

— Bem, não há nada a dizer. — Ela me lança um olhar inexpressivo, me forçando a acrescentar: — Tudo bem, não sei *o que* dizer. Ele é confuso e cativante e estou falhando miseravelmente em manter distância.

— Certo, — ela diz calmamente. — Porque você é... você.

— E ele é... ele, — eu suspiro.

Porque eu sou uma Ordinária, e ele é o futuro Executor.

Adena bufa dramaticamente. — Bem, eu não culpo você por não ser capaz de ficar longe. Quero dizer, olhe para ele.

Reviro os olhos, rindo apesar de tudo. Na tentativa de evitar essa conversa atual, fico maravilhada no espelho com o que as meninas me entregaram. Meu cabelo está preso em uma trança complicada nas costas, combinada com uma maquiagem escura que emoldura meus olhos com sombra e meus lábios com brilho brilhante.

Trabalhadoras milagrosas. Isso é o que elas são.

Estávamos conversando e rindo quando uma batida forte soou na porta.

Lenny assobia quando me vê. — Olhe para isso. Você realmente parece uma princesa, princesa.

Capítulo Trinta e Sete



Paedyn

— SE EU FOR PICADO, vou culpar você — Lenny murmura. Ele me leva pelos jardins, passando por dezenas de convidados boquiabertos. — O seu vestido não está apenas atraindo muita atenção, mas também atraindo muitas abelhas.

Tento reprimir um suspiro enquanto olho para meu vestido que combina com as rosas profundas que revestem o caminho de pedra que estamos percorrendo. Os convidados circulam pelos jardins, caminhando até o amplo trecho de grama decorado além da fonte onde eu joguei água no rosto de seu futuro rei apenas alguns dias antes.

Como as Provas em si não são as únicas coisas diferentes neste ano, o segundo baile será realizado nos jardins, onde o sol poente brilha em taças de champanhe, moldando tudo em um tom dourado fosco. Saímos do caminho e chegamos à beira da grama aberta e fofa, olhando para as mesas de sobremesas e grandes guirlandas penduradas nas árvores ao redor. Os músicos estão escondidos sob um salgueiro caído, meio escondidos atrás da cortina de folhas ondulantes, enquanto dedilham uma melodia animada. No centro da festa estão tapetes estampados sobrepostos na grama, todos variando em tamanho e estilo para criar uma pista de dança colorida onde vários casais já giram.

— Bem, infelizmente para você, eu não sou seu par, — Lenny diz com um suspiro dramático. — Então é aqui que devo me despedir.

Eu solto uma risada. — Como vou conseguir passar a noite sem você?

Ele faz uma reverência zombeteira. — Eu sei. Seja corajosa, princesa. Agora vá encontrar o seu príncipe. — E então ele se endireita, pisca e sai para os jardins.

Balanço a cabeça diante de sua forma em retirada antes de respirar e seguir para o salão de baile improvisado para passar a noite. Examino o redemoinho de corpos dançando, tentando encontrar Kitt entre eles.

— Que bom que você está usando esse vestido, ou talvez eu nunca tivesse encontrado você.

Eu pulo ao som da voz de Kitt atrás de mim e giro para encará-lo, minhas saias balançando em volta das minhas pernas. Ele sorri e balança a cabeça, me observando da cabeça aos pés. — Embora, mesmo se você estivesse vestindo verde, duvido que você se misturasse.

Engulo em seco, sem saber o que dizer antes de responder com um suave — Obrigada. Ele estende a mão. — Dance Comigo?

Coloco a palma da mão na dele e aceno antes de ser arrastada para a pista de dança. Sinto como se estivesse dançando com um garoto totalmente diferente do que no baile anterior. Exceto que a única coisa que mudou foi minha perspectiva sobre ele. Conversamos casualmente enquanto dançamos, e é um alívio poder olhar em seus olhos, sem recuar diante de seu toque.

— Meu pai disse algo para você ontem? Depois que eu saí? — Kitt pergunta curioso quando a música termina.

Abro a boca, pronta para vomitar uma mentira, quando uma voz fria me interrompe.

— Posso interromper?

Respiro fundo e irritada antes de virar a cabeça para Blair, que está esperando para levar meu parceiro embora. Ela combinou seu sorriso com um vestido verde profundo decorado com contas intrincadas que se apegam à sua forma.

O olhar que Kitt me lança é cômico. Eu sufoco uma risada quando seus olhos se fixam nos meus, me implorando para não deixá-lo. Dou um pequeno sorriso, esperando que ele veja o pedido de desculpas em meus olhos quando digo: — Claro. Ele é todo seu.

Ele balança a cabeça para mim, me fixando com um olhar enquanto eu saio de seus braços e sou rapidamente substituído por Blair. — Divirta-se — acrescento, incapaz de esconder meu sorriso. Kitt me lança um olhar que promete vingança, e eu reprimo uma risada ao vê-lo. Eu giro, ainda sorrindo

E colido com algo sólido.

Não, *alguém* sólido.

Algo molhado respinga em minha bochecha enquanto me afasto do corpo em que bati de maneira tão deselegante. O cheiro de vinho misturado com pinho me atinge e engulo em seco, sabendo exatamente quem está na minha frente antes de levantar o rosto para encontrar o dele.

Kai sorri, parecendo igualmente robusto e bonito sob os raios finais do sol poente. Seu cabelo está mais bagunçado do que o normal, com suas ondas escuras e desgrenhadas caindo onde bem entendem. Seus olhos são de um cinza brilhante e turvo, iluminados de diversão. O terno que ele usa e a camisa branca por baixo não estão apenas levemente amarrotados, mas agora parcialmente manchados de um vermelho profundo.

O vinho tinto espirra no copo que ele segura na mão. Bem, resta pouco agora, visto que ele está usando a maior parte graças a mim.

Meus olhos se voltam para os dele quando ele começa a rir.

Vários dos convidados ao nosso redor lançaram olhares perplexos em nossa direção, depois de ouvirem sua explosão incomum. E tenho certeza de que minha expressão reflete a deles. Seus ombros estão tremendo de tanto rir, e eu paro, prendendo a respiração. Seu sorriso é largo, selvagem, exibindo um sorriso deslumbrante acompanhado de covinhas profundas.

De repente estou preocupada.

Vinho está pingando das bordas de seu terno, e ele parece não conseguir parar de rir por tempo suficiente para perceber, ou mesmo se importar, que minha falta de jeito estragou suas roupas. Eu limpo a garganta, olhando para os convidados nos olhando enquanto digo: — Kai, — outra risada profunda ao som de seu nome, — por que não vamos limpar você?

Agarro sua mão antes que ele tenha a chance de discutir ou rir um pouco mais, e nos levo até as árvores vizinhas, ciente dos olhos rastreando cada movimento nosso. Pego um lenço de uma das mesas compridas antes de nos empurrar para baixo dos galhos caídos de um salgueiro sombrio, protegendo-nos dos convidados fofoqueiros.

Kai se inclina contra o tronco áspero, sorrindo maliciosamente para mim. Dou uma olhada rápida, avaliando os danos que causei em suas roupas, juntamente com seu comportamento estranho.

Ele se aproxima, muito perto, me estudando minuciosamente. — Sabe, — ele sussurra as palavras de uma forma que provoca um arrepio na minha espinha, — você não precisava derramar minha bebida em cima de mim para ficarmos sozinho. Você poderia simplesmente ter me convidado para dançar.

Encontro seu olhar antes que ele comece a percorrer preguiçosamente meu corpo. Prendo a respiração, praticamente sentindo o caminho que seus olhos estão queimando. Então, lentamente, tão insuportavelmente, sensualmente, escandalosamente lento, seu olhar volta para o meu. — Melhor ainda, você teria me feito ir até você com esse vestido, mais cedo ou mais tarde.

Eu engulo. Meus olhos o examinando, observando as roupas amarrotadas, as risadas estrondosas, as divagações sedutoras – embora eu suponha que isso não seja novidade.

— Você está bêbado. — Eu suspiro as palavras, balançando a cabeça para ele.

Ele está sorrindo para mim novamente, embora seja mais selvagem do que aqueles com os quais estou acostumada. — Talvez um pouco.

Reviro os olhos, limpando o pano que peguei e começando a desfazer o botão do paletó dele para tentar enxugar a camisa por baixo o melhor que posso. — Você está me despindo, Gray? — Seu rosto está perto do meu novamente, a respiração fazendo cócegas em minha bochecha. — Quer dizer, não posso dizer que não pensei que esse dia chegaria. — Ele acrescenta com um sussurro divertido: — Não conseguiu resistir, querida?

Eu olho para ele então, abrindo um sorriso com uma confiança que não sinto atualmente. — Ah, por favor, — eu bufo, — a única coisa a que estou *resistindo* quando estou perto de você é a vontade de colocar uma adaga em sua garganta.

Seus olhos estão presos nos meus. — Eu adoro quando você ameaça me matar, você sabia disso?

— Ah? E por que isto?

O canto de sua boca se contrai. — Porque toda vez que você não faz isso só prova que você não quer.

E então ele dá um tapinha na ponta do meu nariz com um sorriso satisfeito.

Afasto sua mão bufando, nervosa e frustrada e odiando que ele seja a razão do meu estado esgotado. Fixo minha atenção em sua camisa manchada, o tecido agora grudado no corpo musculoso por baixo.

Pragas, bem, isso não está ajudando.

Começo a esfregar a mancha vermelha, me forçando a me concentrar na tarefa e não no garoto diante de mim. Tento esquecer que é ele quem estou ajudando, ao mesmo tempo que tento lembrar por que o estou ajudando em primeiro lugar.

Então os dedos seguram meu queixo e minha respiração fica presa.

Kai inclina minha cabeça para encontrar seu olhar, os dedos dançando ao longo do meu queixo. Ele está olhando para mim como se fosse uma pintura – absorvendo cada detalhe, se deliciando com sua originalidade, considerando-a uma obra de arte.

Ele inclina minha cabeça para o lado, virando meu rosto em direção à luz.

Eu deveria afastá-lo.

Seu polegar acaricia meu queixo.

Eu não quero afastá-lo.

Ele ri e é um som bêbado e delicioso. — Eu esqueci o quão talentosa você é. Consegui derramar minha bebida em nós dois. — Seu polegar desliza pela minha bochecha, limpando o vinho que eu tinha esquecido de derramar no meu rosto.

— Bem, talvez se você tivesse mantido os olhos na pista de dança e o nariz fora do copo, não estaríamos nesta situação — digo friamente.

— Ah, querido, meus olhos *estavam* na pista de dança — diz ele casualmente. — Eles estavam com você dançando com meu irmão. — Então ele solta uma risada, esticando o pescoço para balançar a cabeça para a copa de folhas acima de nós. — Por que você acha que eu estive bebendo?

Meu coração está batendo forte contra minha caixa torácica, contra os limites apertados deste vestido, ameaçando estourar e rasgar a costura cuidadosa de Adena. Ele está olhando para mim novamente, encolhendo os ombros descuidadamente. — Além disso, *isso* — ele olha para sua camisa manchada, — foi definitivamente resultado de seu trabalho desajeitado de pés.

Eu o encaro com raiva, me esforçando para não sorrir. — Ah, está certo?

— Shh.

Seus dedos encontraram o caminho de volta para meu queixo, minha mandíbula, envolvendo meu rosto. Olhos cinzentos caem na minha boca, olhar pesado. E então ele está arrastando o polegar ao longo do meu lábio inferior.

Vinho.

Posso sentir o gosto ainda cobrindo o polegar que ele está passando na minha boca. Fico atordoada e imóvel enquanto seus olhos rastreiam onde seus dedos traçam, muito lentamente, para frente e para trás.

Eu deveria afastá-lo.

Mas eu não afasto.

Em vez disso, eu o observo me observando. Observo seus olhos vagarem pelo meu rosto. Observo seu peito arfar com respirações trêmulas. Observo um tique muscular em sua bochecha. Observo um sorriso contorcer seus lábios.

Suas próximas palavras são um murmúrio, como se ele estivesse murmurando seus pensamentos mais íntimos enquanto seu polegar continua vagando sobre meu lábio. — Você será para sempre o prêmio que estou tentando sem chances de ganhar?

Inspiro profundamente, olhando para ele enquanto digo: — Isso é tudo que sou para você? Um troféu?

Um pequeno sorriso contorce seus lábios enquanto ele balança a cabeça para mim. — Ah, querido, um troféu implica que eu ganhei, mereci, *mereço*. — Ele se inclina ainda mais, uma certa reverência refletida em seu olhar. — Mas se eu conseguir ter você, será porque você me deixou.

Eu engulo, minha boca de repente parece muito seca.

São apenas divagações de um homem bêbado, só isso.

Seu polegar está traçando minha boca e me permito mais um momento para memorizar a sensação.

E então eu o afasto.

Uma das minhas mãos encontra seu peito, forçando algum espaço entre nós enquanto a outra segura seu pulso. Afasto seus dedos da minha boca, meus lábios ainda formigando com seu toque. Me sinto tonta, como se pudesse ficar bêbada só com o toque dele.

Perigoso.

— Você não está sóbrio. — Inclinando a cabeça, dou um sorriso. — Então, você não tem permissão para me tocar.

Ele me imita, inclinando a cabeça para o lado enquanto olha para onde estou segurando seu pulso. — Mas você está me tocando.

— Sim, bem, estou sóbria.

Um sorriso brinca em seus lábios. — Então, você está dizendo que posso tocar em você quando estiver sóbrio? — Seu tom parece mais um desafio do que uma pergunta.

Eu considero isso. Então eu rio. — Só estou dizendo sim porque duvido que você se lembre muito dessa conversa pela manhã.

Seu olhar passa entre minha boca e meus olhos, um sorriso bêbado torcendo seus lábios. — Ah, querido, duvido que consiga esquecer isso.

Balanço a cabeça para ele, sem me preocupar em suprimir o sorriso antes de lembrar que ainda estou segurando seu pulso. Abaixo-o lentamente, deixando-o cair ao seu lado enquanto me distraio avaliando a mancha novamente.

Suspiro, exasperado. — É claro que essa mancha não vai sair assim. Você precisará tirar a camisa e deixar de molho.

Seu sorriso é perverso. — Você está tentando me deixar nu? De novo? — Ele diz isso muito alto e tenho certeza que muitas pessoas ouvem. Eu o prendo contra a árvore, tapando sua boca com a mão para que nenhuma bobagem possa sair dela.

Estou tentando não rir e falhando miseravelmente. Eu bufo e coloco a mão sobre a boca, tremendo com uma risada nada silenciosa da minha situação atual. Com isso, sinto os lábios de Kai sorrindo contra a palma da minha mão e puxo minha mão de volta antes que eu possa mudar de ideia.

— Não pare, — ele murmura.

Quase engasgo com a risada. — Parar o que?

— De. Rir.

Ainda estou ouvindo suas palavras, incapaz de me impedir de ficar em silêncio.

Ele me dá uma olhada, franzindo a testa ligeiramente. — Você nunca me escuta, não é?

E com isso, estou sendo puxado para a pista de dança acarpetada.

— O que você está...? — Eu gaguejo quando ele para abruptamente na beira dos casais dançando e se vira. As palavras me falham quando ele leva as costas da minha mão aos lábios, dando um beijo nos nós dos meus dedos. Então sua boca encontra a ponta do meu polegar, os lábios pressionando levemente ali antes de desaparecerem tão rapidamente que me pergunto se eu imaginei isso.

Estou atordoada em silêncio.

Kai parece satisfeito com isso.

Ainda segurando minha mão e sorrindo amplamente, ele faz uma reverência surpreendentemente firme enquanto diz: — Posso dançar esta dança?

Não tenho chance de responder antes que ele puxe meu braço, me puxando para ele e para a pista de dança. Estou envolvida em seus braços, pressionada firmemente contra ele. Sua boca está de repente no meu ouvido, murmurando: — Eu não estava realmente perguntando.

Eu me afasto para poder olhar em seu rosto, zombando. — Achei que você disse que era um cavalheiro?

— Só quando eu quero ser.

Meus olhos vagam para sua camisa manchada, visível para todos ao nosso redor. — Kai, sua camisa. Talvez você devesse trocar...

— Querida, — ele me interrompe com um bufo bem-humorado, — estou acostumado a ficar coberto de outros líquidos vermelhos e pegajosos, muito piores que o vinho.

Verdade.

Tento afastar o pensamento sangrentos e deixo que ele me varra pelos tapetes. O sol se pôs, deixando os convidados ao nosso lado nas sombras e na luz bruxuleante das lamparinas. É tão familiar – a sensação um do outro, o trabalho de pés, o flerte. *Familiar*. Mas o que mais me surpreende é o quão firme e seguro Kai está de pé. Quão articulado ele consegue ser mesmo quando está embriagado. Suponho que algumas máscaras parecem nunca escorregar.

E então finalmente acontece. Kai tropeça, mesmo que apenas por um momento. Um leve tropeço de seus pés.

— Olha quem está com os pés desajeitados agora? — Eu sorrio, sem perceber o quanto eu queria vê-lo lutar durante uma dança. Durante *qualquer coisa*.

Ele me lança um olhar aborrecido. — Sim, bem, isso tende a acontecer quando você está bêbado.

— Você disse que estava apenas um pouco bêbado, lembra?

— Tudo bem. Então você pode me dar uma *folga*. — Ele está me olhando, balançando a cabeça com o que vê. — Além disso, seu vestido distrai *muito*. Eu gosto dele.

Eu solto uma risada. — Essa é uma desculpa terrível.

— Isso é porque eu estava te elogiando, não uma desculpa.

— Bem, então isso foi um elogio terrível.

Vejo o desafio brilhar em seus olhos antes de ouvi-lo em sua voz. — Então por que você não me dá um exemplo de um bom elogio, Gray.

Eu deveria ter previsto isso. É claro que ele vai usar isso como desculpa para eu finalmente bajulá-lo – só que não vou. — Tudo bem, — eu digo secamente. — Seu cabelo parece muito... macio.

— Macio? — Kai ecoa com uma tosse que poderia ter sido uma risada. — Ah, vamos lá, você pode fazer melhor do que isso. — Ele se aproxima mais, com a voz provocativa enquanto acrescenta: — E se você quiser passar os dedos pelo meu cabelo, eu não me oporia a...

— Seu sorriso. — Eu o interrompi antes que sua oferta possa me tentar. — Eu gosto quando você sorri de verdade. Quando você não está usando a máscara do futuro Executor ou do príncipe, e simplesmente me permite *vê-lo*. É um sorriso que eu gostaria que você compartilhasse comigo com mais frequência.

Eu engulo e fico em silêncio. Não era isso que eu pretendia dizer a ele e, ainda assim, isso não significa que seja menos verdadeiro. Ao ver aquele sorriso, é fácil esquecer quem ele é e o que faz. Ao ver aquele sorriso, vejo um menino em vez do peão mortal do rei. Ao ver aquele sorriso, vejo alguém que é mais que um amigo, em vez de alguém que me mataria se soubesse o que sou.

E de repente, aquele sorriso parece muito perigoso.

— Mesmo com minhas covinhas estúpidas, você ainda gosta do meu sorriso? — As palavras de Kai são suaves, um pouco ofegantes, e minha resposta é igualmente assim.

— Mesmo com suas covinhas estúpidas, Azer.

Seus lábios se contorcem em uma variação daquele sorriso que eu não deveria estar procurando, embora seja mais suave do que os que já vi antes. Ele abre a boca e...

— Malakai.

Nossos olhos se voltam para a rainha agora parada a poucos metros de distância, com um sorriso agradável em suas feições deslumbrantes. — Compartilhe-a com o outro cavaleiro, certo?

— Ela é minha esta noite, mãe. — Os olhos de Kai estão de volta em mim. — Um pequeno preço a pagar por estragar minhas roupas.

Mas a rainha se foi, levada embora por convidados tagarelas e figuras dançantes antes mesmo que as palavras saíssem da boca de Kai.

Pisco para ele, incapaz de impedir o sorriso se espalhando pelos meus lábios. — Seu nome é *Malakai*?

— Sim, bem, também fui chamado de diabolicamente bonito, devastadoramente poderoso e, mais recentemente, de bastardo arrogante.

— Quem te chamou assim deve te conhecer muito bem.

— Sim, mais do que gostaria de admitir — diz ele calmamente. O zumbido dos violinos preenche o silêncio que se estende entre nós. Quando ele finalmente fala, a pergunta de Kai é silenciosa. — Você está pronta para amanhã?

Me lembro da mesma pergunta de Kitt no baile anterior quando perguntei: — E você? Ele expira lentamente. — Eu tenho que estar.

Há uma longa pausa.

O sorriso que dou a ele é triste. — Não foi isso que perguntei.

— Espertinha, — ele murmura baixinho, conseguindo realmente me fazer sorrir. — A verdade então?

— A verdade sempre.

— Então não. Não estou pronto — ele suspira, abaixando a cabeça perto da minha. — Mas ficaremos bem. Sempre ficamos.

Concordo com a cabeça entorpecida, não precisando que ele explique o que ele quer dizer. Nossas vidas foram uma série de provas às quais tivemos que sobreviver. Só que agora estamos passando por uma situação juntos, da qual lutaremos para sair, assim como fizemos no passado.

Como se para enfatizar suas palavras, ele estende a mão e dá um tapinha na ponta do meu nariz, compartilhando aquele sorriso dele comigo. E em vez de afastá-lo como sei que deveria, me vejo sorrindo de volta.

Nós nos acomodamos em um silêncio confortável enquanto giramos. O jardim agora está banhado pelo luar, e as lâmpadas tremeluzem com uma luz quente sobre os rostos que giram ao nosso lado.

Kai de repente me mergulha, seus dedos roçando a pele nua que aparece entre a fenda do meu vestido antes de deslizar preguiçosamente pela adaga fria que repousa sobre

minha pele quente. Reprimo um grito de surpresa enquanto ele apenas ri. — Eu não te disse que punhais não são necessários para dançar?

Ele me coloca de pé enquanto eu respondo sem fôlego: — Depende de quem é seu parceiro.

Eu odeio que ele me faça sentir como se estivesse sempre tentando recuperar o fôlego.

E o que odeio ainda mais é que ele sabe disso.

Eu odeio isso. Eu odeio isso. Eu odeio isso.

Eu enfio essas palavras na minha cabeça, forçando-as através do meu crânio duro. Eu me recuso a ser arrebatada por *ele*.

Ele deve ser capaz de ver a batalha travada em meu cérebro porque ele sorri para mim.

Covinhas.

Essas *malditas* covinhas.

Estou praticamente ofegante agora, tentando respirar, tentando ignorar esse garoto na minha frente. Tentando ignorar seus sorrisos deslumbrantes e seu passado difícil que agora conheço tanto. Seu lado carinhoso e charmoso, as pequenas coisas que o compõem, *suas mãos que estão em mim...*

Eu odeio isso. Eu odeio isso. Eu odeio isso.

Olhos cinzentos passam entre os meus, preocupação refletida neles. — Está tudo bem?

Eu não tinha notado o quão rápido estou respirando, como estou tentando engolir ar e falhando miseravelmente. Kai parece subitamente sóbrio e sério, o que só posso presumir que significa que ele pode ver o pânico estampado em meu rosto. Seu braço aperta levemente em volta de mim, de forma muito protetora.

Eu odeio isso. Eu odeio isso. Eu odeio isso.

— Pae...

Ah, por que não posso odiar isso?

— O que está errado? — Sua voz é severa, cortando minha névoa de histeria.

Há tantos corpos ao meu redor, tão próximos, tão pressionados. O ar parece tão rarefeito, tão quente em meus pulmões. Eu me sinto tão confinada, tão presa. Corpo travado, coração pulando, mente rindo de quão fraca eu sou.

Minha cabeça está girando e nós também. Eu tropeço e paro — meu parceiro, meus pensamentos, minha respiração, tudo parando comigo. Não consigo engolir o pânico, não consigo engolir o ar, não consigo engolir meu orgulho para admitir para mim mesmo que algo está *errado*.

Se acalme. Você está bem.

De repente, sou aquela garotinha indefesa novamente. Aquele com o pai morto e sonhos assassinados. Aquele que está sendo espancada contra um poste por roubar para sobreviver, correndo para se livrar de lembranças assustadoras. Aquele que se enrolaria como uma bola, paralisado pela dor e consumido pelo pânico. Aquele que não conseguia

estar em grandes multidões ou em espaços pequenos sem respirar fundo ou lutar para escapar. Fraca pela preocupação, impotente pelo pânico. Não, apenas *impotente*.

Se acalmar. Você está ten...

Estou tendo um ataque de pânico.

O vestido fica abruptamente muito apertado, apertando minhas costelas, me sufocando, forçando o ar a sair dos meus pulmões. A multidão ao meu redor de repente está fazendo o mesmo: me apertando, me sufocando, me pressionando, sem perceber como o jardim cheio de gente está de repente me petrificando.

— Eu... eu não consigo respirar. — As palavras são um suspiro, e estou envergonhada por ter que admitir para ele, para *mim mesma*, um medo que não me assombra há anos. — Claustrofóbica. — Mal consigo pronunciar a palavra ofegante, mas ele não espera que eu me esforce para dar uma explicação antes de ser pressionada ao seu lado, deixando-o me levar até a beira das árvores.

— Só mais um pouco. Espere — ele murmura, empurrando-nos através da multidão e de volta para baixo do salgueiro escuro. Sinto a casca áspera de um tronco nas minhas costas e abro os olhos, sem perceber que os fechei.

Nas sombras, mal consigo distinguir Kai parado na minha frente, com a mesma expressão que ele tinha quando eu estava sangrando no chão da floresta diante dele. — Respire, Pae. Respire. — Ele parece estar lutando para respirar, seus olhos examinando meu rosto enquanto os meus se movem freneticamente.

— Ei, ei, ei. Olhe para mim, — ele diz suavemente, mais suavemente do que eu já o ouvi falar. E pela primeira vez, eu o ouço. Estou piscando rapidamente, estudando seu rosto sombreado na escuridão, tentando me acalmar. Embora, tecnicamente, ele tenha sido o motivo desse ataque de pânico em primeiro lugar. *Ele* me deixou em pânico. Ele me *deixa em* pânico. Deixei minha mente sair do controle e entrar e espiralar, meu medo profundamente enraizado de claustrofobia só se desenraizou após o pânico inicial que foi causado por *ele*.

Causada por sentimentos frustrantes por ele.

Ainda estou respirando pesadamente, lutando para colocar ar suficiente nos pulmões. Ele manteve distância de mim, me dando espaço. Mas agora ele está passando o braço em volta das minhas costas, gentilmente, lentamente.

— O que você está...?

O ar inunda meus pulmões como se eu estivesse debaixo d'água esse tempo todo e tivesse acabado de chegar à superfície. Eu engulo, avidamente, saboreando a sensação de respirar completamente novamente. O pânico começa a se dissolver, minha mente finalmente se acalma depois de ficar fora de controle.

— Muito melhor, tenho certeza. — Kai parece aliviado, embora um leve sorriso esteja em seus lábios.

E é aí que eu sinto isso.

Meu vestido *rasgado*.

Olho para baixo e quase engasgo ao ver o tecido aberto que antes estava esticado em meu peito. A cintura está solta, não mais ajustada para caber na minha figura.

O vestido inteiro está prestes a cair de mim.

Agarro a parte superior do vestido sem mangas e o puxo para cima, olhando para ele boquiaberta. — O que você estava *pensando*...

— Eu estava pensando, — Kai enfia as mãos nos bolsos, a imagem perfeita de indiferença, — que você não conseguia respirar. E por mais que eu goste desse vestido em você, imaginei que você ficaria tão bem com ele com os barbantes desfeitos. — Ele abaixa a cabeça e sorri para si mesmo, aparentemente satisfeito com isso. — Então você poderia respirar, é claro.

Ele pisca. Ele *pisca*.

Estou furioso.

— Eu vou...

— Me agradecer? — ele interrompe, puxando os punhos da jaqueta. Meus olhos se ajustaram à luz fraca, e não estou surpresa ao ver a diversão refletida nos dele quando ele encontra meu olhar. Não há nenhum vestígio do homem preocupado há poucos momentos.

Tenho uma mão segurando a parte de cima do vestido enquanto a outra segura as duas partes das costas juntas, já que, graças a Kai, os cadarços não fazem mais isso.

— Se eu tivesse as mãos livres agora — digo com os dentes cerrados, — eu apontaria minha adaga para você.

— Fico feliz em ver que você está se sentindo bem o suficiente para me ameaçar de novo. — Ele inclina a cabeça, me dando um olhar avaliador.

Ele tem razão. Eu deveria agradecer a ele. Eu não tinha percebido o quão apertado o vestido era até que o pânico me fez ofegar por ar. Não tinha percebido que simplesmente poder respirar fundo novamente limparia minha cabeça mais do que jamais imaginei ser possível. Desamarrar os barbantes foi brilhante. Mas não estou disposta a dizer isso a ele.

Distração.

A palavra ecoa na minha cabeça e começo a me perguntar se é isso que Kai está fazendo. De novo. Usando a brincadeira como um amortecedor. Desviando minha atenção do meu pânico e fixando a culpa nele. Usando minha raiva e aborrecimento para distrair, desviar. Mas não é mais o seu cálculo que me choca, é o seu carinho. É que ele entende exatamente o que eu preciso.

— Pae. — Ele está mais perto de mim agora, toda a diversão desapareceu de seu rosto. — Você está bem? De verdade?

— Sim. Obrigada. — Seus lábios se contraem. — Não por me *despir*, — eu bufo, — mas por... me ajudar.

Ele dá de ombros. — Mesma coisa.

Reviro os olhos para ele enquanto minha mão brinca com os cadarços do meu vestido, apesar de saber que não conseguirei amarrá-los. — Você pode... — Eu suspiro, irritada por ter que perguntar isso a ele. — Você pode amarrar os barbantes de novo para mim?

Ele me estuda por um longo momento. — Você deveria se retirar por esta noite. Descanse um pouco.

— Bem, então terei que voltar para o meu quarto sem que esse vestido caia de mim.

Seus lábios se contraem, e eu o conheço bem o suficiente para saber que ele provavelmente está se contendo para não dizer algo totalmente inapropriado em resposta. Mas quando ele dá um passo em minha direção, ele apenas diz: — É justo.

— Não precisa ser apertado — digo, me virando lentamente em direção à árvore. — Mas eu preciso que o vestido fique em mim. — Mal ouço seus passos suaves atrás de mim antes de sentir seus dedos roçarem minhas costas nuas enquanto ele prende os barbantes.

Ele puxa suavemente as amarras, como se estivesse quase inseguro. Quase rio. A ação parece tímida demais para pertencer ao príncipe atrás de mim. — Devo admitir que sou muito melhor em desfazer cadarços do que amarrá-los — diz ele, distraidamente.

Eu bufo. — Claro que você é.

Sua risada tranquila agita meu cabelo, e eu ainda. Ele puxa as gravatas uma última vez antes de amarrá-las rapidamente, seus calos roçando minha pele.

Reprimo um arrepio e me viro para ele, alisando as saias do meu vestido. Aquele olhar cinza desliza pelo meu corpo antes de encontrar meus olhos, sua voz áspera quando diz: — Você não está sufocando?

— Não — eu rio, — estou respirando muito bem. Obrigada. — Eu me movo para sair da cobertura dos galhos caídos do salgueiro quando Kai pisa ao meu lado.

— Vou acompanhá-la até seus quartos — ele diz simplesmente.

— Você não precisa fazer isso.

— Você tem razão. Eu não preciso. — Ele passa meu braço pelo dele enquanto começamos a caminhar pelo jardim lotado em direção ao castelo. — Mas eu quero.

Abaixo a cabeça e sorrio. — Eu poderia me acostumar com você sendo um cavalheiro, Azer.

Ele fica quieto por tanto tempo que acho que pode não responder. Mas quando ele faz isso, ouço o sorriso em sua voz. — E eu poderia me acostumar a ser um para você, Gray.

Capítulo Trinta e Oito



Kai

— VOCÊ É PÉSSIMO NESTE JOGO.

Kitt responde com uma risada alta que só é interrompida quando ele leva o frasco aos lábios e toma um gole. Depois de engolir, ele balbucia: — O jogo é beber toda vez que Jax pisa no pé de Andy. Como posso ser terrível nisso?

Observo as bochechas coradas e o cabelo bagunçado do meu irmão, sabendo que provavelmente tenho a mesma aparência. Estamos sentados na grama observando os convidados girando nos tapetes coloridos sob o céu estrelado há quase uma hora. A casca áspera da árvore na qual estou encostado se crava nas minhas costas agora que tirei o paletó, vestindo apenas a camisa de botão manchada.

Kitt me olha, ainda esperando pacientemente por uma resposta para sua pergunta. E não hesito em dar-lhe um. — Você é péssimo nisso porque continua errando a boca.

Nós dois estamos rindo quando Kitt enxuga o uísque que escorre pelo queixo. Parece que ainda não superamos nossa tradição de beber durante esses bailes, e fico feliz em ver que algumas coisas nunca mudam.

— Espere... — Kitt murmura, seus olhos fixos em Andy e Jax dançando com os outros casais. Jax tropeça e ri, suas longas pernas se enroscando nos degraus antes de seu pé pousar em cima do de Andy. — E aí está. Ele nunca decepçiona.

— Saúde — suspiro, pegando o frasco dele para tomar um gole que queima minha garganta.

Kitt me observa. — Tem certeza de que deve continuar bebendo quando tiver uma Prova amanhã?

— Tenha um pouco de fé em seu Executor, irmão. Já enfrentei coisas piores do que uma ressaca.

Quando ele não responde, sigo seu olhar, encontrando-o preso em meu pai e minha mãe balançando lentamente.

— Este é o momento mais feliz que o vi em... bem, anos, — Kitt diz calmamente, todos os traços de humor desaparecendo de sua voz. Concorde com a cabeça, observando o rei sorrir para sua rainha do jeito que ele sempre fez com ela. Ele nunca deixa de dar a ela o carinho que nunca nos deu. Para mim.

Com esse pensamento em mente, tomo outro gole do frasco.

— Talvez, depois de cuidar da Resistência, ele seja um homem mais feliz — acrescenta Kitt com um encolher de ombros desleixado. — Falando nisso — ele tira os olhos dos dançarinos para olhar para mim, — você conseguiu alguma informação do Silenciador?

— Matei ele, — eu digo com um encolher de ombros igualmente desleixado.

Ele não está nem um pouco perturbado com isso. — Isso é um não, então?

Eu suspiro. — Sim, isso é um não.

— Hum. — Kitt franze a testa. — E o Ordinário perto do Loot que você foi enviado para encontrar? Você conseguiu alguma informação então?

O rosto da menina surge em minha mente, seu cabelo ruivo brilha como o fogo em seus olhos. — O Ordinário era uma criança. Duvido que ela soubesse alguma coisa sobre a Resistência.

Ficamos em silêncio por um momento antes de Kitt pigarrear. — Quão jovem?

— Muito jovem.

Ele balança a cabeça lentamente. — Então, você não cumpriu aquilo?

Eu endureço um pouco. Kitt e eu nunca falamos sobre isso. Nunca fale sobre a vez em que ele me encontrou nos estábulos, coberto de sangue e vomitando depois de uma das minhas primeiras missões na cidade para matar um Ordinário. Eu era um menino, com apenas quatorze anos, quando tirei a vida de uma criança não muito mais nova do que eu. E jurei nunca mais fazer isso.

O rei me enviou em inúmeras missões desde então, tudo parte do meu treinamento. Kitt pode ser quem está preso no palácio, mas nunca conheci a liberdade de matar. Escolha nunca conhecida. Então, eu recupero o único ponto de sanidade que consigo ao banir as crianças Ordinárias com suas famílias.

Mesmo que eu ainda os esteja condenando à morte.

— Não, eu não fiz aquilo — respondo lentamente, confiando apenas no meu irmão o peso dessas palavras. Ele levou anos juntando as peças antes de vir ao meu quarto para beber uma noite, confrontando-me quando eu não conseguia mais ver ou pensar direito.

Destruir é meu dever, e o rei me deixou insensível à matança. Mas para as crianças, eu me forço a sentir.

Até os monstros podem ter moral.

Solto um suspiro, levando o frasco aos lábios. — Não estou bêbado o suficiente para falar sobre isso agora.

— Nem eu. — Kitt arranca o frasco da minha mão com um sorriso antes de seus olhos pousarem na mancha na minha camisa, como se a notasse pela primeira vez. — O que diabos aconteceu com você?

— Paedyn. — Suspiro novamente. — Paedyn aconteceu comigo.

Kitt ri, mas o som é tenso. — Ela certamente é... alguma coisa.

— Você tem muito jeito com as palavras, Kitty.

Ele balança a cabeça e passa a mão pelo rosto. — Eu nem tenho palavras para descrevê-la, mas, Pragas, ela nunca deixa de ter palavras para mim.

Meus ombros enrijecem, mas me forço a parecer relaxado. — Ela deixa?

Ele solta uma risada. — Sim. Ela é a única pessoa que não me diz o que eu quero ouvir, não tem medo de falar o que pensa. E com bastante frequência, devo acrescentar

— Você gostaria que eu criticasse suas merdas com mais frequência, irmão? — Eu pergunto casualmente. — É isso que estou ouvindo?

Ele me dá um empurrão preguiçoso, ignorando meu comentário. — Ela tem esse tipo de fogo. Até me chamou de idiota outro dia.

Meus lábios se contraem apesar da tensão que percorre meu corpo. — Parece certo.

— É estranho — diz ele calmamente, seus olhos examinando o jardim lotado. — Não a conheço há muito tempo e, ainda assim, quero conhecê-la há mais tempo.

O silêncio se estende entre nós, suas palavras pairando no ar.

— Talvez eu estivesse errado — digo rigidamente. — Talvez você tenha jeito com as palavras.

Ele se vira para mim com um sorriso torto. — E o que você acha dela, hmm?

Meus olhos caem para a mancha na minha camisa. Sinto cheiro de vinho e uísque e um leve toque de lavanda que sempre gruda em Paedyn. E do jeito que ela se agarrou a mim esta noite, seu doce perfume penetrou em minhas roupas para me distrair.

O que eu penso dela?

Quando não penso nela?

Pego o frasco dos dedos de Kitt e repito as mesmas palavras de antes. — Não estou bêbado o suficiente para falar sobre isso agora.

Mentira.

Mesmo sóbrio, ela faz minha cabeça girar. Não preciso estar bêbado para admitir o que ela fez comigo, como ela me fez *sentir*.

O farfalhar das saias e a conversa de excitação me fazem erguer os olhos. Observo enquanto os convidados começam a sair dos jardins em direção aos campos de treinamento. Lanço um olhar confuso para Kitt, ao que ele responde: — Não faço ideia.

Ficamos parados, apenas ligeiramente instáveis, e seguimos a multidão. Antes mesmo de chegarmos ao pátio de treinamento iluminado por tochas, avisto plataformas ascendentes ao redor de um grande círculo de terra onde os convidados começam a se sentar.

Tealah sai para o meio do ringue e gira em círculo, sorrindo para os convidados que a cercam. — Como isso é divertido! Não só ganhamos um baile, mas também uma luta!

Eu certamente não estava planejando lutar esta noite.

A multidão aplaude e urra enquanto olha ao redor, provavelmente procurando pelos competidores. E estou fazendo o mesmo. Não há sinal das meninas, apenas Jax, Braxton e Ace no lado oposto.

Passo a mão pelo cabelo, de repente tonto por causa do álcool e de todos os poderes que me pressionam. O frasco fica suado em minha mão e desejo não ter bebido tanto, mesmo pensando em engolir o resto. Quando passo para passar pelos competidores, uma mão agarra meu braço.

— Kai. — Me viro e encontro os olhos de Kitt fixos em mim. — Caso eu não te veja antes de amanhã...

— Eu sei — digo, sem precisar ouvir as três palavras para saber que ele está falando sério. — Eu sei.

— Tenha cuidado — diz ele com uma sugestão de sorriso. — E não se atreva a morrer.

— Não se preocupe. Você não será capaz de se livrar de mim tão facilmente, Kitty.

Capítulo Trinta e Nove



Paedyn

— POR QUE ESTÁ DEMORANDO TANTO? Você sabe, às vezes você realmente é uma princesa.
— O resmungo de Lenny é abafado pela porta que o separa do meu quarto enquanto eu rasgo meu vestido.

— Se acalme — murmuro de volta. — Estou tentando não rasgar meu vestido.

— Sim. Isso é algo que uma princesa diria.

Reviro os olhos e visto minha calça de treino fina, combinando-a com uma camisa larga de algodão. — Bem, uma princesa iria lutar para entreter os convidados de um baile?

Calço as botas e minhas mãos coçam para pegar minha adaga e enfiá-la em uma delas. Mas quando Lenny bateu na minha porta para me informar que eu era necessária no pátio de treinamento para uma luta improvisada, ele também fez questão de mencionar que armas externas eram proibidas. Suspiro ao ver minha adaga de prata, desejando poder tê-la comigo apenas para me confortar.

Quando abro a porta, Lenny quase cai depois de se apoiar pesadamente nela. Eu bufo e ele me dá um sorriso sarcástico antes de começarmos a andar rapidamente pelo corredor.

— Isso é normal? — Pergunto em um sussurro abafado, inclinando-me perto dele para que nenhum dos outros Imperiais possa ouvir. — Nos fazer lutar em um baile? E logo antes de uma Prova?

Ele me lança um olhar, e mesmo com a máscara branca obscurecendo metade do seu rosto, vejo a preocupação em seus olhos. As emoções de Lenny estão sempre à mostra, sempre estampadas em suas feições. — Nada nas Provas deste ano é normal.

Concordo com a cabeça enquanto viramos a esquina e seguimos em direção ao pátio de treinamento. As plataformas ascendentes ao redor do anel de terra estão cheias de convidados elegantemente vestidos em verde e preto, parecendo deslocados no pátio

lamacento. Tochas cercam o ringue, lançando sombras misteriosas sobre os rostos entusiasmados da multidão.

— Você já recebeu alguma informação do seu príncipe? Talvez sobre um certo túnel?
— Lenny pergunta baixinho.

Suspiro e lanço um olhar. — Não nas poucas horas desde a última vez que você perguntou, não.

Ele abre um sorriso com isso, mas rapidamente desaparece quando nos aproximamos do ringue e da multidão ao redor. Meus olhos percorrem a cena, observando Tealah no centro e a multidão se inclinando para ouvir cada palavra dela, apesar de ter sido amplificada em voz alta.

— Como todos vocês não podem testemunhar as Provas em primeira mão, como é típico, temos um presente especial esta noite! — A multidão aplaude enquanto Tealah continua: — Os competidores serão selecionados aleatoriamente para lutar, e o resultado pode ajudar na sua decisão sobre em quem votar!

Meu coração pula uma batida.

Não só vou perder isso, mas também vou perder os votos deles.

Examino a multidão em busca de meus colegas competidores, avistando-os do outro lado do ringue. Parece que apenas as meninas puderam se trocar, seus vestidos foram embora, enquanto os meninos ainda usam calças e camisas sociais.

Meus olhos vagam por um Andy espreguiçado ao lado de uma Blair rígida. Ao lado deles, Jax e Braxton conversam baixinho enquanto o último começa a arregaçar as mangas para revelar seus braços enormes. Ace fica mais distante, contente em enfiar o nariz no ar e observar a multidão.

E então meus olhos param nele, vagando por suas calças enroladas e pela camisa agora transparente grudada no corpo por baixo. Ele jogou água em si mesmo em um esforço para ficar sóbrio, e um leve sorriso surge em meus lábios ao vê-lo sacudindo o cabelo molhado.

Quando Tealah chama seu nome, Kai levanta a cabeça e encontra os olhos de seu oponente. Braxton encara o príncipe por um momento antes de acenar com a cabeça e entrar no ringue. Nas próximas batidas frenéticas do meu coração, os meninos começam uma luta.

Não é novidade que Kai está mais desleixado do que o normal, o que era de se esperar, já que ele não está exatamente sóbrio. Mas mesmo com sua desvantagem, anos de treinamento o deixaram rápido enquanto ele entra em um ritmo familiar. A luta é acirrada, cativando a torcida a cada soco e esquiva. Somente quando Kai mal consegue prender Braxton no chão por vários segundos é que a multidão explode. Os imperiais rapidamente os afastam antes que possam causar mais danos.

Os nomes de Andy e Ace foram chamados em seguida, e a briga deles foi rápida. Ao entrar no ringue, Andy se transformou em um lobo com um elegante casaco cor de vinho. Ela rosnou quando Ace usou seu truque típico de cercar seus oponentes com ilusões

idênticas de si mesmo. Mas com Andy em sua forma animal, ela ergueu o nariz e sentiu o cheiro do verdadeiro Ace entre eles, atacando antes que ele pudesse reagir. Ela o derrubou no chão e cravou as garras em seu peito, parecendo muito mais animal do que Andy.

— A próxima é Blair Archer e... — Tealah dá uma olhada rápida no cartão antes de dizer: — Paedyn Gray!

Soltei um suspiro trêmulo enquanto meu coração batia contra minha caixa torácica.

Claro que é ela.

Eu me movo em direção ao ringue, pronta para enfrentar meu destino quando dedos ásperos envolvem meu pulso e me chicoteiam. Minha trança voa por cima do meu ombro e quase me atinge no rosto quando me viro e vejo Kai olhando para mim. Mal consigo vislumbrar os cortes e hematomas sangrentos que já estão começando a aparecer em seu rosto antes que ele me puxe contra ele.

Para qualquer outra pessoa, provavelmente parece que tropecei no príncipe.

Ele abaixa a cabeça para que seus lábios rocem minha orelha enquanto ele começa a falar em um tom baixo e apressado. — Fique alerta e continue andando. Você é mais briguenta do que ela, então use sua cabeça e use tudo que puder. Ela está fraca fisicamente onde você não é, então aproveite isso. — Então ele se inclina para trás o suficiente para que eu possa olhar para aqueles olhos esfumaçados enquanto ele murmura: — Distraia-a. Você é boa nisso.

E então seus dedos encontram a parte inferior da minha trança, dando um puxão suave antes de me dar uma piscadela rápida e ir embora.

Pisco, tentando clarear a cabeça enquanto me viro e entro no ringue.

Meus olhos percorrem a multidão, parando apenas quando encontram os do rei, onde ele está sentado em uma cadeira de madeira esculpida ao lado de sua rainha. Acho que não consigo imaginar o lampejo de satisfação presunçosa que atravessa seu rosto, me fazendo pensar o quão *aleatórios* esses pares realmente são. Não me surpreenderia nem um pouco se isso fosse obra do rei, querendo ver Blair me despedaçar tanto quanto o povo provavelmente quer.

O sorriso de Kitt não poderia ser mais diferente do que o de seu pai ao lado dele. Ele me dá um pequeno aceno de cabeça, me encorajando com um leve gesto. Um flash lilás chama minha atenção de volta para o ringue e para a oponente que está diante de mim. Seu cabelo está amarrado com uma tira, balançando para frente e para trás enquanto ela avança.

No momento em que seus pés tocam a terra, o jogo começa.

Uma faca passa zunindo sobre minha cabeça quando caio no chão. Ouço uma risada cínica borbulhar em sua garganta enquanto um machado voa em minha direção. Ela está me atirando armas das prateleiras ao redor do ringue, e embora eu não tenha certeza se isso é permitido, não tenho exatamente tempo para pensar sobre isso com todas as esquivas que estou fazendo.

Eu me jogo para o lado enquanto uma faca pequena e afiada corta o ar, cortando minha pele no caminho. Uma dor quente e lancinante atinge minha bochecha, concedida pela lâmina.

— Suas habilidades psíquicas não avisaram você do que estava por vir? — ela canta, continuando a atirar armas espalhadas em mim. Posso distinguir vagamente os gritos vindos da multidão que nos rodeia através do sangue latejando em meus ouvidos.

A única coisa que consegui nessa luta até agora foi me cansar. É claro que ela não quer que a partida acabe tão cedo, ou então ela me sufocaria e encerraria o dia. Não, ela quer se divertir comigo primeiro, quer mostrar ao público o que ela pode fazer.

Não posso ficar na defensiva por muito mais tempo, mas também não quero acabar como uma almofada de alfinetes, alfinetada com facas.

Aqui vai nada.

Eu ataco ela. Mas em vez de correr de frente, eu ziguezagueio. Seus olhos se arregalam ligeiramente, claramente sem esperar por isso, mas ela se recupera rapidamente e continua a atirar armas, galhos e pedras em mim.

Se eu conseguir colocar minhas mãos nela...

Ela não é uma lutadora e sabe disso. É por isso que ela se esconde atrás de seu poder como a maioria dos Elites faz. Esta partida já teria acabado se não fosse pela habilidade dela.

Apesar de todo o meu ziguezague, ela continua me empurrando para a beira do ringue. Não consigo ganhar terreno com ela arremessando objetos pontiagudos e me forçando a evitá-los.

Uma pedra atinge meu ombro com força.

Pense . Pense.

Blair interrompe seu ataque de objetos voadores apenas para me levantar do chão com um movimento de seu pulso. Um grito estrangulado sai da minha garganta enquanto paio um metro acima da terra batida.

E então ela me deixa cair.

Eu bati no chão com um baque. O ar sai dos meus pulmões, deixando-me sem fôlego. Uma nuvem de poeira sobe de onde estou deitado no chão, sufocando com o ar úmido.

Levante.

Tudo dói, mas eu me levanto enquanto Blair parece um pouco surpresa por eu ter me incomodado em fazê-lo.

Distraia-a.

As palavras de Kai ressoam na minha cabeça, seguidas por uma ideia.

Pego uma pedra do chão, aquela que provavelmente é a causa do meu ombro dolorido, e agarro-a com a mão fechada. Ela voltou a atirar itens em mim e, enquanto eu me esquivo, me abaixo e rolo, meus dedos encontram uma faca no ringue ao lado de várias outras armas.

Em um movimento rápido, levanto meu braço para trás e jogo a faca em seu rosto antes de atirar a pedra logo em seguida. Ela para tudo e preguiçosamente levanta as mãos para parar a lâmina e balançar antes que eles a encontrem, divertida porque isso é o melhor que posso fazer.

Ou assim ela pensa.

Com toda a sua atenção em parar os objetos no ar, não perco tempo. Eu a abordo pelo meio e caímos na terra. Com uma bufada, o ar é retirado de seus pulmões, me dando segundos antes que ela me jogue de cima dela.

Mas isso é tudo que preciso.

Nunca se tratou de vencer, mas sim de defender uma posição. Provando para mim mesma e para todos que estão assistindo que ainda sou uma ameaça. Quer eu tenha um poder como o deles ou não, encontrarei uma maneira de machucá-los.

Meu punho bate em sua mandíbula, jogando sua cabeça para o lado. Ela provavelmente não está familiarizada com a dor que acompanha um soco, não está familiarizada com as pessoas que chegam tão perto para tentar. Ela está atordoada. Eu dou outra pancada sólida em seu narizinho perfeito e observo enquanto o sangue jorra dele. Eu levanto meu punho novamente...

Mas ela finalmente caiu em si.

Com um grito, ela me joga no ar como uma boneca de pano. Colido com o chão duro e mais uma vez me vejo olhando para o céu estrelado, com falta de ar.

Eu a ouço gritar de frustração, provavelmente esfregando a mandíbula dolorida e apertando o nariz sangrando. O som de botas se afastando com raiva me diz que ela está correndo para um curandeiro, se recusando a ser vista com ferimentos no rosto impecável. Especialmente quando fui eu quem os deu a ela. Ela não ousaria ser vista ferida por uma *favelada*.

Ouço palmas, aplausos e conversas confusas ecoando pela plateia. Um sorriso surge em meus lábios e antes que eu perceba, estou tremendo de tanto rir. Não consigo impedir que isso borbulhe para fora de mim enquanto estou deitado no chão.

Posso ter perdido a partida, mas foi Blair quem perdeu o orgulho.

Capítulo Quarenta



Kai

ACORDEI na beira de uma montanha.

Montanha Plummet.

Eu só sei disso porque já estive aqui antes com meu pai, conquistando casualmente mais medos e coisas assim.

Mas não estou sozinho.

Andy geme ao meu lado, seus olhos se abrindo antes de ela se levantar, girando a cabeça enquanto examina o ambiente, assim como eu havia feito alguns minutos antes.

Minha cabeça está latejando. Entre todo o álcool, as brigas da noite passada e a droga que me nocauteou para ser arrastado até aqui, já me senti melhor em campo de batalha. Mas ao chegar em Plummet, a primeira coisa que notei foi as palavras rabiscadas na minha mão. Minha caligrafia inclinada e apressada percorre minha palma, transmitindo uma mensagem muito importante:

Ela disse que eu poderia tocá-la quando estivesse sóbrio.

Estou chocado por não me lembrar de ter escrito isso, considerando o quão vividamente me lembro de tudo o mais sobre a noite passada. Paedyn se pressionou contra mim, nossa conversa, seu pânico antes que eu desamarrasse os barbantes de seu vestido. Meus lábios se contraem com o pensamento antes de eu reprimir um sorriso quando me lembro de como ela imobilizou Blair durante a briga e a fez sangrar.

— Pragas, o que está acontecendo?

Braxton está acordado agora, piscando sob o sol da tarde. O cabelo lilás de Blair brilha atrás dele quando ela se senta, parecendo igualmente confusa e tensa. Nós nos olhamos, lembrando como lutamos brutalmente na noite passada e como fomos forçados a nos separar antes que pudessemos terminar.

Tiro o bilhete amassado do bolso e jogo-o no chão diante de nós. — Fomos deixados com isso.

Ouço Blair zombar enquanto ela pega o papel e lê em voz alta, seu tom entediado:

*Bem-vindos ao segundo desafio,
Acreditamos que a união é o fio.
Doze horas para atingir o cume,
Vencer a outra equipe, suba sem resfume.*

— Você só pode estar brincando comigo — Andy resmunga ao meu lado, passando as mãos pelo rosto sujo.

— Desculpa, — Blair bufa, — devemos trabalhar *juntos*?

Papai está se divertindo brincando conosco.

Ele nos fez lutar ontem à noite para alimentar a tensão entre os competidores e nos deixar com vontade de nos separar. Fomos forçados a passar por várias rodadas de lutas contra oponentes aleatórios, que duraram até tarde da noite e apenas ajudaram nosso cansaço. E agora somos forçados a trabalhar lado a lado enquanto lutamos contra a vontade de terminar o que começamos ontem à noite.

Fico de pé, a cabeça latejando enquanto examino o céu. O sol me diz que é quase meio da tarde, o que significa que escalaremos durante a noite.

Fascinante.

— Estamos perdendo a luz do dia — digo com um suspiro. — Vamos seguir em frente.

Então estamos escalando, confusos com esta Provação e com a forma como se espera que trabalhemos juntos em vez de nos separarmos. Plummet não é uma montanha enorme, mas é intimidante, para dizer o mínimo. Por enquanto, estamos caminhando através da espessa barreira de árvores e do terreno rochoso em sua base. Quando chegarmos mais alto, as árvores ficarão mais finas, substituídas por pedras mais íngremes e encostas escorregadias. Além de seu terreno mortal, Plummet também abriga animais ainda mais mortíferos. Estaremos escalando durante doze horas seguidas, sem comida, sem água, sem armas e sem confiança uns nos outros.

Vejo Observadores com o canto do olho, rápidos e silenciosos ao nosso lado enquanto documentam nosso progresso. Deve haver dezenas deles parados ao longo da encosta da montanha, negociando entre si, esperando que cheguemos ao seu alcance.

Blair e Braxton escalam rigidamente nas proximidades, olhando um ao outro com igual quantidade de suspeita, enquanto Andy fica perto de mim, me assegurando de onde reside sua lealdade. Ela se tornou minha única fonte de entretenimento, suas divagações tirando minha mente da montanha que se aproximava. Eu a ouço reclamar sobre como ela já teria se transformado em um falcão e nos deixado na poeira se não fosse por nós a impedindo com nosso *trabalho em equipe*.

— Tudo bem — ela diz, um pouco sem fôlego depois de escalar por quase duas horas, — eu espio com meu olhinho...

— Ah, Pragas, façam isso parar — Blair afirma, pegando uma pinha com a mente e jogando-a em Andy. — Você está *espiando* coisas há quase uma hora, apesar de ser a única brincando. Estou tentada a esquecer essa coisa de *trabalho em equipe* e *arrancar sua cabeça*.

— Ela está praticamente rosnando enquanto Andy sorri.

— Sabe — diz Andy com um sorriso presunçoso, — você não muda nem um pouco, Blair. — Ela dá de ombros. — Uma vez vadia, sempre vadia, eu suponho.

Com isso, Blair levanta um exército de pinhas do chão em uma ameaça silenciosa. — Eu manteria sua boca fechada se fosse você. Ou você pode simplesmente encontrar uma pinha alojada em sua garganta...

— Você está apenas provando meu ponto de vista — canta Andy.

Blair abandonou as pinhas por uma das muitas pedras gigantes espalhadas pelo chão. Ela o envia voando em direção a Andy e inevitavelmente voando em minha direção no processo. Com um movimento de mão e o empréstimo da habilidade de Blair, a pedra muda de direção, voando para longe de nós e colidindo com uma árvore próxima.

— Isso é o suficiente, senhoritas. — Meu tom é entediado, retratando meu humor atual. — Prefiro não estar no meio disso.

Braxton grunhe em concordância e caímos em um silêncio tenso enquanto continuamos a subir. O sol rasteja pelo céu em um ritmo lento, batendo em nós até o suor escorrer pelo meu rosto e minha garganta doer por água.

Então um grito quebra o silêncio.

Viro e encontro Andy segurando a panturrilha, os olhos grudados no chão.

— Kai. — Sua voz é pouco mais que um sussurro. — Não. Se. Mova.

Sigo seu olhar até onde dezenas de olhos negros e redondos olham para mim, línguas bifurcadas se movendo rapidamente. Cobras. Enormes e famintas. Não consigo nem distinguir quantos delas existem com toda a vegetação rasteira e pedras espalhadas pelo chão, mas sei que são suficientes para me preocupar.

Blair reprime um grito quando avista as criaturas rastejantes que nos cercam enquanto Braxton xinga baixinho.

— Tudo bem, — digo lentamente, sem tirar os olhos do chão, — vamos ter que ser você e eu, Blair. — Ela vira seu olhar arregalado para mim, seu comportamento frio derretendo de medo.

— O que nós fazemos? — ela sussurra asperamente, tentando esconder seu horror.

Respiro fundo, sem ter certeza se tenho uma resposta para ela. A cobra mais próxima de mim está se aproximando a cada segundo, e eu olho para ela, com a mente girando. — Eu cuido das cobras aqui, — aceno para onde Andy e eu estamos, — E você cuida das suas ali.

— *Cuidar?* — ela sibila, soando como uma das cobras nos cercando.

— Sim. *Cuidar*. — Eu suspiro. — Não é um grande plano, mas apenas... jogue-as para longe.

— *Jogá-las?*

— Preparada? — Eu pergunto, ignorando sua pergunta. Ela resmunga alguma coisa, e eu tomo isso como um sim. — Bom. — Eu faço uma pausa. — Vamos.

Estendo a mão cegamente com o poder de Blair em direção às cobras que rastejam aos nossos pés. Eu levanto três de seus corpos enormes do chão e as envio voando montanha abaixo. Ouço um coro de sibilos e vejo mais duas antes de deixá-las navegar pelo ar atrás de seus amigos.

Existem dezenas delas. Blair e eu estamos mandando cobras voando para a esquerda e para a direita, todos nós nos esquivando e dançando em pé quando elas chegam muito perto. Ouço um grito de Andy e me viro para ver uma cobra avançando em sua direção, com a boca aberta e as presas prontas para afundar na carne. Eu a suspendo no ar antes que ele possa dar outra mordida na perna de Andy.

Depois de finalmente se levantar e se afastar do ninho de cobras, Andy cambaleia e estou ao lado dela num piscar de olhos. — Você foi picada. — Não é uma pergunta. — Me deixe ver. — Seu rosto está pálido quando ela tira a mão da perna, revelando duas feridas profundas de presas, sangue escorrendo pelo pé e pelos sapatos.

Afasto uma mecha de cabelo ruivo profundo de sua testa pegajosa, procurando seus olhos. — Como você está se sentindo?

— Bem — ela engasga com uma risada, — meu orgulho parece estar doendo mais do que eu. Eu nem vi a cobra chegando. E então o resto delas apareceu e... me desculpe.

Ela para, concentrando-se no sol que agora começa a se pôr atrás da montanha. — Ei, nenhum de nós os viu, lembra? Mas preciso que você me diga como está se sentindo.

Pragas, por favor, não sejam venenosas.

— Eu me sinto bem. Dói demais, mas estou bem.

Por agora.

As palavras não ditas pairam no ar entre nós.

Espero que nosso único problema seja a dor que ela sente e nada mais. Torcendo para não perder mais uma das poucas pessoas que não posso perder.

— Você pode andar? — Eu pergunto.

Ela dá um passo, o rosto franzido de dor. — Sim. Estou bem.

— Besteira, — murmuro antes de me agachar na frente dela. — Vamos. Suba nas minhas costas. Eu jogo para ela um pequeno sorriso por cima do ombro. — Como nos velhos tempos.

Ela ri com voz rouca. — Sério, estou bem...

— Bem, claramente você não está, — a voz agitada de Blair interrompe. — Então suba nas costas dele para que possamos seguir em frente. — Ela começa a subir, murmurando algo que parece: — Pragas, odeio trabalho em equipe.

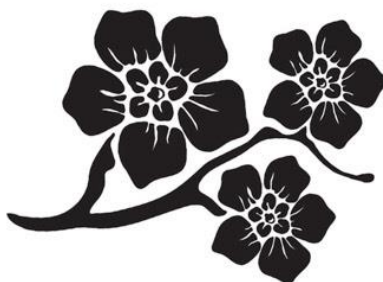
— Eu devo tentar me transformar em um pequeno animal para ser mais fácil de carregar? — Andy parece duvidoso. — Mas não tenho certeza se conseguirei manter esse estado por muito tempo...

— Economize sua energia. Vamos. Vá para cima. — Eu a ajudo a deitar de costas, segurando a parte de trás de seus joelhos enquanto ela segura meus ombros. Ela é alta e esbelta, seu peso quase não incomoda.

Por agora.

E então estamos subindo novamente.

Capítulo Quarenta e Um



Paedyn

HÁ uma pedra no meu sapato. O mesmo que está lá há meia hora, mas minhas mãos estão muito ocupadas me impedindo de cair para a morte para fazer qualquer coisa a respeito.

Estamos escalando há horas. Há muito menos árvores agora, dando lugar a encostas íngremes cobertas de plantas escorregadias. Minhas mãos estão agarrando grandes pedras enquanto recupero o fôlego, voltando meus olhos para o nosso destino.

O pico.

Apesar da nossa escalada constante, ainda paira muito acima de nós. Jax está ao meu lado, ofegante tanto quanto eu. — Acho que estamos fora de forma — digo sem fôlego.

Ele abre um sorriso antes de perguntar: — Você acha?

Eu solto uma risada enquanto forço meus pés a se moverem novamente. Minhas pernas estão trêmulas, tensas por escalar sem parar por horas sem comida e sem água para nos ajudar. Estendo a mão para Jax, ajudando-o a passar por um trecho de rocha particularmente íngreme, retribuindo um favor que ele fez por mim várias vezes.

— Que fofo.

Jax e eu ficamos tensos ao som daquela voz, considerando que o dono dela tentou matar nós dois. Mordo a língua, forçando a reprimir a chama de raiva que acende dentro de mim e, em vez disso, ignorá-lo.

Ace suspira dramaticamente enquanto continua subindo nas proximidades. — Bem, isto é constrangedor. Nós três formando pares para formar uma *equipe*.

Não é estranho – é intencional.

Tudo o que o rei faz é deliberado. Distorcido. E esta Prova não é exceção. As lutas, os times e a tensão entre os competidores são todos calculados.

— O que? Você vai me ignorar até chegarmos ao topo? — Ace canta por trás.

Estou grata por Jax ser o outro Elite com quem estou emparelhado, então não tenho que lutar contra o desejo de matar meus dois companheiros de equipe. Porém, isso pode

ser uma coisa ruim, considerando que provavelmente confio demais em Jax. Mas ignoro o pensamento, assim como o garoto atrás de mim, e continuo subindo com cuidado.

— Pelo menos... — As palavras de Ace morrem em sua língua antes que ele grite: — Paedyn! Cuidado!

Me viro para encará-lo e vejo a cobra gigante deslizando em volta dos meus tornozelos. Um grito estrangulado sai da minha garganta antes que eu possa impedi-lo e tropeço. Meu tornozelo prende em uma pedra e tropeço, caindo para trás...

A última coisa que vejo antes de cair da montanha e provavelmente morrer, é a cobra se espalhando pelas sombras quando meu pé a atinge.

Ilusão .

Mas é muito tarde. Meu corpo está caindo e vou cair ladeira abaixo sem ter como me conter.

Que maneira patética de morrer...

De repente, mãos estão nas minhas costas, me empurrando e me puxando para ficar de pé antes que eu possa colidir com as pedras e rolar montanha abaixo.

— Eu peguei você, — Jax grita atrás de mim. — Eu acho.

Estico a mão e agarro a pedra irregular mais próxima, ajudando a ficar de pé. Quando estou quase de pé com as pernas instáveis, Jax se teletransporta na minha frente, suado e ofegante. Tenho certeza de que não pareço diferente, mas ofereço- um sorriso fraco e espero que ele veja a gratidão em meu olhar. Este garoto se transportou atrás de sua oponente para me salvar de...

O pensamento desaparece da minha cabeça, junto com qualquer outro pensamento racional que possa estar ali. Me viro para Ace enquanto me agarro a uma pedra, sem confiar no meu corpo trêmulo.

Seu sorriso é frio. — Cuidadoso. Eu não gostaria que meu companheiro de equipe se machucasse.

— *Você*, — eu cuspo. Estou prestes a escorregar encosta abaixo e estrangulá-lo com minhas próprias mãos...

— Não faça isso, — Jax diz calmamente. — Ainda não.

Hesito, voltando lentamente meus olhos para seus olhos escuros. Depois de uma longa pausa e de uma respiração profunda, concordo. Jax não só está certo em me lembrar que não posso matar nosso companheiro de equipe, mas ele é claramente muito melhor em controlar sua raiva do que eu. Então, me viro rigidamente em direção à montanha, concentrando toda a minha atenção em escalá-la.

Subimos em silêncio por um momento antes de eu limpar a garganta seca e dizer baixinho: — Obrigado, Jax. Você não precisava me ajudar, mas ajudou.

— É claro que ajudei você — diz ele, encolhendo os ombros. — Além disso, não tenho certeza se meus irmãos me perdoariam se eu não tivesse feito isso.

Seus irmãos.

Naquela noite, Kai e eu dançamos durante o primeiro Prova – a noite em que falamos tão abertamente sobre nossas vidas – foi quando eu descobri o quão próximos os príncipes realmente são de Jax. Kai me contou brevemente sobre o naufrágio dos conselheiros no Raso e como eles acolheram o filho quando ele tinha apenas seis anos.

Eu forço uma risada silenciosa. — Não sei, tenho certeza que Kai não se importaria de ter menos competição.

Ele me lança um olhar estranho, claramente tentando não rir. — Não se essa competição for você. — Eu bufo em resposta, mas Jax continua alegremente. — Falando em Kai, me pergunto como ele está lidando com isso.

— Lidando com o quê?

Jax se puxa para cima de uma pedra irregular com um grunhido antes de dizer, sem fôlego: — A montanha. — Quando minha expressão permanece confusa, Jax acrescenta: — Ele odeia altura.

— O que? — Eu engasgo. — Mas eu o observei escalar um dos pinheiros dos Sussurros durante a primeira Prova. Ele parecia...

— Bem? — Jax termina para mim com uma risada. — Muito calmo? Sim, ele é muito bom em esconder o que sente.

— Apenas mais uma máscara que ele coloca, — murmuro baixinho.

Jax acena com a cabeça, fazendo uma gota de suor escorrer pelo seu rosto. — Ele melhorou muito com altura, mas apenas por causa de todo o treinamento que o rei o fez passar.

Eu sabia o suficiente sobre *treinamento* distorcido do rei, mas Kai nunca mencionou nada sobre seu medo de altura. — O que o rei fez?

— Ele... ele o fez subir nas árvores mais altas dos Sussurros, várias vezes, até se convencer de que Kai havia superado seu medo.

— O que? — Minha voz está tão trêmula quanto as pernas que me carregam montanha acima.

Seu próprio pai o forçou a reviver seu pior medo repetidas vezes.

Parece que a tortura que Kai falou não foi totalmente física.

— Eu era pequeno quando Kai estava passando pela maior parte de seu treinamento para ser o futuro Executor, mas nunca esquecerei as noites em que ele voltava para casa coberto de sangue e lágrimas. — Jax olha para seus pés, de repente mais sério do que nunca. — Acho que ele estava com medo de que eu tivesse medo dele, então ele voltava furtivamente para seu quarto todas as noites. Mas ainda tive vislumbres dele, ouvi-o golpeando a cabeceira da cama com uma espada.

Subimos em silêncio por um momento, e ignoro meus pensamentos gritantes, assim como ignoro o aperto na garganta e a pressão atrás dos olhos. Então, um sorriso cansado se espalha pelos lábios de Jax quando ele diz: — Mas eu não poderia pedir irmãos melhores.

— Eu odiaria interromper sua conversa fofa, — Ace fala lentamente, — mas eu sou o único que sente isso?

Estou prestes a descartar o que provavelmente é mais uma tentativa de me enganar com uma ilusão quando começo a sentir isso. Um leve tremor me percorre, vindo da montanha. As pequenas pedras estão chacoalhando ao nosso redor, e eu me inclino para mais perto do chão, agarrando qualquer coisa para me segurar.

— Deslizamento de rochas, — eu respiro.

O pavor me inunda, seguido rapidamente pela determinação.

Eu não vou morrer hoje. Muito menos, com rochas.

Engulo meu pânico ao ouvir o som de pedras pesadas caindo em nossa direção, batendo umas nas outras enquanto correm para nos esmagar. — Então, — Jax arqueja ao meu lado, — qual é o plano?

— Não morrer, — eu digo simplesmente.

— Que incrivelmente útil, — Ace murmura, casualmente demais para a nossa situação atual.

O barulho das rochas fica mais alto enquanto observo as pedras caindo em nossa direção. Evitá-las é muito mais fácil de falar do que fazer. A encosta da montanha é íngreme, tornando difícil pular sem medo de cair e morrer. Estou me agarrando a plantas e torrões nas rochas abaixo de mim enquanto saio do caminho das pedras rolantes.

Jax está se transporta para fora do caminho de pedras caindo, entrando e saindo da minha visão. Ace está em algum lugar atrás de mim e, se eu tiver sorte, uma pedra já o fez cair montanha abaixo.

Eu me movo para a direita, por pouco evitando que meu braço seja esmagado. Então eu pulo para a esquerda e...

Algo colide com o lado da minha cabeça.

Manchas dançam na minha visão. Estou tonta, atordoada, compreendendo apenas vagamente que meu nome está sendo gritado. Olho para cima bem a tempo de ver que estou prestes a ser esmagado por uma pedra. Eu mergulho para fora do caminho, caindo com força enquanto seguro qualquer coisa para me agarrar. E tão rapidamente quanto aconteceu, a montanha parece parar abaixo de mim enquanto as rochas lentamente param de deslizar.

Eu me esforço para ficar de pé, piscando para afastar o líquido quente e pesado que ameaça derramar em meus olhos. Posso sentir o sangue escorrendo pela lateral do meu rosto, posso sentir a dor latejante do ferimento ali. Tenho quase certeza de que sofri uma concussão, assim como tenho quase certeza de que vou vomitar.

— Jax? Você está bem? — eu chamo, dando um passo à frente e estendendo a mão para me firmar contra as rochas. Sim, acho que vou ficar doente.

— Estou bem — ele diz, piscando na minha frente. Nós dois estamos cobertos de arranhões e hematomas que já começam a aparecer em nossa pele.

— Obrigado por perguntar, Paedyn. Estou bem — diz Ace, sua voz sem qualquer tom ou ternura.

Passo as costas da mão no olho, limpando o sangue que escorre do meu ferimento. — Que pena.

Capítulo Quarenta e Dois



Kai

TUDO DÓI. Meus pés. Minhas costas. Meu *corpo*.

Estou extremamente cansado, com muita fome e dolorosamente consciente de como estou irritado comigo mesmo por causa disso. Já suportei torturas, enfrentei meus piores medos, liderei exércitos em batalhas e, ainda assim, escalar uma montanha com uma ressaca pode ser a minha morte.

Andy agarrado às minhas costas também não está ajudando. O problema não é o peso dela, especialmente porque estou pegando emprestada a força de Braxton. Não, é o fato de ela ser tão esbelta que seu longo mancar está atrapalhando minha escalada.

— É um absurdo como você é ossuda — murmuro, ganhando um soco fraco no ombro.

Bom. Pelo menos ela tem força para me bater.

— Quando conseguirmos sair daqui — continuo casualmente, — eu mesmo farei pãozinhos pegajosos para engordar você.

Ela grunhe em aprovação a essa ideia, com a voz fraca. Ela está decaindo rapidamente. Sua pele é pálida e doentia, enfatizada apenas pelo luar, e sua respiração é rápida e superficial.

Eu sei a diferença entre dor e veneno, e este é certamente o último.

Então, eu a mantenho acordada, a mantenho ocupada. Minha voz é baixa enquanto falo baixinho com ela, provocando-a e relembrando os velhos tempos. Ela responde principalmente com risadas ofegantes ou um aceno de cabeça, mas prefiro qualquer coisa ao silêncio.

A lua é nosso único guia, lançando uma luz pálida que pouco faz para iluminar a montanha que escalamos desde o momento em que acordamos. O terreno é tão íngreme agora que Andy está agarrada a mim com as pernas enroladas na minha cintura, liberando minhas mãos para me ajudar a subir.

Sinto sua cabeça cair contra meu ombro, dominada pela exaustão e pela dor insuportável. — Ei, — eu digo suavemente, empurrando-a suavemente para mantê-la acordada. — Estamos quase lá. Só mais um pouco. — Eu a sinto acenar com a cabeça, cansada, e tento acelerar o ritmo.

Posso ver o planalto plano do pico pairando acima de nós.

Quase lá.

Estou subindo, as mãos raspando a pedra e as pedras escorregando debaixo de mim. Perdi o equilíbrio, perdi o controle mais de uma vez e quase nos fez cair para uma morte infeliz. Mas estamos quase lá. Este pesadelo está quase no fim. Estamos quase livres.

Vejo as sombras das figuras alinhadas ao nosso redor. Nos esperando. Os Observadores observam enquanto subimos até o topo, sem fôlego e cobertos de suor, famintos e exaustos.

Animado.

Nós conseguimos.

Eu me arrasto até o limite, com Andy agarrado a mim com força. Somente minha dignidade me obriga a ficar de pé, embora o cansaço ameace me paralisar.

— Conseguimos, — Braxton exala ao meu lado enquanto todos nós ficamos parados, atordoados. O planalto é uma grande laje de rocha irregular e terra, que se estende muito mais do que parece visto de baixo. Olho em volta, examinando os arredores, avistando dezenas de pontos turísticos pontilhando o pico.

Então meus olhos passam por um poste alto de madeira, enterrado no chão na extremidade do pico. Uma bandeira verde e desgastada está pendurada no topo, balançando ao vento.

Que jogo novo é esse?

O movimento surge no canto do meu olho, e eu semicerro os olhos na penumbra para focar nas figuras subindo pelo lado oposto do planalto, se juntando a nós. E apesar da escuridão, sei exatamente quem eles são.

Jax. Ace. Paedyn.

Todos nós nos encaramos, cada grupo atordoadado e imóvel.

O Observador dá um passo à frente, sua voz clara enquanto lê uma mensagem no papel esfarrapado em sua mão. — Estamos felizes por você ter aprendido a trabalhar como um só, mas, ah, esta Prova não acabou. As regras do jogo mudaram um pouco, então o primeiro a capturar a bandeira vencerá. — Ele limpa a garganta antes de continuar: — Só pode haver um vencedor entre vocês. A única questão é *quem*?

Silêncio.

Quietude.

Suas palavras penetram, penetrando em meu cérebro. Eu não deveria estar surpreso. Isso será um grande entretenimento, nos ver trabalhar juntos apenas para nos separarmos no final.

Porque era muito fácil, apesar de ser muito difícil chegar ao topo do Plummet. E eu já deveria saber que sempre há um problema, sempre um preço. Meu próprio pai me ensinou isso.

Todos nós nos encaramos, os olhos alternando entre a nossa competição e a bandeira esfarrapada que de repente se tornou tão vital para a nossa vitória.

E então nos voltamos um contra o outro.

Caos.

Capítulo Quarenta e Três



Paedyn

ESCURIDÃO E DESTRUIÇÃO são tudo que conheço. Os dois grupos se chocam, os poderes se chocam e os gritos cortam a noite. Mas quando meus olhos encontram os dele na penumbra, não hesito antes que meu punho colida com seu queixo.

Ace cambaleia para trás, atordoado pela força e fúria que coloquei no soco. Eu sorrio com a visão. Fiquei ansiosa para fazer isso o dia todo. *Diariamente.*

A luta ao nosso redor desaparece. Tudo o que vejo é ele e o vermelho turvando minha visão, a causa do sangue e da raiva se misturando.

Eu vou matá-lo.

Meu pé afunda em seu estômago, forçando o ar de seus pulmões antes de dar um soco em seu nariz, sentindo-o estalar com um prazer doentio. Meu corpo é minha única arma. Não tenho facas, nem arco, nem espadas para me esconder. Mas eu não aceitaria de outra maneira. Eu quero fazer isso com minhas próprias mãos.

Estou quase impressionado com o quão distorcido e talentoso o rei é em dar um show. Ele sabia que entramos nesta Prova na esperança de nos vingar e, em vez disso, nos disse para trabalharmos juntos. Então nossos inimigos se tornaram nossos companheiros de equipe. Mas agora, o rei está dando a nós e ao povo o que eles querem.

Estamos nos destruindo.

Ace finalmente recuperou o fôlego, ofegante enquanto sorri para mim, com as mãos apoiadas nos joelhos. — Ah, você estava esperando para fazer isso, não é?

— Desde aquela viagem de carruagem até o castelo, na verdade, — digo, lembrando como eu não gostava dele mesmo naquela época, mesmo antes de ele tentar me matar. Duas vezes.

— Bem, eu também nunca gostei muito de você, — ele cospe enquanto o sangue escorre de seu nariz e escorre até seu queixo. Eu me movo, com o objetivo de enviar um

chute em sua têmpora, mas de repente estou envolta em escuridão. É como se ele tivesse jogado um cobertor pesado sobre minha cabeça, sufocando a luz ao meu redor.

Agora estou com raiva e irritada.

Mas eu sei como funciona esse jogo e balanço os braços, dando alguns passos à frente. A ilusão se desfaz e, como fumaça, a escuridão é levada pelo vento. Pisco, meus olhos se ajustando enquanto tento encontrar Ace no meio da comoção.

E então estou sufocando.

O ar está sendo cortado de meus pulmões, minha traqueia está sendo esmagada. Um objeto duro e áspero é pressionado contra minha garganta, me forçando a ofegar enquanto tento engolir ar. Eu agarro a coisa que pressiona meu pescoço, a coisa que me separa da vida e da morte.

Eu chuto Ace atrás de mim, torcendo e lutando para escapar de seu aperto. A casca áspera está mordendo minhas unhas enquanto eu a rasgo, tentando me livrar de seu poder sufocante sobre mim. Estou sendo estrangulado com um pedaço de pau.

Uma vara.

Minha visão está manchada, o ferimento na minha cabeça lateja, meus pulmões gritam por ar.

Não, hoje não. A morte pode me reivindicar quando encontrar uma maneira menos patética de acabar com minha existência.

Eu paro minhas mãos frenéticas e paro de lutar, me forçando a cair, a ceder, a parar de parecer que estou viva e fervendo de raiva. Deixei meus joelhos dobrarem, o galho deslizando do meu pescoço enquanto eu desmoronava no chão.

“Nunca se esqueça de que sua inteligência é uma arma a ser manejada, desde que sua mente seja tão afiada quanto sua lâmina.”

As palavras do meu pai ecoam na minha cabeça, me lembrando que nem todas as batalhas são vencidas com força. Então vou ganhar esta com inteligência.

Meus membros estão emaranhados na terra e minha cabeça pousou dolorosamente em uma pedra irregular. Mas posso respirar novamente. Por muito pouco. Eu me forço a respirar fundo, desejando que meu atacante se aproxime e termine o trabalho.

Botas esmagam pedras soltas antes que um corpo se agache sobre o meu corpo inerte. Um suspiro profundo e difícil toma conta de mim e o leve toque de dedos na minha testa quase me faz estremecer.

— É uma pena que as bonitas sejam sempre *vadias*. — Ace coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, quase gentilmente. Me deixa doente. — Que vergonha. Que desperdício.

Sua mão começa a recuar e eu sei que preciso agir. Meus olhos se abrem e os dele fazem o mesmo enquanto olha para mim, chocado. Ele está agachado sobre meu corpo, uma de suas mãos presa na minha, e a outra segurando uma pedra apenas um pouco menor que o tamanho da minha cabeça.

Ele ia quebrar meu crânio.

Em um movimento rápido, torço seu braço em um ângulo estranho, ouvindo o osso quebrar e um grito saindo de sua garganta. Levanto minhas pernas e empurro meus pés contra seu peito, jogando-o de lado com um empurrão poderoso. Ele está jogado de costas ao meu lado, a pedra caindo de sua mão.

Estou em cima dele na próxima batida do meu coração martelando.

Meus joelhos pressionam seus braços no chão, deixando todo o meu peso repousar sobre seu peito. Coloco minha mão em seu pulso, pressionando o osso quebrado que agora se projeta contra sua pele. Nunca pensei que um grito pudesse me trazer tanta alegria.

— É uma pena que não tenha minha adaga para arrancar seu coração sombrio. — Estou sorrindo, saboreando o ódio puro brilhando em seus olhos, sabendo que ele deve ver o mesmo refletido em meu próprio olhar. — Que *vergonha*.

Quando me tornei tão cruel?

Algo chama minha atenção e minha atenção se volta para as figuras finas que agora nos cercam.

Sou eu.

Dezenas de Paedyns pálidas e doentias. Elas estão se aproximando, com os braços estendidos e se aproximando de mim. Elas estão me empurrando enquanto imploram por ajuda, imploram para acabar com seu sofrimento.

Eu olho para elas e elas olham para mim.

E então eu sorrio, triste e lenta.

— Não tenho mais medo de mim mesmo — sussurro.

Aquela garota — aquela garota fraca e assombrada implorando por ajuda, por amor — sou *eu*. Sem ela eu não seria quem sou hoje. Ainda sou assombrada, talvez até ainda tenha esperança de amor, mas não sou mais fraca por causa dele.

E quando meu olhar volta para Ace, não estou mais sorrindo. — Você acha que pode me usar contra mim? De novo? — Minha risada é sem humor. — Me engane uma vez, que vergonha. Me engane duas vezes... bem, você não terá a chance de fazer isso, não é? — Inclino a cabeça, olhando para seu rosto agora contorcido de dor.

Pego a pedra destinada ao meu crânio e a levanto acima do dele. — Adeus, Ace, — digo sem fôlego, me perguntando se deveria sentir algum remorso por esse garoto.

Algo muda na minha periferia.

As ilusões se foram agora, desaparecendo enquanto Ace enfraquece com a dor abaixo de mim, me permitindo ousar olhar para a figura próxima.

Ele está coberto de sangue, a maior parte do qual provavelmente nem pertence a ele. Nossos olhos se encontram, e o som da luta ao meu redor, que antes era tão ensurdecedor, começa a diminuir. A conexão é elétrica, fortalecedora até, enquanto ele me observa, mas não faz nada para ficar no meu caminho. Não faz nada para tentar me convencer a não tirar uma vida. Não faz nada porque sabe que posso cuidar de mim mesma.

Não faz nada porque Kai não faria diferente.

O garoto abaixo de mim tentou matar seu irmão, tentou fazer com que Kai fizesse isso por ele. E enquanto olho nos olhos cinzentos do príncipe, o futuro Executor, o libertador da morte, sei que ele esperou pacientemente para matá-lo. Esperando pacientemente pela vingança.

E ainda assim, ele está simplesmente parado ali, pingando sangue, e não fazendo nada para me impedir de arrancar dele sua vingança.

Esta não é minha vida para tirar.

— Eu até mataria você... — Minha voz é severa e forte, alta o suficiente para Kai ouvir. Vejo os olhos de Ace se iluminarem com a suposição de que sou fraca demais para acabar com a vida dele. Como ele está muito errado. — Mas você não é meu para matar — termino, observando enquanto seus olhos escurecem, o ódio substituindo a esperança.

Meu olhar encontra o de Kai novamente, seus olhos brilhando sob o luar e ardendo como fumaça de uma fogueira. Um músculo pulsa em sua mandíbula, suas mãos se contraem ao lado do corpo. Dou um único e lento aceno de cabeça.

E então ele está caminhando em nossa direção, sombras agarradas à sua silhueta.

Mal tenho tempo de sair de cima de Ace antes que Kai o coloque de pé com braços poderosos. — Você tem sorte de eu não ter tempo ou paciência para rasgar você membro por membro neste momento.

Então os olhos de Kai se voltam para mim, passam por mim. O futuro Executor está resistindo ao seu desejo de vingança e, em vez disso, examina meu corpo em busca de ferimentos. O pensamento me faz engolir o nó na garganta enquanto seu olhar permanece no corte que ainda jorra na minha cabeça antes de deslizar lentamente para o meu pescoço, que provavelmente já está machucado. Então seus olhos se voltam para algo bem atrás de mim.

A bandeira.

Ninguém chegou lá ainda, muito ocupado lutando e focado na vingança para fugir. Quando olho para Kai, seus olhos já estão fixos em mim. — Vá — ele murmura a palavra, apontando para a bandeira que me trará a vitória. — Ganhe esta maldita coisa, Gray.

Pisco para ele, mas sua atenção já está de volta à tarefa à sua frente. Então me viro em direção à bandeira. Minhas botas raspam nas pedras sob meus pés enquanto caminho em direção àquele pedaço de tecido aparentemente insignificante.

Gritos se juntam aos berros e gritos da luta, e não preciso me virar para saber que Kai começou seu trabalho em Ace. Eu ignoro isso, meu foco apenas na bandeira.

E então, de repente, estou embaixo dele, olhando para meu prêmio. Olhando para minha vitória.

E ninguém me impede enquanto arranco a bandeira.

Capítulo Quarenta e Quatro



Kai

ENGRAÇADO COMO MATAR me faz sentir mais vivo. Me sinto mais leve do que há dias. Minha mente está mais clara, mais nítida, agora que os pensamentos sobre Ace não a consomem mais.

Meu único arrependimento é não ter tido mais tempo para brincar com ele e, se eu fosse um homem melhor, esse pensamento poderia ter me enojado.

A recapitulação da Prova foi tediosa, consistindo principalmente em cada equipe subindo a montanha em silêncio. Mas a luta final no topo do pico foi suficiente para aplaudir a entediada multidão. O caos foi capturado pelos Observadores e repetido para eu reviver.

Observei Paedyn encontrar meus olhos e me conceder um presente.

O presente de uma vida. O presente para tirar uma vida.

Ela entregou Ace para mim, apesar de querer dar a morte dele sozinha. Ela me deixou me vingar, mesmo sem saber que era parcialmente por ela. Porque antes de querer matar Ace por quase matar Jax, eu queria matar Ace por quase matar Paedyn.

A morte não é estranha para mim. Eu matei mais do que posso contar, e o sangue grudado em minhas mãos e manchando minha alma nunca poderá ser limpo. E ainda assim, ela olhou para mim como se eu *merecesse* Ace, de gentileza,...

Dela. Eu só quero ser merecedor dela.

Observei enquanto a Morte fazia outra vítima. Blair foi quem tirou brutalmente a vida de Braxton. Bem, ela não pode levar todo o crédito. Talvez eu tenha ajudado. Sua mente enviou um galho rombudo que estava espalhado no chão em seu peito. Carne e ossos se despedaçaram, abrindo espaço para a nova adição empalar seu corpo. Lentamente sugou a vida de seus olhos surpresos antes de cair no chão.

Mas a surpresa no olhar de Braxton se refletiu no de Blair.

Ela não estava mirando em Braxton. Não, aquela morte brutal e contundente estava se dirigindo para a garota de cabelos prateados que caminhava desavisadamente em direção à sua vitória. Posso ter enganado a Morte em sua vítima, mas mesmo assim lhe dei uma vida. Peguei emprestado o poder de Blair e empurrei o destino em outra direção. E encontrou Braxton.

Mas eu não hesitaria em fazer isso de novo, e de novo, e de novo para salvar aquela garota de cabelos prateados.

Uma equipe e tanto, Morte e eu.

Mas tive três dias para me recuperar do Prova. Três longos dias passados no pátio de treinamento, molhado de suor ou trancado em um escritório com o Silenciador do meu pai, onde provavelmente também estou encharcado de suor. Damion me empurrava com força, me sufocando com sua habilidade enquanto eu luto para usá-la contra ele.

Quer seja meu corpo ou cérebro doendo devido a qualquer tipo de treinamento, eu agradeço. Distração é a melhor forma de passar o tempo, e parece que tenho muitas coisas das quais desejo me distrair atualmente.

— Kai, você está ouvindo, garoto?

Balanço a cabeça, voltando à conversa em questão. — Atentamente, pai.

O rei suspira profundamente e Kitt me lança um olhar. Ficamos horas enfiados em seu escritório, discutindo tudo, desde o rodízio de guardas até a Resistência, sobre a qual não temos nenhuma informação nova, já que os poucos prisioneiros do ataque no primeiro baile estão agora todos mortos. Embora meu pai não pareça particularmente preocupado com esse fato agora e, em vez disso, esteja falando sobre as Provas há muito mais tempo do que eu ouço.

Ele olha para nós dois enquanto pergunta lentamente: — É *interessante* como a garota favelada ganhou esta última, não acha?

Eu fico rígido e acho que Kitt poderia ter feito o mesmo.

Eu totalmente entreguei a vitória a ela, escolhendo a vingança em vez da vitória. Tortura em vez de triunfo. Eu me pergunto se o pai sabe disso. Sabe que a deixei caminhar até aquela bandeira sem pensar duas vezes. Sabe que sorri ao vê-la, forte e segura, enquanto ela levantava aquela bandeira no ar.

— Ela ganhou de forma justa. Não acho isso *interessante*. — As palavras saem da minha boca antes que eu possa pensar melhor nelas.

Uma risada sem humor enche a sala. — É exatamente isso — diz meu pai, os olhos verdes me penetrando de uma forma que os de Kitt nunca conseguiram. — Os favelados não vencem.

Eu fico rígido com a palavra que ele cospe, mas não ousa desviar seu olhar. — E ainda assim ela o fez.

Kitt me lança um olhar, mas meus olhos estão fixos no rei quando ele diz: — E é melhor você não deixar isso acontecer de novo. Não se esqueça de que é você quem deve vencer essas Provas, e se precisar que eu o lembre do que acontecerá se não o fizer, eu o

farei. — Ele se inclina para frente, sua voz letal. — Eu treinei você para isso, então você não vai me decepcionar. Entendido, Executor?

A ameaça em seu tom é clara, e ouço isso ecoando em meus ouvidos.

Perca e você não será nada.

— Entendido, Vossa Majestade.

E com isso, fico de pé e saio pela porta. Estou andando pelos corredores, sentindo que preciso acertar alguma coisa, preciso enfiar minha espada na cabeceira da cama pela centésima vez. Depois de todos os meus anos treinando e dominando minhas máscaras, sempre foi meu pai o único capaz de me fazer perder o controle. Passo a mão pelo cabelo enquanto caminho de volta para o meu quarto, me recompondo a cada passo.

— Kai.

Passo a mão pelo rosto, suspirando enquanto giro para encarar Kitt muito infeliz. — Que raio foi aquilo? — ele pergunta duramente.

Quase rio. — Essa foi uma das conversas mais civilizadas que tivemos, e você sabe disso.

Kitt solta um suspiro, parecendo cansado. — Olha, eu sei que seu relacionamento com o pai é... difícil. Entendo. Depois de todo o treinamento que ele fez você passar e das expectativas que ele tem para você agora, acredite, entendo por que vocês dois têm dificuldade em se dar bem. Mas tudo o que ele faz é para o melhor.

Eu zombo e balanço a cabeça para o teto, me perguntando se Kitt algum dia vai parar de tentar provar seu valor ao rei. — Sabe, você poderia pensar diferente se ele tivesse aberto você quando menino e observado você tentar costurar a ferida. — Dou um passo em direção a ele. — Ou talvez depois de ser forçado a enfrentar seus piores medos repetidas vezes, você perceberia que nem tudo que ele faz é para o *melhor*.

Eu rio amargamente e Kitt quase estremece com o som. — Ele me transformou em um assassino, me transformou em um monstro. Mas isso foi para o *melhor*, certo? — Eu enfio um dedo em seu peito enquanto digo: — Isso foi para seu benefício, então você pode me usar como seu rei. Assim como ele fez.

Coisa errada a dizer.

As palavras o atingiram como um golpe físico. Vejo o choque e a mágoa tomarem conta de seu rosto enquanto me forço a dar um passo para trás, para me acalmar. Estou perdendo a paciência por motivos que nem entendo, e isso só está me deixando mais irritado. É como se cada pedaço reprimido do meu passado estivesse lutando para se libertar, lutando para vir à tona.

— Kai...

— Acho que você será um grande rei, Kitt — digo baixinho, cortando suas palavras. — E eu orgulhosamente servirei você. Mas você precisa aprender a pensar por conta própria, porque um dia o Pai não estará lá para fazer isso por você. Então, sugiro que você comece a descobrir o que *você* acha que é melhor.

E com isso, me viro e sigo pelo corredor.

Capítulo Quarenta e Cinco



Paedyn

OS JARDINS SÃO tranquilos à noite. Apenas o coro do chilrear dos grilos e o uivo suave do vento me seguem enquanto caminho até o salgueiro familiar que margeia o gramado aberto onde aconteceu o último baile.

Venho aqui muitas vezes desde aquela noite, encontrando conforto no abrigo do salgueiro sombrio quando não consigo dormir. Me acostumei a ficar sentada ali por horas, simplesmente me dando tempo para pensar.

Afastando os galhos baixos, passo por baixo da copa de folhas. Suspiro, de repente me sentindo mais tranquila enquanto respiro o ar quente da noite.

Mas a paz que sinto dura pouco quando uma sombra se move ao lado do tronco.

Eu giro, meus dedos voando em direção à adaga em minha coxa apenas para serem pegos por uma mão áspera. — Calma, Gray, sou só eu.

Pisco na escuridão enquanto meus olhos se ajustam à luz fraca, pousando nos divertidos olhos cinzentos diante de mim. — O que você está fazendo aqui? — Eu gaguejo.

— Eu poderia te perguntar a mesma pergunta.

— E eu poderia ter esfaqueado você!

As sobrancelhas de Kai se levantam. — Então você não vai tentar? Eu diria que isso é um progresso.

— Ah, mas eu deveria, por você me assustar daquele jeito.

Ele solta minha mão lentamente, me estudando o tempo todo. — *Te assustado?* Foi você quem se aproximou de mim.

— Bem, eu não sabia exatamente que você estaria aqui, — eu sussurro asperamente.

— Claramente, — ele diz com um sorriso torcendo os lábios. — Mas você é mais que bem-vinda para ficar. — E então ele se acomoda no chão, parecendo bastante confortável com o braço atrás da cabeça.

Eu fico olhando para ele. — O que você está fazendo?

— Esperando você vir aqui e se juntar a mim.

Eu fico lá, observando o sorriso lento se espalhar por seu rosto.

— É o vestido? — ele pergunta enquanto se senta e começa a tirar o paletó. Quando ele tira de seus ombros, ele o coloca no chão ao lado dele. — Pronto, agora você não vai ficar todo sujo.

Olho para o vestido simples de seda que usei para jantar com o rei e a rainha. É bastante confortável e eu estava com preguiça de tirá-lo antes de vir para cá. Kai deve ter se sentido da mesma forma, já que ainda está usando seu traje elegante.

Mas minha hesitação em me juntar a ele não tem nada a ver com sujar meu vestido e sim com o fato de que eu não deveria ficar aqui. O que devo fazer é me virar, desejar boa noite e voltar para o meu quarto sem dizer mais nada. E ainda assim, meus pés não fazem nenhum movimento para me afastar dele.

Ele dá um tapinha no casaco com expectativa, e a visão faz com que uma risada sufocada escorregue pelos meus lábios. — Que cavalheirismo da sua parte, mas esse casaco não é grande o suficiente para evitar que meu vestido fique sujo.

— Posso tirar minha camisa e colocá-la para você também, se quiser — diz ele casualmente.

— Pensando bem — murmuro, — o casaco será suficiente. — Ele ri e de repente estou andando em direção a ele, ignorando meus pensamentos gritantes que me dizem para fazer o contrário. Me sento e me deito lentamente ao lado dele, nossos ombros roçando. Ficamos em silêncio por um longo momento, ambos contentes em olhar para a copa de folhas caídas acima enquanto ouvimos os grilos cantando ao nosso lado.

Estou quase relutante em quebrar o silêncio confortável, mas pergunto baixinho: — Por que você está aqui?

Ele quase ri. — Venho aqui desde menino. Na verdade, caí desta mesma árvore depois que Kitt me desafiou a subir nela. Quebrei meu braço também...

Uma bolha de risada passa pelos meus lábios, interrompendo-o. — Você está rindo de mim, Gray? — Ele está tentando lutar contra o próprio sorriso enquanto acrescenta: — Estou feliz que você ache minha dor tão divertida.

Limpo a garganta, tentando me recompor. — Então, o quê, você veio aqui para relembrar a boa lembrança?

— Algo parecido. — Ele suspira. — Venho aqui para pensar, para esfriar a cabeça. Sempre gostei do silêncio daqui. Da fuga do palácio. — Ele olha para mim antes de perguntar: — Então, por que você está aqui?

Eu sorrio levemente e ecoo suas palavras. — Pensar. Eu gosto do silêncio. Da fuga.

Vejo seus lábios se contorcem com o canto do olho e ficamos em silêncio por um momento antes de perguntar: — Existe uma razão para você me arrastar para a terra?

Olho para seu perfil sombrio enquanto ele olha para os galhos acima de nós. — Conversar. Ficar aqui em silêncio. — Ele dá de ombros preguiçosamente. — Isso realmente não importa.

Eu olho para longe dele. — Então, você só quer alguém para lhe fazer companhia?

— Não é alguém. Você.

Posso sentir seus olhos em mim, mas não me viro para olhar para ele. — Você quer companhia tranquila ou conversar?

Ele faz um som que poderia ter sido uma risada. — Só você me perguntaria minha preferência pela sua companhia.

Finalmente viro minha cabeça para encontrar seu olhar. — Isso não foi uma resposta.

Ele fica quieto por um longo momento, parecendo estudar meu rosto, examinar meus olhos. — Fale comigo.

Eu olho para ele, minha voz de repente fica muito baixa quando finalmente pergunto: — Sobre o quê?

Observo um leve sorriso curvar seus lábios. — Qualquer coisa. Tudo. O que você está pensando neste exato momento, querida.

Quase rio. — Bem, atualmente estou pensando que este casaco em que estou deitada causa coceira demais para um príncipe usar. — Ele ri enquanto acrescento: — E também estou me perguntando quantos ossos você e Kitt quebraram.

— Muitos, — Kai suspira, balançando a cabeça. — Era principalmente eu com os ossos quebrados e os ferimentos, embora nem todos se devessem às ideias brilhantes de Kitt. — Ele faz uma pausa. — A maioria veio do meu treinamento. Especialmente quando eu estava aprendendo a usar a habilidade de um Curandeiro.

Quando suas palavras são absorvidas, eu fico rígido. — Você não quer dizer... — Faço um teste antes de tentar novamente. — Você não precisava...

— Sim, eu precisava — ele diz simplesmente, olhando-me diretamente nos olhos. — Tive que quebrar meus ossos e depois curá-los. Ou às vezes eu era cortado com uma espada e tinha que aprender a costurar minha própria pele novamente.

Ele diz isso tão casualmente que nem consigo imaginar os horrores pelos quais ele foi forçado. — Como você não o odeia? — Eu sussurro.

O silêncio se estende entre nós.

O pequeno sorriso que ele exibe é triste. — Porque ele me fez forte.

Ele diz isso com muita calma, e quero tirá-lo de sua postura fria. Não importa o quão *forte* o rei o tornou. O príncipe diante de mim não passou de um peão criado pelo homem que ele chama de pai. O pensamento me deixa doente, me dá vontade de gritar.

E ainda assim, eu entendo.

Suas palavras me atingem, atingindo o alvo. Nossas vidas parecem compartilhar semelhanças tristes, destinos infelizes. Ambas as nossas infâncias consistiram em treinar para nos tornarmos o que tínhamos que ser, nenhum de nós crescendo da maneira que

desejávamos. Exceto que os pais que nos criaram não poderiam ser mais diferentes – um fazendo tudo por amor, o outro por ganância.

As pessoas não nascem fortes; eles são feitos dessa maneira.

E o príncipe e eu sabemos disso melhor do que ninguém.

Kai continua casualmente, como se suas palavras não apenas tirassem o ar dos meus pulmões. — Bem, Kitt e eu sofremos vários ferimentos por nossa estupidez, mas nem todos as nossas brincadeiras foram perigosas. Na verdade, como nossas atividades favoritas quando meninos provavelmente consistiam em algum tipo de violência, minha tutora nos fazia sentar e jogar jogos que ela considerava *seguros*. — Ele solta um suspiro. — Nós os considerávamos chatos.

— Ah sério? — Eu solto uma risada. — Quais jogos?

— Bem — ele estende a mão para segurar a minha, — o favorito pessoal de Madame Platt para nos torturar era a guerra dos polegares. Porém, ainda encontraríamos uma maneira de tornar até mesmo esses em violentos.

— Guerras de polegares? — Minhas sobrancelhas franzem em confusão. — Isso contém a palavra *guerra* e ainda é considerado seguro?

Nunca vi Kai tão confuso antes, e quase rio de novo. — Você nunca ouviu falar de uma guerra de polegares?

Seu próprio polegar acaricia meus dedos, me forçando a me concentrar nas próximas palavras. — Bem, nas favelas, o único jogo que eu costumava jogar era tentar adivinhar quantas moedas havia no bolso de alguém antes de roubá-las.

O canto de sua boca se levanta. — E você jogou esse jogo antes de me roubar?

— Não, mas eu teria perdido se tivesse feito isso — bufo. — Você tinha muito mais pratos do que eu já vi em um só lugar.

— Bem, só até você roubar metade deles.

Eu sorrio com isso, e ele me observa em silêncio por um momento. Quando meus olhos caem para onde ele ainda está segurando minha mão e me distraíndo com o polegar ainda deslizando sobre os nós dos dedos, ele limpa a garganta e finalmente diz: — Bem, o jogo que vou te ensinar não é tão divertido quanto o seu, tenho certeza. — Então ele balança a cabeça para mim, murmurando baixinho: — Não posso acreditar que você não sabe o que é uma guerra de polegares.

— Bem, pelo jeito que você fala sobre isso, não parece que estou perdendo muita coisa.

— Ponto muito justo. — Seus lábios se contraem em um sorriso malicioso. — E é exatamente por isso que vou te ensinar isso, para que possamos sofrer juntos. — Ele vira de lado e se apoia em um cotovelo, observando enquanto eu faço o mesmo. — As regras deste jogo *fascinante* são simples. — Ele enrola nossos dedos enquanto eu observo. Então ele ri e estende a outra mão para levantar meu polegar no ar. — Agora, você vence prendendo o polegar da outra pessoa, mas precisa manter a mão e o braço imóveis. — Ele olha para mim e pergunta: — Entendeu?

Eu franzo a testa para nossas mãos unidas. — Estou começando a entender por que você acha esse jogo tão chato.

Ele ri antes de murmurar: — Já.

Eu nem tenho tempo de reagir antes que seu polegar esmague o meu, prendendo-o na minha mão. Quando ele olha para mim, seu sorriso é presunçoso. — Eu realmente pensei que seus reflexos seriam mais rápidos que isso, Gray.

— Eu não estava pronta, Azer.

— Bem, esse é o objetivo dos *reflexos*.

Eu reviro os olhos para ele sem entusiasmo. — Você é insuportável.

— E ainda assim, você ainda está aqui, — ele diz suavemente, seus olhos brilhando mesmo na penumbra enquanto eles passam entre os meus.

Ficamos em silêncio por um momento enquanto avalio como vencê-lo neste jogo. Como de costume, a distração parece ser a melhor opção, então digo: — Me diga algo que não sei sobre você.

Ele parece apenas um pouco surpreso com meu pedido aleatório, mas leva apenas um momento para responder. — Mirtilos. Eu não gosto deles.

Eu sufoco minha risada. — Você não gosta de mirtilos?

— Não, retiro o que disse. — Ele faz uma pausa, parecendo considerar algo. — Eu odeio mirtilos.

— Existe uma razão para esse ódio?

— Você já as provou? — ele pergunta, e eu aceno em resposta. — Então, pronto. Essa é a minha razão. Elas são nojentas.

Eu solto uma risada e quando ele abre a boca para dizer alguma coisa, eu o interrompo com um baixinho: — Vá.

Meu polegar pousa no dele e estou prestes a me gabar da minha vitória quando ele facilmente o tira de debaixo do meu. E então, mais uma vez, ele prendeu meu polegar. — Adorável esforço para me distrair, querida.

Suspiro de frustração. — Entendo por que você odeia esse jogo.

— Não, eu odeio esse jogo porque é chato. Você odeia esse jogo porque é ruim nele.

Eu olho para ele e ele sorri para mim. Seu polegar percorre toda a extensão do meu, e me recuso a tirar meus olhos dos dele. — Agora — ele diz lentamente, — me diga algo que não sei sobre você.

— Fácil. — Eu dou a ele um sorriso brilhante. — Eu *adoro* mirtilos.

Kai geme. — Claro que você adora.

— Elas são simplesmente *deliciosas*. Quero dizer, fale sobre a mistura perfeita de ácido e doce e...

— Eu nunca vou ouvir o fim disso, não é?

— ...honestamente, acho que podem ser as melhores frutas que existem. Eu poderia comê-las facilmente em todas as refeições e...

Kai se aproxima e suspira exasperado: — Paedyn. — Eu fecho minha boca ao som do meu nome. — Fico contente em ouvir você falar por horas, mas se você precisa falar sobre frutas, então pelo menos escolha uma que ambos gostemos.

Pressiono meus lábios para abafar meu sorriso. O futuro Executor está disposto a me ouvir divagar sobre *frutas*. O pensamento me deixa à beira de explodir em gargalhadas e corar da cabeça aos pés.

— Justo, — eu digo simplesmente. — Que tal laranjas?

Ele faz uma careta. — Eu não gosto de polpa.

— Tudo bem. Bananas?

— Eu odeio a textura.

— Tem alguma fruta que você *gosta*? — Eu bufo, balançando a cabeça para ele. — Você é o príncipe mais exigente que conheço.

— Eu sou um dos dois príncipes que você conhece e acredite em mim, Kitt não é muito melhor do que eu.

Eu dou a ele um olhar aguçado. — Ainda estou esperando para ouvir uma fruta que você não acha repulsiva.

Ele fica quieto por um momento, ponderando sua resposta enquanto seu polegar corre preguiçosamente sobre o meu. — Morangos.

Eu pisco para ele. — Eu amo morangos.

Um sorriso lento surge em seus lábios. — E não os considero repulsivos.

— Bom.

— Bom.

— Já.

A palavra sai da minha boca e aproveito sua surpresa. A determinação me impulsiona enquanto luto para segurar seu polegar, movendo minha mão e braço no processo. Quase caio em cima dele para finalmente pousar o polegar no dele, embora tenha quebrado as regras para fazer isso.

E então, de repente, estou sendo puxada totalmente contra seu corpo.

Ele puxa meu braço, me puxando para perto o suficiente para contar os cílios escuros ao redor de seus olhos. — Você trapaceou, Gray.

— Eu fiz o que tinha que fazer para vencer, Azer.

— Hmm, — ele cantarola, e sinto vibrar em seu peito. — Suponho que seja minha culpa por esquecer que coisinha cruel você é.

— Bem, eu...

As palavras morrem na minha garganta quando ele desenrola a mão da minha e passa os dedos pelo meu braço. Reprimo um arrepio com seu toque repentino, mas o sorriso que levanta seus lábios me diz que não passou despercebido.

— Retiro o que disse — ele diz suavemente. — Este jogo não é nem um pouco chato quando eu jogo com você. — Seu olhar caiu para os dedos deslizando sobre meu braço, e eu ainda estou sob seu toque suave.

Não tenho certeza de quanto tempo ficamos assim, ouvindo o vento farfalhando as folhas acima de nós enquanto estudamos um ao outro. E é só quando seus dedos percorrem meu pescoço para prender uma mecha de cabelo atrás da minha orelha que eu finalmente recobro o juízo.

— Eu devo ir.

As palavras inseguras pairam entre nós, pouco mais do que um sussurro que o vento quase leva embora.

— Isso não parece nada com o que você quer fazer — ele murmura.

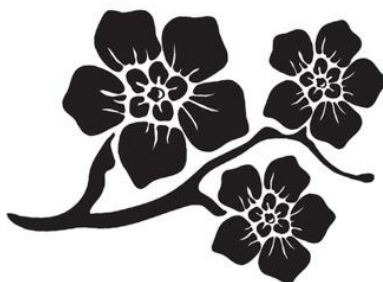
Me recuso até mesmo a decifrar o que quero *fazer*, então, em vez disso, digo: — Um dia desses, vou vencê-lo de maneira justa em uma guerra de polegares, e então você não achará isso tão divertido.

Ele ri baixinho, seguido por um murmúrio igualmente suave. — Não é a vitória que eu acho divertido. É você, querida.

Depois de um momento a mais, eu me solto e me sento lentamente. A noite ficou mais fria, e sem o calor do corpo de Kai próximo ao meu, meu vestido fino pouco faz para me manter aquecida.

Kai se senta ao meu lado e coloca a jaqueta em volta dos meus ombros. — Você tem razão. Esse casaco coça demais para um príncipe usar. — Então seus lábios se contraem em um sorriso malicioso. — Então, vou deixar você usá-lo.

Capítulo Quarenta e Seis



Paedyn

TAPO os ouvidos com as mãos, protegendo-os dos gritos altos.

— Ok, o que você acha?! — Adena está radiante, gesticulando freneticamente para o vestido parcialmente feito que está pendurado na minha cama.

— Uau, — Ellie respira, se inclinando-se sobre meu ombro para ver melhor. — É... — ela para enquanto seus olhos percorrem o tecido.

— Perfeito — termino para ela. — Absolutamente deslumbrante. Você se superou, A. — Dou um sorriso largo e cheio de admiração por como uma pessoa pode ser tão talentosa.

— Bem, — ela bufa, pegando o vestido meio feito da cama e colocando-o no colo novamente. — Ainda não terminei. Só tenho mais dois dias até o baile final, e precisa ser absolutamente perfeito...

— A. — Eu dou a ela um olhar astuto. — Não se estresse, será perfeito. — Então eu bufo, balançando a cabeça. — Você poderia me colocar em um saco de farinha e de alguma forma fazer com que parecesse bom.

Adena parece realmente alarmada com essa sugestão. — Eu *nunca* colocaria você em um saco de farinha. — Ela bate um dedo nos lábios, pensativa. — E não só porque seria horrível, mesmo em você, mas porque o tecido é muito áspero, muito rígido para... — Seus grandes olhos castanhos se movem entre Ellie e eu tentando suprimir nossos sorrisos e falhando. — O que?

Suas mãos estão nos quadris, sobrancelhas arqueadas, pernas cruzadas e cobertas de tecido. Eu nunca vi alguém tentar parecer tão severo e ao mesmo tempo tão inocentemente doce.

É bom rir, fazer qualquer coisa além de treinar e bisbilhotar o castelo na esperança de encontrar o túnel sozinho. Mas parece que Kitt é a única chave, e fico impotente sem que ele me mostre a passagem. Indefeso se ele não confia em mim. Passei quase todos os dias

com ele, tomando cuidado para não parecer desesperada quando menciono casualmente detalhes sobre o Loot, tentando convencê-lo a fugir comigo.

Nada.

Estamos conversando baixinho quando uma batida na porta nos faz pular.

Ellie me lança um olhar, perguntando silenciosamente se eu estava esperando alguém, e dou a ela um encolher de ombros sem noção. Ela corre até a porta e a abre hesitantemente, revelando uma figura alta e sorridente.

Kitt.

Ellie faz uma reverência e de repente estou ao lado dela, com um sorriso levemente zombeteiro em meus lábios enquanto digo: — Sua Alteza, que surpresa inesperada.

Kitt inclina a cabeça graciosamente em minha direção. — Ora, senhorita Gray, espero não estar me intrometendo? — Seu olhar divertido vai de Ellie para minha cama, onde Adena está sentada, com os olhos arregalados e coberta de tecido. — Senhorita Ellie, senhorita Adena, você se importaria se eu roubasse Paedyn de vocês?

Ellie oferece a ele um sorriso tímido enquanto Adena tenta abafar um grito antes de gritar: — Não, Alteza, de jeito nenhum!

Abaixo a cabeça, tentando reprimir um sorriso de vergonha e diversão. Kitt já está olhando para mim quando eu olho para ele, seus lábios se curvam em um sorriso. — Vamos?

As risadas delas nos seguem por todo o corredor, e suspiro antes de perguntar: — Então, para onde você está me roubando?

— Na verdade, — Kitt olha ao redor nervosamente, — eu esperava que você pudesse me roubar.

Pisco para ele, meu coração começando a bater rapidamente. Mas eu mantenho minhas feições, fingindo confusão. — Não tenho certeza se entendi.

Kitt diminui a velocidade e nos leva para um canto antes de se inclinar sobre mim. Fico assustada com essa reviravolta repentina nos acontecimentos, com sua proximidade repentina e com o cheiro repentino de especiarias que toma conta de mim.

Sua cabeça se aproxima da minha, sua voz ficando baixa junto com ela. — Loot.

E aí está.

Essa única palavra faz meu coração disparar.

— Eu quero que você me leve.

— Sério? — A palavra sai ofegante e um pouco ansiosa demais para o meu gosto.

Kitt parece não notar, ocupado demais examinando o corredor para ter certeza de que ninguém pode ouvir. — Sim. — Seus olhos estão de volta nos meus, procurando. — Eu não deveria, mas eu... eu deveria. O que você disse era verdade. Tudo isso. Preciso *ver* meu povo. Não posso governar um reino que mal conheço, sobre pessoas que têm necessidades das quais não tive conhecimento. Ele faz uma pausa, considerando algo. — Preciso começar a decidir o que *considero* melhor.

Ele suspira. — Eu tenho que fazer isso. Por mais que eu não queira ir contra meu pai, e por mais que eu saiba que esta é uma ideia horrível — ele ri, mas o som é tenso, — Eu sei que se não fizer isso agora, nunca irei. E devo agradecer a você por me lembrar do tipo de rei que nunca quero ser.

A alegria que me aqueceu há poucos momentos desapareceu, substituída pelos dedos frígidos e gelados da culpa. De repente, lembro-me de sua gentileza, de sua tolerância quando eu o repreendia, de sua disposição em ouvir.

E veja onde isso o levou.

Traição.

Engulo o nó que sobe na minha garganta. — Você está fazendo a coisa certa. E eu ficaria feliz em lhe mostrar minha casa, já que você gentilmente me mostrou a sua.

Sorrio, tentando parecer casual e nada calculista enquanto espero que ele me mostre a única coisa que estou procurando.

Os túneis.

Ele balança a cabeça lentamente, parecendo subitamente sério. — Tem certeza de que pode me levar até lá e voltar sem que ninguém me identifique?

— Você confia em mim?

As palavras têm gosto de cinzas na minha boca, mas deslizam da minha língua como seda. Meu peito se contrai, mas respiro um pouco mais fundo. Meus joelhos ameaçam tremer, mas ainda assim fico um pouco mais ereto.

Você está traindo um homem para salvar a vida de centenas. Para salvar a vida do seu povo.

O sorriso de Kitt é suave. — Sim.

É impressionante como uma única palavra pode condenar alguém severamente.

E então a minha mão está na dele enquanto ele involuntariamente me conduz ao primeiro passo para encontrar a salvação do meu povo.



Nunca imaginei que a salvação estaria nas masmorras.

Kitt empurra uma porta grande e pesada conectada a um dos corredores antes de descermos a escada atrás dela. O ar fica bolorento e frio a cada passo que damos. Ele acena para os guardas espalhados nesta masmorra úmida abaixo do castelo, parecendo completamente casual. Como se ele sempre trouxesse seus amigos aqui para visitá-las.

Passamos por dezenas de celas sujas e sombrias, algumas das quais ainda estão decoradas com os ossos dos seus antigos residentes, enquanto outras são ocupadas pelos

vivos. Eles nos observam enquanto passamos, seus olhos pinicando minha pele, braços passando pelas barras enferrujadas.

— Aqui, — Kitt diz, trazendo minha atenção de volta para a tarefa em questão. Sua cabeça se move para frente e para trás pelo corredor e, depois de considerar que o caminho está livre, entramos na última cela.

Meu coração pula na garganta e eu engulo. A passagem está em uma *cela*. É brilhante, realmente. Eu nunca teria imaginado que uma fuga do castelo estaria ligada ao único lugar de onde eles não querem que ninguém escape.

— Nós não colocamos prisioneiros nesta cela, embora eles nunca conseguiriam entrar na passagem mesmo se soubessem que alguém estava aqui, — Kitt murmura enquanto suas mãos deslizam pela parede.

Ele empurra uma pedra grande logo acima de sua cabeça, uma que parece completamente comum ao lado das outras. Ele desliza para trás cerca de dois centímetros e desvio os olhos dele enquanto conto as pedras, marcando seu lugar na parede.

Kitt tem um molho de chaves tilintando na mão, metal brilhante brilhando na penumbra enquanto ele agarra a última e a tira do molho. É grande e desbotado pelo tempo, com redemoinhos desbotados e elevados circulando na parte superior.

Kitt lança um sorriso por cima do ombro enquanto enfia a chave em um pequeno buraco de fechadura que só ficou visível depois que ele empurrou a pedra para trás. Ele fala casualmente enquanto gira a chave. — Como eu disse, mesmo que mantivéssemos prisioneiros nesta cela, e mesmo que encontrassem esta pedra em particular, eles ainda não conseguiriam sair. Eu sempre tenho meu chaveiro comigo. — Ouço um clique metálico vindo da parede. — Achei que o lugar mais seguro para isso é comigo. —

Eu consigo um murmúrio de concordância, meu pulso acelerado em antecipação. Kitt coloca a chave de volta no anel de prata antes de colocar as duas no bolso.

Então ele empurra uma parte da parede e ela se abre em resposta.

As pedras que antes pareciam totalmente Ordinários tornaram-se agora uma porta camuflada. Kitt agarra minha mão e me puxa antes de fechar a porta e nos mergulhar na escuridão total. A escuridão cai sobre nós como um cobertor, pesado e opressivo.

Não consigo nem ver minha mão na frente do rosto, então pulo quando ela atinge seu peito. Esse mesmo peito ronca de tanto rir antes que as chamas cresçam em seu punho, quase me cegando com seu brilho.

— Vamos? — Kitt pergunta com um sorriso.

Caminhamos por um túnel largo, úmido e viscoso, nossos passos ecoando nas paredes. Penso nas minhas próximas palavras com cuidado, sabendo que preciso elaborá-las como se estivesse simplesmente curioso e não desesperado.

— Onde esse túnel leva exatamente? E há muitos deles, como um labirinto embaixo daquele que é o castelo? — Eu pergunto, mantendo minha voz casual.

Meus pés vacilam quando chegamos a uma bifurcação no túnel onde o caminho se divide em dois. Kitt para comigo, sua resposta é tão casual quanto minha pergunta. —

Na verdade, este é um dos túneis principais e maiores, por isso é um dos únicos para os quais tenho a chave. Vários deles estão bloqueados ou são perigosos demais para serem usados agora.

Mantenho meu rosto neutro, apesar da preocupação pesar sobre meus ombros. E se a passagem que leva ao Bowl for um dos túneis fechados? E se tiver sido bloqueado ou desabado ou...

Kitt acena com a cabeça em direção ao túnel à esquerda, interrompendo meus pensamentos enquanto diz: — Aquele leva perto do campo de treinamento, mas você não pode abrir a porta pelo lado de fora. — Então ele aponta para o túnel à direita. — E aquele que estamos descendo leva à Arena Bowl e à sala embaixo do camarote. Aquele em que ficamos antes das entrevistas.

Quase engasguei. Entre tosses, culpo a explosão no ar sujo e não na informação que ele tão facilmente compartilhou comigo. A informação *exata* que eu precisava.

Minha cabeça está girando. Inventei a ideia de Kitt usar um dos túneis para ver o Loot e saber onde estavam os outros e qual deles levava ao Bowl. E aqui estamos nós, casualmente examinando exatamente o que eu precisava encontrar.

Kitt me puxa pelo túnel em direção ao Bowl, e fico aliviada depois de finalmente descobrir a passagem. Caminhamos e conversamos por quase dez minutos antes que a luz do fogo de Kitt ilumine uma porta pesada.

Aí está. Salvação.

Ele a abre, revelando o quarto escuro abaixo da caixa antes de manter a porta aberta com uma pequena pedra para que possamos voltar quando voltarmos. Então vamos para o alçapão no teto, abrindo-o antes que eu consiga passar por ele mais uma vez. Sinto o fantasma de suas mãos nas minhas costas antes de entrar na caixa de vidro. Kitt segue rapidamente e saímos para a arena vazia.

— Como exatamente estamos planejando chegar ao Loot? — Eu pergunto, levantando as sobrancelhas para ele.

— Como os cavaleiros não podem saber que estamos literalmente cavalgando em direção ao pôr do sol — Kitt me dá um sorriso, — estamos indo para o campo ao lado do Bowl, onde muitos dos cavalos pastam durante o dia.

Saímos da arena por um dos muitos túneis de concreto, ameaçadores mesmo com a ausência de uma plateia zombadora. Quando finalmente chegamos à clareira, o calor do sol é bloqueado pelo imponente Bowl ao nosso lado.

Um lindo cavalo branco galopa para nos cumprimentar, claramente animado para fugir também do lugar abandonado pela Praga. Limpo a garganta e engulo meu orgulho antes de murmurar: — Não sei andar a cavalo.

— Então é melhor você segurar firme, — Kitt responde com um sorriso, seus olhos encontrando os meus brevemente.

Sem sela, Kitt me ajuda a montar no cavalo antes de montar graciosamente. Não sei onde colocar as mãos, me sentindo subitamente estranha com meu peito pressionado contra suas costas.

Ele vira a cabeça para olhar para mim, seu cabelo dourado brilhando à luz do sol. — Tem certeza que pode me roubar?

— Por favor — penso, — sou uma ladra. Roubar é o que eu faço de melhor.



Kitt não parou de tossir desde que chegamos a Loot.

— Pragas, aqui cheira mal. — Ele sufoca uma tosse, tentando limpar o ar denso dos pulmões. — *Droga*.

Eu bufo, observando enquanto ele examina seu novo ambiente, ainda tentando absorver tudo. Seu olhar percorre as carroças mercantis espancadas espalhadas por Loot, todas decoradas com bandeiras desbotadas ou placas rasgadas. Ele observa os edifícios e lojas em ruínas que delineiam a rua larga, observando enquanto seu povo entra e sai deles.

Sua cabeça gira na direção de cada grito, ouvindo um homem anunciar sua pesca fresca enquanto outro barganha ruidosamente com uma mulher sobre o preço do tecido. Em todos os lugares ao nosso redor há caos, uma espécie de loucura feliz. E estamos no meio disso, cercados por um enxame de pessoas cuidando de suas vidas. Vendendo e comprando. Vivendo e tentando viver. O Loot parece vibrar com as pessoas e, ainda assim, tudo que vejo é o burburinho da *existência*.

Estico a mão e puxo o boné que está na cabeça de Kitt para baixo. Peguei isso e uma camisa surrada para ele vestir, embora duvide que alguém esteja prestando atenção em nós. Ele retribui meu gesto na mesma moeda, rindo enquanto puxa meu boné sobre os olhos enquanto mechas prateadas de cabelo caem em volta do meu rosto. Eu bufo e reajusto meu boné com um sorriso puxando meus lábios antes de levá-lo mais adiante na rua, evitando crianças risonhas que correm em torno de nossas pernas.

Kitt está tentando absorver tudo, absorver cada pedacinho do Loot. Cada bandeira sem cor, cada pessoa que esbarra em nós na rua movimentada. Há um Manto fazendo mágica para alguns espectadores, impressionando a multidão e usando seu poder para ganhar algumas moedas de prata. As Elites Defensivas sempre se dão bem nesta parte das favelas, se destacando entre os muitos Mundanos.

Observo Kitt enquanto ele espia os becos e ruas menores que se projetam do Loot, vislumbrando tendas improvisadas e figuras sem-teto amontoadas dentro delas. Ele fica

tenso ao ver crianças pequenas e solitárias ziguezagueando entre carrinhos, com as mãos claramente ansiosas para pegar qualquer tipo de comida.

— Eles serão chicoteados quando forem pegos — digo categoricamente.

Seus olhos estão fixos nos meus agora. — *Quando* eles forem pegos?

— Sim. Quando. — Suspiro e continuo conduzindo-o pela rua movimentada. — Os jovens são imprudentes e impacientes demais para serem bons ladrões nessa idade. E como a maioria das Elites nas favelas são Mundanos, seus poderes provavelmente são inúteis quando se trata de sobreviver. Eu sei como é.

Nos paro em frente ao poste sangrento que fica no centro do Loot, onde ladrões e criminosos são espancados. — É aqui que seus Imperiais punirão essas crianças por seus crimes. — Viro a cabeça em direção aos guardas alinhados na rua, atualmente examinando a multidão em busca da próxima vítima.

Kitt se aproxima de mim, diminuindo a distância entre nós. Seus olhos verdes brilham com uma emoção que ele não tenta esconder. — Você já...

— Sim. Eu já fui uma dessas crianças. Mais de uma vez. E tenho as cicatrizes para provar isso. — As listras na parte inferior das minhas costas parecem formigar com a menção e a lembrança delas. Ele olha para mim com tanta dor, tanta pena nos olhos que, pela primeira vez desde a nossa caminhada no jardim, não consigo sustentar seu olhar.

Então, eu o afasto antes que ele possa dizer outra palavra. — Vamos. Eu quero te mostrar algo.

Eu o arrasto pela rua, segurando sua mão com firmeza para que ele não seja arrastado pela multidão. Ninguém presta atenção ao futuro rei caminhando entre eles, ou a Ordinária à vista de todos, guiando-o.

Paro no final de um beco conhecido. Minha casinha improvisada ainda está escondida num canto, e fico chocada ao descobrir que ela está intacta. Memórias agrídoces surgem na superfície da minha mente enquanto caminho em direção à barreira de lixo e tapetes que conheço como Forte.

Kitt de repente está ao meu lado, seu braço roçando o meu enquanto olha para o monte. — Aqui é onde você dormiu. — Não é uma pergunta.

— Lar doce lar, — eu sussurro, surpresa com o quão tensa minha voz soa.

E então meu rosto está subitamente em suas mãos, e sua voz adquiriu uma espécie de severidade suave. — Eu sinto muito. Lamento muito que você tenha vivido assim. — Ele suspira enquanto seus olhos procuram os meus. — Obrigado. Obrigado por me mostrar o Loot. Meu povo. — Ele faz uma pausa. — *Você*. Obrigado por me confiar a *sua* história.

Minha garganta balança quando a culpa bate em mim novamente, me forçando a lutar para manter minha voz firme enquanto digo: — Não, obrigada por confiar em mim, Kitt.

Capítulo Quarenta e Sete



Paedyn

— POR QUE ele está demorando tanto? Pragas, está congelando aqui. — Meus dentes estão batendo graças à noite estranhamente fria, e minha camisa fina faz pouco para evitar que a brisa fresca beije minha pele.

— Paciência, princesa, — Lenny murmura ao meu lado. Estou empurrando-o com um sorriso irritado antes mesmo que as palavras terminem de sair de sua língua. Ele suprime a vontade de me empurrar para trás e eu dou um sorriso malicioso, tentando-o a fazer exatamente isso.

E bem quando penso que as coisas estão prestes a ficar interessantes, a porta se abre.

— Desculpe interromper sua briga, mas está muito frio aqui e vocês dois deveriam entrar antes de pegar um resfriado. — A voz de Calum está cheia de diversão quando ele se afasta para nos deixar entrar em casa.

Minha casa.

Seguimos para o escritório e descemos as escadas escondidas até o porão abaixo. Estive aqui diversas vezes desde a noite em que me aventurei a voltar para casa e fiquei entorpecida ao ver o escritório de meu pai. Estou menos assombrado, mas ainda longe de estar curada. Suponho que até o trauma se cansa de seu tormento sem fim, mesmo que por pouco tempo.

Uma voz profunda e provocadora me cumprimenta quando chego ao pé da escada. — Aí está ela.

Aceno para Finn de onde ele está sentado, com os tornozelos cruzados sobre a mesa e os braços atrás da cabeça. Ele sorri em resposta, e meu olhar cai para Leena, que atualmente está no chão cheio de mapas.

Além de serem diferentes líderes da Resistência em Ilya, aprendi que cada um deles tem um propósito, algo com que contribuem para a causa. Leena é uma artista talentosa, e todos os nossos mapas detalhados são graças a ela, enquanto Finn prospera no design

de armaduras e máscaras de couro. Lenny é os olhos e ouvidos deles no castelo, enquanto Mira é uma Silenciadora, o que a torna obviamente valiosa.

Leena sorri quando me vê e deixa seu trabalho para trás para se juntar a nós, Finn seguindo para se sentar no círculo de cadeiras. — Sem, Mira hoje? — pergunto, olhando ao redor da grande sala cheia de mesas cobertas de documentos e camas cobertas com lençóis bagunçados.

— Sem Mira hoje — Calum diz calmamente. — Ela está cuidando da mãe em casa.

Estou pensando em fazer perguntas que provavelmente não deveria fazer quando Calum redireciona rapidamente a conversa. — Então, Paedyn, o que você tem para nós? Qualquer coisa? — Posso ouvir em sua voz o mesmo desespero que esteve presente todas as vezes que visitei e tive que admitir meus fracassos.

Mas não hoje.

— Eu encontrei o túnel. Bem, na verdade, Kitt me explicou isso hoje cedo. — Estou praticamente sem fôlego, finalmente exalando as palavras. Todos se aproximam, com os olhos arregalados, enquanto lhes conto sobre meu plano e a impossibilidade de que tenha funcionado.

Quando termino, é Finn quem quebra o silêncio. — Eu sabia que você teria o futuro rei em seu dedo mindinho.

— Estou orgulhoso, princesa — diz Lenny com um sorriso torto.

Com isso, me aprofundo na explicação de tudo que vi e exatamente onde começa e termina a passagem. — Depois de entrar no túnel pela última cela à esquerda, na metade do caminho você verá uma bifurcação na estrada. O caminho à esquerda leva até a porta do campo de treinamento, e o caminho à direita leva até o Bowl e a sala embaixo do camarote.

Leena está rabiscando avidamente as informações, absorvendo cada palavra minha e transferindo-as para o papel. Em questão de minutos, eles sabem onde fica a passagem, para onde leva e como encontrá-la.

— Só há um problema — acrescento, girando o anel no polegar ansiosamente. — Você precisa de uma chave para entrar na passagem, e ela sempre está com Kitt.

Finn bufa. — Fácil. Tire a roupa dele.

Lanço um olhar antes de voltar para Calum. — Eu posso pegar. No baile, pegarei a chave e entregarei ao Lenny. Como o Prova será no dia seguinte, Kitt não terá tempo de perceber que a chave desapareceu antes disso. Mordo o interior da minha bochecha antes de acrescentar: — Espero.

— Parece um plano para mim — diz Lenny com um bocejo.

Eu o fixo com um olhar. — Quem vai passar pelo túnel e entrar no camarote precisa entrar pela porta do campo de treinamento. Então, Lenny, você precisará deixá-los entrar, já que a porta só abre por dentro, e de lá você pode descer o túnel em direção ao Bowl. Entendido?

Lenny me dá um breve aceno de cabeça. — Entendido.

Conversamos por pelo menos mais uma hora, discutindo os detalhes. E então Lenny e eu nos levantamos para sair, esticando nossos corpos rígidos antes de nos despedirmos e subirmos as escadas novamente.

Quando saímos, a brisa fresca me bombardeia e me sinto tremendo mais uma vez. Lenny passa um braço em volta do meu ombro e me puxa para perto, bagunçando meu cabelo com a outra mão no processo. Estou rindo, afastando a palma da mão dele enquanto tento alisar os fios prateados enlouquecidos que agora caem sobre meus ombros.

— O baile é amanhã — diz Lenny, quase soando solene.

— O baile é amanhã, — eu ecoo, minha voz pouco mais que um sussurro.

— E então é a Prova final. — Ele está olhando para as estrelas olhando para nós.

Eu exalo uma risada trêmula, aparentemente incapaz de pensar em minhas próprias palavras, já que digo: — E então é a Prova final.

Lenny olha para mim com os olhos cheios de riso. — O que você é, um papagaio ou uma Paedyn?

Eu bufo e deixo minha cabeça cair para trás para olhar para o céu estrelado. Minha resposta é tranquila e atenciosa. — Eu não sei o que sou.

Sinto um aperto no ombro e me viro para ver Lenny sorrindo para mim. — Você é Paedyn Gray. A Salvadora Prateada, eloquente e rápida em enfiar sua adaga prateada nas pessoas.

Capítulo Quarenta e Oito



Kai

GRITOS. Gritos terríveis e torturados ecoam em meu crânio e ecoam em minha mente.

Dela.

É *ela*.

Estou correndo pelos corredores do castelo, suando, procurando, gritando por ela.

A única resposta é um pedido de ajuda, um pedido de misericórdia.

Abro a porta, entrando no quarto e examinando a escuridão.

Algo prateado brilha ao luar que entra pela janela aberta.

Lá.

O cabelo dela. Deve ser aquele lindo cabelo prateado dela.

Mas onde meus olhos pousam não é bonito.

Não, está *quebrado*.

Ela está coberta de sangue, sentada em uma poça. Lágrimas escorrem pelo seu rosto, agora contorcido em agonia.

Dor além da crença.

Sufrimento além da salvação.

Vejo aquele brilho prateado novamente, mas não é o cabelo dela brilhando como pensei uma vez.

Uma adaga.

É *a adaga dela*.

Sua ponta afiada é pressionada contra seu peito, tirando sangue que escorre por seu corpo e reflete as lágrimas que escorrem por seu rosto.

Que simetria horrível.

De repente estou ao lado dela, ajoelhado em uma poça de sangue. O sangue *dela*.

Ela não me vê, não fala, não faz nada além de gritar.

Angústia. Nunca vi tanta angústia.

— Paedyn! Pae, olhe para mim!

Nada. Nenhuma reação.

Mais soluços. Mais sangue.

Eu agarro o cabo liso da adaga que ela está lentamente pressionando em seu coração.

Está coberto de sangue.

Sangue tão pegajoso que gruda em minhas mãos, subindo pelos meus braços, me cobrindo com a única coisa que nunca serei capaz de lavar.

Eu nunca quis o sangue dela em minhas mãos. Nunca o sangue dela.

Sua cabeça gira, muito lentamente, seu rosto marcado pelas lágrimas agora voltado para o meu.

— Faça parar.

Ela está choramingando.

Paedyn não choraminga.

— Isso machuca muito. Por favor, faça isso parar. Faça parar. Faça parar!

Os soluços estão destruindo seu corpo, e eu estou segurando a faca enquanto ela tenta desesperadamente cravá-la em seu lindo coração.

— Meu coração dói.

Mais soluços. Mais gritos para deixá-la morrer.

Isto está errado. Isso é muito errado.

Paedyn é muito forte, muito teimosa, muito *especial*.

Ela não pode morrer. Eu não vou permitir isso. Não pelas mãos dela ou de qualquer outra pessoa.

Seus gritos estão dividindo minha alma, minha cabeça, meu coração.

Eu não aguento. Eu não aguento. Eu não aguento mais.

Sinto lágrimas ardendo em meus olhos, escorrendo pelo meu rosto.

Agora *estou* implorando.

Estou implorando para ela ficar. Viver. Por mim.

Posso até estar gritando também, soluçando também, tremendo também.

— Kai?

Minha cabeça gira e, em meio à névoa de histeria, vejo uma figura esguia pairando sobre mim.

Há um sorriso infantil familiar em seu rosto, apesar do sangue escorrendo de seu peito, onde uma estrela ninja está alojada bem no fundo.

Ele cai de joelhos, os olhos brilhantes enquanto olham para os meus.

Dessa vez ouço o grito saindo da minha garganta enquanto corro para ele, embalando-o, imploro que viva.

Passos ecoam nas paredes e olho para cima para ver dezenas de corpos me cercando. Tudo sangrento e implorando. Todas as minhas vítimas.

Eles me encaram, com ódio queimando em seus olhares enquanto olham para o homem que os matou.

Conheço cada um dos seus rostos. Cada uma das feridas que infligi.

Eles me cercam. Abutres antecipando uma morte.

Então ouço um som que conheço muito bem.

O barulho nauseante do metal cortando os ossos, dos tendões se rompendo, dos músculos se transformando em torno de uma lâmina.

Ela cai no chão com uma adaga no coração, lábios em um sorriso.

Eu estou gritando.

Estou levantando-a em meus braços, penteando seu cabelo ensanguentado para trás, estou dizendo alguma coisa, mas não sei o quê.

Minha mente está entorpecida. Meu coração está entorpecido.

Tudo está entorpecido.

Ela está sorrindo na morte, como se estivesse feliz por se livrar da vida.

Feliz por se livrar de *mim*.

Eu estou de luto. Estou triste.

Eu sou uma angústia igual.

Acho que também posso estar morto.

Apenas deteriorando por dentro.

Capítulo Quarenta e Nove



Paedyn

GRITOS. Nunca ouvi agonia de forma tão crua.

Eu tinha acabado de subir na cama depois de voltar do Loot, apenas para tirar as cobertas e ficar de pé de um salto. Estou cambaleando pelo quarto escuro, tropeçando nas botas descartadas, caídas descuidadamente no chão.

Quando meus dedos finalmente envolvem a maçaneta fria da minha porta, eu a abro e saio para o corredor sombrio.

Um grito ecoa e eu continuo ouvindo o som.

É ele.

Não sei como sei, já que nunca ouvi o futuro Executor gritar antes, mas algo me puxa na direção de seu quarto. Meus pés estão se movendo por conta própria, me guiando para mais perto dele a cada passo.

Paro diante de sua porta, arrastando meus pés insistentes até parar.

O que eu estou fazendo?

Não posso simplesmente entrar no quarto dele. Certo?

Errado.

Esta é uma má ideia.

Sim, mas é uma má ideia que quero fazer.

Outro grito angustiado sai de sua garganta e não hesito antes de abrir a porta. A escuridão me envolve enquanto mais uma vez tropeço por uma sala, os olhos se esforçando para ver, as mãos estendidas para guiar.

O contorno de uma cama aparece, junto com o contorno do corpo sobre ela. Ando até ele, piscando enquanto meus olhos finalmente se ajustam à falta de luz, apenas para vagar por seu peito exposto, arfante e escorregadio de suor.

Sua cabeça está jogada para trás contra um travesseiro, fios de cabelo escuro grudados em sua testa. Ele está respirando com dificuldade e superficialmente, cada centímetro

dele tenso. Não consigo nem imaginar o que está assombrando seu sono, o que está roubando seu descanso e deixando-o tão maltrapilho. Que pesadelo é tão terrível que nem o príncipe consegue se defender?

Seus lábios estão se movendo com palavras murmuradas que não consigo entender, e agora estou realmente preocupada.

Estou preocupado com ele.

Deixei o pensamento penetrar por um momento antes de colocar uma mão gentil em seu ombro e quase ofegar com o calor de sua pele. Ele está queimando.

— Kai, — eu digo suavemente, não querendo assustá-lo.

Nada.

— Kai. — Desta vez falo seu nome mais alto, balançando seu ombro para tentar tirá-lo de seu pesadelo.

Ele grita de novo, e eu quase faço o mesmo. Agora estou ofegante, em pânico, implorando para que ele acorde para que possamos voltar a brincar em vez de implorar para que ele abra os olhos.

Subo em sua cama, passando uma perna sobre seu corpo para que ele fique pressionado entre minhas coxas enquanto coloco as duas mãos em seu peito escorregadio. — Kai! — Estou sacudindo-o com força, desejando que ele acorde.

— Kai! — Estou chateada por me importar tanto. Irritada por me importar se ele está sofrendo ou não. Irritada por não suportar vê-lo assim

E então aqueles olhos cinzentos se abrem.

Mãos fortes de repente agarram minha cintura e me jogam para longe dele. Minhas costas estão pressionadas contra o colchão enquanto ele me prende, as mãos esmagando meus braços, seu corpo esmagando o meu.

E então algo frio é pressionado contra minha garganta.

Eu conheceria a sensação de uma adaga em qualquer lugar, então não me preocupo em olhar para aquela que ele está empurrando contra meu pescoço. Estou respirando pesadamente, mantendo meus olhos fixos nos dele e minha voz suave. — Kai, sou eu.

Sua força é chocante, e não acho que conseguiria escapar dele, mesmo que tentasse. Ele está ofegante tanto quanto eu, praticamente paralisado acima de mim. — Kai. Foi apenas um pesadelo. — Mantenho minha voz calma enquanto ignoro meu coração trovejante que diz que sou tudo menos isso. — Kai, sou eu. Paedyn.

Ele pisca. E então ele pisca novamente, repetidamente, como se estivesse clareando a cabeça. Como se me visse pela primeira vez. O ar frio cobre meu pescoço enquanto ele puxa a adaga, seus olhos nunca se desviando dos meus.

— Sou eu. Pae. — Minha voz treme, pouco mais que um sussurro agora. — Kai? — Então minha voz falha e algo parece quebrar dentro dele também.

Ele respira estremecendo, olhando para o que fez. Soltando meu braço de seu aperto surpreendente, ele desliza a adaga de volta para baixo do travesseiro enquanto tenta

acalmar a respiração. Sua máscara fria rachou, desmoronou em pânico, e posso ver cada emoção que passa por seu rosto.

Nunca o vi tão desgrenhado, tão desorientado, tão enojado consigo mesmo.

Seus olhos estão assombrados, cheios de horrores enquanto vagam pela sala, se recusando a encontrar meu olhar. Posso dizer que ele está prestes a sair de cima de mim sem dizer uma palavra e me recuso a deixar isso acontecer. Me recuse a esquecer este momento em que o príncipe era apenas um menino.

Aqueles olhos cinzentos e fantasmagóricos se fecham ao sentir minha mão em sua bochecha. Seguro seu rosto, timidamente, com ternura, enquanto fico silenciosamente maravilhada com a sensação dele contra minha palma. Sua mandíbula está firme e um músculo se contrai enquanto deslizo meu polegar em sua bochecha.

Ele abaixa a cabeça, os olhos ainda fechados para não ter que encontrar os meus. — Olhe para mim. — Meu comando é suave e severo, seguro e instável.

Minha outra mão está em seu rosto agora, ajudando a guiá-lo de volta para encontrar meu olhar. Ele respira fundo e trêmulo antes de abrir os olhos, a dureza deles tão surpreendente quanto deslumbrante.

— Não se esconda de mim, — eu respiro, de repente incapaz de recuperar o fôlego com a maneira como ele está olhando para mim. — Não mais.

Quero olhar para o rosto dele, aquele sem máscara que já vi tantas vezes antes. Observo enquanto seus olhos vagam por mim, por meu corpo ainda pressionado sob o dele, por meu cabelo bagunçado espalhado em seu travesseiro.

Quase como se ele estivesse me guardando na memória.

Engulo em seco sob seu olhar, que só consegue baixar seus olhos para meu pescoço, onde posso sentir um rubor aumentando. Não, não apenas um rubor. Meu pescoço dói. De repente, lembrando que minhas mãos ainda estão em seu rosto, eu lentamente as solto para levar meus dedos ao pescoço.

Sua mão rápida pega meu pulso antes de passar os dedos suavemente pela minha garganta. Mal reprimo um arrepio ao seu toque, ao sentir seus calos roçando minha pele corada.

— Veja o que eu fiz. — Sua voz é áspera, ainda repleta de resquícios de sono e áspera pelos gritos que saíram de sua garganta. Ele puxa os dedos para trás, agora manchados de sangue pegajoso.

Ele parece tão magoado com a ideia de me cortar com uma adaga que soltei uma risada ofegante, apesar da situação atual. Ele parece alarmado com minha explosão, o que só consegue me fazer rir ainda mais.

— Engraçado — eu bufo, — normalmente sou eu quem pressiona uma adaga na *sua* garganta.

Eu silenciosamente desejo que um sorriso apareça em seus lábios, que aquelas covinhas apareçam e zombem de mim. Mas ele apenas me encara antes de dizer baixinho: — Você vai sujar o cabelo de sangue.

Eu poderia ter rido de novo se não fosse pelos dedos dele na minha garganta, me fazendo ficar em silêncio. Ele se senta um pouco, deslizando lentamente uma mão pela minha nuca antes de levantar minha cabeça suavemente do travesseiro e pentear meu cabelo para trás com a outra. Ele demora, deixando seus dedos percorrerem os fios prateados enquanto embala minha cabeça.

— Eu faria uma trança para você de novo, mas você me informou que não sou bom nisso — ele diz asperamente, o que contraria a maneira gentil como ele coloca minha cabeça de volta no travesseiro. Sem hesitar, ele agarra a ponta de um cobertor e começa a limpar suavemente o sangue restante do meu pescoço.

— Você só precisa de mais prática, só isso.

Nós dois ainda nos contentamos em deixar o silêncio se estender entre nós.

Ele olha para mim e eu olho para ele. Estou perdida no momento, perdida em seus olhos. Não há sorriso malicioso para ser visto, nenhum sorriso para ser compartilhado, nenhuma frase sarcástica a ser dita. Só nós dois, os corações batendo descontroladamente, a respiração saindo trêmula.

Pisco, percebendo o que estou fazendo, o que está acontecendo, o que está acontecendo entre nós. Então limpo a garganta, mudando lentamente debaixo dele. Ele respira fundo, entendendo o que eu quero e lentamente se afastando de mim. Só quando o ar frio me atinge é que percebo como estou corada, como minha pele ficou quente.

Me sento, puxando minha regata enquanto faço isso, e deslizo para a beira da cama. Posso sentir seu olhar penetrante sobre mim enquanto me levanto, de repente consciente do pequeno tecido que cobre meu corpo.

Dou um passo para longe.

Outro.

Dedos roçam a parte interna do meu pulso.

— Fique.

Eu paro. O tempo para. A respiração cessa.

É surpreendente como uma única palavra pode afetar alguém.

— Por favor.

Meu coração tropeça ao som daquela palavra de seus lábios.

“Poucos têm o poder de me fazer implorar.”

O peso que minhas próximas palavras carregam está me pressionando, esmagando meus pulmões para que nenhum som possa sair da minha boca. O que eu disser a seguir pode criar uma barreira entre nós ou nos aproximar. Muito próximos.

Eu fico? Eu vou?

Minha mente está gritando para que eu faça uma coisa, mas meu coração está batendo forte, implorando para que eu faça outra. Apesar do silêncio que se estende entre nós, meus pensamentos confusos são ensurdecedores.

Mesmo ainda de costas para ele, posso sentir seus olhos em mim, sentir o fantasma de suas mãos em mim, sentir o que ele está fazendo comigo.

E se eu não disser nada?

As palavras só podem condenar se forem faladas.

Então é exatamente isso que farei. Não falarei, não pensarei — sentirei. Vou abafar os pensamentos insistentes e simplesmente *sentir*.

Eu me viro lentamente e encontro seu olhar. Sua respiração fica presa, seu olhar suaviza.

Ele não achou que eu iria ficar.

Ele espera que todos o deixem.

E com esse pensamento doloroso em mente, não hesito em levantar as cobertas de sua cama. Ele acompanha o movimento, observa minhas mãos enquanto dobram os cobertores, meu corpo enquanto me dobro sob eles.

Não acho que ele esteja respirando, e minha cabeça está girando tanto que acho que também não. Afundo em seu colchão, em seus travesseiros macios, no cheiro que os cobre. Ele. Estou cercado por *ele*. Eu me enrolo de lado, com o coração acelerado quando sinto a cama se mover ao meu lado.

E então estou *realmente* cercado por ele. Seu peito roça minhas costas em questão, perguntando silenciosamente se eu o quero mais perto ou mais longe. Engulo em seco antes de me inclinar para trás, um pouco, em resposta.

Eu quero você mais perto.

Ele não hesita. Seu braço está em volta da minha cintura e me puxando contra ele antes que eu tenha a chance de recuperar o fôlego. Estou pressionada contra seu corpo forte, enfiada entre as cobertas e ele. Me sinto segura e protegida e mais tranquila em seus braços do que há anos.

Eu *sinto*.

Algo sobre isso, sobre nós, parece diferente. Intencional. Nós dois *queríamos* isso. Não fomos forçados a ficar juntos por causa do frio ou de uma lesão. Eu poderia ter ido embora, mas escolhi isso. Não, *nós* escolhemos isso. Nós escolhemos um ao outro.

E isso me aterroriza.

Seu polegar está desenhando círculos na parte inferior do meu estômago e minha regata pouco faz para impedir que o calor de seus dedos penetre. Meus olhos se fecham, de alguma forma me sentindo cansada, mas terrivelmente consciente de seu corpo pressionado contra o meu para me permitir dormir.

Ele descansa a cabeça na curva do meu pescoço, sua respiração fazendo cócegas na minha pele enquanto ele murmura: — Obrigado.

Essas duas palavras me assustam o suficiente para me fazer virar a cabeça para olhar para ele. Eu me pergunto quão raro é para o príncipe, o futuro Executor, dizer essas palavras com tanta seriedade.

Seu rosto está próximo ao meu, e ele o estuda com atenção, minuciosamente, como se tivesse todo o tempo do mundo para fazer isso. Ele inclina a cabeça para o lado, colocando suavemente uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Minha respiração falha quando

seus dedos descem pela lateral do meu pescoço, e ele sorri, suave, doce e satisfeito. Muito satisfeito neste momento.

Um sorriso que ele tinha só para mim.

— Isso te choca? Que eu agradeça? — ele pergunta, a voz baixa e calma.

Estudo os planos de seu rosto, a perfeição que ele é. — Não deveria. Não mais. — Engulo em seco enquanto a verdade dessas palavras é absorvida. Eu o conheci, pude ver o homem por trás das muitas máscaras que é mais do que aquilo em que seu pai o moldou.

Não tenho certeza de quanto tempo estou estudando-o quando percebo o quão pesadas minhas pálpebras ficaram. Estou piscando, tentando ao máximo escapar do sono que me atormenta desesperadamente, para poder continuar memorizando seu rosto por mais um pouco.

Ele está fazendo o mesmo, observando cada centímetro de mim com um olhar de admiração. Pisco e minhas pálpebras ameaçam não abrir novamente, o sono ousando me arrastar para longe deste momento.

Seus lábios estão de repente em minha orelha e isso é tudo que preciso para ter meus olhos abertos. — Por mais tentador que seja ver você olhando para mim a noite toda — sua voz é uma carícia, me embalando para dormir com uma única frase, — durma, Pae.

Consigo dar um sorriso grogue antes de perguntar: — Você vai dormir?

— Ah, querido, já estou sonhando.

Ele me puxa para mais perto e eu viro a cabeça. Meus olhos se fecham, a batida constante de seu coração é uma canção de ninar. Sinto dedos penteando meu cabelo, entrelaçando mechas soltas enquanto sussurro: — O que você está fazendo?

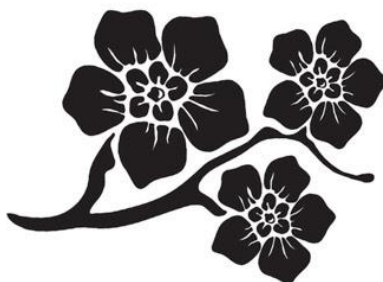
Ele abaixa a cabeça perto da minha e sinto seus lábios roçarem meu cabelo quando ele murmura: — Praticando.

Adormeço com a sensação de Kai trançando meu cabelo, me perguntando vagamente se deveria ter medo de quão segura me sinto com ele. Se eu deveria estar preocupado por me sentir contente e confortado em seus braços.

Me sinto feliz, sinto as palavras murmuradas em meu ouvido e o sussurro dos dedos acariciando meus cabelos.

E então tudo que sinto é um sono feliz.

Capítulo Cinquenta



Kai

NÃO CONSIGO TIRAR meus olhos dela.

Não consigo tirar meus olhos dela.

Não posso desviar meus pensamentos dela.

Não posso arrancar meu corpo do dela.

A luz do sol da manhã que entra pela minha janela está refletindo em seu cabelo, os fios prateados brilhando. Seus olhos estão fechados durante o sono, cílios escuros pousados em suas bochechas e escondendo o olhar azul oceano que sei que nada abaixo. Ela está respirando profundamente, dormindo profundamente. Ela é uma confusão de membros emaranhados e cabelos espalhados.

Uma obra-prima confusa.

Conto as sardas leves que cobrem seu nariz. Uma vez. Duas vezes.

Vinte e oito.

Ela se mexe, e eu fico imóvel enquanto ela coloca as mãos sob a lateral do rosto, agora coberto de fios prateados. Apoiado em meu cotovelo, passo suavemente meus dedos por sua pele macia, afastando seu cabelo para poder continuar admirando o rosto que estava memorizando.

Eu a culpo pelo cansaço que se instala em meus ossos. É culpa dela eu não ter dormido muito. Fiquei acordado a maior parte da noite ouvindo-a respirar – respirando-a. Exatamente como venho fazendo há muito mais tempo do que gostaria de admitir. Ela é cativante, mesmo quando amassada e reivindicada pelo sono.

Suspirando, meus dedos passam por uma última mecha de cabelo prateado antes de sair da cama e me arrastar até a porta. Saio com minhas calças finas e jogo uma camisa pela cabeça antes de sair para o corredor, indo para a cozinha. O mínimo que posso fazer é deixá-la acordar com o cheiro de comida fresca, especialmente depois do que ela fez por mim ontem à noite.

Depois de um pesadelo em que segurei seu cadáver frio, acordar e encontrá-la bem viva e quente em cima de mim foi no mínimo surpreendente. E eu reagi sem pensar. Eu a *machuquei*. Embora um pequeno arranhão não signifique nada para a garota que está acostumada a sangrar, significa tudo para mim. Matar é o que eu faço. Matar e ferir é o que fui treinado para fazer, criado para fazer, controlado para fazer.

Mas não com ela.

Eu estava a um movimento rápido de segurar seu cadáver real em meus braços, mas ela não fez nada para revidar. Ela segurou meu rosto entre as mãos enquanto eu segurava sua vida na minha. Ela olhou para mim como se eu fosse digno de ser visto, como se ela *quisesse* me ver. E quando ela disse meu nome, o som saindo de sua língua finalmente fez minha cabeça clarear, meu coração disparar e meus pensamentos girarem.

E então perguntei a ela algo que nunca perguntei a ninguém antes.

Fique.

Saí pela porta da cozinha e equilíbrio uma bandeja de comida quente no corredor em questão de minutos. A sobrançelha arqueada que Gail me deu me faz sorrir, e não demora muito para que eu esteja encostada na porta e entrando no quarto, segurando a bandeja na minha frente.

Eu me viro e...

Um sapato está apontado para meu rosto.

Ela está parada na beira da cama, uma mão segurando um cobertor em volta dos ombros, enquanto a outra segura meu sapato, uma desculpa esfarrapada como arma. Seu braço está inclinado para trás, preparado para afastar o intruso lançando calçados. Vejo-a exalar de alívio quando percebe que sou eu e relutantemente abaixa o sapato. Mas mal.

— Não é sua arma típica de escolha. — Estou sorrindo, sufocando uma risada.

Paedyn me lança um olhar exasperado com o qual estou muito familiarizado. — Você me assustou. — Ela afasta a cortina de cabelo que protege os olhos com um sorriso presunçoso. — E tenho certeza de que poderia causar muitos danos com um sapato.

— Ah, não duvido.

Estou na frente dela agora, embora não me lembre de ter me mexido para chegar lá. Alcançando suas costas lentamente, coloco a bandeja na minha cama, o suco escorrendo pelas bordas das xícaras e os biscoitos rolando. Então me endireito, olhando para olhos que ameaçam me afogar. — Bom dia, Gray.

A menor carranca aparece em seus lábios com o uso de seu sobrenome. — De volta às formalidades, não é? — Ela diz isso casualmente, mas seus olhos expressam uma pergunta que ela nunca expressará.

O que está acontecendo entre nós?

— Bem, você estava prestes a me atacar. As formalidades parecem justas. — Dou um passo mais perto e ela inclina a cabeça para trás para sustentar meu olhar.

— Sim, bem, você já deveria estar acostumado com isso.

— Ah, mas duvido que algum dia me acostume com você ou com suas tendências violentas, querida.

Ela me dá um sorriso malicioso. — Gosto de pensar nisso como mantê-lo alerta, príncipe.

— Sim, porque a vida é muito mais divertida quando você não espera uma faca na garganta ou um sapato no rosto. — Meu olhar cai para o sapato ainda preso em sua mão. — Falando nisso, ainda planeja usar isso em mim?

— Ainda decidindo.

O sorriso que dou a ela é real, uma raridade que recentemente se tornou uma ocorrência bastante comum quando estou na presença dela. Ela vira a cabeça para acenar para a bandeja na minha cama. — Você me trouxe comida.

Cruzo os braços sobre o peito. — E como você sabe que isso não é para mim?

— Tem mirtilos no mingau, Azer.

Ainda querendo brincar com ela, dou de ombros. — Depois de divagar sobre as frutas, você me convenceu de como elas são deliciosas.

Ela ri abertamente disso. — Então isso significaria que você está admitindo que eu estava certa, e isso é altamente improvável.

— Você me conhece tão bem, — suspiro, sorrindo para ela. — Claro que a comida é para você. Eu não tocara naquele mingau.

Um sorriso aparece em seus lábios. — Príncipe exigente.

— Pae inteligente.

Nós nos encaramos, cada um de nós sorrindo levemente.

Meus olhos caem para sua mão livre, ainda segurando um cobertor em volta dos ombros, puxando-o com mais força quando meu olhar passa por ela. — Está com frio?

Ela enrijece um pouco. — Não.

— Então o que é isso? — Estou olhando para o cobertor antes que meus dedos rocem os dela, os que ainda estão firmemente agarrados às dobras do tecido. Seu olhar segue do meu rosto até minha mão, que agora está percorrendo os nós dos dedos, o pulso, o punho e o tecido nele.

A maneira como sua respiração falha faz meu coração parar. — É um cobertor.

Minha risada é tranquila. — Eu posso ver isso, espertinha.

Meus dedos roçam preguiçosamente seu braço, embora o movimento faça minha mente parar e minha pulsação falhar. Cada toque é inebriante, cada olhar compartilhado é fascinante.

— Você parece corada, Gray. — Meus dedos pegam uma mecha de cabelo comprido que cai sobre seu ombro. — Provavelmente graças ao cobertor. — Posso sentir o sorriso se espalhando pelo meu rosto quando digo: — A menos que eu seja a razão do seu rubor.

Observo as emoções passarem por seu rosto. Primeiro, há algo semelhante ao que tenho certeza que está refletido em meu próprio olhar: desejo. Então ela pisca, e

vislumbro o choque, a compreensão e a negação antes que ela se acalme com aborrecimento.

— Não, definitivamente estou superaquecida. — Ela está confiante como sempre, apesar da tensão em sua voz.

Inclino a cabeça, os olhos dançando entre o cobertor e seu olhar frio. — Então suponho que vou ajudá-la mais uma vez, só que desta vez será um cobertor caindo no chão e não o seu vestido fazendo o mesmo.

Sorrio ao pensar no último baile, mas antes que meus dedos possam se fechar em torno dos dela, ela deixa o cobertor cair em volta dos tornozelos.

Ela está tão perto de mim, vestindo nada além de shorts minúsculos e uma regata de seda. Me provocando, brincando comigo. Eu não consegui ver o tecido preto grudado em seu corpo na noite passada, se misturando com a escuridão ao nosso redor. Mas agora posso ver, vê-la claramente.

Há um fogo em seus olhos, ardente e de tirar o fôlego. — Só para deixar claro, príncipe, não preciso de sua ajuda, seja para me despir ou não.

— Ah, claro que não. Pensamento positivo, suponho.

Ela solta uma risada. — E você também não consegue evitar ser um namorador descarado?

— Aparentemente não quando estou com você.

— Ah? E o que mais você é quando está perto de mim, hmm?

Ela me faz engolir, me deixa *nervoso*. — Eu sou um idiota.

O sorriso que ela me dá é igualmente divertido e sedutor. — Só quando você está perto de mim?

— Apenas *para* você.

Seus olhos se fixam nos meus enquanto ela fica em silêncio, de repente imóvel. Dou um pequeno passo à frente apenas para ela dar um pequeno passo para trás, com as pernas agora pressionadas contra a beira da cama. Eu engulo, escondendo minha carranca.

Por que ela se afasta?

— E como também sou mais gentil quando estou perto de você, eu deveria agradecer. De novo. — Acho que nunca falei tão suavemente, tão suavemente com alguém antes. E o que me assusta ainda mais é que acho que nunca farei isso por ninguém além dela.

Minha mão de repente está roçando seu pulso e eu a vejo subir por seu braço, o fantasma de um toque viajando por sua pele. Arrepios seguem o caminho que meus dedos deslizam, trazendo um sorriso aos meus lábios.

Então estou enrolando aquela mecha de cabelo sedoso no dedo novamente. — Obrigado, Pae. Para ontem à noite.

Ela estremece e, ainda assim, seu rubor ainda está muito presente. Não consigo evitar o sorriso que se espalha pelo meu rosto enquanto murmuro: — Apesar de eu querer ajudar, você ainda parece estar *superaquecendo*.

— E você ainda parece ser o culpado por isso. — Ela quase grita as palavras, aparentemente irritada consigo mesma.

Coloco aquela mecha de cabelo prateado atrás da orelha com um sorriso preguiçoso, deixando meus dedos permanecerem ali. — Você está admitindo que estou deixando você corada? Deixando você *nervosa*?

— Me deixando irritada? — ela fornece. — Porque você certamente está fazendo isso. Desvio o olhar, balançando a cabeça. — Mentirosa.

— Foi meu pé esquerdo que me delatou ou você chegou a essa conclusão sozinho? — ela pergunta uniformemente.

Meu olhar voltou para ela, azul e desconcertantemente lindo. Então meus olhos caem para seus lábios, suaves e franzidos, ela parece estar lutando para manter seu rosto sério.

Eu me aproximo ainda mais. Ela se inclina.

— Não consigo tirar os olhos de você por tempo suficiente para me importar com o que seu pé está fazendo. Então, sim, cheguei a essa conclusão sozinho.

Seu olhar está queimando, perfurando o meu, implorando para que eu me aproxime. Então eu faço.

Eu não consigo ficar longe dela.

Eu não *quero* ficar longe dela.

Estou tirando o cabelo de seus olhos, deixando meus dedos roçarem sua pele. Simplesmente tocá-la causa um choque em mim, faz meu coração disparar. E eu sei que ela também sente isso. Seus olhos estão passando entre os meus e a minha boca, os cílios tremulando.

Eu não posso mais fazer isso. Não consigo parar de querer isso. Querer *ela*.

Eu me aproximo, seus lábios se abrem e...

E há algo cravando na minha garganta.

O que inferno...

Ela está com o maldito sapato pressionado contra meu pescoço.

— Eu devo ir. — Suas palavras são pouco mais do que um sussurro murmurado contra meus lábios, como se ela estivesse falando consigo mesma, me lembrando do tempo que passamos sob o salgueiro, quando ela pronunciou aquelas mesmas palavras inseguras.

Limpo a garganta, tiro as mãos de seu cabelo e me endireito.

O que diabos aconteceu. E por que diabos algo simplesmente não aconteceu?

— Certo. Você precisará de muito tempo para se arrumar para o meu irmão esta noite.

— Não me preocupo em mascarar minha amargura, meu ciúme, minha confusão.

Ela quer me ver sem máscara? Tudo bem. Deixe ela ver tudo. Deixe-a ver minha frustração com os sentimentos pelos quais ela é culpada.

Ela estremece.

A garota que matou lobos, escalou montanhas e sobreviveu às favelas apenas *se encolheu*. Nunca vi nada parecido. Nunca pensei que faria isso. A visão faz meu coração afundar, me faz querer puxá-la em meus braços e mantê-la ali.

Mas, em vez disso, dou um passo para trás, abrindo espaço entre nós. Eu não confio em mim mesmo perto dela. Não confie em mim mesmo para não estender a mão e tocá-la, saboreá-la.

Ela abre a boca, guerreando contra as palavras que deseja desesperadamente dizer. Aquelas que nunca consigo ouvir porque ela fecha a boca, isolando seus pensamentos de mim. Eu a observo por vários e lentos segundos. Observando respirar fundo antes de me encarar com um olhar calmo.

— De nada, — ela diz suavemente. — Para ontem à noite. Ninguém deveria ter que suportar sozinho os terrores dos seus próprios pensamentos. Pesadelos podem ser nosso pior inimigo. Eu sei como é isso.

E então ela agarra minha mão e coloca o sapato nela antes de sair da sala.



Estou pensando em ficar bêbado novamente.

O álcool girando no copo preso entre meus dedos é tentador, me provocando para terminar antes de beber com mais alguns. Tudo só para que eu possa passar pela última bola.

Os casais começaram a dançar agora que o fluxo de mulheres que chegam diminuiu significativamente. Parece que este baile final será o único indício de normalidade nas Provas deste ano.

Troquei Blair com um jovem cavalheiro por uma taça de vinho e me pergunto por que não fiz isso antes. Enquanto penso se devo beber o restante da minha bebida, olho para cima e encontro um grupo de mulheres ao meu redor, todas vestidas em vários tons de verde. Elas são todas risadinhas e sorrisos enquanto eu aceno e falo educadamente, me entediando com o quão brando estou sendo.

Estou prestes a sair da conversa usando uma desculpa medíocre quando alguém chama minha atenção.

Alguém que me deixa atordoado e encarando.

Alguém que está em um mar negro.

Envolto em tecido meia-noite, os brilhos fracos que cobrem seu vestido brilham como a luz das estrelas. Como uma sombra, o tecido gruda em seu corpo. Como uma segunda pele, ela delineia suas curvas enquanto ela desce as escadas.

Seus braços e peito bronzeados brilham contra o tecido escuro enrolado em volta dela. Da cintura para cima, o vestido é um espartilho detalhado, apertando-a e exibindo o peito e as clavículas. A barriga do espartilho é transparente, com desenhos de flores rodopiantes e miçangas contrastando com a pele bronzeada que aparece abaixo dele. Tiras soltas de mangas pretas intrincadas se conectam ao topo do espartilho e pendem dos ombros frouxamente.

Camadas de cetim caem da cintura até o chão, formando uma grande piscina ao seu redor. Meus olhos percorrem suas pernas nuas, expostas através das fendas que percorrem ambos os lados do vestido e terminam no alto de suas coxas. E ali, amarrada e exposta para todos verem, está sua adaga de prata, com o cabo giratório combinando com seu traje.

Seu cabelo prateado está solto não perto da nuca, cachos caindo sobre suas costas e ao redor de seu rosto, me tentando a girar meus dedos por eles, colocando-os atrás de suas orelhas.

Cada pedaço de seu corpo está coberto de escuridão, envolto em noite. Eu me pego agradecendo silenciosamente à Praga por seu traje diferente e escuro, porque eu não gostaria que ela se misturasse. Não iria querer que ela se perdesse na multidão.

Não que ela já tenha tido esse problema antes.

Não que eu já tenha tido problemas para encontrá-la antes.

A visão dela vestida de preto é suficiente para me deixar daltônico, me fazer ver nada e ninguém além dela.

Suas pernas deslizam pelas fendas do vestido enquanto ela desce a escada, com a adaga claramente visível. Centenas de olhos acompanham cada movimento dela, e de repente fico com ciúmes de que todos os outros possam testemunhar sua presença comigo.

Ela não olha para mim e, pela primeira vez desde que a conheci naquele beco, acho que isso é o mais covarde que ela já foi.

Ela está com medo. Com medo do que quer que seja entre nós. Ela sempre teve. É por isso que ela escolheu ser minha inimiga, minha rival, em vez de se deixar sentir – algo com o qual não estou acostumado.

Eu a culpo por isso. Culpá-la por quebrar minha máscara cuidadosamente elaborada, quebrando-a em pedaços quando ela está por perto. Nunca senti tanto, nunca tive tanto medo. Mas se devo suportar as consequências que o sentimento de algo por ela traz, então ela também terá.

É como uma ligação tangível entre nós, essa conexão desgastante.

Desejo que ela encontre meus olhos, e quando isso acontecer...

Faíscas.

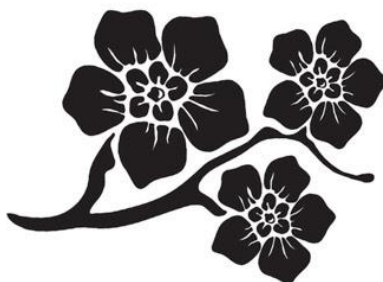
Eletricidade.

Tudo lindo, tudo ousado, tudo deslumbrante – é isso que sinto em seu olhar.

Isso, e medo. Aterrorizada com o que ela está fazendo comigo.

Ela é uma visão, um pesadelo, um sonho.
Uma ceifadora vestida de preto, veio roubar minha alma e meu coração.
Nunca vi algo tão lindo, tão ousado, tão flagrantemente errado para mim.
Ela é um demônio.
Ela é uma divindade.
Ela é a queda de um homem em forma humana.
Ela é *minha* ruína.
Então seus olhos se voltam para Kitt.
A conexão se encaixa.
E fico me sentindo vazio, além do ciúme crescendo dentro de mim.
Por que eu pensei que poderia tê-la, alguma vez pensei que ela me teria?
Porque os animais não entendem a beleza.

Capítulo Cinquenta e Um



Paedyn

ESTOU EVITANDO ELE. Não é a melhor maneira de lidar com um problema, admito. Mas Kai é um problema muito urgente. Uma distração muito desejável.

Então, me mantenho ocupada, embora ainda consiga perceber que ele está fazendo o mesmo. Garota após garota linda encontra seu caminho em seus braços e na pista de dança, todas elas usando sorrisos brilhantes e vestidos verdes.

Enterro a emoção que não quero identificar como ciúme, embora ela me acerta mesmo assim.

Eu tenho um trabalho a fazer.

Volto minha atenção para meu parceiro pela enésima vez. Kitt sorri, continuando nossa conversa fácil, da qual minha mente continua querendo fugir. Eu me forço a me concentrar nas palavras dele, e não na coisa que preciso roubar dele. Nós giramos e vislumbrei o chaveiro no interior do bolso do paletó. Meus dedos se contraem, ansiosos para explorar os instintos de ladrão que suprimi enquanto estava no castelo – em sua maior parte.

— Você está linda.

Eu me assusto com as palavras suaves de Kitt, forçando meu olhar para encontrar o dele. Ele está sorrindo ao ver minha expressão enquanto diz: — Você não deveria ficar tão chocada com isso.

Ficamos em silêncio por um momento antes de finalmente formar palavras. — Você me choca.

— Eu?

— Sim — respondo honestamente, — você não é o que eu esperava.

Seu sorriso parece quase infantil demais para pertencer ao futuro rei. — Eu decepcionei?

Quem me dera.

— Não. — Seu sorriso se alarga com a palavra e me apresso em acrescentar: — Ainda não.

Então estou mergulhando em direção ao chão e ele está rindo acima de mim enquanto respiro surpresa. Ele me segura lá e minha oportunidade chega. Este é o momento que tenho temido, tenho planejado. Seu paletó está aberto, seus olhos estão fixos em mim e seus pensamentos estão em qualquer coisa, menos nas chaves em seu bolso.

Então faço o que faço de melhor: roubo.

Eu me atrapalho, fingindo escorregar, embora seja bastante crível pelas pernas de pau que estou usando. Estendo as mãos para me equilibrar, uma em seu ombro e outra em seu peito, perto do bolso dentro de seu terno.

Seus braços envolvem minha cintura com mais força enquanto mantenho seu olhar, sorrindo enquanto coloco minha mão em seu bolso. Sorrindo mesmo quando traio o garoto que tem sido muito gentil comigo. Sorrindo enquanto o chaveiro se abre, e deslizo o maior pela ponta, sentindo os redemoinhos em relevo que o decoram pressionando minha palma.

Ele me puxa para cima lentamente, braços fortes me deixando de pé. Mas minha mão já saiu do bolso dele e está apoiada em seu ombro, inocente e insignificante.

— E aqui estava eu, pensando que sua dança estava melhorando — diz Kitt com um sorriso provocador.

— E aqui estava *eu*, pensando que você me avisaria antes de mandar voando para o chão. — Solto um suspiro, sorrindo enquanto acrescento: — E agora preciso de uma bebida.

— Não beba muito. Você mal consegue se lembrar dos passos como estão. — Ele me lança um sorriso antes de se virar para a mesa de bebidas. — Mas vou pegar uma para você, mesmo assim.

Solto um suspiro trêmulo enquanto o vejo caminhar no meio da multidão, meu espartilho de repente parece muito apertado. A chave está escorregadia na palma da minha mão, quente contra minha pele.

— Me concede esta dança?

Eu me viro, meu rosto perto de um cheio de sardas. O cabelo geralmente bagunçado de Lenny está penteado, os fios vermelhos domesticados para a noite. Ele está vestido com um belo terno preto, se misturando com o resto dos homens ao nosso redor.

— Ora, é claro — respondo, forçando um sorriso nos lábios. Sua mão encontra minha cintura, a minha encontra seu ombro e então nossas mãos livres se encontram.

A chave está entre nossas mãos, e Lenny me dá um largo sorriso ao senti-la. — Bom trabalho. Fácil, certo?

Minha voz está distante, distraída. — Sim. Fácil.

— Você se lembra do plano?

Eu suspiro. — Bem, na verdade não estou fazendo muita coisa, estou? Agora tudo o que preciso fazer é sobreviver à última Prova.

— Sim, bem, essa pode ser a tarefa mais difícil de todas.

Concordo com a cabeça uma vez, me concentrando nas figuras girando ao nosso redor, vendo Andy dançando com uma garota corada que nunca vi antes. Meus olhos vagam para onde Kitt e Jax estão rindo, o primeiro bagunçando o cabelo de seu irmão mais novo com um sorriso largo. Eu tinha visto Blair antes, embora não seja difícil encontrá-la novamente com seu vestido verde brilhante queimando meus olhos. Desvio o olhar antes de me encontrar procurando mais uma vez por um certo príncipe no meio da multidão.

Restam apenas cinco de nós.

Eu me pergunto brevemente quantos sobreviverão para ver o pôr do sol amanhã. Me pergunto brevemente quais pais estarão de luto por seus filhos. A morte é o que essas Provações trazem – não honra, nem glória, nem felicidade. Apenas morte.

— Você está bem? — A voz suave de Lenny toma conta de mim e volto minha atenção para seus grandes olhos castanhos.

— Algum de nós está bem?

Ele me dá um meio encolher de ombros. — Bom ponto.

A dança termina e nossas mãos caem, mas não antes de Lenny colocar a chave na palma da mão e depois no bolso. — Tenha cuidado amanhã. — Sua voz é um sussurro baixo, misturado com preocupação.

— Ah, você está preocupado comigo, Lenny? — Eu canto.

— Talvez um pouco, princesa. — Ele quase revira os olhos. — Não morra, ok?

— Não posso fazer nenhuma promessa, mas pelo seu bem, tentarei permanecer viva. Não gostaria que você vivesse sem mim. — Ele sorri e balança a cabeça para mim, mas seguro seu braço antes que ele possa se virar. — Ei, boa sorte. E lembre-se do que eu lhe contei sobre a passagem. Ah, e....

Sua risada me interrompe. — Pragas, tenha um pouco de fé em mim, Paedyn. Eu cuido disso.

Suspiro e dou um leve aceno de cabeça antes que ele se vire e desapareça na multidão.

Passo a mão suada sobre o espartilho grosso do meu vestido antes de passá-lo pelo tecido macio que ondula por baixo. Então giro sobre os calcanhares, minhas pernas deslizando facilmente pelas fendas da saia. Implorei a Adena para fazer um ponto extra para não me sentir restringida pelo tecido. Talvez seja a claustrofobia falando ou talvez eu simplesmente goste de ter a opção de dar um chute alto no rosto de alguém, se necessário.

Quase esbarro em Jax na pista de dança, e ele sorri ao me ver. — Paedyn, oi! Você quer dançar? Andy me abandonou. Sem mencionar que ela bebeu muito vinho e não confio que ela não cairá em cima de mim.

Com uma risada, aceno com a cabeça antes de começarmos a girar no chão. Começou uma valsa suave, do tipo com passos específicos e troca de parceiros, do tipo que normalmente tento evitar. Mas deixei meus pés me guiarem, confiando em mim mesma

para lembrar os passos corretos enquanto tentava esquecer exatamente por que posso fazer isso. Tente esquecer de ser mantido no escuro, conduzido por braços fortes e...

Pare.

Pragas, se controle.

Olho para o garoto na minha frente, todo sorrisos e excitação. — Você está elegante, Jax.

Seu sorriso muda para algo semelhante a timidez. — Obrigado. Hum. Você está...

Nós giramos e sou puxada para os braços de um cavalheiro diferente. Aceno educadamente para o jovem, e ele faz o mesmo enquanto avançamos no tempo. Antes que eu perceba, estou sendo passada de mão em mão, nas mãos de homens que nunca conheci antes. A valsa é longa, me fazendo arrepender de ter pisado na pista de dança.

Meus pés estão me matando.

Então estou levada por outro corpo, cercado pelos braços pertencentes a um Kitt sorridente.

— Aí está você. Eu sabia que iria trazer você de volta.

Abro um pequeno sorriso. — Você demorou bastante.

Eu o ouço rir antes de ser puxada contra um novo parceiro.

— Você está me evitando.

Meu coração palpita com aquela voz, o friozinho na barriga fazendo o mesmo enquanto o leve cheiro de pinho toma conta de mim. Pisco para o peito largo, muito consciente da estrutura forte que se esconde sob a camisa branca e impecável. Respirando fundo, levanto meu olhar para encontrar o dele.

Ah, e eu gostaria de não ter feito isso.

Seus olhos são hipnotizantes, como aço derretido, névoa matinal. Eles me cortaram como se ele não tivesse medo de ver cada parte de mim. Seu olhar parece certo, familiar. E quando seus olhos se fixam nos meus, me pergunto por que me incomodo em olhar para outra pessoa.

Não não *não*.

Apesar de ele se sentir tão certo, eu me sinto muito errada e muito confusa.

Ele não tirou os olhos de mim, e o peso de seu olhar é urgente enquanto ele pacientemente me observa decifrar as coisas. Desvende esses *sentimentos*.

— Eu não chamaria isso de... *evitar*. — Não pareço muito convincente, e com razão, já que tenho feito exatamente isso. E mesmo que minha vida seja uma mentira, parece que minhas habilidades para enganar se esgotaram esta noite porque não o estou enganando.

O canto de sua boca se curva para cima e tenho que fazer um esforço consciente para não olhar para seus lábios. Mas, assim como esta manhã, sinto vontade de me apoiar nele. Não sei o que teria acontecido se eu tivesse ficado mais tempo no quarto dele e, ainda assim, passei o dia inteiro me culpando por não ter descoberto.

Leva tudo de mim para afastá-lo, apesar do quanto eu queria puxá-lo para mais perto. Mas então me lembro de quem ele é, o que ele é. Onde ele é o príncipe, o futuro Executor,

o filho do homem que odeio, sou uma favelada, uma Ordinária, a personificação daquilo que ele foi ensinado a odiar.

Meus pensamentos se dispersam quando uma covinha chama minha atenção. — Então esclareça. Como você chamaria isso, Gray?

Ele me gira com uma mão antes de me puxar de volta para ele, minhas costas se conectando com seu peito. Minhas mãos estão cruzadas sobre minha barriga, onde ele as segura atrás de mim, nossos corpos balançando juntos ao ritmo da música.

— Você parecia *preocupado* e eu não queria interromper — digo, lembrando das mulheres com quem ele dançou. Sua risada me diz que ele também.

O roçar de sua mandíbula contra meu cabelo faz meu coração disparar. Ele se inclina para que seu rosto fique ao lado do meu, os lábios roçando minha orelha. — Hum. Você quer saber o que eu acho? — Ele puxa minhas mãos, me puxando para mais perto. — Acho que você está evitando dançar comigo porque não aguenta estar tão perto.

Quase engasgo com a risada que me escapa. — Por favor. Não tenho nenhum problema em estar perto de você.

Mentiras. Mentiras. *Mentirosa*.

Parece que minha habilidade para enganar está de volta.

— É isso mesmo? — Seus lábios estão contra minha orelha, os dedos entrelaçados com os meus, o corpo pressionado perto.

Sou quente e fria, sim e não, certo e errada. Sou a personificação dos opostos, uma confusão de confusão e contradições.

Eu quero isso.

Eu não quero isso.

Ele abaixa a cabeça para que seu queixo repouse no meu ombro.

Ah, eu definitivamente quero isso.

Ah, mas eu definitivamente não deveria.

— Então por que você me afasta?

Eu paro. Havia tanta emoção em sua voz, tanta incerteza quando as palavras saíram de seus lábios. Ele me gira para encará-lo lentamente, sem se preocupar em dar um passo para trás ou colocar espaço entre nós.

Meu peito se agita, meu coração martela. Seus olhos encontram os meus e eu me permito observá-lo, admiro esse garoto que conheci.

Ele é devastador. Tudo nele é impressionante e nítido e me tira o fôlego. Mas é o jeito que ele está olhando para mim que de repente faz engolir parecer uma luta, respirar parece uma tarefa árdua. Nunca fui olhada como se fosse um privilégio estar na minha presença, uma honra manter meu olhar, um presente ter um vislumbre de mim. Não até que eu o conheci.

Sua máscara escorrega, estilhaça, quebra, deixando apenas um garoto contemplando uma garota como se ela fosse digna de seu desejo.

E o que me apavora ainda mais é pensar que posso estar olhando para ele da mesma maneira, olhando para ele com a mesma saudade. Por mais que eu tente lutar contra isso, não posso deixar de sentir saudades desse garoto que salvou minha vida mais vezes do que gostaria de admitir. Esse garoto que é igualmente calculista e charmoso, igualmente legal e atencioso. Aquele que cuidou das minhas feridas, aprendeu sobre o meu passado, foi minha distração quando mais precisei.

Aquele que me entende.

E então meu coração para, meu pulso despenca.

Mas ele não faz isso, não é?

Ele nem sabe quem eu realmente sou. *O que* eu realmente sou. E se ele soubesse, ele me mataria. Porque é isso que o Executor faria. Porque é isso que o filho do rei faria. Porque é para isso que ele foi criado.

E por esse motivo, eu o afasto. Porque se não o fizer, vou puxá-lo para mais perto. E se eu puxá-lo para mais perto, isso só terminará com uma adaga sendo cravada em meu coração. O coração que bate um pouco rápido demais quando ele está por perto, quebra com muita facilidade e dói demais por ele.

Eu olho para ele, sem saber o que dizer ou fazer ou...

De repente, sou varrida de seus braços para outra antes de ter a chance de responder.

No momento ideal.

— Você está linda, — Jax cospe, sorrindo de orelha a orelha. — Isso é o que eu ia dizer antes. — Ele estufa ligeiramente o peito, orgulhoso de si mesmo por finalmente expressar o elogio.

— Obrigada, Jax, — eu digo, sorrindo para ele. Quando a música termina, saio rapidamente da pista de dança. Estou ansiosa para me afastar da multidão enquanto pego uma bebida da bandeja de um criado e me dirijo para a beira do salão de baile. Exceto que não consigo escapar da multidão. Para onde quer que eu olhe, há grupos de convidados fofos ou servos silenciosos.

Meus olhos percorrem o salão de baile lotado, pousando nas grandes viúvas e no ar fresco que espera do lado de fora delas. Anseio por um momento para mim mesma, um momento livre da sala lotada e fechada.

Bebo meu vinho, observando os convidados girando antes de colocar a taça na mesa e seguir para o corredor além do salão de baile. Sou forçada a deslizar entre os corpos, odiando a sensação de aperto.

Respiro fundo enquanto me dirijo para as gigantescas portas que levam ao pátio além. O som dos meus saltos batendo no chão preenche o silêncio enquanto me aproximo das portas assustadoras.

Minha mão está estendida, ansiosa para abrir a saída quando um Flash acelera entre mim e minha salvação.

Capítulo Cinquenta e Dois



Paedyn

O SORRISO DO IMPERIAL é frio enquanto ele olha para mim, com o uniforme branco e crocante e cheirando a amido.

— Eu não posso deixar você fazer isso, mocinha. — Seu tom depreciativo me fez conter a réplica que subia aos meus lábios.

Não estou no clima.

— Só preciso de alguns minutos lá fora para tomar um pouco de ar fresco. — Se eu estivesse no Loot agora, nem me daria ao trabalho de ser educado.

— Como eu disse, não posso deixar você fazer isso. — Ele sorri e alguns dos Imperiais alinhados no corredor riem com ele, aparentemente como parte de alguma piada hilariante que estou perdendo. — Você não tem permissão para sair do castelo, mocinha.

Cerro os punhos ao lado do corpo, resistindo à vontade de desafiá-lo a me chamar *de mocinha* mais uma vez e veja o que acontece. — Tudo que estou pedindo é um momento lá fora.

— Mesmo? E o que você está disposta a fazer para consegui-lo? — Ele se inclina e o cheiro de álcool em seu hálito fica evidente quando ele diz: — O que eu ganho com isso?

Então ele passa um braço em volta da minha cintura, me puxando para ele.

Movimento errado.

Meus dedos envolvem o cabo da minha adaga, sentindo o aço frio que estou prestes a...

— Cuidado, ela vai pressionar essa lâmina na sua garganta. Eu saberia.

Eu ainda viro a cabeça ligeiramente para ver Kai parado a vários metros de distância, com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos. — Agora deixe-a ir e abra a porta. — Sua voz é como o aço da minha adaga, fria e afiada.

O Imperial apenas estala. — Mas, senhor, temos ordens para que os competidores não deixem o...

— E agora você tem novas ordens. Então sugiro que você abra a maldita porta.

A expressão vazia de Kai não mudou apesar de seu tom mortal. Ele está até encostado na parede agora, com as mãos ainda enfiadas nos bolsos. A imagem perfeita do poder. — Ah — acrescenta ele, — e se você quiser manter seu emprego, sua mão e sua cabeça, sugiro que libere a *mocinha*.

Quase sorrio com isso. O Imperial não perde um segundo antes de praticamente pular para longe de mim. Ele sabe tão bem quanto eu que as ameaças de Kai nunca são vazias.

O Imperial passa rapidamente por Kai, mas não antes que a mão do príncipe encontre sua camisa e o jogue contra a parede. — Eu menti, — Kai murmura perto do rosto do homem. — Você terá sorte se eu deixar você manter a cabeça, muito menos a mão por colocar um dedo nela.

As portas se abrem, desviando meus olhos da cena que não tenho certeza se quero testemunhar. O ar úmido e pegajoso me atinge no momento em que começo a descer os degraus para o pátio mais adiante. O céu está escuro e denso com nuvens pesadas que rugem com a promessa de chuva.

Respiro fundo, saboreando o ar fresco e o espaço aberto ao meu redor. Algo molhado respinga em minha bochecha e viro meu rosto para o céu nublado que agora começa a cair sobre mim. Abro os braços e inclino a cabeça para cima, adorando a sensação da chuva batendo na minha pele.

Então a garoa se transforma em chuva torrencial. A chuva cai rapidamente enquanto eu sorrio estupidamente. Minha cabeça parece mais clara do que nunca, enquanto a água fria cobre minha pele, meu vestido, meu cabelo. Eu giro no lugar, as saias do meu vestido balançando em volta dos meus tornozelos, me sentindo uma idiota e absolutamente adorando isso.

Tiro os sapatos dos pés doloridos e caminho pelas poças como fazia quando era uma garotinha, lembrando de uma época em que eu era mais jovem e ansiava pelo amor de um pai que não estava mais comigo. Quando eu estava apavorada e terrivelmente traumatizada. As ruas movimentadas do Loot me pressionavam constantemente, me fazendo sentir enjaulada e claustrofóbica.

Mas então eu subia aos telhados de lojas e edifícios antigos, tendo apenas as estrelas como companhia. Eu me sentia mais livre ao ar livre, impossivelmente mais tranquila. Fiz isso durante meses, anos, antes que meu medo desaparecesse e o Loot se tornasse mais um lar e menos um horror.

O riso borbulha em mim. Histérica. Estou completamente histérica.

Pragas, quanto vinho eu tomei?

A chuva está grudando fios de cabelo no meu rosto e escorrendo pela ponta do meu nariz enquanto eu sorrio apesar de tudo, esquecendo momentaneamente dos meus problemas e simplesmente reservando um momento para *existir*.

— Não sei se já vivi antes de colocar os olhos em pessoas como você.

Eu giro, piscando em meio ao fluxo constante de chuva antes que meus olhos encontrem os olhos cinzentos se misturando com a água caindo sobre nós. Seu cabelo está molhado, todo ondulado e despenteado. Sua camisa branca de botão está pegajosa e transparente, mostrando um peito tatuado e um torso bronzeado por baixo.

E a visão dele me faz sorrir.

— Tenho certeza de que você diz isso para todas as *mocinhas* que chamam sua atenção — digo, meio rindo, meio histérica.

— Ah, mas eu só tenho olhos para uma mocinha e não consigo tirá-los dela. — Seu peito sobe e desce tão rapidamente quanto a chuva, enquanto meu coração troveja tão alto quanto a tempestade.

De repente ele está sério, examinando meu rosto. — Você precisava de um pouco de ar fresco? Uma pausa na sala lotada?

Lá vai ele de novo, me entendendo.

— Sim — respondo suavemente. — Me sinto muito melhor aqui. Mais livre.

Ele se inclina perto dos canteiros de flores ao lado da escada e arranca uma flor do solo encharcado antes de se levantar.

— Bom — ele diz calmamente, — porque vou chegar muito, muito perto de você.

Solto um suspiro lento quando ele dá um passo em minha direção. Então outro. E outro. Ele está perto o suficiente agora para que eu possa sentir o calor do seu corpo, sentir o calor que se espalha através de mim quando ele chega perto demais.

Inclino minha cabeça para encontrar seu olhar, piscando para ele enquanto tento ver através da chuva. Eu limpo meus olhos, de repente consciente de que provavelmente há maquiagem escorrendo pelo meu rosto antes de decidir que realmente não me importo.

Seus lábios estão puxados em um sorriso enquanto ele segura a flor para mim, caindo e pingando água. Suas pequenas pétalas têm um tom deslumbrante de azul vibrante com tons de roxo.

— Uma não-me-esqueças, já que você sempre parece estar se esquecendo de quem eu sou — Kai diz com um sorriso suave, uma risada suave. Ele levanta a mão, colocando a flor atrás da minha orelha antes de deixar os dedos correrem pelo meu cabelo molhado.

— Ah, eu sei quem você é, — eu digo sem fôlego. — Um bastardo arrogante.

Ele balança a cabeça para mim, seus dedos ainda brincando com mechas do meu cabelo. — Eu não dou a mínima se você esquecer quem eu sou no título, contanto que você se lembre de quem eu sou para *você*.

Eu olho para ele, e algo deve ser divertido porque através dos meus olhos que piscam rapidamente eu vejo um sorriso lento se espalhar pelos lábios de Kai. Abro a boca para dizer algo, mas a fecho quando ele começa a tirar o paletó. Ela escorrega de seus braços, deixando-o parado diante de mim com uma camisa branca completamente encharcada.

Bem, isso não é nada perturbador.

Ele se aproxima ainda mais e, com o casaco pendurado nos braços, segurando sobre minha cabeça para me proteger da chuva.

— Kai...

O sorriso que ilumina seu rosto me interrompe, rouba meu fôlego. É um daqueles sorrisos raros e verdadeiros que confessei que queria ver mais. Um que pertence a mim.

Covinhas.

Ambas em exposição. Ambas me distraem. Ambas devastadoras.

— O que? — Eu pergunto, minha voz cheia de risadas.

Ele encolhe os ombros, um sorriso ainda espalhado em seu rosto. — Eu adoro o som do meu nome saindo dos seus lábios.

Limpo minha garganta que de repente ficou seca demais. — Bem, Kai não é seu nome verdadeiro, é?

Ele está em silêncio, nada além de um sorriso e uma intensidade repentina em seus olhos, desafiando-me a dizer seu nome completo. *Querendo* que eu diga o nome dele. E, aparentemente, eu quero dizer isso também porque quando abro a boca, uma palavra sai.

— Malakai.

Seus olhos se fecham, sua cabeça cai para trás, permitindo que a chuva tenha acesso total ao seu rosto. O sorriso em seus lábios e a coluna de seu pescoço me fazem engolir em seco. Sua cabeça ainda está inclinada para o céu, falando com ele enquanto diz: — Só você pode fazer meu nome valer a pena ser dito.

— Bem, como você gostaria que eu te chamasse? Kai? Malakai? — Minha voz soa tão ofegante, e quase desejo poder atribuir a culpa a um ataque de pânico.

Sua resposta é simples e direta, enquanto ele abaixa a cabeça para olhar para mim. — Me chame do que quiser. Nunca vou perder a chance de ouvir sua voz, querida.

Posso sentir um sorriso levantando meus lábios. — Tudo bem então, bastardo arrogante.

Eu não estava preparado para a risada que lhe escapa. É um som rico e lindo que gostaria de ter tempo para guardar na memória.

— Cuidado, Kai, — seu sorriso cresce ao ouvir seu nome mais uma vez, — Você está sendo um cavalheiro de novo. — Meu olhar se volta para o casaco preto que ele ainda segura acima da minha cabeça para me proteger da chuva. — Mas você sabe que já estou encharcada, certo?

— Sim, bem. — Ele suspira e abaixa a cabeça para que fiquemos olho no olho. — Por mais adorável que você parecesse piscando para mim na chuva, quero que você me veja claramente quando eu lhe contar isso.

Lá se vai aquela vibração estúpida no meu peito.

— Eu quis dizer o que disse. Não consigo tirar os olhos de você. Não consigo tirar minha *mente* de você.

Eu desvio o olhar de seu olhar ardente, balançando a cabeça enquanto murmuro: — Kai, eu...

— Paedyn.

Eu paro. Eu tremo. Ele diz meu nome como se fosse sagrado, como se fosse um juramento que ele está fazendo.

Ele inclina a cabeça para o lado, os olhos vagando pelo meu rosto. — Diga, — ele murmura, — como você quer que eu te chame?

Meus olhos lentamente encontram os dele, confusos com sua pergunta. — Como *você* quer me chamar?

— Eu quero te chamar *de minha*.

Nós nos encaramos. Nós dois respiramos com dificuldade, ambos absorvendo um ao outro. A chuva ainda respinga em Kai, grudando em seus cílios grossos e pingando de sua mandíbula.

— Eu sei que você também sente isso — ele diz calmamente.

— Sentir o quê?

— Se sente viva. Se sentir em chamas. *Sentir*. — Há uma intensidade em seus olhos, em sua voz, que faz meu coração disparar ainda mais rápido. Ele desvia o olhar, xingando baixinho antes de seu olhar voltar para o meu. — Pae, quando olho para você... fico arrasado. Estou me afogando. Estou morrendo de vontade de recuperar o fôlego.

O ar sai dos meus pulmões e agora meu piscar não tem nada a ver com a chuva. Suas próximas palavras são quase um sussurro. — Olhe para mim e me diga que você não sente o mesmo.

Silêncio. E então...

— Eu não sinto o mesmo, Kai.

Mentiras. Mentiras. *Mentirosa*.

Ele abaixa a cabeça e, quando a levanta para olhar para mim novamente, seu sorriso é torto. Então ele abaixa lentamente o casaco que me protege da chuva e o envolve em volta dos meus ombros, os dedos permanecendo nas minhas clavículas nuas e me provocando um choque.

São grandes demais, e suas mãos envolvem o tecido antes de ele puxar, me puxando tão perto que meu corpo fica pressionado contra o dele. Ele ainda está segurando a frente do casaco, os nós dos dedos roçando minha pele nua antes de seus lábios encostarem na minha orelha.

— Agora responda de novo — seu murmúrio é divertido, — mas sem bater o pé esquerdo desta vez.

Minha boca se abre.

Seus lábios estão sorrindo contra minha orelha, e estou tentando não me concentrar na sensação disso. — Eu... eu não...

Sua risada profunda me interrompe. — Deus, você é deslumbrante. — Dedos ásperos nunca foram tão gentis contra minha pele enquanto ele tira uma mecha de cabelo molhado dos meus olhos. — Mas tão teimosa.

Eu não posso mais fazer isso. *Não* posso deixar de ceder à tentação que é ele. De repente, não consigo pensar em uma única razão pela qual estou lutando contra isso, por que não deveria diminuir a distância entre nós agora. Eu quero...

Seus lábios encontram os meus.

Por muito pouco.

É o sussurro de um beijo, uma promessa de paixão. E ainda assim, quase derreto com o contato. Sua mão está segurando meu rosto, o polegar acariciando minha bochecha e então...

Nada.

Ele se afasta.

Quase engasgo, querendo agarrá-lo, puxá-lo para mais perto, pressionar meus lábios nos dele. E estou prestes a fazer exatamente isso quando de repente me lembro de uma época em que nossos papéis estavam invertidos. Quando era eu quem o provocava com toques.

Agora eu entendo exatamente o quão afetado Kai ficou pela falta do meu toque durante nosso desafio de arco e flecha e distração. A sensação de algo e depois nada é uma coisa cruel para se conceder a alguém, e ele me deixou queimando por causa disso.

A outra mão dele passou pela minha cintura sob sua jaqueta grande, e o calor da palma da mão através do meu espartilho é uma marca. Ele inclina a cabeça, me estudando com um pequeno sorriso.

Ele sabe exatamente o que está fazendo.

E ainda assim, ele está me tocando como se não quisesse apressar esse momento. Seu polegar encontrou meu lábio inferior, onde agora está arrastando preguiçosamente, acendendo um fogo dentro de mim.

— Você prometeu que eu poderia tocar em você quando estivesse sóbrio.

Minha respiração falha e o canto de seus lábios se contrai em resposta. Eu não esperava que ele dissesse isso. Eu nem esperava que ele se lembrasse da minha promessa precipitada do último baile.

Ele abaixa a cabeça, sua boca de repente se distanciando da minha mais uma vez. — Mas nunca fico sóbrio perto de você, Pae. Nunca deixei de ficar bêbado com cada detalhe que é você.

Estou sem palavras. Totalmente sem palavras que esse garoto pudesse sentir tanto.

Sinta tanto por *mim*.

— Se eu beijar você, beijar você de verdade, como eu queria, como esperei, devo esperar uma adaga na minha garganta? — Sua voz é áspera, seu olhar ganancioso.

E então eu estendo a mão lentamente e aperto a ponta do seu nariz.

Desta vez, paro um momento para memorizar o sorriso que ele me dá.

— Acho que você terá que me beijar para descobrir.

Capítulo Cinquenta e Três



Kai

ELA MEXEU NO MEU NARIZ. Eu nunca imaginei que um coração pudesse sentir tanto, pudesse ser tão afetado pelo movimento de um dedo.

— Acho que você terá que me beijar para descobrir.

Ah, e pretendo fazer exatamente isso.

Eu mal fui capaz de evitar querer abraçá-la.

Ela é tão linda que mal consigo acreditar, mal respiro. Sua alma é deslumbrante. Seu próprio ser é brilhante e ousado e inacreditavelmente melhor do que eu. Ela é um bem além do meu alcance, um bem que não sou digno de vislumbrar e muito menos de agarrar.

E, no entanto, aqui está ela, apesar disso. Me escolhendo.

É um privilégio olhar nesses olhos, se afogar na essência que é ela.

Porque tudo nela está muito certo e tudo em mim está muito errado. Mas sou egoísta. Eu pego o que quero, e o que eu quero pode me querer pelo menos uma vez.

Meu paletó ainda está pendurado em seus ombros, e a chuva escorre por seu rosto, por seus cabelos, grudando em seus longos cílios e pingando maquiagem. Gotas de água se juntam às sardas claras que cobrem seu nariz, todas as vinte e oito. O fluxo constante de chuva bate nos paralelepípedos aos nossos pés, nos encharcando até os ossos.

— Vou me arriscar, — murmuro enquanto meus dedos pegam seu queixo, inclinando seu rosto em direção ao meu. Sua boca está puxada em um sorriso suave que apenas aproxima meus lábios dos dela.

Ela não se afasta.

Talvez a fera consiga ganhar a bela, afinal.

Seus olhos se fecham por causa da chuva que ainda cai implacavelmente sobre nós, e acho que nunca testemunhei um momento mais lindo. — Minha linda Pae, o que você fez comigo? — Murmuro, meu nariz roçando o dela.

É assim que é realmente sentir?

Mais perto.

As faíscas entre nós são quase tangíveis, serpenteando pelo meu corpo e me chocando.

Mais perto.

Nossos lábios se roçam.

— Sua Alteza.

Eu paro.

Então suspiro contra seus lábios, fazendo-a estremecer.

Eu me afasto, apenas o suficiente para olhar entre os olhos dela e a boca que eu tinha toda a intenção de explorar preguiçosamente.

Eu nem reconheço o Imperial que se atreveu a me distrair dela. Meus olhos estão fixos em Paedyn, minha voz enganosamente calma quando digo: — Espero que valha a pena perder a língua por tudo o que você tem a dizer por nos interromper.

Vejo a mudança Imperial em pé com o canto do olho, igualmente desconfortável e preocupado. — Senhor, hum, você é, uh...

Parece que Paedyn quer esfaqueá-lo, e estou pensando em deixá-la fazer exatamente isso. Ainda não o considerando digno o suficiente para ser visto, falo com Pae enquanto digo ao Imperial: — Diga ao que veio antes que eu arranque você. Ou antes de deixar a senhorita fazer as honras.

Seus lábios se contraem e a ação me faz perder o controle, puxando seu rosto em direção ao meu, ignorando completamente o guarda boquiaberto.

— É o rei, — o Imperial deixa escapar, sem dúvida sabendo que não será capaz de chamar minha atenção novamente quando minha boca encontrar a dela. — É urgente.



Na verdade, não era urgente.

E estou, de fato, pensando seriamente em arrancar a língua daquele Imperial por causa disso.

Mesmo sabendo que a culpa não é dele, preciso descontar minha raiva em alguém, e esse não pode ser exatamente meu pai.

— Eu não preciso que você tome conta de mim, — suspiro, sem me preocupar em esconder meu aborrecimento.

— Então pare de agir como uma criança e talvez eu pare de tratá-lo como uma. — O olhar do meu pai é penetrante, prendendo-me no lugar. Memórias de quando eu era

menino voltam à tona, memórias daqueles olhos severos observando enquanto eu suportava teste após teste. Assistir enquanto ele me forçou a torturar alguém pela primeira vez, me forçou a lutar com ele.

Uma risada fria sobe pela minha garganta apenas para se perder no som da música e da conversa enchendo o salão de baile. — Isso é besteira.

— Não, é necessário. — Sua voz aumenta, fazendo com que os convidados se virem rapidamente na outra direção, evitando o temperamental rei. — O que é besteira é que meu povo acabou de assistir seu príncipe, seu futuro Executor, sair correndo da pista de dança atrás de uma favelada. — Ele cospe a palavra como se o gosto dela o enojasse.

— Com que rapidez você esqueceu que *os favelados* também são seu povo, pai. *Meu povo* — respondo, com os punhos cerrados ao lado do corpo, para não fazer algo de que me arrependerei.

Mas certamente não me arrependo de ter corrido atrás dela.

Ele me encara completamente, seu peito subindo e descendo de raiva, prometendo punição. Se eu fosse cinco anos mais novo e quinze centímetros mais baixo, esse olhar poderia ter me assustado. Mas não mais.

— Eu não vou ver você jogar fora o respeito do seu reino por uma garota. Para *aquela* garota — diz ele, em voz baixa e letal. — Vou encontrar para você um brinquedo diferente e bonito que não seja uma Mundana, se é isso que você precisa.

Mais uma vez, estou intrigado com o ódio claro dele por Paedyn e com o ódio claro dela por ele. Mas, sabendo que ele não responderá a essa pergunta, pergunto: — Então você enviou um dos meus Imperiais para me espionar? Mentir para seu príncipe e dizer que há algo *urgente*? — Minha voz cai e dou um passo em direção a ele. — Um homem inocente perderá a língua por causa da ordem que você deu a ele.

— O fato de você não achar que isso seja urgente me alarma. — As narinas do rei dilatam-se de uma forma que passei a associar ao castigo que se seguirá. — Achei que tivesse treinado você melhor do que isso, garoto. Talvez você precise de mais algumas *lições*. — Com isso, ele quase sorri. — Seus deveres são para com essas pessoas, seu reino. Você pertence aqui, faz parte desta dança, onde todos podem ver você. Veja o futuro deles. — Seus lábios se curvam em um sorriso de escárnio. — Não lá fora brincando com seu lindo *brinquedo novo*.

Eu o encaro, meu sangue começando a ferver. — O que você acha que poderia acontecer entre vocês dois, hmm? — A risada do pai é fria enquanto ele continua: — Quem sabe, você poderá ter o prazer de matá-la no próximo Prova.

Algo dentro de mim estala.

O poder surge em minhas veias enquanto todas as habilidades na sala me pressionam, me implorando para usar uma. Quando estou com raiva assim, é mais difícil manter o controle, mais difícil suprimir todo o poder que vibra dentro de mim. As palavras do rei ecoam na minha cabeça, zombando de mim, fazendo com que eu me sinta fraco por ter deixado meu controle escapar.

“Achei que tivesse treinado você melhor do que isso, garoto. Talvez você precise de mais algumas lições.”

Uma mão forte cai sobre meu ombro. — Calma, irmão, — Kitt murmura baixinho antes de se colocar entre meu pai e eu. Seu sorriso parece aliviar a tensão como sempre faz. Esta não é a primeira briga que ele rompe entre nós.

Kitt cruza as mãos na frente do corpo casualmente, como se não tivesse acabado de ver meu pai e eu quase prestes a nos despedaçar. — Desculpa por interromper. Pai, parece que você precisa de uma bebida. E talvez uma ou duas danças com a mãe.

O sorriso que ele lhe dá é o mesmo que ele oferece desde que éramos crianças. O sorriso que clama para ser chamado de digno aos olhos do nosso pai. O sorriso que ele estampa, na esperança de deixar o rei orgulhoso dele. Na esperança de corresponder às altas expectativas e caber nos sapatos gigantes que ele deve ocupar.

Ele sempre desejou a aprovação e a atenção do rei. Kitt adora ser amado, e até ele sente falta disso quando se trata de nosso próprio pai, apesar do relacionamento muito melhor que eles têm. Então, ele fará o que for preciso para conquistá-lo.

E não o culpo por isso. Talvez se eu não tivesse crescido com um pai que me torturou como treinamento, eu o amaria o suficiente para querer que ele me amasse de volta. Mas Kitt cresceu com uma versão diferente do rei, que instruía e ensinava com uma mesa de papelada esticada entre eles, em vez de uma lâmina afiada. Alguém que lhe ensinou os costumes de um rei, em vez dos métodos de tortura. Alguém que moldou Kitt em um homem em vez de um monstro.

Kitt coloca uma mão encorajadora no braço do pai, incentivando-o a pegar as bebidas e as sobremesas. Ambos me lançam um último olhar, um deles gentil e o outro exatamente o oposto.

Felizmente, nunca fui de desejar o amor. Principalmente o dos nossos pais. Desisti disso no dia em que sua lâmina encontrou minha pele pela primeira vez.

Examino a sala em busca de Paedyn, já sabendo que não a encontrarei. Ela provavelmente foi levada para seus aposentos para dormir cedo, por ordem do rei. Quase rio de suas fracas tentativas de me manter longe dela.

Se eu não consigo me manter longe, ela não consegue de jeito nenhum.

Capítulo Cinquenta e Quatro



Kai

O BOWL ESTÁ LOTADO de gente.

Podíamos ouvir seus gritos e passos vindos do castelo enquanto caminhávamos pelo caminho arborizado em direção à nossa Prova final.

Pela terceira vez, enfrentamos o que poderá ser o nosso último dia.

Pelo menos nesta Prova, não fomos drogados antes de sermos arrastados primeiro para um local aleatório. Acordei com uma batida na minha porta seguida por um bilhete colocado embaixo dela, informando que a Prova final será realizada no Bowl.

Isso não me deu tempo nem para falar com Paedyn, muito menos pensar nela antes de ser escoltado silenciosamente para fora do castelo.

Desta vez temos um público ao vivo, e eles rugem quando entramos na grande arena. Os Imperiais pressionam por todos os lados, nos levando até a amurada com vista para o Fosso, vários metros abaixo. Ouço uma inspiração coletiva de meus colegas competidores, nossos olhares fixos no que está abaixo de nós.

É um labirinto.

Todo o fundo arenoso do Poço é coberto por fileiras de sebes e plantas entrelaçadas. As paredes são densas e altas, preenchendo todo o fundo da arena oval.

É enorme.

Somos conduzidos pelos largos degraus que descem em direção ao labirinto. Sou o último da fila de competidores e, quando meus pés afundam levemente na areia, paramos.

— Bem-vindos, jovens Elites, a sua Prova final.

Volto minha atenção para a confortável caixa de vidro na parte inferior das arquibancadas, decorada com seus três assentos almofadados. Kitt está sentado à direita, seus olhos examinando o labirinto antes de pousarem em mim. Vejo sua cabeça inclinar ligeiramente, me desejando silenciosamente boa sorte. Depois de acenar lentamente para

ele, meus olhos deslizam para onde mamãe parece elegante como sempre, com as pernas cruzadas e o rosto relaxado enquanto observa o marido parado na beirada da grade, olhando para nós enquanto fala.

— Embora todos vocês tenham chegado até aqui — continua o pai, Tealah projetando a voz ao lado dele com uma mão gentil em seu ombro, — só pode haver um vencedor.

A multidão aplaude, o som parece um grito de guerra com o qual estou familiarizado.

— Sua última Prova está espalhada diante de você. Um labirinto. — A diversão fria contorce seu rosto. — Embora nada seja tão simples quanto parece.

Então o labirinto muda.

Percebo o movimento com o canto do olho e viro minha cabeça em direção a ele, observando enquanto as paredes de folhagem se dobram e se reformam. As sebes se torcem em novas direções, alterando os caminhos e criando novos.

Florescedores.

Eu os vejo agora, dezenas de figuras paradas nas bordas do labirinto, com os braços estendidos. Eles criaram esta Provação para nós e agora a controlam.

— Para vencer esta Prova, aumentando assim suas chances de vencer todas as Provas de Purificação, você deve ser o primeiro competidor a chegar ao centro do labirinto em movimento. — O rei faz uma pausa. — Mas isso não é tudo.

Sempre há um porem.

— Você não só precisa ser o primeiro competidor a chegar ao meio, mas também deve matar a pessoa que espera por você lá.

Murmúrios percorrem a multidão, mas a voz retumbante do Pai os corta facilmente.

— A pessoa ali merece esse castigo. Eles cometeram crimes contra o reino e pagarão por eles com a vida.

Não estou surpreso. Dessa forma, o rei garantirá pelo menos uma morte para entreter o povo durante esta Prova. Eu mentalmente vasculho cada prisioneiro que sei que está apodrecendo em nossas masmorras, me perguntando qual alma triste encontrará seu fim hoje.

— Que todos vocês tragam honra ao seu reino, à sua família e a si mesmo.

A multidão ecoa as palavras do rei enquanto um Imperial conduz cada um de nós para uma abertura separada do labirinto. Meus olhos percorrem The Pit, examinando os Imperiais e os competidores que eles estão escoltando.

E então eu a vejo.

Cabelo prateado preso, balançando a cada passo. Vinte e oito sardas pontilhando seu nariz, embora eu não consiga contá-las daqui. Lábios que ainda não experimentei de verdade se pressionando e olhos oceânicos colidindo com os meus.

Eu dou algo a ela então: um sorriso. Um que é destinado apenas a ela.

Não há nada que eu possa dizer a ela, não há tempo para provocá-la com palavras provocantes, nem que seja apenas para garantir que ela permanecerá viva o tempo suficiente para me dar um soco na cara quando tudo isso acabar.

Então eu não digo nada.

Eu levanto minha mão e não movimento nada além do ar à minha frente enquanto mantenho seu olhar.

Pragas, o sorriso brilhante que ela me dá é lindo.

Ela levanta a mão, sacode o ar e...

E então ela se foi.

Capítulo Cinquenta e Cinco



Paedyn

HOJE É O DIA. Na verdade, hoje pode ser meu último dia.

O Imperial me guia até uma abertura perto do outro lado do labirinto, me deixando ali olhando para as imponentes paredes de folhagem que me desafiam a entrar. Me desafiando a me perder em suas reviravoltas.

Apenas sobreviva hoje. Isso é tudo que você precisa fazer.

O som de galhos quebrando e sebes retorcidas vindo do labirinto me diz que os caminhos estão mudando novamente. O labirinto está se movendo.

Um movimento à minha esquerda faz com que minha cabeça gire em direção a uma jovem, olhos brilhantes e sem piscar enquanto ela me encara com a mão levantada acima de nós, projetando o que espero ser uma expressão sem emoção em uma das telas gigantes para que todos possam ver. Deve haver dezenas deles nos esperando pacientemente no labirinto, prontos para transmitir o derramamento de sangue.

Mantenho meu rosto inexpressivo enquanto volto para a abertura do labirinto à minha frente, embora esteja inquieto para correr para dentro e acabar logo com isso.

Tudo vai mudar depois de hoje.

— Que comece o Prova final.

Mal ouço as palavras do rei ecoarem pela arena antes que os gritos da multidão enlouquecida as abafem. Pisco para afastar meus pensamentos, piscando para a abertura diante de mim e para as paredes que me aguardam.

E então estou correndo.

Assim que entro no labirinto, sou sufocada pelo manto de sombras. Está escuro e úmido, mas não diminuo o ritmo. Corro pelo caminho de plantas e muros cercados, derrapando até parar quando me deparo com minha primeira decisão.

Esquerda ou direita.

Não tenho tempo para refletir sobre minhas opções, então viro para a esquerda e imediatamente me deparo com a mesma decisão.

Certo.

Eu corro e corro e...

Fim da linha.

Volto atrás, virando à esquerda em vez de à direita e acelero o passo, apesar da minha leve respiração ofegante. Caio em uma rotina de suposições aleatórias, refazendo meus passos e xingando. Muitas e muitas maldições.

— Droga! — Não estou gritando com nada além do sexto beco sem saída que tive o prazer de tropeçar. Eu giro nos calcanhares e volto por onde vim, mal olhando para a Observadora que acabou de testemunhar e registrar minha pequena explosão. Eu bufo, me sentindo entorpecida neste labirinto úmido. Os gritos da multidão lá fora são abafados pelas camadas de folhagem espessa que me separam deles.

Está estranhamente silencioso aqui, nada além do som dos meus pés batendo, do coração batendo forte e da respiração ofegante preenchendo o silêncio.

E então o labirinto muda.

O caminho em que estou se estreita, as sebes de cada lado de mim pressionam.

Estou prestes a ser esmagada.

Esse é o meu pesadelo. Meu pesadelo claustrofóbico mais aterrorizante.

Corro até o fim do caminho, onde outro me espera, um que não se move e que não vai me esmagar se eu chegar a tempo. Meus pulmões estão queimando, meus pés se mexendo na areia a cada passo tropeçado.

Galhos, folhas e vegetação espessa roçam meus ombros de ambos os lados, ameaçando me engolir enquanto continuam se aproximando. Mas continuo correndo em direção à minha salvação, em direção ao caminho que me espera a poucos metros de distância.

Galhos e espinhos que eu não tinha visto antes agora rasgam a pele exposta dos meus braços, implacavelmente enquanto as paredes continuam a me empurrar. Mais um pouco e ficarei presa entre folhagens, espetado por galhos e espinhos.

Morta. Estarei morta se não sair. *Agora.*

Eu mergulho.

Atinjo com força o caminho livre, rolando para amortecer a queda.

E é aí que a dor irrompe pela minha perna.

Deitada de lado, com o peito arfando, sigo a sensação de ardor até meu pé esquerdo – aquele preso entre as duas sebes que agora se moldaram.

Um grito estrangulado escapa dos meus lábios e coloco a mão na boca para abafá-lo. Sangue vermelho e quente escorre pela minha perna, pingando na areia abaixo dela. Me sento, tentando acalmar minha respiração enquanto estico as mãos trêmulas em direção ao tornozelo que mal está coberto pela minha bota agora rasgada.

Eu me inclino para frente e agarro o emaranhado de galhos entrelaçados, folhas e espinhos que prendem minha perna. Depois de mal conseguir quebrar um galho, nunca desejei tanto minha adaga quanto neste momento.

Este labirinto é obra de Florescedores, obra de Elites. O poder preenche a folhagem criando essas paredes, entrelaçadas com galhos, folhas e espinhos para torná-los mais grossos, mais fortes e mais mortais.

Eu engulo o ar, me forçando a ignorar a dor intensa no meu pé. Minhas mãos apertam minha panturrilha. Eu respiro trêmula. E então eu puxo.

É como fogo. A dor é tão quente, tão lancinante. Mordo a língua até sentir gosto de sangue, observando enquanto puxo cada vez mais meu pé à vista enquanto, ao mesmo tempo, tiro a bota arruinada do meu pé. Paro, ofegante e aliviando a dor.

Sem minha bota para proteger meu pé dos espinhos e galhos pontiagudos, é uma massa mutilada de carne dilacerada. Bem, a parte que posso ver, é isso. A outra metade do meu pé ainda está engolida pelas sebes agora fundidas, se recusando a me libertar.

Engulo meu grito de dor quando puxo meu pé novamente. Mais carne rasgada aparece, sangrenta e parecendo fitas vermelhas percorrendo profundamente minha pele. Mas com um último puxão seguido de um último grito, meu pé se liberta.

Caio de costas, com falta de ar e de dor. Pisco para o céu, me permitindo mais um momento para respirar antes de me sentar e arrancar um pedaço inferior da minha regata. O tecido cor de vinho se mistura com o sangue que escorre do meu ferimento enquanto eu o enrolo no pé o melhor que posso.

Adena ficaria fascinada e enojada com a combinação perfeita das cores.

Eu saio do chão e fico de pé cambaleando.

Dor. Dor aguda e uma série de maldições.

Eu manco para frente, tentando ignorar a dor latejante do meu pé que está subindo pela minha perna. Mas posso andar, provando que a lesão poderia ter sido muito, muito pior.

O suor gruda em mim, encharcando a regata que agora está perigosamente rasgada, exibindo um bom pedaço de pele antes que a faixa da minha calça envolva meu umbigo. E apesar da brisa úmida e fresca soprando pelas cercas do labirinto, estou desconfortavelmente quente e pegajoso.

Prossigo, desequilibrada pela dor e pela falta dos dois sapatos. A escuridão se aprofunda à medida que me aprofundo no que espero ser o centro do labirinto e no que me espera lá.

E se eu chegar lá primeiro, terei a vida de alguém em minhas mãos.

Esquerda. Direita. Esquerda. Esquerda. Fim da linha. Direita. Esquerda. Fim da linha.

Minha claustrofobia me faz sentir como se as cercas vivas estivessem me pressionando...

Eu desacelero até parar. Eles *estão* me pressionando.

Em pânico, giro a cabeça em todas as direções, tentando encontrar um caminho que não tente me engolir inteiro. Sem sorte. Eu me forço a uma espécie de corrida cambaleante, derrapando em caminhos aleatórios e descobrindo que todos estão mudando.

Isso não pode estar certo.

O rei não jogaria os competidores neste labirinto apenas para nos esmagar por diversão, certo? Não era divertido ver-nos esmagar um ao outro?

Faço uma pausa e me permito ofegar, entrar em pânico. Se o rei pretende me arrasar com sebes, então não há nada que eu possa fazer a respeito. Então, paro e olho para as paredes verdes se aproximando de cada lado de mim.

Então fecho os olhos, me preparando.

Parece que haverá uma Ordinária a menos com que se preocupar.

Galhos roçam meus ombros e eu fico tensa, preparado de repente e tristemente para cumprimentar a Morte.

Vejo você em breve, pai.

Nada.

Abro um olho e descubro que estou diante de uma parede de vegetação. Eu pisco. As sebes já não se movem. Eu giro, um galho prendendo o tecido da minha regata com o movimento.

O caminho agora é apenas um pouco mais largo que a largura dos meus ombros.

Cambaleio até o final e entro em outro, achando-o igualmente apertado. Engulo em seco, fazendo uma curva fechada à esquerda por um caminho igualmente estreito.

Quão cruel e astuto é o rei. Quase quero aplaudi-lo por este jogo terrível. Eu tinha razão. A diversão dos Desafios é nos ver acabando uns aos outros. E ele apenas preparou o cenário para o show.

Um grito corta o silêncio, soando por um momento antes de ser silenciado no próximo, enviando um arrepio pela minha espinha.

Mais uma vez, estamos sendo forçados a lutar. E só há espaço suficiente nesses caminhos para a passagem de um corpo.

Respiro estremecendo, sentindo a claustrofobia pressionando como as paredes roçando meus ombros.

Apenas um competidor pode caber nesses caminhos por vez. Então, se eu encontrar um...

— Graças à Praga — a voz atrás de mim está pingando veneno, — eu estava preocupado em não conseguir matar você antes que essas Provações terminassem.

Capítulo Cinquenta e Seis



Kai

DIREITA.

Direita.

Esquerda.

Fim da linha.

Merda.

Inclino minha cabeça em direção ao céu nublado muito acima de nós, parecendo ainda mais escuro dentro deste labirinto escuro. Respirando fundo, me viro e corro de volta por onde vim, escolhendo seguir para a direita desta vez.

Errado.

Outro beco sem saída está me tentando a enfiar o punho nele, embora eu saiba que isso só me causará mais danos do que as plantas.

Aumentei o ritmo e passei por um Observador, ignorando-o e seu olhar perturbador. Estou de mau humor. Não é exatamente surpreendente, considerando que estive correndo por um labirinto no calor, encontrando apenas becos sem saída e enlouquecendo.

Além de evitar ser esmagado por paredes em movimento e encontrar algumas dezenas de cobras rastejando por baixo delas, tenho me mantido relativamente ocupado com a corrida constante. Não tenho noção do tempo aqui, mas com meu coração batendo rapidamente e minha respiração irregular, sei que já estou nisso há algum tempo.

A areia se move sob meus pés e então as sebes mudam ao meu lado.

Ouçõ os gritos abafados de excitação da multidão enquanto o labirinto começa a se reorganizar novamente, então saio do caminho e entro em outro que também está diminuindo com a mesma rapidez. Virando à direita, só me deparo com mais sebes de fechamento.

Eu giro, meus olhos procurando. Para onde quer que olhe, parece haver promessa de morte por plantas. Uma maneira lamentável de morrer. Fico no caminho, observando as paredes se fecharem sobre mim. Nunca me senti tão impotente, tão incapaz de fazer qualquer coisa para impedir esta desgraça iminente.

E então as paredes param.

Meus ombros pressionam as duas sebes que agora ameaçam me esmagar. Dou um passo à frente, os braços raspando nas paredes de folhagem muito apertadas de cada lado.

Uma risada amarga me escapa, o som engolido pelas paredes grossas.

Inteligente, pai.

Suspiro, avançando pelo labirinto, sabendo que se eu encontrar outro competidor, só há uma maneira de contorná-lo.

Esquerda.

Direita.

Direita.

Jaguar.

Eu pisco.

Não era isso que eu esperava.

A onça pisca de volta, sua pelagem da cor de vinho profundo, seus olhos da cor de mel doce.

— Olá, Andy.

Ela inclina a cabeça para o lado, seus maneirismos espelhando os de um gato brincando com um rato. E isso me preocupa. Não sei há quanto tempo ela está em sua forma animal, mas posso ver que já faz tempo suficiente para ela se perder nela.

A habilidade de Andy é tão perigosa para os outros quanto para ela mesma. Quanto mais tempo ela permanece transformada, mais difícil é manter a cabeça. Esta é a razão exata pela qual ela treinou tanto com sua habilidade, e a razão exata pela qual eu não a uso com muita frequência. Quando éramos crianças, ela ficava em sua forma animal por dias seguidos, incapaz de voltar atrás, até finalmente acordar como humana novamente, sem nenhuma lembrança do que havia acontecido.

Com o passar dos anos, ela aprendeu a controlá-la, aprendeu a permanecer em seu juízo perfeito mesmo estando em um corpo diferente. Mas com toda a adrenalina percorrendo sua forma de jaguar, seu controle parece estar diminuindo. É exatamente por isso que ela está me olhando como se eu fosse um pedaço de carne.

— Calma, Andy. — Levanto minhas mãos lentamente no ar, dando um passo para trás.

Ela dá um passo à frente. Não, ela *ronda* para frente.

Merda.

Esse caminho é tão apertado que não há como ela conseguir me deixar ir, mesmo que queira. Não que haja algo de pacífico no modo como ela olha para mim, no modo como está agachada na areia.

Eu não quero machucá-la, mas, inferno, ela quer me machucar. Ela está me olhando como um predador faria, prometendo à sua presa uma morte dolorosa.

Procuro uma habilidade próxima, como fiz várias vezes desde que entrei neste labirinto. Pragas sabe que tentei agarrar o poder dos Florescedores para poder destruir essas paredes e caminhar direto para o centro do labirinto. E isso é exatamente o que eu faria se eles não estivessem tão deliberadamente fora do meu alcance.

A vibração da habilidade de Andy é avassaladora, a única próxima o suficiente para sentir...

Espere.

Há uma leve cócega em minhas veias, a sensação de um poder se aproximando. Eu me agarro a isso e...

Andy ataca.

Garras estendidas em direção à minha garganta, dentes afiados à mostra, uma gota cor de vinho brilhando em minha direção.

E então estou atrás dela.

Andy cai na areia onde pretendia bater em mim. Ela solta um rugido de frustração e mal consegue girar no caminho estreito. Só a agilidade de um gato poderia se dobrar para me encarar com tão pouco espaço.

Com outro rugido, ela se lança sobre mim novamente. E com outra habilidade de Teletransporte de Jax, estou atrás dela. De novo. Ela segue o mesmo padrão de girar para tentar cravar os dentes em mim novamente.

E então o poder de Jax correndo pelas minhas veias vacila, tremula.

Não não...

E então falha.

Ele está muito longe de mim agora, perdido no labirinto e levando consigo sua habilidade.

Bem, isso não me deixa escolher.

Com apenas uma habilidade disponível para mim, finalmente aproveito-a.

Eu me transformo.

Pragas, esqueci o quanto odiava isso. Há um flash de luz antes que meus ossos comecem a se mover, os músculos se esticando, cada parte do meu corpo dolorosamente consciente de cada mudança. Estou perto do chão, corpo elegante e forte e coberto com uma pelagem brilhante. Sinto meus caninos alongados, afiados em pontas mortais. Minha visão fica mais nítida com eles, se estreitando- no jaguar menor diante de mim.

Mantenha sua consciência. Mantenha sua consciência. Mantenha sua consciência.

Com o pouco treinamento que tive em comparação com Andy, é muito mais fácil para mim perder a cabeça por causa do animal que acabei de me tornar. Então, quanto mais rápido essa luta terminar, melhor.

Andy parece apenas um pouco surpresa por eu ter passado de humana a onça, combinando com ela, espelhando-a. Mas ela se recupera rapidamente, e o golpe repentino de suas garras me atinge na lateral do rosto. Ela ataca para cima, quase errando meu olho.

Eu grunho de dor. Não, *rosno* de dor.

Eu salto em direção a ela, cortando com minhas próprias garras afiadas. Eu bato em seu peito e ela solta um grito de dor antes de pular em cima de mim.

Esta pode ser a luta mais estranha em que já participei. E isso quer dizer muito.

E ainda assim, parece tão natural neste corpo. Minhas garras e caninos sabem exatamente o que fazer enquanto eu a golpeo. O sangue vermelho se mistura com seu pelo cor de vinho enquanto rolamos um sobre o outro, rosnando e cortando a carne um do outro em qualquer lugar que pudermos.

Estamos literalmente lutando como animais raivosos.

Deixei o instinto assumir o controle, me deixo explorar um pouco mais aquele lado animal.

Mantenha sua consciência. Mantenha sua consciência. Mantenha sua consciência.

Ela está em cima de mim e meus dentes estalam, encontrando a pele macia de seu pescoço. Ela grita e eu a jogo de cima de mim, observando enquanto ela cai na areia e bate em uma cerca viva. Eu me esgueiro em direção a ela, patas caminhando silenciosamente enquanto me aproximo da minha presa.

Não. Não é minha morte. Minha família. Andy.

Ela está tentando se levantar, tentando me cortar com suas garras e dentes enquanto me aproximo. Eu me agacho sobre ela, essa pequena onça que ousou me desafiar. Meus dentes estão à mostra e um rosnado cresce em minha garganta.

Eu sou Kai Azer, príncipe e futuro Executor de Ilya. Eu sou Kai Azer, príncipe e fu...

Dor.

Dentes irregulares estão presos em volta do meu ombro, rasgando carne e pelo. Eu rujo e levanto meu braço ileso, pronto para terminar com um golpe.

Um flash de luz cega momentaneamente meus olhos aguçados e eu cambaleio para trás, atordoado ao voltar aos meus sentidos.

Eu estava prestes a matá-la.

Eu preciso me transportar de volta. Agora.

Piscando, olho para onde Andy deveria estar deitada embaixo de mim. Mas não há nada lá. Uma sombra repentina surge acima, atraindo minha atenção para o céu. Bem, onde estaria o céu se eu pudesse vê-lo.

As vinhas e a folhagem espessa criaram uma barreira no topo do labirinto, uma cúpula de vegetação que nos envolve completamente. Ouço o farfalhar das penas e o brilho das asas vermelho-vinho batendo contra o teto espesso.

Ela se transformou em um falcão, tentando desesperadamente voar por cima deste labirinto, sem sorte. Um esforço valente, mas que os Florescedores não podem permitir.

Andy grita, tentando agarrar os galhos que a prendem nesta gaiola. Então ela mergulha de volta na areia, me cegando com uma luz piscante. Pisco e ela está de volta à sua forma de onça, sem me dar uma segunda olhada antes de sair mancando.

Não perco mais um segundo antes de me transformar. Minhas roupas ainda estão intactas, só encharcadas de sangue. Estou coberto de cortes profundos, o que está no meu rosto ardendo enquanto o sangue escorre pelo meu olho. Mas é a marca da mordida que chama minha atenção. É profunda e pinga sangue, o contorno de uma série de dentes afiados impressos na pele do meu ombro.

E dói como o inferno.

Arranco uma tira de tecido da bainha da camisa e enrolo no ferimento, tentando estancar o fluxo constante de sangue. Meus ossos parecem doer enquanto saio novamente pelo labirinto, depois de ter perdido muito tempo arranhando meu primo.

Direita.

Esquerda.

Esquerda.

Gritos.

Eu paro.

Outro grito.

Direita.

Esquerda.

Direita.

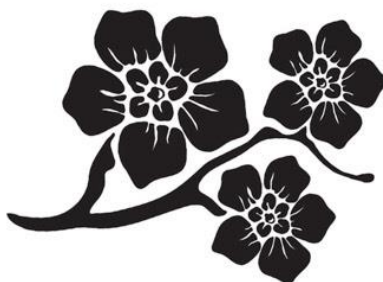
Paro, de repente.

O mais leve formigamento de bolhas de poder em minhas veias. Eu me concentro nisso, desejando que fique mais forte. Isso acontece. E não hesito em agarrá-lo.

Um sorriso divide meu rosto ensanguentado.

Parece que um Florescedor chegou perto demais.

Capítulo Cinquenta e Sete



Paedyn

— NÃO SE PREOCUPE, farei isso rápido. Infelizmente, não tenho tempo suficiente para brincar com você.

Giro lentamente no caminho estreito, encarando a dona daquela voz fria e olhos castanhos ainda mais frios.

— Blair, — eu digo rigidamente.

Ela dá um passo em minha direção com um sorriso torcendo os lábios. — Olá, Paedyn.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Eu pergunto friamente. — Você já esqueceu o que eu fiz com seu nariz na última vez que brigamos?

— Não, — ela praticamente rosna, — eu não esqueci.

Dou um passo para trás, os galhos arranhando meus braços, os pés protestando de dor. Abro a boca para fazer outro comentário para ganhar mais tempo, mas não sai nada. Na verdade, o ar não está entrando.

E então meus pés saem do chão.

Estou ofegante, arranhando meu pescoço, embora saiba que não há uma mão apertando minha traqueia. Não, isto é obra de nada mais do que a mente distorcida de Blair. Seu movimento característico. Estou pendurado no ar, a vários metros do chão, sufocado.

— Só porque vou fazer isso rápido, não significa que não será doloroso. — Ela me faz beicinho. — Desculpe, Paedyn. Nem sempre conseguimos o que queremos, não é?

Minha visão fica embaçada, tornando difícil ver a mão estendida em minha direção ou o sorriso malicioso curvando seus lábios. Mal consigo respirar. Apesar de sua promessa de fazer isso rápido, ela está prolongando isso.

Pense. Pense.

Preciso chegar perto o suficiente dela para acertar um golpe. Nossa luta depois do baile me ensinou tudo o que preciso saber sobre a falta de luta física dela. Se eu puder chegar perto...

Se eu puder apenas *respirar*.

— Você saberia muito sobre não conseguir o que deseja. — Minha voz é um grasnido, uma desculpa lamentável para parecer passiva. Apenas usar o ar limitado que tenho para falar essas palavras faz minha cabeça girar, me faz rezar para que ela morda a isca.

Seu aperto afrouxa. Por muito pouco.

Há uma pergunta em seus olhos, uma pergunta que pretendo responder.

— Kai. — Seu nome sai da minha boca, sem fôlego.

O olhar de Blair é mais penetrante do que minha adaga que eu gostaria desesperadamente de ter agora. — Os príncipes — continuo com uma tosse. — Kai e Kitt, ambos. Você não pode ter nenhum deles. — Faço uma pausa antes de dizer: — Porque eles não querem você.

Eu bato no chão.

O pouco ar que eu tinha sai de mim. Fico ofegante, com o rosto meio enterrado na areia.

Levante.

Eu levanto minha cabeça e empurro os braços trêmulos debaixo de mim, lentamente ficando de pé. E, alarmantemente, Blair me permite. Um ataque de tosse me escapa quando meus olhos encontram os dela.

Eu mantenho seu olhar, agora ardendo de raiva.

É isso. Fique brava o suficiente para me machucar com suas próprias mãos.

— Diga, como é? Ser rejeitado repetidas vezes e...

Eu nem tenho a chance de terminar a frase antes de ser jogada no ar e cair de volta na areia. Tossindo e recuperando o fôlego, começo a rolar de costas.

Uma dor cegante atinge minhas costelas.

Eu me enrolo, minha única defesa contra a bota dura que atinge meu estômago. Abro um olho, avistando o rosto lívido de Blair acima de mim, contorcido de raiva.

“Nunca se esqueça de que sua inteligência é uma arma a ser manejada, desde que sua mente seja tão afiada quanto sua lâmina.”

Eu sorrio apesar da dor.

Eu a tenho exatamente onde eu quero.

Seu pé atinge meu estômago novamente e, desta vez, eu o seguro. Ouço seu suspiro de surpresa quando o torço terrivelmente antes de puxá-lo para mim, fazendo-a cair no chão.

Eu a deixei sem fôlego, algo que sei que ela não está acostumada a sentir, não quando ela sempre teve o poder de se esconder atrás. Estou rastejando em cima dela em um instante, prendendo seus braços sob meus joelhos. Ela rosna para mim, seu olhar cheio de raiva gutural.

Eu sei que só tenho tempo para um golpe antes que ela se recupere e me confunda com sua mente. Então eu faço esse acerto contar.

Deslizo o anel do meu pai em meu dedo médio e mando um forte gancho de direita em sua têmpora, acertando aquele ponto sensível em sua cabeça com muita sensibilidade.

E assim, ela está desmaiada.

Mas não por muito tempo. Ela acordará nos próximos minutos e, até lá, estarei perdido no labirinto e, com sorte, bem longe. Porquê da próxima vez que nos encontrarmos, tenho a sensação de que ela vai esmagar meu coração assim que a vir.

Eu tropeço e fico de pé, com o corpo doendo. Cada centímetro de mim grita em protesto, cambaleia a cada passo. Mas eu me forço a seguir em frente, me forço a ganhar velocidade.

Estou perdido na loucura do labirinto novamente, questionando cada caminho que tomo, me perguntando se o outro teria levado à minha vitória.

Esquerda ou direita?

Esquerda. Definitivamente não.

Definitivamente não, visto que é um beco sem saída.

A cada poucos minutos ouço um grito de dor ou sons de luta se misturando com os gritos da multidão muito além destas paredes. Imagens aparecem nos caminhos, me assustando tanto que quase soco metade delas. Mas assim que me veem chegando, eles saem do meu caminho o melhor que podem. Sinto pena deles, sinto muito que as coisas que testemunharam tenham ficado permanentemente gravadas em seus cérebros.

O labirinto se reorganiza pela enésima vez, me forçando a sair do meu caminho final e entrar em um novo.

Eu quero gritar.

Viro à direita por um caminho aleatoriamente antes de derrapar e parar.

Ali, no final deste caminho estreito, há um círculo aberto e arenoso.

O Centro.

A vitória.

Minha vitória.

Capítulo Cinquenta e Oito



Kai

A PRÓPRIA TERRA está sob meu controle. Pode-se dizer que tenho o mundo na palma da minha mão, embora seja uma interpretação muito dramática do meu poder. Bem, o poder que estou pegando emprestado.

A parede do labirinto diante de mim desaba. As vinhas e a folhagem que constituem a sebe se afundam novamente no solo, deslizando para baixo da areia. Corro para frente, usando o poder do Florescedor para derrubar paredes ou parti-las ao meio.

Estou destruindo cada pedaço do labirinto perto de mim, desfazendo trepadeiras e galhos.

Eu crio um caminho claro e amplo enquanto espero estar correndo na direção certa. E eu não desacelero. As sebes derretem para que eu possa correr enquanto outras deslizam de volta para a terra de onde brotaram.

Os gritos da multidão se amplificam a cada parede que derrubo. O som do meu nome ecoa pela plateia, mas eu o ignoro, concentrando-me na minha habilidade.

Se concentrando- na habilidade que está oscilando.

O poder dentro de mim diminui.

Os Florescedores finalmente descobriram o que estou fazendo e sem dúvida estão fugindo do labirinto, tentando sair do meu alcance.

Eu dividi uma parede na minha frente, criando um caminho para eu correr. Ela cresce e cresce e então...

Para.

A habilidade vaza dos meus ossos, me deixando impotente e segurando inutilmente a mão estendida na cerca viva. Abro caminho pelo buraco que criei, espinhos e galhos me arranhando.

Ouçõ o labirinto se reconstruindo atrás de mim enquanto os Florescedores tentam consertar o dano que causei. Mas é muito tarde.

Já cheguei ao centro.

Entro no círculo aberto, preenchido apenas com areia e as duas figuras dentro dele. A primeira veio de um caminho no labirinto oposto ao meu, e o flash prateado brilhando na luz me diz exatamente quem é.

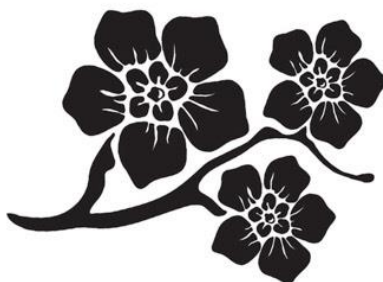
Paedyn está mancando. Todo o seu corpo parece se arrastar mesmo quando ela o empurra para correr. Sua perna e corpo estão ensanguentados e machucados.

Eu vou em frente.

Mas o olhar dela nunca encontra o meu. Não, aqueles olhos azuis estão fixos na figura no centro do círculo. Os passos de Paedyn vacilam, se atrapalhando como se ela estivesse de volta ao meu quarto, onde eu a ensinei a dançar.

E então ela corre em direção ao criminoso que está destinado a morrer.

Capítulo Cinquenta e Nove



Paedyn

DE REPENTE, NÃO CONSIGO RESPIRAR DE NOVO e me pergunto vagamente se Blair voltou, espremendo o ar dos meus pulmões com seu aperto invisível.

Eu balanço no mesmo lugar, os pés afundando na areia abaixo de mim, na borda do círculo.

Estou vendo coisas. Devo estar vendo coisas.

Eu cambaleio para frente, tropeçando e correndo. Eu me forço a ir mais rápido, ignorando o protesto de dor subindo pelo meu pé.

— Adena?

Isso não pode estar certo. Isso não pode estar acontecendo.

Sua bela forma está quebrada e sangrando. Seus joelhos afundam na areia e suas mãos estão firmemente amarradas atrás das costas. Lágrimas escorrem por sua pele outrora brilhante e escura, agora opaca e encharcada de sangue.

Um soluço trêmulo escapa dela, e meu coração ameaça falhar com o som. Nunca ouvi Adena chorar. Mesmo depois de perder os pais, como eu, depois de apanhar por tentar roubar aqueles pães pegajosos que ela tanto ama, depois de tremer nas ruas, nada jamais a quebrou. Nada jamais apagou a luz que é *ela*.

Ela é *minha* luz.

Estou cambaleando em sua direção, entorpecido e enjoado ao mesmo tempo.

Isso não está certo. Isso não pode estar certo...

— Paedyn! — Sua voz falha e acho que meu coração faz o mesmo. Ela luta para ficar de pé, tentando caminhar em minha direção mesmo com os pés amarrados. O pânico envolve suas próximas palavras, rápidas e frenéticas. — Pae, sinto muito. Eu...

O tempo parece parar.

A cena parece desacelerar, desenrolando-se de forma tão vívida, tão violenta.

E sei neste momento que verei isso toda vez que fechar os olhos.

Basta um galho brutalmente rombudo.

Um único galho quebrado para quebrá-la.

A madeira retorcida voa, guiada por uma força invisível antes de encontrar suas costas, espetando-a direto no peito. O grito não conseguia nem sair da minha garganta rápido o suficiente.

— Adena!

Ela balança, piscando para o galho ensanguentado que se projeta de seu peito. Então seu olhar sobe lentamente até o meu enquanto eu tropeço em uma corrida, lágrimas turvando minha visão.

O som de gritos enche meus ouvidos.

Acho que pode estar vindo de mim.

Ela desmorona.

E quando ela o faz, avisto o sorriso malicioso e o cabelo lilás do outro lado do círculo, com a mão estendida. A mão que guiou e concedeu o dom da morte, usando nada além de sua mente para atingir o alvo.

— Não! — Meu grito é cru, rasgando minha garganta.

Alcanço Adena antes que ela caia no chão, pegando-a em meus braços enquanto a desço suavemente na areia. Estou embalando sua cabeça enquanto seu corpo ensanguentado está em meu colo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Gritos estão subindo pela minha garganta.

Sua pele está pegajosa de suor enquanto eu afasto os cachos escuros de seu rosto, alisando a franja irregular de seus olhos que ela me fez cortar no Forte com mãos instáveis. Aqueles grandes olhos castanhos estão olhando para os meus, lacrimejantes com lágrimas não derramadas.

— Você vai ficar bem, A. — Minhas mãos tremem quando toco a ferida com ternura, minha voz treme enquanto as palavras saem de mim tão rapidamente quanto minhas lágrimas. — Escutou? Você vai ficar bem e, quando estiver, vou comprar tantos pãezinhos pegajosos que até você vai ficar enjoado deles. OK?

Eu olho para cima freneticamente e grito: — Socorro! Por favor, alguém ajude! — Mas meus gritos são abafados pelos aplausos da multidão, deixando-me sussurrar meus apelos. — Ajude ela. Por favor. *Por favor.*

Olho para Adena através das lágrimas nos meus olhos. — Você tem que ficar comigo.

— Minha voz falha. Eu quebro. — Você tem que me prometer que vai ficar...

Adena respira fundo, fraca e vacilante. — Pae.

O soluço que estou sufocando escapa dos meus lábios quando ela diz meu nome, tão suave e doce. Como se eu fosse quem precisa ser consolado.

— Você sabe que não faço promessas que não possa cumprir. — Sua voz fica mais suave a cada palavra, sua energia é gasta. E com outra respiração ofegante, ela abre um sorriso com os lábios rachados. Mesmo diante da morte, ela sorri.

Morte.

Ela está *morrendo*.

— Não, não, não... — Minhas palavras são um soluço, um choro trêmulo. — Não diga isso. Você está bem. Tudo vai ficar bem!

Ela ainda está sorrindo para mim enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto daqueles olhos quentes e castanhos, agora um pouco desfocados. — Promete que vai usar isso para mim?

Pisco para ela, apenas embaçando minha visão com mais lágrimas. — O que?

— O colete. — Sua voz é apenas um sussurro, me forçando a me inclinar para frente para ouvi-la dizer: — A-aquele verde com bolsos. Ela respira ofegante antes que uma tosse irregular assola seu corpo. O sangue mancha seus lábios e escorre pelos cantos da boca, mas ela continua, determinada como sempre. — A costura demorou séculos e eu odiaria que todo o meu... trabalho duro fosse desperdiçado.

Uma parte igual de soluço e risada histérica me escapam. — Eu prometo, A. Vou usá-lo todos os dias para você.

Ela sorri o tipo de sorriso triste que alguém pensaria que o sol dá ao se pôr. Quente e maravilhoso. Desgastado e cansado. Pronto para dizer adeus, para fazer uma pausa na necessidade de ser uma fonte constante de luz. Alívio com a perspectiva de descanso.

Seus olhos se fecham e de repente fico com tanto medo de nunca mais ter outro vislumbre daquele olhar castanho. — Por favor, — eu sussurro, puxando-a para mais perto de mim. — Por favor, não me deixe, A. Você é tudo que me resta.

Ela é a única pessoa que me *conhece*.

Meu coração *dói*.

A morte é muito sombria para Adena, muito sombria para seu brilho, muito indigna de sua alma deslumbrante.

Suas pálpebras se abrem, revelando um pedaço daqueles olhos castanhos para eu memorizar uma última vez. Ela se esforça para falar, se esforça para respirar superficialmente. — Isso não é um adeus... apenas uma boa maneira de dizer tchau até ver você na próxima vez.

Meu corpo treme de soluços enquanto acaricio seu lindo rosto, me lembrando dessas palavras como as mesmas que ela me disse antes de eu deixar o Loot. Só então sua frase veio acompanhada de sorrisos e acenos, tão certa de que me veria novamente.

E agora ela nunca o fará.

Deveria ter sido eu. Era *para* ser eu. Era eu quem deveria morrer nessas Provações, não ela. Qualquer um, menos ela.

Uma onda de culpa se apodera de mim, ameaçando me afogar como minhas lágrimas. Isso é tudo minha culpa. Ela só está aqui por causa do meu esquecimento, do meu egoísmo. Eu a trouxe aqui depois de ter *esquecido* dela. Eu a trouxe para a morte.

— Preciso que você saiba que nunca vou te esquecer, A — sufoco em meio aos soluços. — Nem nesta vida, nem na próxima.

Nunca mais.

Ela mal consegue acenar com a cabeça antes de seus olhos se fecharem.

Eu soluço, meu corpo caindo sobre ela enquanto pressiono minha testa na dela. —
Você é meu favorita, A.

Com os lábios puxados em um sorriso suave, eu a ouço respirar fundo e
estremecendo. Dando seu último suspiro.

Me deixando tremendo.

Me deixando gritando.

Me deixando soluçando.

Me deixando.

Capítulo Sessenta



Kai

ANGÚSTIA TOTAL.

Agonia total.

Totalmente sozinha.

Isso é o que ouço em seu choro.

Estou enraizado no lugar, incapaz de tirar meus pés da areia ou meus olhos de sua forma enrugada. Mal vi o galho antes que ele matasse a criminosa.

Não, não é uma criminosa – Adena.

A confusão obscurece meus pensamentos quando outro grito de Paedyn corta o ar. Adena não deveria estar aqui. Ela não era minha prisioneira e certamente não era uma criminosa digna desta morte.

Paedyn está afundando na areia, balançando para frente e para trás enquanto aperta a forma sem vida de sua melhor amiga contra o peito. Ouvi inúmeras histórias sobre as duas juntas durante o primeiro Prova. O amor de Paedyn pela amiga era evidente naquela época, mas agora está escrito em seu rosto, repleto de cada choro. Nunca imaginei que a veria chorar, mas mesmo os mais fortes entre nós desmoronam, oprimidos e enterrados pela dor.

Eu quero ir até ela. Quero abraçá-la, distraí-la, confortá-la do jeito que sei que deveria, mas não tenho certeza de como. Ferir é o que sei fazer, não o que sei ajudar.

A multidão irrompeu em gritos e urros. Blair entra mais no círculo, sorrindo com o ato horrível que cometeu. Ela acabou de vencer esta prova e a multidão a elogia por isso.

Acabou.

Está tudo acabado.

Dou um passo em direção a Paedyn e avanço para o ringue aberto. Eu vejo a cabeça de Jax aparecendo atrás de uma parede antes que ele pisque vários metros dentro do círculo. Pelo canto do olho, avisto Andy cambaleando para dentro do círculo, totalmente

humana e coberto de sangue. Ela está segurando a cabeça, desorientada depois de finalmente conseguir voltar. A dor dos ferimentos que infligi provavelmente abalou sua mente, permitindo pensar com clareza suficiente para se virar novamente.

Estou perto o suficiente de Paedyn agora para ver as lágrimas escorrendo pelo seu rosto, percorrendo a sujeira e o sangue que cobrem sua pele. Sua testa está pressionada contra sua amiga com os olhos fechados e soluços sacudindo seu corpo.

Os gritos da multidão são ensurdecadores enquanto eu habilmente caminho até ela, pronto para cair de joelhos e...

Algo na multidão agitada *muda*.

Os gritos de euforia e excitação se transformam em gritos horríveis de horror. Eu estava concentrado demais em Paedyn para ouvi-lo antes, mas agora o som me atinge, me confunde.

Eu ouço o grito de um Imperial ofegante por perto, parecendo sem fôlego como se tivesse corrido para cá. — Os túneis! Eles vieram pelos túneis até o camarote!

Eu giro, quase tão frenético quanto a multidão que enche as arquibancadas. Todos gritam ao mesmo tempo, presos em seus assentos por figuras mascaradas pretas que bloqueiam as saídas de cada uma das arquibancadas. E com o Desativador cobrindo-os, o povo não tem poder para revidar. Meus olhos percorrem seus rostos assustados antes de pousarem na caixa de vidro onde meus pais e Kitt residem.

E então eu vejo. Vejo eles.

A resistência.

Um homem está parado ao lado do meu pai usando uma máscara preta e pressionando uma faca em sua garganta. Há outros membros da Resistência no camarote, cercando o rei, a rainha e Kitt. Eles os seguram quase preguiçosamente, todos segurando adagas nas mãos, embora não pareçam querer usá-las. O que só pode significar uma coisa.

Eles são silenciadores.

Talvez até outros Fatais.

Caso contrário, meu pai já teria arrancado seus membros, Kitt teria incendiado-os e minha mãe teria ajudado eletrocutando-os se não fosse por seus poderes serem suprimidos ou controlados.

Mal consigo distinguir seus rostos retorcidos, fazendo caretas com o peso do poder de um Fatal esmagando-os. Mas conheço muito bem a agonia. A agonia de tudo que você está sendo reprimido enquanto o próprio poder que você possui é arrancado de você. Eu conheço esse rosto que eles estão usando porque já o usei muitas vezes antes.

Eles estão sendo sufocados por Silenciadores.

E então eu também.

Capítulo Sessenta e Um



Paedyn

— POR FAVOR. — Eu continuo murmurando a palavra, uma e outra vez, como se isso pudesse trazê-la de volta para mim. Como uma oração, um apelo. — Por favor por favor *por favor*.

Mal ouço a multidão aplaudindo por causa da dor que ruge em minha cabeça, em meu coração. Eu a aperto contra mim, minha testa apoiada em seus cachos macios. Ainda posso sentir o leve cheiro de mel nela, grudando em seu cabelo e corpo. Ela sempre cheirava a mel. Ela sempre cheirava a casa.

Meu rosto está entorpecido e não consigo mais sentir as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu a levanto suavemente, embalando suas costas para poder segurá-la mais perto. Meus olhos embaçados se prendem em suas mãos amarradas atrás das costas, e a visão delas envia um soluço estremecendo através de mim.

Eles quebraram os dedos dela.

Eles estão dobrados em ângulos estranhos, sangrando, machucados. Essas mãos pequenas e delgadas estão mutiladas, uma zombaria do que já foram, do que podiam fazer. Antes da morte, aquilo que a fazia se sentir mais viva foi tirado dela.

Suas mãos de costura. Seus dedos talentosos.

Quebrados.

Então eles a quebraram.

Uma onda de raiva incandescente varre através de mim, lavando a culpa e a tristeza para substituí-la por uma raiva abrasadora.

Ela a quebrou.

Blair.

Eu vou matá-la.

Pisco para a forma sem vida de Adena. Mesmo na morte ela é linda, brilhante, de tirar o fôlego. Só de vê-la tão imóvel, tão silenciosa, desperta minha fúria, redirecionando-a para outro assassino.

Ele a quebrou.

O rei.

Ele a trouxe aqui para ser morta. Adena não é – não *era* – nenhuma criminosa. Meu ódio por ele aumenta. Ele fez isso de propósito. Ele me avisou que eu não venceria essas Provas, garantiu isso. Não quando teria que matar minha melhor amiga para fazer isso.

Este homem tirou tudo de mim.

Este rei matou a única família que conheci. Primeiro meu pai e agora Adena.

Gritos da multidão finalmente chegam aos meus ouvidos, me tirando do meu estado patético por um momento. Olho para cima e vejo que as paredes do labirinto desapareceram, me deixando sentado no centro do Poço arenoso.

Os outros competidores estão por perto, todos parecendo igualmente confusos. A multidão está enlouquecida. As elites estão gritando e apontando e...

— Os túneis! Eles vieram pelos túneis até a caixa!

Eu enrijeço.

Eles estão aqui.

Meus olhos examinam a multidão em busca de alguém conhecido antes de pousar na caixa de vidro. Com certeza, vejo Calum conduzindo o rei para fora, uma mão segurando uma adaga em sua garganta enquanto a outra segura seu braço. Um homem que nunca vi antes, que só posso presumir ser um Silenciador, segue logo atrás até a amurada que dá para o Poço.

— ...veio pelos túneis! — Ouço outro grito imperial no meio da multidão, gritando outras ordens junto com ele. Mas há poucos guardas que não ficam presos nas arquibancadas do Desativador, onde membros da Resistência estão bloqueando as saídas. E o punhado de Imperiais que estão livres não faz nenhum movimento para correr para o lado do seu rei. Eles não podem. Não sem medo de que a garganta de seu líder seja cortada se eles chegarem perto.

Pela primeira vez na vida, os Elites se sentem verdadeiramente impotentes.

E então sinto seus olhos queimando em mim.

Elas são como esmeraldas verdes, afiadas e cortantes de onde ele encontra meu olhar dentro da caixa de vidro. Como eu estava errada em pensar que os olhos deles não eram semelhantes.

Porque quando seu olhar perfura o meu, eu não o vejo. Eu vejo o pai dele.

O futuro rei sabe que isso foi obra minha.

Ele sabe porque me mostrou aquele túnel e sua chave.

Ele sabe porque confiou em mim essa informação.

Kitt sabe que eu o traí.

Ele sustenta meu olhar, parecendo tão magoado, tão horrorizado, tão cheio de ódio. Seus olhos estão tão frios que quase estremeço sob seu olhar. O garoto olhando para mim é desprovido de todo calor, todo charme que eu conheço. Ele é frio. Ele está calejado. Ele está assim por minha causa.

Ele é o pai dele.

Ouçõ a areia se movendo sob os pés e desvio os olhos de Kitt para encontrar quatro Silenciadores caminhando em nossa direção, com as mãos estendidas, pressionando o poder.

Grunhidos ecoam dos competidores perto de mim e meu olhar pousa em Kai a apenas alguns passos de distância, os olhos fechados contra a dor. Meu coração se aperta ao vê-lo segurando a cabeça, afundando de joelhos na areia. Blair, Jax e Andy fazem o mesmo, fazendo uma careta com a dor de seus poderes serem silenciados, sufocados, subjugados.

— E isso conclui a sexta Prova de Purificação. — A voz de Calum ecoa pela arena, acalmando e silenciando todos com uma única frase. Tealah está ao lado dele, parecendo aterrorizada com a mão pressionada contra o braço dele. O rei, por outro lado, parece quase enganosamente calmo enquanto tenta parecer completamente indiferente à adaga em sua garganta e à Resistência que o cerca.

— Muitos de vocês podem não saber quem somos — continua Calum, com a voz clara e os olhos vagando pela multidão. — E isso é porque somos o segredo mais mortal do seu rei. Seu segredo mais sujo. Somos Ordinários. Somos Fatais. Nós somos a Resistência.

Um suspiro coletivo ecoa pelas arquibancadas, o choque tomando conta da multidão. Eles não podem fazer nada além de assistir a cena se desenrolar com seus poderes suprimidos pelos membros do Bowl e da Resistência bloqueando sua fuga.

— Hoje saímos da escuridão e mostramos quem somos. O que queremos mudar.

Não consigo me mover, os olhos grudados em Calum enquanto ele se vira para olhar para o rei agora. Cada guarda, cada cidadão observa em silêncio atordoado, incapaz de impedir isto. — Isso tudo pode acabar. Chega de morte, chega de luta. — Ele gesticula para a multidão agora, acenando com a mão. — Nós estamos em todo lugar. Não estamos extintos deste reino, apesar do que o seu rei faz você acreditar. Nunca paramos de crescer, nunca paramos de lutar contra as injustiças que a Purificação trouxe. E nos reunimos aqui hoje.

As pessoas parecem aterrorizadas com a perspectiva de tantos Ordinários *doentes* viverem entre elas. É claro que as Elites farão qualquer coisa para manter seus poderes, para sobreviver, e se continuarem a acreditar que os Ordinários irão matá-los, então eles apenas continuarão a nos matar primeiro.

Imploro silenciosamente a Calum que lhes conte a mentira do rei, que diga que estamos saudáveis e inteiros. Podemos não ter provas, mas o fato de termos vivido entre eles durante décadas sem surtos de doenças ou perda de poderes da Elite terá de ser suficiente por enquanto. Embora pareça que a maior parte do reino não se importa o suficiente com os Ordinários para sequer considerar isso. Eles simplesmente confiaram cegamente em seu rei distorcido.

O olhar de Calum alterna entre o futuro rei na caixa de vidro e seu futuro Executor fazendo uma careta de dor ao meu lado. — Podemos nos unir pacificamente ou não. Eu

pensaria que as vidas de seus únicos herdeiros seriam suficientes para persuadi-lo a deixar seu orgulho de lado e reunir todo o povo de Ilya.

Meu coração para antes de voltar à vida.

Eles vão matar os príncipes se o rei não ceder. Eles estão apostando no futuro de Ilya. Jogando com vidas.

Eles não me disseram isso.

Não não não.

A resposta da multidão é um rugido de raiva. Não era assim que deveria ser. Ameaçar a vida do príncipe só fará com que a raiva do povo seja dirigida a nós, à nossa causa. É prejudicial, não ajuda.

Minha cabeça está girando enquanto Ilyanos grita em protesto.

A voz de Calum é severa. — Povo de Ilya, nos receba em casa. Não somos uma ameaça para...

Uma respiração profunda por trás me assusta, desviando minha atenção de Calum e do rei. O Silenciador parado diante de Kai enrijece. Seus olhos estão arregalados, o suor escorrendo pela sua testa. Ele abre a boca como se fosse gritar alguma coisa, um aviso. E então...

Kai os explode em chamas.

Capítulo Sessenta e Dois



Kai

MINHA MENTE PARECE ABAFADA, minha cabeça nebulosa. *Isso não pode estar acontecendo.* Quatro Silenciadores estão na frente de cada um de nós, sufocando nossos poderes.

Todos os competidores, exceto Paedyn, estão sentindo que suas cabeças estão rachando. Eu sei que ela não é afetada pelo poder do Silenciador, mas por que nenhum membro da Resistência sequer a toca, a guardando, se aproxima dela?

O pensamento escapa da minha mente quando outra onda do que só posso descrever como *peso* se abate sobre mim.

A dor e a agonia disso são dificilmente suportáveis, mesmo com todo o treinamento que venho fazendo com Damion. Minha cabeça latejante está dificultando a concentração no homem ao lado de meu pai, seu rosto flutuando em minha visão.

Pelo que ouço através do zumbido nos ouvidos, seu discurso consiste em como os Ordinários querem viver, mesmo apesar da doença que vão espalhar para as Elites.

Mas se há tantos Ordinários vivendo entre nós como ele diz, então por que não sentimos os efeitos? A perda de poder?

Minha cabeça lateja ainda mais enquanto tento decifrar. O homem continua falando, mas eu mostro os dentes e o bloqueio. Respiro fundo, deixando de lado a dor para me concentrar na sensação de poder por trás dela. Eu me concentro no homem que atualmente me silencia enquanto o formigamento de sua habilidade cresce sob minha pele.

Fechei os olhos, alcançando esse poder assim como fiz tantas vezes antes com Damion. Claro, eu nunca fui capaz de fazer isso...

Não. Está. Ajudando.

A adrenalina se mistura com aquela leve sensação de poder, tão leve sob minha pele. Eu me agarro a isso.

É estranho pensar que o mesmo poder que o Silenciador está usando para suprimir minha habilidade ainda é meu poder.

Me agarrando à habilidade do Silenciador, sentindo-a inundar meu corpo, jogando de volta para ele.

Seus olhos se arregalam com a súbita sensação de seu próprio poder lutando contra ele. Ele não estava preparado para isso, não esperava por isso. Ele baixou a guarda.

Somente um Silenciador pode vencer um Silenciador.

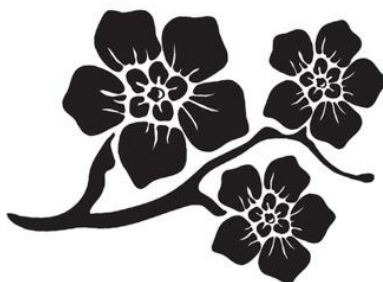
E é exatamente isso que eu faço.

Eu o venci com sua própria habilidade.

O peso do seu silêncio desliza dos meus ombros.

E então eu os consumo em chamas.

Capítulo Sessenta e Três



Paedyn

GRITOS ENCHEM O AR. Os silenciadores estão envoltos em chamas, e o cheiro de carne queimada me faz engasgar.

Os Silenciadores estão rolando na areia, tentando abafar as chamas que lambem sua pele e queimam suas roupas. O silêncio sufocante sobre os competidores foi quebrado, libertando-os.

Ainda não tenho ideia de como isso aconteceu, como Kai de repente se libertou do controle do Silenciador e assumiu a habilidade Dúplice de Kitt. Sua explosão de fogo, seu ataque brutal, enviou toda a arena ao caos mais uma vez. Meus olhos se voltam para as arquibancadas onde a multidão começa a reagir contra a Resistência, e uma luta começa.

Os imperiais estão subitamente entrando na arena para se juntar à luta, e estou chocada com a quantidade de pessoas que chegaram tão rapidamente. Viro a cabeça, ciente de que o número de figuras com máscaras pretas está diminuindo.

Não estávamos esperando por isso. Não estávamos preparados para lutar, para perder.

Eu preciso sair daqui. Agora.

A ideia de correr num momento como este faz meu estômago embrulhar, mas o futuro rei sabe o que fiz. O pensamento martela em meu crânio enquanto examino a arena em busca dele. Ele está atualmente empurrando a multidão reunida em torno da caixa de vidro depois que eles dominaram a Resistência e se dispersaram de suas arquibancadas. Chamas lambem seus braços enquanto ele luta contra qualquer um que se aproxime dele.

Kai correu para se juntar à luta, seus movimentos precisos e perfeitos, enquanto derrubava os membros da Resistência a torto e a direito. Ver isso me deixa doente. Não tenho ideia de onde Jax está, mas vejo cabelos curtos cor de vinho no mar de pessoas e sei imediatamente que pertence a Andy.

E para o bem dela, Blair tem sorte de eu não conseguir encontrá-la.

Ah, mas eu vou. E vou gostar de matá-la.

Eu me movo para ficar de pé e paro abruptamente ao sentir um peso pesado no meu colo.

Adena.

Lágrimas ardem em meus olhos mais uma vez, mas eu pisco para afastá-las, me forçando a manter a cabeça fria. Olho de seu rosto calmo e imóvel para o caos que nos rodeia e para a batalha sangrenta que está sendo travada. Tento levantá-la comigo, mas ela é pesada, um peso morto. Literalmente. Eu engasgo com o pensamento enquanto a empurro do meu colo e a coloco na areia.

Não posso levá-la comigo.

Ela nunca terá um enterro adequado. Ela nunca terá o adeus que merece.

— Eu... eu sinto muito, A, — eu sussurro, beijando sua testa. — Me desculpe.

Fico de pé, enxugando as lágrimas que tentei evitar que caíssem. Começo a me afastar de seu corpo sem vida, incapaz de suportar mais vê-lo.

— Eu te amo.

E então estou correndo.

Covarde. Assim como aconteceu com o pai.

A simetria em suas mortes é repugnante.

Ambos acertados no peito.

Ambos sangrando diante de mim.

Ambos ficaram caídos no chão, apodrecendo sem enterro.

Ambas as mortes terminaram em mim *correndo*.

Eu quero gritar.

Comigo mesma. Com seus assassinos. Com o mundo.

Atravesso a multidão, a multidão que luta no Poço, as escadas, as arquibancadas. Máscaras pretas e brancas se chocam enquanto os membros da Resistência lutam contra os Imperiais. Mas a luta não é justa. Existem tantos Imperiais, e mesmo com o poder dos Fatais ao lado dos Ordinários, a Resistência está em menor número.

Eu ando entre os corpos e me esquivo dos socos enquanto subo as escadas lotadas que levam para fora do Poço e para um caminho igualmente lotado acima. Meus muitos anos me esquivando e escorregando sem ser vista através do Loot me servem bem enquanto meus pés caem em um ritmo familiar, pisando suavemente e rapidamente.

Gritos tomam conta de mim, gritos ecoam pela arena. A luta é um rugido surdo em meus ouvidos, mas me forço a seguir o fluxo de pessoas tentando fugir da luta em vez de entrar nela.

Eu quero me virar. Quero lutar com a Resistência, com o meu povo.

Que bem você faria?

Essas cinco palavras serpenteiam pela minha cabeça, me envolvendo com tanta força que sinto que vou sufocar. O controle sufocante desse pensamento só aumenta quando

nove letrinhas se juntam, criando uma palavra tão devastadora quanto as cinco anteriores.

Impotente.

Em todos os sentidos da palavra.

A corrente humana pela qual me deixei levar finalmente me joga fora do Bowl. O vento açoitava meus cabelos quando saímos, todos nós nos espalhando pelo caminho longo e largo ladeado por árvores. O caminho que leva ao palácio.

Os Ilyanos ao meu redor se dispersam. Eles dispparam, correndo pelo lado de fora do Bowl até que seus pés encontrem outra estrada na direção oposta. A estrada que leva à cidade.

Começo a segui-los, minhas pernas se movendo por conta própria, me levando até o Loot. Me levando para casa.

E então eu paro.

Algo em meu peito está doendo – meu coração.

O colete de Adena.

Eu giro, olhando para o castelo que contém a promessa que fiz.

“Vou usá-lo todos os dias para você.”

A promessa martela na minha cabeça e é tudo que preciso para começar a correr pelo caminho arborizado. As flores cor de rosa e as pétalas delicadas que choveram sobre mim na primeira vez que percorri esse caminho já se foram. Elas agora estão mortas e pisoteadas no chão, deixando apenas botões vazios e galhos cheios de folhas balançando acima de mim enquanto corro por baixo deles.

Pé sangrando e ferimentos que se danem. Os poucos Imperiais que me perseguiram no Loot por roubar nunca poderiam ter me feito correr tão rápido, até agora.

Quando meus pés atingem o pátio de paralelepípedos, não me preocupo em diminuir a velocidade. Corro sobre ele enquanto as gotas de chuva começam a picar minha pele e escorregar no chão abaixo de mim. Subo os degraus de pedra que levam às gigantescas portas douradas do castelo.

Entre. Pegue o colete. Saia. Chegue até o Loot...

— Senhorita Gray!

Eu me assusto, olhando para cima e vendo quatro Imperiais estacionados do lado de fora das portas pesadas que eu estava muito ocupado correndo para ver. Um homem mais velho desce correndo para me encontrar, com preocupação franzindo os olhos ao redor da máscara branca que ele usa.

— Senhorita, você está bem? A luta parou? A Resistência foi derrotada? — Seus olhos procuram os meus, em busca de respostas.

Então eles sabem claramente o que está acontecendo dentro dos muros do Bowl, mas ainda assim estão presos aqui. Eles sem dúvida receberam ordens específicas para ficar e proteger o castelo, junto com muitos outros Imperiais que tenho certeza que estão rondando lá dentro. Aqueles pelos quais preciso passar para chegar ao meu quarto.

— Sim, eu... — Preciso de um plano. Rápido.

E o que me vem à mente é aquele do qual não me orgulho.

Deixo meu corpo ficar mole enquanto tropeço nos degraus. Estendo as mãos para evitar a queda, mas o Imperial chega antes de mim. Ele passa um braço em volta da minha cintura para me firmar, e eu reprimo a vontade de quebrá-lo ao meio.

Estendo a mão e agarro meu pé e o pano encharcado de sangue enrolado descuidadamente em volta dele, agora quase caindo com toda a corrida que fiz. Faço minha melhor careta, embora não seja difícil fazer isso com a adrenalina lentamente vazando do meu corpo para ser substituída pela dor mais uma vez.

— Você está ferida. — Os olhos do Imperial se voltam para o meu pé quando eu sibilo de dor.

Quão observador.

— Sim, mas estou bem. Eu só... — Coloco meu pé de volta no degrau e suspiro dramaticamente de dor. Estou realmente aproveitando isso ao máximo. Meus dedos envolvem o uniforme branco e engomado do Imperial, meus olhos imploram. — Eu mal consegui sair de lá. É um caos. E eu estou... — Respiro trêmula. — Estou com tanto medo e meu pé dói muito e não sei o que fazer...

Pragas, não posso acreditar que me reduzi a isto.

Pareço histérica, e era exatamente isso que eu estava procurando. O Imperial olha para seus amigos no topo da escada antes de voltar seu olhar preocupado para mim. — Por que não levamos você de volta para o seu quarto para que você possa descansar e curar esse pé? Tudo isso acabará em breve.

Uma lágrima rola pelo meu rosto enquanto aceno fervorosamente para ele, esperando parecer assustada e atordoada, embora eu não seja nenhuma dessas coisas. Só preciso dele para poder chegar ao meu quarto sem parecer suspeito. Sem chamar a atenção dos outros Imperiais que farão perguntas para as quais não tenho respostas. Mas se eu tiver um Imperial como escolta, o problema que sou eu já estará resolvido e sob controle.

Outras duas coisas das quais não sou.

— Ranken, leve a senhorita Gray para o quarto dela. Então informe a uma Curandeira que ela precisa de ajuda. — O Imperial gesticula para um homem largo com músculos salientes que ficam evidentes mesmo através do uniforme rígido que usa.

Forte.

Ele acena com a cabeça e caminha até mim, dizendo em voz profunda: — Isso será mais rápido e muito menos doloroso para você se fizermos do meu jeito.

Aparentemente, o jeito dele envolve me pegar e me carregar como uma criança incompetente. Suas mãos estão sob meus joelhos e nas minhas costas, me segurando facilmente contra ele enquanto atravessamos as grandes portas e entramos no corredor além. Meu primeiro instinto é passar as pernas sobre seus ombros e prendê-lo com um estrangulamento antes de jogá-lo no chão. Mas isso foi antes de meu instinto mais inteligente e estratégico me lembrar que é isso que eu quero, o que preciso fazer.

Então, engulo meu orgulho e deixo que ele me carregue. Deixe-o caminhar por cada corredor comigo nos braços e dezenas de Imperiais zumbindo ao nosso redor. Luto contra meu sorriso quando eles mal olham em nossa direção.

Antes que eu perceba, o Imperial me coloca na cama, resmungando algo sobre mandar chamar um Curandeiro. Espero até que o som de seus passos fique mais distante antes de sair do colchão e abrir as portas do meu guarda-roupa.

Rasgo os vestidos e equipamentos de treinamento sofisticados até uma prateleira nos fundos. Calças e camisas confortáveis estão cuidadosamente dobradas ali, trabalho de Ellie e sua limpeza constante. Alcançando uma pilha de camisas de algodão, meus dedos roçam um tecido áspero familiar.

Meu coração aperta quando tiro o colete que mantive escondido. Seu tecido verde-oliva é fosco e, no entanto, nunca vi nada mais perfeito. Passo os dedos pelos bolsos que revestem o interior e o exterior do colete, tornando-o o acessório ideal para um ladrão.

Respiro fundo antes de colocá-lo sobre minha regata cortada, agora escorregadia de suor. Então pego um novo par de botas e estou prestes a calçá-las quando a porta se abre, revelando um homem corpulento que só pode ser o Curandeiro. — Ouvi dizer que você estava ferida?

— Sim, — eu deixo escapar antes de fazer uma demonstração de tropeço em direção a ele. — É o meu pé.

— Estou vendo. — O homem se aproxima, gesticulando para que eu me sente na cama. Considero nocauteá-lo antes de decidir aproveitar primeiro sua cura rápida. Ele gentilmente segura meu pé e vejo seus dedos dançarem sobre os cortes irregulares que sobem pelo meu tornozelo. A visão de minha carne se unindo novamente faz com que lembranças de meu pai inundem meus pensamentos, me machucando mais do que o ferimento.

Eu pisco para afastá-los quando o Curandeiro termina, deixando apenas linhas rosadas como evidência dos meus ferimentos. — Bem, se isso é tudo...

Tiro minha adaga de debaixo do travesseiro ao meu lado, e o Curandeiro desmaia quando o cabo dela atinge sua têmpora. Eu tento o meu melhor para suavizar sua queda, mas ele quase me esmaga quando cai no chão. Passo por cima de seu corpo, calçando minhas botas e sussurrando meu agradecimento, embora ele nunca vá ouvir.

Eu silenciosamente deslizo para o corredor. Os Imperiais acham que estou em segurança no meu quarto, reclamando do meu ferimento, e embora essa imagem me enfureça, gostaria de continuar assim. Se eu for visto, meu disfarce será descoberto.

Felizmente, tenho muita prática em passar despercebido.

Estou na ponta dos pés enquanto rastejo pelo corredor, preparada para pular para dentro de uma sala ou mudar de direção a qualquer sinal de movimento. Corro pelos corredores, evitando ao máximo os grandes e usados com mais frequência.

Os poucos Imperiais que cruzam meu caminho ficam distraídos e são facilmente evitados enquanto me dirijo para minha fuga – os jardins. É a saída mais próxima de onde

estou, e também a única que provavelmente está desprotegida. Com o caos atual fazendo com que o castelo esteja com pouca gente, aposto que a saída estará longe da mente de todos os Imperiais.

E eu estava certa.

Chego à porta que leva à bela paisagem além e a abro. A chuva é implacável, continuando a cair do céu nublado acima. Me apresso pelos caminhos ladeados de flores de todas as cores, tamanhos e formatos. Então passo pela fonte onde Kitt e eu quase jogamos metade da água um no outro...

Kitt.

Afasto o pensamento dele e da minha traição, concentrando toda a minha atenção em voltar para o Loot o mais rápido possível. O que não será nada rápido, considerando que terei que chegar lá a pé.

Estou de volta ao caminho que leva ao Bowl, seguindo para aquele que leva ao Loot. Estou ofegante, com as pernas agitadas, enquanto corro mais uma vez pelo caminho arborizado. A tristeza e a raiva se misturam com a adrenalina, me fazendo sentir igualmente energizado e exausto ao mesmo tempo.

O Bowl parece mais assustador do que nunca. Vigas de metal e concreto se elevam sobre mim, e os gritos e sons da luta interna apenas aumentam sua presença intimidadora. Cada cidadão que não se juntou à luta já deve ter partido há muito tempo, deixando a Resistência e os Imperiais lutando na arena.

Passo por um túnel que leva ao Bowl. E depois outro.

Mantenho meus olhos na estrada para casa enquanto ela se aproxima cada vez mais.

A figura larga de um homem cambaleia no caminho que estou tentando desesperadamente chegar. Ele está segurando a cabeça, embora eu não consiga distinguir nenhuma de suas feições enquanto pisco rapidamente na chuva.

Tudo que sei é que ele está no meu caminho.

Ele se vira, a mão ainda pressionada na têmpora, e me vê. Não me incomodo em diminuir o ritmo. Seja quem for este homem, não hesitarei em derrubá-lo se ele tentar me impedir.

Estou correndo, me aproximando a cada passo, enquanto aperto os olhos na chuva enquanto tento ter uma visão clara de seu rosto.

Ele está sorrindo para mim.

É o tipo de sorriso que provoca um arrepio na espinha. O tipo de sorriso que é tudo menos gentil. O tipo de sorriso que me diz que este homem sabe exatamente quem eu sou.

Meus pés vacilam. Menos de dez metros nos separam agora.

E é aí que eu vejo isso.

Vejo olhos verdes, mais frios que a chuva que encharca minhas roupas finas.

Vejo cabelos dourados, mais opacos que o céu nublado.

Vejo lábios torcidos em um sorriso, mais perverso do que a tempestade que assola acima de nós.

— Ah, Paedyn Gray — ele me chama acima do vento forte, sua voz aguda e sedosa ao mesmo tempo. — Ou devo chamá-la de membro da Resistência? Uma ordinária? Uma traidora?

Me aproximo, embora já saiba exatamente quem está diante de mim.

Eu vejo o rei.

Raiva não é uma palavra forte o suficiente para descrever a emoção que passa por mim quando olho para esse homem — esse monstro, esse assassino.

Seus olhos estão enlouquecidos, seu cabelo ensanguentado por causa de um corte profundo perto de sua têmpora ainda pingando sangue. Como ele conseguiu escapar da multidão lutando dentro do Bowl está além da minha compreensão. E, no entanto, aqui está ele, tropeçando no meu caminho. Andando sozinho.

O rei está completamente sozinho.

Quase quero agradecer à Praga por este presente. Quase.

Continuo avançando, me recusando a fugir dele, desta oportunidade. O som do aço deslizando canta em meio ao estrondoso trovão enquanto ele saca uma espada da bainha ao seu lado.

— Ah, não fique tão chocada por eu ter descoberto, — ele canta, fazendo meu sangue ferver. — Eu sabia que isso estava por vir. Você conseguiu entrar na cabeça e no coração do meu filho ingênuo e conseguiu o que precisava para sua pequena Resistência. E quanto a saber que você é uma Ordinária, bem, eu já sei há algum tempo. — Um sorriso torce seu rosto ao ver o meu olhar de choque. — Sem falar que eu sabia quem era seu pai, do que ele fazia parte. Eu sabia muitas coisas sobre ele antes de seu *infeliz* fim. — Seu sorriso é a encarnação do mal. — Esfaqueado no peito, foi?

Fico rígida, cada parte de mim cheia de raiva. Mas forço uma máscara fria sobre minhas feições, ignorando sua última declaração e me referindo à primeira. — E como devo chamá-la? Rei ou covarde? Mentiroso ou assassino? Tudo seria apropriado, você não acha?

Ele solta uma risada, e mal consigo controlar minha raiva ao ouvir isso. Minhas mãos tremem quando eu as cerro em punhos ao lado do corpo, as unhas cortando minhas palmas. As palavras saem da minha boca antes que eu possa impedi-las. — Você a matou.

Ele bufa como se isso o divertisse. — Quem, sua amiguinha? — Seus olhos brilham, traindo a raiva que ele mantém enterrada. — Não. *Você* a matou. Eu avisei você sobre as Provas. Eu avisei você para ficar longe dos meus filhos. Você fez meu reino parecer fraco. Você fez meus herdeiros parecerem *fracos*. — Ele cospe a palavra, enojado com sua própria carne e sangue. — Você fez Kai ajudar você nas Provas, correr atrás de você durante um baile. Você tinha o futuro rei em seus dedos, revelando todos os segredos e informações de que precisava. *Você* é a assassina, Paedyn. — Ele dá um passo em minha

direção e fico presa no lugar, balançando a cabeça. — Você esquece o que você é, *Favelada*. Uma ordinária condenada à morte. Você é *nada*.

— Então por que você não me matou? — Eu grito. — Se você sabia o que eu era, por que não me matar como fez com todos os outros Ordinários?

— Porque eu precisava de você viva — ele diz simplesmente. — Mas agora você não tem utilidade para mim, e como as Provas não mataram você, tenho o prazer de fazer isso sozinho. — Ele faz uma pausa e um sorriso de escárnio torce seus lábios. — Você pode ler o que farei a seguir com essa sua habilidade *psíquica*?

Um flash repentino de prata se mistura com a chuva.

Uma espada está balançando para mim.

Capítulo Sessenta e Quatro



Kai

UM JOELHO SE CONECTA à minha coluna. *Bem, alguém tem um desejo de morte.*

Eu giro, enterrando facilmente a faca que cortei do último homem que matei no peito deste, empurrando o couro duro que o envolve. Sinto o familiar jato de sangue respingando em minhas roupas, em meu rosto. Estou coberto disso. Arranco a lâmina, deixando o homem cair no chão com um baque surdo.

Todos eles têm um desejo de morte.

A arena é um caos total. Imperiais e membros da Resistência entram em confronto, um vestido de branco e outro de couro. Ordinários, Elites e Fatais lutam lado a lado.

É bizarro.

É também a única razão pela qual esta luta ainda não acabou. Se não fosse pelos Fatais e Elites unidos à Resistência, isto teria sido um banho de sangue. Mas eles ainda estão em significativa desvantagem numérica contra todos os Imperiais que agora ocupam o Bowl.

Uma figura com máscara preta vem em minha direção, armadura de couro encharcada de sangue e chuva caindo sobre nós. Planto meus pés no concreto escorregadio, deixando-o vir até mim. O mais difícil dessa luta é não saber se você enfrentará um Ordinário, um Elite ou um Fatal. Mal tenho tempo suficiente para usar meu poder antes que ele esteja sobre mim.

Eu não sinto nada. Ordinário.

Mas não deve ser subestimado.

Ele aponta duas facas para mim, mortalmente afiadas e habilmente brandidas. Suas adagas cortam com movimentos rápidos, me forçando a recuar. Eu me esquivo de um golpe que pretendia cortar meu pescoço e enviar um golpe rápido em seu abdômen aberto. Ele grunhe, mas o couro que cobre seu peito e estômago ajuda a absorver meu golpe. Examino os poderes que me cercam, sentindo dezenas deles zumbindo sob minha pele.

Por que parece errado lutar contra um ordinário de uma forma extraordinária? Até agora, usei apenas minha própria força para matá-los, evitando o uso de uma habilidade. Parece que estou trapaceando por algum motivo, e gosto de vencer minhas lutas de forma justa. Eu nem toquei em nenhum dos poderes dos Fatais, embora os sinta potentes e poderosos. Usar uma de suas habilidades corretamente pode levar anos de treinamento, então continuo com o que sei, matando com as mãos e com as habilidades familiares ao meu redor.

Ele aponta a faca em direção ao meu peito.

Previsível.

Seguro seu pulso e o giro, ouvindo vagamente seu grito de dor enquanto a outra adaga mergulha para cima, mirando em meu coração. Eu me viro, errando por pouco a facada fatal, e em vez disso ganho um corte raso ao longo das costelas.

Ainda segurando seu braço torcido, inclino a lâmina na direção dele enquanto agarro seu ombro. Então eu o puxo para frente. Sua própria faca está enterrada profundamente em seu peito, seus olhos se arregalam enquanto ele olha para o cabo em sua mão e para a lâmina agora enterrada em seu peito.

Cambaleando, ele cai em direção ao caminho de concreto, mas eu me viro antes que seu corpo caia no chão. Pressionando a mão já ensanguentada no novo corte em minhas costelas, examino a multidão. Meu olhar pousa em Kitt, observando enquanto ele extingue as pessoas ao seu redor em chamas.

Algo não está certo.

Nunca vi meu irmão assim antes. Tão sanguinário, tão brutal. Normalmente, essas palavras são reservadas para mim, o futuro Executor, e não para Kitt, o gentil e atencioso futuro rei. Mas agora, ele parece enfurecido, selvagem de uma forma que nunca vi antes.

Continuo lutando no meio da multidão, tentando ver meu pai e minha mãe. Fico aliviado e preocupado quando não o faço, esperando que os Imperiais cheguem neles primeiro e os escoltem de volta ao castelo.

Só então percebo o quanto a multidão diminuiu. Meus olhos se voltam para uma figura correndo para fora de um túnel e além do Bowl. Segue outro, vestido de couro e mascarado de preto.

Eles estão tentando escapar.

E pretendo seguir.

Capítulo Sessenta e Cinco



Paedyn

O AÇO AFIADO CORTA profundamente meu antebraço. Eu havia saltado para fora do caminho da lâmina, mas ainda assim recebi um golpe abrasador no braço por meus esforços. Reprimo um grito de dor e me agacho, puxando minha adaga da bota e segurando-a na palma da mão suada.

O rei ri, me dando outro golpe com sua espada, me forçando a dançar e evitar ser cortada em tiras. É claro que ele tem vantagem com sua arma mais longa para acompanhar sua habilidade de Músculo. Mas, apesar disso, ele está instável graças ao ferimento na têmpora.

Então faço exatamente o que ele sugeriu zombeteiramente: leio-o.

Ele balança a cada golpe, tendo que se equilibrar um pouco antes de tentar acertar outro golpe. Seu pé direito dá um passo a cada golpe da espada, seguido por um pequeno meio passo da esquerda. Ele está segurando a espada com a mão direita, mas tem duas bainhas ao seu lado, me dizendo que ele já teve outra arma e pode lutar com a mão esquerda também.

Ele desliza novamente, dessa vez para o alto, me forçando a me abaixar e rolar para a direita. Nós circulamos um ao outro, seu sorriso distorcido visível mesmo através do fluxo constante de chuva.

Preciso me aproximar dele. Preciso distraí-lo.

Porque não vou sair daqui até matar este assassino.

Talvez isso não me torne melhor que ele.

— Você o matou! Você matou meu pai! — Eu grito acima do trovão rolando acima de nós.

Me aproximo e sua espada desce em um amplo arco que teria me partido ao meio se eu não tivesse me esquivado a tempo. Ele balança como eu sabia que faria depois de um

golpe como aquele, e aproveito a oportunidade para enviar minha adaga contra seu peito. Ele traça uma linha em sua camisa, em sua pele, deixando sangue brotando em seu rastro.

Algo duro atinge minha têmpora e minha visão explode em manchas. Eu tropeço para trás, piscando. Através do meu olhar embaçado, vejo o peito ensanguentado do rei e a espada que ele está segurando, o cabo ainda estendido depois de acertá-la no meu crânio.

Ele ri. Mas ouço o tremor nele. Ele está preocupado. Ele odeia que eu – uma favelada, uma Ordinária, um ninguém – tenha deixado minha cicatriz nele.

Ah, vou fazer muito mais do que deixar uma cicatriz.

— Sim, bem, um amigo me contou sobre suas intenções e sobre a *Resistência da qual* ele fazia parte. — Sua voz está cheia de risadas. — Então, eu fiz o que tinha que fazer.

Outro golpe de sua espada me pega desprevenida e corta uma linha rasa em meu abdômen antes de eu mergulhar. — Não se preocupe, Paedyn, eu não matei seu pai simplesmente por causa de alguma fofoca, embora tenha matado homens por menos. Eu o matei para garantir que minha sociedade de Elite permanecesse.

Não consigo compreender o que ele está dizendo, mas isso pode ser apenas devido à raiva que obscurece toda a razão. — Admita, — eu cuspo, — você mentiu para criar sua sociedade de Elite. Não há doença transmitida por Ordinários. Não enfraquecemos as Elites ou seus poderes.

— Eu fiz o que era necessário e você não tem provas.

— Você é um monstro, — eu sufoco.

O gesto que ele faz é algo como um encolher de ombros. — Um monstro? Talvez. O rei mais poderoso que Ilya já teve? Definitivamente. Nenhuma cidade é como Ilya, nenhuma pessoa como as minhas Elites. E pretendo continuar assim.

Eu invisto contra ele, cortando com a faca. O aço de sua espada encontra o aço muito mais curto da minha adaga, com força. Muito dura. Mesmo quando enfraquecido, ele é um Músculo com uma força muito maior que a minha. Minha adaga voa da minha mão, caindo no chão pela força do golpe.

Eu nem hesito, nem sequer me dou tempo para entrar em pânico antes de agarrar seu pulso estendido e levantar meu joelho para encontrar seu cotovelo. O estalo nauseante de seu osso quebrando se mistura com o estrondo de um trovão ressoando acima de nós.

Sua espada escorrega de sua mão e atinge o chão enquanto ele grita.

E então a terra está correndo ao meu encontro.

Ele me jogou no chão usando toda a força de Músculo e raiva bruta que consegue reunir. A parte de trás da minha cabeça bate na terra batida e de repente estou vendo manchas novamente.

Eu não consigo ver.

Estou piscando ferozmente, tentando desesperadamente clarear minha visão. Minha cabeça está latejando, parecendo que está se dividindo em duas, e talvez esteja. Algo quente e pegajoso está escorrendo da parte de trás da minha cabeça e, mesmo no meu estado nebuloso, tenho certeza de que não é um bom sinal.

Minha visão lentamente começa a retornar, ficando clara o suficiente para eu ver o que está pairando sobre mim.

O rei, a espada empunhada com o braço inteiro, um sorriso curvando seus lábios rachados.

Não.

Luto para me sentar, mas um peso me empurra de volta ao chão. Sua bota está esmagando minhas costelas, me prendendo embaixo dele, impotente.

Não assim. Eu me recuso a morrer assim.

— É só com isso que você se importa? — Minha voz soa estranha aos meus ouvidos, áspera e assustada. — Poder? Governar um reino de Elite? A vida humana não significa nada para você?

— Os Ordinários são uma desculpa fraca para a vida. Uma vergonha — ele rosna. — Eles deveriam ter morrido com a Praga, mas em vez disso eles nos atormentam. Planejei esse dia há muito tempo, esperando até poder me livrar dessa Resistência. E suponho que devo agradecer a você pela queda deles. — Seu sorriso é distorcido e minha cabeça lateja enquanto tento entender o que ele está dizendo.

— Somente os mais fortes, os mais poderosos, prevalecerão. — Ele se inclina ligeiramente, seu olhar frio fixando-se no meu enquanto diz: — É a sobrevivência do mais apto, e os mais aptos são os Elites.

Ele se endireita, sua bota ainda me esmagando. — Então, onde estávamos? — Ele ri como se tivesse dito algo engraçado. — Ah sim. Eu estava livrando meu reino de mais uma Ordinária inútil.

Ele aponta a ponta da espada para mim e eu me contorço sob sua bota. Ele é tão forte e eu sou tão fraco...

— Infelizmente, Kai se tornou mais habilidoso do que eu quando se trata de brincar com suas mortes. Ele aprendia muito rápido. Eu ensinei a ele tudo o que ele sabe, ele te contou isso? Ele tem que me agradecer por sua crueldade. — Estremeço quando a ponta afiada de sua espada encontra a pele da minha bochecha, logo acima do queixo.

E então ele arrasta para baixo.

Posso ter gritado — não tenho certeza. Tudo o que sei é a dor lenta e cortante que sai do meu queixo e desce pelo pescoço. Sangue quente escorre do corte e se acumula na minha pele enquanto a chuva arde na ferida aberta. Sinto minha boca se mexendo, mas não ouço nada saindo, apenas o zumbido em meus ouvidos.

Ele está sorrindo quando finalmente arrasta sua espada até minha clavícula. — Isso é muito divertido. Mas talvez eu devesse ter deixado Kai fazer as honras, hein?

Me sinto enjoado e tudo que sinto é o cheiro metálico do meu próprio sangue. O aço frio encontra minha pele novamente, acalmando a mim e ao meu estômago embrulhado. Ele escolheu o local logo abaixo da minha outra clavícula, logo acima do meu coração.

Ele estala a língua. — Estou quase impressionado que esse seu coraçãozinho patético ainda esteja batendo. O que, com todas as traições, desgostos e experiências de quase morte que você de alguma forma suportou como uma Ordinária?

— Tudo o que suportei foi por *sua causa* — rosno, levantando a cabeça do chão, apesar de parecer pesada.

— Hum. — Ele parece quase pensativo. — Verdade.

Uma dor cegante percorre meu corpo mais uma vez quando sua espada traça uma linha acima do meu coração. Um grito estrangulado me escapa, quase abafando suas palavras suaves. — Então deixarei minha marca em seu coração, para que você não esqueça quem o quebrou.

Seus cortes são profundos e repugnantemente lentos. Ele repassa cada linha que gravou repetidas vezes enquanto gritos saem da minha garganta. Fecho os olhos contra o sorriso que distorce seu rosto, incapaz de suportar olhar para este homem por mais tempo. Não, não é um homem. Um *monstro*.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto contra a minha vontade, misturando com a chuva e o sangue espalhado pelo meu rosto. Sei exatamente o que ele está gravando em minha pele, posso sentir isso a cada golpe de sua espada. Ele está me marcando antes da morte, e é quase mais doloroso do que a agonia que atormenta meu corpo.

Não sei quanto tempo se passou quando ele finalmente ergueu a espada para admirar seu trabalho. — Pronto. — Casual. Ele parece tão casual, tão cruel. — Algo para lembrar de mim na vida após a morte.

Então ele levanta a espada, apontando a ponta para meu peito.

Não não não não...

Ele sorri. — Esfaqueada no peito. Tal pai tal filha.

Eu não posso morrer.

O rei se eleva sobre mim, segurando o punho da espada, levantando-a, subindo...

Eu não vou morrer.

Estou desesperada, movida pela loucura. Até mesmo levantar os braços causa uma dor aguda em meu corpo, mas eu ignoro enquanto meus dedos agarram sua bota em meu peito, uma mão apertando seu tornozelo e a outra ao redor da ponta de couro do sapato.

E com toda força que me resta, eu torço.

Ele grunhe de dor, balançando instável.

Perfeito.

Eu puxo seu pé para frente, com força. O ferimento em sua cabeça, combinado com os ferimentos que eu tão graciosamente lhe dei, o tornaram mais fraco, o deixaram cambaleante.

E ele cai com um baque forte no chão molhado.

Não hesito antes de correr em direção à espada que escorregou de sua mão. Eu rastejo, dor e adrenalina se misturam para criar uma mistura perigosa de imprudência. Uma mão áspera envolve meu tornozelo, me arrastando para trás na lama.

Grito, frustrada e com medo, enquanto meus dedos roçam o punho da espada antes de ser puxada. Minha cabeça gira e vejo o rosto do rei contorcido de fúria, igualmente ensanguentado e enlameado. Eu recuo tão forte quanto meu corpo quebrado permite, e quando ouço um barulho, sei que meu calcanhar encontrou o alvo.

O rei grita, o som borbulhando enquanto o sangue que escorre de seu nariz esmagado escorre para sua boca. Solto meu tornozelo de sua mão e mergulho em direção à espada, finalmente cruzando meus dedos em torno de seu punho.

Eu me levanto, cada movimento é doloroso. Estou encharcado de sangue, encharcado até os ossos pela chuva torrencial. Cambaleio em direção ao rei, respirando com dificuldade enquanto arrasto a espada pela lama atrás de mim.

Agora *estou* pairando sobre *ele*. Engraçado como nossos papéis se inverteram rapidamente. Eu, prestes a tirar uma vida. Ele, prestes a ser a vida que eu levo.

Os dentes que ele mostra para mim estão manchados de sangue. — Você não quer saber quem matou seu pai, Paedyn?

Essa única frase paralisa a espada que estou prestes a enfiar em seu peito. Ele solta uma risada antes de engasgar com seu próprio sangue.

— Eu já sei quem foi, — mordo com os dentes cerrados. — Eu vi você enfiar a espada no peito dele. — Volto minha atenção para a arma em minha mão, incapaz de suportar mais isso e pronto para...

— Errado.

Ainda antes de repetir: — Errado?

Ele solta outra risada ofegante, e não espero que ele pare de tossir sangue antes de enfiar a ponta da minha lâmina em seu peito enquanto digo lentamente: — Foi *você*.

Ele tosse suas próximas palavras. — Engraçado como a mente pode nos fazer ver o que desejamos. Você já me odiou pelo que fiz à sua espécie, então deve ter sido fácil se convencer de que fui eu quem enfiou aquela lâmina no peito do seu pai. — Um sorriso sangrento se estende por seus lábios. — Mas não foi.

— Mentiroso, — eu respiro, pressionando a espada mais fundo em seu peito.

Suas próximas palavras são pouco mais que um sussurro histérico. — Digamos apenas que seu primeiro encontro com um príncipe não foi quando você salvou Kai no beco.

Não *não*.

— Foi quando ele matou seu pai.

O mundo gira ao meu redor, ameaçando me jogar no chão. Isso não pode estar acontecendo. Ele está mentindo. Ele é um mentiroso. Ele é...

— Sua primeira morte também. — O rei continua com um sorriso sangrento e reminescente. — Foi a primeira missão que o enviei e acho que o menino pode até ter chorado depois. Veja até onde ele chegou. Veja como eu o treinei bem. Agora ele mata sob meu comando e mal dá uma olhada nas dezenas de mortes causadas por suas mãos.

Mal consigo respirar. O menino que me ensinou a dançar, curou minhas feridas, me perguntou qual era a minha cor favorita sob as estrelas...

— Você está mentindo, — eu sufoco.

Ele solta uma risada rouca. — Não, você está mentindo para *si mesma*, Paedyn.

A lembrança da noite em que meu pai morreu de repente parece tão confusa, tão desfocada. Onde antes pensei ter visto o rosto do rei, agora vejo um corpo embaçado. Não consigo entender nenhum detalhe, não consigo me lembrar de nada sobre o assassino do meu pai.

Eu balanço minha cabeça. Não posso pensar nisso agora. Eu me recuso a permitir que meus pensamentos sobre Kai me distraiam da tarefa em questão.

Porque agora vou matar o pai *dele*.

Mais uma vez, acho que a simetria é uma coisa doentia.

Eu não vou falhar.

O sorriso do rei é sangrento.

Eu não vou vacilar.

Ele uma risada histérica e zombeteira.

Não sentirei remorso.

— Fraca. Assim como seu pai...

A espada que enfio em seu peito o cala.

Minhas próximas palavras são vazias, terrivelmente calmas. — Isto é pelo meu pai.

Ele solta um suspiro fraco e ofegante enquanto levanta a cabeça do chão para observar o dano que causei. Seus olhos se arregalam ao ver sua própria espada enterrada no fundo de seu peito. Um barulho gorgolejante segue seu suspiro, o sangue escorrendo pelos cantos da boca e jorrando do ferimento.

Nada – não sinto nada por este homem morrendo aos meus pés, morrendo pelas minhas mãos.

— E isso, — eu giro o punho da espada, arrancando um grito do rei enquanto mais de sua carne se rasga e despedaça, — é por Adena.

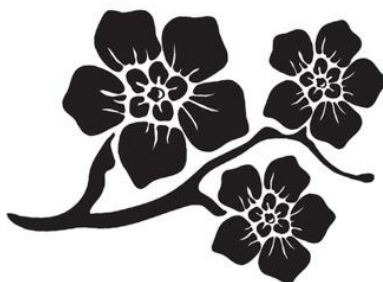
Ele solta um soluço estrangulado quando eu arranco a espada, jogando-a no chão. Eu me viro e encontro minha adaga a vários metros de distância. Cada passo em direção a isso me faz sentir mais forte, apesar de cada ferida enfraquecer meu corpo.

O cabo prateado da adaga do meu pai está escorregadio com água da chuva, sangue e lama – combinando comigo. Gotas de água escorrem pelo meu rosto, ardendo em minhas feridas abertas enquanto viro a adaga na mão. Viro-o uma vez, duas vezes, sentindo seu peso familiar.

— E isto é por mim, seu filho da puta.

Deixei a adaga voar.

Capítulo Sessenta e Seis



Paedyn

A LÂMINA ENCONTRA SEU ALVO, guiada até lá pelo meu ódio, meu desgosto, minha crueldade. Ele afunda no centro de sua garganta, cessando instantaneamente sua respiração rouca.

Estou tremendo toda, olhando para o cadáver de uma assassina que está olhando para a criatura que acabou de se tornar um.

A cabeça do rei está inclinada para o lado com a adaga do meu pai alojada na garganta, os olhos arregalados e vigilantes. Uma lágrima escorre pela minha bochecha, se misturando com as gotas de água da chuva escorrendo pelo meu rosto. Eu limpo com as mãos ensanguentadas, sem saber por que sinto vontade de chorar.

É arrependimento?

Não. Não me arrependo. Não tenho remorso. Nada remotamente próximo da culpa.

É um alívio.

Dou um passo instável em direção a ele, com a intenção de pegar minha adaga e fugir. Algo chama minha atenção.

Eu giro em direção ao movimento apesar do meu corpo gritar em protesto. Meus olhos pousam em olhos brilhantes e sem piscar. A menina é pequena, com pele escura e cabelos ainda mais escuros. Ela pisca, seus olhos clareando antes que uma expressão de horror se instale em seu rosto.

E então ela está correndo.

Uma Observadora.

Pisco na chuva, olhando para a forma em retirada da garota que provavelmente acabou de me gravar matando o rei. Mal tenho tempo de processar isso antes de ouvir passos pesados ecoando pelo túnel de pedra à minha direita.

Eu hesito.

Minha adaga.

Eu preciso dela. Eu tenho que pegar ela. Eu...

Quem quer que esteja passando por aquele túnel está vindo rápido. Preciso sair daqui agora. Não tenho ideia se essa pessoa é amiga ou inimiga e não tenho intenção de descobrir.

Não tenho um minuto de sobra. Nem um único segundo para agarrar meu bem precioso, e meu coração partido é minha ferida mais dolorosa no momento.

Então estou correndo.

Cada parte de mim está em chamas. Meu corpo está gritando, manchado de sangue, cambaleando de fraqueza. Mas não consigo parar. Assim que eu chegar mais adiante na estrada, haverá uma floresta à minha direita e...

Uma faca passa zunindo por mim, roçando meu antebraço com sua lâmina afiada.

Viro a cabeça e tropeço até parar com o que vejo.

Cada pedaço de seu corpo está coberto de sangue. Seu cabelo é uma bagunça de ondas escuras, pegajosos de suor e manchados de sangue. Uma lâmina fina está presa entre seus dedos, sua mão levantada e pronta para enviá-la voando em minha direção.

E algo se encaixa ao vê-lo.

De repente estou de volta à minha antiga casa, escondido atrás de uma porta quebrada enquanto observo uma espada cravada no peito do meu pai. A espada empunhada por um garoto de cabelos pretos ondulados, um garoto de olhos cinzentos cheios de medo, um garoto que acabou de se tornar um assassino.

Estremeço quando meus olhos percorrem o mesmo cabelo preto, os mesmos olhos cinzentos e o mesmo assassino diante de mim. A visão dele agora de repente deixa a memória daquela noite mais clara do que nunca.

Pecas do quebra-cabeça que é minha memória dispersa começam a se encaixar.

Naquela noite, há muito tempo, minha mente me fez acreditar que foi o rei quem matou meu pai, me fez culpar o homem que eu já odiava. E de certa forma, foi o rei quem o matou, mas não pelas suas próprias mãos. Foi o filho dele quem enfiou a lâmina no peito do meu pai.

Minha respiração estremece enquanto olho para ele.

De repente, tudo faz sentido.

A Atração. A conexão. A *familiaridade*. Eu me sentia tão facilmente atraída por ele porque no fundo eu o conhecia, o reconhecia, me lembrava dele. Ele era familiar para mim.

E agora o assassino do meu pai vai me matar.

Nós nos encaramos e vejo o garoto que foi o instrumento de morte do rei durante toda a vida, comandado e controlado para ser um assassino. Ele foi feito assim. Feito para espelhar o monstro que seu pai é... *era*.

Mas isso não o torna menos assassino.

São seus olhos que são mais surpreendentes do que sua aparência esfarrapada e enfurecida. Esse olhar cinza é como fumaça saindo do fogo mais quente e, ainda assim,

frio como lascas de gelo, penetrante como pontas de pingentes de gelo. Aqueles olhos revelam o horror que ele sente, se parecendo com a noite em que o vi tirar sua primeira vida.

Eu fiz isso com ele. Eu matei o pai dele.

Mas ele matou o meu primeiro.

Ele sabe o que eu fiz. Duvido que ele se esqueça da aparência distinta da adaga que pressionei contra sua garganta tantas vezes — a mesma adaga que agora se projeta da garganta de seu pai.

E ainda assim, sua faca não me acertou.

Kai não erra. Não, a menos que ele queira.

— O que você fez comigo?

Suas palavras quase se perdem na tempestade, mas elas me gelam até os ossos mais do que a chuva torrencial jamais poderia. Já ouvi exatamente essas palavras saírem de seus lábios antes, quando eles roçavam os meus. Senti essa chuva esfriar minha pele aquecida quando estávamos a centímetros de distância. Já tive seu olhar cinzento sobre mim antes, quando estava pesado de calor em vez de ódio.

— *Minha linda Pae, o que você fez comigo?*

Como pode um único momento espelhar outro de uma forma tão mórbida? Foi ontem que seus lábios formaram aquelas palavras com saudade e hoje com ódio?

Mas as únicas semelhanças entre a noite passada e este momento são o fogo e a coragem dos sentimentos enchendo seus olhos. Sem a máscara, ele está desprotegido, me permitindo vislumbrar claramente a dor que enfeita suas feições.

Sua mão segurando a faca, pronta para atacar, treme no ar. Quase posso ver as peças se encaixando em sua mente, a compreensão do que sou e do que fiz se encaixando.

Ele inclina o braço ainda mais para trás, pronto para enterrar a lâmina no meu peito. Meus olhos se fecham e eu me firmo, aceitando meu destino.

Eu o *machuquei*. Tudo machuca. Talvez eu mereça esta morte. Talvez eu até deseje isso...

Meus pensamentos lamentáveis são interrompidos por um grito estrangulado de frustração que faz meus olhos se abrirem. As mãos de Kai estão passando por seus cabelos, a cabeça baixa. Quando seus olhos finalmente encontram os meus, atravessando a chuva e a distância que nos separa, vejo a batalha travada dentro deles.

Ele sabe o que precisa fazer, mas *não consegue*.

A voz de Kai treme como suas mãos. — Eu deveria enterrar esta lâmina em sua garganta.

E ele poderia facilmente fazer isso também. Não tenho armas, nem vontade, nem energia para tentar detê-lo.

Minha voz soa tão irregular quanto eu me sinto. — Então faça.

Ele está balançando a cabeça para mim, parecendo tão enojado consigo mesmo quanto está comigo. — Eu vou. Eu *deveria*.

Ele faz uma careta enquanto segura a adaga apontada diretamente para mim. Outro som frustrado saiu de sua garganta. Ele passa as duas mãos ensanguentadas pelos cabelos, balançando a cabeça no chão.

— Então por que não posso fazer isso? — Agora ele está olhando para a arma em sua mão, para a arma com a qual ele poderia facilmente tirar minha vida. — Por que é que quando se trata de você, de repente sou um covarde? Por que é que quando se trata de você, de repente eu *me importo* ? Por que não posso jogar essa maldita faca na *assassina do meu pai*?

Seu peito sobe e desce rapidamente a cada respiração irregular. Eu, por outro lado, acho que parei completamente de respirar quando ele diz: — Eu disse que era um tolo por sua causa e parece que estava certa. — Sua risada é cortante. — Eu sou um tolo quando se trata de você.

As próximas palavras que saem de sua boca são condenatórias, mas enganosamente calmas. — Talvez quando eu me livrar de você, eu encontre coragem. Então, estou lhe dando uma vantagem.

Eu pisco para ele. Meus pés parecem estar enraizados no local. Não me movo nem um centímetro, muito chocada e assustada para fazer qualquer coisa além de olhar.

— Pelo menos você cumpriu sua promessa. Você permaneceu viva tempo suficiente para me apunhalar pelas costas. — Ele ri amargamente, lembrando-se do ataque após a primeira bola, quando cuidei de seu ferimento. — E agora prometo retribuir o favor. — Sua voz está tensa de emoção. — Corra, Paedyn. Porque quando eu te pegar, não vou errar. Eu não vou vacilar. Não cometerei o erro de *sentir pena* de você.

Estou congelada, ainda de pé na chuva gelada.

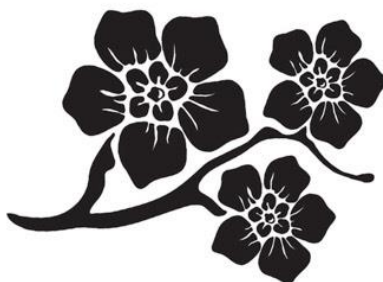
— Vá! — ele grita, sua voz embargada. — Vá antes que eu encontre alguém que não seja covarde, alguém que não seja tolo, e deixe-os enterrar esta adaga em suas costas aqui e agora.

Tropeço, tropeçando em terreno irregular antes de me afastar dele. E então estou correndo de novo como fiz o dia todo, toda a minha vida. Lanço uma olhada por cima do ombro, vislumbrando Kai caindo de joelhos ao lado do rei com os olhos fixos em mim.

Engulo as emoções subindo pela minha garganta, ameaçando vazar dos meus olhos ardendo.

Eu não olho para trás.

Capítulo Sessenta e Sete



Kai

COMO PUDE ser tão cego, tão alheio?

Estou observando sua forma em retirada ficar menor, observando-a escapar de mim — escapar de um assassino.

Exceto que eu não agi como a única coisa que nasci para ser.

Não agi como o assassino em que fui moldado.

Eu deixei ela ir.

Eu deixei ela ir.

Olho para a adaga dela cerrada em meu punho, com a lâmina afiada manchada de sangue.

O sangue do meu pai.

Meus olhos se voltam para seu corpo sem vida, para os olhos que olham vidrados para onde Paedyn deve ter jogado a faca. Estico os dedos trêmulos e os fecho, incapaz de suportar ver os olhos de Kitt tão sem vida.

Não derramei uma única lágrima.

Eu me sinto entorpecido.

Eu me sinto chocado.

Eu me sinto traído.

Alguma coisa era real para ela? Foi tudo mentira? Tudo fingimento?

Eu sei que meus pensamentos deveriam estar no rei morto ao lado do qual estou ajoelhado, mas eles continuam querendo voltar para ela.

Eu nunca pude sentir seu poder. Ela era intocável para os Silenciadores. A Resistência não encostou um dedo nela quando atacou.

Porque ela é uma Ordinária.

Porque ela faz parte da Resistência.

Bem, ela *fazia*... Não há mais muito do que fazer parte depois de hoje.

Como eu não pude ver isso antes?

Balanço a cabeça, já sabendo a resposta para essa pergunta.

Porque fiquei cego por tudo que é *ela*.

Ela o matou. Ela matou o rei. Ela matou meu pai.

E ainda assim eu a deixei ir.

Mas não por muito tempo.

Eu fico de pé, olhando para o rei morto antes que meu olhar volte para a partícula que é ela, agora quase invisível através da chuva.

O título de Executor nunca pesou tanto sobre meus ombros.

Eu terei que encontrá-la.

E quando o fizer, terei encontrado coragem.

Capítulo Sessenta e Oito



Paedyn

NÃO PARO DE CORRER até tropeçar na floresta ao lado da estrada que leva para casa. O correr logo é substituído por tropeçar quando raízes atingem meus tornozelos e pedras atingem meus dedos dos pés. A chuva ainda não diminuiu sua tentativa de me afogar, atingindo cada uma das minhas feridas abertas.

Meu dedo encontra o corte que sai da minha mandíbula e desce pelo pescoço, seguindo com ternura o caminho rasgado e sangrento que sei que nunca mais será o mesmo. Então meus dedos passam pelo meu peito, parando apenas quando encontram a pele desfiada logo acima do meu coração. Estremeço e gostaria que fosse por causa da dor.

O.

Tracei as linhas irregulares que formam aquela única letra. Aquela única letra que deixará uma cicatriz para sempre, estragando-a com a memória dele *e* do que eu sou.

O para ordinária.

A marca está tão mutilada quanto o coração que mal bate embaixo dela.

Eu cambaleio para frente, com a mão pressionada contra o O gravado em minha pele e todos os significados por trás da letra aparentemente simples.

Um toque de cor chama minha atenção, brilhando contra a folhagem escura da floresta úmida. Meu coração se estilhaça com a visão, os pulmões apertando e as pernas tremendo. Foi ontem que a visão me fez sorrir, que o símbolo foi deslizado em meu cabelo por mãos fortes, dedos seguros.

“Uma não-me-esqueças, já que você sempre parece estar se esquecendo de quem eu sou.”

Olho para o ramo de flores azuis, zombando de mim com a lembrança de toques roubados, promessas silenciosas.

Agora tudo o que resta são gritos de vingança, olhos de aço que não prometem misericórdia e uma adaga de prata roubada, tão querida para mim, mas que provavelmente será a lâmina que apunhalará meu coração.

Eu não dou a mínima se você esquecer quem eu sou no título, contanto que você se lembre de quem eu sou para você."

Abro a boca para rir, mas um soluço escapa dos meus lábios, meu corpo decidindo tremer de dor em vez de humor.

Ah, eu lembro quem ele é para mim.

Como eu poderia esquecer o assassino do meu pai?

Eu tropeço para frente, piscando em meio ao fluxo constante de chuva e lágrimas.

Um líquido espesso e quente escorre pela minha marca, pelo meu corpo, pelo meu próprio ser.

Mel.

Isso é o que digo a mim mesmo.

É só mel.

Epílogo



Kitt

JÁ SE PASSARAM três dias desde que vi meu pai morto na lama.

Três dias desde a última vez que dormi.

Três dias desde que consegui fechar os olhos sem ver seu corpo ensanguentado.

Três dias desde que a Resistência atacou no Prova final.

Três dias desde que a garota em quem eu confiava, a garota que passei a desejar, se tornou uma assassina e traidora.

Três dias desde que me tornei rei.

A coroa no topo da minha cabeça é pesada, assim como minhas pálpebras cresceram e muito parecida com o peso do reino agora jogado sobre meus ombros. Pisco até acordar, me lembrando do que verei se ceder ao cansaço.

Meu único pai verdadeiro, morto. O pai que tenho tentado agradar e deixar orgulhoso durante toda a minha vida. Deitado sem vida ao meu lado. Meus joelhos afundando na lama enquanto minhas lágrimas caem sobre seu peito ensanguentado, seu pescoço decepado...

Silenciei os pensamentos gritantes que ecoaram em meu crânio por dezenas de horas. Meu olhar volta para a cadeira favorita do meu pai, de couro marrom desgastado por anos sentado. Acho que o estudo com bastante frequência, mesmo quando ele estava vivo e participando dele, assinando tratados e traçando estratégias.

Estudei tudo o que ele fez.

Antes de ser brutalmente assassinado.

— Kit.

Kai.

Meu Executor.

Ele entra no escritório depois de raspar levemente os nós dos dedos na porta aberta, parecendo quase tímido. Quase rio ao ver Kai fazendo o possível para ser cauteloso perto de mim. É um esforço valente, embora eu não tenha pedido piedade dele.

Eu não sou como Kai. Eu não sou legal e controlado e constantemente uso uma máscara cuidadosamente construída perto da maioria. Minhas emoções estão à mostra, meu coração está na manga. Sou Kitt, o irmão que deveria ser gentil e charmoso. Que se diz que se tornaria o rei mais gentil que Ilya já viu.

Errado.

Eu me sinto tudo menos gentil. Eu sinto *tudo*, menos gentil.

Sinto raiva e tristeza. Inadequado e oco. Desesperado e...

— Você queria me ver? — As palavras do meu irmão são suaves, parecendo um pouco preocupadas.

E ele deveria estar. O gentil Kitt não parece louco. Kitt gentil é atencioso, não um assassino.

O gentil Kitt mudou.

O luto é uma merda.

— Sim. Sente-se. — Aponto casualmente para a cadeira habitual de Kai. Seus olhos se voltam para a usado do pai antes de ele se sentar, cruzando o tornozelo sobre o joelho.

Ele se inclina para frente, os olhos procurando os meus por respostas que não encontrará. — Como você está, Kitt?

A preocupação em sua voz quebra algo em meu coração – aquele que ficou tão frio nas últimas setenta e duas horas. Meu olhar suaviza ligeiramente, mudando momentaneamente para mais de Kitt e menos do rei. Ele ainda é meu irmão, a única carne e sangue que me resta. Talvez até a única pessoa que me resta.

— Estou indo.

Estou indo? Que diabos de resposta foi essa?

Eu limpo minha garganta. — Como está — hesito, — a mãe está?

Ela não é minha mãe. Minha mãe está morta, assim como meu pai.

— Ela está... indo. — Kai me dá um sorriso fraco. — Ela não sai do quarto. É como se a dor de perdê-lo fosse lentamente... — ele para, voltando sua atenção para a cadeira desgastada do pai para se distrair das palavras não ditas.

— Entendo. — Eu *entendo* mesmo. Eu entendo como ela se sente. Como é ser tão engolido, tão sufocado pela dor.

Meus olhos se voltam para Kai, observando seus ombros rígidos, os nós dos dedos machucados e ensanguentados.

Tenho pena de quem ou o que ele bateu para distrair as coisas.

Quase estalo a língua para ele, querendo repreender meu irmão mais novo por usar aquela máscara fria dele perto de mim. Ele nunca faz isso, nunca me excluiu de seus sentimentos como está fazendo agora.

Não tenho certeza do que Kai sentia por nosso pai, mas sei que ele nunca se importou com ele como eu... como *eu*. Talvez fosse uma mistura de amor e ódio que ele sentia pelo homem que o transformou no que ele é. O homem que era um rei para ele, não um pai.

Mas para mim, o Pai era meu alicerce. Ele era quem eu me esforçava para ser, por quem eu desejava ser amado. Mas agora ele está morto e ainda estou disposto a fazer o que for preciso para deixá-lo orgulhoso. Passei toda a minha vida esperando seguir seus passos, e aqui estou, de repente tentando ocupar seu lugar. E farei o que for preciso, para que na morte ele se orgulhe.

Olho para meu irmão, sabendo que ele também sente tristeza. Apesar de seu relacionamento difícil, Kai ainda perdeu o homem que ele chamava de pai, mesmo que apenas pelo título. Posso vislumbrar a dor que transparece na rigidez de sua mandíbula, no franzir constante de sua testa, no movimento de seu joelho.

Mas sei que ele está de luto por mais de uma pessoa.

Sei que eu estou.

— Kai. — Sua atenção se volta para mim. — Minha coroação está concluída, o enterro do meu pai foi planejado, — faço uma pausa, precisando de um momento para limpar a emoção da minha garganta, — e você agora é meu verdadeiro Executor. — Ele balança a cabeça lentamente, já sabendo de toda essa informação. — Então, é hora de sua primeira missão.

Ele balança a cabeça novamente, igualmente lentamente. É uma formalidade. Nós dois sabemos que ele não poderia recusar, mesmo que quisesse. Ele jurou seus serviços para mim, apesar de quão estranha nossa dinâmica se tornou. Eu sabia que um dia governaria meu irmão, só não pensei que esse dia chegaria tão cedo, tão de repente.

Eu ensino minhas características à neutralidade. — Encontre-a.

E lá se vai a máscara de Kai. Ele escorrega, inundando seu rosto com sentimentos que passam rápido demais para que eu possa interpretar. Mas não sou cego. Eu vi a maneira como ela o afetou. Vi a maneira como ele baixou a guarda perto dela, algo que ele costumava reservar apenas para mim. Parece que ela levou a melhor sobre nós dois antes de nos esfaquear pelas costas, apunhalando meu pai no peito e na garganta.

Meu único pai verdadeiro, morto. O pai que tenho tentado agradar e deixar orgulhoso durante toda a minha vida. Deitado sem vida ao meu lado. Meus joelhos afundando na lama enquanto minhas lágrimas...

— Eu quero que você a encontre, — falo sobre a tristeza gritante em minha cabeça, — e quero que você a traga para mim.

Kai não olha para mim enquanto abaixa a cabeça em um único e solene aceno de cabeça. — Sim sua Majestade.

O título em seus lábios parece estranho, mas acho que gosto do tom dele. Levanto-me do meu assento e vou até aquele com couro marrom desbotado, cheio da memória de um rei morto.

E então me sento, lentamente.

— Me traga Paedyn Gray, Executor.